UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TESE DE DOUTORADO

PANDORGAS PARABÓLICAS, BERNÚNCIA RECICLADA: FRAGMENTOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE NA ARTE DE VALDIR AGOSTINHO (DÉCADAS DE 1970 A 2010)

LUCIANO PY DE OLIVEIRA

VOL. 2

FLORIANÓPOLIS, 2020

ANEXO DOCUMENTAL

Os documentos utilizados nesta tese foram obtidos em diferentes acervos, os quais foram classificados e organizados de acordo com a seguinte sistemática: Acervo pessoal de Valdir Agostinho; Acervo comum (entre Valdir Agostinho e os músicos); Acervo do pesquisador. Nem todos os documentos podem constar deste anexo documental, em especial os arquivos digitais de áudio, imagem e vídeo. Primeiramente, no Acervo pessoal de Valdir Agostinho, foram anexados neste volume as matérias de jornais contidas nos buques. Em segundo, no Acervo comum, foram anexados documentos como letras de músicas; cartazes de apresentações; *releases* e projetos culturais. Por fim, no Acervo do pesquisador, foram anexadas as transcrições das entrevistas realizadas durante a pesquisa. Todas as entrevistas foram transcritas por este pesquisador, com a exceção da entrevista de Mauro Costa, que foi realizada por uma transcritora profissional e posteriormente revisada.

Foram realizadas quatro entrevistas com Valdir Agostinho[1], sendo duas delas temáticas e duas no formato de história de vida (ALBERTI, 2000). Também foi realizada uma entrevista temática com cada um dos sujeitos selecionados para a pesquisa, que foram escolhidos devido a sua proximidade com o artista, em parcerias de trabalhos musicais e visuais. O primeiro entrevistado foi Sandro Costa[2]; de nome artístico “Gazu”, é músico, cantor, compositor e produtor. Sua parceria com Valdir Agostinho se deu nas participações em apresentações da banda *Dazaranha* e na produção de músicas como *Espelho de Floripa* e *Sereia Manezinha.* Alexandre Linhares[3], de nome artístico “Iron”, é músico, guitarrista e compositor, também educador musical e morador da Barra da Lagoa, tendo convivido com Valdir Agostinho na comunidade e participado de formações musicais com o artista, mais notadamente, na *Bernúncia Elétrica*. Ernani Gomes Logo, de nome artístico Nani Lobo[4], é músico, baixista e produtor musical. Conheceu Valdir Agostinho nos anos 1980, quando se mudou para Florianópolis. Fez contatos entre músicos para formações musicais com Valdir Agostinho, tendo ele mesmo participado de um dos trabalhos mais importantes

---

[11] Paz América: 66 min e 15 s; Pandorgas: 41 min; História de vida 1: 40 min e 46 s; História de vida 2: 68 min e 22 s. Total: 3 h 23 min 23s.
[2] 25 min e 58 s.
[3] 47 min e 32 s.
[4] 41 min e 44 s.

do artista, a produção do CD *A hora do mané*. Mauro Costa[5] é artista visual atuante em várias linguagens, plásticas, escultura, gravura, desenho, mural etc. Ao todo foram oito entrevistas, somando aproximadamente 4 h e 19 minutos.

A maioria das gravações foram realizadas com o gravador *Zoom H2n*, o qual permite a gravação do ambiente em dois arquivos separados. Os arquivos terminados em "*MidSize*[6]" indicam que esta é a captação monoaural apontada para o entrevistado, destacando sua voz; já os arquivos marcados com "XY"[7] contém a captação da voz do entrevistador. A primeira entrevista realizada com Valdir Agostinho não contém o arquivo com a captação do entrevistador, bem como a segunda, algo que foi ajustado ao longo da pesquisa de campo. A segunda entrevista de Valdir Agostinho contou com a gravação do *Sony ICD-PX470*A, por ter captado nuances que os outros equipamentos não registraram, uma vez que este foi o dispositivo a ser acionado primeiro.

Todas as entrevistas foram realizadas com, no mínimo, dois gravadores, de acordo com a recomendação da metodologia da pesquisa de campo das ciências sociais e, p. ext., para a etnomusicologia e a história oral. Devido a um problema técnico, o arquivo da entrevista de Mauro Costa foi realizado com outro equipamento, um *Sony ICD-PX470*, com captação em estéreo '*foccused'*, ou seja, 90º. Também foi acionado o filtro de graves (*low-cut*), uma vez que esta entrevista se deu praticamente ao ar livre, na varanda do ateliê de Valdir Agostinho.

As gravações originais das entrevistas foram realizadas digitalmente e salvas no formato .WAV, com qualidade de "CD" (44.100 MHz). Para a disponibilização ao público, estes arquivos foram convertidos para um formato mais leve, o .MP3, sem perda de qualidade significativa. Os audiovisuais são arquivos mais pesados, pois somam-se imagens e sons. A consulta aos arquivos digitais mobilizados nesta tese pode ser realizada por meio de pastas virtuais na internet nomeadas da seguinte forma:

---

[5] 57 min e 58 s.

[66] *Mid-Size* é uma técnica de gravação que combina três microfones, permitindo a captação em estéreo ou monoaural. No ajuste máximo para o estéreo, chega a 180º captação. Fechando o ajuste ao máximo, tem-se um microfone monoaural. Esta foi uma técnica indicada pelo professor David King Dunaway (*New Mexico University*, Albuquerque, EUA), em cursos ministrados no LIS-Udesc sobre técnicas de gravação e história horal.

[7] *XY* é uma configuração de gravação que combina dois microfones, dispostos em ângulo de 90º.

NOME	LINK DE ACESSO:
Entrevistas	https://1drv.ms/u/s!AkwZejQ5SdORgrIezYr3Xmj6Lewu0w?e=r00PqB
Audiovisuais	https://1drv.ms/u/s!AkwZejQ5SdORgrIfeJhj-L1uRxeDeA?e=R2P9P3
Fonogramas:	https://1drv.ms/u/s!AkwZejQ5SdORgrIgennTj__cZmx_AA?e=hIlVgc
Fotografias:	https://1drv.ms/u/s!AkwZejQ5SdORgrIhlDsXZ6EiEYJcgw?e=bafi8W

A seguir, a organização dos acervos em forma de tópicos:

1. **Acervo pessoal de Valdir Agostinho**
   - *1.1. Documentos impressos*
   - *1.2. Fotografias*[8]
2. **Acervo Comum entre VA e os músicos**
   - *2.1. Letras de música*
   - *2.2. Cartazes de shows e eventos (digitalizados em formatos diversos)*
   - *2.3. Material de divulgação*
     - *2.3.1. Releases*
     - 2.3.2. Projetos
     - 2.3.3. Folders
     - 2.3.4.
3. **Acervo do Pesquisador**
   - *3.1. Entrevistas*
     - 3.1.1. Fonogramas em formato digital
     - 3.1.2. Transcrições das entrevistas
   - *3.2. Documento: Comitê de ética*
   - *3.3. Fotografias.*

[8] Por ‘fotografias’ quero dizer imagens feitas a partir de equipamento fotográfico e impressas pelo sistema tradicional de impressão em papel fotográfico, excluindo-se, então, todo o tipo de fotografia digital. Não foram consultadas fotografias pessoais, como num álbum de retratos, somente fotos relacionadas com sua trajetória artística.

1. ACERVO PESSOAL DE VALDIR AGOSTINHO

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
10/1983	Empinando sucesso	Boletim Barriga Verde nº 23	Impresso	Informativo da TV Barriga Verde, emissora local repetidora da Rede Bandeirantes	Florianópolis; Baía Sul; Festival de pandorga (9º); Pandorga “O Cantor” (cf.); Autobiografia;
18/07/1985	Capa	O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação	Evento: Estand-Art; Aterro da Baía Sul;
01/10/1985	Mestre da Pandorga	O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação; Caderno II	Valdir Agostinho; Mestre da pandorga; pescadores; Barra da Lagoa; Janga; Cultura popular;
02/1986	IMG_5193	não consta	Fotografia	Duas fotografias, ambas com legenda: 1) Ala das pandorgas "Bloco Energia Radiante" Carnaval/86; 2) Pandorga "Bruha da Ilha" - Prêmio especial Festival de 1986	Carnaval; Bloco; Festival da pandorga; *hors-concours?* : Bruxa; Ilha;
18/08/1986	Tempo colaborou para o sucesso do 12º Festival de Pandorgas	O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação; Festival passa a ser promovido pelo grupo folclórico Morro do Tico-Tico a partir de 1981	Waldir Agostinho; Florianópolis; Festival de pandorga (12º); grupo folclórico Morro do Tico-Tico; Pandorga: "A Bruxa"; Prêmio: hors concours; Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo de SC;
25/08/1987	Pipas no céu	O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação; Suplemento	Valdir Agostinho; Prêmio: a mais bela pandorga;
31/08/1987	Pandorgas de todos os tipos ontem na Baía Sul	O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação	Valdir Agostim [Agostinho]; Florianópolis; Pandorga; Figurino; MEC; Prefeitura Municipal de Florianópolis; Baía Sul;
04/10/1987	Alegria catarinense que invadiu a Bienal	KOVALSKI, Júlio; Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação;	Valdir Agostinho; Bienal Internacional de SP (19ª); Cultura da Ilha; Florianópolis;
não consta [c. 1987-2001]	DVD com 13 vídeos	não consta	Audiovisual	Compilação com 12 vídeos envolvendo o artista; segundo ele, foi feito por um produtor da época, Ronaldo Bittencourt	Marília Gabriela; Falcão; Shopping Display; Ilíada; Cacaicasa; Cesar Souza; Anga o canal da Lagoa; BBC; New York; Vozes da Ilha; dia do Artista; Programa Magazine; Festa da Tainha;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
17/10/1987	Cacau Menezes	Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; coluna social; anuncia eventos futuros	Waldir Agostinho; Bienal Internacional de SP (19ª); 1º Festival de Arte Noite Brasileira; Centro de Convivência Cultural de Campinas; Mostra individual; Academia Brasileira de Artes e Ciências;
22/08/1988	IMG_5174	não consta	Fotografia	Valdir com uma pandorga e figurino; data incerta; aparenta ser o 14o festival da pandorga, de acordo com matéria do DC	Festival de pandorga; Sereia; *hors-councours?* [após a obtenção de 10 títulos de primeiro lugar];
22/08/1988	Pandorgas atraem multidão	Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Geral	Festival da Pandorga (14º); Pandorga: "Monstro da Inflação; Rubens da Silva; Pandorga: "Camisinha"; Eduardo; Secretaria de Cultura de SC; Secretaria Municipal de Turismo de Florianópolis; Aterro da Baía Sul;
05/09/1989	Festival da pandorga coloriu Florianópolis	O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação	Florianópolis; Figurino; Performance; BESC;
não consta [c.1980-1990]	IMG_5173	não consta	fotografia	Valdir e sua amiga numa performance com a pandorga "O Roqueiro"	pandorga; O Roqueiro; figurino; maquiagem;
10/07/1990	Lista Telefônica: Grande Florianópolis e Sul Catarinense - Assinantes/Classificada 90/91	Listel/Telesc; Editor responsável: Wanderley Gregoriano de Castro	Impresso	A pandorga "Ecologia no Ar" foi escolhida para ilustrar a capa dessa edição. Tiragem: 104.587 exemplares.	Grande Florianópolis; Sul Catarinense [prefixo 48]; Pandorga: "Ecologia no Ar"; Listel; Telesc;
29/09/1990	Programe-se: Um festival só de pipas no ar	Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; A capa informa que a coluna está encartada na edição, porém não foi localizado o encarte.	Festival de pipas;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
01/10/1990	Festival da pandorga movimenta a Baía Sul	Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Geral	Valdir Agostinho; Festival de Pandorga (16º); Secretaria Municipal de Turismo de Florianópolis; Fundação Franklin Cascaes; Allan Cardoso; Prêmio Fiat 1990; Projeto "Arte no Ar"; Beto Stodieck
07/03/1991	Pandorgueiro-cantor baila no TAC	AMORIM, Maristela; Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; caderno Variedades;	Florianópolis; Valdir Agostinho; Pandorgueiro; Eclético; Folclórico; Musical; Manezinho; Seu Agostinho; Sinha Zima; Tio Deca; Sobrinho Jobson; Folclore ilhéu; Terno-de-reis; Falcão (iluminador); Max Moura; Ronaldo Bittencourt; Studio A/2; Beto Stodieck; Luiz Paulo Peixoto; Pandorga; Carnaval; Teatro Álvaro de Carvalho; Érico Música e Bar; Marco Cesar; Banda; Adilson (guitarra); Adriano (baixo); Elton (bateria); Joel Brito (sax); Érico Verícimo (percussão); Caio Muniz (teclados);
10/1994	Pandorgueiro amplia a sua arte	Jornal da Lagoa	Impresso	Jornal mensal de menor circulação	Artista plástico; Banda; Rock; Pandorga; Barra da Lagoa; Harry Laus; Performance; Bienal Internacional de SP (19ª)
24/08/1995	Cacau Menezes	Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; coluna social; anuncia eventos na data	Ed Motta (TAC); Refinaria 227 (bar); Preserve os Manezinhos; Geraldo Cunha; Wanderléia Will; Grupo Atormenta; Mané; Banda;
14/10/1995	Oficinas ensinam a fazer artes	O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação; Artes;	Valdir Agostinho; Oficinas; Prefeitura Municipal de Florianópolis; Fundação Franklin Cascaes; Arte; Biblioteca Municipal Barreiros Filho; Estreito; Casa da Liberdade; Passarela Nego Querido; Centro Cultural Bento Silvério; Associação de Moradores do Porto da Lagoa; Crianças; Mauro Manoel da Costa; Carin Machado; Professor;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
11/1995	Uma idéia que deu certo	MIGUEL, Salim; Jornal da Fundação Franklin Cascaes	Impresso	Jornal de menor circulação; publicação bimensal; Superintendente da Fundação Franklin Cascaes	Valdir Agostinho; Floripa; Salim Miguel; Buenos Aires; Festival Nacional de Teatro; Clube de Cinema N. S. do Desterro, Secretaria de Cultura de SC; Fundação Franklin Cascaes; Prefeitura Municipal de Florianópolis; jornalista Antonio Rodrigues Villar; professor universitário e representante da Transbrasil Juan Carlos Cervatin; Consult House Turismo; Palais de Glace; Recoleta; Idésio da Editora Athanor; Janga; BESC; Costão do Santinho; Eli Heil; Pléticos; Hassis; musical; figurino; violão; canções; rendeira; tramoias; bilros; sorteio de passagens para Florianópolis; Marcus Azambuja; Embaixador do Brasil; Sérgio Grando; Prefeito de Florianópolis; Paulo Arenbart; Secretário de Cultura de SC;
03/12/1995	IMG_5172	não consta	fotografia	De acordo com VA, foi tirada na sua viagem à Argentina	Fundação Franklin Cascaes; Salim Miguel; Buenos Aires; Argentina
09/02/1996	Uma festa pelo céu	Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Diário de verão;	Pandorga; Milenar; Universal; Egípcios; Chineses; Quilombo dos Palmares; Passar bilhete; Artista plástico; Músico; Carnavalesco; Pandorgueiro; Profissional; Tradição;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
05/1996	Valdir Agostinho - O Papel da Arte	Fundação Catarinense de Cultura/ Festival do Mar	Impresso	Folder de evento; realizado no Ilha Shopping, que ficava no acesso para Ingleses; textos assinados por Cacau Menezes e João Otávio Neves Filho	Florianópolis; Cacau Menezes; representante; máximo; manezada; Ilha de Santa Catarina; mané; Studio A/2; artista popular; Beto Stodieck; vernissagens; Beira-Mar Norte; molduras; Rodrigo de Haro; Martinho de Haro; Eli Heil; Vera Sabino; Max Moura; Janga; artes plásticas; pandorgueiro; performances; desenhos; multimídia; cultura popular; roqueiro; banda; interdisciplinaridade; pão-por-Deus; sonhos; utopias;
01/06/1996	Um manezinho no palco	Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Variedades: Programe-se: Música; Foto de Daniel Conzi;	Valdir Agostinho; Florianópolis; Barra da Lagoa; banda; Bar Ponto de Vista; artista; ilhéu; irreverência; Natacha (backing vocal); Elton (bateria); Ernani Lobo (baixo); Gabriel Molina (guitarra); Hans (sax); sueco; composições; canções; show; colorido; dançante; ex-pescador; manezinho da Ilha;
15/12/1996	Festival da Pandorga sobrevive apenas na lembrança	NEGRÃO, Sérgio; O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação; Magazine: memória; Foto de Hermínio Nunes	Florianópolis; Festival de Pandorga; apagado; resgate; folcore; comercial; artista plástico; vento Nordeste; julho; crianças; Luiz Paulo Peixoto; Beto Stodieck; anos 1970; Morro do Tico-Tico; Alan das Pandorgas; anos 1980; Meyer Filho; Vera Sabino; Baía Norte; Baía Sul; Japão; Secretaria de Turismo de SC; Prefeitura Municipal de Florianópolis; BESC; lojas; anos 1990; desinteresse; Zinita Olga da Silva; SETUR; Maristela Figueiredo; Homero Gomes; Fundação Franklin Cascaes;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
10/02/1997	Municipal mantém a tradição do 12	O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação; 1º lugar em originalidade masculina, com a fantasia Rapariga Bonita, representação de uma maricota, personagem do Boi-de-mamão; Foto de Daniel Conzi;	Valdir Agostinho; Carnaval; Fantasias; Baile Municipal; Clube 12 de Agosto; Rapariga Bonita; Maricota; Sucata; Bom gosto; Ex-pescador; Duduco;
12/02/1997	Valdir Agostinho e Banda no Show "A hora do Mané"	NC	Impresso	Cartaz de divulgação de show realizado no Barratur Hotel Residencial - Nossa Cantina	Valdir Agostinho; Artista popular; Pintor; Compositor; Cantor; Fantasias; Figurinos; Pandorgas; Banda; A hora do Mané;
19/03/1997	Lei Rouanet beneficia DAC	Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; caderno Variedades; matéria de destaque com página central sobre o assunto	Valdir Agostinho; Lei Rouanet; DAC; UFSC; Zeca Pires; Cinemateca Catarinense; II Entepola; II Mostra de Teatro e Educação; Udesc; Mural cerâmico da Reitoria da UFSC; Rodrigo de Haro; Multiartista; Projeto Doze e Trinta;
22/03/1997	Florianópolis 271 anos: Festival da Pandorga 97	NC	Impresso	Cartaz de divulgação do evento, em razão do aniversário da cidade	Florianópolis; Festival de Pandorga; Aterro da Baía Sul;
05/1997	Dia de sol, pandorgas no céu	O Peixe Fresco	Impresso	Publicação do Mercado Público de Florianópolis; ano 2, nº 13; aparentemente uma publicação mensal; Folclore; Foto de Marina Moros;	Florianópolis; Valdir Agostinho; Folclore; tradição; milenar; Eletricidade; Passar recado; Ilha; Pesca com pandorga; Professor;
16/07/1997	Definidos vencedores do edital Inecntivo às Artes	O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação; Foto de Laureci Coelho;	Valdir Agostinho; Edital de Incentivo às Artes; Fundação Catarinense de Cultura; CD A Hora do Mané; Projeto Cultura Viva; Folclore; Guinha Ramirez; Nani Lobo; Manezinho; Centro Integrado de Cultura; foclórico; performático;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
15/02/1998	Rumo ao infinito	BALDISSARELLI, Adriana; Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Revista DC; Asas à imaginação; Foto de Carlos Kilian;	Florianópolis; Barra da Lagoa; Valdir Agostinho; liberdade; pandorga; folclorista; Ilha de Santa Catarina; Festival de Pandorga; Hors Concours; obra de arte; oficinas de arte; mestre; músico;
19/02/1998	Tudo se transforma	MENEZES, Ana Cláudia; Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Verão: Prata da casa; Foto de Roberto Scola;	Florianópolis; Barra da Lagoa; Valdir Agostinho; Lixo turístico; obras de arte; carnaval; Seu Zé Agostinho; barco; pesca; Itacorubi; 1964; Pescadores; relação pai e filho; Nega Tida; cultura popular; reciclagem; Ilha de SC; folclore; praia; fantasia; canção O Bagre; Guinha Ramirez; CD A Hora do Mané; destruição; Lagoa da Conceição; siri; apoderamento; bagre; desaparecimento; árvores nativas; cultura açoriana; Costa da Lagoa; Ribeirão da Ilha; Santo Antônio de Lisboa;
22/02/1998	Brilho e charme no Clube Doze	Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Manchete de capa: Noite de gala do Carnaval	Florianópolis; Valdir Agostinho; Carnaval; Fantasias; Baile Municipal; Clube 12 de Agosto; Duduco; vereador; luxo masculino; originalidade; músico; carnavalesco; O Bagre Está Sumido da Lagoa
21/03/1998	Baía sul se enche de cor com Festival de Pandorgas	O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação	Florianópolis; 272 anos; Aterro da Baía Sul; liberdade; brinquedo
21/03/1998	Brinquedos: aprenda a fazer pandorga	O Estado	Impresso	Jornal de grande ciruculação	Valdir Agostinho; Pandorga; Pandorgueiro; Professor; peixinho;
14/04/1998	Ricardinho Machado	MACHADO; Ricardinho; A Notícia Capital	Impresso	Jornal de grande circulação; coluinsta social;	Valdir Agostinho; Barra da Lagoa; cantor popular; Festa da Tainha; Figurino; Alceu Valença; Prejuízo; Parque de diversões;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
22/07/1998	Estrela do dia inteiro	OLIVEIRA, Maurício; A Notícia	Impresso	Jornal de grande circulação; Capa: "Pandorga"; matéria extensa (páginas centrais); Fotografias de Caio Cezar;	Florianópolis; Barra da Lagoa; Valdir Agostinho; Pandorga; obra de arte; pesca com pandorga; feitceira de espinhel; artista plástico; músico; chineses; hors-concours; brincadeira; colorido; tradição; decoração; China; Festival internacional; Studio A/2; Beto Stodieck; Secretaria Municipal; Festival Municipal de Pandorgas; João Moritz; mestre; pandorgueiro; Centro de Educação da UFSC; Pandorgas Partidas; Mural; William Araújo eletrocutado; Canasvieiras; descaso;
10/1998	Vida de Cantador	Programa S.O.S.Costa Leste Notícias	Impresso	Entrevista; quadro asssinado por Lia Leal; matéria não assinada; quadro de Lia Leal com um texto bastante laudatório. Expressões como "assobio do vento sul açoriano"	Valdir Agostinho; Barra da Lagoa; loucura; absurdo; ecléttico; pandorgueiro; menestrel; CD A hora do Mané; TEC Audio Estúdio; Porto Alegre; multiartista; Guinha Ramirez; acústico; São Paulo; Menina que mexe-mexe; Márcia Silveira; Beto Soares; produtores; Vida de pescador; início da carreira; Pedrinho Figueiredo; Luís Meira; cultura da Ilha; renovação cultural; cultura açoriana; Fundação Catarinense de Cultura; paradisíaca Ilha; Funk; Bailão; Maxixe; Rock etc.; Lia Leal;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
12/1998	Entrevista: Agostinho: A hora do Mané	HOFF, Jeffrey; Jornal da Lagoa	Impresso	Jornal de menor circulação; publicação mensal;	pescadores; músicos; pandorgas; fantasias, carnaval; alta costura; banda; CD; natureza; cultura açoriana; cultura da Ilha; Zé Agostinho; Divino Espírito Santo; turistas; terno de reis; tradição reinventada; Franklin Cascaes; Beto Stodieck; Rodrigo de Haro; Martinho de Haro; Eli Heil; Janga; Max Moura; Garapuvu Molduras; gaúchos; miscigenação;
12/01/1999	A hora do Mané	CANAN, Adriane; Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Suplemento: Perfil; foto ao alto de Roberto Scola; foto abaixo de Daniel Conzi;	Valdir Agostinho; Barra da Lagoa; Florianópolis; belezas da Ilha; CD A hora do Mané; fantasia; carnaval; Menina que mexe-mexe; músico; artista plástico; pandorgueiro; performático; verão; turistas; fogo; prazeres; multiartista; pescadores; Ilha de Santa Catarina; Forró; Funk; Rock; povo ilhéu; lixo turístico; Mané Beat;
10/03/1999	Manifesto lembra morte de crianças	Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Geral; Foto de Carlos Kilian;	Florianópolis; Canasvieiras; Grupo Pandorgas Partidas; Estudantes; Professores; Centreo de Educação; UFSC; morte; crianças de rua; Maristela Fantin; William Araújo, 11 anos;
22/03/1999	Espetáculo de cores no céu de Florianópolis	O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação; Foto de Luiz Ca...(?);	Florianópolis; Festival de Pandorgas; 25º; tradição; Secretaria de Turismo de Florianópolis; BESC; Passarela Nego Querido; aniversário da cidade; Allan Cardoso; Luiz Paulo Peixoto; Beto Stodieck; Beira-Mar Norte;
23/05/1999	Na boca do povo	RIVOIRE, Valéria; Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Revista DC; Vocabulário; Foto acimade Carlos Kilian; Foto abaixo de Ivone Marcarini;	tradição; costumes; ritmos; diversidade;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
23/05/1999	Vivo numa ilha feiticeira	Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Revista DC: Gente;	UFSC; brinquedo; Atlas Linguìstico da Região Sul; Ilda Gomes; Pandorga; Papagaio; Pipa; Estrela; Chupão; Flecha; Arrame; Arraia;
29/07/1999	A Pandorga: O Projeto de um vôo	NC	Impresso	Folder de evento; apresentação do projeto de conclusão de curso de Jornalismo - Departamento de comunicação social - UFSC; exposição fotográfica e instalação de pandorgas de VA	Pandorga; Valdir Agostinho; Florianópolis; Curso de Jornalismo; UFSC; CIC; Isabela Hoffmann e Marina Moros; Secretaria Estadual da Casa Civil;
07/08/1999	Revival	WOSGRAUS, Juliana; Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Coluna social	Studio A/2; Beto Stodieck; Ana Raposo; anos 1980; livro: É tudo mentira; exposições; Rodrigo de Haro; Max Moura; Vera Sabino; Patrício Bisso; Carmem Miranda; drag queen; Valdir Agostinho; Pandorgas;
28/10/1999	Noite Feliz	SILVA, Chuchi; Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Coluna social, de Juliana Wosgraus, assinada interinamente; fotos de Sérgio Públio	apagão; Celesc; Beira-Mar; livro: É tudo mentira; Beto Stodieck; artistas; intelectuais; jornalistas; colunistas; políticos; músicos; arroz-de-festa; socialites; ontem; hoje; vereador Duduco; pandorgueiro; Valdir Agostinho; cantora; Cláudia Barbosa; secretário Paulo Gouvêa; deputado Paulo Bornhausen; jornalista Sérgio da Costa Ramos; maricota; boi-de-mamão; Bea Porto; Fernanda Lage;
27/03/2000	Prêmios para pandorgas	Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Geral: 274 anos; foto de Daniel Conzi;	Festival da Pandorga (2000) [26º]; Ilha; Passarela Nego Querido; Secretaria de Turismo de Florianópolis;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
27/03/2000	Pandorgas colorem céu de Florianópolis	O Estado	Impresso	Jornal de grande circulação; 274 anos da capital;	Festival da Pandorga (26º); Florianópolis; Passarela Nego Querido; Allan Cardoso; Secretaria de Turismo [da Capital]; rua Clemente Riovere; 1º Festival de Pandorga; 1974; Luiz Paulo Peixoto; Beto Stodieck; 1977; Festival Nacional de Arraias, Pipas e Papagaios; Valdir Agostinho; 1º lugar; a mais bela; a mais original;
20/05/2000	Um velho brinquedo	FEIJÓ, Márcia; Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; Variedades: Salada Mista; Matéria central do suplemento, com quadros como: Faça a sua pipa; Material; Como fazer; Como soltar; Pandorguês; Onde aprender; Livro sobre pandorga de Sílvio Voce; Fãs da pandorga; Cuidados; Foto de Júlio Cavalheiro;	Pandorga; Pipa; papagaio; Archytas de Talento; séc. IV a.C. ; Egito; 200 a.C.; Ásia; Religião; inventores; cultura popular; escravos fugidos; Quilombo dos Palmares; comunicação; Pandorgueiro; Barra da Lagoa; pesca; Florianópolis; bambu; brinquedo; Valdir Agostinho; Festivais regionais e nacionais; Festival na China; oficinas de pandorga; Centro Cultural Bento Silvério (Casarão da Lagoa); Lagoa da Conceição; Alberto Santos Dumont; Alexander Wilson; Benjamin Franklin; Guglielmo Marconi; Graham Bell; Leonardo da Vinci; cerol; chuva; eletricidade; linha; locais adequados; Telhados;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
15/09/2000	Cacau Menezes	MENEZES, Cacau; Diário Catarinense	Impresso	Jornal de grande circulação; coluna social; possui título: Cantando na chuva: trata-se de uma outra matéria feita pela revista Página da Estrada; Cacau faz menção à revista mas não cita o nome dos repórteres "quando passaram por Florianópolis em 1998", ou seja, dois anos antes;	chuva; paraíso; Ilha; Nossa Senhora do Desterro; renda; reza; 42 praias; lagoas; dunas; pastos; mangues; gaivotas; pinguins; cavalos; elementos geográficos e culturais; identidade forte; Florianópolis; Centro; Ponte Hercílio Luz; Mercado Público; Museu Cruz e Souza; Figueira; Praça XV; Morro da Lagoa da Conceição; surfe; Avenida das Rendeiras; Praia Mole; eclética galera; Barra da Lagoa; Rio Vermelho; Mocçambique; Joaquina; dunas; Beco dos Surfistas; Pousada dos Gravatás; Família Vidigal; Praia Brava; Canasvieiras; Ingleses; Ponta das Canas; Praia do Forte; Fortaleza São José da Ponta Grossa; Ribeirão da Ilha; Boi-de-mamão; Praia da Armação; resgate; cultura açoriana; seres
16/01/2003	Vôos coloridos	ROZA, Fabiana; Jornal de Santa Catarina	Impresso	Jornal de grande circulação; distribuído na região de Blumenau; Lazer: Diversão; foto de Edemir Garcia; a matéria conta com depoimentos de: crianças sobre a oficina, de 9, 11 e 12 anos; adultos;	Iriê; Planeta Atlântida; Oficina de pandorga; liberdade; arte; resgate; jogos eletrônicos; brincadeiras; brinquedo; 2.500 anos; Shoping Neumarkt; Blumenau; artista plástico; músico; Valdir Agostinho; pescadores; Barra da Lagoa; profissão. Office-boy; Studio A/2; Festivais de pandorga; pandorgueiro; célebre; bambu; folclórico; carnaval; Pão por Deus;
17/01/2003	Cristiano Ricardo Zimmermann	Jornal de Santa Catarina	Impresso	Jornal de grande circulação; distribuído na região de Blumenau; coluna com título Lazer: Coluna Vertebral	avião de papel; pandorga; manezinho; Valdir Agostinho; músico; artista plástico; carnavalesco; pandorgueiro; Shopping Neumarkt; Blumenau; ensino; crianças; adultos; terapia; faceiro;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
18/01/2003	Pandorgas vão colorir o céu de Blumenau	Jornal de Santa Catarina	Impresso	Jornal de grande circulação; distribuído na região de Blumenau; Geral: Diversão; matéria assinada por Fabiana Roza;	Oficina de pandorgas; artista plástico; Valdir Agostinho; revoada; gigantescas; obras de arte; papel; músico; Shopping Neumarkt; Blumenau;
12/10/2003	Show Fenaostra	não consta	Audiovisual	Gravação da apresentação de VA após terminar com a banda que gravou o CD; participação de Zé Agostinho (músicas do filho e da esposa)	Fenaostra; Alexandre Iron; Zé Agostinho;
09/2005	Le Brésil faire la folie	St. Etienne Society	Impresso	Revista local da cidade francesa de mesmo nome; evento com brasileiros de Florianópolis;	Foire Économique; St-Etienne; Palais des Spetacles; Brésil; Florianopolis; équipe de la ville brésilienne; Lou Ternes; Marcos Carioni; Evandrp Gaspard; Carlos Enrique da Silva; Valdir Agostinho; architects décorateurs; Beach Volley; Giovane; Carlao;
2008	Em nome do autor: artistas artesãos do Brasil	LIMA; Beth; LIMA; Valfrido.	Impresso	Livro editado pela Proposta Editorial, São Paulo. Disponível na internet: http://artedobrasil.com.br/homeindice.html	Artesãos; Pandorgas; Pandorga Santa Catarina;
2012	Tainhas na rede in Jurerê Internacional	não consta	Impresso	Livro promocional de evento de arte no bairro Jurerê Internacional; matéria relacionada: https://www.deolhonailha.com.br/florianopolis/noticias/leilao_beneficente_do_projeto_artistico_rtainhas_na_reder_ocorre_hoje_em_jurere_internacional.html	Tainhas; Tradição; Reciclagem; Jurerê Internacional; Leilão;
07/07/2013	Entrevista: Multihomem	CAIO CEZAR	Impresso	Revista local de Florianópolis e região; texto de Gelci Peninha Coelho ao final da matéria; Disponível em: https://issuu.com/muralmarcocezar/docs/mural_66_issuu	Entrevista; Luiz Maia; Vera Sabino; Beto Stodieck; Acervo pessoal; Pesadelo em NY;

TABELA 1: Acervo Pessoal de Valdir Agostinho

DATA	TÍTULO	AUTORIA	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL	PALAVRAS-CHAVE
23/04/2015	Cacos raros para Cascaes	MORAES, Olavo	Impresso	Revista local de Florianópolis e região; texto de Gelci Peninha Coelho ao final da matéria. Disponível em: https://issuu.com/muralmarcocezar/docs/revista_mural-61	Cacos; Franklin Cascaes; meio ambiente; presépio; Mauro Costa; Eloi Pereira; Caio Cezar [fotos];

BOLETIM TV BARRIGA VERDE, outubro de 1983.

EMPINANDO SUCESSO

Foi nos dias 24 e 25 de setembro que Florianópolis, mais precisamente o Aterro da Baia Sul, viveu o seu 9º Festival da Pandorga, este ano uma promoção conjunta da TV Barriga Verde e do jornal O Estado. Aquela área de lazer do centro da cidade recebeu, nos dois dias de festa, aproximadas 15 mil pessoas que se espalharam, viram e empinaram pandorgas e suas variações, que concorreram às diversas categorias determinadas. Assim é que surgiram a mais bela, a mais exótica, a maior; e entre cortes e permanências, diversos receberam prêmios (em dinheiro) e troféus, e que transformaram este acontecimento numa das mais divertidas e democráticas promoções do ano.

BOLETIM
OUTUBRO – Nº 23
TV Barriga Verde

DO POVO

EMPINANDO SUCESSO

Foi nos dias 24 e 25 de setembro que Florianópolis, mais precisamente o Aterro da Baia Sul, viveu o seu 9º Festival da Pandorga, este ano uma promoção conjunta da TV Barriga Verde e do jornal O Estado.
Aquela área de lazer do centro da cidade recebeu, nos dois dias de festa, aproximadas 15 mil pessoas que se espalharam, viram e empinaram pandorgas e suas variações, que concorreram às diversas categorias determinadas. Assim é que surgiram a mais bela, a mais exótica, a maior; e entre cortes e permanências, diversos receberam prêmios (em dinheiro) e troféus, e que transformaram este acontecimento numa das mais divertidas e democráticas promoções do ano.

O ESTADO, 18/07/1985(a).

O Aterro da Baía Sul amanheceu ontem com um novo visual: os artistas plásticos que já participaram do projeto “Arte na Rua” – feito em outdoors – promovem agora o “Estand-Art”. Foram pendurados nos postes do Aterro estandartes com diversos motivos, um novo colorido para a Cidade.

O ESTADO

Florianópolis, quinta-feira, 18 de julho de 1985 · Ano 71 · Nº 21.330 · Edição de hoje: 36 páginas · Cr$ 1,500

O Aterro da Baía Sul amanheceu ontem com um novo visual:os artistas plásticos que já participaram do projeto "Arte na Rua" - feito em outdoors - promovem agora o "Estand-Art" Foram pendurados nos postes do Aterro estandartes com diversos motivos, um novo colorido para a Cidade.

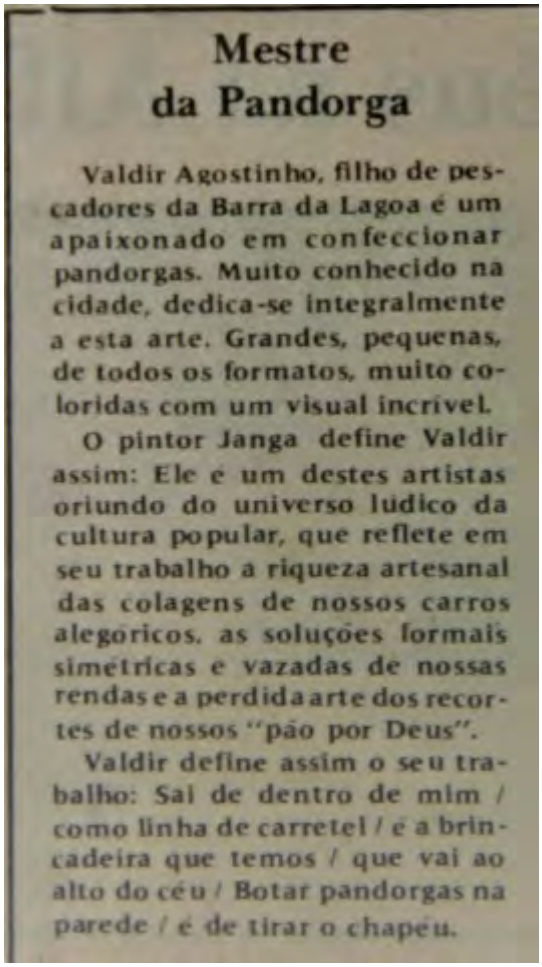
O ESTADO, 01/10/1985(b).

Mestre da Pandorga

Valdir Agostinho [aqui está grafado com ‘V’], filho de pescadores da Barra da Lagoa é um apaixonado em confeccionar pandorgas. Muito conhecido na cidade, dedica-se integralmente a essa arte. Grandes, pequenas, de todos os formatos, muito coloridas com um visual incrível.

O pintor Janga define Valdir assim: Ele é um destes artistas oriundos do universo lúdico da cultura popular, que reflete em seu trabalho a riqueza artesanal das colagens de nossos carros alegóricos, as soluções formais simétricas e vazadas de nossas rendas e a perdida arte dos recortes de nossos “pão por Deus”.

Valdir define assim o seu trabalho: Sai de dentro de mim / como linha de carretel / é a brincadeira que temos / que vai ao alto do céu / Botar pandorgas na parede / é de tirar o chapéu.



Mestre da Pandorga

Valdir Agostinho, filho de pescadores da Barra da Lagoa é um apaixonado em confeccionar pandorgas. Muito conhecido na cidade, dedica-se integralmente a esta arte. Grandes, pequenas, de todos os formatos, muito coloridas com um visual incrível.

O pintor Janga define Valdir assim: Ele é um destes artistas oriundo do universo lúdico da cultura popular, que reflete em seu trabalho a riqueza artesanal das colagens de nossos carros alegóricos, as soluções formais simétricas e vazadas de nossas rendas e a perdida arte dos recortes de nossos "pão por Deus".

Valdir define assim o seu trabalho: Sai de dentro de mim / como linha de carretel / é a brincadeira que temos / que vai ao alto do céu / Botar pandorgas na parede / é de tirar o chapéu.

ALA DAS PANDORGAS "BLOCO ENERGIA RADIANTE" CARNAVAL/86

PANDORGA "BRUXA DA ILHA" - PRÊMIO ESPECIAL FESTIVAL DE 1986

O ESTADO, Caderno II

Florianópolis, 1.º de outubro de 1985

Mestre da Pandorga

Valdir Agostinho, filho de pescadores da Barra da Lagoa é um apaixonado em confeccionar pandorgas. Muito conhecido na cidade, dedica-se integralmente a esta arte. Grandes, pequenas, de todos os formatos, muito coloridas com um visual incrível.

O pintor Janga define Valdir assim: Ele é um destes artistas oriundo do universo lúdico da cultura popular, que reflete em seu trabalho a riqueza artesanal das colagens de nossos carros alegóricos, as soluções formais simétricas e vazadas de nossas rendas e a perdida arte dos recortes de nossos "pão por Deus".

Valdir define assim o seu trabalho: Sai de dentro de mim / como linha de carretel / e a brincadeira que temos / que vai ao alto do céu / Botar pandorgas na parede / e de tirar o chapéu.

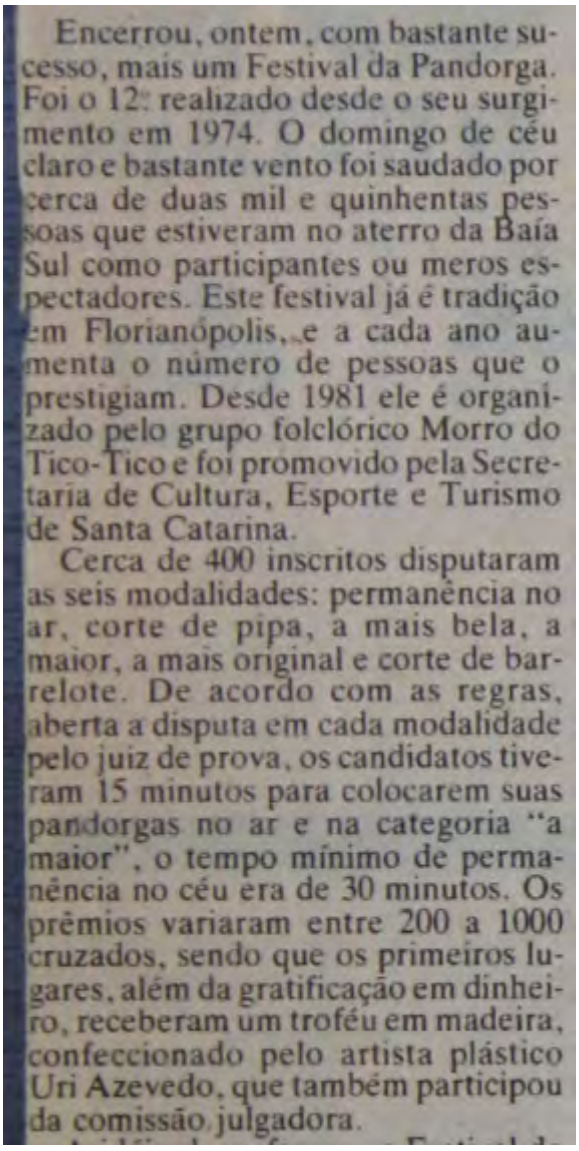
O ESTADO, 18/08/1986

Tempo colaborou para o sucesso do 12º Festival de Pandorgas

O 12º Festival da Pandorga terminou no final da tarde de ontem com absoluto sucesso. O sol que permaneceu durante todo o dia de domingo garantiu a boa evolução das pipas espalhadas pelo céu. O prêmio pela pandorga mais original foi entregue para Rubem Silva com a sua “Mosquito da Dengue”. No corte de pipa foi vencedor Antônio Fidélis e no de barrelote Jair Silva. A maior pandorga foi confeccionada por Jair Silva Júnior e a mais bela por Murilo Braga com o tema natureza. Na permanência no ar foi vitorioso Reinaldo Ferreira Filho. Na categoria especial “A Bruxa” de Waldir Agostinho [aqui está grafado com ‘W’] levou o prêmio. Ele participa do festival desde 1974 e o prêmio é “hors concurs” (Pág. 5).

Tempo colaborou para o sucesso do 12º Festival de Pandorgas

O 12º Festival da Pandorga terminou no final da tarde de ontem com absoluto sucesso. O sol que permaneceu durante todo o dia de domingo garantiu a boa evolução das pipas espalhadas pelo céu. O prêmio pela pandorga mais original foi entregue para Rubem Silva com a sua o "Mosquito da Dengue". No corte de pipa foi vencedor Antônio Fidélis e no de barrelote Jair Silva. A maior pandorga foi confeccionada por Jair Silva Júnior e a mais bela por Murilo Braga com o tema natureza. Na permanência no ar foi vitorioso Reinaldo Ferreira Filho. Na categoria especial "A Bruxa" de Waldir Agostinho levou o prêmio. Ele participa do festival desde 1974 e o prêmio é "hors concours" (Pág. 5).



Encerrou, ontem, com bastante sucesso, mais um Festival da Pandorga. Foi o 12º realizado desde o seu surgimento em 1974. O domingo de céu claro e bastante vento foi saudado por cerca de duas mil e quinhentas pessoas que estiveram no aterro da Baía Sul como participantes ou meros espectadores. Este festival já é tradição em Florianópolis, e a cada ano aumenta o número de pessoas que o prestigiam. Desde 1981 ele é organizado pelo grupo folclórico Morro do Tico-Tico e foi promovido pela Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo de Santa Catarina.

Cerca de 400 inscritos disputaram as seis modalidades: permanência no ar, corte de pipa, a mais bela, a maior, a mais original e corte de barrelote. De acordo com as regras, aberta a disputa em cada modalidade pelo juiz de prova, os candidatos tiveram 15 minutos para colocarem suas pandorgas no ar e na categoria "a maior", o tempo mínimo de permanência no céu era de 30 minutos. Os prêmios variaram entre 200 a 1000 cruzados, sendo que os primeiros lugares, além da gratificação em dinheiro, receberam um troféu em madeira, confeccionado pelo artista plástico Uri Azevedo, que também participou da comissão julgadora.

O ESTADO, 25/08/1987

Leitura e Lazer

De quebra outro catarinense, Valdir Agostinho [aqui volta a ser grafado com ‘V’], que *hors concours* do festival, levou o prêmio da mais bela pandorga.

[Nesta fotografia percebe-se o trabalho de arquivamento do artista, ao recortar a matéria do jornal e “rediagramá-la”, sobre uma folha de papel A4 para poder ser guardada em uma pasta classificadora, fazendo parte de seu portifólio.]

O ESTADO, 31/08/1987

Pandorgas de todos os tipos ontem na Baía Sul

Florianópolis – Durante este final de semana, aproximadamente 5 mil pessoas estiveram no aterro da baía sul, participando do Festival da Pandorga, uma promoção as Subsecretaria do MEC, da Prefeitura Municipal e Jornal **O ESTADO**. O sábado foi muito bem aproveitado, mas o vento sul, aliado a uma temperatura de 15º C, acabou por afugentar boa parcela de quem foi apenas apreciar a arte de empinar pipa

Crianças, jovens e velhos de até 80 anos, colocaram sua imaginação a funcionar e mostraram no ar verdadeiras obras de arte, como um totem colorido, vencedor do terceiro lugar na categoria permanência. Segundo Hélio Mendonça, 36 anos, ele gastou Cz$ 300 nesse trabalho. Também o artista plástico Valdir Agostim [com 'V' e o sobrenome errado] deu um show de criatividade. Vestindo uma roupa especial para a ocasião, toda branca, ele empinou uma imensa pandorga de cinco metros por três, feita com papel laminado e pintura sobre pano. Para ele, soltar pipa "é um sentimento espiritual que causa emoção, fazendo esquecer a vida mecânica".

A brincadeira encerrou-se às 17h de ontem, com a divulgação das pandorgas vencedoras que inscreveram-se em seis modalidades. Da categoria Corte de Barrelote, deu o 1º lugar – Jair Silva; 2º - Marcelo Silva e por 3º - Murilo Braga. No Corte de Pipa: 1º lugar – Antônio Fidelis; 2º - Rogério Ramos Braga; 3º - Rodrigo Ferreira. Na modalidade maior pandorga, o primeiro lugar ficou com Reinaldo Ferreira, que empinou uma caixa de 9,34m; 2º - Gustavo Mirosk, com uma pipa de 3,24 e em 3º Pedro Paulo Vekeri, com um barrelote de 12,82m, a maior de todas, mas que não ficou meiahora [sic] no ar, conforme o regulamento. Na categoria a mais bela pipa, o 1º lugar ficou com Paulo Roberto Xavier, com a obra Pavão Astral, o 2º com Rogério Braga e seu Mundo da Criança e em 3º, Sidney Linhares, com Primavera. A pandorga mais original foi Pipota/Maricota, de Ney Souza, o 2º lugar ficou com Jair Silva, que fez Natruinha, e em 3º, chegou Serpente Naja. Por fim a última modalidade, Permanência, apontou o barrelote de Samuel Kock como o vencedor; em 2º, a pipa de Jair Silva, que tinha o patrocínio da Escola Dinâmica e ainda o tótem de Hélio Mendonça.

[Legenda]

Uma das maiores pandorgas do festival ficou pouco tempo no ar

O ESTADO

FLORIANÓPOLIS, SEGUNDA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 1987 - ANO 73 - Nº 22.086 - EDIÇÃO DE HOJE: 16 PÁGINAS - CZ$ 15,00

Linhas das maiores pandorgas do festival foram pouco tempo no ar

Pandorgas de todos os tipos ontem na baía sul

Florianópolis — Durante um final de semana, aproximadamente [illegible] mil pessoas estiveram no aterro da baía sul, participando do Festival de Pandorgas, uma promoção do Reflorestamento do MDB, da Prefeitura Municipal e Jornal O ESTADO. O sábado foi muito bem aproveitado, mas o vento sul, [illegible] a uma temperatura de 15°C, acabou por afugentar boa parcela do povo. Os que ficaram apreciaram a arte de soltar pipa.

Crianças, jovens e adultos de até 80 anos, colocaram sua imaginação e habilidade a manifestar na criatividade, cores de arte, [illegible] um estilo inédito, vencedor do [illegible] lugar na categoria permanente. Segundo Hélio Mendonça, 36 anos, ele gastou CZ$ 300 [illegible]. Também o número [illegible] dia [illegible] construída. [illegible] para o evento, [illegible] pandorgas de [illegible] por cem. Uma delas [illegible] a pandorga [illegible] pipa. [illegible] pipa [illegible] a vida humana.

A [illegible] 15 de [illegible] a divulgação das pandorgas vencedoras que [illegible] se em três modalidades. Na categoria Corte de Sementes, deu o 1º lugar - Ian Silva, 2º - Marcelo Silva e em 3º - Marcio Braga. No Corte de Papa, 1º lugar - Antônio Fidelis, 2º - Rogério Ramos Braga, 3º - Rodrigo Ferreira. Na modalidade maior pandorga, o primeiro lugar foi para Reinaldo Ferreira, que ergueu uma caixa de 8,5m; 2º - Gustavo Moraes, com uma papa de 5,2m e em 3º Pedro Paulo Venâncio, com um barrete de 12,8m, a maior da cidade, com que não foi possível que se, cumprisse o regulamento. Na categoria a mais bela papa, o 1º lugar foi para Paulo Roberto Xavier, com a obra Pavão Azul, o 2º com Rogério Braga e não houve 3º. Na categoria Criança e em 1º Johny Linhares, com Pirataria. A pandorga mais original foi Paulo Martinelli, de Nova Iguaçu, o 2º lugar foi para Ian Silva, que foi Polaroide, e em 3º, ficou Jacqueline Neto. Por fim, a última modalidade, Personalidade, premiou o homenagem de Samuel Klein como o vencedor; em 2º, a papa de Ian Silva, que teve o patrocínio da Escola Dominical e ainda o título de Dona Mandinga.

DIÁRIO CATARINENSE, 04/10/1987

Alegria catarinense que invadiu a Bienal

O catarinense Valdir Agostinho [com 'V']**, de Florianópolis, levou suas pandorgas para exibir na abertura da Bienal, na última sexta. Foi um banho de cor, com inspiração na cultura nativa da Ilha**

Júlio Kovalski

Especial

Com a liberdade de qualquer garoto que põe no ar sua pipa, a arte colorida de Valdir Agostinho, 31 anos, não se acanhou frente à avalanche de monstros sagrados das artes plásticas do País e do mundo, presentes na 19ª Bienal Internacional de São Paulo. O artesão das pandorgas foi semana passada para a abertura oficial da Bienal, sexta, como único artista catarinense convidado para uma apresentação, no pavilhão do Parque do Ibirapuera.

Foi a oportunidade para o público da Bienal conferir uma linguagem popular que faz referências à cultura nativa da Ilha de Santa Catarina. Em composições que assimilam conchas, peixes e plantas aquáticas, as pipas de Valdir Agostinho figuraram ao lado das mais inusitadas instalações pós-tudo no primeiro dia da exposição.

Valdir utiliza-se dos mais simples materiais, como varas de bambu, papel celofane, pintado ou laminado, para construir suas alegres pandorgas, conhecidas desde a Barra da Lagoa, onde mora, até fora de Santa Catarina – já venceu inclusive o Concurso Nacional de Pandorgas, em Salvador (Bahia). Apesar dos temas ingênuos – a própria pandorga sugere isto, lembrando o brinquedo infantil – o trabalho de Valdir é extremamente meticuloso, com detalhes ricos e bem construídos através de colagem.

[Legendas]

Na exposição improvisada, a rápida visão das formas e cores vivas

A festa colorida das pandorgas influenciam até a confecção das roupas de seu autor

Valdir: "Obra para ser entendida tanto por crianças como por bêbados"

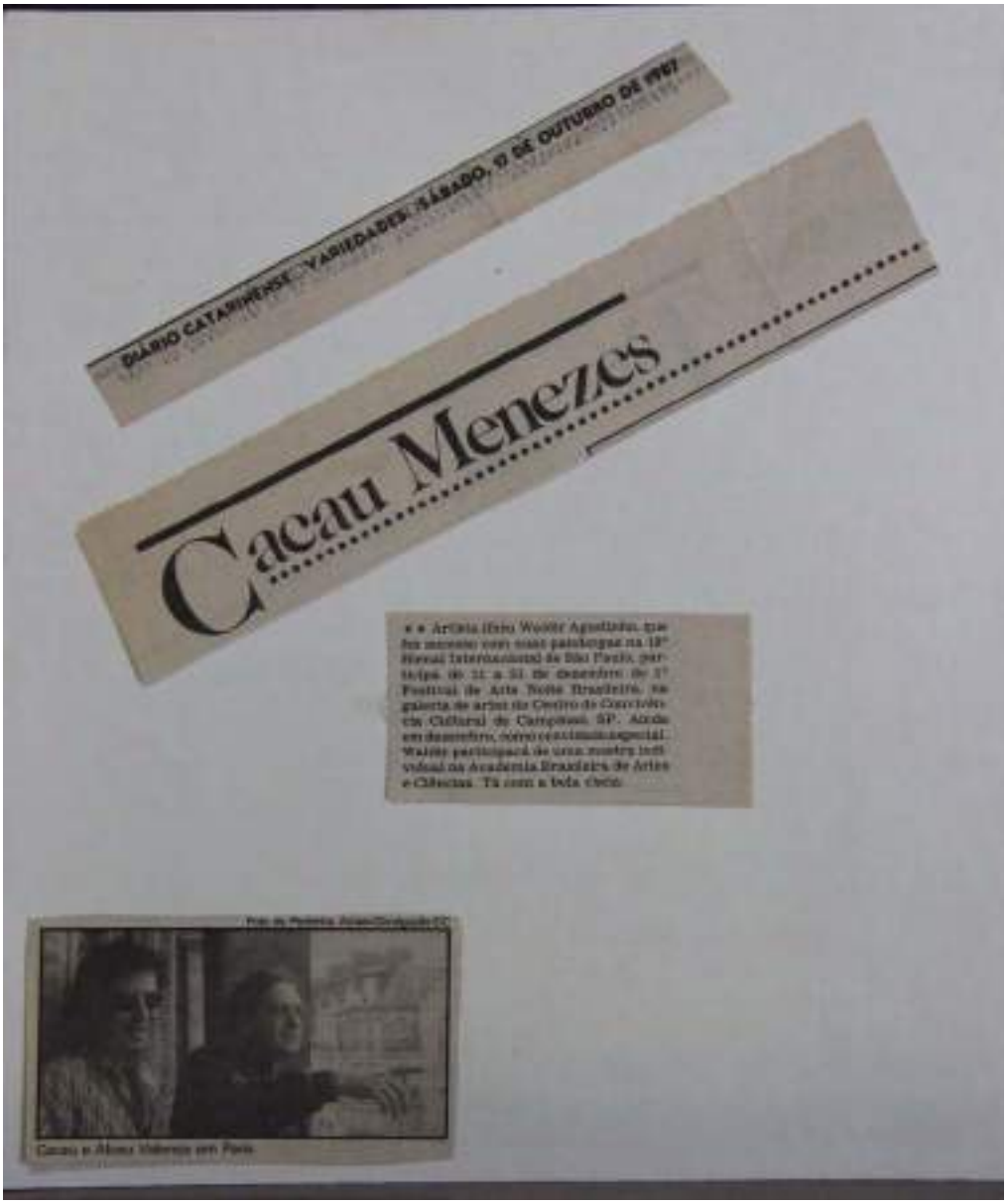
Alegria catarinense que invadiu a Bienal

O catarinense Valdir Agostinho, de Florianópolis, levou suas pendongas para exibir na abertura da Bienal, na última sexta. Foi um banho de cor, com inspiração na cultura nativa da Ilha

DIÁRIO CATARINENSE, 17/10/1987

Cacau Menezes

Artista ilhéu Waldir Agostinho [voltou o ‘W’], que fez sucesso com suas pandorgas na 19ª Bienal Internacional de São Paulo, participa de 11 a 31 de dezembro do 1º Festival de Arte Noite Brasileira, na galeria de artes do Centro de Convivência Cultural de Campinas, SP. Ainda em dezembro, como convidado especial, Waldir participará de uma mostra individual na Academia Brasileira de Artes e Ciências. Tá com a bola cheia.



PROMOÇÃO
RCE
FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES
ORGA 88
RCE
TV VOCÊ

DIÁRIO CATARINENSE, 22 de agosto de 1988.

Geral

Pandorgas atraem multidão

Criatividade foi a marca mais importante do festival realizado no Aterro Baía Sul

O bom tempo, o empenho, a criatividade e a perspicácia de cerca de 300 concorrentes garantiram o sucesso do Festival de Pandorga, promovido no final de semana, em sua 14ª edição, no Aterro Baía Sul, através da Secretaria de Cultura e Esporte e da Secretaria Municipal de Turismo. O concurso atraiu um público que variou, segundo os próprios organizadores, entre 2 e 4 mil visitantes.

“Universo das Pipas”, uma proposta que investiu na multiplicação de inúmeras pandorgas menores e multicoloridas, foi escolhida como a mais bela pipa do Festival de Pandorgas. “Ave do Paraíso”, de Sidiney Linhares, e “Borboleta”, de José Carlos Xavier conquistaram, na mesma modalidade, o segundo e terceiro lugar.

Em originalidade, o primeiro prêmio ficou com Rubens da Silva, o criador de “Monstro da Inflação”, uma divertida alegoria ao crucial problema brasileiro. “Camisinha”, de Eduardo (o sobrenome não foi divulgado pelos organizadores) e “Arco Íris”, de Nei Souza, obtiveram a segunda e terceira colocação.

Na modalidade corte de pipa sagrou-se campeão André Luiz Flores. Jair da Silva Junior e Rubens da Silva ficaram com o segundo e terceiro lugar.

[Legenda]

Nem todas as pandorgas levadas ao aterro concorreram

Geral

Pandorgas atraem multidão

Criatividade foi a marca mais importante do festival realizado no Aterro Baía Sul

Florianópolis – O bom tempo e empenho a criatividade e a perspicácia de cerca de 300 concorrentes garantiram o sucesso do Festival de Pandorga promovido no final de semana, em sua 14ª edição no Aterro Baía Sul através da Secretaria de Cultura e Esporte e da Secretaria Municipal de Turismo. O concurso atraiu um público que variou segundo os próprios organizadores entre 3 e 4 mil visitantes.

Universo das Pipas uma proposta que investiu na multiplicação de inúmeras pandorgas menores e multicoloridas, foi escolhida como a mais bela pipa do Festival de Pandorgas. "Ave do Paraíso", de Sidney Linhares, e "Borboleta", de José Carlos Xavier conquistaram na mesma modalidade o segundo e terceiro lugar.

Em originalidade, o primeiro prêmio ficou com Ibens da Silva, o criador de Monstro da Inflação divertida alegoria ao

Na modalidade

LISTA TELEFÔNICA 1990/1991

Grande Florianópolis e Sul Catarinense
Assinantes/Classificada 90/91
[logomarcas da Telesc e da Listel]

NOSSA CAPA

A Listel e a Telesc escolheram, por concurso, a obra **Ecologia no Ar** para ilustrar a capa desta Lista. A obra, elaborada com a técnica de desenho e colagem pelo artista plástico Valdir Agostinho, nascido em Florianópolis a 07/03/1956, procura retratar a ecologia na sua plenitude maior, oferecendo aos seres vivos a proteção do nosso ecossistema, hoje e sempre.

[Outras informações relevantes]

“Direitos editoriais reservados à TELESC.”

Vigência: “10 de julho de 1990 a 9 de julho de 1991.”

Tiragem: “104.587 exemplares.” [Uma tiragem bem interessante, considerando que todo mundo recebia de graça essas listas, desde que tivesse telefone em casa]

Distribuição:
“Os exemplares da Lista são cedidos gratuitamente aos assinantes do serviço público de telefonia da TELESC, situados nas localidades abrangidas, para uso até o final da vigência da Lista, de acordo com as normas do Ministério das Comunicações. Exemplares adicionais poderão ser cedidos aos interessados mediante pagamento do respectivo preço.”

Restituição: “Os exemplares da Lista deverão ser devolvidos à Editora, ao término de sua vigência.”

Editor responsável: Wanderley Gregoriano de Castro.

Lista Telefônica

Grande Florianópolis e Sul Catarinense

Assinantes/Classificada 90/91

482

TELESC

listel

sistematizados por ordem alfabética de nomes (pessoas jurídicas) e sobrenomes (pessoas físicas). Em primeiro plano, estão publicadas as relações de assinantes de Florianópolis e São José. As demais localidades encontram-se em ordem alfabética.

3 - LISTA CLASSIFICADA
Contém a relação de todos os terminais da classe não-residencial (comércio, indústria, profissões, serviços etc.) da região, organizados por ordem alfabética dos títulos mais representativos de seus produtos ou serviços.

NOSSA CAPA

A Listel e a Telesc escolheram, por concurso, a obra **Ecologia no Ar** para ilustrar a capa desta Lista. A obra, elaborada com a técnica de desenho e colagem pelo artista plástico **Valdir Agostinho**, nascido em Florianópolis a 07.03.1956, procura retratar a ecologia na sua plenitude maior, oferecendo aos seres vivos a proteção do nosso ecossistema, hoje e sempre.

TELESC
av. Madre Benvenuta, 500, tel. (0482)33 00 00, Cx. Postal 23, telex 482 383, CEP 88035, Florianópolis-SC. CGC 83897223/0001-20

listel
Listel - Listas Telefônicas S.A.
r. Jerônimo Coelho, 33, 7º and., s. 704, Centro, CEP 88010, Florianópolis-SC, tel. (0482) 23 35 40, telex 482 457, CGC 83026472/0014-02

CONCEITUAÇÃO
Lista Telefônica é uma publicação técnica, periódica, destinada à divulgação de informações sobre os assinantes do serviço público de telefonia

DIREITOS EDITORIAIS
Direitos de edição reservados à TELESC. A edição ou reprodução, total ou parcial, desta Lista Telefônica, sob qualquer forma ou denominação, sujeita quem a efetue à busca e apreensão dos exemplares e documentos pertinentes, bem como a indenização correspondente ao valor da publicidade neles inserida

FIGURAÇÃO OBRIGATÓRIA
É obrigatória e gratuita a figuração de todos os assinantes situados na área de abrangência desta Lista, sendo facultada a não figuração a pedido do assinante e mediante pagamento da respectiva tarifa à TELESC.
A figuração obrigatória de pessoa natural é ordenada sequencialmente pelo último sobrenome, seguido do prenome e, abreviadamente, dos demais sobrenomes. A figuração do assinante pessoa jurídica é feita na ordem direta de sua denominação

FIGURAÇÃO OPCIONAL
É facultada a figuração opcional do assinante ou de terceiros em qualquer Lista regularmente editada, nas condições ajustadas entre o interessado e a Editora. O conteúdo das figurações opcionais é de responsabilidade exclusiva do contratante

VIGÊNCIA
De 10 de julho de 1990 a 9 de julho de 1991

PERIODICIDADE
Doze meses, contados da data de início de vigência, podendo ser prorrogada por até quatro meses ou reduzida em até dois meses

TIRAGEM
104.587 exemplares

DISTRIBUIÇÃO
Os exemplares da Lista são cedidos gratuitamente aos assinantes do serviço público de telefonia da TELESC, situados nas localidades abrangidas, para uso até o final da vigência da Lista, de acordo com as normas do Ministério das Comunicações. Exemplares adicionais poderão ser cedidos aos interessados mediante pagamento do respectivo preço

RESTITUIÇÃO
Os exemplares da Lista deverão ser devolvidos à Editora, ao término de sua vigência

AUTOR
As figurações obrigatórias publicadas nesta Lista Telefônica são de autoria da
TELESC - Telecomunicações de Santa Catarina S.A.

EDITOR
A edição das Listas Telefônicas da TELESC é de exclusividade da
Listel - Listas Telefônicas S.A.

Editor Responsável:
Wanderley Gregoriano de Castro

Diretor Regional:
Eduardo Sant'Anna Gonçalves

ESCRITÓRIOS
As comunicações com a LISTEL, inclusive para eblicitação de figurações opcionais e destaques, nesta ou em quaisquer outras Listas de sua edição, podem ser feitas nos seguintes endereços

Florianópolis-SC, r. Jerônimo Coelho, 33, 7º and., s. 704, Centro, CEP 88010, tel. (0482)23 35 40, telex 482457

São Paulo-SP (sede), r. Flórida, 1738, Brooklin Novo, CEP 04565, tel. (011)800 83 99 (Discagem Direta Gratuita), CGC 53026472/0001-80 **Bauru-SP**, r. Gal. Marcondes, 15-65, Centro, CEP 17010, tel. (0142)22 58 55 **Belém-PA**, tv. Pe. Eutiquio, 1379, 3 and., Batista Campos, CEP 66010, tel. (091)222 05 55, telex 911924 **Belo Horizonte-MG**, r. Guajajaras, 40, cj. 204, 2º and. e cj. 402, 4º and., CEP 30180, tel. (031)273 39 12 **Blumenau-SC**, r. Ângelo Dias, 220, s. 601 a 604, Centro, CEP 89010, tel. (0473)22 97 18 **Boa Vista-RR**, av. Ville Roy, 292-E, s. 206, Centro, CEP 69300, tel. (095)224 60 03 **Brasília-DF**, SCLN, 304, bl. A, Ed. Aurora de Brasília, CEP 70736, tels. (061)224 17 22 e (061)800 48 22 (Discagem Direta Gratuita), telex 612396 **Campinas-SP**, av. Moraes Salles, 711, 9º and., s. 901/902, Centro, CEP 13010, tel. (0192)31 03 22, **Campo Grande-MS**, av. Afonso Pena, 3165, Centro, CEP 79010, tel. (067)383 71 77, telex 672488 **Cuiabá-MT**, av. Getulio Vargas, 647, Centro, CEP 78000, tel. (065)322 13 44, telex 652398 **Curitiba-PR**, r. Des. Westphalen, 610, cj. 704, 7º and., tel. (041)222 06 30 **Fortaleza-CE**, r. Dnª Leopoldina, 1050, 1º and., Centro, CEP 60110, tel. (085)231 92 77, telex 852543, fax (085)221 32 93, **Goiânia-GO**, av. 31 de Março, 2130, II, 156, Setor Sul, Centro Comercial Carraro, CEP 74310, tel. (062)223 52 66, telex 621455 **João Pessoa-PB**, av. Maximiano Figueiredo, 154, s. 308, Centro Comercial Oliver Von Sohsten, Centro, CEP 58020, tel. (083)241 1610, telex 832647 **Macapá-AP**, r. Cândido Mendes, 1520, altos, s. 2/3, Centro, CEP 68900, tel. (096)223 13 00 **Manaus-AM**, av. Tarumã, 1446, pça. 14 de Janeiro, CEP 69020, tels. (092)233 87 88 e (092)232 41 21/232 49 99 (Serviço de Atendimento ao Cliente), telex 921082, **Natal-RN**, r. João Pessoa, 267, Ed. Cidade de Natal, s. 413, Centro, CEP 59025, tel. (084)222 08 87 **Passo Fundo-RS**, av. Gal. Neto, 386, s. 508/509, Galeria Dr. Severino Mazzolene, Centro, CEP 99020, tel. (054)313 50 88, **Pelotas-RS**, r. Princ. Isabel, 280, cj. 102, Centro, CEP 96015, tel. (0532)25 83 66 **Piracicaba-SP**, pça. José Bonifácio, 799, 2º and., s. 27, Centro, CEP 13400, tel. (0194)22 51 55 **Porto Alegre-RS**, r. Dom Pedro II, 994 a 998, Higienópolis, CEP 90450, tels. (0512)42 12 77 (Atendimento ao Público), (0512)43 11 11 (Administração) e (051)800 97 16 (Discagem Direta Gratuita), telex 513574 **Porto Velho-RO**, av. Calama, 1021, Olaria, CEP 78900, tels. (069)221 10 01/221 73 84/221 71 26, telex 891977 **Recife-PE**, av. Eng. Domingos Ferreira, 2142, 2º and., Boa Viagem, CEP 51011, tel. (081)326 87 86, telex 813043 **Rio Branco-AC**, r. Benjamin Constant, 400, s. 104, Ed. Tânia, CEP 69900, tel. (068)224 16 88 **Rio de Janeiro-RJ**, r. Lauro Müller, 116, s. 2605, Ed. Torre do Rio Sul, Botafogo, CEP 22290, tel. (021)542 [illegible] **Santarém-PA**, r. Dalcino Veloso, 426, s. 1, Centro, CEP 68100, tel. (091)522 18 89 **Santos-SP**, av. Conc. Rodrigues Alves, 240, Macuco, CEP [illegible], tel. (0132)33 33 45 **São Bernardo do Campo-SP**, av. Fr[illegible] Prestes Maia, 233, P.[illegible], Paiçandu, CEP 09710, tels. (011)448 88 88/448 88 68 **São José dos Campos-SP**, av. Eng. Francisco José Longo, 149, [illegible] **São Luís-MA**, r. Ac. Dimas [illegible], EP 12245, tel. (0123)22 44 8[illegible] **São Luís-MA**, r. [illegible] Xavier Carvalho, 428, 1º and., Ed. Kaiser, [illegible] Francisco, CEP [illegible], tel. (011)[illegible] telex 38 378 **São Paulo-SP**, r. Marconi, 61, [illegible] **Teresina-PI**, r. Barroso, 154, Sul, [illegible] tel. [illegible] 88 88, telex [illegible]

LISTA TELEFÔNICA 90/91

ANO XVII **Nº 4** **Julho de 1990**

ÍNDICE

1 - SEÇÃO DE INFORMAÇÕES
Expediente/Nossa Capa
Como Consultar esta Lista
Solicitação de Listas Telefônicas
Telecópia
Área de Abrangência desta Lista
Serviços Especiais
Informações e Lazer
Centrais de Informações
Telefones de Emergência/Telecard
Identificação do Empregado
Serviço Interurbano
DDD - Discagem Direta a Distância - Santa Catarina
DDD - Discagem Direta a Distância - Brasil
Serviço Internacional
DDI - Discagem Direta Internacional
Disque 103
Busca Automática
Norma de Central Privada de Comutação Telefônica - CPCT
Manutenção de CPCT
Norma de Prestação do Serviço Telefônico Público
Normas de Figuração, Periodicidade e Distribuição das Listas T[illegible]

2 - LISTA DE ASSINANTES
Contém a relação dos assinantes da área de abrangência desta sistematizados por ordem alfabética de nomes (pessoas jurí[illegible] físicas). Em primeiro plano, estão publicadas as relações de [illegible] São José. As demais localidades encontram-se em ordem alfa[illegible]

3 - LISTA CLASSIFICADA
Contém a relação de todos os terminais da classe não-residen[illegible] sões, serviços etc.) da região, organizados por ordem alfabética de seus produtos ou serviços.

NOSS[illegible]

A Listel e a Telesc em **Ecologia no Ar** para [illegible] elaborada com a técn[illegible] artista plástico **Valdir** [illegible] pela a 07/03/1966, p[illegible] plenitude maior, oferec[illegible] do nosso ecossistema.

TELESC
av. Madre Benvenuta, 500, tel. (0482)33 00 00, Cx. Postal 23, telex 482 393, CEP 88035, Florianópolis-SC, CGC 83887223/0001-20

listel

DIÁRIO CATARINENSE, sábado, 29/09/1990

Um festival só de pipas no ar

Encartado nesta edição

Na capa:

“Saiba onde votar
Confira hoje as relações de Gaspar, Rio do Sul e Balneário Camboriú
Página 15”

DIÁRIO CATARINENSE, 01/10/1990

Festival da pandorga movimenta a Baía Sul

Neste ano o evento reuniu 230 pessoas, homenageou o colunista Beto Stodieck e premiou até o terceiro lugar de cada modalidade.

Florianópolis – O Grupo Folclórico Morro da Tico-tico [sic], com apoio da Secretaria Municipal de Turismo e Fundação Franklin Cascaes, promoveu neste final de semana, no aterro da Baía Sul, o 16º Festival de Pandorga. No sábado o concurso foi cancelado por causa do mau tempo mas, domingo reuniu 230 pandorgueiros e foi "um sucesso total", avaliou o presidente do Grupo Folclórico Morro da Tico-Tico, Allan Cardoso.

O festival deste ano homenageou o colunista Beto Stodieck, que era incentivador do esporte e consagrou o festival, que passa a fazer parte do calendário de eventos de Florianópolis. Dizia Stodieck que o Festival de Pandorga "tem, entre muitos objetivos, o de preparar e incentivar o ato de empinar, não só pipas, como barrelotes, raias, estrelas e o que der e vier. Trata-se de uma das mais gratas tradições de nosso Estado, que, felizmente, não está entre as de saudosa memória".

O festival contou com Valdir Agostinho, 34 anos, e pandorgueiro "desde sempre", diz. Agostinho venceu o Prêmio Fiat 1990, onde apresentou o projeto "Arte no Ar", com nada menos do que 40 pandorgas confeccionadas por ele. Pandorgas das mais diversa [sic] formas e tamanhos enfeitaram a Baía Sul a partir das 8 horas para concorrer nas modalidades permanência, corte de pipa, corte de barrelote, originalidade, beleza e a maior.

O primeiro ougar de todas as modalidade recebou o prêmio de Cr$ 10 mil; para o segundo, Cr$ 5 mil; e o terceiro, Cr$ 3 mil. Todos os vencedores também foram homenageados com o troféu Festival de Pandorga, criado pelo secretario municipal de Turismo, Luiz Barbosa.

Para ser um pandorgueiro de primeira, é preciso "um bom fio, talento e agilidade", explica Cardoso. Bambu, papel de seda, cordões, cola e muita criatividade são os ingredientes para confeccionar uma pandorga. O tamanho, a forma e o desenho fica ao gosto do pandorgueiro. O importante, é que ela possa se equilibrar no céu, o que vai depender, também, da boa vontade do vento.

Geral

Festival da pandorga movimenta a Baía Sul

Neste ano o evento reuniu 230 pessoas, homenageou o colonista Beto Stodieck e premiou até o terceiro lugar de cada modalidade

Florianópolis - O Grupo Pandorga Norte da Ilha [illegible], com apoio da Secretaria Municipal de Turismo e Fundação Franklin Cascaes, promoveu neste final de semana, no centro da Baía Sul, o 10º Festival de Pandorga. Na [illegible] e concurso foi [illegible] por cerca de duas horas [illegible] domingo [illegible] que [illegible] foi "um sucesso total", avaliou o presidente do Grupo Pandorga Norte da Ilha Prof. Aldo Cardoso.

O festival deste ano homenageou o colonista Beto Stodieck, que nos bastidores da [illegible] e consagrou o [illegible] que passou a fazer parte do calendário de eventos da Prefeitura Municipal. Disse Stodieck que o Festival de Pandorga "tem vários muitos objetivos, e de propiciar a divertir e a ser de congraçar, não só pipas, como harmonia, como [illegible] e o que faz o bem. Toda a [illegible] que nem gostam [illegible] que [illegible] não está entre aí de muitos momentos".

O festival contou com a participação de pandorgas [illegible] Japão, Argentina, Itália, e pandorgas "[illegible] energia". Na Agronômica foi [illegible] o Prêmio Fiat 1990, [illegible] agroquímico [illegible] "Interno Ar", com [illegible] que [illegible] pandorgas [illegible] por um Pandorga [illegible] [illegible] Sul e partiu [illegible] a fazer para [illegible] nos modelismos [illegible] corte de pipa, corte de barrinha, originalidade, beleza e e [illegible].

O primeiro lugar de todas as modalidades recebeu o prêmio de Cr$ 10 mil, para o segundo, Cr$ 6 mil, e o terceiro, Cr$ 3 mil. Todos os vencedores também foram homenageados com o troféu Festival de Pandorga, criado pela secretaria Municipal de Turismo, Lúcia Barbosa.

Para ser um pandorgueiro de primeira, é preciso "ter bom tino, talento e agilidade", explica Cardoso. Também, papel de seda, varinha, cola e muita criatividade são os ingredientes para confeccionar uma pandorga. O tamanho, a forma e o desenho fica ao gosto do pandorgueiro. O importante, é que ela possa se equilibrar no ar, e que não despenque, também, de boa vontade do vento.

Para ganhar os Cr$ 10 mil foi necessário muito esforço

DIÁRIO CATARINENSE, 07/03/1991

Pandorgueiro-cantor baila no TAC

Valdir Agostinho [com ‘V’; parece que a partir dessa matéria começa a normalizar a grafia de seu nome] comemora seus 35 anos com um show multicolorido mostrando um lado artístico só conhecido pela família.

Maristela Amorim
Florianópolis

O pandorgueiro, quem diria, resolveu voar também. Nesta viagem, quer mostrar como é eclético e pretende encantar seus espectadores com um show folclórico e musical bem diferente. Ele é Valdir Agostinho [com ‘V’], o mais ilustre manezinho da Barra da Lagoa, e vai se apresentar hoje à noite no Teatro Álvaro de Carvalho. Pontualmente às 21 horas, o múltiplo artistas sobe ao palco, no meio de um cenário de muitas pandorgas – é claro que não podiam faltar! –, com a intenção de provar que sabe cantar e dançar também.

Esse outro lado do nosso pandorgueiro, pouca gente conhecia. Só mesmo aqules amigos mais íntimos, que freqüentam a casa do ‘seu’ Agostinho e da ‘sinhá’ Zima, seus pais. No meio da família, mais o tio Deca e o sobrinho Jobson, a música tem lugar de destaque e a cantoria é animadíssima. Tem muito do folclore ilhéu e, nesses encontros, a cachacinha e o peixe frito com pirão nunca ficam de fora. Isso pode parecer óbvio porque eles são nativos da Barra da Lagoa e conservam todos os costumes das famílias de pescadores daquela região. Mas é coisa difícil de encontrar hoje em dia.

Aliás, hoje a família também vai subir no palco do teatro. Eles abrem o espetáculo mostrando um terno-de-reis. Como fazem nos encontros em casa. Desta vez, entretanto, eles terão o apoio de duas mesas *sound-craft*, mesas de monitoração, com 5 mil watts de som, que serão comandadas pelos competentes técnicos Júnior e Sergio da Cotempo. A mesma empresa vai instalar as 50 lâmpadas pares, refletores coloridos que estarão sob o comando do iluminador Falcão. E vão surgir como todos os outros artistas convidados, com fantasias coloridas, dentro do clima idealizado por outro artista plástico, o Max Moura, responsável pela ambientação desse show.

Bolo e parabéns

Essa reunião de valores da terra não vai acontecer por acaso. Valdir Agostinho comemora hoje 35 anos de Idade e não poderia escolher uma forma mais original para festejar a data. “Na verdade, eu não tinha pensado nisso. Queria apenas fazer um show e mostrar esse meu outro lado. Mas o Ronaldo Bittencourt, o produtor do show, sugeriu isso e eu gostei”, explica. Agora Valdir só espera que o produtor não tenha esquecido de encomendar um bolo bem grande para cantar os parabéns no final do espetáculo: “Porque aniversário sem bolo não é aniversário!”

A arte de Valdir Agostinho surgiu no cenário catarinense em 1972, quando ele começou a trabalhar na extinta galeria Studio A2, a convite de Beto Stodieck e Luiz Paulo Peixoto. Foi quando começou a mostrar os desenhos que fazia desde pequeno e assumiu sua paixão pelas pandorgas. Nos festivais de pandorga de Florianópolis sempre tirou o primeiro lugar, da mesma forma quando representou Santa Catarina no festival nacional realizado em Salvador (BA).

Depois, suas panoorgas entraram em exposições, desfiles de carnaval e até capas de catálogos
telefônicos. “As pandorgas me apaixonam pela alegria que carregam e pela sensação de liberdade quando dançam no ar. Por isso só solto pandorga ouvindo música”, revela. Assim veio a vontade de criar um trabalho unindo arte plástica, música e teatro. A primeira vez que mostrou isso foi na Festa da Tainha, ano passado. “A jornalista Bebel Oroflno Schaefer viu, gostou e comentou com Ronaldo Blttencoud, da RBS TV. A idéia foi adiante e hoje ele está produzindo o meu show”, conta. Envolvido totalmente na proposta, Valdir garante que a festa é imperdível, cheia de loucas surpresas. “O meu lado bruxo diz isso e promete sucesso absoluto até 1999”, profetiza.

SERVIÇO

* *Pandorgueiro*

- Local: Teatro Álvaro de Carvalho (hoje) e no Érico Música e Bar (amanhã e sábado)
- Horário: 21 horas (pontualmente)
- Preço: Cr$ 500,00 (antecipado) e Cr$ 700,00 (na hora)
- Direção e roteiro: Ronaldo Bittencourt.
- Maquilagem: Nori.

- Figurino: Valdir Agostinho.
- Ambientação: Max Moura.
- Fotografia: Marco Cesar.
- Sonorização: Cotempo.
- Iluminação: Falcão
- Produção: Eva Pereira e Roosevelt Coelho
- Banda: Adllson (guitarra). Adriano (contrabaixo). Elton (bateria)
- Convidados: Joel Brito (sax), Érico Verícimo (percussão), Caio Muniz (teclados).
- Participação especial: seu Agostinho, sinhá Zima, tio Deca, Jobson Agostinho.

[Legendas]

O múltiplo artista se apresenta num cenário de pandorgas, a arte que o tornou um manezinho ilustre

Em família, Valdir Agostinho é cantor dos bons

Pandorgueiro-cantor baila no TAC

Valdir Agostinho comemora seus 35 anos com um show multicolorido mostrando um lado artístico só conhecido pela família

O multiplo artista se apresenta com cacete de pandorgas, e arte que a tornou um marceneiro famoso

Marisélia Amarins
Florianópolis

O pandorgueiro, quem diria, resolveu voar também. Nada viagem, quer mostrar como é eclético e pretende encantar seus espectadores com um show multicolorido marcado bem diferente. Eles Valdir Agostinho, o mais feliz marceneiro da Barra da Lagoa, e vai se apresentar hoje à noite no Teatro Alvaro de Carvalho. Pandorgueiro ao 21 horas, o múltiplo artista sobe ao palco, do meio de um cenário de muitas pandorgas - é claro que elas não podem faltar! - mas a intenção de provar que sabe cantar e dançar também. Ele estará acompanhado de uma orquestrada, formada pelos mestres Adilson (guitarra), Adriano (baixo) e Elton (bateria), mais as convidadas José Brito (sax), Erica Verissimo (percussão) e Caio Maria (teclados). Todos com roupas coordenadas.

Este talentoso do mundo pandorgueiro, prova gente conhecida. Só mesmo aquelas amigas mais íntimas, que frequentam a casa de 'seu Agostinho' e da 'dona' Zilma, seus pais. No meio da turmita, mais o tio Deca e o sobrinho Johnny, a menina tem lugar de destaque e a cantoria é internacional. Tem muito da música inglesa e mesmo americana, a cantoriha e o pano frito com pirão nativo frisam de leve. Isso pode parecer heterogêneo não no cenário da Barra da Lagoa e conservador, todos os cantores das tradicais de pescadores daquela região. Mas é coisa difícil de encontrar hoje em dia.

Além a família também vai subir no palco do teatro. Eles atrevem a espetáculo mostrando um lado de cita. Outro lenço, nos encontros em casa. Desta vez, entretanto, eles terão o apoio de duas mesas-cord-cuff, mesas de montagem, com cinco metros de aço, que serão carregadas pelos companheiros Mateus Junior e Sergio, de Jaraguá. A mesma empresa vai instalar as 36 lampadas-pirex, refletores coloridos, com 50 mil watts de luz que estarão sob o comando do iluminador Falcão. O cão surgir como tudo no outros artistas convidados, com fantasias coloridas, dentro do circo, montado por outro artista plástico o Max Moura, responsável pela ambientação desse show.

Bolo e parabéns

Essa reunião de valores da terra não vai acontecer por acaso. Valdir Agostinho comemora hoje 35 anos de idade e não poderia escolher outra forma mais original para festejar a data. "Na verdade, eu não tinha possibilidades. Queria apenas fazer um show e contar uns casos aos amigos. Mas o Ronaldo Bittencourt, o produtor do show, aceitou isso e eu gostei", explica. Agora Valdir só espera que o 'produtor' não tenha esquecido de encomendar um bolo bem grande para cantar os parabéns no final do espetáculo. "Porque aniversário sem bolo não é aniversário".

A arte de Valdir Agostinho surgiu no carnaval catarinense em 1972, quando ele começou a trabalhar na antiga galeria Studio 42, a escola de Beto Stodieck e Luiz Paulo Peixoto. Foi naquela oportunidade que ele descobriu que fazia desde pequeno e aquarela sua paixão pelas pandorgas. Da fantasia de pandorga de Florianópolis, ganhou o primeiro lugar, durante uma festa, quando representou Santa Catarina no festival nacional realizado em Salvador (BA).

Depois, suas pandorgas entraram em especial, desfiles de carnaval e até capas de revistas catalísticas. "As pandorgas são apaixonantes pela alegria que carregam e pela emoção de

Em família, Valdir Agostinho é cantor dos bons

liberdade quando dançam no ar. Por isso eu sou pandorgueiro de coração", revela. Assim nasceu a vontade de criar um trabalho unindo arte plástica, música e teatro. A primeira vez que montou isso foi na Praia da Pointa, no passado. "A jornalista Bebi Gordini Schaefer viu, gostou e convidou-me para o Ronaldo Bittencourt, da RBS TV. A idéia foi adiante e hoje vai sair produzido e novo show", conta. Entretanto, lamentando na pergunta, Valdir garante que a idéia é inesgotável, cheia de coisas surpresa. "O bom tado levar do meu e procuro mostrar alegria em tudo", avisa.

SERVIÇO

A Pandorgueiro

- **Local:** Teatro Alvaro de Carvalho (hoje) e no Erico Mistura e Bar (amanhã e sábado).
- **Horário:** 21 horas (pontualmente)
- **Preço:** Cr$ 600,00 (antecipado) e Cr$ 700,00 (na hora)
- **Direção e roteiro:** Ronaldo Bittencourt.
- **Maquilagem:** Sol.
- **Figurino:** Valdir Agostinho.
- **Ambientação:** Max Moura.
- **Fotografia:** Marco Cesar.
- **Sonorização:** Olimpi.
- **Iluminação:** Falcão.
- **Produção:** Eva Pereira e Ronaldo Cuelar.
- **Banda:** Adilson (guitarra), Adriano (contrabaixo), Elton (bateria).
- **Convidados:** José Brito (sax), Erica Verissimo (percussão), Caio Maria (teclados).
- **Participação especial:** seu Agostinho, dona Zilma, tio Deca, Johnny Agostinho.

SERVIÇO

★ ***Pandorgueiro***

☐ **Local:** Teatro Álvaro de Carvalho (hoje) e no Érico Música e Bar (amanhã e sábado)

☐ **Horário:** 21 horas (pontualmente)

☐ **Preço:** Cr$ 500,00 (antecipado) e Cr$ 700,00 (na hora)

☐ **Direção e roteiro:** Ronaldo Bittencourt.

☐ **Maquilagem:** Nori.

☐ **Figurino:** Valdir Agostinho.

☐ **Ambientação:** Max Moura.

☐ **Fotografia:** Marco Cesar.

☐ **Sonorização:** Cotempo.

☐ **Iluminação:** Falcão.

☐ **Produção:** Eva Pereira e Roosevelt Coelho.

☐ **Banda:** Adilson (guitarra), Adriano (contrabaixo), Elton (bateria).

☐ **Convidados:** Joel Brito (sax), Érico Vericimo (percussão), Caio Muniz (teclados).

☐ **Participação especial:** seu Agostinho, sinhá Zima, tio Deca, Jobson Agostinho.

JORNAL DA LAGOA, outubro de 1994.

Pandorgueiro amplia a sua arte

O premiadíssimo artista plástico Valdir Agostinho, da Barra da Lagoa, se diz fanático por pandorgas, mas agora quer montar uma banda de rock

Alegre, quase esvoaçante como as suas pandorgas, o artista plástico Valdir Agostinho não para um minuto. Sua casa, um verdadeiro *bunker* encravado no morro existente um pouco antes da entrada da Barra da Lagoa, está sempre cheia de visitas, mas todos conhecem o caminho. Afinal, Agostinho é um dos moradores mais ilustres da Barra.

Com seu talento, Valdir Agostinho transformou pandorgas em obras de arte dando status de escultura alegórica a um brinquedo infantil. “As gigantescas pandorgas em papel de seda, laminado e plásticos, combinam as core mais surpreendentes em recortes barrocos que bem definem a origem açoriana do artista”, escreveu Harry Laus a respeito da obra de Agostinho.

Mas o artista não está satisfeito com a consagração. Aos 38 anos, Valdir Agostinho continua aprontando – e se renovando. Depois de ganhar vários prêmios nacionais de virar capa de catálogo telefônico e de causar sensação na Bienal ao entrar triunfalmente “vestido” com sua arte, ele agora quer montar um grupo de rock, sonho antigo, já tentado há alguns anos. Dessa vez, Agostinho garante que a banda decola.

[Legenda]

Agostinho e sua criação: prêmios nacionais e performances pouco ortodoxas

Pandorgueiro amplia a sua arte

O premiadíssimo artista plástico Valdir Agostinho, da Barra da Lagoa, se diz fanático por pandorgas, mas agora quer montar uma banda de rock

Agostinho e sua criação: prêmios nacionais e performances pouco ortodoxas

Alegre, quase envaçante como as suas pandorgas, o artista plástico Valdir Agostinho não pára um minuto. Sua casa, um verdadeiro *bunker* encravado no morro existente um pouco antes da entrada da Barra da Lagoa, está sempre cheia de visitas. A casa fica escondida no meio do mato e só uma trilha sinuosa a liga à civilização, mas todos conhecem o caminho. Afinal, Agostinho é um dos moradores mais ilustres da Barra.

Com seu talento, Valdir Agostinho transformou pandorgas em obras de arte, dando sinais de escultura alegórica a um brinquedo infantil. "As gigantescas pandorgas em papel de seda, laminados e plásticos, combinam as cores mais surpreendentes em recortes barrocos que bem definem a origem açoriana do artista", escreveu o crítico Harry Laus a respeito da obra de Agostinho.

Mas o artista não está satisfeito com a consagração. Aos 18 anos, Valdir Agostinho continua aprontando - e se renovando. Depois de ganhar vários prêmios nacionais, de virar capa de catálogo telefônico e de causar sensação numa Bienal ao entrar arranfalmente "vestido" com sua arte, ele agora quer montar um grupo de rock, sonho antigo, já tentado há alguns anos. Dessa vez, Agostinho garante que a banda decola.

Filho de uma tradicional família de pescadores, rendeiras e músicos da região, o pandorgueiro entra em contato com o mundo das artes plásticas aos 15 anos, quando vai trabalhar como *office boy* do estúdio A-2. Em seguida, conhece o pesquisador Franklin Cascaes, com quem colabora em alguns trabalhos. Daí em diante, Agostinho tomou lar própria. Mas o reconhecimento ao mestre está presente em constantes homenagens que fez, como nas pandorgas "Brusa" e "Flor de Caruá".

FANATISMO - Como bom artista, Valdir Agostinho é um obcecado por seu trabalho. "Sou um fanático por pandorgas, assim como Pelé pela bola e Senna foi pela velocidade", compara. E acrescenta: "Só os fanáticos vencem". Foi essa desenvoltura e convicção que o levaram, em 1987, a literalmente "se expor" na 19ª Bienal de São Paulo todo paramentado, como se estivesse participando de um desfile de fantasia. Agostinho não tinha nenhuma obra sendo exibida na Bienal - ele era a própria obra. "Eu vivo a arte", afirma.

Hoje o artista ri das suas façanhas. E enquanto planeja novas exposições, catalogando as pandorgas espalhadas pela casa, não descuida do projeto que no momento mais o empolga - a banda. Mas o que o rock tem a ver com pandorgas? "Tudo isso está relacionado, nasce junto na minha cabeça. A arte é mesmo um loucura", define. Pelo jeito, não será de espantar se suas pandorgas, ao serem soltas no espaço, passarem a fazer um bailado autenticamente roqueiro.

trappo
Centro Comercial Fragata - Loja 14 (Boulevard)

Restaurante e Rotisserie
Comida Caseira
Tia Sinhá
Av. Rio Branco, 195
Rua Visconde de Ouro Preto, 294
Florianópolis

TARRAFA
BOUTIQUE

DIÁRIO CATARINENSE, 24/08/1995.

Cacau Menezes

- Se você acordou hoje estimulado pelo lindo dia de ontem querendo viver uma grande quinta-feira, não há porque não fazê-la.
- Além de Ed Motta no TAC – uma aula de canto –, a Refinaria 227 programou uma festa que tem tudo para reunir as duas últimas mais festivas gerações da cidade. A minha e a sua, caro brotinho.
- A campanha *Preserve os Manezinhos* chega ao famoso bar da Osmar Cunha através dos geniais atores Wanderléia Will e Geraldo Cunha, do Grupo Atormenta, que prometem tudo na apresentação da esquete mais divertida [sic] do ano. Regina Casé morreria de inveja.
- Além do espetáculo, curto e grosso, do casal de menezinhos [sic]: Valdir Agostinho, a expressão maior da categoria, vai mostrar que mané também é bom de som. Leva a sua banda e promete arrepiar. Não dá pra perder. Mané autêntico ou pretendente, todos lá.

CACAU MENEZES

DIÁRIO CATARINENSE
ANO X N°341 QUINTA-FEIRA, 24 DE AGOSTO DE 1995

Festa mané

Se você acordou hoje estimulado pelo lindo dia de ontem, querendo viver uma grande quinta-feira, não há porque não fazê-la.

Além de Ed Motta no TAC - uma aula de canto -, a Refinaria 227 programou uma festa que tem tudo para reunir as duas últimas mais festivas gerações da cidade. A minha e a sua sua, caro brotinho.

A campanha *Preserve os Manezinhos* chega ao famoso bar da Osmar Cunha através dos geniais atores Wanderléia Will e Geraldo Cunha, do Grupo Atormenta, que prometem tudo na apresentação da esquete mais divertida do ano. Regina Casé morreria de inveja.

Além do espetáculo, curto e grosso, do casal de manezinhos: Valdir Agostinho, a expressão maior da categoria, vai mostrar que mané também é bom de som. Leva sua banda e promete arrepiar. Não dá pra perder. Mané autêntico ou pretendente, todos lá.

O ESTADO, sábado e domingo, 14 e 15/10/1995.

Oficinas ensinam a fazer artes

Projeto teve início em maio deste ano e continua até o final de 95

Com o objetivo de propor um variado leque de linguagens artísticas em todo seu universo, a Prefeitura Municipal de Florianópolis, através da Fundação Franklin Cascaes, está desenvolvendo uma série de 10 oficinas de arte. Elas acontecem na Biblioteca Municipal Barreiros Filho, Casa da Liberdade, Centro Cultural Bento Silvério e Associação de Moradores do Porto da Lagoa.

O projeto iniciou em maio deste ano e este primeiro ciclo encerra no final de 1995. O que a Fundação Franklin Cascaes pretende com as oficinas de teatro, música, dança, literatura, artes plásticas e escultura, não é formar técnicos, mais [sic] sim oferecer "meio" para que as pessoas busquem seus "fins", nas escolas, em fundações culturais e no orçamento participativo. De acordo com um dos coordenadores das oficinas, Mauro Manoel da Costa, as pessoas não têm consciência que é dever do poder público, em todas as esferas, investir de modo efetivo na cultura. "O trabalho realizado nessas comunidades só foi possível devido a verba de R$ 10.000,00 liberada pelo governo do estado, através da secretária de Cultura e Comunicação Social".

O marketing cultural é bem recebido quando o retorno de mídia e de lucro é a curto prazo, o que não ocorre com as atividades das oficinas, cujo resultado é o próprio investimento no processo, ou nas que trabalham com a retrospectiva do processo, como no caso da memória cultural. O assessor de marketing da Fundação Franklin Cascaes, Murilo Silva, diz que a proposta do patrocínio é comunicar ao público a participação das empresas na arte. Considera a cultura um eixo do mercado, porque concentra um público que pode ser trabalhado.

Objetivo – A proposta das oficinas é propiciar a um público, cada vez maior, os meios para [?]são das diversas práticas a [?] capazes de desenvolver lhe [habi]lidades específicas, contrib[?] assim para a formação integ[?] [in]divíduo na coletiv[idade ao] mesmo tempo, contribuir [a dobra no papel, que está colado sobre um papel cartão, inviabiliza a leitura dos últimos parágrafos].

[Quadro]

Em cada lugar uma atividade

Nos espaços que estão sendo utilizados para a realização das oficinas, aproximadamente 120 crianças se beneficiam do projeto em 10 oficinas.

Na Casa da Liberdade, localizada na Passarela Nego Querido, 30 crianças participam das aulas de capoeira de angola, em duas oficinas e 15 da atividade de acrobacia para crianças.

A Biblioteca Barreiros Filho – no Estreito, conta com três oficinas iniciação ao teatro [sic], escultura em argila e teatro a partir de textos de Guimarães Rosa, com 45 crianças. As oficinas de teatro para crianças e jovens, expressão vocal, artes plásticas, [pandorgas?] [?] são as atividades desenvolvidas no Centro Cultural Bento Silvério, na Lagoa da Conceição, que beneficia aproximadamente 45 crianças.

Por iniciativa própria comunidade [sic] a Associação de Moradores do Porto da Lagoa (Ampola), conta com as oficinas de malabarismo e acrobacia para crianças. As oficinas desenvolvidas em cada um destes ambientes foram selecionadas de acordo com a necessidade e solicitação as pessoas [sic] de cada comunidade. Tudo foi discutido com os coordenadores de cada centro que juntamente com a comunidade e os organizadores, Mauro Manoel da Costa e Carin Machado, da Fundação Franklin Cascaes, chegaram a um consenso.

[Legendas]

Cerca de 45 crianças participam das oficinas de arte na Lagoa que incluem teatro, expressão vocal, artes plásticas e pandorgas artísticas

Professor Valdir Agostinho, repassa a arte de fazer pandorgas no Centro Cultural Bento Silvério, na Lagoa da Conceição semana [?]

ARTES

Cerca de 45 crianças participam das oficinas de arte na Lagoa que incluem teatro, expressão vocal, artes plásticas e pandeiros artesanais

Oficinas ensinam a fazer arte

Projeto teve início em maio deste ano e continua até o final de 95

C[illegible] a [illegible] de proteger um [illegible] lugar de imaginários artísticos em todo seu universo, a Prefeitura Municipal de Florianópolis, através da Fundação Franklin Cascaes, vem desenvolvendo que atua de 10 oficinas de arte. Elas acontecem na Biblioteca Municipal Barreiros Filho, Casa da Liberdade, Centro Cultural Beata Ribeiro e Associação de Moradores da Lagoa da Conceição.

O projeto iniciou em maio deste ano e não possuía cada centro até [illegible] de 1995. O que a Fundação Franklin Cascaes pretende com as oficinas de teatro, música, dança, literatura, artes plásticas e escultura, [illegible] "[illegible]" para que as pessoas [illegible] "[illegible]", que escolas, [illegible] e as organizações [illegible]. Os alunos [illegible] oficinas. [illegible]

Em cada lugar uma atividade

Nos espaços que estão sendo utilizados para a realização das oficinas, aproximadamente 120 crianças se beneficiam do projeto em 10 oficinas.

[illegible] Casa da Liberdade, localizada na Pousada Nagi, Ponta [illegible], 30 crianças participam das aulas de capoeira de angola, em duas oficinas e 15 da atividade de acrobacia para crianças.

A Biblioteca Barreiros Filho — na Estreita, conta com três oficinas: iniciação ao teatro, escultura em argila e reciclagem de lixo. Nesse 45 crianças. As oficinas de teatro para crianças e jovens, expressão vocal, artes plásticas, Cultural Beata Ribeiro, na Lagoa da Conceição, que beneficia aproximadamente 45 crianças.

Por iniciativa da própria comunidade a Associação de Moradores do Porto da Lagoa (Ambelo), conta com as oficinas de confeccionar e acrobacia para crianças. As oficinas desenvolvidas em cada um destes ambientes foram selecionadas de acordo com a necessidade e solicitação as pessoas de cada comunidade. Tudo foi decidido em acordo entre os de cada centro que juntamente com a comunidade e os organizadores das oficinas, Bruno Manoel da Costa e Cecília Barbado, da Fundação Franklin

[illegible]

Professor Valdir Aguirinho repassa a arte de fazer pandorgas no Centro Cultural Bento Silvério, na Lagoa da Conceição semana

O ESTADO

FLORIANÓPOLIS, 14 E 15 DE OUTUBRO DE 1995 - SÁBADO E DOMINGO - ANO 81 - Nº 25.852 - PREÇO R$ 1,50

JORNAL DA FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, novembro/dezembro de 1995
[detalhe: capa com ilustração de Vera Sabino, provavelmente uma gravura]

Mercosul

Uma idéia que deu certo

Salim Miguel
Superintendente da Fundação Franklin Cascaes

Pintura, poesia, música de Floripa em Buenos Aires? Absurdo! Loucura! Idéia mais estapafúrdia! De quem mesmo?

Mas são as idéias loucas que fazem girar o mundo. Quase diria: delas resultam as grandes coisas – só que é bom não exagerar.

Poucos acreditavam na viabilidade do projeto "A Ilha em Buenos Aires", alguns fingiam acreditar, duvidando, outros duvidavam tendo que aceitar.

Experiência pioneira, deve ter continuidade. Pretende-se uma via de mão dupla. Como contra-partida tivemos grupos argentinos no Festiva Nacional de Teatro. E já se pensa em uma semana do cinema argentino em Florianópolis, para meados de 1996. Com o Clube de Cinema N.S. do Desterro, parcerias da Secretaria de Cultura e Comunicação Social do Estado e da Fundação Franklin Cascaes, da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Pois, conforma declarou o Secretário Adjunto de Cultura, Roger Bittencourt, "quando as parcerias dão certo vale a pena repetí-las". Plantou-se uma semente; vai frutificar.

Falemos dos que se empenharam pela idéia. De Buenos Aires, o jornalista Antonio Rodrigues Villar, o professor universitário e representante da Transbrasil, Juan Carlos Chervatin, a Julia, da Consult House Turismo, o diretor do Palais de Glace. E o brasileiro argentino Gill Konell, pau pra toda obra. Do Brasil? Além dos artista plásticos e dos poetas envolvidos, o Rodrigo de Haro, responsável pelo livro, o Idésio, da Editora Athanor, o Janga, curador da mostra, a Secretaria de Cultura e Comunicação Social do Governo do Estado, a Fundação Franklin Cascaes, da Prefeitura de Florianópolis; apoios do BESC, do Costão do Santinho, das áreas de turismo.

Durante 20 dias (13/11 a 03/12), no Palais de Glace, bairro da Recoleta, artistas revelaram um pouco do que somos, de nossa cultura, do que temos para mostrar. A frequência foi boa, a receptividade idem, a impressão do que foi visto e ouvido favorável; dizia-se, afinal em Florianópolis, na Ilha da Magia, tem algo mais além de praias.

O projeto se dividiu em dois tempos: a abertura oficial, presente autoridades e público expressivo. A significativa mostra de pintura deixou boa impressão (a lamentar a ausência de alguns nomes, entre eles uma Eli Heil, um Pléticos, um Hassis); a exposição de livros sobre a Ilha foi representativa; folheteria razoável; projeção de vídeos; música ao vivo rolando em CD's; e para culminar a programação ao vivo do manezinho Waldir Agostinho [volta o 'W'], com suas fantásticas pandorgas, seu traje típico, seu violão, suas canções. Isso no dia 13. No dia 21, foi o lançamento de **Ilhíada – uma trezena lírica**, edição bilíngue, da Athanor, apoio cultural da Fundação Franklin Cascaes, presente os poetas. No salão, poetas, jornalistas, críticos argentinos; e uma análise dos poemas pelo professor, ensaístas [sic] e tradutor Santiago Kovadloff.

Para encerrar mandou-se uma rendeira, com suas tramoias, seus bilros, que durante três dias mostrou sua tradicional arte aos portenhos. Aos visitantes havia um atrativo a mais. Sorteio, no dia do encerramento (03/12) de seis passagens com acompanhante, para uma semana em Florianópolis, com tudo pago, promoção da Consult House Turismo.

Agora, começam os preparativos para a segunda jornada. Que pensa-se não será a Ilha em Buenos Aires. Mas o Estado em Buenos Aires.

[Legendas]

Wilson [difícil de acertar o nome do artista...] Agostinho se apresentando durante a abertura da exposição, no Palais de Glace em Buenos Aires

Julia Vasquez de Chevatin, da Consult House Turismo, Marcus Azambuja, embaixador do Brasil, Sérgio Grando, prefeito de Florianópolis e Paulo Arenbart, secretário de Cultura e Comunicação Social de Santa Catarina

IMPRESSO

folha da cultura

Jornal da Fundação Franklin Cascaes – PMF – Ano III – nº 13 – Nov/Dez-95

casa da memória – a ilha em buenos aires – leituras – zumbi – orquestra municipal

e um suplemento especial de turismo cultural

Uma idéia que deu certo

Wilson Agostinho se apresentando durante a abertura da exposição, no Palais de Glace em Buenos Aires

Julia Vasquez de Chevatin, da Consul House Turismo, Marcus Azambuja, embaixador do Brasil, Sérgio Grando, prefeito de Florianópolis e Paulo Arenhart, secretário de Cultura e Comunicação Social de Santa Catarina

Salim Miguel

REVELAÇÃO E CÓPIAS
REALCOLOR

DIÁRIO CATARINENSE, 09/02/1996

Diário de verão

Uma festa pelo céu

Soltar pandorga é um hábito milenar e universal. A sua origem data da época dos egípcios, onde desenhos hieroglíficos já se referiam a objetos voadores puxados por uma linha. Os chineses no ano 200 antes de Cristo, também tinham o costume de relaxar olhando o céu.

Mas foi Marco Polo (1254-1324) quem popularizou definitivamente o uso da pandorga. Em suas andanças pela China, em certa ocasião viu-se encurralado pelo exército inimigo. Ele teve uma saída original Amarrou fogos de artifício em posição invertida, em dezenas de pandorgas. Já no ar, conseguiu acender os fogos e atingir os inimigos. Foi o primeiro bombardeio aéreo da história.

Santos Dumont também utilizou técnicas de pandorga, ao fazer o seu primeiro vôo. O avião, na realidade, não deixava de ser uma pandorga com motor. Mas os primeiros a usar pandorga no Brasil, foram os negros no Quilombo dos Palmares. Os sentinelas do quilombo o usavam [sic] para avisar de qualquer problema que houvesse. Nos tempos modernos, essa técnica foi usada pela primeira vez, no Morro do Juramento, no Rio de Janeiro, pelo famoso bandido “Escadinha”, quem era avisado pelos populares, da chegada da polícia.

COMO FUNCIONA

O vento se forma pelo deslocamento de massas de ar através da diferença de pressões provocada pela temperatura. Como o ar quente tende a subir, ele vai criando depressões que são ocupadas por novas massas de ar mais fresco. Assim, a subida da pipa se dá devido ao escoamento de vento sobre suas asas, formando uma zona de baixa pressão em cima da pipa, fazendo com que ela suba.

O vento ideal para soltar pandorga é o vento médio. Ele permite manobrar com maior precisão a pipa, fazendo com que avance a uma velocidade média de cinco quilômetros por hora.

Significados

Para alguns significa soltar a alma para os céus, amarrada apenas por uma linha. Outros o relacionam com o relaxamento da pessoa ao olhar o infinito. Mas para muitos, soltar uma pandorga é simplesmente uma diversão e uma maneira de ocupar o tempo livre.

A confecção de uma pandorga, ou pipa, é uma técnica tao simples que qualquer criança pode fazer. Mas existem aqueles que aproveitam as pipas para expor a sua arte. É o caso de Valdir Agostinho, artista plástico, músico, carnavalesco e "pandorgueiro" profissional. Há muitos anos, ele vem participando de festivais de pandorgas, obtendo sempre as primeiras colocações e as principais premiações a nível nacional.

Para Valdir, soltar pandorga "é a melhor forma de expandir a alma e o próprio ser. Parece que uma parte da gente que está lá em cima, voando. E nós aqui embaixo dominando e brincando com esse objeto". Para quem não entende o sentido da diversão, ele explica que "a pessoa deve estar aberta para viajar junto com a pipa, já que o simples fato de olhar para o céu faz a pessoa refletir e relaxar".

Dessa maneira, as pandorgas adornam, disputam, mapeiam os céus e fazem acrobacias como se fossem uma extensão da nossa própria mão, numa tentativa magistral de tocar, ou mesmo acariciar, as nossas ilusões. [trecho destacado com marcador de texto amarelo, pelo próprio artista, provavelmente]

[Legendas]

Tradição milenar, tem longa história desde as antigas civilizações chinesas.

Confecção pode ser simples ou ainda cheia de detalhes e bastante complexa [ao lado, quadro com o logo "Verão 96"; embaixo do logo, as legendas: Florianópolis na sua melhor forma. CAPITAL TURÍSTICA DO MERCOSUL]

Espetáculo de cores e formas ganha os céus e resiste à tecnologia

[Anúncio no rodapé:] Carnaval 96

INDEPENDENTE

A FESTA É DE TODOS

SHOW COM BANDA ARMANDINHO, DODÔ E OSMAR
Sexta, dia 15, no Largo da Alfândega, 10 da noite. Patrocínio BESC Realização Florianópolis de todos Administração popular Secretaria de turismo

DIARIO DE VERAO

Uma festa pelo céu

COMO FUNCIONA

Significados

• SHOW COM BANDA ARMANDINHO, DODÔ E OSMAR.

SEXTA, DIA 15, NO LARGO DA ALFÂNDEGA 10 DA NOITE

BESC

FOLDER

[Capa]

Fundação Catarinense de Cultura / Festival do Mar – Florianópolis – 1º a 05 de maio de 96

APRESENTAM

VALDIR AGOSTINHO
[imagem]
Foto: Anselmo Nascimento

O PAPEL DA ARTE
01 A 05 DE MAIO DE 1996
FESTIVAL DO MAR
ILHA SHOPPING - TREVO DOS INGLÊSES
FLORIANÓPOLIS - S.C.

[interior do folder]

Voa mané, voa...

Toda vez que encontro Valdir Agostinho volto a meu tempo de guri. Imagino-me correndo descalço pelo grupo de Coqueiros atrás de algum amigo de bermuda (do uniforme) soltando pandorga e jogando bolinha de vidro, coisas que desapareceram sem piedade do meu dia-a-dia de lap-top. Agostinho não virou as costas para suas raízes e desafiou suas limitações. Por isso continua sendo, por merecimento, o representante máximo da manezada da Ilha. Pois esse adorável mané da Barra, metido à besta (no bom sentido) que me chama a atenção desde os efervecentes [sic] tempos do Stúdio [sic] A/2 só podia mesmo dar no que deu: o maior artista popular de Florianópolis. Sua bagagem, hoje, é a mais invejada da cidade: serviu cafezinho para Beto Stodieck. ajudou Patrício Bisso a descer do carro com seus sapatos de salto-alto, em noite de badaladas vernissagens na famosa galeria da Beira-Mar Norte, emoldurou obras primas de Rodrigo e Martinho de Haro, Eli Heil, Vera Sabino, Max Moura, Janga e todos os maiores nomes das nossas artes plásticas; ouviu conversas ao pé do ouvido. conviveu com pessoas louquíssimas e não bastasse todo esse currículo, ainda por cima desabrochou seu lado criativo, que não se resumia à

confecção de pandorgas ou fantasias ligadas à [sic] elas: Valdir, o próprio pandorgueiro em pessoa queria mais: partiu para performances e desenhos, tornando-se o primeiro mané-multimídia da Ilha.

Cacau Menezes (fã nº 1 do mané da Barra)

MAIS que um artista plástico, Valdir Agostinho é um performático festeiro e festivo que se utiliza de todos os meios imagináveis para dar seu recado lúdico e celebrativo. Em seu modo de ser expressa-se a mais autêntica cultura popular da Ilha de Santa Catarina, da qual é um dos mais legítimos representantes. Sua arte é múltipla feérica e diversificada como ele próprio.

Pandorgueiro diversas vezes premiado, carnavalesco autor de originais fantasias, roqueiro que compõe letras e músicas que ele mesmo interpreta com sua banda, incorpora bem a imagem do artista multi-mídia.

Um dos fatores que mais caracteriza a arte de nossos dias é justamente a interdisciplinaridade, a fusão de várias linguagens, e nesse sentido mais que um ingênuo, Valdir é um artista contemporâneo dono de um rico repertório.

O suporte para a sua arte pode ser tanto o papel celofane ou laminado, que utiliza em suas pandorgas numa clara referencia [*sic]* aos recortes do pão-por-Deus, como os sapatos ou calças jeans pintados e revestidos de purpurina, ou os incríveis adereços de cabeça que reinventa e as capas fantásticas como aquela do moldureiro na qual colou mais de 100 telas emolduradas. Tudo enfim faz com que ele seja um dos nossos artistas mais criativos e “sui-generis”. Na verdade Valdir é um artista pop que cria o que tem vontade baseado na sua intuição criadora. Não tem repressões nem censuras, seu inconsciente aflora de forma natural e surpreendente. Sem medo de ser feliz, brinca, graceja, se espraia e constrói com alegria contagiante seu mundo de sonhos e utopias.

João Otávio Neves Filho – membro da ABCA AICA

APRESENTAM

VALDIR AGOSTINHO

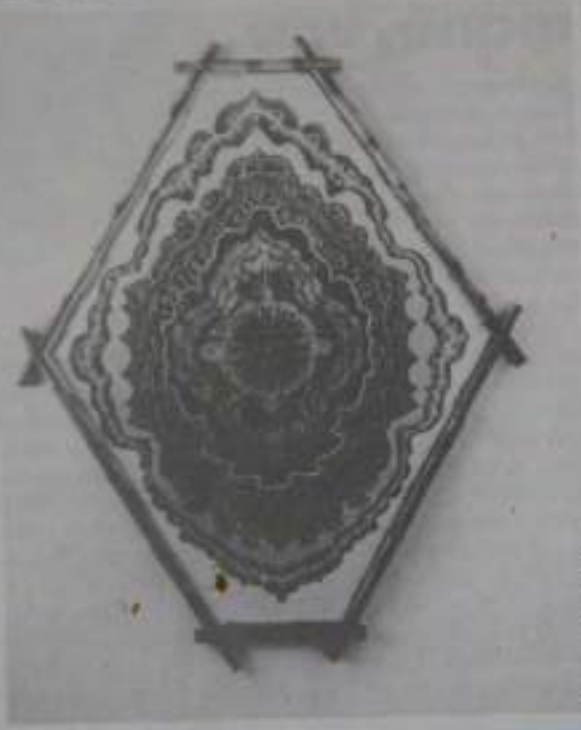


Foto: Amarino Nascimento

O PAPEL DA ARTE

01 A 05 DE MAIO DE 1996

FESTIVAL DO MAR

ILHA SHOPPING - TREVO DOS INGLÊSES

FLORIANÓPOLIS - S.C.

Voa mané, voa...

[illegible]

Cacau Menezes [illegible]

MAIS que um artista plástico, Valdir Agostinho é um perfeito [illegible] que se utiliza de todos os meios imagináveis para dar seu recado lúdico e celebrativo. [illegible]

[illegible]

João Otávio Neves Filho – membro da ABCA AICA

O PAPEL DA ARTE

VALDIR AGOSTINHO

PRÊMIO

PROJETO CULTURA VIVA

ARTES PLÁSTICAS

Categoria Individual

FCC Fundação Catarinense de Cultura

ORGANIZAÇÃO: LUIZ PASQUALI PRODUÇÃO CULTURAL

APOIO

ESTÚDIO 4 EDITORA GRÁFICA

Fone (048) 222-7222

PENTAPRISMA®

Fundação Prometheus Libertus

KOERICH

DIÁRIO CATARINENSE, 01/06/1996, p. 8.

Variedades

Programe-se

Nativo

Música
Um manezinho no palco

Valdir Agostinho *e sua banda se apresentam hoje à noite no bar Ponto de Vista, em Florianópolis. Artista ilhéu mostra irreverência*

Valdir Agostinho e Banda fazem a animação da noite de hoje no Ponto de vista Bar (Estrada Geral da Barra da lagoa, nº 1.747, Praia Mole, Florianópolis - fone 048-2320207). O grupo é formado por Natacha (backing vocal), Elton (bateria), Ernani Lobo (baixo), Gabriel Molina (guitarra) e o sueco Hans (sax) toca composições do próprio Valdir.

São letras regionalistas que falam do cotidiano pesqueiro, mas sem fugir de uma influência do rock nacional. Ex-pescador e típico manezinho da Ilha, Agostinho mostra novas canções em um show colorido e dançante, outra área que ele domina com perfeição.

No Porto Cais (Rodovia Gilson da Costa Xavier, nº 2.829, Ponta do Sambaqui, Florianópolis - fone 048 235 1398) o palco é dividido pelos parceiros Jackson (voz e violão) e Brother (percussão). Com música popular brasileira, reggae e pop.

Para quem quer apenas dançar, uma opção é a Danceteria Bahamas, com duas pistas e três ambientes. O grupo Fato Consumado é que comanda o som ao vivo neste sábado. Amanhtem [sic] Festa Country. (Rua Benjamim Gerlach, nº 486, Fazenda Santo Antônio, São José - fone 048 247 2294).

[Legenda]
O multiartista Valdir Agostinho canta as coisas da terra, num show colorido e dançante. [foto: Divulgação/DC]

[Manchete de capa]

Variedades
Programe-se

Festa na boate *Innocence* homenageiao lendário grupo Queen e Fred Mercury, que morreu de Aids em 92. [Pergunto se hoje em dia se daria esse destaque à causa mortis de Fred, a AIDS. Note-se a grafia da sigla, apenas com a primeira letra maiúscula, como se fosse já um nome próprio.] No Ponto de Vista, também na Ilha, Valdir Agostinho e Banda apresentam neste sábado o rock manezinho do compositor e artista plástico. Nos cinemas, estréias de *Agora & Sempre,* com Demi Moore, e *Rosas da Sedução.*
Nesta edição

[Legenda]
Ex-pescador Valdir Agostinho [foto: Daniel Conzi/DC/Florianópolis]

PROGRAME-SE

CURSO

FLORIANÓPOLIS

• **Workshop de Dança** – [illegible]

• **Astrologia** – [illegible]

• **Oficinas** – [illegible]

• **Workshop de Pintura** no CEC – Papel Artesanal [illegible] • Workshop – Pintura e Redalgaço [illegible] • Cerâmica [illegible] • Pintura e Figurativo Naturais [illegible]

• **Pintura Floral** – [illegible]

Nativo

FLORIANÓPOLIS

O multiinstrumista Valdir Agostinho [illegible]

▼ **MÚSICA**

Um manezinho no palco

Valdir Agostinho e sua banda se apresentam hoje à noite no bar Ponto de Vista, em Florianópolis. Artista ilhéu mostra irreverência

Valdir Agostinho e Banda Sunset a [illegible] do bar no Ponto de Vista Bar (Galeria Geral da Barra da Lagoa, nº 1.797, Praia Mole, Florianópolis – fone 048 [illegible]). O grupo é formado por Natacha (backing vocal), Elias (teclado), Ernani (sax), Gabriel Medeiros (guitarra) e o nome Dazio (sax) [illegible] composições do próprio Valdir.

[illegible] que falam do cotidiano pesqueiro, mas sem fugir de uma temática de cunho nacional. Em parceria [illegible] companheiro da Silva, Agostinho mostra novas canções em que [illegible] dançar com perfeição.

No Ponto Bar (Rodovia Gilson da Costa Xavier, nº 2.828, Ponta do Sambaqui, Florianópolis – fone 048 [illegible]) o público é [illegible] pelos parceiros Jackson (voz e violão) e Brother (percussão). Com [illegible] pagode, heavy metal, reggae e pop.

Participem que apenas dançar uma opção é a Pousada Robinson, com duas piscinas e três ambientes. O grupo Pata Cozinhado e [illegible] ao vivo neste sábado. Avenida Pedro Coletto, [illegible] Bernardo Cortinth, nº 486, Pousada Bueno Antônio [illegible] (fone 048 [illegible]).

• **Workshop de Pintura** no CEC – Papel Artesanal [illegible] • Workshop – Pintura e Redalgaço [illegible] • Cerâmica [illegible] • Pintura e Figurativo Naturais [illegible]

• **Oficina de Pintura** – [illegible]

• **Seu Corpo, Sua Verdadeira Face Vida** – [illegible]

• **Fotografando Arquitetura** – [illegible]

• **Cursos de Formação de Massagistas Eróticos** – [illegible]

• **Curso de Modelo Pessoal Banco de Programação Neurolinguística** – [illegible]

• **Oficina Para Iniciantes** – [illegible]

• **Espaço Alternativo** – [illegible]

EXPOSIÇÕES

FLORIANÓPOLIS

• **Nadir Parodi** – [illegible]

BLUMENAU

• **Homenagem Saltenses** – [illegible]

• **Pousada Colonial de Blumenau** – [illegible]

VARIEDADES
Programe-se

Festa na boate *Innocence* homenageia hoje o lendário grupo Queen e Fred Mercury, que morreu de Aids em 92. No Ponto de Vista, também na Ilha, Valdir Agostinho e Banda apresentam neste sábado o rock manezinho do compositor e artista plástico. Nos cinemas, estréias de *Agora & Sempre*, com Demi Moore, e *Rosas da Sedução*

☐ **NESTA EDIÇÃO**

DANIEL CONZIDO/Revista/Ipolo

Ex-pescador Valdir Agostinho

O ESTADO, 15/12/1996

Magazine

Memória

Festival da Pandorga sobrevive apenas na lembrança

Sérgio Negrão

Ninguém entende por que razão o Festival da Pandorga acabou em Florianópolis. A arte em papel e bambu parece ter ser [sic] apagado a partir do início desses anos 90. Os principais incentivadores desta tradição reclamam a volta dos festivais. Enquanto alguns acham que o simples resgate do folclore não basta, outros afirmam que o retorno dos festivais pode até acontecer mas de forma destorcida [sic], com objetivos comerciais. O certo é que o festivais [sic] de pandorgas que consagraram o artista plástico Valdir Agostinho como pandorgueiro oficial foram esquecidos por quem de direito.

O vento Nordeste que sopra na capital durante o mês de julho motiva a criançada da Ilha a entrar no mato atrás de bambu e gastar alguns trocados com as chamadas folhas de sede [sic], além do carretel de “linha dez”. As armações em corda e bambu começam a dar forma à pandorga quando recebem a camada de papel. Um outro pedaço de linha, com muitas fitas amarradas, garante a estabilidade. O conhecimento empírico de crianças e adultos consegue criar verdadeiras maravilhas voadoras.

Todos os bairros da cidade se enchem de cor nesta época de ventos e férias escolares. Mesma época em que, no início da década de 70, Luiz Paulo Peixoto e Beto Stodieck criaram o Festival da Pandorga de Florianópolis. Todos aguardavam o momento do concurso. Era a hora de mostrar a criatividade, soltando a imaginação com os olhos voltados para o céu.

Tudo era muito bem organizado. Fiscais e juízes não perdiam sequer uma manobra das pipas. Dividido em modalidades, o Festival elegia a pandorga mais bonita, a maior, a menor e a mais original. Vidro moído misturado com cola era passado nas linhas e os pandorgueiros disputavam o campeonato de corte de pipa e o barrelote. O dono da pipa que permanecesse mais tempo no ar saía vencedor.

Os concursos de pipa, que surgiram no Morro do Tico-Tico com o conhecido Alan das Pandorgas, tomaram proporções maiores com o passar do tempo. Artistas como Meyer Filho e Vera Sabino começaram a participar do festival. Depois de ficar ano na Baía Norte, ele foi transferido para uma área maior na Baía Sul na década de 80. Nesse segundo período, o festival já contava com Valdir Agostinho como "pandorgueiro oficial".

PLANADORES DE PAPEL

Dos 39 anos de vida de Valdir Agostinho, 20 foram dedicados às pandorgas. Na sua casa elas cobrem todas as paredes. Ele nem sabe quantas mil já fez. Venceu todos os festivais na modalidade de pipa mais bonita. "A pandorga é uma arte antiga e universal", garante Valdir. Ele mede a importância da festa pela alegria que proporciona às crianças.

Agostinho, que tem como sonho maior erguer suas pandorgas no céu do Japão [ponte com a música New York à Paris], lembra que foi com a saída de Luiz Paulo Peixoto da organização dos festivais, por volta de 1989, que eles começaram a se apagar. "Junto com o Beto Stodieck, o Peixoto mexia com toda a cidade divulgando o festival", lembra Valdir.

As premiações em forma de cadernetas de poupança estimulavam a participação. Tomavam parte no júri oficiais da Base Aérea de Florianópolis, que analisavam aqueles planadores de papel. O sucessor [sic; queria dizer 'sucesso'?] era certo. Prefeitura Municipal, Secretaria de Turismo, Besc e várias lojas patrocinavam e apoiavam. A intensa divulgação pela TV garantia o público.

Depois de parar por um ano, o Festival voltou com outra comissão organizadora no início da década de 90. "Já não era a mesma coisa. Faltava aquela articulação de antes", comenta Valdir, que não descarta a hipótese de assumir o comando para a volta do Festival da Pandorga se tiver apoio de organismos oficiais de cultura e empresas.

"Pretendo participar do evento como artista. Mas, quem sabe, eu me empolo e também promovo o Festrival [sic]? Não é difícil fazer esta festa; todo o ano, a Prefeitura faz outras festividades tradicionais. Não entendo por que deixaram morrer uma festa tão popular com esta", diz com tristeza.

[Olho à margem esquerda do texto: Idealizado por Beto Stodieck e Luiz Paulo Peixoto na década de 70, o evento que coloria o céu da cidade morreu à míngua, mas deixou saudade em todos. O artista plástico, músico e pandorgueiro Valdir Agostinho propõe a volta da bela festa.]

Desinteresse geral acabou com a festa

“A Secretaria de Turismo também quer a volta do Festival das Pandorgas”, garante Zinita Olga da Silva, do Departamento de Eventos da Setur. Se alguem [sic] apresentar um projeto, o concurso de pipas tem condições de voltar ao ar. “Pensei que a Fundação Franklin Cascaes estivesse desenvolvendo algo neste sentido, diz Zinita, que também não entende como uma festa que faz parte de nossas raízes foi acabar. “Acho que houvez [sic] um desinteresse generalizado neste evento”, comenta, arriscandio [sic] uma explicação para o fim do festival.

A secretaria da superintendência da Fundação Franklin Cascaes, Maristela Figueirdo, que está na instituição desde 1988, informa que não há qualquer projeto para trazer de volta o concurso. “A fundação nunca chegou a participar efetivamente do concurso de pipas”, revela Maristela. Ela acompanhou vários festivais e não desconsidera a importância do evento.

Para Zinita, o Festival da Pandorga morreu junto com Luiz Paulo Peixoto, considerado seu maior motivador. “A partir de então os patrocinadores tornaram-se escassos e houve uma grande falta de interesse”, lamenta.

Durante toda a gestão do secretário Homero Gomes na Setur, nenhum projeto para recuperar o festival foi encaminhado. Zinita garante que a Secretaria está disposta a promover a volta do evento. “A gestão de Homero Gomes termina no fim do mês, mas espero que o próximo secretário se interesse pela idéia."

[Legenda]
Valdir Agostinho, mestre pandorgueiro, lembra com saudade e quer a volta dos festivais no Aterro da Baía Sul [foto: Hermínio Nunes/OE]

O ESTADO

MAGAZINE

Memória

Festival da Pandorga sobrevive apenas na lembrança

Quadrinhos

Druuña vai muito além da sacanagem

Desinteresse geral acabou com a festa

Até o dia 24 deste mês, a Galeria de Arte Helena Fietta promove sua 1ª Mostra de Mini e Pequenas Telas. Presentes de bom gosto e preços acessíveis.

ive
ança

Valdir Agostinho, muito pandorgueiro, lembra com saudade e quer a volta dos festivais no Morro da Baía Sul

Quadrinhos

Druuña vai muito além da sacanagem

Por Alexandre Wind

O ESTADO, segunda e terça, 10 e 11/02/1997(a)

Municipal mantém a tradição do 12

Concurso de fantasias, nas quatro categorias, este ano teve menos concorrentes, mas primou pela criatividade e bom gosto

A tradição carnavalesca dos catarinenses não foi desmerecida desta vez. Nas quatro categorias do concurso de fantasias do Baile Municipal, todos os vencedores foram representantes de Santa Catarina. Realizado na sede do Clube 12 de Agosto na noite de sexta-feira, o concurso reuniu um total de 19 concorrentes nas quatro categorias. Na originalidade feminina, o destaque ficou por conta de Crista Marion Sitônio, com "The Oscar Goes to... Tieta!", mas ela acabou ficando com o terceiro lugar. Com uma concepção bem-humorada da cafonice que envolve o superespetáculo hollywoodiano, Crista usou e abusou do rosa-choque, misturando o visual "doris day" com a estética "mangue seco", passando claramente uma intenção provocativa e debochada.

Dirce Ramos Schlindwein com "A Última Festa do Cangaço" mostrou bom gosto e criatividade no uso de materiais naturais. Como tímida pitada de ousadia à concepção inspirada nas aventuras de Lampião e Maria Bonita, as previsíveis cartucheiras e caveiras de burro não comprometeram mas também não surpreenderam

O primeiro lugar ficou com Scharmean Chris da rosa e sua "Olokun - A Grande Deusa dos Oceanos". Toda em degradês de azul, tinha a invocação marinha expressa pela presença de golfinhos e cavalos marinhos. Uma vitória discutível e que parece não ter agradado ao público.

Disputa parelha – Das seis criações que concorreram ao prêmio de originalidade masculina, os três classificados estiveram parelhos na disputa. "Sinfonia de Amor", do gaúcho Luzimar Morales, classificado em terceiro lugar, foi um belo pierrô em degradês que iam do cinza ao branco, emoldurado por lampiões lembrando praças antigas. Adnilson Martins, de Santa Catarina, com "Na Era do rádio, Tributo a Neide Mariarosa", conseguiu, com poucos elementos, compor uma emocionada evocação dos tempos de ouro do rádio. Simples e bonita, conquistou o segundo lugar. O primeiro lugar ficou com o também catarinense Valdir Agostinho, com "Rapariga Bonita", uma "maricota" em tamanho gigante, confeccionada cm sucata, num

resultado final de extremo bom gosto [aparece aqui a reciclagem e com um tom de sofisticação].

No luxo feminino, foram quatro as concorrentes. Walkyria Miranda, do Rio de Janeiro, ficou em terceiro lugar. O segundo foi para a paulista Elizabete de Oliveira Braga com “Zara, Sacerdotisa de Sula e o Mistério dos Elefantes de Marfim”, uma bela fantasia. Mas o primeiro prIemio [sic] foi para a catarinense Patrícia Areias, com “A Dama de Ferro”, uma idéia interessante, sem dúvida, mas de menor impacto.

No luxo masculino, deu o esperado. Duduco [que posteriormente seria preso por aliciamento de menores na sua “instituição de caridade”] com “O Grande Anjo Negro, Segundo o Apocalipse” foi arrasador. Deixou ao júri apenas o trabalho de apontar os outros dois premiados: o carioca Rui Zapata, com “O Mandarim do Templo de Jade”, segundo colocado, e o catarinense Edson Pires, com “O Deus que Morava na Estrela”, terceiro classificado.

[Legenda]
Ex-pescador Valdir Agostinho [foto: Daniel Conzi/DC/Florianópolis]

O carioca Rui Zapata conquistou o segundo lugar em luto maravilhoso com "Mandarim do Templo de Jade"

Patrícia Arcias, campeã na categoria luto fem

Municipal mantém a trad

Concurso de fantasias, nas quatro categorias, este ano teve menos concorrentes, mas pr

A tradição carnavalesca do estado [illegible] Nas quatro categorias do concurso de fantasias do Baile Municipal, todos os [illegible] Santa Catarina, realizado na tarde de Cinza 12 de Agosto na sede de sexta-feira, o concurso contou em total de 19 concorrentes nas quatro categorias. Na organização feminina, o desempate ficou por conta de Cynia Marjon Stheim, com "The Oscar Goes to...Final", que ela sobrou fazendo com o terceiro lugar. Com uma concepção bem humorada da cultura que envolve o superexposição hollywoodiana. Cynia usou a história da rosa-choque, ironizando o visual "flower day" com a estilista "mangue seco", passando da clássica uma sensação provocativa e debochada.

Dário Ramos Schmitzinha com "A Última Poesia do Carnaval" [illegible] gosto e criatividade no uso de materiais [illegible]. Como [illegible] à conquista [illegible] Lampião e Maria Bonita, os personagens [illegible] e caveiras de barro são comprometeram nos tamanhos [illegible] bagagem.

O primeiro lugar ficou com Schermann Chris da Rosa e sua "Olokun - A Grande Deusa dos Oceanos". Toda em degradê de azul, tinha a inovação marinho-esperta pela presença de golfinhos e caveias marinhos. Uma vitória discutível e que parece não ter agradado ao público.

Disputa paralela - Das sete criações que concorreram ao prêmio de originalidade masculina, só três [illegible] concorreram [illegible] do desfile. "Batonto de Amor", do gaúcho Lucinar Mendes, classificado em terceiro lugar, foi um belo pierrô em degradê que [illegible] de cinza ao branco, [illegible] por lampiões [illegible] preço [illegible]. Adalberto Martins, de Santa Catarina, com "No Fim do Baile, Tributo a Nelson Motarosa", [illegible] com [illegible] recentes, compor uma [illegible] ação dos trajes de [illegible] Mendes e Martins, conquistou o segundo lugar. O primeiro lugar ficou com o também catarinense Valdir Agostinho, com "Rapariga Branca", uma "marcotrá" em tamanho gigante, [illegible] com [illegible], com [illegible] final do extremo bom gosto.

No luto feminino, foram quatro as concorrentes. Wellynia Miranda, do Rio de Janeiro, foram em terceiro lugar. O segundo foi para a paulista Elizabeth de Oliveira Braga com "Zara, Sacerdotisa da Aria e a Ministra dos Elefantes de Marfim", [illegible] Mar e princípio gótico foi pura e [illegible] Patrícia Arcias, com "A Dama de Luto", [illegible] foi de maior [illegible].

No luto masculino, dos o espetáculo Dodson com "O Grande Aqpo Negro, Segundo o Apocalipse" foi [illegible]. Dizem ao [illegible] o trabalho de [illegible] dois premiados: o carioca Rui Zapata, com "O Mandarim do Templo de Jade", segundo colocado, e o catarinense Tabosa Pires, com "O Deus que Morava na Estrela", terceiro classificado.

O Rei do Jade foi o nome que valeu o primeiro lugar em originalidade masculina para Valdir Agostinho

CARTAZ DE EVENTO

[Foto colorida no topo da página]
[Legenda]
CORES Artista popular Valdir Agostinho pinta, compõe, canta, faz fantasias, figurinos e pandorgas

VALDIR AGOSTINHO
e Banda
no Show “A hora do Mané”
na Nossa Cantina

BARRATUR Hotel Residencial – Barra da Lagoa

Dia: 12/fev./1997
Hora: a partir das 22:00 h

[ANÚNCIO em jornal ou DIVULGAÇÃO?], março de 1997.

VALDIR AGOSTINHO E BANDA

"A HORA DO MANÉ"

1 – INTRODUÇÃO

Este projeto objetiva apresentar uma proposta de Marketing Cultural, através do CD **"A HORA DO MANÉ"** e seu show de lançamento.
Através do Projeto Cultura Viva, da Fundação Catarinense de Cultura, o multiartista Valdir Agostinho recebeu o prêmio de incentivo a gravação de CD, sendo que o valor do mesmo, não é suficiente para viabilizar a sua confecção e impressão dentro dos padrões de quem objetiva dar ao CD uma roupagem nacional.

2 - CONCEITO DO PROJETO

A proposta é apresentar o projeto "**A HORA DO MANÉ"** (CD e SHOW DE LANÇAMENTO) á sociedade catarinense, como a expressão e manifestação mais autêntica da Cultura Popular Litorânea de Santa Catarina.
Patrocinar o projeto "**A HORA DO MANÉ"**, reforça a associação da empresa com a formação e o desenvolvimento cultural da sociedade catarinense.

3 - EXECUÇÃO

O CD **"A HORA DO MANÉ"** será gravado a partir do dia 25 de novembro de 1997 em Porto Alegre (RS) no TEC ÁUDIO GRAVAÇÕES LTDA, onde serão utilizadas aproximadamente 160 horas de gravação envolvendo os seguintes músicos:

Voz: **VALDIR AGOSTINHO**
Violão: **GUINHA RAMIRES**
Bateria: **RICHARD MONTÂNO**
Violão: **ODILON**
Baixo: **NANI LOBO**
Participações especiais: **sendo negociadas**
Direção musical e arranjos: **GUINHA RAMIRES**
Músicas e letras: **VALDIR AGOSTINHO**
Assistente artístico: **NANI LOBO**
Assessoria pessoal: **LUIZ PASQUALE**
Produção executiva e coordenação geral: **EVELINE ORTH**

SHOW DE LANÇAMENTO

- Cachê dos músicos – R$ 500,00
- Som/ luz – R$ 1.500,00
- Cartazes – R$ 850,00

Sub-total (2) - R$ 2.850,00

Sub – total (1) + Sub-total (2) – R$ 20.000,00

* **Obs**: verba de incentivo para gravação do CD (total – R$ 12.000,00)

* O valor que se busca para a complementação do patrocínio é de R$ 8.000,00

a) **Opção 1** – Cota única – R$ 8.000,00

b) **Opção 2** – Duas cotas no valor de R$ 4.000,00

6 - COMERCIALIZAÇÃO DO PROJETO

- Os trabalhos relacionados com a comercialização do "**CD e SHOW DE LANÇAMENTO**" para a obtenção de patrocínio, está sendo coordenado pela empresa **EVELINE ORTH PRODUÇÕES** , com sede na rua Esteves Júnior, 496, apto 710. CEP: 88015-530, Florianópolis/ SC/ Telefone / fax: (048) 222. 49.87 / 980.66.77

"A Hora do Mané"

Valdir Agostinho é o mais autêntico representante da Cultura Popular Litorânea de Santa Catarina. Filho de pescador da Barra da Lagoa (maior comunidade pesqueira de Florianópolis), a raiz de sua arte é a tradição açoriana marítima pesqueira, aliada ao atual cotidiano das praias, do turismo, do surf e das questões ecológicas, tudo isso enfatizando o amor, a paz e a denúncia em relação a destruição ao meio ambiente. Este fator é que dá um sentido universal ao seu trabalho.

Oriundo do universo lúdico da cultura popular, Valdir é um multiartista, interdisciplinar, pois em seu trabalho encontramos a fusão de várias linguagens(pandorgas, fantasias carnavalescas, composição musical, atuações em vídeo-tapes, instalações e performances), em todas estas áreas houve reconhecimento e destaque através de premiações.

Na música, através de suas composições musicais, Valdir Agostinho reúne todo o seu potencial artístico. O retrato disto se traduz no CD **"A HORA DO MANÉ"**, onde convive canções e ritmos tradicionais oriundos da Idade Média fundidos com a música contemporânea atual.

Os arranjos acústicos foram especialmente criados para o CD pelo músico multi-instrumentista e arranjador Guinha Ramires.

Além da banda que acompanha Valdir Agostinho há alguns anos, o CD vai contar com algumas participações especiais como o saxofonista Pedro Figueiredo, dentre outros.

Sem perder suas raízes açorianas, a base do seu trabalho de criação, Valdir Agostinho pretende neste CD abordar temas universais tais como a reciclagem, que é fonte em seus cenários e figurinos, outra prova de genialidade do artista, tudo isso permeado de magia e criatividade.

Um breve resumo de sua atuação multimídia

Valdir Agostinho, 40 anos, ilhéu da Barra da Lagoa, praticamente recebeu a música como "herança". O avô e o pai, José Manoel Agostinho, foram dois grandes cantadores do cotidiano e tradições da referida comunidade.
Há vinte anos que Valdir vem atuando e ganhando espaço nacionalmente na área artística/cultural. Pandorgueiro premiadíssimo, carnavalesco brilhante e músico reconhecido, ele já foi entrevistado por Marília Gabriela, em 1995; participou do programa infantil X-Tudo (TV Cultura), com suas maravilhosas pandorgas; improvisou dueto com o cantor Falcão no Video Show (TV Globo) em 1996, além de encantar o cantor Suggar Blue, com o ritmo e melodia pulsante de sua banda, neste último inverno, em show no Bar Casa da Lagoa, que resultou em "canja" dada pelo ídolo do Blues.
Incansáveis, Valdir e sua banda têm estado presente no circuito cultural local e nacional. Em fevereiro de 1997, participaram do "Programa H" e do "Circulando", ambos da TV Bandeirantes, e marcaram presença no "Estúdio Ao Vivo", da Rádio Transamérica, além de estarem presentes semanalmente na mídia local divulgando seus shows

ANEXOS

Impressões de pessoas formadoras de opinião

- *"O mané mais cabeça-feita da Ilha"*
- *"O primeiro mané multimídia da Ilha"*

(Cacau Menezes – Colunista do Diário Catarinense/ Grupo RBS)

- *"Mais que um artista plástico, Valdir Agostinho é um perfomático festeiro e festivo que se utiliza de todos os meios imagináveis para dar seu recado lúdico e celebrativo"*
- *"Constrói, com alegria contagiante, seu mundo de sonhos e utopias"*

(João Otávio Neves Filho – Membro da ABCA AICA)

- *"Valdir reinterpreta a tradição açoriana..."*

(Luiz Pasquali – Arquiteto)

- *"O mais novo fenômeno musical da Ilha"*

(Sérgio Negrão – Jornalista do jornal O Estado - 24/11/96)

Música

- Prêmio Luiz Henrique Rosa (RBS TV) – melhor cantor popular 1995
- Abertura do evento "A Ilha em Buenos Aires"- Argentina / 1995
- Prêmio Musical *Zininho*, com a canção "Vida de Pescador" – 1994 (um CD com as músicas premiadas foi lançado na ocasião)
- Edital da Fundação Catarinense de Cultura (Cultura Viva) - 1997

Vídeos

- "Anga, O Canal da Lagoa" – 1996 / de André Bob Barbosa
- "Ponte Hercílio Luz" – 1996 / de Zeca Pires

Exposições Individuais

1985 - "Semana do Folclore" - Instituto Estadual de Educação (Florianópolis)
1985 - "Semana do Técnico" – Escola Técnica Federal (Florianópolis)
1985 - "Viagem ao Espaço Novo" – Casa da Cultura (Florianópolis)
1986 - "Pandorgas" – Auditório da Prefeitura Municipal (Florianópolis)
1986 - "Pandorgas" - Hotel Diplomata (Florianópolis)
1988 - Academia Brasileira de Artes e Ciências / São Paulo
1990 - Prêmio FIAT "Arte no Ar" (MASC)
1996 - Edital Cultura Viva
- Exposição Itinerante "Papel da Arte" (Unisul/ Tubarão), Casa da Cultura (Joinville) e no Festival do Mar (Ilha Shopping/ Florianópolis)

Exposições Coletivas

1973 – Assembléia Legislativa do Estado
1974 - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) / Stúdio A/2
1978 - Museu de Antropologia da UFSC
1979 – Mostra de Novos Artistas (ACAP)
1982 - II Jovem Arte Sul América (MASC)
1984 - Arte de Santa Catarina (Fundação Armando Alvares Penteado/SP)
1985 - Mostra de Arte Primitiva (Museu de Antropologia da UFSC)
1986 -Estand/Arte (Terminal Rita Maria / Florianópolis)
1987 -Arte NAIF Brasileira (Centro de Convivência Campinas/SP)
1991 – Mito e Magia na Arte SC (Portal Turístico de Florianópolis)
1994 - Coisas do Ar e Terra (Casa da Alfândega – ACAP/ Florianópolis)
1994 - Primeiro Fórum Internacional de Planejamento Turístico (Fiesc)
1994 - Exposição Semana da Marinha (Museu do Mar/ São Francisco do Sul)
1994 – Salão Victor Meirelles (MASC)
1995 - A Ilha em Buenos Aires (Palais de Glace/ Buenos198 Aires/Argentina

Premiações

1973 a 1977 – Festival de Pandorgas de Florianópolis, prêmio "A Mais Bela Pandorga", por cinco anos, tornando-se "hor concur"
1977 – Primeiro Lugar no "Festival Nacional da Pandorga", de Salvador/Bahia
1985 – Primeiro Lugar em Originalidade com a Fantasia "Pintor Mágico na Terra das Molduras", do Baile Municipal do Clube Doze / Florianópolis
1990 e 1991 – Capa do Catálogo Listel/Telesc – "Ecologia no Ar"
1990 – Primeiro lugar na região Sul no Prêmio Concorrência FIAT/MASC
1995 - Primeiro lugar na exposição "Semana da Marinha"/ São Francisco do Sul
1995 - Primeiro Lugar em Originalidade no Baile Municipal do Clube Doze com a fantasia "Navegando nas Águas da Conceição"
1996 - Primeiro Lugar em Originalidade no Baile Municipal com a fantasia "Poeta Maior e a Natureza"
1997 - Primeiro Lugar no Baile Municipal do Clube Doze com a fantasia "Rapariga Bonita"

Instalações e Performances

1975 / 1981 - Trabalhou sete anos com Franklin Cascaes na montagem dos presépios da Praça XV de Novembro, em Florianópolis

1987 - 19. Bienal de São Paulo : Como o "Mago das Pandorgas Catarinense", recepcionando o ex-governador Orestes Quércia

1991 - Grupo Dizzy, Florianópolis, "Performance bruxólica" com indumentária e textos resgatados do folclore ilhéu pelo professor Franklin Cascaes

1992 - Fundação Cultural Prometheus Libertus, Florianópolis, como um menestrel em roupas de jornais acompanhado de bailarinas na atuação musical: "Flores e Pipas, Viva Floriapa"

1993 - Associação Catarinense dos Artistas Plásticos, na abertura da exposição de pinturas de Vera Sabino e Semy Braga, a performance musical com bailarinas: "Voa Floripa"

Citações do Artista

1982 - Segunda Arte Sul América Brasil (consta nome e endereço do artista)

1984 - Arte de Santa Catarina, editado pela Fundação Armando Alvares Penteado /SP (fotos)

1985 - Boletim da Comissão Catarinense de Folclore (pág. 137 – foto de "Pandorgas")

1988 - Indicador Catarinense das Artes Plásticas (citado na pág.21)

1990 - Revista Veja, na contra-capa (relação dos vencedores do Prêmio Concorrência Fiat 1990, constando nome do artista)

1990 - Folha de São Paulo, Correio do Povo (Campinas/SP)
Zero Hora (Rio Grande do Sul)
Diário Catarinense, A Notícia, O Estado (Santa Catarina)

1991 - Revista Veja, edição 1208 (foto das capas das listas telefônicas da Listel, pág. 79 – "O Brasil na ponta dos dedos"

1996 - Santa Catarina "A Ilha" (Fundação Prometheus Libertus)

1997 - Carnaval em Florianópolis - "Átila Ramos"

1997 - Sob a luz da pomboca – Aldírio Simões

Valdir Agostinho

Valdir Agostinho e Falcão durante gravação do programa "Vídeo Show" / TV Globo / 1996

Valdir Agostinho com Marília Gabriela/1995 (Programa Cara a Cara – TV Bandeirantes)

Última página

O vôo alto de Valdir

SEM PAPAS NA LÍNGUA

O DISCO

DÉLIO DE SOUZA

Leiloeiro Público Oficial de SC

Planejamento, Assessoria e Execução de Leilões

Rodovia BR-101 - Km 214 - Parque de Leilões - Palhoça-SC
Fone (048) 242-2011 - 242-2211 - Fax (048) 242-3077 - CEP 88130-000

*** LEILÕES PROGRAMADOS PARA JULHO/97 ***

ECT/Correios – Veículos e Motocicletas

Dia: 23.07.97 – **Horário:** 15:00 horas

Local: Rua Nossa Senhora do Rosário, 74 – Estreito – Garagem da ECT – Fpolis/SC.

O folclórico performático Valdir Agostinho é um dos vencedores e recebe R$ 12 mil para gravar 'A Hora do Mané'

Definidos vencedores do edital Incentivo às Artes

Apesar de problemas com documentações, aumenta participação. FCC premia 60 obras com R$ 386 mil

Um total de R$ 386 mil foram distribuídos entre 60 premiados no Editais de Incentivo às Artes, da Fundação Catarinense de Cultura. Os resultados foram divulgados na última terça-feira e destacam o município de Itapiranga, vencedor em três áreas, e Valdir Agostinho, que ganha R$ 12 mil para gravar o CD "A Hora do Mané". Mas apesar da evolução dos editais do Projeto Cultura Viva, os problemas com documentação continuam numerosos.

"No ano passado tivemos 167 inscritos e, em 97, este número subiu para 216 participantes. O percentual de aproveitamento dos R$ 403 mil disponíveis para as premiações também aumentou", diz o diretor geral da FCC, Paulo Arenhart.

As áreas mais atingidas por problemas de documentação foram a dança - onde, de um total de cinco obras previstas, somente quatro trabalhos foram premiados, e folclore, que contou com apenas sete premiados, quando eram esperados 15.

Segundo o diretor de arte da FCC, Charles Narloch, os problemas mais comuns são documentos vencidos, falta de documentação, CGC e a mania de deixar tudo para a última hora. Isso, somado à desqualificação em outras áreas e o fato de não haver nenhuma inscrição em finalização em vídeo, justifica o dinheiro economizado pelo Tesouro Nacional.

"Há 30 anos eu sou artista plástico, mas nem me inscrevi nessa área porque eu tinha medo de não me classificar em música", diz Valdir Agostinho. Com Guinha Ramirez e Nani na sua banda, ele tinha mais esperanças neste ano. "Eu queria o CD. Nem que fosse para eu botar na prateleira pra pegar poeira", brinca ao melhor estilo manezinho.

Cadastro Prévio - Para evitar os problemas com documentação, Arenhart anuncia para o próximo ano um Cadastro Prévio. "Primeiro vamos habilitar o artista e depois ele passa só pela avaliação técnica. Existe a possibilidade jurídica para tanto". A própria FCC vai orientar o interessado na obtenção dos documentos necessários.

O resultado completo dos Editais pode ser obtido no CIC, ou por telefone, junto à FCC. Um total de 27 municípios foram beneficiados e, na avaliação da FCC, os Editais já se consolidaram como uma forma justa, transparente e democrática de apoio à cultura.

Novos projetos aprovados

Cultura Viva divulga vencedores dos editais e beneficia 60 projetos

FLORIANÓPOLIS

Divulgados os vencedores dos editais do Projeto Cultura Viva, criado pela Fundação Catarinense de Cultura. Os R$ 386 mil dos R$ 403 mil disponíveis para os vencedores das onze áreas irão beneficiar 60 projetos inscritos, provenientes de 27 municípios catarinenses. A diferença, R$ 17 mil, deixa de ser distribuída porque em alguns setores os interessados não apresentaram qualidade técnica ou documentação suficiente, no entender das comissões organizadoras, embora algumas tenham resolvido dividir a verba restante entre os melhores projetos.

Entretanto foi maior percentual de aproveitamento da verba oferecida pelo Governo do Estado, nos três anos de Projeto. O superintendente da FCC, Paulo Arenhart, explica que a habilitação jurídica melhorou bastante na edição de 1997 mas ainda apresenta muitas deficiências. A falta de CDC, certidões negativas e registro da Biblioteca Nacional para utilização de obras (principalmente nas categorias Cinema e Vídeo e gravação de CDs) são comuns, assim como a apresentação de documentos com datas vencidas. "Muitos problemas acontecem devido ao costume de deixar tudo para a última hora, mesmo com 90 dias de prazo para a habilitação", comenta Arenhart.

No caso dos grupos de dança Eclética, por exemplo, haviam 20 inscritos para 15 premiações. Somente seis concorrentes estavam habilitados juridicamente. Já para grupos de dança (demais modalidades) havia a possibilidade de cinco premiações, dos nove inscritos, seis se habilitaram. Mas a comissão julgou que somente quatro eram tecnicamente viáveis.

Tudo isto fez com a FCC repensasse a maneira de lançar o edital. Os organizadores estão estudando uma forma de pré cadastrar produtores, orientando os que já tiveram problemas e os que desejam concorrer pela primeira vez. Eles se habilitariam previamente e no lançamento do Edital só precisariam atualizar alguns dados. Com a mesma finalidade está sendo prevista a organização de seminários sobre o assunto.

A FCC também está se tornando mais rigorosa ao cobrar a realização dos projetos. Na primeira edição os editais previam apenas a prestação de contas jurídica e não técnica. Isto possibilitava o fato do vencedor comprovar gastos sem ter concluído a proposta. Atualmente o proponente tem oito meses para finalizá-la. Se pressupõe um projeto cujo orçamento extrapole a verba oferecida para sua categoria terá que buscar complementação através de outros meios. Mas não estará isento de prestar contas.

Não conseguindo atingir o estágio final da produção a FCC analisa se o projeto está ou não em andamento. Caso não esteja, a instituição entra na Justiça pedindo a devolução da verba. Foi o caso de um dos vencedores da categoria restauração, no ano passado. O proprietário do Conventinho Frei Rogério, de Lages, ao invés de restaurar derrubou o prédio e está sendo acionado.

Um bom resultado do Projeto Cultura Viva é a inauguração da Casa de Taipa, em Pomerode, marcada para dia 22 de julho.

CARLOS SOLIANI/ARQUIVO DO DIÁRIO

FOLCLORE: Valdir Agostinho é um dos premiados e grava o CD A Hora do Mané

Inscrições para oficinas do CIC já estão abertas

FLORIANÓPOLIS

Estão abertas as inscrições para as Oficinas de Arte do CIC (Centro Integrado de Cultura) nas áreas de Artes Plásticas, Artes Cênicas, Dança, Música, Fotografia, Design, Cinema e Vídeo. As inscrições custam R$ 15,00, valor que também inclui a matrícula. Cada área tem um preço mensal que pode variar entre R$ 25,00 e R$ 100,00, dependendo da oficina escolhida e do material que será empregado.

Na área de Artes Plásticas são oferecidas 17 oficinas com destaque para as de Pintura (com Rubens Oestroen); Papel Reciclado (Patrícia Amante); Pintura com Pigmentos Naturais (com Laércio Luiz); Batik na Arte-Educação (com Mariana Frotengarten) e Vidro (com Rosa Bortolin). Em Artes Cênicas são 7, entre elas Malabarismo e Acrobacia Para Crianças e Adultos (com Simone Matos); Ginástica Cênica na Proposta de Treinamento Para Ator (com Marisa Nagpolini e Lau Santos) e Teatralização (com Ricardo Busty).

Na área de dança são oferecidas Jazz Intermediário (com Valéria da Silva Moreira); Dança Moderna (com Diana Solari) e Dança Contemporânea (com Diana Gilardeaghi). Em Fotografia serão duas oficinas com Sônia Maria Sales e Fábio Lago enquanto que em Cinema e Vídeo há apenas uma opção: Oficina de Cinema (com Eduardo Paredes). Em Música serão oferecidas oito modalidades com destaque para Canto e Movimento (com Cibele de Oliveira) e Piano, Teclado, Técnica Vocal e Técnica e Expressão Vocal (com Wania Kallas). Maiores informações poderão ser obtidas diretamente no CIC (Avenida Irineu Bornhausen, 5.000 - Agronômica - Fone: 234-2166).

VENCEDORES

Restauração (R$ 12 mil por projeto)
- ☐ Arquivo Municipal (São Bento do Sul)
- ☐ Casarão da Fazenda São Jorge (Urussanga)
- ☐ Casa Sraus (Pedras Grandes)
- ☐ Casa da Cruta (Pomerode)
- ☐ Casa de Anita (Laguna)

• Museus (R$ 10 mil por projeto)
- ☐ Museu Histórico São Jorge (Guaramirim)
- ☐ Museu de Fundição (Joinville)
- ☐ Museu Municipal Emílio Silva (Araquari do Sul)
- ☐ Museu Histórico Thiago de Castro (Lages)
- ☐ Museu do Vinho (Videira)

• Grupos de Teatro

Produção de espetáculos inéditos (R$ 7,5 mil por projeto)
- ☐ Dente a Igual - Grupo Teatro Sim... Por Que Não?!! (Florianópolis)
- ☐ Ele Uma Vez no Sítio - Tilápia Cia. de Teatro (Itajaí)

Manutenção de espetáculos (R$ 5 mil por projeto)
- ☐ Vive Nunca Viv/Quatro - Grupo A da Teatro e Atividades Artísticas (Florianópolis)
- ☐ A Busca do Ouro - Andrade Teatral Produções (Itajaí)
- ☐ Guerreiras em Segunda - Grupo Teatral Força Jovem (Concórdia)

• Grupos de Patinação Artística (R$ 6 mil por projeto)
- ☐ Clube de Patinação Danúbio Azul (Itapiranga)
- ☐ Academia Style de Patinação Artística Ltda. (Joinville)
- ☐ Clube de Patinação Grazadia (Rio do Sul)

• Dança Folclórica e Folguedos Populares (R$ 3 mil por projeto)
- ☐ Sec. Rec. Imigrantes - Grupos Folclórico Imigrantes (Itapiranga)
- ☐ Grupo Folc. Vina, Amore e Tradizione (Urussanga)
- ☐ Liga do Soc. Joinvileses - Tanz Und Trachten-grupe (Joinville)
- ☐ Grupo Folc. Germânico Sônnos Volksland-grupe (Pomerode)
- ☐ Assoc. Coral Vozes da Primavera - Grupo de Danças Teto Germânico (São Miguel do Oeste)
- ☐ Assoc. de Pais e Deficientes Auditivos e da Fala - Grupo Folc. Suíço Edelweiss (Porto União)
- ☐ Grupo Aú Capoeira Afro Show (Florianópolis)

• Grupos de Dança

Espetáculos inéditos (R$ 7,5 mil por projeto)
- ☐ Violência - Cena 11 Cia. de Dança (Florianópolis)
- ☐ U Ailéwó - Viga Grupo de Dança (Florianópolis)

Manutenção de espetáculos (R$ 5 mil por projeto)
- ☐ Impressões de Nova York e Brasil Tua Dança - Cia. Joinvileses de Dança/Companhia (Joinville)
- ☐ Bolero de Ravel - Grupo de Dança Nandi Bonduki (Lages)

• Gravação de CDs

(R$ 12 mil por projeto)
- ☐ Tarde de Consonância, de Cibele Oliveira - Apika Cooperativa de Arte (Florianópolis)
- ☐ A Hora do Mané, de Valdir Agostinho - Cia. de Cultura (Florianópolis)
- ☐ Solidão, de José Brito e Janet Machado Ferreira - Pimenta do Reino Produções Ltda. (Florianópolis)

(R$ 6 mil por projeto)*
- ☐ Vale a Pena Viver, de Maria Helena - Cynthel Com. Repres. Imp. Exp. Ltda. (São José)
- ☐ Pelado Aconteceu, de Jorge Coelho - Pimenta do Reino Prod. Ltda. (Florianópolis)

OBS.: Como não houve inscrições para a finalização de CDs a Comissão Organizadora deste área decidiu oferecer os R$ 12 mil que lhes seriam destinados para o quarto e quinto melhores projetos selecionados.

• Corais (R$ 3 mil por projeto)
- ☐ Assoc. Coral Mun. São José (Coronel Freitas)
- ☐ Soc. Ginástica e Desp. São Bento - Coral Edelweiss (São Bento do Sul)
- ☐ Coral Santa Cecília da Catedral Metropolitana de Florianópolis
- ☐ Prof. Municipal de São Joaquim - Coral Mun. São Joaquim
- ☐ Coral São Lourenço (São Lourenço D'Oeste)
- ☐ Coral Santo Antônio dos Anjos (Laguna)
- ☐ Coral Vozes da Primavera (São Miguel D'Oeste)
- ☐ Soc. de Cantores Sta. Cecília de Peritiba
- ☐ Assoc. Coral de Criciúma
- ☐ Assoc. Coral Villa Lobos (Itajaí)

• Cinema e Vídeo

Cinema - produção (R$ 30 mil)
- ☐ Novembrada - Carlos Eduardo Paredes (Florianópolis)

Cinema - finalização (R$ 10 mil)
- ☐ Bruxa Viva - Lena Bastos (Florianópolis)

Vídeo - produção (R$ 15 mil)
- ☐ Mineropol: Um Cometa de Boi - José da Silva Júnior (Florianópolis)
- ☐ A História Não Escrita - Prostituição em Lages - Lena Bastos (Florianópolis)

OBS.: Não houve inscrições para finalização de vídeo.

• Bandas Musicais (R$ 5 mil por projeto)
- ☐ Sociedade Musical União Tijuquense (Tijucas)
- ☐ Sociedade Musical Carlos Gomes (Laguna)
- ☐ Sociedade Musical e Recreativa Amor à Pátria (Laguna)
- ☐ Banda Padre José Maurício (Mafra)
- ☐ Banda Musical Santos Anjos (Porto União)
- ☐ Banda de Fundação Cultural de Itapiranga (Itapiranga)

• Artes Plásticas (R$ 3 mil por projeto)
- ☐ Paulo Geisel - desenho (Florianópolis)
- ☐ Lúcia Costa - tecelagem (Florianópolis)
- ☐ Antônio de Moraes Ramos - objetos (Florianópolis)
- ☐ Lana Pelzer - pintura (Florianópolis)
- ☐ Jorge Ferro - escultura (Criciúma)

DIÁRIO CATARINENSE, 19/03/1997

Música

Lei Rouanet beneficia DAC

Recursos ajudam a conclusão do prédio e abrigará o Centro de Cultura e Extensão da Universidade Federal e outros importantes projetos

Florianópolis

Três milhões, seiscentos e noventa e um reais parece uma cifra imensa. Mas a quantidade de eventos em que o Departamento Artístico e Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina é capaz de promover com esse dinheiro também é grande. Este valor é a soma das verbas que o DAC necessita para realizar nove dos seus projetos, todos eles aprovados pela Lei Rouanet para capacitação de verbas junto a iniciativa privada.

O maior, e talvez mais importante, é a finalização do centro de cultura e extensão da UFSC. até o momento 40% do prédio foi construído e as obras, iniciaram 1996, hoje se desenvolvem um ritmo lento. Zeca Pires, diretor do DAC, auditório para 600 pessoas se encontra em estágio adiantado e que a universidade possui recursos suficientes para finalizá-lo, embora não para equipá-lo.

ATRASO - O cinema para 200 pessoas, as sete oficinas de artes, a sede administrativa do DAC e a Cinemateca Catarinense, entretanto, estão apenas na estrutura básica. Para estes setores do Centro faltam R$ 2,8 milhões. Além dos benefícios fiscais a UFSC, que até agora investiu um valor um pouco maior que este no prédio, está oferecendo o nome do auditório, do cinema e das oficinas, placas e vinhetas a serem exibidas no início das projeções cinematográficas, como contrapartida para empresas que apoiam financeiramente.

A segunda maior verba viabilizaria a realização do II Entepola (Encontro de Teatro Popular). Trezentos e oitenta mil reais serviriam para proporcionar uma participação maior de grupos e melhorar a infraestrutura. A data previstaé [sic] o mês de julho. A II Mostra de Teatro e Educação, projeto pioneiro no Estado organizado em conjunto

com a UDESC, precisa de R$ 28 mil para repetir o sucesso da primeira edição, que ocorreu no segundo semestre de 1996.

Para ampliar o mural cerâmico criado por Rodrigo de Haro para o prédio da reitoria, serão necessários mais R$ 200 mil. Somente 50% da fachada foi realizada. Ainda falta o restante destas e as laterais. Outra obra de arte de expressão no currículo catarinense se beneficiará com a

[Legendas]

[Foto de Valdir em PB, ocupando quase uma página inteira, à direita]

SUCESSO: O multiartista florianopolitano Valdir Agostinho foi uma das atrações mais expressivas do Doze e Trinta desde sua criação

[Foto da obra na UFSC, embaixo à esquerda]

PALCO: Obras do Centro de Cultura e Extensão devem ficar prontas ano que vem.

Música

Lei Rouanet beneficia DAC

Doze e Trinta traz Rock'arei e duo de violões

Lei Rouanet bei

Recursos ajudam na conclusão do prédio que abrigará o Centro de Cultura e Exte

FLORIANÓPOLIS

Três milhões, setecentos e trinta e um reais parece uma cifra imensa. Mas a quantidade de eventos em que o Departamento Artístico Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina é capaz promover com esse dinheiro também é grande. Este valor é a soma das verbas que o DAC necessita para realizar cinco dos seus projetos, todos eles aprovados pela Lei Rouanet para captação de verbas junto a iniciativa privada.

O maior, e talvez mais importante, é a finalização do Centro de Cultura e Extensão da UFSC. Até o momento 40% do prédio foi construído e as obras, que iniciaram em 1996, hoje se desenvolvem em ritmo lento. Zeca Pires, diretor do DAC, explica que o auditório para 1.600 pessoas se encontra em estágio adiantado e que a Universidade possui recursos suficientes para finalizá-lo, embora não para equipá-lo.

ATRASO - O cinema para 200 pessoas, as seis oficinas de arte, a sala administrativa do DAC e a Cinemateca Catarinense, entretanto, estão apenas na estrutura básica. Para estes setores do Centro faltam R$ 2,5 milhões. Além dos benefícios fiscais a UFSC, que até agora investiu um valor um pouco maior que este no prédio, está oferecendo o nome do auditório, do cinema e das oficinas, placas e vinhetas a serem exibidas no início dos projetos cinematográficos, como contrapartida para empresas que apoiem financeiramente.

A segunda maior verba viabilizada a realizado do II Bienpoli (Encontro de Teatro Popular). Trezentos e oitenta mil reais serviriam para proporcionar uma participação maior de grupos e melhorar a infra-estrutura. A data prevista é o mês de julho. A II Mostra de Teatro e Educação, um projeto pioneiro no Estado organizado em conjunto com a UDESC, precisa de R$ 28 mil para repetir o sucesso da primeira edição, que ocorreu no segundo semestre de 1996.

Para ampliar o mural cerâmico criado por Rodrigo de Haro para o prédio da reitoria, serão necessários mais R$ 200 mil. Somente 50% da fachada foi realizada. Ainda falta o restante dunas e as laterais. Outra obra de arte de expressão no município catarinense se beneficiará com a captação de recursos. O painel *Humanidade*, que Hassis pintou em 1978 na Igrejinha da UFSC, está se deteriorando pela ação do tempo, além de ter sofrido com as reformas do local. Para restaurá-lo, com ajuda dos próprios estudantes e sob a coordenação de um profissional, precisa-se de R$ 70 mil, conforme Zeca Pires.

Um projeto atualmente abandonado pode voltar a agitar o meio artístico. O Salão Estadual Universitário de Artes Plásticas parou em sua oitava edição e agora pode ser retomado, premiando talentos nas áreas de cerâmica, desenho, gravura, pintura, escultura, fotografia, instalação, vídeo e performance. Se R$ 22 mil puderem ser reunidos para início IX Salão acontece ainda em novembro. O montante necessário foi dividido em cotas e os prêmios para cada categoria levarão o nome da empresa apoiadora. Zeca Pires ressalta a importância deste evento. "Eu mesmo ganhei meu primeiro prêmio com um trabalho super 8 quando era estudante", conta Zeca, também cineasta.

PROJETO 12:30 - Uma antiga promoção do DAC está na lista da Lei Rouanet. O Projeto 12:30, que acontece esporadicamente desde 1986 e sistematicamente há desde 1993, precisa de verbas para se manter sua infra-estrutura e para manter-se ativo. Ele é o responsável por eventos na Concha Acústica, às 12h30min das quartas-feiras, proporcionando o contato dos estudantes com talentos emergentes ou já sólidos de música, dança, teatro, artes plásticas e folclore. Também ligada ao 12:30 está a concepção de um CD que reúna os participantes mais expressivos destes quatro anos de corrida. Para isto, R$ 59 mil.

Encerrando, por enquanto, a proposta Coral na Escola. Através dela o coral da UFSC reorganizaria grupos musicais em escolas de pré, 1º e 2º graus. O valor está estimado em R$ 120 mil.

Zeca Pires salienta que a captação de recursos junto a iniciativa privada é uma tendência mundial e que a Universidade, frente a crise financeira que está passando, precisa recorrer a ela. "Atualmente vale mais para a empresa melhorar sua imagem investindo na comunidade do que guardando o dinheiro em um cofre", resulta. A captação é feita através da Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão Universitária (Fapeu).

Veja o que as mulheres de 72 países fizeram para passar na fase do verão
048 222-7188
FAÇA UMA SESSÃO EXPERIMENTAL GRÁTIS
Up-clinique

HOTEL FAZENDA POUSADA DO MONTE
Um refúgio junto a natureza com muito ozon
RES/FONE: (048) 277-0141.

ROOTS RECORDS
CD's NACIONAIS E IMPORTADOS
DISCOS NOVOS E USADOS
CAMISETAS, VITRÔS E ADESIVOS
Felipe Schmidt, 349 - ABS - 3º Piso - Fone: (048) 323-1134

PALCO: Obras do Centro de Cultura e Extensão devem ficar prontas em que vem

Doze e Trinta traz Rock'arei e duo de violões

O Campus da UFSC oferece duas opções musicais para seus freqüentadores e à comunidade. No projeto Doze e Trinta se apresenta a Banda Rock'arei, que em breve estará lançando seu primeiro CD pelo selo Microbio. O grupo é formado por Jefferson Mello (bateria), Bruno de Mello (guitarra), Rogério Otto (vocal) e Emerson Soares (baixo). O show acontece na Concha Acústica que está instalada perto do Centro de Comunicação e Expressão.

Às 20h30min, no projeto Igrejinha Instrumental, o duo de violões Terra Brasília. Neste show os violonistas Otávio Rosa e Edson de Oliveira interpretam obras de Garoto e Bellinati, além de composições próprias. O show é realizado na Igrejinha da UFSC e os ingressos custam R$ 6,00. Estudantes pagam meia entrada.

O PEIXE FRESCO
Uma publicação do Mercado Público de Florianópolis
Ano 2, nº 13, Maio/1997

Folclore

Dia de sol, pandorgas no céu

No dicionário a pandorga está descrita como um “nome comum às várias formas de brinquedo de criança que consiste numa armação leve feita de varetas e forrada com papel, e que os meninos soltam ao vento, por rneio de um fio longo”. A tradição da pandorga é milenar. Afinal, no século 19, Thomas Edison descobria a eletricidade Com a ajuda de um brinquedinho desses. antigamente, os grandes Palácios utilizavam na para enviar recados.

Aqui na ilha a pandorga também tem sua tradição. Segundo Valdir Agostinho, um dos maiores pipeiros do Brasil, a pandorga era uma arte funcional, usada para pesca. Ela era amarrada em uma pedra que continha o espinhel (vários anzóis com iscas) e o vento a levava para o fundo do mar. No fim do dia, os pescadores puxavam a pandorga e “enchiam muitos balaios de peixe”, conta Valdir Agostinho.

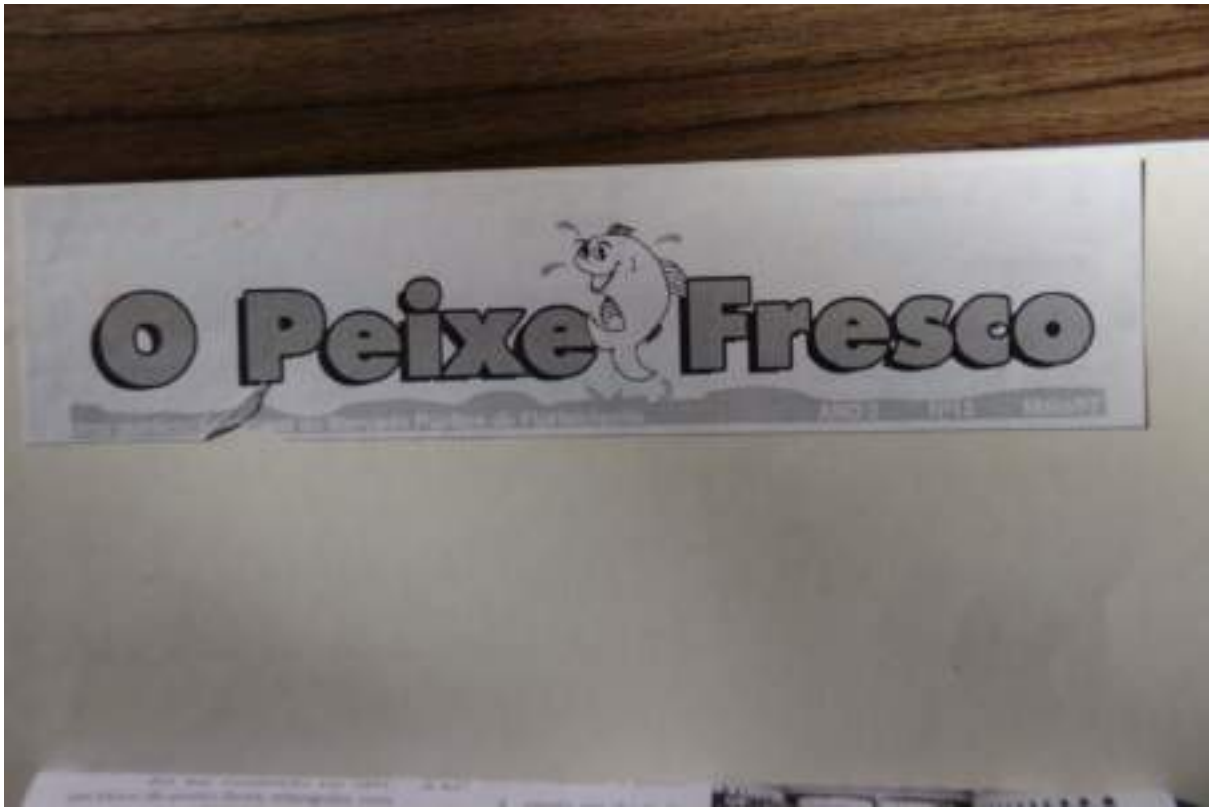
Agostinho faz pipa desde Pequeno e creceu [sic] fazendo isso. hoje ele viaja o Brasil com suas mostras e carrega na bagagem diversas premiações conquistadas com seu trabalho. “Soltar pandorga é para mim o maior contato que se tem com o céu. É minha grande satisfação”, confessa ele que já fez uma pipa de 6m X 3m.

O tempo passou e a tradicional pandorga, de duas varetas, virou diversão, com algumas mudanças. As pandorgas comuns agora são pipas, vindas de São Paulo, e são feitas de três varetas. Mas independente do “sotaque” da pandorga, o fato é que hoje é comum ver centenas de pandorgas embelezando o céu da Ilha.

Para quem quer a típica pandorga ilhoa, Agostinho passa a lição: pegue duas varetas de bambu, faça um X e amarre com barbante. Recorte um retângulo de plástico e amarre em cada uma das quatro pontas da vareta com o barbante. Depois é só botar uma rabiola (duas tiras de pano de 3 a 5 metros), amarrá-la em um fio de nylon e brincar!.

Dica: para soltar pandorgas maiores, escolha dias de vento forte.

[Legenda]
Valdir Agostinho na Barra da Lagoa: muitos prêmios e um estoque de 300 pandorgas
[Foto: Marina Moros]



O Peixe Fresco

FOLCLORE

Dia de sol, pandorgas no céu

O ESTADO, 16/07/1997(b)

Definidos vencedores do edital Incentivo às Artes

Apesar de problemas com documentações, aumenta participação. FCC premia 60 obras com R$ 386 mil

Um total de R$ 386 mil foram distribuídos entre 60 premiados no Editais de Incentivo às Artes, da Fundação Catarinense de Cultura. Os resultados foram divulgados na última terça-feira e destacam o município de Itapiranga, vencedor em três áreas, e Valdir Agostinho. que ganha R$ 12 mil para gravar o CD "A Hora do Mané". Mas apesar da evolução dos editais do Projeto Cultura Viva, os problemas com documentação continuam numerosos.

“No ano passado tivemos 167 inscritos e, em 97, este número subiu para 216 participantes O percentual de aproveitamento dos R$ 403 mil disponíveis para as premiações também aumentou", diz o diretor geral da FCC, Paulo Arenhart.

As áreas mais atingidas por problemas de documentação foram a dança – onde, de um total de cinco obras previstas, somente quatro trabalhos foram premiados, e folclore, que contou com apenas sete premiados, quando eram esperados 15.

Segundo o diretor de arte da FCC, Charles Narloch, os problemas mais comuns são documentos vencidos, falta de documentação, CGC [atual CNPJ] e a mania de deixar tudo para a última hora. Isso, somado à desqualificação em outras áreas e o fato de não haver nenhuma inscrição em finalização em vídeo, justifica o dinheiro economizado pelo Tesouro Nacional.

“Há 30 anos eu sou artista plástico, mas nem me inscrevi nessa área porque eu tinha medo de não me classificar em música”, diz Valdir Agostinho. Com Guinha Ramirez e Nani [Lobo] na sua banda, ele tinha mais esperanças neste ano. “Eu queria o CD. Nem que fosse para eu botar na prateleira pra pegar poeira”, brinca ao melhor estilo manezinho.

Cadastro Prévio – Para evitar os problemas com documentação, Arenhart anuncia para o próximo ano um Cadastro Prévio. “Primeiro vamos habilitar o artista e depois ele passa só pela avaliação técnica. Existe a possibilidade jurídica para tanto”. A própria FCC vai orientar o interessado na obtenção dos documentos necessários.

O resultado completo dos Editais pode ser obtido no CIC, ou por telefone, junto à FCC. Um total de 27 municípios foram beneficiados e, na avaliação da FCC, os Editais já se consolidaram como uma forma justa, transparente e democrática de apoio à cultura.

[Legenda]
O folclórico petformático Valdir Agostinho é um dos vencedores e recebe R$ 12 mil para gravar 'A Hora do Mané' [foto: Laureci Cordeiro]

Lauro Cordeiro/OE

O folclórico performático Valdir Agostinho é um dos vencedores e recebe R$ 12 mil para gravar "A Feira do Mané"

Definidos vencedores do edital Incentivo às Artes

Apesar de problemas com documentações, aumenta participação. FCC premia 60 obras com R$ 386 mil

Um total de R$ 386 mil foram distribuídos entre 60 premiados no Editais de Incentivo às Artes, da Fundação Catarinense de Cultura. Os resultados foram divulgados na última terça-feira e destacam o município de Itapiranga, vencedor em três áreas, e Valdir Agostinho, que ganha R$ 12 mil para gravar o CD "A Feira do Mané". Mas apesar da evolução dos editais do Projeto Cultura Viva, os problemas com documentação continuam numerosos.

"No ano passado tivemos 167 inscritos e, em 97, este número subiu para 216 participantes. O percentual de aproveitamento dos R$ 403 mil disponíveis para as premiações também aumentou", diz o diretor geral da FCC, Paulo Arenhart.

As áreas mais atingidas por problemas de documentação foram a dança - onde, de um total de cinco obras previstas, somente quatro trabalhos foram premiados, e folclore, que contou com apenas sete premiados, quando eram esperados 15.

Segundo o diretor de arte da FCC, Charles Narloch, os problemas mais comuns são documentos vencidos, falta de documentação, CGC e a mania de deixar tudo para a última hora. Isso, somado à desqualificação em outras áreas e o fato de não haver nenhuma inscrição em finalização em vídeo, justifica o dinheiro economizado pelo Tesouro Nacional.

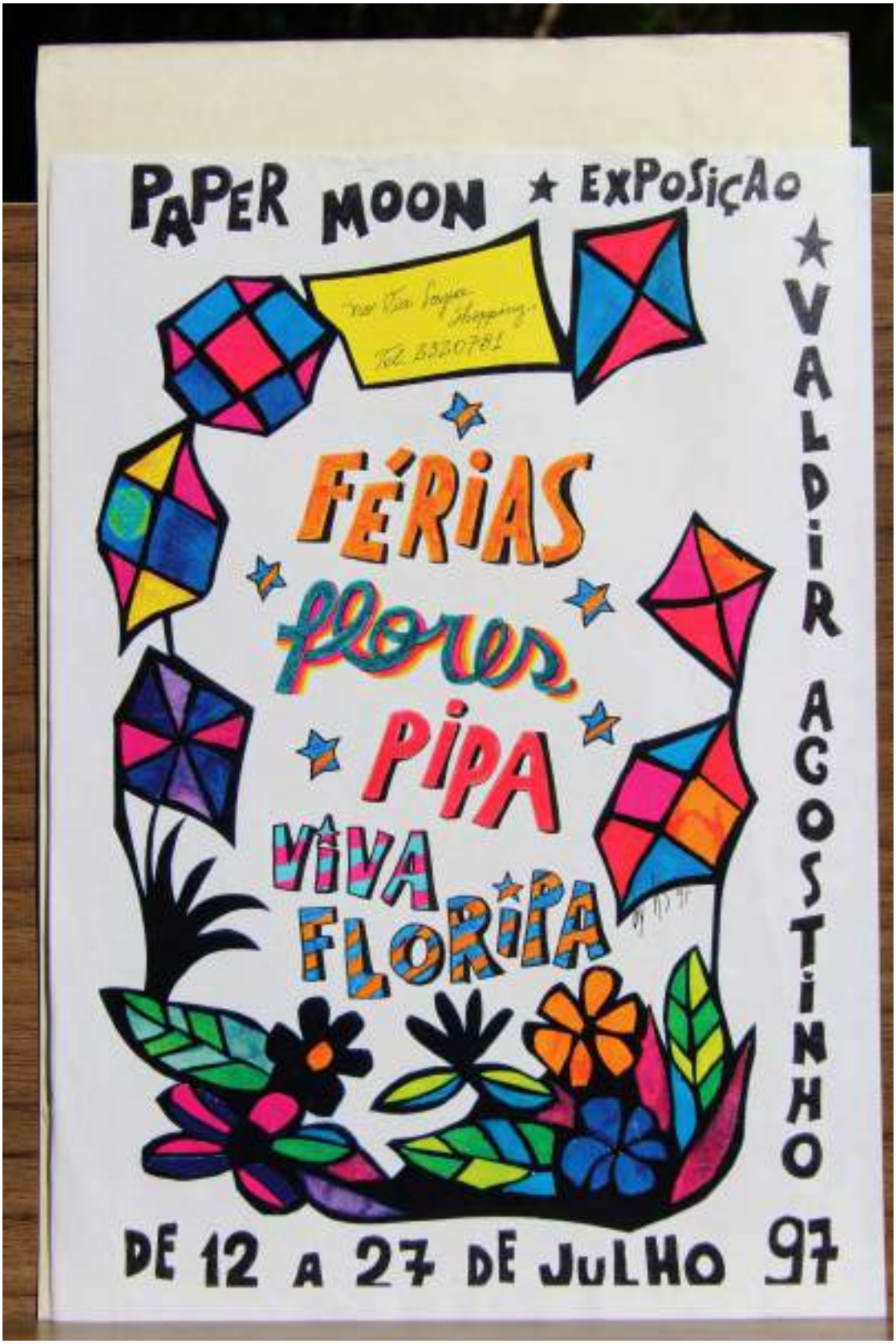
"Há 30 anos eu sou artista plástico, mas nem me inscrevi nessa área porque eu tinha medo de não me classificar em música", diz Valdir Agostinho. Com Gisinha Ramirez e Nani na sua banda, ele tinha mais esperanças nesse ano. "Eu queria o CD. Nem que fosse para eu botar na prateleira pra pegar poeira", brinca ao melhor estilo manezinho.

Cadastro Prévio - Para evitar os problemas com documentação, Arenhart anuncia para o próximo ano um Cadastro Prévio. "Primeiro vamos habilitar o artista e depois ele passa só pela avaliação técnica. Existe a possibilidade jurídica para tanto". A própria FCC vai orientar o interessado na obtenção dos documentos necessários.

O resultado completo dos Editais pode ser obtido no CIC, ou por telefone, junto à FCC. Um total de 27 municípios foram beneficiados e, na avaliação da FCC, os Editais já se consolidaram como uma forma justa, transparente e democrática de apoio à cultura.

EXPOSIÇÃO PAPER MOON

[Loja de presentes e papelaria na Lagoa da Conceição]



DIÁRIO CATARINENSE, 15/02/1998(a)

Revista DC
Asas à imaginação

Rumo ao infinito

Pandorga, papagaio ou pipa? Não importa. O que vale é a liberdade que este brinquedo oferece

Adriana Baldissarelli
Florianópolis

A alma de uma criança risca o céu na carona de uma pandorga. Pouco importa que na extremidade do fio esteja pendurado um marmanjo passado há muito da idade de folgar pelas ruas. Brinquedos como esse, que levam olhos fascinados para o colorido dos céus, são património do coração adulto que não perdeu o latejar da infância. O folclorista Valdir Agostinho [mais uma denominação para ele], 41 anos, morador da Barra da Lagoa, no Leste da Ilha de Santa Catarina, fez da pandorga uma história de vida.

A diversão de sua infância virou hábito, profissão, obra de arte. “O que fascina é a maneira de soltar a pandorga: a sensação de se sentir solto no espaço junto com ela. Parece que também a alma da gente está livre, vagando pelos mistérios do céu”, afirma Agostinho. Desde criança, ele faz pandorgas: foi seu primeiro brinquedo e aquele que mais o interessou.

Já na idade adulta ajudou a organizar e passou a concorrer nos festivais de pandorgas da cidade. Ganhou o primeiro lugar por 18 anos consecutivos. O *hour concours* foi elaborando tanto suas produções que lhes conferiu status de obra de arte. Para dividir com crianças ou adultos a alegria de brincar com pandorgas, Agostinho realiza oficinas ensinando a confeccionar as peças.

“As pessoas tem [sic] *fome de pandorga,* isso está dentro delas, não há quem não tenha uma história sobre pandorgas ou quem não se divirta ao empinar uma”. Basta, segundo o mestre, um pedaço de papel seda quadrado de 40 por 40 centímetros· duas varetas coladas no papel em forma de cruz, algumas tiras de papel para fazer a rabiola e um fio de *nylon* para se iniciar na brincadeira. Para tornar mais elaborado o

passatempo, pode ser usado papel celofane e tintas de várias cores. O segredo para as pandorgas maiores, explica Agostinho, é dar o equilíbrio da pandorga com rabiolas mais pesadas feitas com tiras de pano.

[Legenda: foto da pandorga]
AO VENTO: Pandorga batizada de "Flor de Renda" conquista um lugar entre as nuvens

[Legenda: foto maior, com VA]
PALAVRA DE MESTRE: O folclorista e músico Valdir Agostinho (D) garante que não há quem não tenha uma história sobre pandorgas ou não se divirta empinando uma

[foto: Carlos Kilian – Florianópolis]

Rumo ao infinito

Pandorga, papagaio ou pipa? Não importa. O que vale é a liberdade que este brinquedo oferece

Adriana Baldissarelli
FLORIANÓPOLIS

A alma de uma criança mora a céu na carona de uma pandorga. Pouco importa que ela acompanhado do fio-estrela permanecer sob controle pessoal. Ele ajuda a ilusão do fulgor pelas ruas. Brincando como uma, que levam olhos fascinados para o colorido dos céus, são particulares do mundo adulto que não gostam o brilho da infância. O folclorista Valdir Agostinho, 43 anos, morador da Barra da Lagoa, no Leste da Ilha de Santa Catarina, fez da pandorga sua história de vida.

A divisão de seu tempo entre hábito, profissão, ofício de arte. "O que fascina é a maneira de voar a pandorga, a sensação de se sentir solto no espaço junto com ela. Parece que também a alma da gente está livre, vagando pelos mistérios dos céus", afirma Agostinho. Desde criança, ele faz pandorgas. Foi seu primeiro brinquedo e aquele que mais o interessou.

Já na idade adulta, ajudou a organizar e passou a ministrar nos festivais de pandorgas da cidade. Ganhou o primeiro lugar por 18 anos consecutivos. O fazer consumiu-lo não só tanto como produtor que foi conforme a mesma descobrir-se arte. Para dividir com crianças ou adultos a alegria de brincar com pandorgas, Agostinho realiza oficinas ensinando a confeccionar as peças.

"As pessoas vão *fazer de* pandorga, isso está dentro delas, não há quem não tenha uma história sobre pandorgas ou quem não se divirta ao empinar uma". Basta, segundo o mestre, um pedaço de papel seda quadrado - de 40 por 40 centímetros - duas varetas coladas ao papel e formando cruz, algumas tiras de papel para fazer a cauda e um fio de nylon para se iniciar na brincadeira. Para tornar mais elaborado o passatempo, pode-se usar papel colorido e tintas de várias cores. O segredo para as pandorgas manterem, explica Agostinho, é dar equilíbrio da pandorga com caudas mais pesadas. Evitar cair teme de pano.

Conscientes. Hoje ajuda Agostinho não ultrapassa "O meu conhecimento, depois de mantê-lo em uma pandorga feita e colorida, é fazer o vento para ver se ela vai." Ele recomendou Agostinho que o pensamento é uma verdade, a criação das verdades que faz as pessoas engrandecer ou de se tornarem o contemplarem o infinito. Sonhem que pode ... ajudado não está trabalhando com pandorgas - longe mas estudos pelos anos por parte divertidamente.

FOTOS CARLOS BRUCH DE PAULA

AO VENTO: Pandorga batizada de "Flor de Renda" conquista um lugar entre as nuvens

PALAVRA DE MESTRE: O folclorista e artesão Valdir Agostinho: Eh garante que não há quem não tenha uma história sobre pandorga ou não se divirta empinando uma

CallBox Férias! Quem tem CALL BOX no celular aproveita cada minuto. Secretaria Eletrônica 0800 48-0848

DIÁRIO CATARINENSE, 19/02/1998(b)

Verão
Prata da Casa

Tudo se transforma

Valdir Agostinho, natural da Barra da Lagoa, transforma "lixo turístico" em obras de arte

Ana Cláudia Menezes
Florianópolis

Carnaval sempre foi motivo de festa na casa dos Agostinho, na Barra da Lagoa. Para chegar ao Centro da cidade, Seu José, hoje com 88 anos, pegava o barco de pesca até a Lagoa da Conceição e, de lá, fretava uma caminhonete até o bairro do Itacorubi para depois apanhar um ônibus que conduziria a família até o lugar da festa. Quem gostava de toda a movimentação era o pequeno Valdir, então com 8 anos. Filho de pescadores, Valdir sabia que o morro da Barra da Lagoa (na época não era asfaltado não passava de um mero obstáculo físico. Um mundo à parte abria-se para Valdir Agostinho.

"Acho que o fato de o meu pai ter me levado ao Carnaval quando eu era pequeno foi muito importante pra mim. Não era qualquer homem da Barra da Lagoa que fazia isso. Meu pai é muito carnavalesco. Agradeço até hoje a ele. A partir dali o mundo mudou pra mim. Parecia que eu via o meu futuro naquela cantoria, nas danças da Nega Tida", lembra Valdir.

Aos 41 anos, o artista Valdir Agostinho continua tirando da cultura popular a grande fonte de inspiração para o seu trabalho. Utilizando exclusivamente material reciclável encontrado pela Ilha de Santa Catarina, ele confecciona fantasias carnavalescas que exploram o folclore local e o que ele chama de "lixo turístico" deixado pelos freqüentadores nas praias. "O lixo está cada vez mais colorido, mais produzido. Acho que o meu trabalho é importante porque passa pela conscientização da preservação do meio ambiente. O artista e as pessoas têm que reciclar. As empresas têm que criar mecanismos para tornar as embalagens retornáveis", aconselha.

MARATONA DE BAILES – O colorido das cadeiras de praia e guarda-sóis será a vedete da fantasia que Valdir vai concorrer na categoria originalidade em pelo menos cinco bailes da Grande Florianópolis. A fantasia, que ainda não tem nome, será embalada pela canção *O Bagre*, de Guinha Ramires, e que faz parte do CD de estréia *A Hora do Mané* (o título deverá mudar, segundo Valdir [interessante que não mudou...]), a ser lançado em março.

Do plástico das cadeiras, Valdir construiu calças forradas com espuma. Um bagre enorme feito de sacos de batatas Lays e Ruffles sairá das costas do artista, soltando lixo pela boca. O siri, medindo cinco meros, foi feito a partir de guarda-sóis e sombrinhas. O sapato, de garrafas plásticas. A música cantada por Valdir prevê a destruição da Lagoa da Conceição. O siri, com suas garras, ameaça apoderar-se do local: "O bagre está sumindo da Lagoa/Isso não é coisa boa/O siri tomou conta do pedaço".

Morando na Fortaleza da Barra da Lagoa em uma casa rodeada de árvores nativas, Valdir tira de qualquer recanto da Ilha a inspiração para o seu trabalho. "Pode ter certeza de que não são dos lugares sofisticados, mas sim onde a cultura açoriana é presente, como a Costa da Lagoa, Ribeirão da Ilha e Santo Antônio de Lisboa, que é pra mim o lugar mais incrível da Ilha", diz Valdir.

[Legenda:]
EXPECTATIVA: Artista vai participar dos concursos de fantasia do Carnaval competindo em originalidade. Fantasia foi elaborada com restos de cadeiras, guarda-sóis e sacos de batata.

[foto: Roberto Scola/DC/Florianópolis]

Prata da Casa

EXPECTATIVA. Artistas vão participar dos concursos de fantasias do Carnaval competindo em originalidade. Fantasias são elaboradas com restos de cadeiras, guarda-sóis e mesas de bilhar

Necessidades Globais
SOCIEDADE EDUCACIONAL
Soluções Regionais

Tudo se transforma

Valdir Agostinho, natural da Barra da Lagoa, transforma "lixo turístico" em obras de arte

Ana Cláudia Moreno
FLORIANÓPOLIS

Carnaval sempre foi motivo de festa na casa dos Agostinho, na Barra da Lagoa. Para chegar ao Centro, da cidade, Nova José, hoje seu filho mais, pegava o barco de pesca até a Lagoa da Conceição e, de lá, batia o resto caminhando até o bairro. Aos sete anos, ele ajudava seu pai a trabalhar na fabrica de rendas até o lugar da festa. Quem gostava de toda a movimentação era o pequeno Valdir, então com 9 anos. Filho de pescadores, Valdir sabia que o mundo da Barra da Lagoa (na época não existia ponte) não passava de um mero ofuscado. Este mundo é parte obscura para Valdir Agostinho.

"Sabia que o fim de o mês por ter sido levado ao Carnaval quando eu era pequeno. Eu era muito impressionado pro mim. Não era propriamente levando da Barra da Lagoa que fazia isso. Mas por a maior parte dos Agostinho ser hoje e ele. A parte dali o mundo mudou pra mim. Parecia que eu via um cenário inspirado naquela, em direção de Nega Tula", lembra Valdir.

Aos 41 anos, o artista Valdir Agostinho continua tirando de cultura popular e grande fonte de inspiração para o seu trabalho. Utilizando exclusivamente um material residível encontrado pela Ilha de Santa Catarina, ele confeccionou bonecas conscientizam que enfrentam a falsidade local e o que ele chama de "lixo turístico" deixado pelos frequentadores em praias. "O lixo está onde eu mais entendo, mais produzido. Sabia que o meu trabalho é importante porque passa pela consciência, pela preservação do meio ambiente. O artista é as pessoas têm que entender. Se conscientizar que cada um precisamos para tornar as antilagoas conscientes", acrescenta.

MARATONA DE BAILES. O sobrado dos sobrinhos de pesca e pintada seria a vedete da fantasia que Valdir vai concorrer na categoria originalidade, um pelo mesmo nome: bailes de Grande Photographia. A fantasia, que ainda não tem nome, será confeccionada pela cunhada O Bugre, da Grande Bandeira, e que faz parte do CD de sucesso, *A Ilha do Mar*: (o título ainda mudar, segundo Valdir), e ser lançado em março.

Do próximo dia cadeiras, Valdir convoca colher fantasias como suporte. Um bugre concorre feito de sacos de batata-inglesa e Rafiko usou das sobras de artesanato, adquirido feito pelo bocal. O sítio, anchoveta conservatória, lo bois e parte da grande ... a atividades. O sapato, de jornais pintados. A estrela central por Valdir provém a dimensão da Lagoa da Conceição. O sol, seus mais quentes, sensaua apoderar-se do local. "O bugre está vencendo da Lagoa/Ilha e como local/O sol é como ... de pedaço".

Morando na Fortaleza da Barra da Lagoa em uma casa isolada do demais naturais, Valdir tem de qualquer recurso da Ilha e transporta para o seu trabalho. "Tinha ter contato do que não são dos lugares solitários, mas sim cria a cultura, mostrar o pescador, como a Costa da Lagoa, Ribeirão da Ilha e Santo Antônio de Lisboa, que é por aqui o lugar mais central da Ilha", diz Valdir.

Sociedade Educacional. Gerando competitividade através da educação.
Necessidades Globais.
Soluções Regionais.
SOCIEDADE EDUCACIONAL

DIÁRIO CATARINENSE, 22/02/1998(c)

Brilho e charme no Clube Doze

Manchete: Noite de gala do Carnaval. Duduco brilha e repete título do concurso de fantasias do Baile Municipal do Clube Doze de Agosto em Florianópolis. Página 40

Florianópolis

Com uma fantasia de 150 quilos chamada de “O Exterminador de Dragões da Ilha da Magia”, um dos carnavalescos mais famosos de Florianópolis, o vereador Nilson Nelson da Silva, o Duduco, venceu na sexta-feira o concurso de fantasias do Baile Municipal, do Club Doze de Agosto, na categoria luxo masculino. O total de 24 candidatos de 4 estados brasileiros disputaram nas categorias luxo e originalidade masculino e feminino.

Com a vitória, Duduco tornou-se *hour concour* [sic] do concurso do Clube Doze. Esta já é a 10ª vitória conquistada pelo carnavalesco. Três delas foram na categoria originalidade e outras sete na luxo. A fantasia apresentada neste ano foi inspirada na cultura da Ilha da Magia, relatada pelo historiados [sic] Franklin Cascaes.

Um dos hábitos dos autênticos manezinhos é o de não pescar nas sextas-feiras 13. Essa tradição ainda respeitada por muita gente, nasceu quando um pescador saiu em um dia destes para alto mar. Lá encontrou dragões que quase lhe tiraram a vida. Um príncipe das águas surgiu para lhe salvar e matou todos os dragões. Ele quase foi dominado apenas por um deles, um imenso dragão que cuspia fogo. Porém, o príncipe foi mais forte e matou-o também. Ao receber o sopro final de sua fumaça, o príncipe herdou-lhe toda a força.

Foi esta a idéia central da fantasia de Duduco. Ela trazia três enormes dragões de argila e o do meio, o maior e mais forte, soprava jatos de fumaça tal como a lenda manezinha diz. A quantidade de penas de animais empregadas foi impressionante: oito mil de pavão e três mil de avestruz.

Duduco disputou o título com outros seis candidatos. O segundo lugar ficou para a fantasia “Melodia Imortal”, apresentada por Paulo Roberto Rodrigues. Na terceira posição ficou a fantasia “Kuniã, A Fonte da Vida” apresentada por João Helder.

Na categoria luxo feminino a campeã foi a fantasia “A Consagração dos Anjos do Apocalipse”, apresentada por Cristiane Chirighini. O segundo lugar ficou para “Festim da Natureza”, apresentada por Viviane Lauz.

Na originalidade o primeiro lugar masculino foi para a fantasia “O Bagre Está Sumindo da Lagoa”, do músico e carnavalesco Valdir Agostinho [aqui ele não é mais percebido como artista plástico/visual, e sim, músico e carnavalesco]. O segundo lugar ficou com “Os Miseráveis”, de Aldemir Prazeres. Na originalidade feminino venceu a fantasia “Dúbia, a Mensageira do Bem e do Mal”.

[Legendas:]
ORIGINALIDADE FEMININO: Rosa venceu com “A Mensageira do Bem e do Mal”.
ORIGINALIDADE MASCULINO: Valdir vence com “O Bagre está sumindo da Lagoa”.

[Legendas da capa:]
LUXO: Fantasia “O Exterminador de Dragões da Ilha da Magia” leva o vereador Duduco a repetir a conquista de 97, chegando ao 10º título no Clube Doze
ORIGINALIDADE: Valdir Agostinho é o campeão
FESTA: Scharmean da Rosa vence com “Dúbia”
LUXO: Cristiane Chirighini conquista o título de 98.

[foto: Roberto Scola/DC/Florianópolis]

Brilho e charme no Clube Doze

ORIGINALIDADE FEMININO: Rosa venceu com "A Mensageira do Bem e do Mal"

ORIGINALIDADE MASCULINO: Valdir venceu com "O Bagre está surrado da Lagoa"

Com uma fantasia de 150 quilos chamada de "O Entrevamento de Dragões da Ilha da Magia", um dos carnavalescos mais famosos de Florianópolis, o vereador Nilson Nelson de Silva, o Dudeno, venceu na noite fora o concurso de fantasias do Baile Municipal do Clube Doze de Agosto, na categoria luxo masculino. Um total de 24 candidatos de quatro estados brasileiros disputaram nas categorias luxo e originalidade masculino e feminino.

Com a vitória, Dudeno venceu o concurso do Clube Doze. Esta é a 10ª vitória consagrada pelo carnavalesco. Três delas foram na categoria originalidade e outras sete na luxo. A fantasia apresentada neste ano foi inspirada na cultura da Ilha da Magia, criada pelo historiador Franklin Cascaes.

Um dos kilitos dos autômatos manezinhos é o de não passar das sete horas. É uma tradição, ainda respeitada por muita gente, mesmo quando um pescador sai em um dia chuvoso para alto mar. Lá encontra dragões que quase lhe tiravam a vida. Um príncipe das águas surge para lhe salvar e matou todos os dragões. Ele quase foi dominado apenas por um deles, um mesmo dragão que ocupa lugar. Foi nesta, o príncipe foi matado e o matou também. Ao receber o cargo final de sua homenagem, o príncipe também lhe tirou a vida.

Foi com a alta técnica do carnavalesco Dudeno. Ele criou sete monstros dragões de orelha e o do meio, o maior e mais forte, representa juntos de fantasia tal como a lenda manezinha. A quantidade de penas de avestruz empregadas na fantasia representa muito mais do que simplesmente a cultura da Ilha da Magia, criada pelo historiador Franklin Cascaes.

Dudeno disputou o título com outros sete candidatos. O segundo lugar ficou para a fantasia "Metáfora Imortal", apresentada por Paulo Roberto Rodrigues. No terceiro posto ficou a fantasia "Rosa, A Fonte da Vida" apresentada por João Holder.

Na categoria luxo feminino a campeã foi a fantasia "A Guardiã dos Anjos do Apocalipse", apresentada por Cristiane Chirghini. O segundo lugar ficou para "Fonte da Natureza", apresentada por Viviane Lasse.

Na originalidade o primeiro lugar masculino foi para a fantasia "O Bagre Está Surrado da Lagoa", do mesmo carnavalesco Valdir Agostinho. O segundo lugar foi com "Os Miserável", de Alkmar Pontes. Na originalidade feminino venceu a fantasia "Dídia, A Mensageira do Bem e do Mal".

Carnaval mágico na Ilha do Cascaes
• A Boate de maior sucesso do verão de Florianópolis.
• De 20 a 24/02, no Costão do Santinho a partir das 23 horas.
5 noites com a banda Som Livre
Ingressos R$ 20,00 p/ noite
Cerveja e refrigerante Grátis até o amanhecer
Reservas 261-1849
LIA DO CASCAES
SOM LIVRE

DIÁRIO CATARINENSE
DOMINGO, 22 DE FEVEREIRO DE 1998

LUXO: Fantasia "O Exterminador de Dragões da Ilha da Magia" leva o vencedor Duduco a repetir a conquista de '97, chegando ao 10º título no Clube Doze

Noite de gala do Carnaval

Duduco brilha e repete título do concurso de fantasias do Baile Municipal do Clube Doze de Agosto em Florianópolis

PÁGINA 40

ORIGINALIDADE: Valdir Agostinho é o campeão

FESTA: Schermann da Rosa vence com "Dúbia"

LUXO: Cristiane Chinghini conquista o título de 98

ORIGINALIDADE: Valdir Agostinho é o campeão

FES

O ESTADO, 21-22/03/1998

Baía Sul se enche de cor com Festival de Pandorgas

Tradicional evento volta levar muita festa para o Aterro, reunido 500 pipas no domingo e segunda Pandorga, papagaio ou pipa? Não importa. O que vale é a liberdade que este brinquedo oferece

Mais de 500 pandorgas vão colorir o céu no Aterro da Baía Sul no domingo e na segunda feira. É mais uma edição do tradicional Festival da Pandorga em comemoração aos 272 anos de Florianópolis. no festival realizado pela Prefeitura Municipal com o apoio de **O Estado**.

Sem limite de idade, o festival terá inscrições gratuitas, abertas das oito às nove da manhã, nos dois dias de competição, em seis categorias. No domingo até o meio-dia acontecem as semifinais de Corte de Pipa. Das 14 às 17e horas as competições de Mais Bela, Mais Original e Maior Pandorga. Na segunda, até o meio-dia, acontecem as finais de corte de pipa de corte de barrelote e a tarde a prova de permanência a premiação será a partir das 17h30min.

[Legenda:]
AO VENTO: Previsão é para mais de 500 pipas disputando eve[nto]

Baía Sul se enche de cor com Festival de Pandorgas

Tradicional evento volta a levar muita festa para o Aterro, reunindo 500 pipas domingo e segunda

Concurso de

O ESTADO, 21-22/03/1998

Brinquedos

Aprenda a fazer pandorga

Até parece língua do P: pandorga, pipa, papagaio. Mas se você estiver no Rio de Janeiro, também pode ser cafifa. Ou barrelote, que é a pandorga bem grande.

Como todas as brincadeiras muito simples, as pipas existem em vários países. Basta haver vento, que sempre existirá uma criança querendo soltar sua bandeirinha de papel para ver se ela chega até as nuvens.

O pandorgueiro Valdir Agostinho ensina fazer o tipo mais simples de pandorga, o "peixinho". [Destacado com um marca-texto amarelo]

Material:
- duas varetas de mesmo tamanho
- um quadrado de papel de seda ou plástico bem fino
- cola
- cordão
- 1 tira de papel franjado

Modo de fazer:
- Cole as duas varetas nas diagonais do papel, fazendo um X.
- Cole o papel franjado em dois lados contínuos da pandorga, fazendo um canto.
- Amarre um pedaço de cordão bem no alto da vareta que fica no vértice do canto franjado.
- Amarre outro pedaço de cordão na parte de baixo da mesma vareta, uns três dedos acima da extremidade.
- Junte os dois cordões com um nó e prenda o resto do cordão, que dever, no mínimo dois ou três metros.
- Na ponta inferior, prenda a rabiola de pano.

Este modelo simples de pandorga é ideal para brincar todos os dias, independente do vento. Com ele, você pode brincar até dentro de casa.

Se você quiser fazer o "peixinho" mais comprido, é só usar varetas de tamanhos diferentes. Nesse caso, você terá que corta o papel em dois triângulos, um para a

parte de cima e outro para a parte de baixo. Se quiser fazer mais elaborado, pode dividir em quatro triângulos.

O ESTADO

04 · O ESTADO

BRINQUEDOS

Aprenda a fazer a pandorga

A NOTÍCIA CAPITAL, 14/04/1998

Ricardinho Machado

[Nem todos os textos foram transcritos. Apenas os mais significativos para a análise]

[Texto em destaque, com fonte em itálico, posicionado no canto superior direito da página.]
Longevidade

Em países desenvolvidos como o Canadá, França, Itália, Alemanha, Estados Unidos, Suíça e Austrália, as mulheres vivem em média 10 anos a mais do que os homens. Isso também ocorre no Brasil, onde as mulheres atingem em média a idade de 70 anos para 64 dos homens. Se a maioria morre aos 64 como pode a previdência estabelecer 65 anos como idade mínima para aposentadoria? Por isso que alguns dizem incorretamente que aposentado é um morto pra vida.

[Abaixo:]
Bens

Não é só nas pesquisas que o senador Amin está dando de 10 a zero nos demais candidatos ao governo do Estado. Na lista de bens também. A diferença é enorme. Se comparada à da professora Joaninha então, a diferença é de David para Golias.

[O texto está destacado por um fundo amarelo e uma moldura verde.]
O bicho

Era como estava o cantor popular Valdir Agostinho no encerramento da Festa da Tainha. Travestido com suas roupas coloridas, bonecas de maricotas e dançarinas pelo palco, Agostinho mexeu com a galera. Uma pena que não tivesse tocado também na abertura. O que os promoters daqui precisam saber é que Valdir Agostinho está para o Sul como Alceu Valença está para o Nordeste e para o Brasil. [grifo meu]

[Abaixo:]
Prejú

O proprietário do parque de diversões instalado na Barra da Lagoa para a Festa da Tainha diz que levou prejuízo este ano e no ano passado. Só confirma a posição dos comerciantes locais de que a festa precisa urgentemente voltar para a beira do mar, onde está estabelecido o comércio da região.

[Abaixo da foto, à direita:]

Pérola

Do professor Sérgio Grando sobre as pesquisas: “Nossos adversários sempre ganham nas pesquisas e nós nas eleições. Faz [cortado]

[Legenda: foto da capa]

Em foco: Valdir Agostinho e Murilo, dois pandorgueiros que mantém nossas tradições nos ares de Floripa

[Legenda: foto da coluna]

Em foco: O advogado Rodrigo Carneiro Mussi (D) e o colunista Moacir Benvenutti em noite de agitos sociais na Capital.

ANcapital

ESTE JORNAL É PARTE INTEGRANTE DE A NOTÍCIA · NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

FLORIANÓPOLIS • TERÇA-FEIRA • 14 DE ABRIL DE 1998

Ricardinho

MACHADO

Em foco

Valdir Agostinho e Morilo, dois pandorgueiros que mantêm novas tradições nos ares de Florianópolis

Ricardinho
M A C H A D O

Em foco

Longevidade

• Bom

• Ecu

• O bicho

• Prajó

• Bar do Museu

• Gancho

• Parole

• Pelos fundos

• 0900

• Clavem

e o senador Amin está dando de 10 a zero
governo do Estado. Na lista de bens tam-
ne. Se comparada a da professora Joaninha
vid para Golias.

◆ O bicho

Era como estava o cantor popular Valdir Agostinho no encerramento da Festa da Tainha. Travestido com suas roupas coloridas, bonecas de maricotas e dançarinas pelo palco, Agostinho mexeu com a galera. Uma pena que não tivesse tocado também na abertura. O que os promoters daqui precisam saber é que Valdir Agostinho está pro Sul como Alceu Valença está para o Nordeste e para o Brasil.

rimen-
ga dos
Lagoa
desde
ulação
não é
izer ao
e lazer
de um
movi-
egacia

de diversões instalado na Barra da Lagoa
que levou prejuízo este ano e no ano passa-
dos comerciantes locais de que a festa preci-
ra a beira do mar, onde está estabelecido o

◆ Ciúmes

A NOTÍCIA, 22/07/1998

Capa

PANDORGA

Elas surgiram nas praias de Florianópolis como instrumento de trabalho no início do século. Hoje, as pandorgas são transformadas em obras de arte pelas mãos de Valdir Agostinho. ANEXO

Estrela do dia inteiro [matéria]

Colorindo o céu de Florianópolis, pandorgas surgiram como instrumento de trabalho no início do século e hoje são transformadas em obras de arte pelas mãos de Valdir Agostinho
[no lado direito do texto, uma foto de uma pandorga]

Maurício Oliveira

Na primeira metade do século, as pandorgas não eram apenas uma brincadeira para os moradores das praias de Florianópolis. Os pescadores as usavam como um instrumento de trabalho. Quase desaparecida hoje em dia, a chamada “feiticeira de espinhel” era um método eficaz. Amarrado à pandorga, um espinhel (fio com dezenas de anzóis) se movimentava suavemente pelas para centenas de metros de distância para dentro. Três 3 ou quatro horas depois, bastava puxar a pandorga para encher os balaios de peixe.

Foi acompanhando as pescarias na Barra da Lagoa que o artista plástico e músico Valdir Agostinho, 41 anos, aprendeu desde cedo a lidar com as pandorgas. Aos seis anos, fez a primeira. Nunca mais parou. Hoje, reconhecido por transformá-las em obras de arte, o menestrel manezinho participa como *hors-concours* dos festivais de pandorga organizados na cidade.

Invenção dos chineses antigos, a pandorga é uma brincadeira praticada de Norte a Sul do Brasil. Em cada Estado recebe um nome diferente. Cariocas e paulistas a chamam de papagaio ou pipa. Para os baianos é arraia, para os paranaenses é rabiola. Apenas os moradores do Sul usam a denominação pandorga – palavra que

dependendo da região do País pode ser entendida como “música desafinada”, “mulher gorda” ou até “sujeito tolo”.

As pandorgas de Valdir Agostinho são marcadas pelo colorido e pela fidelidade a tradição. “Tem muita tecnologia nova, mas continuo com arcaico método das varetas de bambu”, afirma, orgulhoso. Além dos formatos convencionais ele também faz pequenos quadros com pandorgas em miniatura. As encomendas raramente são de pessoas interessadas na diversão ao ar livre. Tratados como objetos de decoração, os trabalhos de Valdir custam entre R$ 30,00 e R$ 200,00 e são constantemente levados a outros Estados ou mesmo ao exterior.

Fazer uma pandorga é um prazer que remete Valdir Agostinho à infância. Ele leva a mesa de vidro para a sacada da casa na Barra da Lagoa, reúne o material e, livre dos ruídos da civilização, libera a criatividade em meio à exuberante natureza ao redor.

UM SONHO DA CHINA

O maior sonho de Valdir Agostinho é ir à China para participar do maior festival do mundo, organizado anualmente. Ele se encanta cada vez que revê as fotos de um livro trazido de lá por um amigo. Garante que faria bonito se tivesse oportunidade de concorrer. “Tenho condições de chegar lá, construir uma pandorga fantástica e ser premiado”, assegura.

Na adolescência, Valdir foi trabalhar como *office-boy* e “faz-tudo” do Studio A-2, primeira galeria de arte da cidade, liderada pelo colunista Beto Stodieck. Por coincidência, a galeria passou a promover festivais de pandorga – uma oportunidade para Valdir praticar a brincadeira e, ainda por cima, ser remunerado por isso.

Mais recentemente, a Secretaria de Turismo criou o festival municipal de pandorgas. Na edição de fevereiro deste ano, centenas de participantes coloriram o céu sobre a Baía Sul, disputando os prêmios em dinheiro reservados aos primeiros colocados de cada categoria. A iniciativa partiu do secretário João Moritz, que soltava pandoras quando criança e decidiu contribuir para a preservação do hábito.

Como fazer

Para produzir um modelo simples, não há segredo. Primeiro se faz o corpo da pandorga; depois são coladas as varetas. Sempre se começa do centro, que pode

ser uma flor, uma estrela ou outro formato qualquer", explica Valdir. A partir do centro, é só compor o resto do corpo, colando pedaços de seda, papel laminado ou celofane de cores diferentes, tomando cuidado de preencher todos os espaços, vazados evitando a passagem de ar. O trabalho não exige mais que tesoura, estilete e cola comum. Quando o corpo está pronto, é só colar quatro varetas cruzadas, com sobras de dez centímetros em cada ponta, e uni-las por um barbante. Aí, com qualquer brisa, a estrela sobe.

Vídeos de julho são os melhores

Os ventos do atual período, das férias de julho, são os melhores para empinar pandorgas em Florianópolis. Basta voltar os olhos para os morros da área central da cidade e comprovar afirmação. Além de viver em locais geograficamente privilegiados para a brincadeira. os meninos dos morros não têm dinheiro para *videogames*, *shoppings* ou outras diversões típicas da classe média. A saída é brincar ao ar livre.

Estudantes e professores do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) acabam de inaugurar um mural batizado de "pandorgas partidas". Foi criado para celebrar a memória de William Araújo Barbosa, 12 anos, que morreu eletrocutado no início deste ano, na praia de Canasvieiras, enquanto tentava retirar uma pandorga presa a fios de alta tensão.

A morte de William provocou debates na UFSC sobre questões como abandono, descaso e a aparente apatia da sociedade de Florianópolis diante de questões relacionadas à infância. Um grupo de estudantes e professores encaminhou ao Ministério Público um pedido de investigação do caso de apuração das responsabilidades. **(MO)**

[Fotos: Caio Cezar; Legenda: foto à esquerda]
FEITICEIRA
De suporte de pesca a peça de ornamento, as pandorgas estão integradas ao cenário da Ilha de Santa Catarina e hoje são um dos símbolos de Florianópolis

[Legenda: foto à direita]
MESTRE PANDORGUEIRO
Valdir Agostinho sonha em participar do maior festival do mundo, na China [a ideia já vem de longa data, de qualquer forma esse é o primeiro registro público do desejo do artista em competir nesse festival da China]

Anexo

Estrela do dia inteiro

Colorindo o céu de Florianópolis, pandorgas resgatam como instrumento de trabalho na luta do século e boas são transformadas em obras de arte pelas mãos de Valdir Agostinho

Como fazer

Ventos de julho são os melhores

433-6113
PROTAL
A Notícia
75 ANOS A SERVIÇO DE SANTA CATARINA
Cidadão Universitário
A-9
FELESC
75 anos
Hoje
PANDORGA
FENAIOFT
Mau tempo causa acidentes com saldo de quatro mortos no Estado
Pesquisa do Sine registra nova queda de emprego em Santa Catarina
Presidente da

SEGU
A garantia de um
Fone/fax: 425-
FOTOS CAIO CEZAR

PROGRAMA S.O.S COSTA LESTE NOTÍCIAS, outubro de 1998.

Entrevista: Vida de cantador (p. 8)

A busca pela loucura, o absurdo, o eclético. Esta é a característica básica do pandorgueiro e menestrel Valdir Agostinho, há sete anos dividindo com a música sua experiência com as artes plásticas. Às vésperas de lançar seu primeiro Cd A Hora do Mané*, uma produção que consumiu 20 dias de trabalho nos estúdios da TEC Audio em Porto Alegre, o multiartista trocou sua equipe de produção e se prepara para vôos mais altos. Tão ousados quanto a esmerada produção do disco: uma saraivada de ritmos e estilos que se encontram com surpreendente coerência em seu trabalho. Arranjadas por Guinha Ramirez as nove músicas do disco ganharam um tratamento acústico que direcionam o trabalho de Valdir para o futuro e, ao mesmo tempo, não descaracteriza sua identificação com as raízes açorianas.*

SOS – O primeiro CD na boca do forno marca um momento de reviravolta na carreira de qualquer artista. Quais são os planos imediatos de Valdir Agostinho?

Valdir Agostinho – Vou reformular minha banda e preparar uma turnê, que deve começar assim que o disco ficar pronto, em novembro. A idéia é lançar o disco em São Paulo – já que é lá que as coisas acontecem – e depois *descer* pro sul, divulgando o disco e mostrando minha música para o máximo de pessoas. Também lançarei um vídeo com a música *Menina que Mexe Mexe*, que considero a mais forte. Com o auxílio da Márcia Silveira e do Beto Soares, meus novos produtores, tenho certeza de que isto será possível.

SOS – Após sete anos fazendo música, você tentou reunir todas suas influências no CD ou buscou diferenciar seu trabalho?

VA – Um pouco das duas coisas. Algumas canções são do início da minha carreira, como *Vida de Pescador*, mas o diferencial são os arranjos, já que estou sempre me renovando. Ao optar pela valorização dos instrumentos acústicos, encontrei uma nova cara para meu som, enriquecido pelas participações do saxofonista Pedrinho Figueiredo, que já tocou com Renato Borghetti, e de Luis Meira, da banda de Djavan. Sou movido por mudanças e não paro no tempo.

SOS – Você é conhecido como um cantador das coisas desta região da Ilha. Até que ponto você se prende à temática de suas letras?

VA – Eu sou ilhéu com muito orgulho, amo minhas raízes, a Barra da Lagoa, a Costa Leste, mas não me prendo a nada. Costumo dizer que sou um descendente de açorianos moderno, pois a cultura tem de ser renovada, incorporando outras influências. Isto é inevitável. É preciso reciclar, pois prender nossa arte aos moldes de nossos ancestrais é apressar sua ida para o museu.

SOS – O que representa para Valdir Agostinho o lançamento de um disco? Você tem a preocupação de propagar sua mensagem para o Brasil ou contenta-se em ser um artista local?

VA – Todo o artista quer ser reconhecido pelo maior número de pessoas possível, e comigo não é diferente. Só que luto para manter uma coerência artística. Já recebi propostas para gravar o CD no Rio de Janeiro e na Áustria, mas preferi gravá-lo em Porto Alegre, pois queria manter a mesma banda que me acompanhava. Fiquei com medo de descaracterizar meu trabalho.

SOS – Como você encara a revitalização da cultura açoriana por meio de programas de desenvolvimento como o SOS Costa Leste?

VA – Tudo o que é feito sem interesse, com a mor e um foco na melhoria de nossas condições é válido. Eu amo o SOS Costa Leste e vou amar qualquer iniciativa que preserve e desenvolva este pedacinho de terra onde vivemos. Para lançar o CD tive apoio financeiro da Fundação Catarinense de Cultura e muita ajuda do próprio SOS Costa Leste, todo o pessoal me ajudou muito, uma prova de que ainda existem incentivadores de nossa cultura.

[Olho no centro da matéria]

“Sou movido por mudanças e não paro no tempo”

[Quadro abaixo da foto:]

A Hora do Mané

Na Barra da Lagoa, em família de pescadores músicos da paradisíaca Ilha de Santa Catarina, veio ao mundo Valdir Agostinho sob o signo de peixes. O cantadinho da fala açoriana e o pipocar dos bilros em mãos hábeis da rendeira, as cantigas de ternos de

reis e as folias do Divino, o assobio do vento sul açoriano agitando o mar e a Lagoa da Conceição desde cedo imprimiriam número no menino Valdir certo gosto para brincar com os sons. Dos azuis do céu e do mar, dos brancos das dunas, das praias e das gaivotas, dos variados tons das matas, das montanhas e das flores, Valdir Agostinho buscou inspiração para pintar tudo o que lhe caísse nas mãos e para fazer pandorgas coloridas, muito coloridas, que ele há muito vem empinando não apenas nos céus de sua amada Floripa, mais também galerias de arte em terras deste e de outros continentes. E a arte de Valdir está tomando do corpo, ganhou os salões de bailes carnavalescos, em fantasias premiadas pela originalidade... cristalizou na música.

A música de Valdir é um misto de funk, bailão, maxixe, rock, e tantos outros.

Seguindo a trilha do Mané Beat, som autóctone do nativo ilhéu, Valdir ergue a voz, telúrica e docemente... e o orgulho que sente pelas suas raízes, para protestar contra a devastação, denunciar as ameaças ao meio ambiente, fauna e á [*sic*] flora, alertando para que o ronco dos motores e o progresso não acabem com a Lagoa, não abafem o cantar das aves e o marulhar das ondas, sua fonte mais autêntica de inspiração.

Com a Hora do Mané, Valdir encara o desafio de se lançar no rico, variado e competitivo cenário da discografia nacional. A nós, que o aplaudimos aqui, só resta desejar-lhe sorte e muito sucesso.

Lia Leal – Escritora

SOS Notícias ENTREVISTA

Vida de cantador

A busca pela loucura, o absurdo, o sólido. Isso é a característica básica do pandeirguista e mestre Valdir Agostinho, há três anos dividindo com a música sua experiência com as artes plásticas. Às vésperas de lançar seu primeiro CD, A Hora do Mané, uma produção que consumiu 20 dias de trabalho nos estúdios da TEC Áudio, em Porto Alegre, o multiartista mudou sua equipe de produção e se prepara para vôos mais altos. Tão ousado quanto a conceituada produção do disco: uma caravana de ritmos e estilos que se encontram com surpreendente coerência em seu trabalho. Arranjadas por Cuiaba Ramirez, as nove músicas do disco ganharam um tratamento acústico que direciona o trabalho de Valdir para o futuro e, ao mesmo tempo, não descaracteriza sua identificação com as raízes ancestrais.

A Hora do Mané

SOS – O primeiro CD no bico do forno marca um momento de reviravolta na carreira de qualquer artista. Quais são os planos imediatos de Valdir Agostinho?

Valdir Agostinho – Vou reformular minha banda e preparar uma turnê, que deve começar assim que o disco ficar pronto, em novembro. A idéia é lançar o disco em São Paulo – já que é lá que as coisas acontecem – e depois de um pouco de divulgação, mostrando o disco e mostrando minha música para o público de por aqui. Também lançamos um vídeo com a música *Homem que Mora Mata*, que considero a minha forte. Com o apoio da Marcia Silveira e do Beto Soares, nossos novos produtores, todos cientes de que isto seja possível.

> *"Sou movido por mudanças e não paro no tempo"*

SOS – Após sete anos tocando música, você tentou reunir todas suas influências no CD ou buscou diferenciar seu trabalho?

VA – Um pouco das duas coisas. Algumas coisas são do início de minha carreira, como *Vida de Passarinho*, mas a diferença não se arranjos, já que estou sempre me renovando. Ao optar pela valorização dos instrumentos acústicos, encontrei uma nova cara para meu som, enriquecido pela participação do saxofonista Pedrinho Figueiredo, que já tocou com Renato Borghetti, e de Luis Mera, da banda de Djavan. Sou movido por mudanças e não paro no tempo.

SOS – Você é conhecido como um cantador das coisas desta região do Rio. Até que ponto você se prende à temática de suas letras?

VA – Eu sou livre com muito orgulho, sou nascido naqui, a Barra da Lagoa, a Costa Leste, mas não me prendo a nada. Costumo dizer que sou um descendente de açorianos modernos, pois a cultura tem de ser renovada, incorporando outras influências. Isto é inevitável. E precisa acontecer, pois prender nosso arte em modelos de nossos ancestrais é apenas uma ida para o museu.

> *"Prender a arte aos modelos de nossos ancestrais é apenas uma ida para o museu"*

SOS – O que representa para Valdir Agostinho o lançamento de um disco? Você tem a preocupação de propagar sua mensagem para o Brasil ou contento-se em ser um artista local?

VA – Todo o artista quer ser reconhecido pelo maior número de pessoas possível, e comigo não é diferente. Só que luto para manter uma coerência artística. Já recebi propostas para gravar o CD no Rio de Janeiro e na Áustria, mas prefiro gravá-lo em Porto Alegre, pois queria manter a mesma banda que me acompanhava. Fiquei com medo de descaracterizar meu trabalho.

A Hora do Mané

JORNAL DA LAGOA, dezembro de 1998.

Entrevista: Agostinho: A hora do Mané (p. 8)

“So quero pandorgas e rock-and-roll para mim”
Valdir Agostinho

De uma família de pescadores e músicos da Barra da Lagoa, com 14 anos trocou um posto de gasolina por uma galeria de arte no centro da cidade, ganhou fama nacional fazendo pandorgas, fantasias de carnaval, e moda de alta-costura, voltou para a Barra há sete anos atrás, montou uma banda e acaba de lançar seu primeiro CD – que é demais. Música com energia sincera e elétrica, ritmos místicos. “Um toque de rock”, um toque divino. É uma homenagem à natureza e à cultura de origem açoriana da ilha. Merece chegar ao topo das paradas. Comprei o CD – toquei mil vezes para meus amigos, vizinhos, desconhecidos. Agora todos estão sorrindo e rebolando.

“Tira o jet-ski daí – desça a Santa do altar” [subtítulo]

Você participava do terno de reis...
Papai era irmão do Divino Espírito Santo, e eu batia tambor muito direitinho: *tum tum tum, tum-a-chica-tum-a-chica, tum-tum*, e aí já começaram a chegar os turistas, abriram uma estrada de barro. Mas essas artes aqui na cidade eram feitas ao vivo – não tinha eletricidade – então era tão alto esse som, que hoje se tocarem um terno de reis eu não acompanho, porque perdeu a graça. O terno de reis não combina com uma casa chique de dois andares – uma rua asfaltada – deve ser levado para o teatro, por que [*sic*] acho um show. As pessoas acham que tem que ser igual como era. Não é, porque tudo mudou.

Quando você começou a falar sobre os açorianos?
De pouco tempo para cá, com alguma pesquisa cultural do Franklin Cascaes. Eu aprendi com ele esse negócio de saber que a cultura açoriana, de saber de onde vem nossa descendência, e de saber dos Açores, de saber da época da Inquisição, do misticismo que nós trazemos conosco, isso foi depois que a gente foi estudar os livros de Franklin.

Como você conheceu Cascaes?
eu trabalhava como frentista no posto de gasolina. Mas um dia o Beto Stodick foi lavar o carro dele neste posto, mandou que eu fosse fazer uma entrevista numa galeria de

arte e nunca e como ele mais voltei. Eu convivia com grandes expressões culturais como Rodrigo de Haro como Martinho de Haro – e que frequentavam a galeria – como Eli Heil, Janga... Max Moura, que acho o artista mais moderno que tem em Florianópolis, ele revolucionou a cidade.

Quando você começou a pintar?
Quando eu era criança aqui na Barra eu desenhava, e e eu tocava – mas papai não me dava instrumento. Então eu peguei um bambu, fazia quatro cordas no bambu e tocava no bambu.

Uma vez meu pai disse : “roubaram batata da nossa roça”. Quem roubou? Foi meu tio – eu já desenhava meu tio correndo com um saco de batata nas costas. “O tal fulano pegou tantos quilos de camarão”, e eu desenhava aquela figura pescando.

E a música?
Eu comprei um violão com dezessete anos e comecei a tocar. O pessoal da galeria, os artistas, já gostavam e nunca mais parei de tocar. Até eu abri uma firma e trabalhei muito para madame, mas achei que não eram as madames, que não era o dinheiro – que eu tinha algo a mais. Aí eu vim para Barra sete anos atrás, e um amigo meu me trouxe um grupo musical. Já estou mais ou menos na quarta formação... até chegar agora no projeto (do CD).

“Uns exploram o turista e também o artista”. [subtítulo]

Porque só nos últimos sete anos você está tocando?
Porque finalmente eu era dono de mim mesmo, tinha poupança, tinha casa. E também a ilha foi invadida por gaúchos que vêem [*sic*] a cultura com valores diferentes. Invadiram a ilha? Invadiram – mas eles valorizam nossa cultura. Isso abriu muito a cabeça da gente; não que eles saibam mais, mas acho que estamos aqui por essa coisa de miscigenação mesmo, de misturar raça. Brasil é isso, é essa agregação dos povos. Hoje já tem músico daqui pra tocar comigo, tem pessoas já olhando de uma outra maneira.

Ouça “A Vez do Mane”: é música para dançar – viajar – chorar. [rodapé]

Jeffrey Hoff

Agostinho: A hora do Mané

"Só quero pandorgas e rock-and-roll para mim"

Valdir Agostinho

De uma família de pescadores e moinhos da Barra da Lagoa, com 14 anos tocava um pouco de guitarra por uma galeria de arte no centro da cidade, gostava muito mesmo fazendo pandorgas, fanático de carnaval, e nada de ilha cinzenta, voltou para a Barra há este ano atrás, montou uma banda e acaba de lançar seu primeiro CD – que é demais. Música com energia acústica e elétrica, ritmos variados. "Um toque de rock", um toque divino. É uma homenagem à natureza e à cultura de origem açoriana da ilha. Mesmo chegar no topo das paradas. Comprei o CD – toquei mil vezes, para meus amigos, vizinhos, divulgo-divulgo. Agora todos estão surpresos e vibrando.

"Tem o pé-de-chi - chegi e tanto do olho"

Você participa quase do tempo de rock...

Papai era irmão do Divino Espírito Santo, e eu ficava tocando muito domingo, nos anos 60, com o chiqueiro-o-chiqui, tan-tan, e aí já começaram chegar os turistas, abriram uma estrada de barro. Mas nesse ano aqui na cidade eram feitas ao vivo – não tinha eletricidade – então era lão alto esse som, que hoje se tocasse um terço de isso eu não aconselharia, porque perdeu a graça. O terço de rezo não combina com uma caixa chiqueiro de dois andares – seria uma infelidade – deve ser levado para o teatro, por que acho um show, do pessoal achar que tem que ser igual como era. Não é, porque tudo mudou.

Quando você começou falar sobre os açorianos?

Há pouco tempo pra cá, com alguma pesquisa cultural da Franklin Cascaes. Eu aprendi com ele esse exercício de saber que a cultura era açoriana, de saber de onde veio nossa descendência, de saber do arquipélago dos Açores, de saber da época da Inquisição, do ministério que não tiravam ninguém, isso foi depois que a gente foi estudar os livros de Franklin.

Como você conheceu Cascaes?

Eu trabalhava como bancário num posto de gasolina. Mas um dia o Beto Stodieck foi levar o carro dele neste posto, mandou que eu fosse fazer uma entrevista numa galeria de arte e nunca mais saí dali. Eu convivia com grandes expoentes culturais como Rodrigo de Haro como Maurício de Haro – que hoje tem uma galeria – como Eli Heil, Juarez ... Mas Moura, que acho o artista mais moderno que tem em Florianópolis, ele revolucionou a cidade.

Quando você começou a pintar?

Quando eu era criança aqui na Barra eu descobria, e eu tocava – mas papai não me dava instrumento. Então eu peguei um bambu, fazia quatro cordas no bambu e tocava no bambu.

Uma vez meti pai disse: "tocheiro bolada da nossa roça". Quem tocheiro? Foi meu tio – ele já descobriu meu tio correndo com um saco de farinha nas costas. "O tal falante pegou tantos quilos de carnaval", e eu descobrava aquela figura pescando.

E a música?

Eu comprei um violão com 17 anos e comecei a tocar. O pessoal da galeria, os artistas, já gostavam e nunca mais parei de tocar. Aí eu abri uma firma e trabalhei muito para mudar, mas achei que não eram as mudanças, que não era o dinheiro – que eu tinha algo a mais. Aí eu vim para a Barra há cinco anos, e um amigo meu me trouxe um grupo musical. Já estou mais ou menos na quarta formação ... até chegar agora ao projeto do CD.

"Eu explorei a terra e também a arte"

Por que só nos últimos seis anos você está pintando?

Porque finalmente eu era dono de meu nome, tinha prosperia, tinha casa. E também a ilha foi invadida por gaúchos que vieram a cultura com culturas diferentes. Invadiram a ilha? Invadiram – mas eles valorizam nossa cultura. Isso deixa muito a cabeça da gente; não que eles saiam mais, mas acho que estamos aqui por nossa colônia de miscigenação nossa, de mistura raça. Brasil é isso, é essa agregação dos povos. Hoje já tem indígena disqui pra morar comigo; tem pessoas já chegando de uma outra maneira.

Ouça "A Voz do Mané": é música para dançar - rogar - chorar.

Jeffrey Hoff

"Só quero pandorgas e rock-and-roll para mim"

Valdir Agostinho

De uma família de pescadores e moinhos da Barra da Lagoa, com 14 anos tocava um pouco de guitarra por uma galeria de arte no centro da cidade, gostava muito mesmo fazendo pandorgas, fanático de carnaval, e nada de ilha cinzenta, voltou para a Barra há este ano atrás, montou uma banda e acaba de lançar seu primeiro CD – que é demais. Música com energia acústica e elétrica, ritmos variados. "Um toque de rock", um toque divino. É uma homenagem à natureza e à cultura de origem açoriana da ilha. Mesmo chegar no topo das paradas. Comprei o CD – toquei mil vezes, para meus amigos, vizinhos, divulgo-divulgo. Agora todos estão surpresos e vibrando.

"Tem o pé-de-chi - chegi e tanto do olho"

Você participa quase do tempo de rock...

Papai era irmão do Divino Espírito Santo, e eu ficava tocando muito domingo, nos anos 60, com o chiqueiro-o-chiqui, tan-tan, e aí já começaram chegar os turistas, abriram uma estrada de barro. Mas nesse ano aqui na cidade eram feitas ao vivo – não tinha eletricidade – então era lão alto esse som, que hoje se tocasse um terço de isso eu não aconselharia, porque perdeu a graça. O terço de rezo não combina com uma caixa chiqueiro de dois andares – seria uma infelidade – deve ser levado para o teatro, por que acho um show, do pessoal achar que tem que ser igual como era. Não é, porque tudo mudou.

Quando você começou falar sobre os açorianos?

Há pouco tempo pra cá, com alguma pesquisa cultural da Franklin Cascaes. Eu aprendi com ele esse exercício de saber que a cultura era açoriana, de saber de onde veio nossa descendência, de saber do arquipélago dos Açores, de saber da época da Inquisição, do ministério que não tiravam ninguém, isso foi depois que a gente foi estudar os livros de Franklin.

Como você conheceu Cascaes?

Eu trabalhava como bancário num posto de gasolina. Mas um dia o Beto Stodieck foi levar o carro dele neste posto, mandou que eu fosse fazer uma entrevista numa galeria de arte e nunca mais saí dali. Eu convivia com grandes expoentes culturais como Rodrigo de Haro como Maurício de Haro – que hoje tem uma galeria – como Eli Heil, Juarez ... Mas Moura, que acho o artista mais moderno que tem em Florianópolis, ele revolucionou a cidade.

Quando você começou a pintar?

Quando eu era criança aqui na Barra eu descobria, e eu tocava – mas papai não me dava instrumento. Então eu peguei um bambu, fazia quatro cordas no bambu e tocava no bambu.

Uma vez meti pai disse: "tocheiro bolada da nossa roça". Quem tocheiro? Foi meu tio – ele já descobriu meu tio correndo com um saco de farinha nas costas. "O tal falante pegou tantos quilos de carnaval", e eu descobrava aquela figura pescando.

E a música?

Eu comprei um violão com 17 anos e comecei a tocar. O pessoal da galeria, os artistas, já gostavam e nunca mais parei de tocar. Aí eu abri uma firma e trabalhei muito para mudar, mas achei que não eram as mudanças, que não era o dinheiro – que eu tinha algo a mais. Aí eu vim para a Barra há cinco anos atrás, e um amigo meu me trouxe um grupo musical. Já estou mais ou menos na quarta formação ... até chegar agora ao projeto do CD.

"Eu explorei a terra e também a arte"

Por que só nos últimos seis anos você está pintando?

Porque finalmente eu era dono de meu nome, tinha prosperia, tinha casa. E também a ilha foi invadida por gaúchos que vieram a cultura com culturas diferentes. Invadiram a ilha? Invadiram – mas eles valorizam nossa cultura. Isso deixa muito a cabeça da gente; não que eles saiam mais, mas acho que estamos aqui por nossa colônia de miscigenação nossa, de mistura raça. Brasil é isso, é essa agregação dos povos. Hoje já tem indígena disqui pra morar comigo; tem pessoas já chegando de uma outra maneira.

Ouça "A Voz do Mané": é música para dançar - rogar - chorar.

Jeffrey Hoff

PAES IMOBILIÁRIA
Feliz Natal e que o Ano Novo seja, do começo ao fim, uma travessia de

Lazanhas
Talharins
Panquecas

Padaria & Confeitaria

DIÁRIO CATARINENSE, 12/01/1999.
[fotocópia]

Perfil
A hora do mané (p. 4)

Valdir Agostinho canta as belezas da ilha, divulga seu CD e prepara a fantasia para o carnaval.

Adriane Canan

"Mas quando chega o Verão/ está solto o dragão/ ela só quer paquerar/ me tira da lista/ somente o turista/ ela quer azarar". Na letra da música *Menina que mexe-mexe*, o músico, artista plástico, pandorgueiro e performático, entre outras mil e uma atividades, Valdir Agostinho, explicita aquilo que pensa da estação mais quente do ano. "No Verão a Ilha floresce e todos os turistas entram. São pessoas novas na nossa vida, que fazem a gente a´te se perder. Aumenta o fogo e aparecem os prazeres", afirma o multiartista de 42 anos, filhos de pescadores da Barra da Lagoa, na Costa Leste da Ilha de Santa Catarina. Segundo ele, com o calor a única coisa que pode sossegar os ânimos é a água. "Tu *qués* mais é entrar na água e dá vontade de agradecer aos deuse por esse mar abençoado", explica ele com o sotaque típico de um descendente de açorianos.

E é a Barra da Lagoa, sua terrinha, que Agostinho considera a melhor praia de Florianópolis. "Já fui fã de muitas outras praias. Mas a maneira como o sol se põe, a agüinha tranqüila, a areia, os guarda-sóis coloridos e a moçada, tudo me anima na Barra", relata.

Um dos representantes do Mané Beat, ele está com o primeiro CD na praça, lançado em dezembro passado com o título *A hora do mané*. Misturando estilos musicais que vao do forró ao funk e rock'n'roll, as letras, em sua maioria, falam do povo ilhéu, seus costumes e comportamento (*veja box com letra*). Além da divulgação do CD, Valdir está ocupadíssimo procurando nas praias o material para a fantasia que vai desfilar em todos os bailes carnavalescos da região da Grande Florianópolis. "Recolho tudo o que é plástico que encontro e vou juntando para fantasia. Acho que é até uma maneira de colaborar com a limpeza e a consciência das pessoas que freqüentam nossas praias", diz .

De acordo com ele, sua fantasia para 99, ainda não totalmente definida, deve retratar um período que “começa com os primeiros habitantes da Ilha e vai até o futuro”. Valdir já é figura conhecida pelas suas criações feitas com aquilo que chama de “lixo turístico”.

Em sua casa na Fortaleza da Barra da Lagoa, cercado pela natureza exuberante, as pandorgas, chapéus, quadros e outras peças mostram o ecletismo do artista que busca na cultura popular a inspiração para seus trabalhos. Durante a temporada, Valdir Agostinho estará fazendo shows performáticos e divulgando seu CD em vários locais da Ilha.

[quadro entre texto à esquerda e fotografia à direita: letra de música]

PARAÍSO DO SURFE
Valdir Agostinho

Alô gente fina!
Qual é o seu lugar?
Surfar na Joaquina
Só vai melhorar
Eu já falei prá você:
Surfe, surfe, ié, ié! (bis)

Alô gente boa!
Qual é o seu lugar?
Surfar na Barra da Lagoa
O pescador vai pescar

Refrão

Mas se você não é careta
Procure a praia da Galheta
Que é só se liberar
Deite e se enrole
Na praia Mole
Pode até se esbaldar
Que eu quero estar com você

Alô gente fina!
Qual é o seu lugar?
Turista na Ilha
Surfista no mar
Garota na areia
Pandorga no ar

Refrão

Joaquna é só você
Famosa menina
É só você! (bis)

[Legenda: foto ao alto, por Roberto Scola]
No próximo carnaval, Valdir presentará uma fantasia feita de lixo coletado que contará a história da Ilha

[Legenda: foto abaixo, por Daniel Conzi]
A Barra da Lagoa, com seu marcante traço popular a águas tranqüilas, é a preferida de Valdir

Perfil
A hora do mané

VALDIR AGOSTINHO CANTA AS BELEZAS DA ILHA, DIVULGA SEU CD E PREPARA A FANTASIA PARA O CARNAVAL

No próximo Carnaval, Valdir apresentará uma fantasia feita de lixo coletado que contará a história da Ilha

A Barra da Lagoa, com seu marcante traço popular e águas tranquilas, é a preferida de Valdir

SANTA CATARINA. UM VERÃO COM TUDO PARA TODOS.

PARA VOCÊ VER E VIVER.

DIÁRIO CATARINENSE, quarta-feira, 10/03/1999.

Manifesto lembra morte de crianças (Geral)

O Grupo Pandorgas Partidas, composto por estudantes e professores do Centro de Educação da UFSC, promoveu ontem uma manifestação contra a morte de crianças que vivem nas ruas da Capital. De acordo com a professora Maristela Fantin, membro do grupo, nos últimos dois anos oito crianças morreram vítimas de acidentes ou assassinadas. A data do ato lembrou o aniversário de um ano da morte do menino Willian Araújo, 11 anos, que foi eletrocutado numa árvore de Natal, nas ruas de Canasvieiras. A manifestação de ontem ocorreu no campos da UFSC e foi marcada pela presença de crianças empinando pandorgas.

[foto: Carlos Kilian]

Manifesto lembra morte de crianças

DIÁRIO CATARINE

Manifesto lembra morte de crianças

O ESTADO, 22/03/1999.

Espetáculo de cores no céu de Florianópolis

[na imagem do recorte não é possível reconhecer a página. Por estar dobrada, também não é possível ler o texto por inteiro]

O Festival de Pandorgas já é uma tradição nas comemorações do aniversário da capital

Dezenas de pandorgas, nos mais diferentes formatos e cores, enfeitaram o céu da cidade neste final de semana, quando foi realizado o 25º Festival da Pandorga de Florianópolis. No total, foram 150 inscritos que vieram para a Passarela Nego Querido e concorreram nas modalidades Mais Bela, Mais Original, Maior, Corte de Pipa e Permanência. O primeiro colocado de cada categoria recebeu R$400, o segundo R$200 e o terceiro colocados R$100.

Promovido pela Secretaria do Turismo de Florianópolis e patrocinado pelo Besc Clube [Banco do Estado de Santa Catarina, posteriormente extinto e incorporado ao Banco do Brasil], o Festival de Pandorgas, que faz parte das comemorações de aniversário da cidade, deve sofrer mudanças a partir do ano que vem. Segundo o organizador do evento e criador do Festival, Allan Cardoso, conhecido como Allan das Pandorgas, a categoria Corte de Pipa será eliminada. “A Federação Internacional de Eolismo proíbe aquilo que pode trazer prejuízo para terceiros”, explica Allan. Como o corte de pipa é feito com utilização do cerol – mistura de cola de madeira e vidro moído passado na linha da pandorga que serve para derrubar as concorrentes – a brincadeira pode acabar machucando alguém. Allan afirma que em substituição outras categorias serão criadas.

Outra novidade que está em curso a realização do Festival semestralmente, e não mais anualmente, só no aniversário da cidade. “A melhor época para soltar as pandorgas é em julho, no inverno, quando os ventos são mais frescos e constantes. Fica bem mais fácil. Vamos tentar trazer para cá, ainda este ano, um festival nacional”, se compromete Allan, que de pandorga entende muito. Desde

pequeno soltando-as no alto da Rua Clemente Rôvere, no Centro. Allan lembra que o primeiro festival, idealizado por ele e por seus amigos já falecidos, Luiz Paulo Peixoto e Beto Stodieck, foi realizado na Beira-mar Norte, que em 1974 só tinha duas pistas e quase nenhum trânsito. Outro apaixonado pelas pandorgas, o artista Valdir Agostinho participou de todas as 25 edições do festival, ganhando em todas elas o prêmio de “a mais bela pandorga” e virando um *hors-concours* da categoria. “Dessa vez fiz 1 trabalho descompromissado, misturando cores de transparência e fazendo um acabamento no formato de rendas, como se estivesse costurando acabamento”, explica Agostinho, que revela ter gasto três dias na sua confecção. “Já teve algumas que eu levei três meses”, afirma. Segundo Agostinho, ele foi a primeira criança da Barra da Lagoa brincar de pipa. “Antes ela era utilizada apenas para a pesca”, relembra. Junto com Allan Cardoso, Agostinho [incompleto] em 1977, o Festival Nacional de Pipas de Papagaios, realizado em Salvador ficando com os prêmios de Mais Bela e Mais Original [pandorga?] Allan ganhou o prêmio pelo Corte de Pipa e Permanência

[Legenda, foto: Luiz Ca...?]
150 pessoas se inscreveram no concurso, uma das realizações mais bonitas e criativas da Secretaria d [incompleto]

O ESTADO

FLORIANÓPOLIS, 22 DE MARÇO DE 1999 · SEGUNDA-FEIRA · ANO 84 · Nº 26.813 · R$ 1,00

Espetáculo de cores no céu de Florianópolis

O Festival de Pandorgas já é uma tradição nas comemorações do aniversário da capital

[illegible]

DIÁRIO CATARINENSE, domingo, 23/05/1999.

Revista DC: Vocabulário

Na boca do povo (p. 2)

Um único objeto ganha diversos nomes, dependendo da região e da cultura

Valéria Rivoire

Vamos brincar de chupão, bilosca ou de bodoque? Depois da piracema vê se deixa de ser sumítico e pega sua grana para comprar mimosa e macaxeira para o bota-fora da sua tia. Se você não entendeu nada, aí vai a tradução: Vamos brincar de pandorga, bolinha-de-gude ou de estilingue? Depois do nevoeiro, vê se deixa de ser pão-duro e pega seu dinheiro para comprar bergamota e mandioca para a despedida da sua tia. Num país de muitos costumes, tradições e ritmos, o vocabulário também é diversificado. Enquanto que para uns montanha é pirambeira, pra outros cacoeste é sestro, é pisca-pisca, é morisqueta. Não tem como evitar. Cada região tem seu vocabulário próprio e isso acontece devido o rápido crescimento da língua portuguesa no Brasil: Para a professora Ilda Gomes Vieira, coordenadora do projeto Átlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (Alers), da Ufsc, a diversidade do vocabulário tem origem nas diferentes etnias e no [*sic*] aspecto físico e geográfico das regiões. "- Duas comunidades separadas apenas por uma montanha, por exemplo, podem apresentar um vocábulo diferente. Ou para muita gente, rio pode ser arroio, ribeirão, córrego, sanga e até cachoeira se em determinada região existir uma pequena queda no percurso deste rio", diz a professora que há 30 anos trabalha na área de Letras. Ela disse que não existe um estudo geral dos diferentes vocabulários no Brasil, mas que alguns estados já realizaram estudos individualizados sobre o assunto. "Bahia, Minas Gerais e a Paraíba já têm um levantamento dos diferentes verbetes surgidos durante os tempo. A região sul deveerá concluir o projeto Alers no ano 2001", conta a coordenadora do projeto em Santa Catarina que ao lado dos professores Mário Siegfried e Walter Koch, do Rio Grande do Sul, e José da Veiga Mercer, do Paraná, trabalham desde 1989 numa ampla pesquisa para descobrir a questão fonética fonológica (pronúncia das palavras), lexical (significado ou conceito), morfológica

(aspecto formal das palavras) e textual da língua portuguesa. Os três estados, segudo Ilda Gomes, sofreram forte influência dos imigrantes alemães, italianos e portugueses, “Nos outros estados não deve ser diferente. Você até entende o que um professor universitário baiano fala, mas vai ter certa dificuldade para entender o que um camelô ou uma empregada doméstica, por exemplo, estão falando.”

Mas essa diversidade não vem somente da influência das etnias, do rápido desenvolvimento da língua portuguesa ou de questões geográficas. “A necessidade das pessoas de se comunicarem cada vez mais rápido gera uma série de outras palavras que acabam até, com o passar do tempo, fazer parte do dicionário da língua portuguesa.” Há vários exemplos como bergamota que aparece como vergamota, tangerina, mimosa, laranja cravo e mexerica e outros que ainda não estão no dicionário, mas que ficará para o tempo incluí-los, como significado de mal pagador ou negador de conta que na cidade catarinense de Maravilha e Ponte Serrana vira nacador e caborteiro, respectivamente. Por esse Brasil afora, as vezes alguém pode estranhar ao ouvir alguém falar certas palavras. Jamais peça numa padaria do Rio de Janeiro um cacetinho (pão de trigo), você pode apanhar. Isso é coisa de gaúcho que certamente não vai gostar de ser chamado por um catarinense de gabola (nada a ver com afeminado, como muitos podem pensar, e sim valentão). Ou ser convidado por um paulista para encher uma besta (Van ou Kombi) para viajar.

A professora Ilda Gomes tem somente uma preocupação quando se refere a esse assunto. Ela acredita que as escolas não podem ser preconceituosas em querer corrigir seus alunos quando falam coisas que a vida lhes ensinou e que é de costume do local do local onde vivem que é de costume do local onde vivem. “Elas devem sim ensinar um padrão vocabular e fazer com que a criança tenha consciência de que existem diferentes tipos de se comunicar no Brasil. Desta forma não iremos perder nosso passado, já que a língua portuguesa evolui de forma acelerada e, até, assustadora”, encerra.

[Legenda, foto ao alto, por Carlos Kilian (fevereiro de 98); imagem de Valdir Agostinho empinando uma de suas pandorgas]

CURIOSIDADE: Soltar pipa ou pandorga é o mesmo que brincar de chupão

[Legenda, foto abaixo, por Ivone Marcarini]
ILDA GOMES: Professora desenvolve estudos sobre aspectos da linguagem.

[Do quadro à direita da matéria que contém diferentes sinônimos para a mesma palavra foi selecionado apenas o verbete]

PANDORGA
Papagaio
Pipa
Estrela
Chupão
Flecha
Arrame
Arraia

2

Vocabulário

Na boca do povo

Um único objeto ganha diversos nomes, dependendo da região e da cultura

CURIOSIDADE:

ILDA GOMES:

DIÁRIO CATARINENSE, domingo, 23/05/1999.

Revista DC: Gente (p. 7)

Vivo numa ilha feiticeira

Baianos, paulistas, mineiros, cariocas, goianos, gaúchos: quem vem de fora não troca Floripa

Talita Kinoshita

A cidade natal nem sempre oferece tudo o que as pessoas desejam para viver bem. No Brasil, a migração é tão comum que grandes cidades acabam acolhendo pessoas de todos os lugares. A magia de Florianópolis é o principal atrativo para as centenas de pessoas que resolvem se mudar para cá. Mas na chegada nem sempre tudo é mágico. Graças à quantidade de imigrantes que vieram para o Estado, cada cidade acaba tendo costumes comportamentais bem diferentes.

O inverno rigoroso foi a pior parte na adaptação da proprietária do restaurante Cida Baiana, que ficou tão conhecida por este nome que acabou batizando seu negócio com ele. “Salvador é muito quente e no começo sofri muito com o frio daqui, mas logo me adaptei”, comenta Cida. Por ser muito festeira, assim como os seus conterrâneos, Cida sentiu falta do carnaval e das festas baianas, mas isso foi logo solucionado por ela. “Como não tinha nada de música, nem comida baiana por aqui, resolvi fazer as minhas festas com tudo o que a Bahia tem de bom, e as pessoas gostavam tanto que acabei abrindo um restaurante bem típico”, explica ela.

Para o paulista José Celso de [?], sócio e marido de Cida Baiana, o único problema eram seus amigos, que adorava rir de seu sotaque bem característico do interior do estado de São Paulo. “Assim como meu sotaque era engraçado, o deles para mim era uma piada, mas no final todo mundo ria de tudo e foi assim que fiz várias amizades”, conta José Celso. “Para mim, a Ilha só trouxe coisas boas, pois foi aqui que conheci minha mulher e conseguimos montar um negócio próprio”, completa ele.

Quando se está fora de casa, a saudade que mais aperta é da comidinha da mamãe. Mesmo sendo Brasil, cada estado tem suas comidas típicas ou mesmo sua maneira de preparar o trivial. A advogada Deyse Bianchini Pinheiro, que antes de morar em Florianópolis passou 10 meses em Joinville, não se conforma em não encontrar uma pamonha igual a da sua terra, Goiânia. “Além da falta da pamonha notei que as pessoas daqui não usam tantos temperos na comida quanto na minha terra”, diz Deyse. Uma das histórias mais engraçadas que ela viveu ao mudar para Joinville foi quando uma de suas clientes resolveu fazer morcela e convidá-la para comer. “Quando ela me disse que aquilo era feito com todas as partes do porco que eu não como, tive que disfarçar a vontade de dar tudo para o cachorro que estava debaixo da mesa”, conta. Para seu marido, o juiz federal mineiro Jurandi Borges Pinheiro, a adaptação foi a mais tranquila possível, já que para ele os florianopolitanos são muito mais comunicativos do que os da sua terra. “Além de se fazer amizade mais fácil que em Belo Horizonte, acho que aqui ninguém te julga pela roupa que veste como em outros lugares por exemplo”, diz Jurandi.

Se para Jurandi fazer amizade foi muito fácil, para a secretária carioca Gisele Chaves de Morais essa foi a parte mais complicada quando se mudou para [ilegível] mais fechadas que no Rio e acabam demorando mais para se tornarem suas amigas”, contou Gisele. Além disso, a agitação do Rio fez falta para a carioca. “Como venho de uma cidade grande, no começo, aqui parecia uma cidade do interior, mas hoje considero Florianópolis uma míni Rio de Janeiro”, completa.

A saudade da terra natal é normal e quando aperta, tudo se resolve com algumas horas de viagem. O que todos têm em comum, porém, é a certeza de que foram enfeitiçados pela Ilha da Magia e não saem daqui por nada neste mundo.

[Legenda: foto 1, por Cleide de Oliveira]

BAIANA COM PAULISTA: Cida e José Celso se conheceram em Florianópolis e abriram um restaurante. No início, ela sentia frio enquanto os amigos faziam piada com o sotaque dele.

[Legenda: foto 2, abaixo à esquerda, por TK Helena]

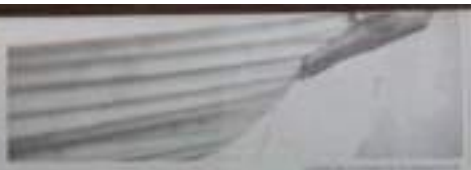
GOIANA: Dayse, advogada, só arrepiou na hora de comer morcela

[Legenda: foto3, abaixo à esquerda, por Cleide de Oliveira]

CARIOCA: Gisele demorou a se acostumar com a calma e o tamanho da Ilha, mas hoje considera Florianópolis um Rio de Janeiro em miniatura.

Vivo numa ilha feiticeira

Baianos, paulistas, mineiros, cariocas, gaúchos: quem vem de fora não troca Florianópolis



BAIANA COM PAULISTA:

GUIANA:

CARIOCA:

FOLDER do evento, 29/07/1999.

A Pandorga: O Projeto de um vôo

[p. 2 – interna]
“Eu gosto da rua porque tem mais liberdade...”
Willian, 12 anos

“...Mas... O que é liberdade?...”
Zébio – Educador

“Menino de rua não é apenas a criança que mora nas ruas, mas sim, toda criança que está na rua dos seus direitos”.
Rafael – Movimento dos Meninos e Meninas de Rua de Florianópolis

[p. 3]
Um vídeo documentário da jornalista Isabela Hoffmann que apresenta fragmentos da realidade de meminos e meninas que vivem nas ruas de Florianópolis. Uma história contada a partir da narrativa das próprias crianças.

Apresentação do projeto de conclusão do Curso de Jornalismo
Departamento de Comunicação Social – UFSC

Dia: 29 de julho de 1999
Local: Espaço Multimídia do Museu da Imagem e do Som – CIC
Horário: 19 horas

Paralelo a [*sic*] apresentação do vídeo acontecerá a abertura da exposição de fotos de Isabela Hoffmann e Marina Moros e a instalação de pandorgas de Valdir Agostinho na Sala de Exposições Temporárias do Museu da Imagem e do Som

[p. 4 – contracapa]
Apoio:
Secretaria Estadual da Casa Civil

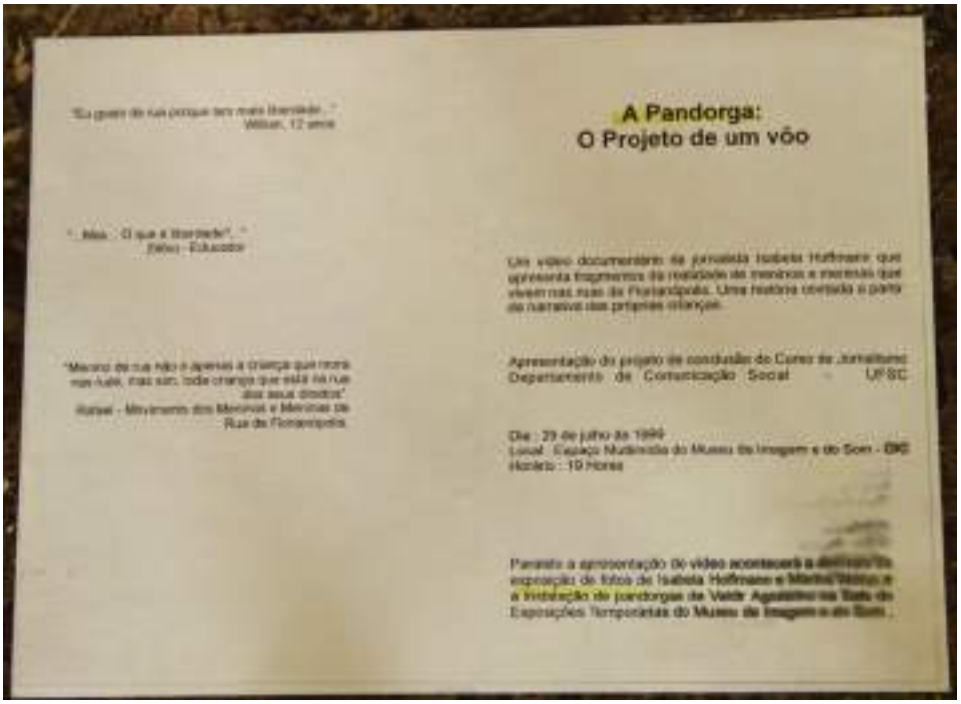
Museu da Imagem e do Som

RBS-TV

Trinta Por Segundo – Digital Vídeo

Patrocínio:

Besc – Seguros



DIÁRIO CATARINENSE, sábado, 07/08/1999.

Variedades

Juliana Wosgraus

Revival

Os bons tempos do Studio A/2, a galeria de arte criada por Beto Stodiek e Ana Raposo, nos anos 80, serão relembrados, ao menos em parte. O lançamento do livro *É tudo mentira – a história segundo Beto Stodieck*, no próximo dia 26, no Café Cancun, terá exposição a cargo da Mercado de Arte, com obras de artistas que eram xodó do Beto, como Rodrigo de Haro, Max Moura, Vera Sabino e outros. Só não vemos rever as hilárias performances do argentino Patrício Bisso, que surgia nos vernissages vestido de Carmem Miranda, bem antes da moda drag queen.

Mas Valdir Agostinho, que entrou no mundo das artes trabalhando no A/2, está preparando pandorgas incríveis, especialmente para a noite. Performances criativas agora também são com ele mesmo.

DIÁRIO CATARINENSE • QUINTA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 1999

Variedades

Juliana Wosgraus

Revival

❑ Os bons tempos do Studio A/2, a galeria de arte criada por Beto Stodieck e Ana Raposo, nos anos 90, serão relembrados, ao menos em parte. O lançamento do livro *E nada menino* – a historia segundo Beto Stodieck, no próximo dia 26, no Café Cancun, terá exposição a cargo da Metade do Arte, com obras de artistas que eram ainda do Beto, como Rodrigo de Haro, Max Moura, Vera Sabino e outros. Só não vamos rever as hilárias performances do argentino Patricio Bisso, que surgia nos vernissages vestido de Carmem Miranda, bem antes da moda drag queen.

❑ Max Valdir Agostinho, que errou no mundo das artes trabalhando no A/2, está preparando pandorgas interiores, especialmente para a noite. Performances criativas agora também são com ele mesmo.

DIÁRIO CATARINENSE • QUINTA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 1999

DIÁRIO CATARINENSE, quinta-feira, 28/10/1999.

Variedades

Juliana Wosgraus
Chuchi Silva - Interina

Noite feliz

Não fosse o apagão – a Celesc trocou um transformador na região da Beira-Mar e todos os prédios ficaram sem luz –, a festa de lançamento do livro *É Tudo Mentira – a História Segundo Beto Stodieck* teria varado a madrugada. O Café Cancun ferveu até a uma da manhã com um mix que reuniu, no mesmo espaço, artistas, intelectuais, jornalistas, colunistas, políticos, músicos, arroz-de-festa e as socialites de ontem e de sempre. O vereador Duduco, o pandorgueiro o Valdir Agostinho, a cantora Cláudia Barbosa, o secretário Paulo Gouvêa, o deputado Paulo Bornhausen, o jornalista Sérgio da Costa Ramos são alguns dos que conferiram ao happening – deu até maricota e boi-de-mamão – armado por Bea Porto e Fernanda Lago, as organizadoras do álbum. Fotos antigas pelas paredes de um som dos tempos da meia de lurex garantiram o tom nostálgico – carregado, porém, de muita alegria. O sucesso do livro foi imediato: o povo devorava ali mesmo, no meio da festa.

[Legenda: ao centro, foto de Sérgio Públio]
GENUÍNOS: Os manezinhos Claudia Barbosa e Valdir Agostinho, antes do encontro com o vereador Duduco (D), surpreenderam os convidados com elementos do folclore da Ilha

[Legenda, foto abaixo, também de Sérgio Públio]
EMOÇÃO: Fernanda Lago comemora o sucesso imediato do documento em forma de álbum que reúne a obra de Beto Stodieck.

Juliana Wosgraus

Chachi Silva - Interina

Arrisque-se

❑ O ZAZ, um conjunto com o Brau, está arrecadando 10 casais para a festa Bata Performers 2000, sábado. Para participar, assine a capa do ZAZ na Internet (www.zaz.com.br/cidades/fln/) e responda por que você gostaria de dançar nos pedais da casa Cuca, porque a promoção vai até amanhã às 15h.

Futuro certo

❑ Ricardo Bornhausen assine no Berplata, amanhã que vem, os empresários e adeptos que trabalham como voluntários no programa Minempresa da Junior Achievement. O publicitário, presidente do Conselho da entidade, conta mais de 200 estudantes de escolas públicas e privadas de Florianópolis e Blumenau que tiveram a experiência de ser empresários de verdade.

Banquete

❑ Restaurante Estação do Mar, em Canasvieiras, promove hoje o 2º Festival de Bacalhau a partir das 20h30min a R$ 30,00 por cabeça.

Chope & carne

❑ Amanhã, sexta-maquiada, a churrascaria Pe-

FOTO DE ROGÉRIO PEREIRA/DIVULGAÇÃO

GENUÍNOS: Os inseparáveis Cláudia Barbosa e Valdir Aguiarino, antes do encontro com o vereador Dudúco (D), surpreenderam os convidados com memórias no Noite da Ilha

EMOÇÃO: Fernanda Luigi comemora o sucesso imediato do documento em forma de álbum que reúne a obra de Beto Stodieck

Noite feliz

❑ Não foi o apogeu - a Cabaz trouxe um transformador na região da Beira Mar e todos se pediam fiquem sem lá -, a festa de lançamento do livro É Tudo Mentira - o Mentiras Segundo Beto Stodieck teve cara de a madrugada. O Café Cancun ferveu até a uma da manhã com um mix que reunia, num mesmo espaço, amigos, sindicatos, jornalistas, colunistas, políticos, musicos, atrás-de-festa e os vocalistas de ontem e de sempre. O vereador Dudúco, o publicitário Valdir Aguiarino, a cantora Claudia Barbosa, o secretário Paulo Gonzaga, o deputado Paulo Bornhausen, o jornalista Sergio da Costa Ramos são alguns dos que conferiram o happening - dos até manhã e bebe-mundo - armado por Ana Paula e Fernanda Luigi, as organizadoras do álbum. Fora antigas pelas paredes e um sem dos tempos da mais de bons gostamos e tom nostálgico - carregado, porém, de muita alegria. O sucesso do livro foi tão grande, o pessoal decorou até mesmo no meio da festa.

CLIPS

❑ Levi Alves, vitrinista e decorador dos mais criativos, mesmo agora a mostrar vitrines que valorizam não só o produto à venda, mas também a cultura da Ilha. O curso vai nos dias 3, 4 e 5 de novembro, com encerramento dia 8. Inscrições no (48) 232-0185.

❑ Escritores de Brusque são homenageados hoje na 1ª Noite Literária, às 20h30min, na Praça de Alimentação do Shopping Garacher.

❑ O Banana Molho, em parceria com a CAASC, promove hoje o 1º Concurso de Videoká da Classe Juníbos entrada é livre até as 23h.

❑ Aline Schmidt, a Miss Santa Catarina 99, usará vestido modelão exclusivo da estilista Silvia Vieira quando passar a faixa para sua sucessora. A escolha da Miss SC 2000 rola neste sábado, no Clube Mampituba, em Criciúma, com promoção da RBS-TV.

❑ É no dia 27 de novembro a festa do Turismo, na Lapa.

DIÁRIO CATARINENSE, segunda-feira, 27/03/2000.

Geral – 274 anos

Prêmios para pandorgas

O Festival da Pandorga 2000 movimentou o final de semana na Ilha. Cerca de 300 pandorgas coloriram o céu na Passarela Nego Querido, espaço que reuniu pessoas de todas as idades e classes sociais. Foram distribuídos reais 4000 e prêmios divididos em quatro modalidades: pandorga mais bela, maior, mais original e de maior permanência no ar. A Secretaria de Turismo da Capital estuda a realização ainda este ano de um festival nacional da pandorga, em Florianópolis

[foto de Daniel Conzi]

DIÁRIO CATARINENSE
LIVRO XIV UNIV. SOMA LISC. 12 SEGUNDA FEIRA, 27 DE MARÇO DE 2000

Prêmios para pandorgas

O Festival da Pandorga 2000 movimentou o final de semana na Ilha. Cerca de 300 pandorgas colorirem o céu na Passarela Nego Quirido, espaço que reuniu pessoas de todas as idades e classes sociais. Foram distribuídos R$ 4 mil em prêmios, divididos em quatro modalidades: pandorga mais bela, maior, mais original e de maior permanência no ar. A Secretaria de Turismo da Capital estuda a realização, ainda este ano, de um festival nacional da pandorga, em Florianópolis.

O ESTADO, segunda-feira, 27/03/2000

Pandorgas colorem céu de Florianópolis

26ª edição do festival comemora os 274 anos da capital catarinense

O céu de Florianópolis ficou mais colorido no final de semana para comemorar o aniversário de 274 anos de Florianópolis. Aconteceu na Passarela do Samba Nego Quirido a 26ª edição do Festival da Pandorga, cuja premiação somou R$ 4 mil e foi entregue ontem à tarde, no final do evento. Os participantes foram avaliados por um júri que escolheu entre as inscritas a "Mais Bela", "Mais Original" e a "Maior" pandorga. Também foi premiado o vencedor da modalidade de "Permanência no Ar". A categoria "Corte de Pipa" foi retirada da competição por causa dos riscos que oferece aos participantes e o caráter educativo que se quer atribuir a prática desse esporte. Segundo o coordenador Allan Cardoso, é preciso investir na conscientização das pessoas para a continuidade do esporte de forma segura. "Estamos aproveitando o evento para reforçar entre os participantes que não se deve brincar com pandorgas perto de fios elétricos. Dá para se divertir com segurança", explica.

O evento, patrocinado pela Secretaria de Turismo, distribuiu este ano R$ 500 para o primeiro colocado de cada categoria, R$ 300 para o segundo classificado e o terceiro fica com o prêmio de R$ 200. Além do total de reais 4000 em premiação, o concurso distribuiu troféus aos vencedores.

Aos 42 anos, Allan Cardoso é conhecido na cidade pela realização anual do evento. Nascido na rua Clemente Riovere, centro da Capital, Allan promoveu o primeiro evento em 1974, na Baía Norte, com apoio dos amigos Luiz Paulo Peixoto e Beto Stodieck, ambos falecidos. O festival acabou entrando para o calendário da cidade, completando este ano o 26º aniversário. Em 1977, em conjunto com Valdir Agostinho, outro pandorgueiro famoso, Allan venceu o Festival Nacional de Arraias, Pipas e Papagaios, realizado em Salvador, na Bahia, conquistando o primeiro lugar nas categorias a Mais Bela e a Mais Original Pandorga. [Trecho destacado em amarelo no documento original].

[Legenda: foto de Paulo Dutra]
Categoria “Corte de Pipa” foi retirada da competição, que aconteceu na Passarela Nego Quirido

[Legenda: foto da capa]
Festival da Pandorga na Passarela Nego Quirido homenageou os 274 anos de Floripa

Pandorgas colorem céu de Florianópolis

26ª edição do festival comemora os 274 anos da capital catarinense

O céu de Florianópolis ficou mais colorido no final de semana para comemorar o aniversários de 274 anos de Florianópolis. Aconteceu na Passarela do Samba Nego Quirido a 26ª edição do Festival da Pandorga, cuja premiação somou R$ 4 mil e foi entregue ontem à tarde, no final do evento. Os participantes foram avaliados por um júri que escolheu entre as inscritas a "Mais Bela", "Mais Original" e o "Maior" pandorga. Também foi premiado o vencedor da modalidade de "Permanência no Ar". A categoria "Corte de Pipa" foi retirada da competição por causa dos riscos que oferece aos participantes e o caráter educativo que se quer atribuir à prática desse esporte. Segundo o coordenador Allan Cardoso, é preciso investir na conscientização das pessoas para a continuidade do esporte de forma segura. "Estamos aproveitando o evento para reforçar entre os participantes que não se deve brincar com pandorgas perto de fios elétricos. Dá para se divertir com segurança", explica.

O evento, patrocinado pela Secretaria de Turismo, distribuiu este ano R$ 500,00 para o primeiro colocado de cada categoria, R$ 300,00 para o segundo classificado e o terceiro fica com o prêmio de R$ 200,00. Além do total de R$ 4 mil em premiação, o concurso distribuiu troféus aos vencedores.

Aos 42 anos, Allan Cardoso é conhecido na cidade pela realização anual do evento. Nascido na rua Clemente Riovere, centro da Capital, Allan promoveu o primeiro evento em 1974, na Baía Norte, com o apoio dos amigos Luiz Paulo Peixoto e Beto Stodieck, ambos falecidos. O festival acabou entrando para o calendário da cidade, completando este ano o 26º aniversário. Em 1977, em conjunto com Valdir Agostinho, outro pandorgueiro famoso, Allan venceu o Festival Nacional de Arraias, Pipas e Papagaios, realizado em Salvador, na Bahia, conquistando o primeiro lugar nas categorias a Mais Bela e a Mais Original Pandorga.

Paulo Dutra/OE

Categoria "Corte de Pipa" foi retirada da competição, que aconteceu na Passarela Nego Quirido

ADO
NDA-FEIRA - ANO 85 - Nº 27.132 - R$ 1,00

Festival da Pandorga na Passarela do Samba Nego Quirido homenageou os 274 anos de Floripa

DIÁRIO CATARINENSE, sábado, 20/05/2000.

Variedades: Salada Mista (p. 6)

Um velho brinquedo

Por mais antiga que seja, a pandorga jamais deixou de fascinar crianças e adultos

Márcia Feijó

Pandorga, pipa, papagaio... O nome e o formato mudam de lugar para lugar, mas é o mesmo brinquedo que está espalhado por todos os cantos do mundo. E embora não se saiba com certeza como tudo começou, quem ficou com a fama de autor do invento foi a Archytas de Tarento, um grego que viveu na mesma época que o filósofo Platão, por volta do século IV 4 a.C (ou seja, uns 400 anos antes de Jesus Cristo nascer).

Sabe-se ainda que no antigo Egito havia algum conhecimento a respeito, pois os egípcios criaram hieróglifos (desenhos que simbolizavam palavras) mostrando objetos alados controlados por fios. E que lá pelo ano 200 a.C. as pessoas que moravam na Ásia já soltavam pandorgas.

Os chineses, que também viviam naquele continente, gostaram tanto que até hoje as pipas fazem parte da sua cultura. Entretanto, na tradição oriental não se trata somente de uma brincadeira. As pandorgas estão ligadas à religião. Quando os chineses querem atrair boa sorte e prosperidade, pintam dragões em suas pipas. Quando querem ter saúde e que sua vida dure bastante, pintam tartarugas. E se a intenção é que a colheita seja farta e as mulheres gerem muitos filhos, desenham imensas carpas (um tipo de peixe). Os animais para eles têm sempre significados mágicos.

Muitos inventores no mundo todo também usaram estes brinquedos para auxiliar invenções muito sérias. (Veja o box dos “fãs” da pandorga).

No Brasil o uso do papagaio também é bastante antigo. Não há registros oficiais, mas de acordo com a cultura popular, ficamos sabendo que os escravos fugidos que moravam no Quilombo dos Palmares empinavam pipas para comunicar quando havia algum perigo por perto.

Pandorgueiro da Barra da Lagoa

No Litoral de Santa Catarina a pandorga era 1 instrumento utilizado na pesca. Na 1os. vez que Valdir Agostinho viu uma, ela estava sendo usada pelos pescadores da Barra da Lagoa, em Florianópolis, onde ele vive desde menino. “Eles faziam uma armação com duas varas de bambu, forravam com saco plástico e amarravam em uma pedra. Nesta pedra prendiam uma linha de nylon cheia de anzóis com iscas (um espinhel). Ao fim da tarde era só achar a pandorga no céu e seguir o fio com os olhos para saber onde estava a pedra”, contra ele. Os pescadores puxavam a danada para fora e os anzóis vinham carregadinhos de peixes.

Valdir olhava aquilo e sua cabeça de menino e além. Ele enxergava um excelente brinquedo naquelas varetas forradas, naquele instrumento capaz de subir para o céu e ao mesmo tempo estar preso à terra por um fiozinho tão fino. Não teve dúvidas, construiu uma e saiu empinando pandorgas pela Barra.

Hoje, Valdir está com 44 anos e pode ser considerado o maior pandorgueiro do Estado. Se tornou artista plástico e além de pipas caprichadas, cria objetos usando lixo reciclável. Mas não perdeu o encantamento de menino que veio pandorga pela primeira vez. Valdir já participou de diversos festivais em Santa Catarina e em outros estados brasileiros. O sonho dele soltar papagaio em um grande festival que é realizado na China.

Valdir Agostinho ensina técnicas de fazer pipas para a garotada no Centro Cultural Bento Silvério, na Lagoa da Conceição. Ele acredita que “todo o pai deveria soltar pipa pelo menos uma vez na vida com seus filhos”.

[Legenda: foto ao centro, de Julio Cavalheiro]

NOVA GERAÇÃO: Valdir Agostinho ensina a garotada no Centro Cultural Bento Silvério, na Lagoa da Conceição

[Textos à direita]

FAÇA A SUA PIPA

MATERIAL:

1 vareta de bambu medindo 40cm
2 varetas de bambu medindo 32cm
3 folhas de papel de seda colorido
1 saco plástico
1 carretel de linha nº 10
1 garrafa plástica vazia
cola, tesoura, régua e caneta

COMO FAZER

Marque um risco no meio das varetas menores e façam pequenos talho com a tesoura. Na vareta maior, faça um risco a 6cm da ponta e outro a 21cm da outra ponta (a diferença entre os dois tem que ser e [*sic*] 15cm). Com a linha, amarre cada uma das varetas menores na maior, unindo-as exatamente nas marcações. Dê várias voltas com o fio. Faça um pequeno talho na ponta das varetas. Com a linha bem esticada, vá unindo as pontas formando um contorno para armação. Quando acabar, deixe um metro e meio de linha sobrando para fazer a cauda. Passe cola na armação e coloque-a sobre a folha de seda (se quiser, ao invés da folha de uma cor só, você pode unir várias tiras, formando um mosaico colorido). Corte o papel do formato da armação, deixando um centímetro e meio a mais. Passe cola na beirada que sobrou e dobre sobre a linha, esticando bem o papel. Agora você pode decorá-la com outros pedaços de papel de seda. Cuidado para não passar muita cola; caso contrário a pipa fica muito pesada. Corte o saco plástico em tiras e amarre-as na corda que sobrou para a cauda, com intervalos de 10cm. Corte 50cm de linha. Amarre uma ponta na parte inferior da vareta maior e outra no ponto de encontro entre uma das varetas menores (a que ficar mais acima) e a vareta maior. Faça um laço no meio deste fio. Enrole

a linha do carretel na garrafa plástica e prenda neste laço (ele vai permitir que ela deslize).

Dicas: uma pandorga tem que ser leve e as varetas precisam estar bem posicionadas, para que ela se mantenha estável no ar.

COMO SOLTAR

O melhor vento não é forte nem fraco, mas médio e contínuo. Empine sua pipa na direção oposta ao vento. Vá soltando a linha aos poucos e com movimentos leves.

PANDORGUÊS.

Capucheta - tipo de pipas sem varetas
Caixa - pandorga tridimensional, com estrutura rígida
Carretel - qualquer cilindro (pode ser uma garrafa plástica) onde é enrolado o fio que será solto aos poucos quando você soltar a pandorga
Cerol - linha com pó de vidro colada
Empinar - soltar a pipa, colocá-la no ar soltando fio e aproveitando as correntes
Estirante – duas linhas que prendem a armação ao fio que está enrolado no carretel.
Ir à Bahia - quando se deixa o fio escorregar e não consegue mais recuperar a pandorga empinada, diz-se que ela foi à Bahia
Peixinho - espécie de pipa bastante fácil de fazer e empinar, com apenas duas varetas, sendo uma delas em arco
Rabiola - um dos tipos de cauda de pipa, com tiras fininhas amarradas em um fio; em alguns lugares este nome é dado a própria pandorga

ONDE APRENDER

Oficina de pandorgas com Valdir Agostinho

Quando: todas as quartas e quintas.
Onde: Centro Cultural Bento Silvério (Casarão da Lagoa) - Rua Henrique Veras, 50, Lagoa da Conceição

Horário: nas quartas das 9h às 11h, e nas quintas das 15h às 17h
Preço: gratuito

Livro

Nome: Coleção Brincando Com - Pipas Decorativas, Pipas Múltiplas e de Duplo Comando, Pipas Planas
Autor: Silvio Voce
Editora: Global

[Texto à esquerda]

FÃS DA PANDORGA
Alberto Santos Dumont (1873 – 1932): se inspirou nas pandorgas tipo caixa para criar o 14 bis
Alexander Wilson - astrônomos coceis que ensinou várias pandorgas com termômetros amarradas e em 1 só linha para medir as variações de temperatura do ar em diferentes altitudes
Benjamin Franklin (1706 – 1790) - físico jornalista e político norte-americano que provou que existe eletricidade no ar usando 1 pipa
Guglielmo Marconi (1874 - 1937) - este físico italiano sou 1 papagaio para fazer experiências de transmissão radiofônica e ganhou o prêmio nobel em 1.909
Graham Bell (1847 - 1922) - físico americano que utilizou os experimentos de marconi para inventar o telefone
Leonardo da Vinci (1452 – 1519) - aerodinâmica da pipa o inspirou nos projetos de suas máquinas voadoras

[Texto abaixo, ao centro]
CUIDADOS
Cerol - o pó de vidro colado no fio da pandorga para cortar os fios das outras é extremamente perigoso. Este cordão pode ficar esticado e já houve casos em que motoqueiros passaram e tiveram lesões graves no pescoço. Isto também pode ocorrer com pessoas que estejam passando na rua também. A recomendação do Major José Volni de Souza, integrante do Departamento de

Comunicação Social da Polícia Militar, é para evitar esse tipo de brincadeira, que pode se tornar fatal.

Chuva - nem pense em pinar em dias de chuva. Elas podem atrair raios.

Eletricidade – segundo a Celesc, quando os fios da pandorga se enrolam na rede de energia elétrica, não é correto tentar tirá-la, subindo nos postes ou usando qualquer tipo de instrumento. Esta retirada, tanto feita por crianças quanto para adultos, pode causar graves acidentes e até levar à morte por descarga elétrica (choque). Podem ainda ocasionar o desligamento da rede, causando prejuízo aos demais consumidores. O certo é chamar a Celesc pelo telefone **196**.

Linha - nunca perca de vista e procure não conservá-la muito baixa longe de você. Por ser muito fina, pessoas que estejam passando podem não enxerga-la e tropeçar nela.

Locais adequados - procure locais adequados, sem fios elétricos. Prefira lugares abertos como praias, praças largas ou campos de futebol. Não solte pipa no meio da rua, mesmo que ela não tenha muito movimento de carros. Você pode se distrair e não perceber algum veículo.

Telhados - soltar pandora em cima de telhados ou em muros altos para retirar também é perigoso. Por ficar com o olhar fixo no alto, você pode escorregar e cair, sofrendo fraturas graves. O mesmo pode ocorrer se você subir nestes lugares para retirar as que caíram .

IO CATARINENSE

Um velho brinquec

mais antiga que seja, a pandorga jamais deixou de fascinar crianças e

Pandorga, papa, papagaio... O nome e o formato mudam de lugar para lugar, mas é o mesmo brinquedo que esta aqueles por todos os cantos do mundo, embora não se saiba com certeza em tudo consiste, quem foi com exatidão de autor do invento foi Archytas de Tarento, um grego que viveu na mesma época que o filósofo Platão, por volta do século IV a.C. (ou seja, cerca 400 anos antes de Jesus Cristo nascer).

Sabe-se ainda que no antigo Egito havia algum conhecimento a respeito, pois os egípcios criaram hieróglifos (desenhos que simbolizam palavras) mostrando objetos sendo controlados por fios. E que lá pelo ano 200 a.C. as pessoas que moravam na Ásia já soltavam pandorgas.

Os chineses, que também eram mapeiá constantes, gostam muito que até hoje as pipas fazem parte da sua cultura. Entretanto, na tradição oriental não se trata somente uma brincadeira. As pandorgas estão ligadas à religião. Quando os chineses querem atrair boa sorte e prosperidade, pintam dragões em suas pipas. Quando querem ter saúde e que a vida dure bastante, pintam tartarugas. E se a intenção é que a colheita se farta e as mulheres gerem muitos filhos, desenham inúmeras carpas (um tipo de peixe). Os animais, para eles, sempre significados mágicos.

Muitos inventores no mundo todo também usaram estas brincadeiras para realizar suas invenções muito úteis. Que o Santos Dumont, "Pai" da pandorga!

No Brasil o uso de papagaio também é bastante antigo. Não há registro oficiais, mas de acordo com a tradição popular, fizemos saber que escravos fugidos que moravam no quilombo dos Palmares empinavam-nas para comunicar quando havia algum perigo por perto.

NOVA GERAÇÃO: Valdir Agostinho ensina a garotada no Centro Cultural Santo Silvério, na La

Pandorgueiro da Barra da I

No Litoral de Santa Catarina a pandorga era um instrumento utilizado na pesca. Na primeira vez que Valdir Agostinho viu uma, ela estava sendo usada pelos pescadores da Barra da Lagoa, em Florianópolis, onde ele vive desde menino. "Eles faziam uma armação com duas varas de bambu, forravam com sacos plásticos e amarravam em uma pedra. Nesta pedra prendiam uma linha de nylon cheia de anzóis com isca (um espinhel). Ao final da tarde era só soltar a pandorga no céu e seguir o fio com os olhos para saber onde estava a pedra", conta ele. Os pescadores prendem a linha para fora e os anzóis ficam carregadinhos de peixes.

Valdir olhava espiando e sua cabeça de menino ia além. Ele mergulhava em conchas brincando naquelas varas bambu, naquele instrumento capaz de subir para o céu e ao mesmo tempo estar preso à terra não fim. Não teve dúvidas, construiu sua primeira pandorga pela Barra.

Hoje, Valdir está com 44 anos e é o maior pandorgueiro do Estado. Se [illegible] e sete de papel capelinha, [illegible] ao vendável. Mas não perdeu o encanto que vê pandorga pela primeira vez. [illegible] de diversos festivais em Santa Catarina e estados brasileiros. O sonho dele é [illegible] um grande festival que a realizado no [illegible]

Valdir Agostinho ensina a técnica [illegible] a garotada no Centro Cultural Santo [illegible] da Conceição. Ele acredita que "todo [illegible] ter pipa pela mesma cor vai na rida [illegible]

Salada Mista
Um velho brinquedo
Pandorgueiro da Barra da Lagoa
Catarinense
GERON

Rateiro
Estudo
Sem enrolar a língua
AMIGAS

DIÁRIO CATARINENSE, 15/09/2000.

Cacau Menezes

Cantando na chuva

Foram 35 dias, muito mais que planejamos. Razão: chuva, muita chuva. A cada dia o sol era esperado para uma sessão de fotos, uma gravação com céu azul. Nada. Passeios em locações só entre nuvens. Tudo bem, estávamos no paraíso, na Ilha! A antiga Nossa Senhora do Desterro preserva seu mundinho, sua rede, sua renda, sua reza. As 42 belas praias, lagoas, dunas, pastos, mangues, gaivotas, pingüins, cavalos e outros bichos compõem o cenário. O arranjo de elementos geográficos e culturais criam uma identidade forte para Florianópolis.

Lugar sonhado por muitos que aqui chegam, esta Ilha tem seus poderes . O Centro conserva história da Capital catarina. A Ponte Hercílio luz, o Mercado Público, o Museu Cruz e Souza, a centenária figueira da Praça XV.

Saindo da região central, Florianópolis muda de cara. Quando se contorna as curvas do Morro da Lagoa da Conceição, avistando a Costa Leste da Ilha, pode até chover, é sempre um delírio. De frente para o horizonte africano responsável pelas ondulações do famoso surfe, o ritmo é outro. A Lagoa da Conceição, grande deusa de Floripa, hoje não é mais só dos pescadores. Esta *Avalon Tropical* tem atrativos turísticos, gastronômicos, esportivos e econômicos que se mesclam com a cultura e o imaginário ilhéu.

A principal estrada da Lagoa, a Avenida das Rendeiras, leva a Praia Mole, da eclética galera, a Barra da Lagoa, ao Rio Vermelho e Moçambique, ou mais perto ainda, a Praia da Joaquina. Entre a Lagoa e as dunas da Joaca, chega-se ao Beco dos Surfistas. Lá no meio está Pousada dos Gravatás, onde ficamos abrigados pela Família Vidigal, mui amados, brothers. Lugar de paz e tranquilidade, um privilégio no Éden.

Do Beco do Surfista saíamos para desbravar a Ilha. Às vezes, sentido Norte: Praia Brava, Canasvieiras, Ingleses, Ponta das Canas, Praia do Forte, onde está

a Fortaleza de São José da Ponta Grossa. Este magnífico conjunto arquitetônico e histórico foi restaurado em 1992 de uma forma muito interessante e hoje é um ponto turístico obrigatório. Seguimos também para o Sul: a calmaria do Ribeirão da Ilha, o Boi de Mamão na Praia da Armação.

Crianças encenam a morte e ressurreição do boi alegórico, sinais do movimento de resgate da cultura açoriana – reforçando o que vimos, ouvimos e gravamos na Barra da Lagoa.

Lembrando ainda que foi na Barra que conhecemos as melhores histórias sobre os seres fantásticos da ilha, guiados pela figura do multifacetado Valdir Agostinho e suas pandorgas. Depois de passar esse tempo na confortável Ilha, indo e vindo, mesmo que pulando poças e rezando por um solzinho, estamos levando com a gente a sensação mágica de que vamos voltar".

Comentários feitos pelos repórteres da revista *Página* da *Estrada*, quando passaram por Florianópolis, em 1998. De lá pra cá só melhorou!

[Depois de ler o último parágrafo, entende-se que todo o texto é citação da matéria dessa revista, mas as aspas só aparecem no penúltimo parágrafo.]

RIO CATARINENSE

Cantando na chuva

Faremos 15 dias, muito mais que planejamos. Razão: chuva, muita chuva. A cada dia o céu era esperado para uma mudança de tempo, uma gravação sem cinza cinzil. Nada. Passamos a brincadeira adotar novena. Todo bom, estivemos no paraíso, na Ilha! A antiga Nossa Senhora do Desterro permeia seu manifesto, sua rede, sua renda, sua raiz. Ao 42 belas praias, lagoas, dunas, portos, mangues, pássaros, pássaros, cercado e outros bichos compõem o cenário. O arranjo de elementos geográficos e culturais criam uma identidade forte para Florianópolis.

❑ Logo sentado por muitos que aqui chegam, cada Ilha tem seus pedaços. O Centro concentra a história da Capital catarina. A Ponta Herculano Luz, o Mercado Público, o Museu Cruz e Sousa, o centenário Ginásio de Praça XV.

❑ Saindo do centro central, Florianópolis muda de cara. Quando se atravessa as curvas do Morro da Lagoa da Conceição, impressiona o Costa Leste da Ilha, pode até chover, o sermão não delinea. Da Barra para o horizonte abrange responsável pelas ondulações do Barra sudeste, o mar e outro. A Lagoa da Conceição, grande dunas de Florianópolis, bem não é muito só dos pescadores. Para Jardim Tropical tem atrativos turísticos, gastronômicos, esportivos e ecológicos que se mesclam com a cultura e o imaginário ilhéu.

❑ A principal estrada da Lagoa, a Avenida das Rendeiras, leva à Praia Mole, de belíssima galeria, à Barra da Lagoa, ao Rio Vermelho e Moçambique, ou mais perto ainda, à Praia da Joaquina. Entre a Lagoa e as dunas da Joaca, chega-se ao Bairro dos Surfistas. Lá ao norte está a Pousada dos Guarás, onde Barnes abrigados pela Família Vidigal, seus amados, brothers. Lugar de paz e tranqüilidade, um privilégio de Ilha.

❑ Do Bairro dos Surfistas saímos para desbravar a Ilha. Ao leste, sentido Norte: Praia Brava, Canasvieiras, Ingleses, Ponta das Canas, Lagoinha, Praia do Forte, onde está a Fortaleza de São José da Ponta Grossa. Este magnífico conjunto arquitetônico e histórico foi tombado em 1992 de uma forma muito interessante e hoje é um ponto turístico obrigatório. Seguimos também para o Sul: a colônia de Ribeirão da Ilha, o Bar de Manjão na Praia do Armação.

❑ Crianças crescem a mesma e consumação do bar chegaram, sinais do movimento de roupas da cultura aporiata - sobrando o que vimos, sentimos e guardamos na Barra da Lagoa.

❑ Lembrando ainda que foi na Barra que conhecemos as melhores histórias sobre os seres fantásticos da Ilha, geradas pela figura do multifuncionado Valdir Agostinho e seus geologos. Depois de passar este tempo na confortável Ilha, sulo e mulo, mesmo que pulando pogos e rezando por um sólamba, estamos levando com a gente a sensação mágica de que vamos voltar.

❑ Comentários feitos pelos repórteres da revista *Página da Estrada*, quando passaram por Florianópolis, em 1999. Do lá para cá, só melhorou!

Anfitriões

❑ De hoje até domingo, a Tropical Brasil estará realizando, aqui em Florianópolis, sua convenção nacional de Alto Verão. Representantes de todo o Brasil e equipe de desenvolvimento de produtos estarão hospedados no Cabanas da Praia Mole para palestras e apresentação do Alto Verão. Como é costume dos catarinenses, de pelo

JORNAL DE SANTA CATARINA, quinta-feira, 16/01/2003.

[Capa:]

MÚSICA:
Iriê faz em Porto Belo uma prévia do Planeta Atlântida [p. 9B]

LAZER
Oficina ensina a arte de fazer pandorga [p. 9B]

Lazer
Diversão: Vôos coloridos (9B)

Estímulo à liberdade, a arte da pandorga é resgatada em oficina gratuita
Fabiana Roza

Pode parecer estranho, numa época onde os jogos eletrônicos predominam entre as brincadeiras, uma criança se interessar pelo antigo passatempo de empinar pandorgas. Mas, felizmente, o brinquedo com origem a cerca de 2,5 mil anos atrás ainda desperta a curiosidade da meninada. Uma prova disso é o número de participantes na Oficina de Pandorgas, oferecida gratuitamente no Shopping Neumarkt desde a segunda-feira. O responsável por incentivar o gosto pela pandorga é o artista plástico e músico Valdir Agostinho, 46 anos, de Florianópolis, que ministra a oficina até sábado.

Quem passar pela Praça de Eventos do Neumarkt nesta semana, com toda certeza, vai dar uma paradinha, nem que seja para admirar as enormes e coloridas pandorgas suspensas no teto. As criações são assinadas pelo artista Valdir Agostinho, que a mais de oito anos ensina a técnica em escolas, shopping e eventos.

A habilidade de confeccionar pandorgas surgiu aos cinco anos, quando Agostinho observava os pescadores da Barra da Lagoa. “Na época, as pandorgas eram bastante utilizadas como instrumento de pesca na ilha”. Mas foi

na adolescência que o artista transformou a brincadeira em profissão. “Eu fui trabalhar como office-boy na galeria Studio A2, que também promovia festivais de pandorga”, lembra. Daí em diante, se tornou pandorga o mais célebre da ilha, premiado em vários festivais

As oficinas são um momento de imenso prazer para o artista, que diz adorar o contato com as crianças. Na sua opinião, toda criança tem que brincar de soltar pandorga. “Este ato simples traz uma sensação de liberdade, além do brinquedo nos colocar em contato com o céu. E olhar para o céu faz bem para alma”, diz.

Na oficina, Agostinho ensina desde os modelos mais populares, como peixinho, até o caixote, feito com mais de 20 varetas de bambu. “Mostro também a técnica criada por mim, que consiste em colagem, pintura e recorte”, conta. A diferença está na sofisticação de materiais e na ousadia. “Utilizo papéis transparentes, laminados e multicoloridos e misturo influências folclóricas como Carnaval e Pão Por Deus.” Podem ser do tamanho de uma colcha de cama ou pequeninas como uma unha.

Revoada

Para encerrar o encontro, todos os participantes serão convocados para participar de uma revoada na Prainha, marcada para domingo, às 10h.

[Rodapé]
OFICINA DE PANDORGAS - Na Praça de Eventos do Shopping Neumarkt, Rua 7 de Setembro, 1.213, Centro, Blumenau. Oficina gratuita com o artista plástico Valdir Agostinho. Diariamente, 15h às 18h19 horas às 21. Até sábado.

Confecção manual diverte

A oficiante Maria Eduarda Kracik, nove anos, assume que não tem muita prática com pandorgas. “Só soltei 1 vez, mas a pipa se perdeu”, conta. Mesmo assim, confessa que acha mais fácil soltar a pipa do que confeccioná-la. “O mais difícil é colar as varetas”, observa. O primo Ricardo Kracik Coimbra, nove, também

teve dificuldades no início, mas em pouco tempo já corria pelo shopping com o novo brinquedo.

Os amigos Guilherme Leonardo Medeiros, 12, e Marlon Maçaneiro Júnior, 11, também estavam empenhados em aprender os macetes para fazer uma pandorga. Na primeira tentativa, a dupla escolheu logo o modelo mais complicado. “Vamos fazer 1 modelo caixote, que é mais difícil de encontrar”, conta Marlon. Os dois pretendem participar da oficina todos os dias, já que o tempo para terminar a pandorga deve ficar em torno de 10h. Se aprenderem direitinho as técnicas, Guilherme e Marlon pretendem fazer pandorgas para vender.

Mas a oficina não é privilégio apenas das crianças. Adultos também se renderam a magia das pandorgas como a diretora de escola de música Crisley Pereira, 29. “Vim ontem fazer com o meu filho de oito anos e hoje voltei a pedido dele para fazer uma pandorga bem brasileira para enviar para o tio que mora nos Estados Unidos”, conta. Crisley ressaltou a importância deste tipo de recreação para as crianças. “Achei muito interessante esta ideia de resgatar o interesse por um brinquedo antigo”.

[Legenda, foto: Edemir Garcia]
A oficina gratuita, comandada pelo artista Valdir Agostinho, termina no domingo com uma revoada na Prainha

JORNAL DE SANTA CATARINA
MÚSICA
LAZER
BASQUETE
LAZER
DIVERSÃO
Vôos coloridos
Confecção manual diverte

Vôos coloridos
ESTÍMULO À LIBERDADE, A ARTE DA PANDORGA É RESGATADA EM OFICINA GRATUITA EM BLUMENAU

JORNAL DE SANTA CATARINA, sexta-feira, 17/01/2003.

Lazer

Coluna Vertebral

Cristiano Ricardo Zimmermann

PANDORGA

Quais os nomes do avião de papel, linha, cola e palitos de bambu? Pandorga, pipa, arraia, peixinho, barrelote e caixote são alguns nomes, dependendo da região. Essas palavras são do manezinho Valdir Agostinho, músico, artista plástico, carnavalesco e pandorgueiro que está no Shopping Neumarkt, em Blumenau, até amanhã, ensinando a crianças e adultos uma poderosa terapia: a arte de fazer uma pipa.

Eu fiz e saí todo faceiro.

JORNAL DE SANTA CATARINA

LAZER

Cristiano Ricardo Zimmermann

Coluna Vertebral

UTHECNO

PANDORGA

VELOCRO

BALADA FO

JET SKI

JORNAL DE SANTA CATARINA, sábado e domingo, 18 e 19/01/2003.

Geral: Diversão

Pandorgas vão colorir o céu de Blumenau (p. 1B)

Fabiana Roza

BLUMENAU – O céu de Blumenau ficará mais colorido na manhã de domingo, quando acontecerá uma revoada de pandorgas na Prainha. A partir das 10h, adultos e crianças estarão no local para soltar no ar os modelos confeccionados na Oficina de Pandorgas, promovida no Shopping Neumarkt durante toda a semana. O artista plástico Valdir Agostinho, responsável pela oficina, também participará da revoada com suas gigantescas e belas obras de arte de papel.

Os participantes da oficina de pandorgas e os admiradores dos coloridos objetos - também conhecidos como pipa ou papagaio - poderão aproveitar o fim de semana para praticar uma antiga brincadeira. A revoada é o resultado de uma oficina voltada para crianças e adolescentes em férias, quando foram ensinadas as técnicas para confeccionar os mais diversos modelos de pandorgas.

Técnica

O artista plástico e músico de Florianópolis, Valdir Agostinho, foi convidado pelo Shopping Neumarkt para ministrar o curso durante toda a semana. Além dos modelos populares, Agostinho mostrou sua própria técnica de fazer pandorgas, que consiste em recorte, colagem e pintura e aplicação de elementos folclóricos. As criações do artista são verdadeiras obras de arte, premiadas e convidadas para participar de festivais em todo o Brasil.

[Rodapé]

REVOADA DE PANDORGAS - Na Prainha, Rua Paraguai, 66 , Ponta Aguda, Blumenau. Revoada das pandorgas confeccionadas na Oficina de Pandorgas ,

promovida pelo Shopping Neumarkt e ministrada pelo artista plástico Valdir Agostinho. Domingo, 10h.
[Legenda, foto: Edemir Garcia]

Agostinho participa de festivais pelo Brasil

DIVERSÃO

Pandorgas vão colorir o céu de Blumenau

Agostinho participa de festivais pelo Brasil

FABIANA ROCA

BLUMENAU – O céu de Blumenau ficará mais colorido na manhã de domingo, quando acontecerá uma revoada de pandorgas na Prainha. A partir das 10h, adultos e crianças estarão no local para soltar no ar os modelos confeccionados na Oficina de Pandorgas, promovida no

GERAL
JORNAL DE SANTA CATARINA

DIVERSÃO

Pandorgas vão colorir o céu de Blumenau

Agostinho participa de Bestiais pelo Brasil

St-Etienne Society, setembro de 2005.

Le Brésil fait la foire

A l'occasion de la Foire Économique de St-Etienne, le Palais des Spetacles arborera, durant 11 jours, les couleurs du Brésil et de la cité de Florianopolis. L'économie, l'artisanat, la gastronomie, le sport (et pas seulement le foot !), la culture, la musique et la danse seront ainsi mia à l'honneur et permettront au visiteurs de s'evader au merveilleux pays du roi Pelé et de la Samba.

Une équipe de la ville brésilienne, composée de **Lou Ternes**, coordinatrice du projet au Brésil, **Marcos Carioni**, **Evandro Gaspard**, **Carlos Enrique Da Silva** et **Valdir Agostinho**, architectes décorateurs, sous la houlette de **Alix Ferraz** et **Philippe Brunon** (société de décoration « *Affaire à suivre* »), ont crée et mis en prlace le décor de l'exposition.

Cet important projet avait pris corps en février dernier lors de la visite d'une délégation stéphanoise (**Bernard Romezin, André Luquet, Gilber Carreras** « *Roi Lézard* » et **Patricia Charrel**) à Florianopolis.

Outre l'étonnant pavillon brésilien, un terrain de Beach Volley sera installé à côté du Palais des Spetacles. **Giovane** et **Carlao**, champion olympique e champion du monde, y ferront des démonstration de très haut niveau.

Le maire de Florianopolis et son épouse viendront eux-mêmes inaugurer cette exceptionnelle exposition à l'occasion de l'ouverture de la Foire.

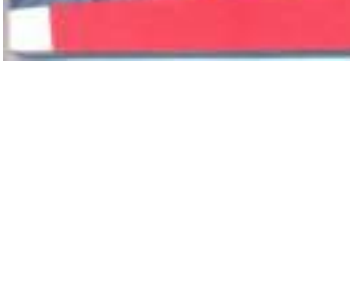
St-Etienne Society

N°5

le Magazine People

Bob Sinclar et un fan

ANNIVERSAIRE AU LYON BLANC



Kenny et un fan

Marcel un fan !...

Un autre regard sur la ville

PHOTOS DE VACANCES

Septembre 2005

Le Brésil fait la foire

A l'occasion de la Foire Économique de St-Etienne, le Palais des Spectacles arborera, durant 11 jours, les couleurs du Brésil et de la cité de Florianópolis. L'économie, l'artisanat, la gastronomie, le sport (et pas seulement le foot !), la culture, la musique et la danse seront ainsi mis à l'honneur et permettront au visiteur de s'évader au merveilleux pays du roi Pelé et de la samba.

Une équipe de la ville brésilienne, composée de **Lou Ternes**, coordinatrice du projet au Brésil, **Marcos Carloni**, **Evandro Gaspard**,

Carlos Enrique Da Silva et **Valdir Agostinho**, architectes décorateurs, sous la houlette de **Ala Ferraz** et **Philippe Brunon** (société de décoration « *Affaire à suivre* »), ont créé et mis en place le décor de l'exposition.

Cet important projet avait pris corps en février dernier lors de la visite d'une délégation stéphanoise (**Bernard Romezin**, **André Luquet**, **Gilbert Carrara** "*Roi Léonard*" et **Patricia Charrel**) à Florianópolis.

Outre l'étonnant pavillon brésilien, un terrain de Beach Volley sera installé à côté du Palais des Spectacles. **Giovane** et **Cartas**, champion olympique et champion du monde, y feront des démonstrations de très haut niveau.

Le maire de Florianópolis et son épouse viendront eux-mêmes inaugurer cette exceptionnelle exposition à l'occasion de l'ouverture de la Foire.

Rencontre au sommet

Reporter d'un soir, le maire, Michel Thiollière, vint accueillir Bob Sinclar à son arrivée à St-Etienne afin de l'interviewer pour PIL multimédia. Au fil de ce dialogue inédit, le célèbre DJ, révéla que ses amis, déjà venus dans notre cité, Martin Solveig et David Guetta lui en avaient vanté l'ambiance exceptionnelle. Mais, comme tout le monde pourrait en dire, il évoqua aussi des souvenirs footballistiques des années 70-80, jeune footballeur - il avait en effet eu la grande chance d'accompagner l'équipe de France en Argentine et de côtoyer alors des joueurs stéphanois célèbres, dont Platini, pour ne citer que lui. Bref, il vivait donc cette visite comme un retour aux bons souvenirs de son enfance, persuadé en plus, de rencontrer un public de qualité dans une ville décidément ouverte à toutes les musiques, à tous les artistes.

Extrêmement agréable, cet artiste international, a séduit tout le monde par son talent, bien sur, mais aussi sa grande simplicité et sa totale disponibilité.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO: 57eme Foire de Saint-Etienne
16 a 26 de setembro de 2005.

LA 57ème ÉDITIO

Réputée pour sa douceur de vivre, Florianopolis est une destination touristique très prisée et appréciée pour ses magnifiques plages, plus d'une quarantaine...au total !

Pendant 11 jours, les visiteurs de la 57ème Foire de Saint-Étienne pourront découvrir cette destination au travers d'espaces consacrés à l'artisanat, la gastronomie, la culture et bien sûr, l'ingrédient essentiel du Brésil , le CARNAVAL et ses imposants costumes !

Florianopolis, une ville au Brésil
2005 : Année du Brésil en France

Du 16 au 26 septembre la Foire de Saint-Etienne vous invite à découvrir le Brésil et plus spécialement FLORIANOPOLIS.

Capitale de l'Etat de Santa Catarina au sud du pays, Florianopolis appelée aussi Floripa par ses habitants est située sur une île reliée au continent par le célèbre Pont Hercilio Luz.

Samba et carnaval "do Brasil" !

Donner à voir et à entendre au travers d'un parcours riche en sons et en images, voilà ce que nous proposerons à nos visiteurs.

La venue d'artistes brésiliens, notamment la compagnie Marhino Braz venue tout droit de Rio aux côtés de la troupe "Le Roi Lézard", dans la pu pure tradition des écoles de Samba devraient faire monter la température au Palais des Spectacles du 16 au 26 septembre.
Musiciens, percussionnistes, danseurs et danseuses brésiliennes, capoérisistes, tous seront là pour notre plus grand plaisir.

500 EXPOSANTS
26 000 M2
DE STANDS
125 000
VISITEURS

ON D'UN GRAND ÉVÈNEMENT

Au rythme de ces 11 jours de fête :

- Spectacle "AQUARELA BRASILEIRA" : voyage en musiques et en costumes à travers les grands courants de la musique brésilienne, du nord au sud du Brésil...
- Capoeira : danse de combat assimilée à un art martial et accompagnée de chants
- Défilé d'une sélection des plus beaux costumes du CARNAVAL DE FLORIANOPOLIS
- Défilés de maillots de bains brésiliens sur les plages de Santa Catarina
- PONT HERCILIO LUZ à l'heure du Carnaval
- Projection d'un film réalisé lors du Carnaval de Florianopolis qui plongera les spectateurs dans les coulisses de la célèbre école de samba de "COLONINHA" depuis les phases préparatoires du Carnaval jusqu'au grand jour dans l'enceinte du Sambadrome : "Pasarela NEGO QUERIDO".

Coquillages et ..... Hibiscus

L'espace consacré au Brésil sera largement paysagé notamment l'esplanade du Palais des Spectacles sera l'occasion de faire un détour par les plages de Florianopolis et un voyage sous les tropiques grâce aux services des espaces verts de la Ville de Saint-Étienne qui créeront un espace floral luxuriant et haut en couleurs.

Gastronomie

Pour s'initier au plaisir de la cuisine brésilienne, le restaurant "le Floripa" animé par deux chefs cuisiniers brésiliens proposera de découvrir les spécialités de leur région : feijoadas et muquecas sont certainement les plats les plus connus, quant aux boissons, la caipirinha, à base d'alcool de canne à sucre, la plus représentative.

Et pour rester dans l'ambiance... l'ensemble des espaces restauration de la Foire résonnera au rythme du Pagodae, musique populaire brésilienne jouée principalement aux terrasses des bars et des restaurants.

Ateliers pour enfants

Les plus jeunes pourront s'initier à la fabrication de costumes de carnaval ou de cerf-volants, une des spécialités que Valdir AGOSTINHO, artiste brésilien de renommée internationale nous fera partager avec beaucoup de poésie...

LA 57ème FOIRE DE SAINT-ÉTIENNE c'est aussi :

La plus grande surface commerciale de la région, un formidable lieu d'échange et de négoce, de découverte et de convivialité. Parmi les salons thématiques proposés lors de la 57ème Foire de Saint-Étienne :

- LE VILLAGE DU SAVOIR-FAIRE
- LE SALON DU CHAUFFAGE ET DE LA CLIMATISATION
- L'ESPACE ARTISANAT DU MONDE
- LE SALON DE LA VOYANCE
- LE SALON DU BIEN-ÊTRE
- LE SALON DES SPORTS
- L'ESPACE INTERNATIONAL

Nouveau! tendance BOIS

LE SALON DU BOIS
- Constructeurs
- Aménagements extérieurs
- Charpentiers, Rénovation
- Services

Plan de la 57e Foire de Saint-Étienne
16 au 26 septembre 2005

Grâce au concours de nos partenaires et au soutien des collectivités locales, un cocktail d'animations ponctuera nos JOURNÉES À THÈMES

- Lundi 19 septembre :
Journée des Maires

- Mardi 20 septembre :
Journée de la Femme et 1ère nocturne*
Entrée gratuite pour toutes les femmes
Bilans "Relooking" et défilés de mode.

- Mercredi 21 septembre :
Journée des Enfants
Atelier d'initiation aux costumes et au maquillage, atelier de cerf-volants animé par Valdir Agostinho dans "l'Espace Enfants".
Soirée de gala et remise des trophées aux sportifs de l'année, au Flore.

- Jeudi 22 septembre :
Journée des Seniors.

- Vendredi 23 septembre :
Journée des Foires du Sud-Est et des partenaires. Zone nocturne*.

- Samedi 24 septembre :
Election de Miss Loire-Forez au Flore.

- Lundi 26 septembre :
Journée des bonnes affaires.

*** LES NOCTURNES**
A partir de 19h30, toutes les allées de la foire s'embrasent dans un tonnerre de percussions et d'airs de samba. Plus de 40 artistes, musiciens, danseuses, capoéristes pour vous faire vibrer. Des instants à déguster aussi dans tous les restaurants de la Foire ouverts mardi 20 et vendredi 23 tard... le soir.

Contact
Saint Etienne Parc Expo
Plaine Achille - 31, Boulevard jules Janin - BP 254 - 42006 Saint Etienne Cedex 1
Tél/33(0)4 77 45 55 45 - Fax 33 (0)4 77 25 54 63
e-mail : spexpo@parc-expo42.com - www.parcexpo42.com

L'ÉVEIL DE LA HAUTE LOIRE 43 (Fotocópia)

Les propos d'Auguste Rivet se rap-

Etienne, spécialisé dans Thonon

Saint-Etienne : la foire s'adonne à la "samba do Brasil"

Qu'y a-t-il de commun entre le championnat de France de ligue 1, la 77e foire de Niort et la 57e de Saint-Etienne ? Le Brésil, bien entendu. Toujours à la recherche de bonnes idées pour animer leur foire économique, les duettistes Luquet-Romezin ont tôt songé à exploiter l'année du Brésil en France. André Luquet, en chef d'entreprise globe-trotter avait travaillé dans l'impénétrable Corée du Nord. Il n'avait pas encore mis le pied au Brésil. Nanti d'un guide de voyage en portugais et de son directeur général, le président de Saint-Etienne parc-expo a séjourné quelques jours dans l'État de Santa-Catarina. Au retour, la décision d'habiller la foire aux couleurs brésiliennes fut prise. Lors de la présentation officielle de la foire à l'hôtel de ville en début de mois, les hôtes de Michel Thiollière eurent la surprise de voir apparaître deux somptueuses créatures emplumées.

FLORIANOPOLIS

Ce gros pas transatlantique salué par Michel Thiollière s'inscrit d'ailleurs bien dans l'histoire récente de la ville. Lorsque Saint-Etienne voulut relancer son carnaval, elle en confia le soin à la ville brésilienne de Florianopolis. Cette foire sera l'occasion, pour les deux cités, de renouer leurs relations.

Cette ville de Florianopolis, appelée Floripa par ses habitants est une destination touristique côtée grâce à sa quarantaine de plages. Les services floraux de la ville vont d'ailleurs s'attacher à recréer un microcosme brésilien avec table et plantes tropicales. Il y aura même de jolies filles pour faire du beach volley.

La gastronomie sera présente au restaurant le Floripa. Deux chefs brésiliennes, Claudia Martins Nunes Pires et Vanessa Martins, concocteront leipoldis et amigdalas arrosées de caipirinha. La partie esthétique sera confiée au plasticien Valdir Agostinho. Cet artiste animera des ateliers pour le jeune public.

Enfin, la culture brésilienne sera présente à travers le spectacle Aquarela Brasileira, orchestré par le plus Brésilien des Stéphanois, le maître Gilberto Carreras, fondateur de la troupe du roi Lézard. Gilbert a invité la troupe Marinho Braz de Rio. Trois spectacles différents feront découvrir les différentes facettes de cet immense pays-continent : le Nord, le Nordeste, Florianopolis et bien sûr, la samba qui est au Brésil ce que le flamenco est à l'Andalousie. Ces spectacles seront donnés au palais du même nom à 15 h, 16 h et 17 h.

Cerise sur le gâteau, un tirage au sort organisé pour les visiteurs de la Foire permettra à deux chanceux de passer dix jours à Sao Paulo, Salvador de Bahia, Iguaçu et Rio de Janeiro.

UN RENDEZ-VOUS ÉCONOMIQUE

Directeur général de la foire, Bernard Romezin a coutume de dire qu'une foire, ce sont des exposants, des exposants et encore des exposants. Ils seront encore plusieurs centaines sous les différents palais et dans les espaces de plein air. Certains de ces exposants seront regroupés en salons thématiques pour faciliter le choix des visiteurs.

Signe de ces temps de pénurie énergétique, la foire se met au goût du jour écologique, avec le premier salon « tendance bois » managé par Yves Robert. Cet espace regroupera des constructeurs, des aménageurs, des énergéticiens, des forestiers, des ingénieurs. Un site internet permet déjà de découvrir le menu de cet événement dans l'événement : www.parcours-bois.com

Complémentaire de ce salon, il y aura aussi un salon du chauffage et de la climatisation.

Les autres salons seront consacrés à l'artisanat du monde, aux relations internationales (un grand classique toujours apprécié), au bien-être, au sport, aux métiers de bouche. De plus, en apéritif à l'agenda des manifestations, le palais des expositions présentera les grands rendez-vous de la saison 2005/2006.

Véritable symbole de la rentrée stéphanoise, la foire économique est aussi l'occasion pour les institutions publiques de présenter leurs projets. La ville de Saint-Etienne parlera de développement durable et de design. Saint-Etienne Métropole s'intéressera au design et aux pôles de compétitivité. La chambre des métiers offrira des journées à thème. La CCI présentera ses missions et organisera une journée brésilienne le 20 septembre. La famille Bobet guidera les visiteurs du stand du Conseil général à travers la politique de l'enfance, la lutte contre l'incendie, les économies d'énergie. Deux collectivités importantes, Roanne et Andrézieux-Bouthéon, exposeront leurs aménagements. Enfin, la fondation FACE coordonnera 9 jours pour l'emploi.

Lieu d'animation, la foire reconduira ses grands classiques comme la journée de la femme, l'élection de miss Loire-Forez, les ateliers pour enfants, le don du sang, la sortie de l'annuaire du club de la presse, la coupe des jeunes fleuristes, le parcours de l'écureuil et la conduite tout terrain.

La foire de Saint-Etienne se déroulera du 16 au 26 septembre.

Un ticket d'entrée à la foire ne coûte que 5 euros.

Ce n'est pas un Brésil de pacotille qu'offrira l'équipe de Bernard Romezin. Depuis plusieurs semaines, des artistes de Florianopolis comme Valdir Agostinho, plasticien-compositeur-interprète, construisent de somptueux décors. Les spectacles seront supervisés par le Roi Lézard.

L'Eveil de la Haute-Loire 43

le Puy en Vele

2. ACERVO COMUM

LETRAS

A VIDA É UMA FESTA (Valdir Agostinho)

Eu estou aqui pra te dizer:

Nada acabou, amo você

É que o tempo afastou nós dois

Valeu a pena te encontrar

E muita coisa eu fiz você lembrar

Que o que passou, passou, eu amo você

Agora não é hora pra pensar

O tempo que me resta é pra te amar

A vida é uma festa em qualquer lugar

Eu amo você

BONITA E DANADA

Ei, sabe que eu tô a fim

De sair por aí e chamar atenção

Botar colar no pescoço

Pintura no rosto, pulseira na mão

Roupa colorida vou escolher a melhor

Tomar vitamina pra crescer, ficar maior

Eu vou cair na gandaia,

Rodar minha saia sem me preocupar

Sou bonita e danada,

Mas barra-pesada se me arrenegar

Roupa colorida vou escolher a melhor

Tomar vitamina pra crescer, ficar maior

D

DEUS, PRA FAZER VALDIR FELIZ

PERGUNTOU EM QUE PAÍS NASCER QUERIA

A7

VALDIR ESCOLHEU UMA TERRA AMADA

D

DE LUAR E BATUCADA PARA SER FELIZ

ESSE MUNDO ESTÁ MUITO MAL DIVIDIDO

D7 G

SÓ EXISTE AMOR FINGIDO PRA FAZER SONHAR

Gm D

VALDIR, COMO É MUITO LEGAL

A7

COM QUALQUER TIPO DE VENTO A PANDORGA VAI

D

AO AR

D7 G D

ISSO NÃO SE FAZ RAPAZ, NÃO PRECISA PERGUNTAR

A7

NÃO DEIXE PRA AMANHÃ O QUE HOJE PODE

D

APROVEITAR

D7 G D

SOLTE A PANDORGA COM BARBANTE BEM FININHO

A7

DÊ CORDA PARA A PANDORGA E A SOBRA PRO

D

CAVAQUINHO

A7

VALDIR AGOSTINHO!

DIA DELES

AS CANOAS SOBRE O MAR

PESCADORES A PESCAR

SOBRE AS ILHAS

MATA A FOME DAQUELOE QUE CRÊ

MATA A FOME DO PESCADOR

BELEZA QUE VEM DA NATUREZA

DEIXADA PELO CRIADOR

ILHA BAÚ ARVOREDO

ÁGUAS AZUIS VENHAM VER

MOLEQUE SAFADO PERERECA

APRENDENDO A PESCAR PARA VIVER

LÁ NO CANTO DAS PEDRAS OUVI

PESCADORES FALAVAM SOBRE O MAR

QUE O VENTO SOPRANDO PARA O SUL

PARA O NORTE AS ONDAS VÃO QUEBRAR

E VIVA O PESCADOR

E VIVA O PESCADOR

DOAR MEU CORAÇÃO

Eu sei que o mundo é um escola para viver

Onde de tudo rola

Mas sem querer é como jogo de bola

Que eu tenho que torcer

A Arte está melhorando

É o Brasil chamando atenção

E são os povos se integrando para o bem da união

Se for eu vou doar meu coração

Se for eu vou doar meu coração

A Amazônia é o pulmão do mundo num segundo as pessoas devem acordar

Quando ninguém se importa eu vou abrir a porta e respiro um novo ar

Mas é você que não vê que o mundo está melhorando

Mas é você que não vê que o mundo está melhorando

Se for eu vou doar meu coração

Se for eu vou doar meu coração

ESPELHO DE FLORIPA (Valdir Agostinho)

Índios, negros, portugueses dos açores

Destas cepas nossa gente se juntou em mil amores

Num pedacinho de terra, céu azul lá nas alturas

E como pôde a natureza criar tantas formosuras

O melhor lugar do mundo é na ilha e no continente

O futuro que sonhamos é cada vez mais sorridente

Ei, Floripa, eu Floripa, Ah, eu e você

Ei, Floripa, eu Floripa, Ah, eu e você

FLORIPA (Valdir Agostinho)

Floripa, manifesto meu amor

Emoção, sensação de calor

Tudo recém começou

Então me ensina e me põe disciplina

Nesse show de rock'n'roll

Em toda a parte a Arte é necessidade

Amar e dar valor é felicidade

Eu amo você e a cidade

Pois a galera que agita,

até quem não acredita, de bobeira ficou

Nosso recanto, lindo Morro da Cruz

Olhando a Ilha, Ponte Hercílio Luz

Pessoas boas, com amor nos conduz

De pé na areia, é muito quente, é muita gente

E o verão nos seduz

É você que diz que a vida, tem de tudo para oferecer

É você que diz que o mundo, a gente deve conhecer

É você que diz que a vida, tem de tudo para oferecer

É você que diz que o mundo, a gente deve conhecer

Floripa 4 x

GALO BRIGADOR (Domínio Público)

O meu galo é brigador o Le-lê

O peru é mexeriqueiro

O pato faz arrelia o Le-lê

Dentro do galinheiro

O pato velho numa hora de repente

Foi dar uma de valente e brigou com o garnizé

E o peru que saiu a noite inteira

Namorou uma galinha e apanhou de uma mulher

O meu galo é brigador o Le-lê

O peru é mexeriqueiro

O pato faz arrelia o Le-lê

Dentro do galinheiro

O pato velho numa hora de repente

Pois ficou de almofadinha porque tava só

E o peru que tomou uma bebedeira

Namorou uma galinha e rasgou o paletó

O meu galo é brigador o Le-lê

O peru é mexeriqueiro

O pato faz arrelia o Le-lê

Dentro do galinheiro

HISTÓRIA DO LIXO (Valdir Agostinho)

Essa é a história do lixo: eu fui parar lá no lixão

Catando plástico, papel, vidro e latão

Pra reciclar, eu tive que botar a mão

E quem já sabe ensina

E quem não sabe aprende

Que o lixo vira luxo na mão de quem entende

Alô moçada, não é só jogar no chão

Alô moçada, o que eu quero é conscientização

Chega de lixo na lagoa, olha a Conceição

Nem na calçada, nem no calçadão

Que a prefeitura tenha a atenção

Chega de lixo na América ou Japão

Mas eu virei o bicho, lixo

Mas eu virei o bicho, lixo

JURAS DE AMOR (Valdir Agostinho)

Ela foi chegando em minha vida de um jeito que me fez apaixonar

E com seu calor, seu carinho, eu não estou mais sozinho quero te amar.

A vida foi passando lentamente, dentro da gente o amor cresceu

Ela me acalma, me acende a alma, seu amor é meu

E hoje seu amor é tão profundo, caminhando e seguindo a minha estrada

Pois sem amor e desejo e sem o seu beijo vejo o mundo sem nada

Jura, oh, jura.

Juras de amor que esta festa é um show de rock'n roll

Eu saí pela cidade, a minha felicidade está em você

Olhando eu vejo tudo tão contente porque te encontrei

Eu ouvi ela cantando, sua voz emocionante, eu estava a sonhar

Na Ilha da Magia só se ouvia todo mundo cantar

Jura, oh, jura.

Juras de amor que esta festa é um show de rock'n roll

MARTIN BALAIEIRO

É só chegar na freguesia pronto para embarcar

Tira o Jet-ski daí! Desça a santa do altar

Hoje vai ter a procissão. Salve a nossa tradição

Se pra ir pra Costa pra você é um problema, Pra mim não tem esquema

É só chegar na freguesia pronto para embarcar

Tira o Jet-ski daí! Desça a santa do altar

Hoje vai ter a procissão. Salve a nossa tradição

Se Martin fizer balaio eu vou querer comprar um

Você vai de baleeira num tremendo zum-zum-zum

Pois na orla da Lagoa a Costa é a mais bela

Você vai de canoa e o pescador de barco a vela

Hoje vai ter a procissão. Salve a nossa tradição

Se Martin fizer balaio eu vou querer comprar um

Você vai de baleeira num tremendo zum-zum-zum

zum-zum-zum, pra Costa eu sou mais um

zum-zum-zum, na baleeira eu sou mais um

A Bb° Bm

NA TERRA DE SOLIMAR VAMOS CANTAR IGUAL A PASSARINHO

E7 A

NA ILHA DA MAGIA COM TODA A ENERGIA PRO MANÉ GUSTINHO

E7

(NA TERRA!) 2X

Bm E7 A

MANEZINHO POPULAR TOCADOR DE VIOLÃO

Bb° Bm E7 A

CANTAVA TERNO-DE-REIS, DANÇAVA BOI-DE-MAMÃO

A7 D D#° A

E NA BARRA DA LAGOA, O NOSSO PESCADOR,

F#m Bm E7 A

AGORA SOMOS NÓS, O BLOCO DO ISTEPO 2X

A Bm

CANTA, CANTA, CAI NA FARRA, DANÇA, DANÇA PRA VALER

E7 A

HOJE SOU MANÉ GUSTINHO E TÔ AQUI PRA TE BENZER 2X

BREQUE Bm A

ALÉM DE PESCADOR, ALÉM DE TROVADOR

Bm E7 A

TOCAVA VIOLÃO E AINDA ERA BENZEDOR

A Bm

CANTA, CANTA, CAI NA FARRA, DANÇA, DANÇA PRA VALER

E7 A

HOJE SOU MANÉ GUSTINHO E TÔ AQUI PRA TE BENZER 2X

E7

(NA TERRA!) Da Capo

NEW YORK – PARIS (Valdir Agostinho)

Pra Nova York chegar a Paris

Esta é a vida que eu quis

Um novo rock pra ser feliz

Sem meu bem, sem ninguém, sem empinar o nariz

Pra New York chegar a Paris

Esta é a vida que eu quis

Um novo rock pra ser feliz

Sem meu bem, sem ninguém, eu saio deste país

Enquanto isso eu vou tocando no meu violão

Esta Floripa é cheia de emoção

Enquanto isso eu vou tocando neste desafio

É Porto, é Sampa ou Rio.

Enquanto isso eu vou tocando neste violão

É de Floripa que eu vou pro Japão

Mas eu vou ter que partir, que partir, que partir

Mas eu vou ter que partir, que partir, que partir

Mas eu vou ter que partir, que partir pro planeta Marte

Mas eu vou ter que partir, tem que partir pra Arte

O RIO QUE CORRE

O rio que corre é o mesmo rio que morre

Ninguém socorre, ninguém quer me ajudar

Tinha manguezal, criação, espécie rara

Lá na guaciara, a fonte da criação

E num piscar de olho tava tudo aterrado

Meu coração sufocado preconiza a extinção

Perdendo amor ao chão é como quem não tem mais fé

A extinção da pesca é a mesma do Mané

Eis o ciclano que não quis o meu conselho

Foi parar no Rio Vermelho e não sabe se explicar

Essa estória só por um carro vermelho

Que não tinha espelho e não pode retornar

O rio que corre é o mesmo rio que morre

Ninguém socorre, ninguém quer me ajudar

Sinhá Zima vai correr

Zé Agostinho vai correr

Todo mundo vai vender

PANDORGUEIRO

Não me olhe desse jeito

Só de me ver, um pandorgueiro

É, eu trabalho por amor

Dou valor e não só por dinheiro

Mas se você me quer assim

Se prepare para o choque

Seja bom ou ruim

Eu vou dar o meu toque de rock

Como é que eu posso ser assim

Eu não sei

Só sei que você está em mim

E eu em você

PAZ AMERICA (Valdir Agostinho)

Manhattan, Empire State, a Times Square

O show da Broadway, eu fui conhecer

O World Trade Center, as torres gêmeas

Toda New York você vê

E lá os brasileiros, muito dinheiro

Não querem mais voltar

Os americanos dizem: Beautiful!

O Brasil é o lugar

Até o Jota Quest fez um show

Em Nova Iorque foi loucura total

Falávamos de um amigo de Floripa

Que é o estopor do Cacau

Oh, oh, Rock'n'Roll

Oh, Rock'n'Roll

Nova Iorque é demais

Oh, oh, Rock'n'Roll

Oh, Rock'n'Roll

Brasil a mil eu peço paz

SÃO LOURENÇO (Valdir Agostinho e Ivan de Sá)

São Lourenço, São Lourenço,

Traga logo esse vento,

Tem papa-terra, empraste e a cabrinha,

pampo e arraia, marimbau e palombeta.

E vem badejo e a corvina, manezinho,

cavala, cherrelete, cocoroca e garoupeta.

E o peixe-galo e o linguado e a tainha,

Só não pode é o mandi, e o baiacu que atora a linha.

Ai quem quer peixe, pros modi pode pescar.

A pandorga foi pro céu, o espinhel pro fundo do mar.

E vai ter peixe pro Liquinha, pra Ritoca,

acende a luz de pomboca, chama a gaita, violão.

Eu fico na praia e a pandorga foi pro ar,

a mais pura tradição e tem que continuar.

São Lourenço, São Lourenço,

Traga logo esse vento.

SEO AGOSTINHO (Valdir Agostinho)

Alô, rapaziada, na estrada em que eu caminhar
A vida é muito boa e não precisa reclamar
Embarque na canoa pra Costa e vamos lá
O Pedro vai na popa e no meio vai o Osmar

Chame a Maria com essa decoração
E amarra bandeirolas e flor-de-bambu-salão
Chame a Maria com essa decoração
E amarra bandeirolas e flor-de-bambu-salão

Seo Agostinho me dá um peixinho
Que a mamãe vai lhe mandar uns bijuzinhos

Alô, rapaziada, na estrada em que eu caminhar
Vamos cercar a rede e pra terra arrastar
A vida é muito boa e não precisa reclamar
Vamos matar muito peixe para vender e dar

Na beleza da Lagoa tá passando a procissão
E a banda é alegria, é dia da Conceição
Na beleza da Lagoa tá passando a procissão
E a banda é alegria, é dia da Conceição

Seo Agostinho me dá um peixinho
Que a mamãe vai lhe mandar uns bijuzinhos

SEREIA MANEZINHA (Júlio Cruz)

Eu quero você na minha
Minha sereia manezinha
Vou te fisgar na minha linha
Enquanto isso eu vou cantando
O reggae da Tainha

Eu quero beijar a **sardinha** do teu rosto
E me perder nas **curvinas** do teu corpo
Hoje nem que **enchova** uma coisa eu vou fazer
Um beijo de **linguado** vou **robalo** de você

Ser seu **namorado, peixe-espada** só pra ver
Tirar tua ga**roupa** e um **sargo** pra valer
Pra a**mar isco**lhi você e vou te prometer
Serei o primeiro dos que **camarão** você

Eu quero você na minha
Minha sereia manezinha
Vou te fisgar na minha linha
Enquanto isso eu vou cantando
O reggae da Tainha

E**la gosta** muito é de aparecer
Para aquele **polvo** que trabalha na TV
Mas uma **cavala** assim como você
Eu não dou de **badejo** pra ninguém que aparecer

Não penso em **ostra** coisa que não seja você
Até **arraia** o dia eu quero te ter
Mas se **tá tu ira**da não fique assim mais não
Pois foi de **cara peva** que eu fiz essa **cação**

Eu quero você na minha
Minha sereia manezinha
Vou te fisgar na minha linha
Enquanto isso eu vou cantando
O reggae da Tainha

SÔ FRANKOLINO (Valdir Agostinho)

Eu que via na ladeira a mula sem cabeça, lobisomem e o boitatá

Só sô Frankolino é quem sabia
Da força e da magia que tinha nesse lugar
Só sô Frankolino é quem sabia
Da força e da magia e porque vinha pesquisar

Tosca marosca, rabo de rosca,
Aguilhões nos teus pés, relho na tua bunda
E por de cima do telhado, por de baixo do silvado
São Pedro, São Paulo e São Fontista
E por de cima do telhado, por de baixo do silvado
São Pedro, São Paulo, São João Batista.

Eu que via na ladeira a mula sem cabeça, lobisomem e o boitatá

Sendo que a mesma benzedeira
Era a própria parteira e era bruxa no lugar
Sabe moço, eu até me lembro tanto,
Que até fogo-do-campo na lagoa eu vi voar

Tosca marosca, rabo de rosca,
Aguilhões nos teus pés, relho na tua bunda
E por de cima do telhado, por de baixo do silvado
São Pedro, São Paulo e São Fontista
E por de cima do telhado, por de baixo do silvado
São Pedro, São Paulo, São João Batista.

Só sô Frankolino é quem sabia
Da força e da magia que tinha nesse lugar
Só sô Frankolino é quem sabia
Da força e da magia e por que vinha pesquisar

Bruxa é bruxa e benzedeira é benzedeira

Eu que via na ladeira a mula sem cabeça, o lobisomem e o boitatá

VIDA DE PESCADOR

Tudo era bonito, eu acredito que até já mudou

A sinhá pequena enfeitava o altar para rezar o nosso amor

E o engenho de farinha que já acabou

A benção, Dindinha, que a mamãe mandou

Vida de pescador, Vida de pescador

Onde está o valor?

Ele vai para o mar com as redes pescar

Ela fica em casa cuidando do lar

Assando a tainha, pirão de farinha

Pro filho jantar

Vida de pescador, Vida de pescador

Onde está o valor?

Hoje a vida mudou, o filho estudou deixando a tradição

Uns exploram o turista e também o artista que tem coração

Estão perdendo as raízes, ficando infelizes, vendendo o seu chão

Vida de pescador, Vida de pescador

Onde está o valor?

APRESENTAÇÕES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Florianópolis, 16 de novembro de 2011.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que o grupo **Valdir Agostinho e a Bernúcia Elétrica** se apresentou na **Abertura do VII SICEA** – Seminário de Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação das Universidades Brasileiras, ocorrida no Auditório Garapuvu, do Centro de Eventos da UFSC, no dia 25 de outubro de 2011.

Integrantes: Valdir Agostinho: cantor e compositor; Alexandre Linhares: guitarra; Luiz Maia: baixo; Sílvio César Nazário: bateria; Luciano Py de Oliveira: teclado; Nicolas Malhomme: percussão; Ana Lúcia Carpes: vocal.

Rafael Sales Lisboa de Oliveira
Coordenador de Atividades
Extracurriculares C.A.

Rafael Sales Lisboa de Oliveira
Coordenador de Eventos

TAC PM 7:30

MÚSICA | TEATRO | DANÇA

www.fcc.sc.gov.br

agenda de
Julho
2012

todas as terças no TAC
entrada R$10 / 7:30 da noite

Banda Sabor Brasil
MPB
03

Sueli Ramos & Banda
Show Brasilidade: um retrato musical
MPB
10

Abayomi
dança afro
17

Waldir Agostinho
MPB regional
24

Grupo Gente da Terra
música regional
31

FCC

SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE
www.sdt.sc.gov.br

SANTA CATARINA

Dia 26 de outubro

À PARTIR DAS 10H, NA PRAIA DO PÂNTANO DO SUL

Festival Pantusuli 2013

Peça teatral, shows musicais, oficina, festival de pipas, distribuição de mudas nativas e muito mais!!!

CHAME SUAS CRIANÇAS E SUA FAMÍLIA E PARTICIPE DE ATIVIDADES DIVERTIDAS, EDUCATIVAS E GRATUITAS!

Programação

10h às 12h - Oficina de valorização da comunidade (salão paroquial)

14h às 15h - Peça teatral "Os 3Rs em: a Grande Missão" (em frente à igreja)

15h às 17h - Festival de pandorgas (praia)

17h às 19h - Show musical com Valdir Agostinho e abertura do LadoSul (Pedacinho do Céu)

*Em caso de chuva, todas as atrações acontecerão no Salão Paroquial do Pântano do Sul

Realização:

Projeto Estrelas do Mar

Apoio:

Tractebel Energia

Energia para a vida

Projeto apoiado pelo Criança Esperança

Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes

1º Aniversário

Realização: Nossa Barulheira Produções

FESTIVAL

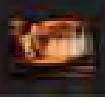
NOSSA BARULHEIRA IV

VALDIR
AGOSTINHO
&
BERNUNÇA ELÉCTRIKA.

Discotecagem
DRIKA COELHO

Sexta 6 de Setembro
22:30H.

Av das Rendeiras 1176
Florianópolis-SC



OCLUBE

A NOITE PROFISSIONAL

Em 1997 Florianópolis deu o primeiro passo para uma grande mudança. O Grupo Novo Brasil inaugurou em Florianópolis a franquia do Café Cancun, na mais importante avenida da Cidade, a Beira Mar Norte. De lá pra cá, foram 15 anos de muita história. O Grupo Novo Brasil, que atualmente tem as casas El Divino, P12, Bistrô, Pacha, Pirâ, Stage Music Park e ainda se inserindo no mercado como fabricante e distribuidor do energético Ecos Energy Drink, da Vodka Brasília e da cerveja Bahia, se consolida como o maior Grupo de Entretenimento do Sul do Brasil, colocando Florianópolis entre os roteiros mais disputados do mundo, ao lado de Ibiza, Saint Tropez e Miami.

No próximo dia 30 de novembro, sexta-feira, acontecerá na primeira unidade do Grupo, onde hoje funciona o El Divino, na Beira-mar, a festa da comemoração dos 15 anos de sucesso. Neste dia o grupo ainda celebra a conquista do Top de Marketing e Vendas ADRB 2012, prêmio que será entregue na próxima quarta-feira, em Joinville.

Ágil Inteligência
FINANCEIRA
A realização dos seus sonhos com a tranquilidade que você procura.

Rua Brigadeiro Silva Paes, 23 • Chácara do Espanta • Centro • Florianópolis • SC • 88015-040
55 48 3027-1800 • 0800 600-0218 • www.agilfinanceira.com.br

TOP | Banda Ind. que sempre agrada o público

A VOLTA | Daniel Lemos de antiga Expressão Rural faz o público delirar

AMIGOS | Cristóbal Bustamante e Felipe Dorneles: sem a ajuda do mundo energético

GALÃ DE MEIA | Guilherme Ribeiro, promotor no palco do CIC

NA ALTURA | Luciano Martins prima em quem se vive na vida

REVELAÇÃO | Maria Luiza cantou e encantou o povo

DA NAZA | Tatiana cantou com a Melódica dos manezinhos

MAMÃ | Valdir Agostinho fazendo o que gosta

CARINHO ABUNDANTE | Nesta segunda feira ofereceu a todos do CIC bilhetes para mais de 800 pessoas, para assistir a o show do projeto Gabriel Social, em benefício do garoto Gabriel Victor do Nascimento, de oito anos. Nesses raios que o nosso guia chegaram a escola Presentes no palco, Sinoda Martins, Maria Luiza, Tere Pedro com as filhas Jú e Laura, Daniel Lemos, Marial, Tatiana, Valdir Agostinho, Gilberto Ribeiro, Mario Mello, Cristóbal Bustamante, Bianka Jill e Felipe Dorneles - que prova que além da carência também sabem cantar - e Luciano Martins, que prova que quem se vive em cima de pulsa.

LIBERDADE DE ESCOLHA E ESTILO.

AQUI, NÃO HÁ LIMITES PARA VOCÊ DEMONSTRAR ESTILO.

PLANTÃO DE VENDAS: (48) 8023-0060

studio oceano

Valdir Agostinho e a Bernunça Elétrica

Projeto Circuito SESC de Música

Show-Espetáculo LADAINHA

APRESENTAÇÃO

Valdir Agostinho é um multiartista autêntico com mais de 40 anos de carreira artística e um dos maiores representantes da cultura popular do litoral catarinense. Autodidata em sua formação nas artes visuais, Valdir tem como inspirações os mitos, signos e lendas da história de Florianópolis, as cores e tradições açorianas, o cotidiano das praias, eventos religiosos e turísticos, a vida do pescador, artesanatos que vão ao encontro de temas contemporâneos, sobretudo na conscientização ambiental e na reciclagem de materiais descartados.

O seu trabalho de reciclagem é de legítima importância na arte catarinense. Já expôs suas famosas "pandorgas" em museus no Brasil, Itália, França, Argentina e Estados Unidos, fazendo parte de bienais e exposições individuais e coletivas. Utiliza uma técnica única na confecção de suas obras, em seu corte, pintura e colagem. Seus trabalhos caminham de esculturas de grande porte a objetos, peças carnavalescas, fantasias, figurinos e suas famosas "pandorgas".

Em sua trajetória como músico, Valdir foi acompanhado pontualmente por reconhecidos nomes, tais quais: Guinha Ramires (produtor de seu primeiro CD "A Hora do Mané", em 1998), Nani Lobo, Richard Montano, Gerry Costa, Cristaldo Pereira, Joel Britto, Jorge Gómez, Alexandre Linhares e Ulysses Dutra.

Em 2010, com o início da banda Bernunça Elétrica, Valdir dá ênfase a toda sua potencialidade na área da música (letrista, compositor e cantor performático), em que cenários e figurinos, criados pelo artista, contribuem, unido à qualidade técnica e artística dos integrantes da banda, para a fruição de seu universo cultural.

A criação de suas letras tem a mesma fonte que suas obras visuais, lançando mão de influências de cantigas populares e de histórias e "causos" da ilha. Há músicas sobre a questão do lixo, do pescador, sobre amores e desamores. As canções compostas em sua harmonia pela Bernunça Elétrica seguem os mais variados ritmos e sonoridades num repertório "elétrico" que vai do rock, xote, reggae, blues, bolero, ska ao boi-de-mamão.

Valdir Agostinho e a Bernunça Elétrica com o show-espetáculo inédito "Ladainha" para o Circuito SESC de Música lançam um olhar para modernidade em conjunto com as raízes açorianas, numa atmosfera única feita de cores, signos, imagens e sonoridades que revelam não somente a alma imaginativa e performática do artista Valdir Agostinho como a possibilidade de união entre épocas, tradições, estilos e idades, na linha criativa entre o resgate e a inovação.

Canções que foram sucesso do primeiro CD de Valdir são revistadas pela Bernunça Elétrica com uma nova roupagem para "Ladainha", que com aproximadamente 01h de duração também apresentam novas e inéditas composições.

Agora com uma formação fixa e histórico de apresentações, a Bernunça Elétrica, conta com músicos reconhecidos e ecléticos, que propiciam toda a ambientação sonora necessária à vivência do universo contagiante e mágico gerado por Valdir, composta por Guilherme Ledoux, Nicolas Malhomme, o mestre Luciano Py, Zé Ernani, Luiz Maia que além de músico assina a Direção Musical da banda, e ainda a participação de Ana Carpes, vocalista e bailarina performer que contribui cenicamente no palco.

Em 2014, Valdir Agostinho e a Bernunça Elétrica propõem "Ladainha" para apreciação pública às cidades do Circuito SESC de Música.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Participar do Circuito SESC de Música com o Show-espetáculo "Ladainha" do Grupo Valdir Agostinho e a Bernunça Elétrica, com bate-papo após cada apresentação.

Objetivos Específicos:

- Fomentar a fruição da cultura nativa às demais culturas do Estado de Santa Catarina, uma vez que temos um estado multicultural por sua diversidade imigratória.
- Propiciar a circulação de conteúdos inovadores tanto na música como na concepção estética de um show musical: cenário, iluminação, figurino, maquiagem, etc.
- Revelar ao público catarinense toda a qualidade e visão transformadora das artes visuais integradas à música do artista Valdir Agostinho.
- Resgatar origens e raízes locais num estado de presença na contemporaneidade.
- Apresentar um show de qualidade artística e técnica para todas as idades, de criança e jovens a adultos e pessoas da terceira idade.
- Garantir um repertório de composições inéditas ao público nas cidades de circulação, sendo todas autorais nas letras e composições pelo grupo Valdir Agostinho e a Bernunça Elétrica.
- Estabelecer parceria de produção local nas cidades de circulação, sobretudo nas unidades SESC para novas apresentações e ações artísticas.
- Sedimentar o fazer artístico, as suas formas e concepções desde a simplicidade aparente de objetos recicláveis ao universo complexo de formas, cores e tons da Bernunça Elétrica.
- Oferecer a atividade complementar como forma de experienciar lúdica e artesanalmente uma ponte entre novo e o velho, através do "*Workshop* de Pandorgas" (pipas) com Valdir Agostinho, a um público alvo de crianças a partir de 06 anos.

  Observação: Todo material para o workshop é oferecido pelo artista e oficineiro Valdir Agostinho.

JUSTIFICATIVA

Participar do Circuito SESC de Música revela a todo o estado de Santa Catarina o potencial e a qualidade musical desse grupo que, informalmente, tem cativado crianças, jovens, adultos e a terceira idade, além de um público eclético que se estende de um gosto mais conceitual e acadêmico a um gosto mais popular, com toda sua intensidade e identidade brasileira.

A experiência artística, seja pelo show ou workshop, leva o público à valorização da tradição e do resgate cultural dentro da sociedade de consumo, e torna a banda um agente transformador dentro de cada localidade por que passa, sobretudo nas suas formas de ver e recriar o “lixo” e o “descartável”. A Bernunça Elétrica tem como princípio fazer da arte um veículo de reflexão em torno da consciência sociocultural e ambiental.

Figura emblemática de Florianópolis, representante vivo da cultura açoriana, e de reconhecimento artístico no Estado, no Brasil e em vários países europeus, Valdir Agostinho criou um grupo musical que pudesse unir seu talento e ideais com o talento dos demais artistas da Bernunça Elétrica.

A Bernunça Elétrica desde sua criação tem em suas composições temas que perpassam o universo do ilhéu aos demais temas universais, sua sonoridade é de contágio tipicamente brasileiro, e desde sua criação tem sido elogiada pela crítica e tido reconhecimento público, garantindo uma apreciação para além do musical, nas performances, cenário, figurinos, efeitos de luz e sonoros.

A originalidade de suas apresentações e a capacidade de se readequar a vários espaços (desde trios elétricos a palcos teatrais) estão entre as características de importância da Bernunça Elétrica.

Valdir Agostinho e a Bernunça Elétrica com “Ladainha” nos apresentam, portanto, um trabalho de ordem profissional, artístico, e técnico, junto a músicos e artistas de alta qualidade e experiência na música catarinense compondo um show-espetáculo de contágio imediato em todos os seus aspectos estéticos.

FICHA TÉCNICA

Direção Artística // Cenografia // Figurino // Composição Musical // Vocal

VALDIR AGOSTINHO

Piano // Teclado

LUCIANO PY

Baixo Elétrico // Vocal

LUIZ MAIA

Vocal // Meia-Lua // Clave // Bailarina-performer// Maquiagem

ANA CARPES

Guitarra // Vocal

ZÉ ERNANI

Bateria

GUILHERME LEDOUX

Percussão

NICOLAS MALHOMME

Direção Musical

LUIZ MAIA

Técnico de Som

CLÓVIS MOREIRA

Produção Geral

ANA CARPES

Produção Executiva

CHRISTIANO SCHEINER

ETAPAS DE TRABALHO e FORMAS DE DIVULGAÇÃO

As etapas de trabalho e formas de divulgação serão realizadas de acordo com os procedimentos e logística do Circuito SESC de Música.

Observação: A banda já mantém a rotina de 01 ensaio semanal, em estúdio adequado ao mesmo, podendo ampliar esses dias para o afinamento do show em qualquer das fases de circulação.

LINKS

Livreto eletrônico Valdir Agostinho e a Bernunça Elétrica

http://issuu.com/fernandolimadalbo/docs/livreto_online

Soundcloud

https://soundcloud.com/jardimeletriko/valdiragostinho-e-bernunca-eletrica-sao-lourenco

https://soundcloud.com/jardimeletriko/valdir-agostinho-e-bernunca-eletrica-historia-do-lixo

https://soundcloud.com/jardimeletriko/valdir-agostinho-e-bernunca-eletrica-juras-de-amor

https://soundcloud.com/jardimeletriko/valdir-agostinho-e-bernunca-eletrica-so-frankolino

https://soundcloud.com/jardimeletriko/valdir-agostinho-e-bernunca-eletrica-sereia-manezinha

Vídeos no Youtube

https://www.youtube.com/watch?v=TDF0lw_v_fY

https://www.youtube.com/watch?v=s75jCgsxi5U&feature=youtu.be

https://www.youtube.com/watch?v=Ub1e5Sm5UCM

ANEXOS

CURRÍCULO DO GRUPO

VALDIR AGOSTINHO E A BERNUNÇA ELÉTRICA

- Show de abertura (Trio-Elétrico) do "Carnaval de Rua de Santo Antônio de Lisboa", como parte da programação do Carnaval de Rua de Florianópolis - Fpolis/SC. Fevereiro 2014

- Show apresentado na 3ª edição do "Festival Pantusuli", evento realizado pela ONG Instituto Ilhas do Brasil e Projeto Estrela do Mar, com o apoio do Projeto Criança Esperança, da Fundação Franklin Cascaes e da Tractebel, Energia, na comunidade do Pântano do Sul - Fpolis/SC. Outubro 2013

- Show "Pandorgueiro" apresentado na "14ª Fenaostra - Festa Nacional da Ostra e da Cultura Açoriana", evento organizado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, no Centro de Convenções "Centro Sul" - Fpolis/SC. Outubro 2013

  - Link do Vídeo Oficial da 14ª Fenaostra:

  https://www.youtube.com/watch?v=fcrIfOMkTkE&list=UU1I161TPzanndtqfJwImHzg

- Show apresentado na "Casa de Noca", como parte da programação do "Festival Nossa Barulheira" - Lagoa da Conceição, Fpolis/SC. Setembro 2013

  - Link dos Vídeos:

  https://www.youtube.com/watch?v=TDF0lw_v_fY

  https://www.youtube.com/watch?v=s75jCgsxi5U&feature=youtu.be

- Show "Pandorgueiro" , abrindo o show nacional de Karina Buhr, apresentado na "Maratona Cultural de Florianópolis", evento patrocinado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, Secretaria do Estado de Cultura, Turismo e Esporte e co-realização da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Março 2013

- Show apresentado no "Reveillon dos Sonhos", evento organizado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, na Avenida Beira-Mar Norte - Fpolis/SC. Dezembro 2012

- Show "Pandorgueiro" apresentado no Projeto "TAC 7:30", projeto realizado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC) - Fpolis/SC. Julho 2012

- Link de Notícias:

http://www.deolhonailha.com.br/florianopolis/noticias/valdir_agostinho_e_bernunca_eletrica_se_apresentam_hoje_no_projeto_tac_730.html

http://www.fcc.sc.gov.br/index.php?mod=pagina&id=13589

http://musicasc.com.br/noticia/valdir-agostinho-cultura-popular-de-floripa-no-palco-do-tac-7-30/

- Show apresentado na 2ª edição do "Festival Pantusuli", evento realizado pela ONG Instituto Ilhas do Brasil e Projeto Estrela do Mar, com o apoio do Projeto Criança Esperança, da Fundação Franklin Cascaes e da TAM Companhia Aérea, na comunidade do Pântano do Sul - Fpolis/SC. Outubro 2012

- Show apresentado no "Reveillon dos Sonhos", evento organizado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, na Avenida Beira-Mar Norte - Fpolis/SC. Dezembro 2011

- Show e "Oficina de Pandorgas" no "5° Salão Internacional de Artesanato - Expobrasília" - Brasília/DF. Novembro 2011

  - Link do Vídeo:

  https://www.youtube.com/watch?v=Ub1e5Sm5UCM

- Show "Mundo Toldo" de abertura do "VII SICEA - Seminários de Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação das Universidades Brasileiras", Centro de Cultura e Eventos da UFSC - Florianópolis/SC. Outubro 2011

- Show "Mundo Toldo" apresentado no Ponto de Vista Bar, Mirante da Praia Mole - Fpolis/SC. Outubro 2011

- Show "Mundo Toldo" apresentado no Ponto de Vista Bar, Mirante da Praia Mole - Fpolis/SC. Agosto 2011

- Show de abertura da "VIII Festa da Ilha em Jaraguá do Sul", na Sede Social da WEG - Restaurante Arweg - Jaraguá do Sul. Junho 2011

- Show "Mundo Toldo" apresentado no Teatro Garapuvú, do Centro de Cultura e Eventos da UFSC - Florianópolis/SC. Maio 2011

CURRÍCULO ARTÍSTICO

VALDIR AGOSTINHO

PREMIAÇÕES em MÚSICA

1997 – Edital da Fundação Catarinense de Cultura (Cultura Viva)

1995 – Prêmio Luiz Henrique Rosa (RBS TV) – Melhor cantor popular

1995 – Abertura do evento “A Ilha em Buenos Aires” – Argentina

1994 – Prêmio Zininho – canção “Vida de Pescador”

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1996 – Edital Cultura Viva – Exposição Itinerante “Papel da Arte” – Unisul (Tubarão), Casa da Cultura (Joinville) e Festival do Mar – Ilha Shopping (Florianópolis)

1990 – “Arte no Ar” – Prêmio Fiat – Museu de Arte de Santa Catarina (Florianópolis)

1988 – Academia Brasileira de Artes e Ciências (São Paulo)

1986 – “Pandorgas” – Auditório da Prefeitura Municipal (Florianópolis)

1986 – “Pandorgas” – Hotel Diplomata (Florianópolis)

1985 – “Semana do Folclore” – Instituto Estadual de Educação (Florianópolis)

1985 – “Semana do Técnico” – Escola Técnica Federal (Florianópolis)

1985 – “Viagem ao Espaço Novo” – Casa da Cultura (Florianópolis)

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

1995 – A Ilha em Buenos Aires – Palais de Glace (Buenos Aires)

1994 – Coisas do Ar e Terra – Casa da Alfândega/ACAP (Florianópolis)

1994 – I Fórum Internacional de Planejamento Turístico - FIESC (Florianópolis)

1994 – Exposição Semana da Marinha – Museu do Mar (São Francisco do Sul – SC)

1994 – Salão Vítor Meirelles – MASC

1991 – Mito e Magia na Arte de Santa Catarina – Portal Turístico de Florianópolis

1987 – Arte NAIF Brasileira – Centro de Convivência (Campinas-SP)

1986 – “Estand/Arte – Terminal Rita Maria (Florianópolis)

1985 – Mostra de Arte Primitiva – Museu de Antropologia da UFSC

1984 – Arte de Santa Catarina – Fundação Armando Álvares Penteado (São Paulo)

1982 – II Jovem Arte Sul América – MASC

1979 – Mostra de Novos Artistas – Associação Catarinense de Artistas Plásticos

1978 – Museu de Antropologia da UFSC

1974 – Universidade do Estado de Santa Catarina/Stúdio A/2

1973 – Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina

OUTRAS PREMIAÇÕES

1997 - Primeiro lugar em originalidade com a fantasia “Rapariga Bonita”no Baile Municipal do Clube Doze (Florianópolis)

1996 - Primeiro lugar em originalidade com a fantasia “Poeta Maior e a Natureza”no Baile Municipal do Clube Doze (Florianópolis)

1995 – Primeiro lugar na exposição Semana da Marinha (São Francisco do Sul – SC)

1995 – Primeiro lugar em originalidade com a fantasia “Navegando nas águas da Conceição”no Baile Municipal do Clube Doze (Florianópolis)

1990 – Primeiro Lugar da região Sul no Prêmio Concorrência FIAT/MASC

1990 e 1991 – Capa do catálogo Listel/Telesc – “Ecologia no Ar”

1985 – Primeiro lugar em originalidade com a fantasia “Pintor Mágico na Terra da Molduras” – Baile Municipal do Clube Doze (Florianópolis)

1977 – Primeiro lugar no Festival Nacional da Pandorga (Salvador – BA)

1973 A 1977 – Festival de Pandorgas de Florianópolis – Prêmio “A Mais Bela Pandorga”, por cinco anos consecutivos, tornando-se *hors-concours.*

INSTALAÇÕES e PERFORMANCES

2008 – Slow Food – Torino, Itália

2005 - 57a. Feira de Saint-Etienne, França

1995 – A Ilha em Buenos Aires – Palais de Glace (Buenos Aires)

1993 – ACAP – Abertura da exposição de Vera Sabino e Semy Braga – Performance musical “Voa Floripa”

1992 – Fundução Cultural Prometheus Libertus – Performance musical “Flores e Pipas, Viva Floripa” (Florianópolis)

1991 – Grupo Dizzy – “Performance Bruxólica” com indumentária e textos resgatados do folclore Ilhéu pelo professor Franklin Cascaes (Florianópolis)

1987 – XIX Bienal de São Paulo – Performance como o “Mago das Pandorgas Catarinense”

CURRÍCULO RESUMIDO

DOS

INTEGRANTES DA BERNUNÇA ELÉTRICA

LUCIANO PY

Sua formação de base foi a música clássica, mas com o tempo o músico começou a "migrar" para novas áreas, incluindo o Rock e o Blues (Easy Riders, Coronel Johnson, Phunky Buddha, La Nave Va); composição musical para teatro (Grupos Atormenta, 1993 a 1997 e Desterrados, desde 1999); bem como diversos trabalhos de criação musical em estúdios da cidade. Em 2002 inicia seu trabalho solo, intitulado MPB Instrumental: Uma Homenagem a Tom Jobim e Baden Powell. Participou do trabalho solo da cantora e compositora Júlia Muniz, (2002-2004; pianista, compositor e arranjador); participou da pré-produção do disco “Os deuses não são os homens”, da banda Tijuquera (2004); consultoria para o grupo Muiraquitã (2005); participou como tecladista do grupo Coletivo Operante (2006-2007). Licenciado em Música pela UDESC (1995), concluiu seu Mestrado em Música (Etnomusicologia) na UFBA (1999).

Desde 2011 é professor efetivo da Universidade Federal de Santa Catarina, onde ministra aulas de música no Colégio de Aplicação para crianças, adolescentes e adultos.

NICOLAS MALHOMME

Percussionista francês radicado no Brasil desde 1989, reside em Florianópolis desde 1995, inicia seus estudos de bateria em 1981 em Paris. Em 1984 passa a estudar percussão afro-cubana, africana e brasileira e nesse mesmo ano inicia estudos sob a orientação do professor Olivier Serigba, da Costa do Marfim. Em 1987 viaja para o Senegal e faz estudos de Tamar, tambor falante, com Mamadou Yamar Thiam, mestre de Tamar em Dakar.

Em 1991 viaja para a Martinica e Guiana Francesa, realizando estudos de ritmos tais como: mazurca, zouk, gwoka, calypso e carnaval caribenho em geral.

Desde a sua inserção na música trabalhou com vários artistas e grupos de renome no Brasil, como Nação Zumbi, Coração Tribal, Maracatu Nação Pernambuco. Em Recife abre shows para Oswaldo Montenegro e Grupo Olodum. Participou em 1993 de show campanha contra a fome, ao lado de artistas como Chico Buarque, Sivuca, Paulinho da Viola, e Chico Science. Trabalhou com a cantora de Jazz Pasquale Valente, no qual se apresentou no Festival de Jazz de Evry.

A convite do Museu do Homem do Nordeste, em Recife, restaura antigos instrumentos de percussão e de maracatu.

Em meados de 1994, com o Grupo Maracatu Nação Pernambuco, participa dos carnavais de Olinda em praça pública e nos clubes. Como percussionista convidado toca nas bandas “Bambas do Hemetério”, “Coração Tribal”, “Serginho de Olinda” e “Alafin Oió”.

Em 1998 passa a ensinar percussão na Escola de Música “Compasso Aberto”. Trabalha com diversas bandas e músicos renomados da ilha, dentre eles: Primavera nos Dentes, Flor do Sereno, Elizah e Guinha Ramires, Jorge Coelho, Stonkas y Congas, Felag Mengu, com Dazaranha faz show de lançamento do CD “Seja Bem Vindo”, no CIC, e “Tribo da Lua”, no Ibiza.

Organizou em 1990 uma oficina de samba na periferia de Paris, França. Em 2001 volta à França para residência de 1 ano em estudos de ritmos tradicionais africanos, tocando Djembê e Dununs, muito ligados à dança e ao canto. Também participa como percussionista de várias apresentações e shows afrobrasileiros na Companhia Oxossi, em Rennes (França).

Atualmente, além de ser percussionista na Banda Bernunça Elétrica, é professor de percussão e integra a banda Expedição como baterista.

ANA CARPES

Iniciou seus estudos em Dança Contemporânea e Expressão Corporal sob a orientação da bailarina e coreógrafa Diana Gilardenghi em 1991. Em 1992 iniciou seus estudos como aluna de Balé Clássico de Bila Coimbra e Mônica Coimbra, e a partir de 1994 sob a orientação das bailarinas Janaína de Macedo e Renata Philippi. Em 1996 ingressou no “Khala Grupo de Dança” como bailarina, sob a direção do bailarino e coreógrafo Marcelo Cavalcanti e preparação técnica em dança moderna de Fabiana Faraco. Como bailarina deste grupo participou do “XIV festival de Dança de Joinville” no mesmo ano.

Em 2000 foi aluna da “Oficina dos Menestréis”, selecionada como bailarina e cantora bolsista, classificada entre os 20 melhores artistas, sob a orientação de Oswaldo Montenegro (direção geral), Madalena Salles (assistente de direção), Johaine Idelfonso (jogos circenses e ginástica natural) e Danielle Marc (coreógrafa), para atuar no musical “Lendas da Ilha”, como cantora, atriz e bailarina.

Em 1997 inicia seus estudos em técnica vocal e canto, com o cantor lírico Marcelo Villena, dando continuidade em 2005, em técnica vocal e canto lírico, com a soprano Cláudia Ondrusek e em 2007 com o tenor Fernando de Carli.. Atuou nas Óperas “Madame Butterfly”, de Puccini, em 2002, “Carmen” de Bizet em 2003 e “Cavalleria Rusticana” de Pietro Mascagni em 2004, como integrante do coro lírico do “Polyphonia Khoros”, sob a regência de Mércia Mafra Ferreira (Polyphonia Khoros) e do maestro Jefferson De La Rocca (Camerata Florianópolis). Na Ópera “A Flauta Mágica” de Mozart, atuou como solista na personagem do “Terceiro Gênio”, em 2005. Em 2002 também atuou como solista, no Musical Operístico “Um Sonho de Catharina”, de Charles Prochnow e Luísa Lampert, no papel da “Beata Maria”.

Em 2004 retornou aos estudos em Dança Contemporânea sob orientação da bailarina e coreógrafa Elke Siedler, da “Siedler Companhia de Dança Contemporânea”. Em 2012 inicia seus estudos em Dança do Ventre, sob orientação da coreógrafa e bailarina Daniela Wolff, na Nureen Cia de Dança Árabe e em AcroYoga, sob orientação do iogue Markus Weininger. Desde então tem ampliado suas

experiências de corpo como aluna em workshops oferecidos por renomados oficineiros da dança onde destacam-se: Danças "Tribal Fusion" e "ATS", ministrados pelas bailarinas e coreógrafas Emine Di Cosmo (Buenos Aires - Argentina), Paula Braz (SP) e Aline Oliveira (RJ); Oficina de "Dança e Criação", ministrada pela coreógrafa Esther Weitzman (RJ); "Dança Contemporânea e Composição", ministrado pela coreógrafa e intérprete Toula Limnaios (Atenas - Grécia), da Cie. Toula Limnaios (Berlin - Alemanha); “Dança Butô”, ministrada pelo bailarino, pesquisador (doutor) e artista gráfico Éden Peretta (MG) e "Mímica Total", ministrado pelo ator, diretor, mímico e preparador corporal Luis Louis (SP).

Atualmente, e desde 2010, atua como cantora e performer na banda Bernunça Elétrica que acompanha o trabalho musical de Valdir Agostinho.

LUIZ MAIA

Iniciou seus estudos musicais em Campinas (SP), com o professor Marcos Cavalcante, em 1985. Já em Florianópolis, fundou e integrou como contrabaixista as bandas Rebelião (1987-1988), Stonkas y Congas (1990-2000), Orquestra Elétrica (2002-2003) e Coletivo Operante (2005-2009). Atuou como contrabaixista nas bandas AlaKeto (1990-1991), Black Sabiá (2000), Molho Zen (2000), Carne Viva (2000-2001) e no espetáculo de teatro “Catarina, uma ópera da Ilha” (1996). Atualmente é produtor e técnico de gravação e mixagem do estúdio Jardim Elétriko, em Florianópolis. Licenciado em Música pela Udesc (1999).

ZÉ ERNANI

Aprendeu a tocar violão com o pai aos sete anos. Autodidata, dá aulas de guitarra e violão há 15 anos no clube ASTEL. É guitarrista da banda Blues Therapy e cursa Licenciatura em Música na UDESC. Integra a banda Valdir Agostinho e a Bernunça Elétrica desde 2012, participando de todos os seus shows desde então.

GUILHERME LEDOUX

Baterista, percussionista sinfônico e professor de música, é também baterista do trio "Os Skrotes". Trabalha como realizador e editor de vídeos, especializando-se em vídeo-releases para bandas e documentários musicais, tendo em 2009 lançado seu primeiro longa-metragem, o premiado Sistema de Animação, co-dirigido com Alan Langdon.

Musico há 20 anos e cineasta há 15, estudou percussão erudita e popular, passando pela bateria. Integrou a Orquestra Sinfônica de Santa Catarina (OSSCA) por 8 anos, fazendo cinco turnês pelo estado. Apresentou, junto a orquestra sinfônica Camerata a opera Carmen (Georges Bizet) em duas temporadas. Atua, dirige, filma e edita curtas, médias e longas metragens, com trabalhos premiados exibidos no Brasil e fora. É professor de bateria e percussão, além de tocar diversos ritmos e timbres

em seu atual trio instrumental contemporâneo, Skrotes, com quem tem se apresentado em todo o Brasil para o lançamento do disco “Nessun Dorma”.

CLÓVIS MOREIRA

Começou na música nos anos 90 como vocalista banda Farady e a patir daí vem trabalhando como técnico de som de várias bandas onde se destacam: Dazaranha, Iriê, John Bala Jones, Cultivo, Salamantra, Faraway, Bandit, Tijuqueira, Gente da Terra , Wilson Sideral, Yamandú Costa, Guinha Ramires, The Wailers, Steel Pulse, entre outras.

Possui equipamentos próprios de som e iluminação, cobrindo todos os tipos de eventos na área da música.

Já operou grandes shows como Planeta Atlântida, Dredlocks, shows de virada de ano na Beira-Mar Norte e diversas comemorações na Cidade, viabilizados pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, além de Festivais Culturais, de Jazz, Samba e Rock.

Opera vários tipos de consoles digitais como técnico de P.A.e monitor.

CHRISTIANO SCHEINER

Formado em Artes Cênicas pela UDESC. Participa da elaboração e acompanhamento de projetos culturais, produção geral, executiva e assistente de produção para artistas, grupos e coletivos de diversas áreas e linguagens artísticas. Produziu nos últimos anos os seguintes trabalhos: Songwriters Ano III/2014, vencedor do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura/2013 Sexta.SIM vencedor do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura/2013. À Distância do Grupo Dearaquecia. de Teatro, - Prêmio Funarte de Teatro 2013. Pedaços de Vontade criação e execução, vencedo do prêmio para o 17º Cultura Inglesa Festival em São Paulo ±SP (2013), estreia em Fpolis (2012). Atualmente faz parte da equipe de produção do Grupo Patibiribia e suas ações. Trabalhou na produção e acompanhamento de projetos do Grupo Cena 11 Cia. De Dança entre os anos 2008 e 2013. Atua como produtor executivo nos projetos “Dança Múltipla”, da artista Daniela Alves, contemplado com o Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, e no vídeo “A Fresta” contemplado pelo Prêmio Cinemateca 2013/2014, de Luana Amorim.

RIDER TÉCNICO

INPUT LIST:

CANAL	INSTRUMENTO	MICROFONE	INSERT PA	INSERT MON
1	Bumbo	Beta 52 / D112	gate / compressor	gate
2	Caixa	Sennheiser MD441 / Shure SM58		
3	Hihat	Shure SM81 / AKG C1000		
4	Esteira	Shure SM57		
5	Tom	AKG C418 / Shure SM57		
6	Surdo	AKG C418 / Shure SM57		
7	Over	Neumann KM184 / Shure SM81 / AKG C1000		
8	Over	Neumann KM184 / Shure SM81 / AKG C1000		
9	Baixo	DI	compressor	
10	Guitarra	Shure SM57		
11	Teclado L	DI		
12	Teclado R	DI		
13	Voz Backing 1	Shure SM58 Wireless	compressor	
14	Voz Backing 2	Shure SM58	compressor	
15	Voz Backing 3	Shure SM58	compressor	
16	Voz Principal	Shure SM58 Wireless	compressor	
17	Percussão 1	Shure SM81 / AKG C1000		
18	Percussão 2	Shure SM57		
19	Percussão 3	Shure SM57		

PEDESTAIS E DI'S:

- PEDESTAIS: 07 grandes, 08 médios e 01 pequeno - TOTAL: 16 Pedestais;
- DIRECT BOXES: 03 unidades.

EQUIPAMENTO MONITOR:

- 01 mesa, 32 canais, no mínimo, 08 vias;
- 02 canais de compressor (DBX 160 ou KLARK);
- 01 canais de gate (DRAWMER ou KLARK);

- 01 efeito (PCM 90, 81 SPX 990, 900);
- 09 monitores de 12" ou 15” + drive ativo (SM 400 EAW ou 222 EAW Clair) + side fill stereo.

PALCO:

- 03 AC 110 V e 03 AC 220 V (estabilizadas e aterradas).

BACK LINE:

- 01 bateria completa – PEARL ou YAMAHA ou SONOR ou similar;
- 01 amplificador de baixo AMPEG SVT III ou GALLIEN KRUEGGER 800 ou similar (1 x 15 e 4 x 10), completo;
- 01 amplificador de guitarra FENDER TWIN, MARSHALL JCM 800 (4 X 12) ou similar – no mínimo 100 watts;
- 02 praticáveis para suspender o kit de bateria e percussão.

3. ACERVO DO PESQUISADOR

TABELA 3: Acervo do Pesquisador

DATA	NOME DO ARQUIVO	TIPO	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL
26/11/2009	22_Palhaceata com Valdir Agostinho	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=kwYDhNu3voM	Vídeo postado por floripacultura. Floripa Cultura produziu este video para o blog www.floripacultura.com. a matéria completa da palhaceata você pode acompanhar lá. Pertence ao trabalho de conclusão de curso, habilitação em jornalismo das academicas Luciene Kumm e Simone Verzola.
27/08/2010	01_Valdir Agostinho_Reggae da Tainha_YouTube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=B2zuCqytk_c	Vídeo enviado por DEGUGAS FOTOGRAFIA. Com mais de 20 nomes de peixes na letra da música "Sereia Manezinha" ou o "Reggae da Tainha", Valdir Agostinho homenageia Floripa, a Barra da Lagoa, as mulheres que curtem este local e sua mais importante vedete, a tainha. A letra é de Júlio César Cruz da Silva. Direção: Zeca Nunes Pires;Assistente de Direção: Camila Casseano Damazio. Diretora de arte: Maria Lou Hamad. Cenografia e figurino: Valdir J. Agostinho. Assistente de Cenografía e figurino: Mauro Costa. Sereia: Simone Moraes Martins. Pescador: Valdir J. Agostinho. Direção de Produção: Jaqueline Araújo. Assistentes de Produção: María Lorena Caicedo e Viviane Mayumi. Produtor executivo: Júlio César Cruz da Silva
05/04/2011	04_Valdir Agostinho no Studio da banda - YouTube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=d-BuyT1dVL4	Vídeo enviado por TVFRANGO. Artista consagrado da grande Florianópolis, Valdir grava no home studio da banda uma breve participação na música da banda Xamusca
26/05/2011	16_Valdir Agostinho_UFSC_Paz América	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=g1ZDnGh7KIg	Vídeo enviado por Ramadan Biblioram. Valdir Agostinho na UFSC
05/06/2011	07_Valdir Agostinho Vida de Pescador Oficial (ao Vivo na UFSC) - YouTube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=PvJGoDSmaWM	Vídeo enviado por DJgajeta. Valdir Agostinho e a banda Bernunça Elétrica na UFSC em 25.05.2011.
25/08/2011	14_Laércio Luiz e Valdir Agostinho Carnaval de 1996, Florianópolis	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=72xzUXR5Fqo	Vídeo enviado por Henrique Schucman
25/10/2011	13_Valdir Agostinho A vida é uma festa Oficial (Ao vivo na UFSC) - YouTube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=UaZP9DKlxZ8	Vídeo enviado por jorks45. Mundo Toldo
23/10/2012	08_tainhanarede.com.br_ Valdir Agostinho e Bernunça Elétrica - YouTube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=hJNW3XhvIx8	Vídeo enviado por Fernando Alexandre. O artista Valdir Agostinho e a Banda Bernunça Elétrica se apresentando na praia do Pântano do Sul, Ilha de Santa Catarina.
03/05/2013	17_Palavra Aberta_Valdir Agostinho	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=GAIxrxbw8O8&t=1s	Vídeo enviado por Assembleia Legislativa de Santa Catarina.

[A numeração dos arquivos foi dada de acordo com a classificação feita pelo Youtube/Google no momento da pesquisa]

[Os textos dos vídeos do YouTube são transcrições literais das descrições postadas pelos autores.]

Tabela 3: Acervo do Pesquisador

DATA	NOME DO ARQUIVO	TIPO	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL
15/10/2013	15_Valdir Agostinho e Bernunca Eletrika Casa de Noca	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=s75jCgsxi5U&t=241s	Vídeo enviado por Guilherme Ledoux. Comemorando os 40 anos de Arte de Valdir Agostinho, a Casa de Noca e festa "Nossa Barulheira", aportam "a viagem" multi cultural que as apresentações de Valdir nos oferece. Aqui, Valdir nos apresenta seu último trabalho "Valdir Agostinho & Bernunça Eletrika", além de dar uma "passeada" em sua carreira e filosofias. Florianópolis, Setembro de 2013.
01/02/2015	02_Valdir Agostinho - A Hora do Mané - YouTube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=hlDtf7xB2EQ	Vídeo enviado por Hermes Daniel Publicado em 1 de fev de 2015 CD de Valdir Agostinho gravado em 1998.
23/02/2015	09_Reportagem sobre Valdir Agostinho - YouTube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=3NVfzZHtOXU	Vídeo enviado por Emily Sany.
13/04/2015	18_Vozes da Ilha_ Valdir Agostinho	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=Z4Q0bRB04O8&t=9s	Vídeo enviado por Comunica Unisul. [De acordo com os créditos finais do vídeo:] Projeto Experimental Jornalismo 2001/1. Orientação: Claudia Aguiyrre; Produção/Edição/Direção: Paulo Evangelista; Realização: Laboratório de TV – Campus Pedra Branca – UNISUL
22/03/2016	03_Valdir Agostinho na Barca dos Livros - YouTube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=c33QdE1hPx8	Vídeo enviado por DJgajeta. Show de Valdir Agostinho na Barca dos Livros ,Lagoa da Conceição, Florianópolis, 17.10.2015
10/04/2016	12_Valdir Agostinho e a nossa identidade cultural - YouTube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=Wkbe7CYWqtA	Vídeo enviado por Claudia Barbosa. Valdir Agostinho é músico, artista plástico e apresentador de TV. Nascido na Barra da Lagoa, bairro da capital da Ilha de Santa Catarina é um típico manezinho de Florianópolis e um das personalidades mais importantes e atuantes da cidade.
18/09/2016	11_Menina que Mexe Mexe - (Valdir Agostinho, 2007) - YouTube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=B2CkMO81Nwg	Vídeo enviado por Claudia Barbosa. Este é o primeiro programa "Pelas Ruas da Minha Cidade" gravado e apresentado pela TV Câmara de Florianópolis, com Direção de Ricardo Von Busse, Edição de Andréa Buzato e finalização de Bira Bombílio.
22/09/2016	05_Valdir Agostinho - YouTube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=pcn9xKFgOVk	Vídeo enviado por Ligados por Floripa. Nenhuma outra pessoa explica a cidade, de forma tão simples, melódica e encantadora, como o poeta Valdir Agostinho.
22/09/2016	06_Lixo - Valdir Agostinho - You Tube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=cLLrabi565I	Vídeo enviado por Ligados por Floripa. "this video is filmed by Eduardo Campos in the studio of the great artist Valdir Agostinho. everything you see is made of recycled material by Valdir. [comentário por Hetty van der Linden]

Tabela 3: Acervo do Pesquisador

DATA	NOME DO ARQUIVO	TIPO	DOCUMENTO	INFO. ADICIONAL
23/09/2016	10_A Floripa que Valdir Agostinho ama – YouTube	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=qhd23FEJIYA	Vídeo enviado por Claudia Barbosa.
23/09/2016	20_Valdir Agostinho_qual a Floripa que tu amas	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=MR7Cl0xFzIM&t=8s	Vídeo postado por Cláudia Barbosa. Buscando os ensinamentos de quem conhece a cidade. Na Barra da Lagoa. Imagens: Andrea Buzato Produção: Jaqueline Araújo
27/10/2016	19_Sete Bruxas_Banda Damassa part Valdir Agostinho	Audiovisual	https://www.youtube.com/results?search_query=valdir+agostinho	Vídeo enviado por Banda Damassa. Clipe da música "Sete Bruxas" com participação de Valdir Agostinho Ficha técnica clipe: Concepção, direção e montagem: Natália Poli e Felipe Vernizzi Máscaras: Natália Poli e Rachel Teixeira Produção: Rachel Teixeira Assistente de Produção: Vinícius Ferreira Participação especial: Valdir Agostinho Ficha técnica música: Produção: Sandro Costa (Gazu) Composição: Leonardo Covello e Banda Damassa Participação: Valdir Agostinho Redes Sociais: Facebook | @bandadamassaoficial Instagram | @bandadamassaoficial SoundClound | bandadamassaoficial Site Oficial: ▶ www.bandadamassa.com. Créditos: A reza final é uma adaptação da Oração contra o Bruxedo de Franklin Cascaes, registrado em "O fantástico na ilha de Santa Catarina" (2003), ambas recitadas por Valdir Augustinho [sic]
01/09/2017	23_Nos na Aldeia official_Martin Balaieiro	Audiovisual	https://www.youtube.com/watch?v=Xxe5JDn3M2s	Vídeo postado por NósNaldeia Official. Musica composta por Valdir Agostinho interpretada pela #Nósnaldeia nesse video clipe, um tesouro cultural de Floripa!!

Roteiro para 1ª entrevista: canção Paz América

Entrevistado: Valdir Agostinho

Data: 01/09/2017

Sobre a composição:

1. Quando compôs a canção
2. Quais foram as motivações ou inspirações para essa composição
3. Quando a canção foi arranjada para a banda; se houve colaboração de outros músicos

Sobre a circulação:

1. Como foi a ida para Nova Iorque? (trabalho, lazer...)
2. Locais pelos quais circulou em Nova Iorque (Manhattan, Empire State, Times Square, Broadway, de acordo com a letra)
3. O World Trade Center
4. Primeira apresentação da canção: acompanhada de uma banda ou voz e violão

Sobre a letra:

1. O título da canção
2. A letra da canção: mensagem que procura transmitir
3. Texto falado na introdução da canção [analisar as gravações pois parece que o texto não é sempre o mesmo]
4. Pessoa citada na letra: Cacau Menezes.

Perguntas para 1ª entrevista: canção Paz América

Entrevistado: Valdir Agostinho

Data: 01/09/2017

Local: Estúdio Jardim Elétriko (Bairo Trindade, Florianópolis/SC)

1. Conte como foi a viagem para Nova Iorque. Foi a trabalho ou lazer?
2. Você lembra quais foram os locais pelos quais circulou em Nova Iorque?
3. Você poderia nos contar a história da canção Paz América?
4. Quais foram as motivações ou inspirações para essa composição?
5. No vídeo que você nos cedeu, feito durante a viagem para Nova Iorque, é possível perceber:
    a. Que a data registrada no vídeo é 04/07/2001. Esta data está correta?
    b. A música que está nesse vídeo está arranjada para uma banda de Rock. Esta foi a primeira versão da canção arranjada para a banda? Você lembra quais foram os músicos?
6. Você lembra quando foi a primeira apresentação da canção? Se foi acompanhada de uma banda ou foi somente voz e violão?
7. Como surgiu a ideia para o título da canção?
8. Vamos conversar agora sobre a letra da canção. Gostaria que você comentasse alguns versos:
    a. "E lá os brasileiros, muito dinheiro/Não querem mais voltar"
    b. "Os americanos dizem: Beautiful!/O Brasil é o lugar"
    c. "Até o Jota Quest fez um show/Em Nova Iorque foi loucura total"
    d. "Falávamos de <u>um amigo</u> de Floripa (põe na tela amarelo!) /Que é o 'istepô' do Cacau": no vídeo feito em Nova Iorque, a letra está um pouco diferente daquela que é cantada hoje. Você lembra por que fez a mudança? [na primeira versão canta "<u>um jornalista</u>"]
    e. "Oh, oh, Rock'n'Roll, Oh, Rock'n'Roll/Nova Iorque é demais"
    f. "Oh, oh, Rock'n'Roll, Oh, Rock'n'Roll/Brasil anil (ou a mil?) eu peço paz"
9. Quando surgiu a ideia de apresentar o texto falado na introdução da canção? [analisar as gravações pois parece que o texto não é sempre o mesmo]
10. Qual foi a recepção da canção quando você retornou a Florianópolis e começou a executar a canção em público? Houve algum tipo de associação com o ataque às Torres Gêmeas, ocorrido em 11/09/2001?

ENTREVISTA TEMÁTICA COM VALDIR AGOSTINHO SOBRE A CANÇÃO PAZ AMÉRICA
Data: 01/09/2017
Equipe: Luciano Py de Oliveira (pesquisador; doutorado em história - PPGH/UDESC). Orientação: Profa. Dra. Márcia Ramos de Oliveira
Locação: Estúdio Jardim Elétriko, Trindade, Florianópolis.
Equipamento: Zoom H2N, captação Mid-Size monoaural, qualidade 44.100 MHz
Nome do arquivo: 170901-145819.wav

	Luciano Py de Oliveira		Valdir Agostinho
00’03’’	Entrevista com Valdir Agostinho sobre a canção “Paz América”, dia 1º de setembro de 2017, Florianópolis.		
00’21’’	Então, Valdir, eu gostaria que você contasse como que foi essa viagem pra Nova Iorque, se foi a trabalho ou se foi a lazer?	00’30’’	Na verdade essa viagem foi assim... um sonho que eu tinha de conhecer alguns países, começando por Nova Iorque, e por ser uma cidade moderna, que muita gente falava, e que havia um prédio chamado Empire State, que era o prédio mais alto de Nova Iorque, que ainda atualmente tá de pé. [52’’] E não sabia que chegando lá, haveria um outro, *bem* maior, que era duas torres gêmeas, e que era o World Trade Center. Então eu... mais ou menos assim que eu cheguei lá eu ainda dizia, falava no Empire State o pessoal até já ria de mim até, porque... já tava baixo. Então era um sonho que eu tinha de chegar nesse lugar alto, e nessa cidade *supermoderna*, era um sonho que eu tinha. E esse sonho foi por alguns tempo, quando eu tive essa possibilidade, as outras viagens foram todas pelo governo da França, governo da Itália... agora, essa dos Estados Unidos eu fui por minha conta própria. Minha conta própria.
01’35’’	Certo. Então, você lembra quais foram os lugares que conheceu lá em Nova	01’42’’	Ah, em Nova Iorque, quando eu cheguei lá, que eu pensei que... tinha, tem a Nova Jersey que tem muito brasileiro que vai prá lá e... mas eu... tive uma sorte muito grande que tinha uma menina que nasceu na Costa da Lagoa, que tava casada... em

	Iorque?		Nova Iorque, casada não, tava solteira. E ela morava do lado de cá de Manhattan, que era Storia Queen, Storia Queen[1], um nome mais ou menos assim, parecido. E só atravessava a ponte e tava do lado de cá, atravessava a ponte... que é igual a de Floripa, só que um pouco mais sofisticada, um pouco maior, um pouco *dupla*... duas mãos, uma embaixo outra em cima, dois andares, um *exagero*! Mas tinha *outras* assim que era igual a de Florianópolis, aí é que eu me dei por conta que Floripa tem um pedaço de Nova Iorque... que foi os americano que fizeram a ponte de Floripa. E eu quando eu era menino que eu sonhava, que eu morava na Prainha, eu via a ponte Hercílio Luz iluminada, *vindo* do interior que a Barra se tornava um interior, no meio do brejo, há... trinta anos atrás, quarenta... e eu então dizia que tava em Nova Iorque! E *quando* eu chego em Nova Iorque eu tive a mesma sensação, então já *era* uma premonição de Valdir Agostinho. Então, é... os lugares que eu tive, ia pra praia, poucos brasileiro, meu patrão, que era o Beto Stodieck, ele prá chegar em Nova Iorque, ficar um mês como eu fiquei, *um mês e meio*! Ele teve que engraxar sapato, que era *caro* pra viver em Nova Iorque. Agora olha eu, que diferença, tinha um apartamento gratuito para morar, tinha *carro* gratuito, com gasolina pra me levar onde eu queria... então nós passeamos *muito*! Nós íamos pra praia... uma praia que tinha, onde é que era a praia, “oldueit”... não, “oldueit” é... é outro, “buldueit”, sei lá.[2] Sei que tinha uma praia que era assim... quarenta minutos de Nova Iorque, e nós íamos pra aquela praia. E nós íamos para bares a noite com som, era gostoso, passava assim uma serenidade, as pessoas parece assim, de nível, parece assim que tinha uma paz... parece assim que tinha uma *harmonia* em Nova Iorque, era harmônico, a qualidade de vida... tem uma harmonia, as velhinhas usando brilhante na rua, assim *todo mundo* podia andar na rua, com... com ouro, com prata... então não, não é uma cidade assim que... que você tá... que não tem segurança. Se você vê um mendigo é *raro* ver uma pessoa pedindo uma esmola, porque a pessoa resolveu não querer trabalhar ou coisa e tal... é muito ra... então é uma cidade... *moderna*, *avançada*. O

[1] Astoria, bairro do distrito do Queens. Com dados fornecidos pelo *U.S. Census Bureau, 2010 and 2000 Census Public Law 94-171 Redistricting Files Population Division - New York City Department of City Planning (Feb 2012)*, Astoria possuía, em 2010, 78.793 habitantes (Disponível em: http://www1.nyc.gov/assets/planning/download/pdf/data-maps/nyc-population/census2010/t_pl_p5_nta.pdf). É um bairro que possui muitos imigrantes, de acordo com outro documento, com dados do *U.S. Census Bureau 2010 Census Public Law 97-171 File Population Division - New York City Department of City Planning (March 29, 2011)*: Brancos: 38.749, Negros/Afro-Americanos 3.553, Índios Americanos e Nativos do Alaska: 137, Asiáticos: 12.759, Nativos do Havaí e de outras ilhas do Pacífico: 30, Outras raças: 936, Duas ou mais raças: 1.714, Origem hispânica (de qualquer raça): 20.915 (Disponível em: http://www1.nyc.gov/assets/planning/download/pdf/data-maps/nyc-population/census2010/t_pl_p3a_nta.pdf).

[2] Pesquisar balneários de Nova Iorque.

			que eu estranhei porque Nova Iorque ela é padrão, dizem que nos Estados Unidos é padrão, a qualidade de vida é igual, o mesmo fogão que a madame usa, é o fogão que a empre... que a brasileira vai usar. Porque não tem coisa de baixa qualidade. Lá você ou vai usar de alta qualidade que de baixa não tem. Então só tem coisa de alta qualidade. Se for uma coisa do Brasil é a melhor, se vier uma coisa da China é a melhor, tinha coisa de todos os países. Então é um país *avançado sim*, que eu fiquei... assim... exuberante, a qualidade, o nível, e a modernidade, as forma arredondada, as forma trabalhada. Agora no que diz a igualdade social, as casa eram padrão, eu até achava *estranho* aquilo! Me cansava um pouco, porque era tudo as casa, os prédio tudo igual no lado de Storia Queen. Agora *Manhattan*, é quem mais pode, a *arquitetura inovadora de um prédio para o outro*! É prédio de... retangular, é prédio, assim, desnivelado mas assim *tudo* com nível do melhor material. Então me chamou muito a atenção! *Navios e navios* passando com areia do Brasil, de outros países para construir, porque eles podem mandar vir, de todos os países... Então é um nível de vida *tão alto*, que a minha impressão que dava que não havia segunda-feira, e não havia sexta. Parece que todo dia era fim de semana, de tão nível porque aqui nós sofremos assim “ai hoje é segunda”, aquele dia triste, ah, vai ser rastafari, eu vou fazer, pra minha segunda ser um pouco, sair fora... daquela segunda *trabalhista*, então a minha segunda eu digo que é sempre rastafari. Então eu fico lá na Barra da Lagoa, eu vou tocar o meu violão, isso é pra quem pode e pra quem escolhe, né? Agora, lá fora não, lá fora é pelo próprio astral e a energia, então todo dia é feriado e fim de semana, é uma loucura.
05’58’’	Interessante.	05’59’’	Então é *gostoso* de ver, assim, é lindo o dia.
06’02’’	Mas você ficou quanto tempo lá, nessa ida, então?	06’05’’	Na verdade era um mês, aí eu projetei a minha viagem, prorroguei, fomos na, no aeroporto, ou não sei onde é que se vai, numa casa de... e trocamos, pegamos mais quinze dias. *Nesses dez dias* que eu tive o sonho então, que ia haver uma desgraça nos Estados Unidos, foi o maior pesadelo que eu tive na minha vida, eu tomei um suador enorme, eu nunca tive *tanto medo* na minha vida, foi o maior *inferno*, que eu passei, foi um *pesadelo*, bota na tua cabeça *o que é um alto pesadelo*! Não é um sonhozinho, que vai acontecer alguma coisa em Nova Iorque, é um pesadelo que

			quando tu acorda, se tivesse assim, que pudesse voar pro Brasil tu vinha, porque tu sabia que vinha uma desgraça muito grande. E que era uma, eu vi claramente um saco pairado no ar, e esse saco tava descendo. Então o saco enorme, de lona, barrento, e ali era uma bomba que ia explodir toda Nova Iorque, foi esse o meu sonho. Que nós tínhamos que sair da rua imediatamente eu e a minha amiga, os brasileiro tinham que sair rápido dali. E daí, e... quando eu tô acordando eu vi uma grande fumaça atrás de mim, eu tô voando reto na rua, e a fumaça tinha que me respeitar, e eu voava bem lento na rua que eu morava. Do lado de cá de Manhatan, Astoria Queens. E aí então eu já tava acordado e aí *quando* eu já tô quase acordado escuto uma voz falar pra mim "meu filho, aqui não é como tu pensas, meu filho, vai acontecer uma tragédia muito triste". Que eu achava que Nova Iorque, eu tava no céu, e porque que o Brasil era ingrato e porque que o brasileiro me enganou a vida inteira, que nós éramos o povo mais feliz do mundo, e eu *acreditei* nisso. Só que era *mentira*, que a felicidade ela tá numa cidade como Nova Iorque, na minha opinião quando eu cheguei lá, todo mundo ria, todo mundo podia, tinha segurança, tinha padrão de vida, tinha qualidade, eu achei que Deus tava colaborando com Nova Iorque e *não* com o Brasil. Aí foi aonde eu comecei a ler a, eu... achei uma Bíblia lá, comecei a ler a Bíblia, e comecei... a parar com certas loucuras e vi que tinha que ler, e nessa, lendo essa leitura sagrada nesses quinze dias, dez dias então, faltava pra mim vir embora, foi onde eu sonhei. Deu 25 dias quando eu cheguei aqui o prédio caiu.
08’15’’	Sim...	08’16’’	Pra ti nada é... então, no *sábado* eu dou uma entrevista na RBS, que isso deve tá gravado, na, na Márcia Manfro[3], a irmã da Márcia Manfro, e... não sei quem Manfro que tem, é um programa na TV. Perguntou se Nova Iorque era assim *lindo*, que eu tava exagerando. Eu disse “é, mas vai acontecer uma tragédia lá muito triste”. Aí não deu pra esmiuçar. E nessa, nessa então, na terça, sábado[4], terça o prédio caiu, na quinta Cacau botou no jornal, "Premonição de Valdir Agostinho"[5]. Então eu recebi, eu

[3] Apresentadora do Jornal do Almoço na época, cf.
[4] Dia da entrevista na TV.
[5] Feita pesquisa no Diário Catarinense do dia 13/09/2001, disponível na Biblioteca Pública de Santa Catarina, mas não consta a informação. Os jornais de datas próximas, antes e depois da indicação, também não contêm a informação. Seria outro colunista? Outra publicação?

			considero, espiritualmente, uma revelação. *Revelação.* Espírito Santo, o espírito de Deus falando comigo. Dizendo, provando pra mim que não era como eu pensava. Que aquele luxo todo, mas nós aqui, era um povo feliz, sim. E quando eu cheguei aqui eu vi uma coisa também, que eu me conferi nas pessoa, o povo brasileiro tem uma expressão, é... uma expressão de, de... de trabalhador, de cansaço, de lutador, de... é outra expressão, não é a expressão de Nova Iorque. A expressão, de felicidade, de tudo pode, de poder, essa expressão nós não temo aqui. Quando eu cheguei no Brasil, que eu saltei em São Paulo, eu... me apavorei com a expressão do brasileiro. Porém a fartura, era diferente, assim, bastante comida, bastante, assim, foi bem diferente, né, assim brasileiro tem essa fartura toda, assim, da matéria, do natural...
09’44’’	E... Você poderia nos contar aí a história da canção, Paz América?	09’55’’	Então, Paz América, quando eu comecei a ver, que me levaram, ela me falou, tu tens que ir na, na ópera, como é que é que se chama, Py, tem lá do lado de lá de Manhattan, é... todo mundo vai pra aquele grande teatro...
10’04’’	Carnegie Hall?	10’05’’	*Não*! Esqueci o nome agora, o teatro mais importante do mundo! E eu fui ver a ópera em Nova Iorque, como é que eu fui me esquecer agora, desse grande teatro, o teatro *mais importante* que tem dentro de Manhattan! Todo mundo vai pra lá! Aí eu fui ver a ópera, a ópera, ópera, e ali... as pessoas choram, então eu fui ver várias coisas, shows, aí vem o Jota Quest, o Jota Quest, como que o Jota Quest já tinha abrido um show deles aqui em Florianópolis, que ele usou meu terno de papel e tudo, chega lá em Nova Iorque o Jota Quest tá fazendo show, pra brasileiro... e vendo muitas músicas dos brasileiro lá, vendo que o *som* de Nova Iorque era outro som, essa paz que eu sentia, a sonoridade de Nova Iorque é outra, se passava um navio, se passava um barco, barulho dos carro, era outra sonoridade. E... aí eu achei que deveria fazer uma *música*! Comprei um violão, numa loja muito grandiosa, que já falaram que a Madonna entra lá, não sei quem entra, um shopping enorme só de música. Porque Nova Iorque ele faz assim, ele não faz 40 loja, uma picadinha, uma coisa, ela faz lojas *específica*! E lojas assim, que não tem no Brasil! Talvez *nunca* terá. Que elas são *enormes*, tem que andar de carro dentro, praticamente. Então são shopping assim que tu imagina, que gigantesco, o que que eu não vi de música e de instrumento. E aí comprei meu violão, comprei uma caixa de som, que eu queria tocar nos metrô, tocar

			na rua, tive um pensamento assim, ou no Brasil, com aquela caixa de som. E me veio na cabeça, por que não fazer uma música, né? E aí eu disse, poxa, Manhattan, como, que lugar, mais refinado, que todo o Brasil deve conhecer. Aí descobri que *todo mundo* quer ir prá lá! O mundo inteiro, não quer vir pra Nova Iorque, quando tem 10 pessoas querendo vir pro Rio de Janeiro, tem 1000 querendo ir pra Nova Iorque. Então o Rio de Janeiro que me desculpe o Brasil, porque ah, porque o Rio, ah, é maravilhoso! *Hoje* mesmo com essa criminalidade, com essa coisa, já até é capaz de mudar. Mas Nova Iorque é... é não sei quantas mil por dia sonhando, em chegar em Nova Iorque. É a cidade mais moderna *do mundo*! Tirando agora, essa que fizeram agora, essa que fizeram agora, como é que é? Dubai, né, que é outra também que eu gostaria de conhecer. Mas Nova Iorque é...
		12’15’’	Então essa Paz América ela nasceu assim, pô, eu vou botar o Jota Quest, eu liguei para o Cacau, o Cacau pediu pra mim um dia assim, "vamos se comunicar?” “Vamos", "quando tu tiver qualquer coisa nova, por favor, dê pra mim", o Cacau sempre me pediu pra mim passar as matéria pra ele primeiro, dar prioridade... Se eu tô em Nova Iorque e *deslumbro* com tudo isso, eu peguei assim, pô, vou ligar pro Cacau pra dizer que o lixo aqui é... eu tô deslumbrado com o lixo, e com o luxo, e com a cultura, e com o que eu vi, né? Então, é... eu fiquei *impressionado*! E daí nasceu a música, eu vou pro apartamento, pego o meu violão, e começo a tocar aquele violão com *outra sonoridade*! O meu Ibanez! O Marcelo disse que quando eu cheguei aqui eu falava que era Isbani, eu nem sabia falar, eu vim de lá pra cá dizendo que era Isbani. Meu... Ibanez, né? E aí trouxe esse violão, ele tem um som tão lindo, que ele tá guardado na minha casa, eu uso um Ja... um Taka... um Jasmine, mas esse Ibanez ele tem um som assim, como eu pedi, um som... espirituoso, assim, ele é *diferente*! Ele é uma cara nova de outro... de outro... eu sou apaixonado pelo som desse violão. E comecei a falar então eu comecei, é... “Manhattan, o Empire State, a Times Square, o show da Broadway eu fui conhecer”[6]. Ai eu achei que o... a *melodia*, a harmonia da minha música, também ela... fechou com o que eu queria. “O World Trade Center, as Torres Gêmeas, toda New York você vê”. Né? "Lá os brasileiro..." Não sei se eu falo nesse

[6] Cantarolando a melodia.

			teatro também, eu acho que sim... "Manhattan, Empire State, a Times Square, o show da Broadway... O show da Broadway! A *Broadway*! Claro, o teatro que eu falo é a Broadway! Que o mundo inteiro quer chegar lá. Porque aquilo não é um teatro, aquilo é uma divindade espiritual que você tá vendo no céu! Porque não pode surgir um prédio de cinco andares dentro do teatro, não pode o teatro assim de repente virar tudo água, não podemo... é a maior mágica, nenhum mágico pode fazer, o que tem, no... como é que eu falei, o nome do teatro?
14’10’’	Broadway.	14’11’’	A Broadway. Nenhum mágico. Toda a mágica que tu já viu na tua vida, põe na tua cabeça. Tu nunca... a maior mágica *do mundo*, tá na Broadway. Eu vou ver um espetáculo dentro da Broadway, tu não vai ver uma mágica, tu vai... a maior... ilusionismo que eu já vi na minha *vida*! Que uma pessoa pode ver. Se alguém me disser, que há mágica no mundo, ou algum espetáculo, mesmo que seja o [circo] Soleiul, que eu já vi pela televisão, *nada, nada* é impressionante como você tá *dentro da Broadway*! Tanto é que o mundo *chora* lá dentro, as pessoas *choram*! *Choram*! Porque não pode uma pessoa andar de canoa, dentro da água, vir até perto de você, como que aquilo fica? Daqui a pouco você olha aquilo... as luzes desceu toda, e o palco era de madeira! Daqui a pouco você olha vem um prédio caminhando pra dentro... cinco andares caminhando pra dentro do palco? Daqui a pouco a parede do teatro ela some todinha, e aparece Manhattan todinha! *Isso não existe*! Isso não tem... não sei explicar isso pra ti. Não é o Mister M, não faz... não faz uma coisa daquela. Então é... e as pessoas que falam, parece tudo assim, de uma *perfeição.* Então, Manhattan, Nova Iorque, pra mim eu achei que tava no céu! Até que Deus então provou pra mim que ali não era um céu. Que eu tava *enganado*. Que não era como eu pensava que ia acontecer uma tragédia muito triste. Aí depois quando eu vim de lá pra cá fiquei doido pra vir embora, e vi então que era um lugar meio perigoso, um lugar assim de ser *tão* assediado... que as tentações podem estar circulando em volta. Agora, a *música* me caiu muito bem. Porque aí eu falo que tem o Jota Quest, que de lá ligamos para o Cacau, e ligamo para o Cacau, para contar sobre o lixo, a história... então a *música*... ela me dá uma certa coisa bonita. Aí, aí... é uma coisa muito *pessoal* minha, porque a música você faz... da sua *alma*! Você não vai fazer pra agradar alguém, a música não nasce assim. Né? A música, essa música, ela nasceu da minha

			viagem, foi feita *em* Nova Iorque. Foi feita *em* Astoria Queens. Do lado de cá de Manhattan. E a música ela *nasceu*, brotou de uma hora pra outra, quando eu olhei já peguei o papel, escrevi, já tava tocando no violão! E vim com essa música pra casa, apaixonado por ela. É uma música que precisa ser valorizada em Florianópolis, que as pessoas escutem, "tá, foi uma viagem", gera um ciúme, "ah, eu não conheço Nova Iorque"... talvez a pessoa não entenda... Mas essa música ela foi uma música pra mim muito grandiosa, porque eu tive que ir *até lá*... para brotar essa música.
16’41’’	É, eu ia perguntar as motivações ou inspirações pra composição, mas eu acho que...	16’47’’	Eu já falei...
16’48’’	Já falou, né, já falou... Daí, no vídeo que tu nos cedeu, né, que foi feito durante a viagem pra Nova Iorque, dá pra perceber, na tela, que a data registrada é 04/07/2001.	17’03’’	Ufa...
17’04’’	Então, quer dizer, foi nesse período aí, de julho... que você ficou por lá, não é?	17’09’’	Sim, eu sei que era verão.
17’10’’	Era verão?	17’11’’	Era verão, porque eu peguei praia, ia na praia... E... aquele avanço todo, coisas começaram a chegar aqui só depois de dez anos... demora *muito* uma coisa que é lançada em Nova Iorque chegar aqui. A gente jura... passa até na televisão! "Ah, lançou não sei aonde, na França, em Paris, em Nova Iorque", a gente jura que já ta aqui, *não*! Leva dez anos, quinze, vinte anos, leva *muito* tempo. Pra chegar aqui. Que quando eu tava lá já tinha homem botando a calça pra baixo aparecendo a cueca. Vê

			que essa moda chegou aqui, que os homens começaram a ter essa moda aqui, tinha *duas* pessoas, um passou na praia, e o outro passou na cidade, que eu *não entendi nada*. Que é aonde as pessoas iam se vestir, as mulher, já com a calça pra baixo assim, aparecendo, já exibindo o corpo. Isso demorou *muito* pra chegar aqui no Brasil, *muito*, muito. Roupa estampada, roupa com brilho? Isso era coisa ... só de, de carnaval. Isso lá em Nova Iorque quando eu cheguei lá já usava touca com lantejoula, a... trabalhadora, a mulher que saía pra pegar o ônibus, ela já ia com, com touca de lantejoula. Nessa data aí que tu tás lendo. *Agora* é que aqui no Brasil depois de dez anos pra cá, começaram a usar um brilho, a roupa das mulher cheia de *brilho*, espelho na rua dia de semana, aquelas coisas que só se usava no carnaval. Então, tu vê que a moda não foi lançada aqui no Brasil, e o Brasil é o país do carnaval! Então lá em Nova Iorque quando a gente perguntava pra uma pessoa que era do Brasil eles diziam "*Rio*"! "*Ah, carnaval*"! "*A festa*"! Então eles não tem uma imagem cultural, não tem uma imagem... então o Rio de Janeiro é tão grande com o carnaval, que passa essa imagem do carnaval. Que não é uma imagem grandiosa lá fora. Que nós... que não se iluda... temos a ilusão de pensar, que é uma imagem artística ou grandiosa que eles não tem. É o carnaval da *prostituição*, é a coisa da, de *liberação* da *mulher*, eles tem uma coisa assim meio... *vulgar*, pra eles. Pra muitos é uma vulgaridade. Não é assim, como se fosse... pra muitos pode ser uma *arte*, uma cultura. Mas tem muito novaiorquino que é doido pra vir pra cá, por essa vulgaridade assim... que carnaval é como se fosse uma coisa vulgar. Que *é* mesmo, né? Quer queira, quer não queira, é uma liberação. Há uma certa vulgaridade, assim... no liberar, de ser [inaudível] de usar o que quiser.
19’23’’	Aham. É...	19’24’’	Só que pra nós não é, pra nós é um conceito de... [silêncio] é uma coisa nossa, o carnaval.
19’31’’	E, uma outra coisa que eu queria te perguntar, é o seguinte: quando a gente escuta... o vídeo, tem a música no fundo, Paz	19’48’’	Sim.

	América. Naquele vídeo... teu, lá em Nova Iorque, a música toca no fundo. Lembra?		
19’49’’	E já tá arranjada com uma banda, assim, já tem guitarra, baixo, bateria. E... aquela versão que está no vídeo, foi a primeira... versão, a primeira gravação da música?	20’01’’	Olha, na verdade eu comecei... eu fiz ela *no violão*, aí como eu estava, que eu esqueci mais uma vez quem é o cara, que eu tava... que era dono da Claves, como é que é o nome dele? Com o cabelo bem grande... agora me fugiu o nome, eu toquei com *tantos* músicos, mas esse músico ele me deu uma atenção grande e tinha um *estúdio*!
20’18’’	Aham...	20’19’’	Depois nós vamos saber o nome dele. E ele... até, radialista da UDESC, não podia esquecer o nome dele. E... e esse cara ele *gravou* pra mim. Ele gravou pra mim, porque queria fazer um CD comigo, eu falei, "olha, eu queria botar o nome do CD Ladainha". Nâo, "Ladainha de todos os sons". Ele até gostou do nome, aí fez um projeto lá, meio rápido, aquelas coisas escrito rápido... que eu não concordo, assim, então, "ah, Elizabete Anderle tá ali, não sei o quê, vamo fazer um projeto", não é assim, em cima. Projeto você... ou é ou não é, você já tem que ter esse projeto, né? Você já tem que *ser* o projeto. Então ele... e aí ele tinha gravado essa música, que tu gostou, eu também gosto, mas a minha versão é com violão. Mas a maneira que ele fez eu *gosto*, aquela guitarra, já modernizou, aqui no Maia ela já ficou com outra... com outro som, sonoridade. Mas a dele tu vê que é *boa*, meia novaiorquina, assim, também é moderna, tá boa né?
21’20’’	Foi a primeira?	21’21’’	Foi a primeira.
21’22’’	Foi a primeira versão... vamos dizer, Rock?	21’23’’	Aí o Ronaldo Bitencourt, que era um produtor meu, que é um amigo meu, já tive alguns produtor na... na música, e o Ronaldo achou então que deveria fazer um clipe, mandou pra uma figura, a figura foi lá, pegou algumas imagens... porque na verdade *eu filmei*. *Eu* convidei as pessoas para conhecer o prédio, “olha gente, tamos entrando

			agora no World Trade Center, uma loucura *total*, o prédio mais alto do mundo atualmente, agora, em Nova Iorque, passou do, do... do Empire State", que tá lá de pé, setenta e poucos andar ou oitenta, não sei que lá, o Empire State, que eu fui, é maravilhoso! Que esse era o meu *sonho* de chegar em Nova Iorque, eu gosto de lugares alto, e chega... não sabia que tinha a Torre, então, é... e essa música então ela mostra... as ruas da Manhattan, a rua Quinze, né, como é que a rua lá? A *Quinta Avenida*!
22'09''	Quinta Avenida...	22'10''	A Quinta Avenida, que todos os brasileiro quer ir, aquela... só que todas as avenidas são larga, todas são linda, todas levam ao Central Park. Então aquele Central Park lindo, que a gente ia fazer piqueninque, e ia olhar, aquela educação das pessoas, não tem nada no chão, o nível de cidade, né? Então, eu...eu me apaixono, eu quero ir de novo! A gente passava em certos prédios e dizia: "olha, a Madonna tem apartamento aqui, ó, aqui o Michael Jacson tem apartamento". Aquela entrada *triunfal*, de prédio, prédios *moderníssimos*. Moderníssimos. E eu já sonhei antes, que eu sonho muito com a minha vida. E sonhava já com aqueles prédios antes de sair daqui!
22'55''	[silêncio] Beleza. Então... os músicos que gravaram aquela primeira versão, você não tem o nome de cabeça, assim, mas sabe que foi esse... que era dono da Claves, que foi ele quem produziu aquela...	23'11''	Foi ele é quem produziu...
23'13''	Aquela trilha...		Tem que ver quem é que ele botou pra cantar[7], agora... que eu tocava com muitas banda na época, assim que era *músico* que vinha tocar comigo.
23'20''	Então a primeira vez que tu apresentou a música foi	23'25''	Foi com voz e violão, eu cantava ela direto quando cheguei aqui em casa, tinha pessoa que questionava, "mas por que falar do Cacau", que o Cacau é uma pessoa

[7] Provavelmente quis dizer "tocar", pois foi ele quem cantou na gravação.

	com voz e violão?		que eu digo, assim, *polêmico*, então as pessoas... por que, exatamente botar o Cacau, o Cacau é uma pessoa que... falava de mim a vida inteira, é um amigo meu, uma pessoa que gostava de mim, pediu exclusividade da minha matéria, admirou *sempre* o meu trabalho. Das pandorga, *muita* coluna eu tenho com o Cacau, e além de eu trabalhar no Studio A-2, da galeria do Beto, que o Cacau era o menino da galeria, era o... era o, como é que eu digo, era o... era uma pessoa especial na galeria do Beto[8]. Então o Beto fazia eu dar pandorga pra ele, fazia eu agradar ele, o... ele era *agradável*, ele era agradado, era o cara que corria de moto na Beira-Mar, era o cara que se exibia, na Beira-Mar, com a sua moto, [inaudível] pegava fogo. Né? Porque a gente não tinha uma moto, então botava os olhos já pegava fogo na moto do Cacau, né? [risos] Então um dia pegou fogo na moto do Cacau. Então, Studio A-2 iam todas essas pessoas assim... [silêncio] e... de Floripa, o Cacau nem escrevia ainda, mas já andava, assim, naquela loucura, de tá na galeria, nos coquetéis, que o Beto... dava, tinha preferência por essa galera toda. Universitários...

[8] De acordo com matéria publicada por Cacau Menezes em seu Blog do Cacau, em 29/02/2008:

> Marco Cezar [pai de Caio Cezar, vocalista da banda Stonkas y Congas], o melhor fotógrafo com que Cacau trabalhou em todos os tempos, me intima a escrever qualquer coisa sobre Beto Stodieck, para sua revista Mural. O prazo final é hoje. Agora!
> Sem problemas, patrão, falar de Beto Stodieck é função tão prazerosa como escrever minha coluna, tomar um chope ou fazer um gol. Não vou comparar com o orgasmo porque nada se iguala a uma boa gozada, mas falar de Beto é gozar de muitas e delirantes épocas e histórias da minha vida, da vida da minha cidade e da vida de muitos amigos, falsos, espertos, loucos, caretas, ricos ou metidos, feios e bonitos, todos esses que um dia foram personagens de Beto Stodieck nas suas imperdíveis colunas diárias na imprensa catarinense: *Jornal de Santa Catarina*, jornal *O Estado*, *Jornal do Beto* e revista *Quem*.
> Beto não era apenas um colunista. Era o guru da Ilha. Influenciava seu séquito a ser ousado nas roupas e no comportamento. [...]
> Foi perseguido pela direita e pela esquerda, pelos brutos e pela polícia e por muitos outros caretas que não aceitavam sua moderna liderança sobre a juventude numa cidade até então altamente provinciana. Sabia que eles existiam, e em grande escala, mas ignorava os inimigos solenemente. Simplesmente não os conhecia. Não os citava. Ignorava-os por completo. Dava-lhe o desprezo total.
> Beto gostava era de mim, do Rômulo, da Denise, da Cláudia Pop, do Ito e da Maiú, do Pereira, do Uri, do Julinho Duarte, do Peixoto, da Dete Piazza, do Nelson Nunes, do Chanico do Valle Pereira, da doutora Tânia, do Mick Jagger, da Magali Heinze, da Witti, dos Lenzi, da Joaca, do Felipe e do Pedroca, dos amigos cariocas; dos seus irmãos, da sua mãe, do Fúlvio Vieira, da Rose Buendgens, do Nezinho e da Juci; do Max, do Tuca, do Studio A 2, do **Waldir Agostinho** [grifo meu; detalhe para a ortografia do nome], da Dulcinha, da Lúcia Prazeres, da cidade de Florianópolis, para ele sempre Floripa. Foi quem primeiro trocou na mídia o nome de Florianópolis para Floripa e de Esperidião Amin para Dão, com quem gostava de implicar. Com a cidade e com o político! [...]
> Com o Beto aprendi a gostar do que é bom, com ele fui para a televisão e quando morreu, me deixou como seu sucessor. Que responsabilidade, hein brother! Não vou esquecê-lo nunca. Junto com meu pai e com meu filho, Beto Stodieck foi um dos homens da minha vida.
> Agora sim, dito isso, posso começar a fazer a coluna que um dia Beto Stodieck também me ensinou. Afinal, Beto, mesmo à distância, continua sendo prioridade.
>
> (http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&uf=2&local=18&template=3948.dwt&section=Blogs&post=52465&blog=290&coldir=1&topo=4023.dwt)

	Bom, daí eu queria te perguntar... se tu já não respondeu mas, qual foi a ideia pra esse título da música, Paz América?		Aham... Olha, Paz América, depois que eu tô tocando com o Alexandre Linhares, porque na verdade assim era... a música ela tinha uma... ela tinha um nome, não sei se era Nova Iorque, ela tinha um *nome* diferente aí. Aí quando o Alexandre chegou na minha vida e disse: “não, não, põe Paz América”... porque depois, logo em seguida, 25 dias caiu o prédio, a música ela era bem feita, então quando caiu o prédio, aí parece que deu aquele negócio assim “*puxa*, tá em guerra agora”. Então vamo botar uma coisa de paz. Então é... aí o Alexandre teve uma ideia de botar o nome de Paz América. Porque na verdade, o nome ainda era assim... era uma música que tinha... não sei se ela tinha América, ou se era Estados Unidos, ou se era... ela tinha algum... eu tava criando um nome ainda. Com o Alexandre, vai indo, vai indo, vai indo, vai indo e ela ficou em Paz América. Porque eu acho assim que... que ela tem uma tranquilidade, como eu te falei, a sonoridade do violão, e eu falando das coisas que tem assim... foi um sentimento muito *grande* pra mim. Poder ver todas essas coisas diferenciadas na minha vida. Quando eu cheguei aqui no Brasil a impressão que eu tinha é que aqui era um país *quadrado*. Quando eu vi Passat na rua, passar Kombi, caminhão com carroceria de madeira, cheguei aqui achei tudo *quadrado*, quando eu saltei em São Paulo... como é o nome do grande aeroporto que tem lá?
	Hã... São Paulo? São Paulo é... Guarulhos?		Guarulhos e tem um outro.
	Congonhas?		Congonhas! Então, quando eu saltei em Congonhas, que é um *grande aeroporto*, primeiro que ele ficou pequenininho. Que tu sair dos Estados Unidos, era uma caixa de fósforo. Então ela já ficou... São Paulo ficou assim, uma coisinha pequeninha. Se eu sair daqui agora pra São Paulo eu vou me apavorar, eu vou ficar que nem um mané tonto lá, de tão grande que vai ser São Paulo. Mas quem vem dos Estados Unidos prá cá, que pega aquele aeroporto que nós pegamos, e chega no Congonhas, ah, tu tá dento do aeroporto de Floripa! É uma coisa que é assim... de tão pequeninho que fica, porque representa... então, aquilo que eu falei pra ti, as pessoas tem uma... uma expressão *triste*, sofredora, que eu não falei no começo, a expressão do brasileiro, perante a Nova Iorque, aqui tem... um *sofrimento* na expressão das pessoas. Passando na rua é que tu vê todas as pessoas passar com... assim, com

			uma expressão de sofrimento, é um país novo, diz que é o novo mundo, mas não adianta querer se... se garantir, levar pra cima porque lá fora é considerado submundo. Eles não tem muita informação pra... não se interessam pela nossa informação. Pelo que vai do Brasil. Então... lá eu fiquei sabendo que é assim, uma médica, ela chega lá, ela vai poder cuidar de uma criança, ela era que nem eu! Eu sem estudo nenhum e uma médica lá, brasileira, ela é a mesma coisa que nem eu. Porque não vale nada o que ela fez. Porque ela é do Brasil. Eu acho até que é uma forma de preconceito. Agora, se ela estudou lá fora, e ela se formou, ela fez uma pós-graduação, o título dela foi feito nos Estados Unidos ela vem para o Brasil, ela vale por três médicas! Porque ela foi conceituada nos Estados Unidos. Agora, qualquer pessoa do Brasil chega lá fora, é tudo igual. É tudo igual porque... Agora, a não ser com o *dinheiro*, quando o agente de viagem me levou pra lá ele me falou, com dinheiro, e com... como eu pedi, carta... pras... pras televisões, pedi carta pra UDESC, dizendo que o Valdir é um produtor... esse agente de viagem ligou pro agente daqui do... de Florianópolis, o Pedro, e dizendo que eu não era um turista qualquer! Que eu era um... que eu era... que não *era* um turista qualquer. Que eu era um... produtor, que eu era uma pessoa... que eu não era um turista... ele me recebeu muito bem. De tão bem que foi feita as minhas carta, a minha recomendação, pra mim ir pra Nova Iorque. Quando acaba eu não tava indo pra hotel, eu tava indo pra casa de uma amiga. Mas eu não fui... eu fui ladino, eu não fui dizer que tava indo pra casa de uma amiga, que você não entra em Nova Iorque. Na época não entrava, e agora muito menos! Agora muito menos, se disser que foi visitar um amigo você não entra, você tem que dizer que é turista e que tem um tempo certo pra sair, se você... não pode dizer que sabe, *nem dizer* que sabe inglês! Que um amigo meu, na mesma época que eu fui, que era do *centro de Florianópolis*! E ele tem *casa* no centro de Florianópolis. E foi dizer que ia fotografar, que ele é fotógrafo, e ele foi dizer que ia pra casa de um amigo. E ele então... e sabia inglês, e só por isso ele já foi barrado.
	Não ganhou o visto.		Não! Ele teve que pegar um avião e ir até São Paulo, se *ajoelhar* praticamente pra poder dizer, a importância dele ir, mudar toda a história dele. Porque você não pode dizer que tem amigo em Nova Iorque, que você não pode dizer *nem* que sabe inglês, que pra eles já não é nem bom. Que você saiba inglês. Como é que se chama? A

			Embaixada... brasileira. Isso é terrível, né?
	Então quer dizer que o nome da música, em parte, pela sensação de paz, que você teve quando estava lá, aquela sensação boa...		Sim.
	E depois, com aquela sugestão do Alexandre, né, como se fosse um contraponto com a tragédia que aconteceu?		Sim.
	Juntou essas duas coisas...		Já juntou.
	E aí surgiu o nome da música.		Paz América. Porque seria...toda a América *lamentou* por aquele episódio, e eu *antes*, quando eu fiz a música eu falava que o World Trade Center você podia ver toda Nova Iorque. E aí às vezes até quando eu canto atualmente eu digo *via*, que você não vê mais, porque eu *subi* lá. Fiquei até quatro horas da madrugada dançando no cento e décimo andar!
	Das Torres Gêmeas?		Sim, das Torres Gêmeas, você olha um prédio de 60 andar, ele tá lá embaixo, um caixotinho pequenininho. Então, o que é aquilo, ver uma igreja, uma coisiquinha pequenininha, se fotografar pega a ponta dos teus pés, todo mundo que faz foto, naquele prédio, pega a ponta dos pés, que não tem como tu fotografar a rua, lá em baixo. Não tem, você tá voando lá em cima. Entao eu... pra mim foi a coisa mais triste, foi quando eu vi o prédio... o segundo prédio eu vi cair! Eu tava vendo, na frente da televisão, o primeiro já tinha caído. Eu tava fazendo curso pra motorista de carro.
	Sabe que eu vi também...		E o segundo, não, o segundo eu vi cair.

	O segundo eu vi cair.		Vi o avião bater e vi cair. Então aquilo ali pra mim foi uma coisa assim... que eu chorava tanto no aeroporto, quando eu tava vindo embora mas não sabia porquê. E aqui me deu uma frieza grande, eu falei, “puxa, mas eu sou uma pessoa tão sentimental, o prédio caindo e eu tô feliz”... aí eu vi o *quanto* eu tinha sofrido quando [inaudível] o pesadelo. Então eu sofri *por* antecipação. Então eu não tinha mais nada pra sofrer. Eu já tava preparado! Porque eu já havia sofrido a *queda* do prédio. Antes. Se eu tenho premonição, sou parente do Mané Agostinho, que é o benzedor da Barra da Lagoa então eu já recebi a premonição antes. Então, não era à toa, não era... não era... era uma coisa espiritual pra mim receber uma música. Então essa música que a gente pensa, assim, que ela foi só uma onda, ou eu quis fazer mais uma música, ela é muito profunda! Muito profunda, porque foi dum cara que teve uma revelação, dum cara que viajou pra Nova Iorque... então essa música não é de *graça*! Essa Paz América ela não é de graça. Ela precisa ser... ela é uma *poesia*, ela é uma coisa... que ela foi um acontecimento. Ela é um... [silêncio]
	Eu queria ver agora, contigo, alguns trechos da letra da música...[9]		Que me encontrar com o... com o Jota Quest em Nova Iorque é outra também que... como é que pode? Então eu fiquei bem contente de ligar pro Cacau, sim... fiquei contente de falar com o Cacau e ele me atender perfeitamente bem, acho que o Cacau deveria se importar com essa música, que às vezes assim a gente tem tanta cultura aqui na Ilha, “ah, mas aquilo tá muito ali debaixo do meu pé, tá [inaudível]”, e não *valoriza*! Eu me lembro que o meu pai quando tocava violão, cavaquinho, eu era o *único* da família que aplaudia, que elogiava o papai, como é que eu não ia valorizar *o meu pai tocando*? E os meus irmão a mãe mandava tocar lá pra sala, meus irmão não davam bola... Então eu sempre fui um menino que eu valorizava, não é à toa que eu me agrudei no Franklin Cascaes, não é à toa que eu me grudei na galeria, então eu sou uma pessoa... não tô querendo... parecer mais que ninguém, mas eu sou uma pessoa que eu *valorizo* a nossa cultura. Eu *valorizo*, que tiver apontando um violão, tiver *começando* a tocar um violão, pode te dizer que eu vou parar pra olhar. “Ah, não! Mas eu só vou ver só quem *dedilha* o violão, só se for um João Bosco da vida, *não*!

[9] Aqui o entrevistado não percebe a pergunta feita pelo entrevistador e segue outro tema, sobre a cultura em Florianópolis, os valores tradicionais “que estão se perdendo” e a falta de verbas para incentivar as artes. Um trecho interessante para constar no capítulo 1.

			Nós temo que saber valorizar, você tem que valorizar o seu filho, se tá tocando a primeira nota, você tem que *incentivar*!
	Claro.		Tem que incentivar! Então é isso o que eu digo que é o *incentivo*, é a primeira pessoa que ainda... o leigo, pessoa que tá tocando, que tá começando, vamos abrir o espaço, vamos abrir as porta! Que é muito fácil pegar uma pessoa famosa, "*oi*, me dá um autógrafo", "ai, chegou não sei quem aqui em Floripa", eu acho até um pouco provinciano, isso. É aquela pessoa, se chegar no verão esquece de nós. Tu é manezinho não tem valor nenhum. Queremos ver quem é que tá chegando aqui. Eu pra mim não me interessa. Não é que não me interessa, mas eu não vou desprezar os nossos manezinhos. Eu vou cumprimentar a minha mãe, sim, vou ver aquela da mulher que tá lavando roupa no tanque, que tá cantando, qual é a importância que ela tem... Por que é que o Terno de Reis é a maior música da Ilha pra mim... por que que eu valorizei isso... Por que que papai tocando cavaquinho, importante o Mané Agostinho... Por que que a cantiga, e não sei o quê, a Ratoeira, a Cana Verde, não sei o quê, as nossas coisas... que tão acabando. Então eu acho que a nossa cultura de Florianópolis, ela perde um ponto muito grande por achar que isso vale uma banana. Vai lá pegar o fulano, como não tem nada aí mesmo, não tem dinheiro pra pagar, aquela coisa e tal, não podemos dar agora... quatrocentos mil por uma banda lá de fora porque tem facilzinho pra pagar. Mas pra fazer cultura aqui, não vai ter dinheiro. Porque é muito pouquinho o que precisa. E esse pouquinho fica muito difícil de batalhar. Então é... é sofredores! Nós precisamos ver os nossos Ternos de Reis que se perderam[10], muita gente desanimou de cantar, que as pessoas acham que isso é gratuito, tem que vir gratuito, não tem uma maneira bonita, pô, pra que que é esse dinheiro, que a cultura tem o dinheiro. Será que a cultura[11] não tá vendo que essas coisas tinham que ser resgatada, que tem que ser valorizada, então é dessa maneira que o Franklin foi lá e *pesquisou* a procissão dos passos, *pesquisou* o cara pesquisando com a pandorga, na praia, pegou essas coisas simples, elas são *grandiosa*! Porque tá na nossa alma! Será que não é... dá pra nós olhar um pouco pra

[10] Pesquisar documentário sobre Terno de Reis exibido na TV Escola.
[11] Acredito que aqui ele se refere à cultura enquanto poder, público e privado.

			nossa alma? E a nossa alma é a nossa gente, é a nossa identidade[12], isso aí nós podemos ser mais *feliz*! Por que que Nova Iorque dá valor a cultura deles, lá? Por que que dão valor? Por que que brasileiro pra escutar uma música brasileira, a música brasileira lá só pra os brasileiro? Ou pensa que Nova Iorquino tá tocando... porque quando eu tive lá me falaram de Caetano Veloso fazer um show lá e dá quatro pessoas, e Tom Jobim fazer um... um show... *não é assim* como nós pensamos que vai *lotar* de gente, pessoa tá se importando com brasileiro. Não é assim não. Porque eles valorizam muito a cultura deles, coisa de países de primeira. Então... rola um preconceito em volta do mundo, argentino ele não quer saber do brasileiro, vai buscar coisa em Nova Iorque, o outro brasileiro vai buscar coisa em Nova Iorque. Já conheci mulheres de doutores aqui em Florianópolis, que a casa dela só tem quadro da Europa. Não quer nenhum artista daqui, nenhum renomado daqui, não entra na casa dela. Porque pra ela, o conceito dela tem que ser quadros internacionais. Que as pessoas têm que quebrar um pouco essa... essa... essa... essa limitação. Não podemos ser limitados, temos que estar abertos a conhecimentos novos, tô certo?
	Sim!	36’	Eu penso assim, pelo menos.
	Então, talvez até tu já tenhas falado sobre isso, mas, eu queria que tu comentasse alguns versos, por exemplo, “E lá os brasileiros, muito dinheiro, não querem mais voltar”?		Ah, isso na minha cabeça foi assim, veio os brasileiro ganhar *muito bem lá*, pode comer assim... aquilo que eu contei pra ti na primeira vez, que um brasileiro lá ele vive que nem uma madame em Nova Iorque. Por que? Ela vai comer mignon, vai, o brasileiro também vai comer mignon. Porque só tem coisa de qualidade. A madame vai acender um fogão lá, dos melhor que tem, brasileiro também vai acender o melhor fogão, tá na casa dele. Então, é um nível padrão, a igualdade social... que tem lá. Então, eu... e quando brasileiro vai pra lá, ele não tem mais como voltar. Essa menina que eu morei lá, ela trabalhava das três horas às seis horas. Ela paga um apartamento de mil dólares, ela come onde ela quer, ela compra o que ela quer, ela faz o que ela quer! Viaja pra qualquer país onde ela quer. Pô, trabalha só... *nem meio período* não é. Pra tirar poeira de um consultório dentário. Aí um consultório desse dentário vai... Schwarzenegger, vai não sei quem outro lá, famoso, vai não sem quem,

[12] Palavra-chave e que está no título de tese: identidade.

			que é em Manhattan o consultório. Aí vai as pessoas mais mundiais possível que paga... uma fortuna e essa menina vai tirar pozinho da revista, arrumar revista, e ela ganha... pode pagar esse apartamento, em Manhattan.
	É aonde tu ficou...		Então quer dizer, outro dia ela ligou... quando o prédio caiu ela queria vir prá cá e perguntou quanto era um curso de inglês aqui. Falo [inaudível] “olha, eu pago aqui na beira do rio, pra fazer um curso de inglês eu pago vinte reais por mês”. Ela ficou *apavorada*! Ela não conseguiu ver esse dinheiro aí que [inaudível] a filha dela pediu que se cair, houver uma bomba lá mas que ela não saia de lá. Que ela não vai conseguir sobreviver aqui. Então ela fez uma casa na Costa da Lagoa mandando dinheiro de lá... prá cá, a mansão que ela tem na Costa da Lagoa e terreno que a menina fez, sem estudo, sem nada... que ela não estudou em Nova Iorque. Só que era outra *época*! Como é que eu vou entrar agora, clandestino, como é que eu vou fazer agora, as coisas ficaram rígida. Fosse na época que eu fui lá, que eu podia ficar, que eles queriam que eu ficasse, que até pedreiro de Minas Gerais, [inaudível] quanto é lugar, até pedreiro! Imagina um pedreiro rebocar uma parede e ganhar... mil e oitocentos dólares num dia, pra rebocar uma parede? Soma esse dinheiro pra ver se um pedreiro aqui não é mês inteiro que tem que trabalhar? Ou um ano, sei lá, não sei, nem faço ideia!
	Sim.		Então, eu, por exemplo, fazer uma faxina pesada, sessenta dólares por hora! Então é *só, dinheiro fácil* de ganhar. E outra coisa, por exemplo, pra comprar lá é muito barata as coisa. Em dólar sai *muito* barato.
	Se você ganha em dólar...		Então o brasileiro, tu ganha... aqui tu ganha e fica caro pra ti pagar, é... ao contrário, é uma... uma controvérsia. Então “lá o brasileiro, muito dinheiro, não querem mais voltar”, só se o cara [inaudível] não dá pra voltar, não tem nada que faça uma pessoa voltar.
	Daí depois você fala assim “E os americanos dizem beautiful, o Brasil é o		Sim. Porque todo mundo que a gente falava “você conhece o Brasil?” Falava em inglês com eles, e eles dizia “Uh, beautiful, beautiful, Rio! Carnaval”! Então só sabe... dessa coisa. Sabe mais *nada*. Sabe mais *nada a respeito do Brasil*. A única coisa que

	lugar”.		chega lá é assim ó, “vá para o Brasil! Você vai ter mulheres de graça”... e muitas vezes é assim, degeneralização. Não é uma coisa muito boa, não é um conceito bom. Porque eles pensam assim, que as mulheres estão *liberada*. Então a mulher, é... não querendo falar, mas eles botam a mulher lá embaixo, porque é o carnaval e o Rio de Janeiro. Então assim, o Brasil é o Rio de Janeiro. A maioria do, do... me vem na cabeça quase que o mundo inteiro. Que que é o Brasil? O Rio de Janeiro e o carnaval. A sacanagem. Sacanagem. Gente. Então é... por isso que eu cheguei a [inaudível] quando eu vim, eu vim com outra cabeça, que não queria que o Brasil fosse mais bom de bola, não queria que o Brasil fosse mais bom em nada, não queria que o Brasil fosse... não queria que o Brasil fosse mais bom nessas coisas. Porque eu queria que o Brasil tivesse um pouco de caráter, de *cultura*! Tivesse *estudo*, tivesse outra *coisa*. Porque chega de ser bom de bola. Então o Brasil que é bom de bola, o favelado lá tá *feliz* da vida com a bandeira na mão que o time dele ganhou e não sei o que, isso é uma *pobreza* muito grande. Então eu acho que a bola é pra país de subdesenvolvido, sei lá, botam milhões na bola, e o Brasil gastando milhões por um campo de futebol, arenas não sei o que, e... não tem água, não tem não sei o que, não tem saúde. Então é o Brasil do contraste. Diz os Rap por aí, né? Então o Brasil é um país do contraste. Tu vê um prédio de luxo no Rio de janeiro, e aí do lado tem uma favela. Isso lá fora *não tem*! Isso tu não...tu não consegue ver. Mesmo na *Argentina*! Que eu tive na Argentina já três vezes. Então Buenos Aires o cara de lá eles... "não, o Brasil é melhor", não interessa o que ele diz, interessa é o que Valdir Agostinho viu. que a favela da Argentina ela é organizada, lacrada, fechada dentro da cidade, tudo... é cuidada pelo governo, a favela, e tem grandes casarões, e o primeiro, segundo metrô do mundo foi dentro da China [quer dizer], dentro da Argentina. E cada mendigo passa com três, quatro livro debaixo do braço. Então tu vê que eles são culto. Eles têm uma cultura avançada. Têm uma *frieza*, como algumas cidade grande são frios, são pé atrás, são... tem umas coisas assim. Mas não é o brasileiro que é bonzinho, todo mundo entra, chama pra casa [inaudível] aquele povo bom, nós temo... cada um temo uma...uma filosofia, uma psicologia, eu falo. Quando eu fui na França, e tive nesses países eu vi assim, ó... cada país... tem um, tem um cérebro, e tem uma psicologia. Cada um tem uma psicologia. É *muito* louca, a psicologia *geral*. Assim, daquilo que eu

			falei pra ti, segunda não tem segunda, nesses países, não há segunda-feira... que...é tão perfeito, é tão grandioso... às vezes eu chego a sonhar isso, sabe, essa qualidade de vida! Assim, como é que eles têm uma qualidade de vida avançada? Mas só que... sofre terremoto, tem não sei o que, tem coisas que nós não temos aqui.
	Bom...		Tem outras frase, não? [inaudível]
	Não, tem... você comentou do... do Jota Quest, que você viu o show lá, e tal, acho que isso aí...		Pra mim o Jota Quest foi demais, que ele assinou a fotografia, aí quando ele tá assinando pra mim a fotografia minha, ele pegou... e tava passando um vídeo de uma banda brasileira que dizia “raspas e resto [inaudível]”, “raspas e restos nos interessam”. Aí ele pegou, botou na minha foto assim: “Valdir, raspas e restos nos interessam. Jota Quest para Valdir Agostinho”. Olha que bonito, né? Tirou da, da... televisão e botou.
	É... tá acabando, você quer dar uma pausa, não?		Como tu quiseres.
	Porque, assim, eu tenho... eu tô chegando no final, já. A parte do Cacau, né, “falávamos de um amigo de Floripa – põe na tela amarelo – é o istepor do Cacau”. No vídeo, né, a letra é um pouquinho diferente. É... você fala “encontramos um jornalista”, né, você lembra dessa mudança?		Eu me lembro porque quando eu fiz quando eu fiz pro Cacau eu... o meu respeito, que pra mim, eu tenho ele como um jornalista. Só que quando eu falei com uma pessoa que fez faculdade, que é formada, e é jornalista, disse “o Cacau não é jornalista”. Cacau é o que mesmo, como é que chama?
	Ele é... comunicador?		Não! Comunicador, mas ele...
	Colunista?		Colunista. *Colunista*! Jornalista é quem estudou na faculdade, se formou, não sei... pra

			mim o Cacau é um jornalista. Cacau escreve no jornal e tem um crédito muito grande, faz uma página inteira e agora ganhou duas página, então o Cacau pra mim *é um jornalista*. Até que agora... só que... pra Universidade, talvez [inaudível], então eu falava isso. Depois eu comecei a falar que... que... que... liguei pro Cacau, mudou um *pouquinho* depois as letra...
	Mudou de "jornalista" pra "um amigo de Floripa"...		"Um amigo de Floripa".
	E aí entrou "o istepô" também.		Entrou o "istepô" também, porque istepô é um termo acarinhoso nosso, que a gente usa assim "ô seu istopô"! Porque era um termo acarinhoso, brinca... brincalhão, que traz um *sorriso*, que traz assim uma, como é, uma... é diferente. Uma ironia... então, é meio irônico, então é... então o Cacau às vezes até usa isso, e eu usei isso pra ficar mais assim, folclórico[13], mais da Ilha. Não é... ofensa.
	Claro.		Nunca foi da Ilha, então istopô é uma maneira de brincadeira, pra fechar mais com o manezês.
	E aproveitou o...		E aproveitar o Cacau, que é... pra mim ele é manezinho, ele nunca vai deixar de ser manezinho, o jeito dele, o simplório, ele vai carregar o simplório, é carregar o... aquela, o manezinho fala a realidade, ela às vez [inaudível] se entrega com a realidade. Então é... eu acho o Cacau muito *engraçado* às vezes, então... aí ele depois foi *amadurecendo* os detalhe... [inaudível]
	Você se apropriou do próprio slogan dele, né, "põe na tela, amarelo"!		Ah, eu peguei esse slogan dele, que já é uma coisa *popular*, a música que também... é popular, Valdir Agostinho que é popular, eu disse, "por que não pegar"? Põe na... "istepô, põe na tela amarelo"! Então aquela coisa ali também já pra aproveitar a música, pra incrementar o... o Cacau Menezes. Que pra mim é uma coisa que ele... me chama atenção. O problema do Cacau é que ele tá com *tanta* coisa na cabeça, um circuito tão grande, será que ele vai poder valorizar tudo isso? Será que ele vai poder valorizar a identidade dele? Será que o Valdir Agostinho, vai enxergar toda a sua

[13] Menção ao termo "folclórico", associado à palavra "isteopô" [estupor].

			identidade, eu vou enxergar bem a minha mãe? Os meus irmãos, do jeito que eles são? Eu vou aceitar cada um como é? Né, essa semana eu tava vendo, assim, cada irmã tava dizendo assim, tinha uma crítica a fazer, do outro, mas assim, não é pra se amar? Irmão e a mãe e os pai não é pra honrar, não é pra amar do *jeito* que são, mesmo ainda que eles tenham crítica pra ti, mesmo que ele esteja numa fase mais baixo, o outro esteja mais lá em cima, nós acho que foi feito pra se amar! Então o Cacau não me importa, se... se ele foi abordado, se ele cresceu, se a vida... que às vezes tem isso aí, o Cazuza não... não chegava a ligar pros fãs, porque de tão assediado que tava e tal da coisa [inaudível] então o Cacau ele pode chegar num momento, que... que Valdir Agostinho pode ter diminuído, até. Outra pessoa... que às vezes não é isso. Mas de tanto... o cara tá lá com tanto sucesso, é tanta coisa, tanta... mas a gente não pode esquecer isso, a gente temos que pegar essa humildade e ver quem é quem, que isso acontece *comigo* também. A minha própria carreira... me eleva, aí passa um amarelinho[14] lá da Barra perto de mim, eu digo "oi" só de longe, não vou dar um abraço nele... então a gente... tem *tanta* coisa que às vezes a gente não faz perfeito, né? Mas o Cacau eu vou continuar apoiando assim no meu coração, como personagem da Ilha, não... não importa... as crítica, porque toda pessoa... Ninguém vai gostar de Michael Jackson, todo mundo não vai agradar, Cristo não foi agradado por todo mundo.
47'	Claro.		Deus, tem gente que é ateu e não acredita então, eu tenho que me conformar com essas coisas. Tem momento que eu quero ele melhor, tem momento que eu não quero tanto. Isso *acontece* com a gente.
	É... o último verso, né, que fala de "Rock and Roll, Rock and Roll, Nova Iorque é demais / Rock and Roll, Rock and Roll, Brasil a mil, Brasil anil",		Eu botei Brasil a mil porque o Brasil... assim, eu tava a mil pelo Brasil, né, o Brasil tá a mil, querendo mudanças, querendo coisas...

[14] Dúvida: se refere ao transporte coletivo executivo que é apelidado de "amarelinho" ou está se referindo a uma pessoa indesejável, um "amarelo", como se diz aqui na cidade?

	lembra dessa?		
	“Brasil a mil eu peço paz”, né?		... Brasil grande... é, “Brasil a mil eu peço paz”. Depois eu achei que era “Brasil anil”. O céu tão lindo que não tem em outro lugar, vamos supor, não que Nova Iorque não tinha um céu lindo. O céu é... Deus ele botou o Sol e o céu pra todos os países. Mas dizem que em Londres sempre é cinza, sempre chove, tem lugares que é sempre escuro, sempre esbranquiçado e... e nós temos um céu *anil* tão *lindo*, então, Brasil *anil* eu peço até tu propôs [inaudível] outro dia, porque não usar os dois, anil e a mil?
	É.		O Brasil ele anda a mil, então é... os tempos tão a mil. Então é, Brasil também é a mil. Se anil de azul, azul é a coisa mais linda que tem, então... de, de... distância, de profundidade, vendo as pandorga...
	Então é um... jogo de palavras, né?		Um jogo de palavra...
	O anil, azul...		Então eu peço paz o que que é, é... eu acho que a paz é uma coisa que todo mundo *quer*, né, a compreensão, o carinho, o amor pelo próximo, não importa como é que o próximo vem pra ti, se ele tá... hoje tá torturado, tá aquilo, você sempre tem que ter... apaziguar uma situação, onde tiver qualquer encrenca você levar uma paz... Então a paz é... [inaudível] até aquela pessoa que tem, que tá [inaudível] procurando tá... que tá em depressão, tá numa coisa pra que ela [inaudível], a paz é uma coisa linda, né?
	Agora me ocorreu, assim, uma... uma divagação, que a mil, o Brasil a mil, rápido, precisa de paz, e anil, azul, azul também lembra paz, a paz do azul...		Ó, já gostei, ó. Brasil a mil precisa de paz.
	Já é uma colaboração minha...		Isso.

	E assim, é... tem uma coisa que eu queria te perguntar que, ao vivo, tem um texto que você fala no início da música, né? Tem aqui a introdução, os acordes, né...		Que é só falado, assim, declamado...
	É só falado...		... declamação. Então eu acho muito bonito que foi uma entrada bonita, né, “eu, manezinho da Ilha de Floripa, não sei o que”, o *primeiro manezinho* a chegar em Nova Iorque. O Luiz Henrique Rosa foi, Beto Stodieck foi, era manezinho mas eram pessoas que foram criadas na *cidade*! Mas sair lá do interior da Barra da Lagoa, menino que era pra pescar no Rio Grande, vim trabalhar na *primeira* galeria de arte, e o *primeiro* a chegar em Nova Iorque, 0 Beto Stodieck como eu te contei teve que engraxar mais o Peixoto *engraxar sapato*! Em Nova Iorque pra poder pagar o apartamento. E eu não precisei nada disso! Então eu era muito mais *rico* que eles, eu cheguei com muito mais poder em Nova Iorque. Do que eles... Muito mais! Eu tinha *carro* pra andar comigo, eu podia fazer o que eu queria, eu podia entrar onde eu queria. Eu podia... [inaudível] e eu fiquei um mês e meio e podia ficar mais, ainda tinha uma casa pra mim morar. E eles tiveram que pagar apartamento! Tiveram que alugar um apartamento! Por que não tinha onde morar, não tinha amigos, não tinha nada na época. Então é... não *tinham*, pra pagar apartamento, que ele não tinha amigo. *Hoje* já tem gente que me convida pra ir, que tem o amigo do amigo, tem lugar pra ficar. Então hoje eu tenho, por exemplo, na Holanda se eu quiser ficar, na França. Hoje eu tenho *lugares* para ficar. Então isso eu agradeço muito a Deus assim, o carinho que eu plantei, a sinceridade, a honestidade, a confiança. Que se você não planta uma confiança no teu perfil, as pessoas também elas não vão querer... ficar com você. Mas tem que ver que você é assim essa pessoa é confiável. Essa pessoa é uma pessoa do bem. Não tô querendo assim nem coisa, mas eu acho que o *perfil* teu tem que oferecer isso. Eu adoro quando eu vejo uma pessoa, que ela já me mostra num perfil à *primeira vista* já na entrada, que ela é tudo pra mim, de confiança, que ela mostra todos esses caráter. Porque esse perfil, mesmo uma pessoa que tenha grande caráter

			às vezes ela não consegue mostrar pelo perfil. E tem pessoas que até tem que se cuidar, isso que às vezes eu me engano, mas assim o perfil de santidade numa pessoa é muito bonito.
	É. E esse texto que você dá no início da música, eu mesmo não consegui prestar atenção. É... ele é o mesmo ou tu improvisas?		V.A. – Não, eu sempre... é o mesmo texto. A não ser o começo, que no começo sempre eu digo, “ah, vocês agora, eu vou contar uma história de um manezinho, que saiu da Barra da Lagoa e chegou em Nova Iorque, pá, chegando lá, [inaudível] Manhattan, Empire State”, aí começa. Então às vezes tenho uma vontade ali, eu fico à vontade no começo.
	Mais à vontade.		É, no começo eu fico à vontade pra entrar. A entrada é... é espontânea.
	É... tem essa liberdade.		É, tem essa liberdade de dizer.... “da Barra da Lagoa para Nova Iorque”, eu posso falar só uma frase assim...
	Uma introdução, mesmo.		Porque eu já *cantava* uma música, né, “Pra Nova Iorque, chegar a Paris / Essa é a vida que eu quis”, eu tinha... trabalhei isso *trinta anos*, gente! Porque eu sabia que eu queria chegar em Nova Iorque. Depois eu queria ir a Paris! E achava que era um lugar assim... só que depois eu vi que a gente copia muito um coisa assim, “ah, eu vou pro Brasil, eu vou pro Rio”. Nós temos que parar de pensar assim. Nós temos que ir pra outros estados, quebrar esse... esse estigma. Não é estigma que se diz? Enigma, estigma, não sei. Então é... não é se *limitar*, como se França é Paris. França não é Paris. França são *vários estados*, você conhece... se não saltar em Paris, só saltar em Lyon, você já tá de bom tamanho! Então é uma mania que nós temos se não tiver a Torre Eiffel, se não [inaudível] Pão de Açúcar, não é esses ponto estratégico, que é *tudo*. Que tem vários lugares, dentro da França que você nunca ouviu falar, talvez nunca vai ouvir falar na sua vida. E que é muito importante. Então é... Alan Kardec[15] não nasceu lá em Lyon? Ah... o Saint-Exupery[16] não nasceu, Saint Ettiene[17]? Coisa e

[15] Cf. ortografia
[16] Idem.
[17] Idem.

			tal, então tem tudo uma história grande em volta disso! E as pessoas são tão pobre, que assim, “ai, fui à Torre Eiffel, eu fui à Paris, fui numa rua e vim”, isso é uma pobreza! Isso aí eu vejo pela revista, pela *televisão*! Quero ver você cavar uma história, quer ver, eu tava em Saint Ettienne, e aquela bola de espetacle[18] enorme, uma coisa que... nunca vai ter no Brasil, uma coisa monstruosa, uma bola, um teatro que você tem que andar quase de carro dentro! Aqueles camarim tudo com, com... com portas... é... digital, coisa e tal, um camarim pra cada pessoa, mais de trinta camarim no corredor enorme, isso aí não tem no Brasil!
		53’52’’	E eles faz a arquitetura super avançada, então brasileiro que tá aqui dentro ele pensa assim, “nós somos o melhor lugar, nós somos o primeiro mundo”, então é... não, tem que cair na realidade. Pessoa tem que ser real. Então dizer que Floripa é mais bonito que o Rio, que não é. Eu nasci aqui mas o Rio de Janeiro tem uma arquite... tem uma... uma geografia que pro mundo inteiro é o lugar mais lindo do mundo! Uma geografia que Deus esculpiu à mão. Então aqui ele fez uma vara mágica e nasceu... agora aqui é lindo, depois de Rio de Janeiro pra mim é Floripa. Mas se a geografia do Rio de Janeiro ela *não existe* eu olharia todo dia. A gente tem que convir as coisa. Sempre [inaudível] o mais bonito é eu, se o mais bonito é a minha... a gente sempre vai admirar o que é nosso.
	Claro.		Agora o povo mais feliz do mundo, ser nós, não. Não é assim. Porque Nova Iorque os brasileiro que tão lá tão rindo *à toa*! Pessoa assim na serenidade, uma... uma honestidade, bota dinheiro pelo balcão não tem ninguém pra pegar, aquele dinheiro fica ali a noite inteira, todo munda dá gorjeta pra tudo, que é o país da gorjeta, né? Pois é, um músico toca na rua você olhou tem que botar um dólar, no mínimo. Porque você já olhou pra ele. Aqui em Floripa você para meia hora pra ver o cara, e não joga nada. Então é um país que não tem uma consideração, não tem uma educação, não sabe dessas coisas, que você já fez contato com aquele artista, você já se alimentou da música dele, e ele tava ali pra ganhar alguma coisa e você não deu nada e ainda para uma hora, duas horas e ainda *pede música*! Ainda dá ordem pro artista. Então o

[18] Pesquisar o teatro da cidade na França.

			brasileiro tem que parar com essa educação. Então é uma coisa que, que nós temos que... que avançar na educação. Lá, a minha amiga saia comigo, “ó, você olhou pro cara, vai ter que”... então eu já sabia que eu tinha que pagar aquele um dólar. Você pede uma cerveja, você vai deixar um dólar. Pede outra, mais um dólar, você vai dar. Se você tomar dez cervejas naquela noite vai ficar dez dólares ali. Agora aqui você dá ordem, dá ordem, manda, joga cerveja no chão, quebra garrafa, joga num poste! [risos]
	A última pergunta que eu... que eu escrevi aqui...		Tô puxando muito pra Nova Iorque, né?
	É, mas... [risos] a última pergunta que eu tenho aqui, tu acho que já respondeu, né, mas eu vou fazer mesmo assim, se tu quiser complementar....		Ai, sou tão falador, pois é...
56’18’’	É. Que... qual foi a recepção da canção quando você voltou pra Florianópolis, começou a tocar Paz América em público, lógico, né, houve algum tipo de associação com o ataque das Torres Gêmeas, que foi... muito próximo, né?		Olha, quando eu toquei teve gente que gostou, admirou a música, porém teve algumas pessoas que não gostava porque tem o Cacau... questionando se tem uma pessoa, né, as pessoas assim, tu coloca [inaudível] uma pessoa dentro de uma música as pessoas às vezes questionam. *Por que* essa pessoa... e eu pra mim era uma coisa que ela faz *parte* da música. Que... tava na minha cabeça! Eu dizia, “nossa, tô vendo um negócio aqui, vou ligar pro Cacau”, pô, o Cacau sempre foi ligado comigo, em temos de... de mídia. Então ali eu tava muito ligado com o Cacau! Por exemplo, aquele [inaudível]... Cacau sempre falou do meu show, das coisa, da arte, era o primeiro cara que dava valor assim... até chegar nas outras mídia o Cacau já tinha falado trezentas vezes, até como eu te falei, que era afilhado da galeria do Beto... mas, é... as pessoas, elas gostaram da música, assim. Só que eu acho assim, que a banda não deu muita visão, visibilidade pra música. Assim, não foi uma música que a banda assim correndo abraçou, porque eu sou uma pessoa que eu não... eu não trago as músicas pra banda. Você é quem diz assim, ó, “vamos pegar aquela

			música ali”, o Maia... “pô, vamos botar mais aquela ali do Valdir”. Então isso leva um tempo muito *grande*, que a gente ensaia pra pegar vinte músicas, fica três anos, quatro anos, pra vê se encerra aquelas vinte músicas, e não aquelas trinta, quarenta, que que o Valdir tem mais, vamo pegar uma coisa nova, não, não... não tem *tempo*, Floripa não... tem uma disposição pra ti trabalhar com isso na cultura. Você não é alimentado. Hoje em dia, atualmente, agora nesse momento, vai falar com o vice-prefeito, e tu vai perguntar por um show, se você pode fazer ele diz “é tudo de graça” e não sei o que, a pessoa não tem nem compostura pra falar com você? [57:53] Eu gravo isso e deixo bem gravado, porque isso não é uma compostura legal dum, dum... duma pessoa que trabalha com a cultura. Porque pra mim quem tá na prefeitura tem que tá li... tem que ter cabeça cultural! Porque não adianta dizer que sabe tirar o lixo, que sabe comandar limpar uma rua, então acaba com a prefeitura! Prefeitura, todo nosso órgão governamental, se vai trabalhar, tem que fazer um teste, no mínimo tem que ter um conceito cultural! Tem que ser uma pessoa que tem ter no teste tem que ter um pouco de cultura! De educação, porque faz parte, cultura e educação tem que tá ligada! Então uma pessoa tem que saber falar com você, tem que valorizar, nós estamos num momento de crise, mas como é que ela vai conversar com você, a nível de respeito, de postura, compostura. Que às vezes a pessoa ela esquece disso. A pessoa que você tá ali, que você não come, vem aqui de graça, solta uma pandorga, vem, faz uma festa que as pessoas... tem que aprender um pouco isso, né? Então, isso é meio sacrificante, aqui... acho que aqui, [inaudível] a pessoa, se vai... tem lugares por aqui que... que valorizam, que sabe aquilo ali é um projeto, sabe que aquilo ali é um artista, que você vai ter que pagar bem. Então às vezes a pessoa olha muito quem é que é de fora e paga uma fortuna pra ter aquilo ali. E lá por outro lado ela tá explorando outra coisa. Então na verdade a gente é muito explorador. O brasileiro ele... tem essa coisa assim, né, eu acho que, talvez no mundo, né? Assim, de quem pode ganhar mais, é de você, você que tem que se autovalorizar. Então é... de que mesmo que tavas falando, que eu já me...
59’24’’	Porque daí você fez a música, teve a premonição... e logo		Eu acho que houve uma associação, eu acho que as pessoas, elas... essa música tem que botar na rua. Que pena que passou esses anos todos, não é aquela coisa assim que você já grava um CD, já joga na mídia, a rádio tão aberta pra você, que as rádio

	depois teve o ataque às Torres Gêmeas, então, houve uma associação, né?		elas são vendida, o dinheiro corrompeu tudo. Que a rádio ela é vendida, a televisão ela é vendida, tudo é, tudo é... [inaudível] conciliado ao dinheiro. Você quer o que, tem três categorias, tem de primeira qualidade, de segunda e de terceira. Se você não souber, não tiver qualidade, seja pra arrumar um dente, seja uma saúde, você vai se ferrar! Porque é tudo tá lá comparado com o dinheiro, com o poder aquisitivo. Então se você não tiver uma produção... ontem eu vi ali na televisão, agora, no antigo hoje[19], ontem eu tava vendo o programa do, do... Cleber, do Éber, como é que é o nome, depois da meia-noite?
	Hum...		Já fez o...
	Bial?		Bial! Bial, que é um cara que passou aqui no Armazém Vieira uma vez, o Cacau botou no jornal, ele ligou pro *Cacau*! “Cacau, o show do Valdir Agostinho, que show, porque eu tô vendo aqui no Armazém Vieira”, ele tem a nota *pra me mostrar*! Que é importante o Bial relatando o meu show.
	Claro.		Hoje ele tá num programa nacional! Se a gente mandar o meu nome pra ele, eu era aquele cara que tava no Armazém Vieira, e tenho essa música, e mandar pra ele, como essa do Rock Boi, não sei o que, ou do Reggae da Tainha, ele *vai* chamar a gente. É que a gente não mora na vitrine. A gente tá aqui, tem que pegar um avião, atravessar um mundo, porque... o Brasil dava pra fazer três países. Então, é... é... mas o Bial ontem tinha um cantor lá, das antiga, falando que hoje em dia é *muito caro* uma produção. Naquela época uma gravadora te abraçava, fazia tudo por você. Hoje a gravadora não tem mais, você tem que pagar uma produção, e essa produção é milionária. Ele tava dizendo, *no mínimo*, se você quer fazer uma produção nacional, tem que ter cinco milhões de reais, ele tava botando isso. Então, não adianta tu ter cem mil reais, querer sair, “eu vou... eu vou aparecer no Faustão”, não adianta de nada. Você vai queimar só o seu filme. Você tem que ter *cinco milhões de reais*, aí você pega ou o Valdir Agostinho põe no Faustão, põe ali, põe aqui, você vai pra tudo, você compra todas as mídia. Você compra tudo e você tem show já garantido, não sei

[19] Seria uma expressão?

			o que, porque você tem milhões, você vai fazer uma produção impecável, [inaudível] então ele calculou *no mínimo*, por baixo, cinco milhões de reais. Aí perguntaram assim pra ele, “não, mas pera aí, com essa... computador agora, internet”, o Bial perguntou pra ele, “você se lança, você faz isso”... ah, isso aí é uma coisa que é... você tá arriscando a sorte, é um, é um no meio... é uma agulha num palheiro. Mas se você que pegar um artista das antiga, quer renascer, você quer fazer uma coisa, uma produção, você tem que ter... milhões! Senão você não vai fazer... olha só onde é que chegamos!
	É verdade.		Então é... eu fiquei *de cara* quando ele falou aquilo. Então nós perdemos até... por isso que eu falei que música é uma religião. Se nós não botar na cabeça que é uma religião, então vai atrás de cinco milhão! Porque música é uma religião, porque na religião eu pago para ir na igreja. Eu tenho que botar o dinheirinho no coador, eu tenho que botar o dinheiro no dízimo, eu tenho que ir lá limpar a igreja, eu tenho que fazer *tudo*! Porque eu tô ali rezando pra ter um pacto com Deus pra ver se entro no céu. Agora, se eu vou fazer música, e quero alguma coisa, como é que não é uma religião, que eu tenho que me encontrar contigo, e nós temos que estudar? Porque segundo o Py, os outros músicos, e tal, [inaudível] nós ia mas não tem nada, não tem show, e como é que nós tamo descobrindo coisa nova aqui dentro? Que tá mal feito que nós não sabemos fazer direito? Então, será que não é... que esse encontro nosso não é uma coisa *consagrada*, uma coisa divina, além da nossa amizade, nós tá junto e nós fazer o que nós gosta, não é uma religião? E dessa religião, brota alguma cosia?
		63’06’’	Porque se eu não regar uma bananeira, ela não vai brotar. Ela vai secar que nem lá em casa secou uma bananeira outro dia eu fiquei com pena. Eu disse “tadinha, não dei água, a bananeira secou inteira”. E o filhote tá vindo ali. Se eu não alimentar aquele filhote ele vai passar a mesma coisa que nem a mãe. Então a nossa música ela tem que ser... a gente tem que *baixar*, *curvar* sim, que a gente não é nada na música, a gente... sabe muito pouco perante esses internacionais, e esses nacionais que investiram dez, quarenta milhões de reais, que nós não somos nada daquilo que tá ali. Então precisa muito pra ter aquele arranjo. E às vezes a gente já que tá lá na rádio, que tá ali.... então tem que comprar esses espaços.

		63’45’’	Porque esses espaços de Floripa dá errado, tá toda vendida pros cara lá de fora, pras gravadora, *toda vendida, todos horários*! A gente só tem direito *um minutinho*, lá um flash o cara dá pra ti, se tu quiser ir lá e te apresentar, tem um flash. Por piedade e misericórdia... da cultura. Porque essa... a cultura, ela não... não se vende cultura, é uma coisa meio assim, como disse a reitora da UDESC, “vais abrir a tua galeria? Olha, a cultura não tá dando dinheiro”. Como se as pessoas [inaudível] num pé atrás no Brasil. Como se a cultura não desse dinheiro. Então você tem que ser um grande apostador. Você tem que ser um grande corajoso, investidor, e acreditar. Aí acontece um negócio. Porque se você acreditar ninguém pode com você. Porque eu só fui pra Nova Iorque e esses países, França, Itália e não sei o quê, e agora com um pé na China! Porque eu *acreditei e eu sonhei*. Então tem que sonhar! [silêncio]
	É mesmo...		É um sonho! Então tem que sonhar. Sonhar o que que é? Eu tenho que transferir da minha cabeça “eu quero ir em tal lugar agora”. Mas aquilo ali amanhã eu esqueço, porque eu acho impossível, eu não acredito! Não é sonho. Eu tenho que cravar ele na *minha alma*! E aquilo todo dia tá presente, eu já *tô lá*. Eu já *estou*. Tem que ser de alma, aquilo não tem como não tem de ser. Seja pra ter um carro, seja pra ser rico, se você [inaudível]... tem que, tem que tá na alma. Que louco isso né?
	Sim...		Tá vendo, ó?
	Legal. Acho que... era... isso que eu tinha, né, agradeço o depoimento, né, e...		Eu que agradeço, que é muito bom tá contigo, eu te acho um cara inteligente, nível universitário, e ter... fazer o doutorado em cima do Valdir Agostinho assim, eu acho um privilégio... teve outros que já fizeram, né? Como eu falei pra ti, a Kiria[20] Meurer, que hoje é da RBS, tá na Globo, como é que ela foi fazer o... o teste final dela comigo... o outro Paulo Evangelista, um grande documento, tudo tirou dez[21]. Então eu acho assim que eu torço por ti, com um grande dez também, não pela minha pessoa, mas pelo teu trabalho, o fato de tocar contigo, tu abrir as portas pra mim, né? Eu acho pra mim é um privilégio. Porque tu chamar um músico e pagar pra tocar, isso eu frequentei muito tempo. Agora, ter um músico que vem... fazer arte com a gente, junto

[20] Confirmar.
[21] Em conversa posterior à entrevista, pude descobrir que foram os TCC’s do curso de Jornalismo que as pessoas citadas desenvolveram com ele,

			e o teu teclado evoluiu como evoluiu, isso é se doar! Então é muito bom tá contigo.
66’15’’	OK. Obrigado então.		

Roteiro geral para entrevista de história de vida

Entrevistado: Valdir Agostinho

Referência: exemplo contido no Manual de História Oral (Verena Alberti), p. 163-167.

1) **Socialização**
   a) Papel da família no processo de socialização do entrevistado
      i) Antepassados, tradição familiar, conhecimento da família e do mundo por meio da família por ouvir contar
      ii) Avós, pais, irmãos – influência sobre o entrevistado; suas carreiras e profissões
      iii) Pessoas que frequentavam a casa – o entrevistado foi marcado por presenças? Como eram as experiências de convívio e de "ouvir a conversa de gente grande"?
      iv) Religião
      v) Leituras em ou da família, incluindo periódicos: qual o nível de escolarização dos integrantes da família?
   b) Posição econômica da família [transcrever todos os itens, p. 163-164)
   c) Transformações na estrutura familiar
   d) Cultura política regional e de geração [todos]
   e) Formação intelectual e profissional
      i) Influência da família e de outras pessoas na formação e nas opções profissionais
      ii) Estudos – colégio
         (1) Figuras marcantes nos estudos
         (2) Avaliação do sistema de ensino, do clima/ambiente nas escolas por onde passou
         (3) Desempenho pessoal como aluno
         (4) Participação na política estudantil (grêmios acadêmicos, jornal da escola...)
      iii) Leituras
      iv) Viagens
      v) Influências que povoam o espírito

2) **Ingresso nas artes e na música**
   a) Relações com a "socialização": Como aqueles diversos aspectos da socialização levaram à optar pela arte e pela música
      i) Influências pessoais [perfis]
      ii) Concepções ideológicas que nortearam sua atividade artística

b) Quais os canais de ingresso nas artes e na música?
   i) Grupos de artistas
   ii) Galerias de arte
   iii) Moldurarias
   iv) Bandas
   v) Festivais
      (1) Pandorga
      (2) Música
   vi) Exposições

3) Ao longo da carreira

Roteiro individual para entrevistas de história de vida: Valdir Agostinho
Florianópolis, 05/08/2018 – 1ª sessão, Laboratório de Imagem e Som – Departamento de História – UDESC.
Pesquisador: Luciano Py de Oliveira, doutorando do PPGH. Equipe do LIS (presente na primeira entrevista): Carlos Eduardo Pereira de Oliveira (Doutorado) e Eduardo Bailo (Graduação)

CONTEXTO GERAL	BIOGRAFIA	QUESTÕES
Anos anteriores (pais e avós) 1910: abastecimento de água e início da iluminação pública no centro da cidade. 1913: recolhimento dos esgotos no centro da cidade 1922: drenagem e canalização do Riacho da Bulha ou da Fonte Grande, "quando da construção da Avenida do Saneamento, posteriormente denominada Avenida Hercílio Luz (Lohn 31). 1926: inauguração da ponte Hercílio Luz	Avós Nascimento dos pais: Seu Zé Agostinho (1920); Sinhá Zima (?)	Você se lembra dos seus avós? Eram chegados da família (paternos/maternos/ambos)? Os teus avós, eles contavam como eram as coisas no tempo deles? E os pais? Por exemplo, como era a vida na Ilha antes e depois da ponte Hercílio Luz? Quando nasceu Seu Zé Agostinho? E Sinhá Zima (o nome de batismo é Ozima, certo?)
Anos 1950 *Primeira metade (1950-1955)* 1948: energia elétrica com "cerca de 6 mil ligações domiciliares no município" (Lohn 33) 1948-1958: Revista *Sul*, "liderada por Aníbal Nunes Pires e Salim Miguel": veículo de		

expressão estética de escritores, poetas, artistas plásticos “e futuros cineastas”. 1949: criação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis, atual MASC (Lohn 29).		
Segunda metade da década (1955-1960) Rádio Diário da Manhã, “crônicas diárias escritas por Osmar Silva e interpretadas por radialistas como Antunes Severo e Gustavo Neves Filho” (Lohn 27). Programas: “Janelinha da Ilha” e “A página do dia”, “tratavam do cotidiano da cidade e apresentavam a capital de Santa Catarina como uma cidade de ‘ruas tranquilas e mal iluminadas, que mergulham cedo no silêncio da noite’.” “Tristeza mansa”: de acordo com o narrador de uma das crônicas, “Florianópolis está distante, muito distante do progresso que se alardeia por aí! É quando muito uma caricatura... Uma pálida caricatura de cidade grande!” 1955: plano de desenvolvimento para o turismo em SC, divulgado em anúncio publicitário pago pela empresa Transportes Aéreos Catarinenses – TAC, no qual apresentava as praias da cidade bem como as	Nascimento: 07 de março de 1956. No mesmo ano, é inaugurado o prédio do Clube 12 (Edifícios Institucionais Modernos de Florianópolis, artigo de 2015 - EIF). É também o ano da publicação do Plano Diretor (cf. Lohn).	Naquela época, próxima do seu nascimento, já se falava em turismo em Florianópolis? Os pais, irmãos, conhecidos etc.?

“manifestações populares da cidade” (Lohn 35). 09/12/1955: por meio do Decreto Estadual nº 22, o Governador Irineu Bornhausen criou a Centrais Elétricas de Santa Catarina (fonte: site institucional)		
Anos 1960 *Primeira metade (1960-1965)* Os pobres aqui na ilha Trabalham para não morrer Dá o terço para o dono do terreno Com o resto o que vai fazer? O lucro dá para os outros Como que pode viver? (Franklin Cascaes - c. 1960) Grande expansão da rede elétrica; 1961: fundação da UFSC Abril de 1962: primeiro homem a ir ao espaço (Gagarin) 1963: Edifício sede da Federação das Indústrias (Palácio da Indústria) com mosaico de Martinho de Haro (Lohn, FB).	c. 1962: Valdir conta que, com seis anos de idade, lembra de como era ir para o centro da cidade: de baleeira até a Freguesia da Lagoa (de onde saem os barcos para Costa, atualmente); de camionete fretada até o Itacorubi; de ônibus até o centro. Saiam de	Você lembra quando chegou a energia elétrica na Barra da Lagoa? (Iron conta que foi o avô paterno dele que ajudou a trazer a energia, Raphael Linhares, atleta do remo, cf. dissertação e entrevista.) Como era a mobilidade na Ilha na sua infância? Existia algum tipo de transporte público? Vocês tinham algum veículo próprio?

1964: Inauguração do prédio da Assembleia Legislativa (EIF)	manhã bem cedo, para chegar no centro ao meio dia. Cf. entrevista com Claudia Barbosa.	
Segunda metade da década (1965-1970) Julho de 1969: primeiros seres humanos a pisarem na Lua.		
Anos 1970 *Primeira metade (1970-1975)* 1974: data do primeiro festival da pandorga, de acordo com matérias obtidas no acervo pessoal; 1973/1974: de acordo com o ICAP 1975: transferência da Eletrosul do Rio de Janeiro para Florianópolis (site institucional);	c. 1970: muda-se para a 'cidade', para a casa de uma tia no bairro Prainha (baía sul). 1972: coletiva – Galeria de Arte do Palácio Barriga Verde 1973/1974: prêmio "A mais bela pandorga" nos festivais;	Quando se mudou para o Centro para estudar? Essa foi uma decisão debatida em casa com seus pais, sobre seu futuro, ou foi uma decisão "unilateral"? *Quando começou participar dos festivais da pandorga? Foi antes ou depois de começar a trabalhar no Studio A-2?* *Sobre as pandorgas: dentre as muitas que você produziu, algumas se destacam, possuem um título, participaram de algum evento, festival, etc. Você poderia falar um pouco sobre as pandorgas mais significativas para você?*
Segunda metade da década (1975-1980) Segundo o ICAP: "Trabalhou durante sete anos com Franklin Cascaes na montagem dos	1975: 1º lugar no festival de Salvador – BA 1978: individual – "Pinturas e Pandorgas"	*Como conheceu Franklin Cascaes? Como se deu seu trabalho junto a ele nos presépios da praça XV?*

presépios da Praça XV de Novembro, Florianópolis". Porém, não indica data. 1976: primeiro telefone público da capital (cf. Lohn). Inauguração do prédio da TELESC (EIF) 1978: inaugurado o Ceisa Center (cf. propaganda no Youtube); CREA; ELETROSUL (EIF)	1979: SCNA – Salão Catarinense de Novos Artistas	
Anos 1980 24-25/09/1983: 9º festival da pandorga Show do Barão Vermelho no SESC (O Estado, 11/05/1985). (O Estado, 18/07/1985) 1988: inauguração do prédio da CELESC	[Acrescentar textos obtidos nos jornais do acervo pessoal] 1983: Boletim TV Barriga Verde – Empinando Sucesso 1985: Projeto Estand-Art 1987: Valdir vai a Bienal de São Paulo (DC, 04/10/1987)	*Quando foi que você se mudou para a Av. Mauro Ramos? O que te motivou a sair desse endereço e retornar para a Barra?* *Quando foi que você resolveu montar sua própria molduraria? Antes, havia trabalhado com Max Moura, certo?* *Você participou desse festival?* *Participação no Estand-Art?* *Primeiro show com a banda Fênix?* *Nani Lobo já estava tocando por aqui nessa época?*

1989: Queda do muro de Berlim		
Anos 1990 1990: Collor 1992: impeachment 1994: FHC 1998: FHC	1997: Obtenção de premiação no Edital de Cultura da FCC que viabilizou a gravação do CD *A hora do Mané*	*O que te motivou para trabalhar com música? A montar uma banda?* *Como surgiu a ideia de concorrer ao edital de cultura? Como se formou a equipe?*
Anos 2000 2002: Lula	2001: viaja com recursos próprios para Nova Iorque. Logo após o seu retorno, houve o atentado às Torres Gêmeas (11/09). Ele afirma ter sido publicada uma nota por Cacau Menezes a respeito de sua "premonição", mas após fazer pesquisa na hemeroteca, nada foi encontrado. Talvez tenha sido mencionado na coluna que Menezes tem no Jornal do Almoço, telejornal local, na época da emissora RBS, atualmente NSC. 2003: Show na Fenaostra, com Alexandre Iron na guitarra e participação de Zé Agostinho na abertura e no meio do show.	[Ver entrevista temática sobre a canção composta durante sua estadia, "Paz América"]. *Quando começou a "escrever" os "causos" sob o pseudônimo de 'Mané Gaivota'? [havia um ghostwriter, isso é certo]*

2006: Lula	2005: Valdir Agostinho apresenta seu trabalho em St. Etienne (França)	
Anos 2010 2010: Dilma 2014: Dilma 2016: impeachment 2019: inominável l	2012: falece seu Zé Agostinho, aos 92 anos (1920-10/04/2012). No mesmo ano, participa do 5º Salão Internacional do Artesanato em Brasília (ver clipe audiovisual no acervo da banda) 2014: Presépio na Lagoa 2016: apresenta-se com sua banda, a Bernúcia Elétrica, na passagem da Tocha Olímpica em Florianópolis	*Como surgiu a ideia de fazer o presépio na Lagoa?*

ENTREVISTA 2: VALDIR JOSÉ AGOSTINHO
TEMA: HISTÓRIA DE VIDA:
Data: 05/09/2018
Equipe: Luciano Py de Oliveira (pesquisador; doutorado em história - PPGH/UDESC)
Carlos Eduardo Pereira Oliveira (equipe LIS; doutorado em história - PPGH/UDESC)
Eduardo Bailo (equipe LIS; graduação em história - PPGH/UDESC)
Drª Márcia Ramos de Oliveira (orientadora; LIS - PPGH/UDESC)
Locação: atelier do artista em sua propriedade na Barra da Lagoa.

Notas de campo:

- O registro da entrevista foi feito com três gravadores, um Tascam DR-40 (do LIS) com microfone XY, um Zoom H2N com captação em mono e um Sony PX470 (de propriedade do pesquisador) com captação em estéreo '*foccused'*. Para todos foi acionado o filtro de graves (*low-cut*).
- O fonograma produzido pelo Tascam é o que está no LIS, para o projeto Guardar canções. A captação ficou muito boa, considerando que os microfones do gravador ficaram bem perto do rosto de Valdir.
- O aparelho que foi ligado primeiro foi o Sony, portanto é o fonograma produzido por este gravador que utilizarei para a transcrição. No início, antes de ligar os outros dois gravadores, Valdir ficou com o violão fazendo uns improvisos. O primeiro lembrou um riff de Rock. O segundo era o refrão da canção São Lourenço.

	Luciano Py de Oliveira		Valdir Agostinho
1'08''	[Identificação] Estamos aqui, na casa do artista de Florianópolis, na Barra da Lagoa, Valdir Agostinho, que vai nos ceder uma entrevista para		

	a pesquisa de doutorado “Fragmentos de memória e identidade na obra de Valdir Agostinho”, que está sendo conduzida por mim, Luciano Py de Oliveira, doutorando do programa de Pós-graduação em História da UDESC. E, também estamos fazendo esta entrevista pelo projeto de extensão “Guardar canções”,que é da minha orientadora, professora Márcia Ramos de Oliveira. Estamos aqui também com Eduardo Bailo e Carlos Eduardo Pereira Oliveira, ambos da UDESC, da História.		
2’01’’	[Infância, pais e avós] Eu queria começar a entrevista Valdir perguntando para ti o que que tu lembras de mais antigo da tua infância? Você lembra dos teus avós? Como é que é essa lembrança da tua família?	2’20’’	A minha família eu tenho uma lembrança… claro, a minha avó seria o mais antigo, né? Porque tinha um engenho de farinha, né, montado… Então era perfeito, então, quando a gente saía da casa do meu pai e ia se hospedar com a minha avó era uma coisa assim que era… que era muito original, né? Assim, o café da manhã e… aquele engenho, a *esteira* que ela botava para nós dormir, que ela fazia uma cama improvisada, nós era muito delícia. As histórias, os caminhos eram originais, né, as *chácaras*, muitas chácaras, muita goiaba, muito caju, muito *fruta* pelo caminho, muita areia *quente*, escaldante. Então é… o caminho era um caminho original, eu não troco pelo caminho de hoje, pela tecnologia, pelo avanço, de jeito nenhum. Hoje quando eu acordei eu ainda pensei na Costa da Lagoa, que bom que ainda não tem estrada, será que a gente não tá preocupado com isso, se alguém não deve estar fazendo

			força né? Então é muito importante lugares que não tenha estrada que mantém a originalidade. Então a Barra nessa época era uma graça de Deus, era uma verdadeira obra de arte.
3’31’’	Os teus avós, o que eles faziam para viver, tinham alguma profissão?	3’37’’	Era uma vida simples, mas uma vida com uma riqueza enorme, com todos os recursos naturais assim… *lindo*, as águas *limpas*, muita fartura, muito peixe, muito camarão, as rendeiras, as ratoeiras, os ternos de Reis, a cultura e os hábitos da comunidade, era uma coisa tão original, nós é que produzíamos tudo praticamente. Na venda era só para comprar pão, arroz e muito pouca coisa, com três… cores de papeis, depois que comecei a fazer da minha pandorga, com 8 anos, e eu fiquei *fascinado* quando eu vi três cores de papel, cor de rosa e o verde e o amarelo. Aquilo para mim, aquilo virou fantasia, já era fantasia de carnaval. Então eu tenho uma lembrança muito *linda* assim com aquele pouco *recurso*, mas a gente assim fazia coisas *lindas*. Não vê o Pão-por-Deus, que era uma coisa da comunidade, que a pessoa fazia, que quando eu olhava, que foi a primeira obra de arte que eu vi na minha vida e considero até hoje uma grande obra de arte. Espero que os nossos museus tenham vários Pão-por-Deus assim, lindos e… resgatado dessas pessoas que faziam com o coração, que não eram artistas, né, mas tinham que fazer com *todo* capricho, que era para mandar para pessoa amada! Então nós tínhamos… olha Py, se for lembrar, só pegando assim… Como é que eu digo, por uma… um museu mesmo, resgatar toda a antiguidade, se é que tem em Floripa, se tem essa memória boa, né? Então a gente sabe até a situação do país agora com esse museu[1], nós temos resgate aqui cultural, lugares que os turistas podem vir ver todas as nossas coisas, tudo do princípio ao fim? Então a gente tem que pensar nisso agora, esse foco mundial deu agora né, para memória não se perder, através… Não precisa botar fogo, às vezes tem memória que nem vai pegar fogo, que já se perdeu antes do fogo chegar! [risos].
5’26’’	[Pão-por-Deus]	5’31’’	Ah, tem que explicar, né? Pois é ainda tem essa, ainda, pô... Pão por Deus você pega uma folha de caderno, de papel e mantém ela com, muito, muito limpa, muito… E

[1] Referindo-se ao incêndio ocorrido no Museu Nacional.

	Conta para nós um pouco mais, o que é o pão por Deus, pra quem não sabe.		começa a picotar e recortar com dobraduras e recortes naquele papel de vários tipos e formato de coração, corações entrelaçados, dois corações grudados, aí tem a dobra de lenço que você pega e dobra o papel, eu sei fazer isso, e o papel vira um quadrado mas com várias dobraduras e tu vai tendo surpresa quando abre. Uma ponta para um lado, uma ponta para o outro, fica o coração. Abre de novo tem outro coração lá dentro e a… e vem a cantiga, eu tenho que botar uma… um verso ali para você. Amoroso, ou como queira. Então eu tenho que escrever o meu verso, "Lá vai meu coração/pra aquele querido figuraço/se não tem nada pra me dar/pelo menos que me dê um abraço" e vai. Então o meu pai uma vez falou que mandou um coração pra uma mulher ou alguém mandou da comunidade, E a mulher deu um coração de massa e quando manda de massa é obrigado a mandar um presente aí quando chegou no outro ano o homem não mandou nada ela mandou um coração pro homem e mandou dizer "Lá vai o meu coração/pra aquele ingrato cruel/já que comeu o de massa/agora come o de papel". Então tinha até gracinhas também.
6'47''	De massa era tipo um biscoito, assim...	6'49''	Então tu… era uma diversão, era uma comunicação com a comunidade né? Que hoje, assim, a gente vai num colégio e explica… eu vejo pessoas tentando resgatar… A Dirceia Bind [cf.] que foi uma grande artista picotou muito papel em cima do pão por Deus, ela… tinha artista que chegou a *mergulhar* nessas longas do recorte. Mas eu peguei alguns corações que vocês não verão. Que eram assim de pescadores, das mulheres de pescadores, com uma perfeição de pintura e variadas cores de lápis de cor pruma época que não tinha tinta, que não tinha recursos… que era duma elegância, duma beleza que, quando tu via o teu co… tu já… tu te emocionava.
7'30''	[Profissão dos pais] Daí você fala muito da… dessa autossuficiência da Comunidade. A avó tinha engenho de farinha, mais alguém trabalhava pesca… o pai por	7'43''	O meu pai é um… foi um dos maiores heróis da comunidade assim, não querendo… puxar, mas o meu pai ele tinha… pescava em três praias porque meu pai era louco por pesca, pelas águas, canoas, redes… pegar aroeira, tirava a casca de aroeira, fazer aquele tacho enorme para tingir as redes para ficarem novas. Que o papai tinha a mania de preservar tudo as, as canoas, tinham que ser novas, sempre pintadas… e tinha lancha para frete para turista, duas baleeiras grandes, baleeira que ia para alto mar, pegava cação, tubarão, peixes grandes, o papai era terrível! [8'17''] Então é… ou lavrador, ou você tinha roça e pescava meia boca, aquele cara que pegava camarão à

	exemplo, o que que ele fazia para sobreviver?		noite, ele não pode ter grandes pesca, porque tem uma lavoura *enorme* para cuidar, nos morros. Agora quem é pescador aí ele tem que tá cheio de canoa porque ele vai pro *mar*, e o cara [da lavoura] sobe pro morro. Então isso é muito sério, nós temos que valorizar isso que essa aí tá em foco agora no mundo essa… porque… é autossuficiência, slow food, que você vai plantar a sua batata, você vai criar a sua galinha, você vai… Então isso aí tem que voltar porque o mundo vai passar por uma situação que o slow food já tá de volta, lá o Carlos Petry [músico e produtor, proprietário de uma casa de espetáculo com o mesmo nome, cf.] na Itália já fala direto isso. Que quando eu fiz aquela viagem, mas ele veio agora no Brasil no Fantástico ano passado, Carlos Petry. Então Brasil ficou todo assim nossa, Carlos Petry não-sei-o-quê. E eu já tinha conhecido alguns anos atrás, então eu já sabia da existência do slow food. Então *hoje* esse slow food tá se acabando, tá todo mundo *correndo* cada vez mais, precisa ter celular, precisa ter comunicação rápida, precisa de *voar* e a vida tá *apressada* e o cara não tem aquela vida original que tinha antigamente. Com sabedoria. Ele corre, se atropelando pra adquirir, pra cada um ser um empresário, pro mundo ficar na situação que tá. Então menos é mais, porque que a gente não pode pensar assim, “pô, o que que dá para mim viver”... e ser empresário nas condições quando vai poder ajudar uma população. Não é o que tá por aí porque os políticos passaram um mal *exemplo*, então a comunidade toda contaminada pelos políticos e agora todo mundo então ninguém sabe, a agiotice tá em tudo quanto é lugar [sons de palmas acentuando fala] Todo mundo querendo se dar bem. Até pensava que era um problema social, *não é*. A política foi tão mascarada, que no final isso *contaminou* a sociedade, a sociedade agora acha que o negócio é ser político e se não é político também eu vou agir como um político. Então, por exemplo, como é que você vai votar “ah mas escolha bem” não, é um *processo enorme*, é uma grande máquina. Não tem uma pessoa para dar um jeito, assim, “bum” com uma varinha mágica. Então, não tem… tá complicado o atual momento. Mas… nós estamos falando é lá atrás ainda e voltando então aquele tempo era muito original. Claro que faltava mais educação, faltava um monte de coisa que não tinha suas regras. Mas agora já tem a violência, então tá um desequilíbrio social. Porque naquela época podia ser que a gente fosse assim ignorante, né, coisa e tal, mas… a gente se dava bem, nós se amava com a nossa cultura mesmo religiosa… tinha algumas coisas que eram assim muito…

			impactado naquele, a gente achava que era religião, era só aquela ali… Hoje, eu adorei o modernismo chegar até hoje. Mesmo na situação que nós se encontramos. Porque esse avanço foi muito importante né, porque hoje eu posso sozinho ter a minha própria ideia, não tem pai para te dirigir, não tem Franklin Cascaes. Que eu trabalhei com o Franklin e várias pessoas, galeria, a primeira de Florianópolis, mas hoje, tu pode tirar o teu parecer, com a tua sabedoria, com o que você lê, com o que você escuta, então…
11’17’’	[Hábitos de leitura] Você falou uma coisa agora que eu achei interessante que, no passado, a gente não tinha… tanta cultura, era entre aspas, “ignorante”, então, na tua família, existia o hábito de se ler alguma coisa? Teu pai sabia ler, tua mãe sabia ler? Como é que era essa coisa da leitura, tinha esse hábito em casa?	11’39’’	Ah… Na minha casa não tinha muito, assim, leitura, que a gente pescava e trabalhava, mas nós todos o papai botava nós na escola pra estudar. Então nós tínhamos nossos livros escolares, não tinha direito a muitas revistas, quando achava, quando ganhava. Depois mais tarde que eu podia estar na cidade, comprar o jornal, fazer assinatura ou comprar uma revista, mas não tinha muito o hábito de ler, o manezinho, ele gosta mesmo é de *ver* né? Até eles falam em fazer o livro meu. Eu espero que tenha bastante foto, eu digo, quando eu achei uma fotógrafa, “vamos fazer o teu livro”, uma grande fotógrafa, “achei”, que o meu livro é visual, vai ter, eu quero é ver. Mas não, mas a leitura é muito importante o que tá escrito a história da coisa né ó o historiador aqui na frente. Então mas o papai as anedotas que o papai contava, os causos que o papai contava, hoje de manhã também, outra coisa que me veio na cabeça foi quando assim, como o papai era um verdadeiro stand up em casa, que o papai fazia nós rir, o papai contava coisa que nós morrer de rir, papai criava coisa, nós tínhamos história para contar. Então a nossa casa ali, então líamos sim, papai Lia muito, papai gostava de ler, o papai lia da Bíblia até... Papai era um homem assim muito curioso, muita ideia própria, muito, mas ele falava três coisas que o homem tinha que ter: religião, participação e a outra frase eu tinha me perdido mas ontem me veio na cabeça que é, eu não sei muito, eu acho que era, pera aí agora me fugiu, depois eu vou pegar essa palavra.
13’09’’	[Religião] De religião, você já tocou no assunto pouquinho mas	13’19’’	É porque eu acho assim ó, que nessas comunidades manezinhas e pesqueiras sempre tem uma igreja e as festas… fica por conta da religiosidade. Sempre acaba tudo na igreja. Por isso que o católico às vezes assim, tá fazendo uma festa, o caminhão da cerveja tá no lado, porque a festa que eles têm é ali, é aquela hora,

	a família toda era dada então à religião… cristã, católica provavelmente?		então rezam, pagam os pecados, depois eles podem beber. Até fiz uma música outro dia que veio na cabeça, “pô, mas que engraçado, o cara bebe em cima, toma em baixo, vai não sei o que, aí eu peguei, aí eu peguei e botei… fiz uma… posso [incompreensível] um pedacinho da música?
13’51’’	Toca, toca, claro!	13’53’’	Ah, tocada eu não sei. Deixa eu ver…
	Então cantada… ”a capella”…		Sei? Deixa eu ver. [acorde no violão; silêncio] Eh… deixa eu ver… [risos; na sequência começa a cantar a canção]
		13’59’’	O padre vem entra logo Reza e diz amém Eu quero rezar também Pra pagar os meus pecados A gente senta Para ouvir uma doutrina Que ensina mal do bem E o certo do errado Aceita cheque Ou moeda ou papel Quanto mais você oferta Mais se abre a porta do céu Abençoado Abençoado Abençoado Todo mundo sai da igreja Abençoado Abençoado

			Abençoado o povo está suado De tanto ter dançado E de tanto tomar cerveja [risos]
14’40’’	Esse eu não conhecia, essa música	14’42’’	São brincadeiras que às vezes eu faço com violão, com música, fui cantar na família pra ver, mas morreram de rir, eram católicos né, então eu disse assim “opa, já tem uma graça”. Tem que mudar um pouco, pra não pensar que a igreja só pedindo dinheiro mas a religião e o dinheiro é uma coisa… que é sagrado né? É uma coisa que você tem que dar o seu dízimo, tem que dar a sua oferta, porque… já foi escrito lá no antigo, na Bíblia, que… tem que ter mantimento na casa do pai. Então qualquer coisa que você abrir, qualquer gruta vai ter que ter uma coisinha pra receber, uma coisa já do… né?
15’15’’	[Cotidiano na casa da família] Agora, queria perguntar pra ti o seguinte: como que era a tua casa na infância assim, como que era o espaço dela, como é que era no dia a dia de vocês, horário de acordar, que que se fazia no dia a dia, como é que era o cotidiano na tua casa?	15’32’’	Ah, era muito lindo porque nós não tínhamos luz comunidade. Cheio de histórias de bruxas, cheio de assombros, assim, original, que a gente não tinha televisão, não tinha filme na cabeça, não tinha Spielberg, não tinha… tinha… tinha nada! Ficção, nada. Então a gente… tinha a nossa própria… imaginação, Franklin [Cascaes] até acha que nem *existiu* nada disso, eu falando com ele, ele acha que era da cabeça dum homem, que criava, ouvia o barulho, não, existiu sim! Passava, assim, a bruxa, tinha todas essas imagens sim, foi porque eu vi a feiticeira, eu vi o fogo do campo… entende? Não precisa as pessoas acreditarem, *eu vi!* Eu passei mal, eu vi de perto e outras pessoas viram como eu vi. E às vezes aparece um vê e o outro não está vendo? Porque na minha situação foi assim, eu vi, tinha mais pescadores e ninguém viu, só apareceu pra mim. Então Franklin Cascaes, como ele era pesquisador e eu digo eu sou “vivenciador”, eu nasci dentro aqui da comunidade. E ele já nasceu mais na cidade, que falou pra mim que entregava leite quando menino na cidade, que também era assombroso Florianópolis mas já era na cidade. Com dois prédios, nem tinha prédio… né, o Coração de Jesus era o maior prédio dentro da cidade, a igreja católica era o maior prédio de Florianópolis, na época do Franklin. Então, mas a Barra da Lagoa, nasci no lugar desse, original, que não tinha luz, e ter que dormir 7 horas da noite? E… quando o dia amanhecia eu já tava acordado! Com um quintal maravilhoso e [incompreensível]… Que vida, não passava carros, passarinho,

			brincando de peixe, brincando de, de, do boizinho… pegava o sabugo de milho fazia… as minhas brincadeiras eu tinha que inventar! Então no outro dia eu já ia pro meus… meus cantinhos, já na rua, era… aquilo era *mágico* pra mim o que eu já fazia. Já enfeitar um caminhozinho pra botar o boizinho, pra coisa, carrinho, era difícil, papai dava unzinho pra gente, quando fazia *lá…* então, carro de plástico era difícil, eu era apaixonado e era difícil de ter. Então a gente brincava como podia, já pescava cedo, era usado já pra trabalhar! Então a gente… *criança já trabalhando!* Papai já acordando nós pra ir pra Lagoa *três da madrugada!* Então ele escolhia as noites mais tenebrosas! Quando a maré tava bem... aquelas ondas, com aquele vento sul enorme, e reboujo e trovoada e papai levava nós pra Lagoa com salva-vidas amarrado, porque ele já era evoluído, já tinha salva-vidas de barco né? Papai sempre trabalhou assim… er o cara que mais tinha gasolina, mais depósito, mais coisa, o papai…
17’54’’	Os irmãos trabalhavam… embarcados…		… então era muito… o papai era um homem de dinheiro, era um homem de progresso e muito trabalho, trabalho, trabalho e noite e dia. Quando eu fui pra cidade, menino com 14 anos, ali eu… eu fui pra cidade, eu fui pra Nova Iorque! Eu dizia que tava em Nova Iorque sem saber o que estava falando na minha… mediunidade, pois só podia ser! Eu olhava a ponte Hercílio Luz e dizia “eu tô em Nova Iorque”. Aí quando eu vou pra Nova Iorque eu levo um choque, porque qual é a diferença que Nova Iorque tem de Florianópolis? Nenhuma! Porque tu vai ver o mistério de Nova Iorque é a ponte, é atravessar de Manhattan para Astoria-Queens. E tu vê aquela… aquela ponte, agora só que lá é… é dupla, eu não sei o que, mas tem igualzinho a Floripa, tem várias pontes daquela. Então como é que… Floripa tem um pedaço de Nova Iorque? Não é Jurerê que é Nova Iorque, é uma sacanagem! Jurerê… Nova Iorque é onde tá a ponte Hercílio Luz. Não é Jurerê, o que que Jurerê tem de Nova Iorque? Nada. [silêncio] Então… o que a gente pensa que é uma maior, né? Porque lá é uma cidade moderna! Até achei um pouco parecido assim, quando tem um novo-rico que vai morar lá pra se exibir, porque “pô, aquele lá, eu sou…” é como se fosse cidade dos ricos né. E é mesmo, assim o cara que vem de São Paulo, que vendeu tudo que tinha, compra um pedaço em Jurerê… que eu conheci… gente lá, quando eu… a gente foi fazer um projeto lá. Então é… o que que eu tava falando de Floripa, então, ah, tu perguntou aqui na Ilha, era muito lindo acordar sem luz, com as candeias, os nariz enfumaçado,

			aquela coisa, fogão de lenha da mãe… pegava gambá na ratoeira vez em quando nessas épocas pra, pra substituir o peixe, pra comer uma carne diferente. Agora o gambá tá “morto” [no sentido de “extinto”], aí vem aqui na minha casa e eu jogo laranja, nunca peguei mais um gambá. 40 anos que eu não como um gambá. Hoje não pode mais, tem toda uma ecologia, uma cadeia, você tem que só ver, os pássaros pousam aqui, eu aceito, entende? Então é...
19’47’’	[Irmãos] Quantos irmãos tu tem Valdir?		Foi uma época muito deliciosa, Py, eu te garanto assim que eu, assim, eu adoro modernismo, eu sou moderno e sou… gosto de antiguidade, eu adoro… prédio moderno, adoro coisa… mas tirar a antiguidade não. O nosso patrimônio de Florianópolis é uma caretice a pessoa ir lá demolir, demolir, vender as casas antigas e tal…
		20’10’’	Eu tenho nove irmãos, e três mulheres.
20’16’’	Nove irmãos?		Sim, e dos nove eu… tem quatro lá, quatro cá, eu tô no meio, cinco.
20’21’’	Tu não é o mais novo da família?		Não, eu sou o do meio, dos homens, né.
	Tu é o do meio. Ah, tá.		E todos foram pescar só eu que achei que podia ir pra cidade então que eu podia ter uma carreira diferente.
20’32’’	Eu até tava fazendo…		… e aí meus irmãos pescaram, foram pro Rio Grande do Sul, porque aqui na Barra da Lagoa não dava esse dinheiro todo prum cara casar, fazer uma casa, fazer não sei o que e Rio Grande do Sul não, você pescava e vinha com aquele bolo de dinheiro e, o pai determinava, então comprava um lote de terra, fazia uma casa… então meus irmãos tiveram uma vida assim de luta, de trabalho conta uma história muito *pesada,* porque é mar, frio, aquela geleira, pra desmaiar um peixe às vezes a mão tá dura tem que botar a boca pra puxar tainha… é terrível! E eu tive uma vida como, fácil, uma vida entre aspas. A vida de artista é uma vida árdua. Mas só que eu subisse feliz, galeria do Beto Stodieck, Beira-Mar, primeira galeria de Floripa, conhecendo as, a nata da coisa, a sociedade vinha, aqueles coquetéis, menino da Barra da Lagoa que

			nunca, só comia beiju, chega lá é coquetel do Manolo's, aqueles melhores doces mais importantes de Floripa, os coquetéis mais… [toma ar] pelo amor de Deus… Depois conhecendo a Rita Lee de perto, o Gilberto Gil, o meu patrão vendia show, começando a ter conhecimento, contatos com pessoas! Será que dá uma certa esperteza da pessoa, alguma coisa eu devo ter aprendido, mesmo. Então eu era office-boy da galeria, pau pra toda obra. Mas então eu me lembro muito, a galeria vem muito na minha cabeça né, porque foi um momento melhor da minha vida porque ali eu era dono do meu nariz né? Comecei, então começou ali as coisas, o modernismo, saber as coisas, conhecer uma coisa mais assim, "ai, Beatles, ai, não sei o que, os Rolling Stones, ai, coisas", a gente pirava com aquelas coisas, "olha o Pink Floyd", coisa e tal, sabe? Mas é, depois a gente viu que não era aquilo, cadê o Brasil, né? Teve uma época me enjoou aquilo, as rádios 90% das músicas tudo internacional. Então, quer dizer, o que que nós evoluímos hoje? O Brasil passando pelo o que ele tá. Como eu falei, como é que você vai votar, se é um sistema enorme, é uma profundidade duma coisa grossa, que não vai… entende? Não… E a gente ainda tem… bom, não dá nem pra falar do que a gente tá ouvindo na televisão, né, por que um político vai na televisão pra eu conhecer ele, e ele então pega e diz assim, ó, "o meu nome é tal e o meu número é tal", isso é uma *vergonha* botar um cara assim na televisão. Então a gente tá passando por uma coisa assim… aí vem a gente, aí apresentadores da televisão dizendo que "não, que você vai ter que escolher", vai… não tem, não é assim o acerto, não tá… não tem escolha que dê certo, assim eu não acredito muito por um bom momento. Só por um milagre assim, por uma bênção, por uma coisa, né? Mas é porque tá tudo nos últimos tempos, diz as escrituras que… nós, assim, tudo ia ser… ia ter muita enganação, né? Então assim é um momento muito sigiloso, a… espiritualidade que eu gosto de frequentar, ela me diz que tamos no momento assombroso. Um momento delicado e um momento assombroso, então tá difícil assim as coisas, tem que ter… [inspira] respirar, se acalmar, se puder fazer uma oração pra decidir as suas coisas porque, é um momento assim, como é que eu digo, o que é certo é errado, tem enganação, então nós vamos passar, agora tem o Fake News… Tô vendo uma notícia me deixa o dia todo estressado, aquela… pra mim não, porque eu não vou ligar pra isso. Eu já tiro isso de letra, não. Então não sou pessoa assim desse celular, dessa tecnologia… me aborrece assim, passar um tempo de

			celular já me deixa… olha a natureza, olha a *Lagoa!* Como é que eu vou olhar prum celular muito tempo, não vai dar. Então se uma pessoa mostrar um negócio no celular, que seja *uma coisa só* precisa, até duas… mas se ela tiver assim “ah, eu tenho *20 fotos* pra te mostrar”, não vai dar. Vai ter que ser coisas inéditas e coisas muito surpreendentes. Porque se não é um tempo que daqui, eu estou deixando de falar com você, estou deixando…
24’00’’	Falando em tempo eu não quero estender muito essa nossa sessão…		Eu sou muito falador, desculpa tá… poxa vida
	… não, e é assim, ótimo, né, esse teu depoimento, a gente agradece imensamente pela tua colaboração, eu só queria perguntar uma última coisa, tu contar pra nós com um pouco mais de detalhe,		
24’19’’	[Mudança para o Centro] Como que foi essa ida pro Centro? Você disse que com 14 anos se mudou para o centro da cidade, né, mas como é que foi isso, foi uma decisão acertada, você combinou em casa com o pai e a mãe, “olha…”, foi uma	24’41’’	Eu achei tão bonito que assim, [incompreensível] o papai, o papai ficou muito triste né, chorou… papai chegou a chorar porque eu era pescador muito bom. Eu já *pescava* com ele nessa idade. Pulava duma canoa pra outra, se não tinha patrão na canoa eu substituía, em alto-mar, entrava na boca da Barra sendo o patrão da canoa, não podia ser um menino, tinha que ser verdadeiro um homem. E eu um menino, ali, o papai botava… confiança em mim. E o papai então perdeu um pescador. E o papai, ele não me guentou, me deixou ir morar com a minha tia na Prainha. Virado pra ponte Hercílio Luz. Ali era fantástico pra mim.

	coisa meio… rompante, foi unilateral, o pai mandou, como é que foi, conta pra nós isso aí.		
25’14’’	Foi uma decisão tua, então…		…e a minha mãe, tudo chorou, foi uma decisão minha que eu queria ir pra cidade e não para o Rio Grande do Sul com 18 anos. Com 14 então eu fui pra cidade e menti que tinha emprego, mentira, eu tinha muito dinheiro, porque eu era um grande vendedor de siri. Eu pegava siri, comprava siri, eu puxei negociante igual o papai, eu acho que eu tenho o espírito empreendedor do papai. Mas… e… daí eu vendia muito siri para turista. Que a nossa praia fabulosa era Praia das Areias, que é a Praia das Rendeiras. A única praia de Floripa. Não tem mais praia para turista nenhum ir, ninguém quer conhecer a Joaquina, nessa época. Sei lá, em… 70? Não sei. 78, 77, não sei. 80? Então a praia famosa, os carros paravam, não dava para passar nessa praia da… parece mentira né? Que não tem estrada, é na areia… e… e eu vendia muito siri, tinha muito dinheiro guardado. Eu tinha muito dinheiro quando criança, ninguém da minha casa ganhou dinheiro que nem eu. Ninguém. Por que era dois balaio aqui de siri [gesticula demonstrando como carregava os balaios] e eu voltava com aquele bolão de dinheiro com os balaio vazio. Então era, sábado, domingo, ou sexta-feira… e dia de semana eu vendia siri cru nas casas, porque o pessoal já gostava de mim, já era uma pessoa assim, já tinha uma comunicação, todas as casas gostavam de mim… então, é… ficava muito feliz. E aí fui para cidade, quando… quando vendi CD, eu… me baixou o espírito de siri. Eu vendi muito CD. Porque dizia “como vai comprar um só? Olha só o meu CD!”, E eu achava que a pessoa tinha comprar cinco CD meu. E tinha gente que comprava 7, 8 CD. Então é… e não é mareada, não é Siri, CD né?
26’53’’	Foi uma coisa premeditada, você tinha esse dinheirinho guardado, já tinha essa grana…		… E queria ir para Floripa.

	… e falou que tinha emprego		… Que eu gostava de Florianópolis, achava lindo, achava, “pô, sair daqui, desse meio de mato”, da Barra, que eu tava numa toca, no meio do mato. Lindo, maravilhoso. Mas chegar a morar numa cidade? Putz, nós éramos manezinhos, a cidade não era… então eu era uma pessoa chique. Tava na cidade, mas não por isso. Porque… porque todo mês eu vim a para Barra.
27’18''	A tia era irmã do pai…		… Aí a minha mãe me recebia muito bem, fazer uma comida especial para mim, e papai me recebia bem, meus irmãos…
27’27’’	Essa tia era irmã do teu pai ou da tua mãe?		Essa tia, é… foi casada com o meu tio. Os rapazes são meus primos, ela tem filhas e filhos, e aí eu moro na Prainha. Moro… alguns anos, depois eu vou achando outra casa, eu vou para o Saco dos Limões, vou pra Costeira, venho para Floripa dou a volta, moro não sei, na… na galeria Studio A-2 do Beto, ou não, na Padre Roma, dou a volta na cidade e volto para Beira-Mar, depois dou a volta de novo, mais uma volta, e… e venho embora para Barra da Lagoa definitivamente 30, 40 anos atrás, 35…
28’04’’	[Turismo] Quando é que começaram a falar em Turismo? Na tua infância, tu já ouviu falar em turista em Florianópolis?	28’09’’	Olha, o primeiro turista que chegou aqui na Barra, que Papai botou uma barraca, que era japoneses de São Paulo. Um japonês que mora em São Paulo que veio aqui na Barra, então era *muito* difícil turista… como eu falei para ti, era Praia das Areias, lá em setenta e poucos já vinha, aqueles ônibus de São Paulo, turismo, não tinha internacional.
28’27’’	Então a Barra não.		Não, era… São Paulo era o máximo que vinha! Não tinha turismo de Porto Alegre, não tinha turismo de Curitiba. Então chega turismo da onde? São Paulo. Chegou alguém aqui… aqui, o Rio de Janeiro já era até complicado. Então… a gente chegava, eu fazia frete mais o papai na Lagoa, então chegava todos os turistas que vinham a Floripa era mandado que viesse na Lagoa. Tinha um recanto que eles tinham que conhecer. Não era Canasvieiras nem Jurerê, nada. Era a Lagoa da Conceição, era obrigatório o turista chegar em Floripa e vir para Lagoa!Ir no Cacau, lá em cima, no Menezes, desceu, olhar o morro, vim. Joaquina nem pensar. Nenhum

			louco ia querer ir na Joaquina sem estrada, não tinha como ir, aquela coisa e tal, o carro, o cara vinha de ônibus, o turista que vinha de carro era pouco. Então aqueles restaurantes da Lagoa, eu via aqueles turistas sentado, e queria, olhava pra cara deles, gente diferente, aquelas mulheres… fina! Aquilo era deslumbrante pra mim. Pagava um picolé pra mim, sorvete… porque… os casal de namorado, jogava o anel fora eu ia lá juntava, levava, devolvia né? Assim às vezes casal que tava brigando, assim, eu pegava aquele anel dela, jogava… uma vez teve isso, eu fui lá juntei aquele anel, vim trazer pro turista. Então é… assim, não tinha maldade na comunidade, né? Então era… tão lindo assim, não tinha que se preocupar com nada, só com a magia, só algum… algum lobisomem, alguma coisa né? A gente, o medo nosso era esse, era o lobisomem de noite, era… a feiticeira, a bruxa…
29’48’’	Não tinha luz elétrica, né...		… então eu passava de noite, madrugada, papai mandava eu comprar camarão, porque se eu não fosse eu ganhava, eu ia ser… ia apanhar do papai… eu era obrigado a ir, o medo tinha que botar pra trás, né? Pegava, botava o balaio aqui, naquele lugar todo assombroso e passava direto sem querer olhar.
30’02’’	[Luz elétrica] Tu lembra quando chegou a luz elétrica para cá?		Lembro. A data prefeita não, mas a luz elétrica sim, a lembrança que eu tenho no dia que acendeu a primeira lâmpada foi uma coisa que a gente não queria nem dormir, pra ver aquela luz acesa. Aquilo era uma coisa do outro mundo… uma coisa mais inédita da tua vida, tu receber uma luz elétrica, onde não tem. Que aquela luz acender… vocês não imagina o que que é… ver a luz elétrica pela primeira vez, aqui na Barra quando chegou assim. Então é… e esse morro cheio de barro, se chovia ninguém subia mais… não tínhamos como ir. Então, a gente tinha que fazer, baleeira com o papai até a Lagoa, pegar um carro, uma caminhonete ou um Itamarati do seu Duduca, ir até o Itacorubi, do Itacorubi pegar um ônibus e ir até a cidade. E na época da minha mãe não, aí tinhaque caminhar toda a vida a pé até a cidade. Quem tinha dinheiro lá na… pegava uma carroça puxada pelos cavalo na Agronômica. A mãe alcançou isso aí porque não tinha, continuava a pé, saía daqui três da madrugada. É… é né, de madrugada, a gente já…

31’05’’	[Canção: Seu Agostinho] Para encerrar então, eu queria pedir… explorar um pouquinho aqui o artista, mais um pouquinho… Eu queria que tu escolher se uma música que representasse essa época da tua vida, da infância… que tu contou para nós… qual é a música… Pode ser uma música de tua autoria, pode ser tradicional, pode ser de outra pessoa…	31’28’’	[Silêncio] Olha, eu me lembro assim, que a Lagoa, agora que tá toda arrasada, que já tá… assim né? Que a gente tem que ter um cuidado com a Lagoa mas a Lagoa própria, mesmo assim, ela tá assoreando, que vem a areia… E o papai pescava ali tainha né? Então vinha aquelas tainha e as pessoas diziam assim, “seu Zé, me dá um peixinho que eu te dou um bijuzinho”, aí fiz a música para o papai, “Seu Agostinho”, pode ser?
31’51’’	Pode, claro!	31’53’’	“Alô rapaziada na estrada que eu caminhar A vida é muito boa e não precisa reclamar Embarque na canoa para Costa vamos lá O Pedro vai na popa E no meio vai O Osmar Chame a Maria com essa decoração Amarre a bandeirola de flor-de-bambu-salão Chame a Maria com essa decoração Amarre a bandeirola de flor-de-bambu-salão [Seu] Agostinho, me dá um peixinho Que a mamãe vai lhe mandar um bijuzinho Ô seu Agostinho me dá um peixinho Que a mamãe vai lhe mandar um bijuzinho

			Alô rapaziada na estrada que eu caminhar Vamos cercar a rede e para Terra arrastar A vida é muito boa e não precisa reclamar Vamos matar muito peixe Para vender e dar É na beleza da Lagoa, tá passando a procissão A banda e alegria, é dia da Conceição É na beleza da Lagoa, tá passando a procissão A banda e alegria, é dia da Conceição [Seu] Agostinho, me dá um peixinho Que a mamãe vai lhe mandar um bijuzinho Ô seu Agostinho me dá um peixinho Que a mamãe vai lhe mandar um bijuzinho [Seu] Agostinho, me dá um peixinho Que a mamãe vai lhe mandar um bijuzinho ô [falado] Seu Agostinho era demais, matava peixe que dava gosto de ver.
33’24’’	[Canção: Everybody Slow] Uma música, que você falou, dessa coisa aqui, as pessoas tão com pressa, tudo apressado, você falou do “slow food”... não tem nenhuma música que tu trabalha com esse tema, do… do tempo que tá acelerado, as pessoas correndo… e que tem	33’47’’	Eu não me lembro...

	que… voltar a parecer mais… tranquilo… tem uma música aí…		
	Posso sugerir então uma?		Pode.
33’50’’	“Everybody Slow”?		Olha…
	Só uma palhinha…		Ah, tá, “Everybody Slow”, na verdade, só para falar, uma vez eu fui de bicicleta caminhando por esse [incompreensível] que a Barra é um lugar inspirador, a Lagoa olhando daqui, isso aí tudo é de uma inspiração… Então… e aí, eu… aí fui fazendo uma, fui cantando uma música e eu disse, “por que que eu tô falando ‘everybody slow’”? “Everybody slow”... E aí eu não sabia o que que dizia? aí eu liguei para Natasha que já morou nos Estados Unidos tudo, e a Natasha “‘Everybody Slow’ é ‘somos todos devagar’”. Aí eu já tava com tudo pronto, a manchete, tudo né? O ataque de Chernobyl, ou não sei o quê, e pá pá pá, um monte de coisa… e aí, é… é essa aí, então?
		34’27’’	“Everybody slow, uh, ou, uou uou ô Everybody slow, ou, uou uou O homem é decadente A gente sente que se transformou Essa é a nova era Só se espera do computador - hey Alô galera, também pudera se não fosse o Rock’n’roll Então me espera que você vai ver o disco voador Everybody slow, uh, ou, uou uou ô Everybody slow, ou, uou uou Em outra parte, lá no planeta Marte

			A Lua não se adaptou Mas aqui na Terra, em vez da Guerra A paz da ONU declarou - que loucura! É uma figura, ninguém segura esse tal de Rock'n'roll Everybody slow, uh, ou, uou uou ô [murmura algo] Everybody slow, ou, uou uou O Mistério do Triângulo das Bermudas Desastre atômico de Chernobyl A Terra adoece A NASA lança ônibus espacial Na Rússia invadem o Parlamento A existência da Aids Policiais sobem o Morro do Vigário Cuidado! Não saia sozinho A visibilidade é total O muro foi derrubado Artistas suicidam-se Disco voador pousa no Arizona O Ministério da Saúde adverte Marina na Barra, o que você está esperando? Everybody slow, uh…" [atrapalha-se ao violão] Ah, errei, parei.
36'11''	Não, mas… ótimo	36'12''	Só pra dizer que, aquela hora que eu fui fazer, que me diziam que o computador ia tomar conta da Terra, que ia ter computador e não *tinha* ainda. Essa música foi feita ainda antes de... nós temos celulares, computador, nem... e aí que ia ter computador e que ia ser muito *perigoso*, computador ia mandar na humanidade e papapa, ia... eu

			fiquei com aquele medo, sabe, “nossa, vai ter um computador *enorme*, e vai dizer o que que nós vamos fazer, o que nós vamos determinar, *ele* é quem vai dizer! Então aí eu fiquei com aquele *medo*, aí então é que o homem então, ele tava sendo *decadente*, quando chegava nessa época, que tava, o que eu imaginei. Então, *junto* com a criação do computador ia haver uma *decadência* muito grande. Assim, quer dizer, *ou então* que o homem era decadente, talvez o computador trouxesse a evolução. Algum dos dois. Porque ali eu tô, eu considero o homem decadente. Porque várias coisas acontecendo, vários desastres, várias coisas, né? Então a decadência do Brasil qual é? O museu pegando fogo, *estádio* no Rio de Janeiro que foi feito milhões abandonado, e milhões jogado fora e não sei o que. Então porque que o dinheiro, “não, mas é obrigado a ser assim, porque o esporte ali, porque o milionário tá aqui, porque o cara aqui quer jogar, o cara da favela quer ver”. [incompreensível] *claro*, que é todo um sistema corrompido! Porque aquele dinheiro ali podia ter ido pra outro lugar e todo mundo tá bem, rezando, com saúde, todo mundo bem! Aí no carnaval, cada escola *seis milhões* de reais, não sei o que, pô, e o Rio de Janeiro, o cara no *mesmo* período, eu *vi isso*! E não tem quem ame mais o carnaval do que eu. Mas a *primeira* coisa que eu votaria prum presidente que se acabasse com o carnaval! Que eu tenho que parar com esse carnaval de seis milhões, cada bloco e não sei o que, pra sair, pra desfilar e não sei o que. Será que não tem coisas necessárias, como que a saúde, o cara tá caindo da maca, ali, no Rio de Janeiro? Então, que *descaso*, que *frieza*, que coisa, onde é... tá uma, não dá pra entender. Né, uma coisa, eu às vezes eu penso assim, como é que eu vou falar? Inteligência e sabedoria que eu tenho, né? Mas, puta caramba, tanta gente que estudou, tanto recurso, tanta *espiritualidade*, alguém tem que dar uma solução nisso, né? Pra não ter tantos erros, tanto descaso, e tanta mania de *grandeza*. Então eu faço uma coisa *gigantesca*, eu boto um anel no dedo de um milhão... e preciso arrumar os meus dentes? Então eu tenho que, primeiro ver, as coisas mais óbvias, mais... [silêncio] Então é... Desculpa eu misturar um pouco as conversas.
38’23’’	Não.		Porque eu já sou assim, o pensador ele acaba...

38’29’’	Essa tua conversa é ótima, é maravilhosa, a gente agradece, né, em nome do, da Pós-graduação em História, em nome do Laboratório de Imagem e Som, e em meu nome, né, que a minha pesquisa é sobre... sobre você, e a gente agradece imensamente.	38’51’’	Eu agradeço também a consideração de vocês, através da universidade, que é um lugar assim que eu sempre fiquei curioso, assim né, porque eu sou autodidata, não sou um cara assim acadêmico então sempre me surpreendeu quando alguém fala que tá... *estudando* na universidade. Porque quando o cara me diz “eu sou professor da universidade” eu *fico* super... então é, me encanta muito, como hoje eu tenho uma sobrinha, a Kátia Agostinho, que é professora de universidade, isso me deixa... eu fico assim, parece mentira, uma pessoa da família hoje poder frequentar... então é, espero que vocês conheçam, então eu fico *muito* feliz pelo reconhecimento da universidade, pelo... o carisma de vocês, o modernismo, o avanço, os alunos, acho um lugar assim, com essa democracia que tem, essa... eu acho *lindo* aquilo. Sem contar o mural do Rodrigo de Haro, as artes que rolam por lá. Que na minha época eu era muito *contra* a universidade. Porque que *artista*, porque que não pode um artista de fora *expor* na universidade, não, era só quem frequentava lá, e só, então tinha uma coisa assim. Então a *arte* ela tem que tá nos *corredores* dos alunos, os alunos têm que sair de lá e ver arte visual, arte visual, tem que tá no corredor, o *máximo* que a universidade possa pegar. Nunca botar uma galeria lá dentro, o cara vai ter que entrar, vai ter que “ó, que quiser cultura vai lá ver”, *não*! Porque muita gente não vai querer ver, porque o cara tá ali pra estudar, fazer o seu progresso, ganhar o seu dinheiro. Então tem que tomar esse cuidado, então a *arte* ela tem que tá *presente*, a *música* e a *arte plástica*, ela tem que tá nos *corredores* da *universidade, por favor*. Isso pra mim é um avanço, um dos maiores, assim né. [silêncio] Sou leigo, falando, desculpa.
40’17’’	Taí o toque do Valdir Agostinho. Obrigado!	40’20’’	Obrigado Py! E vocês, né? Como é que é teu nome mesmo [dirigindo-se a um dos alunos da equipe]
40’24’’	Cadu.	40’25’’	Cadu, olha o nome do cara! E o teu?
40’27’’	Eduardo.	40’28’’	Eduardo, Cadu, ó. Eduardo.
40’46’’	[fim da gravação]		

Entrevista 3: Valdir Agostinho
Tema: Pandorgas
Data: 22 de janeiro de 2019
Entrevistado: Valdir Agostinho
Entrevistador: Luciano Py de Oliveira, doutorando do PPGH – UDESC, com tese: "Fragmentos de memória e identidade em Valdir Agostinho (Florianópolis – SC, 1970-2010)".

Cabeçalho:

Esta é uma entrevista com Valdir Agostinho para a tese "Fragmentos de Memória e Identidade", no doutorado em história da Udesc, entrevistado por mim, Luciano Py de Oliveira.

Perguntas:

1. Valdir, sabemos que tu és considerado um "multiartista", pois tu és músico, artista plástico, carnavalesco e por aí vai. Mas o que mais te representa, enquanto artista, são as pandorgas. Quando tu começaste a participar de festivais de pandorga?

2. Dentre as muitas pandorgas que tu produziste, algumas se destacam, possuem um título, participaram de algum evento, festival etc.

    a. Tu poderias falar um pouco sobre as pandorgas mais significativas para ti?

    b. Ainda sobre os festivais: idealizadores, patrocínio, apoio, premiação... conta um pouco da história dos festivais para nós.

3. Como surgiu a ideia de expor as pandorgas como se fossem obras de arte?

    a. alguns dados (década de 1970): 1972: coletiva – Galeria de Arte do Palácio Barriga Verde;

b. quatro pandorgas – as de 1973/1974, 1983 e 1984: prêmio “A mais bela pandorga” nos festivais;

c. 1975: 1º lugar no festival de Salvador – BA

d. 1978: individual – “Pinturas e Pandorgas”

e. 1979: SCNA – Salão Catarinense de Novos Artistas

4. Eu selecionei três pandorgas em documentos do teu acervo. Tu poderias comentar um pouco sobre elas?

   a. O Roqueiro

   b. Ecologia no Ar

   c. Flor de Renda

ENTREVISTA 3: VALDIR JOSÉ AGOSTINHO

TEMA: PANDORGAS

Data: 22/01/2019

Equipe: Luciano Py de Oliveira (pesquisador; doutorando em história - PPGH/UDESC)
Drª Márcia Ramos de Oliveira (orientadora; LIS - PPGH/UDESC)

Locação: atelier do artista em sua propriedade na Barra da Lagoa.

Notas de campo:

- O registro da entrevista foi feito com dois gravadores de propriedade do pesquisador, um Zoom H2N com captação em mono e um Sony PX470 com captação em estéreo '*foccused*'. Para todos foi acionado o filtro de graves (*low-cut*).
- Arquivo utilizado para a transcrição: 190122-184457.WAV (Zoom H2N).

	Luciano Py de Oliveira		Valdir Agostinho
			[Ideia do Museu e da Associação] ... começa alguma coisinha pequeninha[1], que até eu, sabe Py, que a pessoa chega ela vê a informação, não precisa tá falando. Se uma entrevista, vai me entrevistar, "escuta, quando é que tu tevês aqui como o fulano, Carlos Petry, tal e tal... [silêncio] Vou ter que fazer um museuzinho, cara. Meu museu o que que é? Madeira velha de cupim, com tela de arame velho achado na rua, joga barro com cimento, aquilo gruda, quantas salas tu pode fazer pelo morro aqui acima? A telha tão jogando fora, telhado jogando fora, e tal, para!
0'33''	E reciclando.		É moleza! E adaptando os acidentes do terreno, a pessoa sobe essa pedra aqui,

[1] Comecei a gravação durante uma conversa que o próprio VA iniciou sobre esse tema: "museu", "associação" para cuidar de sua obra no futuro. Achei muito importante registrar a conversa, pois ele já havia tocado nesse assunto em outras conversas que tivéramos nos dias que antecederam a entrevista. Mais adiante ele pergunta se está gravando. Eu digo que sim, e explico o porquê. Ele não viu problema em manter esse registro, então passo a transcrever o fonograma desde o início.

ENTREVISTA 3: VALDIR JOSÉ AGOSTINHO

TEMA: PANDORGAS

Data: 22/01/2019

Equipe: Luciano Py de Oliveira (pesquisador; doutorando em história - PPGH/UDESC)
Drª Márcia Ramos de Oliveira (orientadora; LIS - PPGH/UDESC)

Locação: atelier do artista em sua propriedade na Barra da Lagoa.

Notas de campo:

- O registro da entrevista foi feito com dois gravadores de propriedade do pesquisador, um Zoom H2N com captação em mono e um Sony PX470 com captação em estéreo '*foccused*'. Para todos foi acionado o filtro de graves (*low-cut*).
- Arquivo utilizado para a transcrição: 190122-184457.WAV (Zoom H2N).

	Luciano Py de Oliveira		Valdir Agostinho
			[Ideia do Museu e da Associação] ... começa alguma coisinha pequeninha[1], que até eu, sabe Py, que a pessoa chega ela vê a informação, não precisa tá falando. Se uma entrevista, vai me entrevistar, "escuta, quando é que tu tevês aqui como o fulano, Carlos Petry, tal e tal... [silêncio] Vou ter que fazer um museuzinho, cara. Meu museu o que que é? Madeira velha de cupim, com tela de arame velho achado na rua, joga barro com cimento, aquilo gruda, quantas salas tu pode fazer pelo morro aqui acima? A telha tão jogando fora, telhado jogando fora, e tal, para!
0'33''	E reciclando.		É moleza! E adaptando os acidentes do terreno, a pessoa sobe essa pedra aqui,

[1] Comecei a gravação durante uma conversa que o próprio VA iniciou sobre esse tema: "museu", "associação" para cuidar de sua obra no futuro. Achei muito importante registrar a conversa, pois ele já havia tocado nesse assunto em outras conversas que tivéramos nos dias que antecederam a entrevista. Mais adiante ele pergunta se está gravando. Eu digo que sim, e explico o porquê. Ele não viu problema em manter esse registro, então passo a transcrever o fonograma desde o início.

			agora, aqui do lado dessa sala tem um gruta, “ai, a água correndo”, “a Nossa Senhora”, “ai, tem que jogar uma moeda ali”, deixa jogar aquela moedinha! Que a pessoa tá com fé, tá achando assim, “eu vou dar uma moeda para essa santa, pra acender uma vela”.
0’49’	Claro!		Quem é que não gosta de ver uma gruta com uma água correndo nesse momento, agora uma paz, assim, ver uma... uma imagem. Que o Mórmon é contra... Deixa estar ali, é uma decoração que eu botei. Se alguém quiser abrir o coração o problema é daquela pessoa. Então, é o *camelo*[2] que tá ali, cuidado, como diz o Elói, já tá exposto num caminho a pessoa passa, “ah, que ecologia, nunca vi nada com lixo igual”, será que vai ter neguinho fotografando?
1’14’’	Ah, vai!		Vai entrar gente nesse terreno, colégio vai vir, vai vir tudo. Fotografa, depois manda pra Santa Catarina inteira, o colégio tem que ficar agendando, “escuta, quando é que podemos ir aí?” Uma sala grande pra refeitório, do tamanho dessa daqui, a criança, pra 40 crianças, faz o refeitório. Isso aí é *simples*, só que para isso tem que haver uma Associação.
1’32’’	Tem que!		Aquele casal lá de baixo, eles têm que me ajudar, eles são queridos, o cara quer me ajudar, da yoga. Então tem que ter alguém que escreve, e o Mauro, e o Bi, e o pessoal, os meus amigos têm que estar, porque é uma Associação. Essa Associação ela tem que ter algum fundo lucrativo. Se ela tem que vender um bazar, porque peraí, o Elói faz o tambor, eu faço não-sei-o-quê, tem coisa pra vender que é pra gerar dinheiro, porque o pessoal vai estar aqui vai precisar do dinheiro. O Elói não vai vir aqui com carro com gasolina, pra fazer negócio, no futuro tem que ganhar muito *bem*, cada um.
2’00’’	Eu tô te falando...		Eu quero que os meus sócios ganhem *muito bem*, aí já tem o hostel, e o hostel, também faz parte da Associação? Faz, ué? O que é que tem? A casinha tá ali, o Ari cuidou, o Elói veio, é meu? Não! É da Associação, deixa ali. Tem a minha casinha, tinha duas que eu já tinha, mas “pô, foi feita a Associação”, o terreno é *para* a

[2] Escultura feita de reciclagem que fez parte do Presépio de 2014.

			Associação. O Mauro deu uma luz linda, que o Mauro outro dia falou que eu tinha medo de fazer a Associação, que era assim ó:
		2’19’’	[Ideia do Mauro Costa para a Associação] Ou eu vou deixar o terreno no nome do Bi, do Elói, não sei de quem, a confusão tava feita. O Mauro falou que não, “tu escolhe uma pessoa, da família ou quem eu quiser, o Ari, o Bi... *e passa o terreno para aquela pessoa*. E a Associação, ela tá aderida à aquilo ali, o dono do terreno tá comprometido com a Associação. A minha irmã não vai poder vender, “tá no nome da Benta, da minha irmã? Tá”. Não tem problema nenhum, a Associação tem até o documento. Que tá no nome dela, mas ela não vai poder fazer nada. Que tá *escrito*, que eu deixei escrito, que é *para* a Associação e aquilo vai ter que *rolar*, sem *nunca* poder vender. Vai ser da Associação... então o terreno vai ficar. E o meu museuzinho tá ali, que ficar vai cuidar. Só a hora que fracassou todo mundo aquilo ali vai apodrecer, alguém vai se sensibilizar e vai tocar a mão. Que vai ter algum documento escrito lá na Prefeitura, não-se-aonde, “Ó, Associação”, porque alguém vai ter que avisar. Porque a minha irmã, a família da minha irmã vai vir retomar. Que é da Associação, eles podem vir que nunca vai poder vender.
		3’12’’	Eu não sei se é isso. O que eu tenho que ter é experiência, porque o Mauro falou *mais um detalhe* que eu já gostei. Eu queria dizer assim, “pô, como é que eu vou deixar escrito pro Mauro, pro Ari, os caras vão lá, eu morro, eles vão lá e vendem, acaba a Associação, enterra tudo, não! É *tão amarrado* que o cara da Associação, “pô, o Valdir morreu”, “pô, nós não podemos vender nada”. Vão continuar como tão, o museu agora reforça, o Valdir vai ganhar mais destaque, ou coisa-e-tal, aquela salinha, e vão continuar a fazer as artes que tinha. Os filhos dos filhos dos caras.
		3’39’’	[silêncio] Isso *seu eu quiser* , senão eu acho que devo deixar morrer tudo, porque qual é a pretensão que eu tenho de criar, e que aí eu morri, tem um museu, tem uma sala, eu preservei o que era meu, se eu já joguei *tanta* fantasia fora, já joguei *tantas* coisas fora, por não ter um galpão, por faltar... falta de comunicação.
		3’53’’	[Política] Porque o Edson Andrino já tinha me dado lá de Brasília, já tava com um

			galpão grande ali embaixo, já tava com um museu grande. Esse que queria pagar o meu livro em São Paulo, que pegou o... o cara da televisão[3] e brigou com ele, “pô cara, cadê o projeto do Valdir?” “Ô Valdir, ele me cobrou”, “Claro, ô seu... tanso[4]”, da RBS[5] ali, que queria escrever meu livro... Então, quer dizer, não era hora das coisas, eu tô atropelando, não era a hora, que bom que todo mundo tá de olho, que viu essa coisa, mas...
		4’20’’	[Retorna a ideia do Museu] Mas quando eu olho o meu material, com as pecinhas que eu tenho, se eu montar um museu, as crianças...
4’24’’	Vai ficar legal.		As flores de plástico, uma sala só de reciclagem, *ah*, nossa, eu tô cuidando daquilo, tá mantendo as coisas. *Tem que deixar uma moeda!* Eu tô mantendo, eu tô vivendo só daquilo, tô aposentado e... tô cuidando daquilo. Uma *fonte* lá na frente, “jogue sua moeda e faça seu pedido”, garanto pra ti. A pessoa vai jogar uma moeda naquela fonte, você todo dia limpa aquela fonte, chegou turista, fizeram um pedido, tá lá só escrito. [incompreensível] uma moeda e contribua com o mané. Faça o seu pedido e você vai aumentar...
4’48’’	Mas no Museu do Dali eu não comprei um monte de coisas, lá?		... aumente sua fé!
		4’51’’	Falar só em besteirol, quantas coisas tem pra vender, camisa...
	Ah, comprei... comprei botton, comprei... cartaz, comprei cartão, lembrancinha, chaveiro...	5’00’’	Deixar tu escrever agora...

[3] Quem seria esse “cara” da televisão? Moacir Pereira? Uma vez ele comentou que esse último tinha interesse em fazer um livro sobre VA.
[4] Gíria típica de Florianópolis que significa “bobo”, “tolo”.
[5] Rede Brasil Sul de Comunicação, era responsável pela transmissão da Rede Globo em Santa Catarina, assim como o Diário Catarinense, entre outros veículos. A emissora foi vendida, hoje chama-se NSC. A RBS continua no Rio Grande do Sul, de onde se originou a empresa.

5’04’’	[Pergunto sobre a entrevista.] Então, podemos começar?		Ah, tu quer fazer, ah, é mesmo?
	Ah, eu vou fazer uma coisa assim...		Ah, tá, não sabia, podemos sim[6].
5’10’’	Eu quero falar só... perguntar umas coisas mais sobre *pandorga* mesmo, já que nós estamos nesse tema. E... [silêncio]		Hum!
		5’19’’	Tá gravando é? Não?
	Eu já gravei, liguei, liguei o gravador já. Se tu quiser eu apago.		Ah? Não.
5’24’’	É que eu achei importante, isso que tavas falando da Associação		Mas eu falei tão rápido... É mesmo? Ó-lhó...
5’29’’	Por isso que eu já liguei...		[Valdir começa a serrar uma quilha de uma prancha de surfe .Ruído.]
		5’35’’	Tirar essa quilha...
	Tira, tira...		[Ruído.]
		5’45’’	Meu Deus do céu...

[6] Havíamos combinado por telefone essa entrevista, mas acho que ele havia esquecido do combinado.

		5’48’’	[Ruído.]
5’52’’	Esse negócio aí esquenta, né?	5’55’’	Não sabia, esquenta? [Com a fala um pouco ofegante.] Esquenta mesmo!
		5’58’’	[Ruído.]
6’12’’	Tem que cuidar pra não sair umas escamas desse negócio [referindo-me à fibra de vidro].		Isso é meio perigoso.
		6’20’’	Ficou melhor já [acaba de retirar a quilha]. Aqui tá cortante
6’22’’	Isso é perigosíssimo.	6’23’’	Ah é, isso aqui será que é só com o fogo, é?
6’25’’	Não sei, é fibra, né?	6’26’’	[Recomeça o ruído.]
		6’28’’	[Fala enquanto trabalha:] Ah, lixa, lixa! [Continua o ruído.]
		6’35’’	Agora eu vou lixar, olha como ficou bonitinha, do *Gerri*[7], ó!
6’38’’	Era do Gerri?		E aqui ainda tá escrito Luiz, não-sei-o-que-lá, e aqui eu não sei ler.
	[Ficamos alguns instantes tentando decifrar o que estava escrito.]		
6’53’’	[Começa de fato a entrevista.] Tu... Vou fazer a seguinte pergunta:		[Ruído.]

[7] Gerri Adriano da Costa, percussionista da banda Dazaranha e que acompanhou Valdir nas primeiras apresentações musicais.

6’59’’	[Festival de Pandorga:] [silêncio] Tu lembra do primeiro festival de pandorga?		[silêncio]
		7’02’	Ai... [silêncio]
7’05’’	Primeiro festival de pandorga, tu lembra como é que foi...	7’08’’	Primeiro festival de pandorga foi na Beira-Mar... foi na Beira-Mar, né, feito pela galeria do Beto Stodieck
7’16’’	Ah, foi?		É, sim, o primeiro foi. Aí o primeiro foram convidados assim, artistas bem... nobres, [Pedro Paulo] Vecchietti, Vera Sabino, vários artistas plásticos participando, cada pandorga criativa que eu nunca tinha visto na vida. Por exemplo, donos de lojas de barracas faziam barracas pra soltar, lindo, uma barraca assim, como se fosse normal. De um tamanho médio né, mas assim, soltando aquela barraca. A Vera Sabino fez uma pandorga que era uma arte linda, linda, linda.
			[Premiações] O Vecchietti, aí quem ganhou o prêmio foi o Vecchietti, parece, em primeiro lugar... Eu já ganhei naquele ano... naquele ano, deixa eu ver o meu prêmio... [silêncio] eu não me lembro se eu já saí ganhando o primeiro lugar.
7’57’’	Ali no papel[8] dizia...		Eu te juro que eu não me lembro, eu acho que já saí ganhando o primeiro lugar!
8’02’’	Diz aqui ó, 73-74, 83-84, prêmio “A mais bela pandorga”		A mais bela, sim, sim, sim, não não, tinha a Vera Sabino, não, não, eu já arrebentei, já arrebentei.
8’13’’	Foi em 73?		É, eu me lembro que foi uma paixão tão grande, Py, fazer aquela pandorga, na galeria do Beto, na Beira-Mar. Aquela pandorga que eu tava fazendo era uma coisa que, não dá pra explicar. Com o futuro assim já na mão, assim, papel laminado, celofane,

[8] Ao ‘papel’ estou me referindo ao verbete sobre ele no Indicador Catarinense das Artes Plásticas, de Nancy Threzinha Bortolin.

			pintando o papel, que eu pintava *tudo* que eu via, pintava bambu, pintava tudo, que eu tava numa galeria, cheia de coisa colorida, a Vera Sabino, quando eu vi a Vera Sabino eu me apaixonei pela arte.
		8’37’’	[Vera Sabino] Pra mim a Vera e o Rodrigo de Haro... mas eu fixei, assim, quando eu vi a primeira exposição fantástica foi a da Vera. Que era tudo paraíso, Adão e Eva, aquelas *flores*... o que a Vera pintava, que ela levava 15, 20 dias cada quadro. Se não era um mês. Aí depois a Vera ficou... se tornou uma artista que vende muito e vendeu... começou a pintar quadros mais comerciais, né? Modo de dizer, assim, mais práticos, vasos de flores... folclore, pegou uma linha mais... Mas o começo da Vera, aquela paixão.
		9’09’’	[Choque cultural] Então ali pra mim foi um, eu peguei um choque cultural muito grande quando cheguei em Floripa. Assim, de obras de arte com perfeição que... o que eu vi lá fora no mundo, Dali, aquele... MIMA? Lá de Nova Yorque. MOMA?
9’25’’	MoMA.		É MoMA[9], que eu vi um quadro do Dali de perto... não perdia nada, nada, nada, os nossos artistas. Algo internacional. São internacionais.
		9’38’’	[Paixão pela pandorga] Então a *pandorga*, o festival, quando eu vi aquela arte na pandorga eu me apaixonei. Foi meu primeiro brinquedo. Ali eu já entrei ganhando primeiro lugar e virei hors concours[10], e nunca mais parei de ganhar o primeiro lugar. E tirei artista pra fora, teve artista que já sabia que o primeiro lugar nunca mais ia ganhar então. Aí os artistas caíram fora, aí Vera Sabino nunca mais veio, não que foi por causa de mim.
		9’56’’	[Participação dos artistas plásticos no festival da pandorga] É porque... Sei lá, ela veio o primeiro ano pra ajudar o Beto, pra dar astral no festival, pra dar aquela *partida*... e que era uma grande coisa que estava acontecendo em Floripa... então ficaram uns dois ou três anos, o Vecchietti continuou ainda por uns quatro, cinco anos, ainda

[9] *The Museum of Modern Art*.
[10] Expressão: definir.

			desfilando com pandorga, pedia ajuda pra mim. “Ó, quem vai botar a estrutura é tu, não *importa* quanto tu vais cobrar”. E eu botei o estandarte do Vecchietti no ar... o Vecchietti era apaixonado por mim, não podia ver eu dançar, ele... talvez ele bebia, então ele queria me imitar. Dona Marli passava trabalho. Então o Vecchietti era doido, doido, gostava muito do office-boy da galeria Studio A/2, via eu assim... eu era office-boy da galeria.
		10’37’’	[Retoma o tema da paixão pela pandorga] E aí comecei a fazer esse festival e foi *tudo* na minha vida, a pandorga é... uma *magia* na minha vida. Pra mim foi *coisa do além*, não é um rótulo que eu tenho... assim, simples, é uma coisa muito... consagrada de *paralisar* a pessoa. Pessoas! Eu vi até gente do Mocotó chegando a ficar *parado na minha pandorga*, e perguntar se veio da Índia... eu até não gostava, que eu achava assim, “como é que o cara... pô, eu pensei que eu era um artista que eu fazia uma coisa...” então eu já tinha uma coisa *indiana*, já *tinha* uma coisa... assim, eu já vim com uma *visão colorida*, a *mandala*, já era uma coisa indiana, sim. Eu já cheguei a fazer pandorgas assim, é *muita* viagem.
11’21’’	Tu... poderia dizer, assim, quais são as pandorgas que são as mais... representativas pra ti?	11’30’’	É porque essas pandorgas, a primeira, que eu ganhei o prêmio, isso aí o meu patrão fazia eu dar de presente para alguma pessoa, as pessoas levavam essas pandorgas, né?
		11’37’’	[Autobiografia, horizontes de expectativa e misticismo] Mas quando eu cheguei, que eu fiz o meu autorretrato[11], que eu fiz um artista cantando num microfone, eu não tinha a banda ainda. Mas eu tava prevendo o futuro, onde é que eu queria chegar, que eu queria cantar, que eu podia cantar... cantar não foi uma coisa assim, que eu fui pela *moda*, ou porque o meu *tio* cantava, o meu *pai* cantava. Ou porque então eu não tinha voz pra cantar ou tem que ter vozerão, eu sempre... eu sempre me via cantando um dia. Quando eu tinha nove anos [1965] que eu vi o Roberto Carlos cantar no rádio, uma coisa, um *espírito* assim pra mim ó: “um dia tu vai cantar no

[11] Ver a reportagem onde aparece essa pandorga, provavelmente de 1983.

			rádio”. [Silêncio.] Embora... não andei nas rádios do Brasil, não andei não-se-o-quê, mas a minha música andou no rádio. Só o Macarrão[12] que divulgou... *tudo* na... região sul. No Rio Grande do Sul a minha rádio tocou, que gerou até... como é que se chama, gerou... como é que chama, direitos autorais? Que eu não pude receber, porque faltam os registros corretos e... então eu tinha um bom dinheiro pra receber. Então tocou na rádio sim, a minha letra, a minha música. Então às vezes eu não me acho assim um compositor porque fiz poucas letras, ou isso-e-aquilo. Mas assim, *é* um compositor. Vem já da família, nato, sem pretensão, de ser só um escritor, ser só um pintor.
		12’49’’	[Multiartista] Então o dia que eu mais gostei que alguém falou de mim foi quando assim, “o Valdir é um showman”. Aí eu fui saber o que que eu era. Que se eu unir *todas* as coisas eu sou um showman.
12’57’’	Ah, o multiartista, né?		... que eu faço pandorga bem feita, eu gosto de dançar, gosto de cantar, eu tenho que mostrar o meu lado multiartista. Por isso que esse convite que teve agora pro CIC[13], é lá que tem que se mostrar o multi Valdir Agostinho. E não uma banda querer cantar para me fazer botar à frente de cantor. Não vamos perder o fio da meada e vamos falar de pandorga.
13’14’’	Não, fica tranquilo. Porque, assim, quer dizer... eu... tinha essa curiosidade. Porque a gente não encontra no teu acervo, eu tenho umas notícias que		

[12] Da banda Nós na aldeia, que gravou a música Martim Balaieiro. Mais um motivo para dar destaque a essa canção pois, além do sotaque como marca de identidade, foi gravada por uma banda que tem uma certa projeção local e ainda está na ativa. Link para o vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=Xxe5JDn3M2s.

[13] Centro Integrado de Cultura, que abriga o Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), o Auditório Ademir Rosa, o Museu da Imagem e do Som, além de órgãos administrativos como a Fundação Catarinense de Cultura.

	falam de participação em festival, e tal...		
13’32’’	O que conta, nesse verbete aí do... MASC, né, coloca que você também tirou primeiro lugar em Salvador, Bahia, né?	13’45’’	Sim, sim, eu chegar lá na Bahia e ganhar festival nacional, né? Se for falar da minha pandorga e desses prêmios...
13’51’’	Essas pandorgas, que fim levaram? Elas foram doadas, foram vendidas?		... vai longe! E a pandorga, o que eu fiquei, o que eu gostei...
		13’56’’	Não, minhas pandorgas elas estão *guardadas*. *Poucas* foram vendidas. Algumas já não estão mais comigo. Algumas grandes, algumas médias.
		14’04’’	[Quadros com mini-pandorgas] E aí, através dessas pandorgas eu criei muito quadro pequenininho. E saí viajando. Então eu fiz *muita* quantidade de quadro pequeno que são painéis com a pandorga dentro do painel representando o céu. E essas eu já não tenho. Guardei uma ou outra, guardei as mais *lindas* pra mim, mas no fim foi acabando que eu vendi esse trabalho. Que *tem* que voltar a fazer. Que o meu trabalho de pandorga é *único*, é único, é único *no mundo*. O painel de pandorga com o céu pintado atrás, e botado a pandorga ali colada.
		14’35’’	[O incentivo de um artista profissional] E o *Hassis*[14] quando falou que eu ia ganhar um prêmio, “não, que tu vai ser um cara premiado na capa do catálogo [telefônico] com uma pandorga”. E ali dizia, quando mandaram o convite para minha casa, pros artistas, que tinha que ser um artista que era muito interagido na cidade. Que tinha que ter *painéis*, que tinha que ter representatividade, aí eu peguei não quis ir no primeiro coquetel, na Telesc[15], eu disse, “eu não vou, porque isso não é pra mim”. Aí

[14] Artista plástico. Cf. Bortonli, “Indicador catarinense das artes plásticas”.
[15] Empresa de Telecomunicações do estado de Santa Catarina. Antiga empresa estatal que foi privatizada no final da década de 1990.

			no segundo também eu queria negar, o *Hassis* me incentivou! Ele disse que eu *era* o cara!
		15’02’’	[Pandorga Ecologia no Ar] Aí eu fui ganhei o *primeiro* lugar da capa do catálogo, com uma pandorga chamada “Ecologia no ar”. Ali foi uma paixão, mais uma obra mágica, eu paralisei, eu não queria saber de dinheiro... eu fechei a minha loja pra madame... Madame vinha buscar o quadro, batia na porta, eu tava dentro da loja[16] mas *não* abria. Sabe aquele cara que *mergulhou* dentro de uma obra? Que quando eu acabei um espírito assim pra mim, ó, “pra quê que tu vai levar a tua obra se tu já ganhou?” Aí eu não entendi. Porque, como é que eu vou ganhar se eu não levar a obra pra concorrer?
		15’33’’	[A arte como missão e como extensão do sujeito como horizonte de expectativa] Então aquilo ali foi de uma magia... a minha arte ela é real, Py. A minha arte ela não é inventada, eu era *tudo* o que eu fiz, eu vim na Terra e era pra fazer o que eu fiz. Por isso que antes eu falei pra ti do Museu, eu acho que eu sou *digno* de um museu. De ter uma casa onde deixo as minhas pandorgas, alguém cuidar, eu acho que é necessário pro futuro. Não é assim “ah mas a minha família”, acabou, ou meus amigos não ligaram. Mas no futuro vai fazer uma diferença bem grande, vai dizer, “poxa, existiu uma figura *esculpindo* papel”.
		16’03’’	[Dona Rosalina: relações com a cultura popular] Que foi a primeira paixão, que eu vi uma senhorinha, quando aqui, a gente, pobre, nessa comunidade, uma senhora *esculpia* o papel. Ela fazia os galos, as galinhas, o cachorrinho... aí eu fui descobrir *muitos* anos depois que a minha paixão de cortar papel, e furar papel, e pintar papel veio dali. Então a dona *Rosalina* tem uma culpa bem grande quando eu fui falar isso na entrevista. Então é... eu acho muito, assim, falando agora pra ti me emociona porque a pandorga mexeu muito comigo.
		16’31	[Oficinas de pandorga] Sem contar... *quantas* vezes eu sentei no chão com grande turma de crianças.

[16] A loja de molduraria, “Garapuvu Molduras”.

16’36’’	Pois é, isso também é outra coisa...		...então, isso daí é outra parte. Das crianças virem todas falarem comigo, de eu me sentir uma criança até hoje, isso me renovou...
16’44’’	Quando você começou a dar essas oficinas?		... quando uma pessoa me chama de senhor, eu nem entendo porquê!
		16’48’’	Eu tenho esse lado moleque da pandorga e isso vai ficar comigo eterno. Então a pandorga vai ser jovem o resto da vida! Então é uma coisa juvenil soltar pandorga
16’58’’	Quando é que tu começou a dar essas aulas, tu lembra mais ou menos?	17’00’’	[Trajetória multiartista] Ah... isso aí, depois que eu ganhei esses prêmios, virei hors concours, isso aí eu não tinha nada disso. Isso aí foi com o tempo, depois, comecei a ir pro *carnaval*, comecei a ganhar *prêmio*, comecei a dar outro *show*. Depois veio a *música*, então comecei então a entrar pra *música*. Dei um show de moldura também, de madame, na cidade, que eu fazia moldura pra quadro.
		17’19’’	[A pandorga enquanto alter-ego] Mas voltando pra pandorga, o rótulo maior meu foi pandorga. Por quê? Porque as pessoas ficavam *enlouquecidas*, com a minha pandorga. Porque o primeiro desfile foi com pandorga também, então a pandorga ela vai pro palco, eu sou uma pandorga... tinha gente que dizia assim, a minha *vida* é uma pandorga, que eu dizia assim na entrevista. Tanta gente que *ri* na Barra hoje, diz “ô Valdir, como eu gostava de ver tu dar entrevista, que tu dizia na televisão que ‘a minha vida é uma pandorga’”. [Risos.]
17’43’’	Ah, mas é. Tu vê aqui, só nos anos 70, olha só, 72, a coletiva na galeria de arte no Palácio do Governo, Barriga Verde. 72 isso, quantos anos tu tinhas? 16?	17’57’’	Ah, olha aí. Ah, eu comecei já pequeno ali na galeria do Beto, é.
18’00’’	Aí depois 73-74, 83-84, prêmio da pandorga.		

18’06’’	Essas pandorgas tu deve ter guardado		Tenho.
	Tu fez alguma catalogação		Não, não, não...
18’10’’	Tu precisava fazer, né?		Eu precisava.
18’12’’	Até pra montar esse museu.		Claro! Até porque se roubam uma pandorga tá lá catalogado, “ó, faltou uma”.
	O nome da obra, o ano...		[Pandorgas perdidas e a desvalorização do artista, incluindo parte da família] Por exemplo o CIC, não botou [fora] três pandorgas minhas? Que eu não processei, o CIC jogou três pandorgas, roubaram e venderam pra colecionador. Que eu tive uma informação que um cara... tem gente dentro da... da Eletrosul, aí tem aquela outra empresa grande lá, perto do... do Angeloni[17] lá, como é que é o nome? Eletrosul... é ligada à? Aquela empresa internacional, a outra?
18’38’’	A Tractebel?		A Tractebel! Então a Tractebel tem um grande diretor lá dentro que foi falar com um amigo meu, que foi na casa de um fulano e viu pandorgas minhas lindas! Alguém *vendeu* a minha pandorga, do CIC pra essa pessoa. Então alguém ganhou dinheiro com a minha pandorga.
		18’55’’	E a Dete Piazza[18] saiu comigo no CIC, “ó, tu vê, não tá, olha lá naquele canto, ó”. Fiquei *doido* com essa Dete Piazza. Porque uma pessoa que se sensibiliza pela outra [incompreensível] não fala besteira e não fala assim, “ai, isso aí é assim mesmo” [fala arremedando a pessoa citada], a pessoa não deve se mostrar que é fria! E a Dete Piazza, o papel que ela fez comigo eu devia ter processado. Processado o CIC. Todo mundo falou que eu ia ganhar, a Flávia ainda disse pra mim que eu ainda posso ganhar, que é até 5 anos, agora caduca, eu vou reclamar pro CIC? Vou reclamar, que na época tal, era outro governo, era na *época*, chegar na delegacia, “eu quero um

[17] Rede de supermercados da região.
[18] Educadora, segundo matéria de Cacau Menezes em 2008 (cf. documento no Acervo do pesquisador).

			B.O.”. Três pandorgas minhas do CIC, me roubaram. “Roubaram? Não, não, sumiu”. “Não, roubaram!” Quero a minha pandorga, tava no CIC, eu botei ela em três dias. E o maestro Nilo, aquele desgraçado...
19’35’’	Ah, o Nilo[19].		Modo de dizer, que Deus abençoe ele, com aquele cabelo, parece o capeta!
	[Risos]		Sim, sim, sim, me *pediu* pra botar as três pandorgas. Quando sumiu as pandorgas ele... ele olhava pra minha cara e ria da minha cara, como se fosse... já deu carona pra mim tudo, é um carrasco! O dia que o Ledoux malhou ele, [Valdir, representando um diálogo:] “pois é, tu acha, to tocando com um cara que é assim... [Valdir, representando Ledoux:] “Meu Deus do céu, esse cara!” Aí um dia tem um cara lá na Fundação [Catarinense de Cultura] falou assim pra mim, ó, “esse cara não vale nada, ele ganhou um projeto de um milhão embolsou o dinheiro todinho”. Embolsou tudinho, comprou casa pra ele, fez tudo, tudo. Os caras são queimados, lá na Fundação nem gostam mais dele. [Valdir, representando Nilo:] “Porque quero fazer um negócio contigo, uma música um dia contigo”, coisa e tal. Como é que não deu jeito na minha pandorga? [Valdir representando Nilo:] “Pô Valdir, as tuas pandorgas, né Valdir, vamos dar um jeito”, cadê a sensibilidade? O que vale uma pandorga minha? O que é que adianta?
20’18’’	É. Eu queria que tu desse uma espiadinha...	20’21’’	O que que vale uma pandorga Py? Eu que não cuide, não faça um muesu. Sabe o que que eles vão fazer? Botar é *fogo*!
20’26’’	Ah! Claro...	26’28’’	*Claro*! Que que um irmão meu vai querer com uma pandorga, óióióió! [interjeição típica da Ilha]. Onde é que tem lucro aqui pra nós, cadê o dinheiro? São uns ignorantes. Que que eles querem com uma arte minha? Eles vão pegar aquela pandorga, “nossa, ah vou querer ela pra mim”. Ah, bota fora em dois meses, que são uns idiotas. Modo de dizer, são irmão meu, são coisa-e-tal, valorizar uma pandorga minha? Tem mais é que comprar paisagem, como compraram, uma figura que pinta paisagem, chega o apartamento...

[19] Maestro.

20’53’’	Quero te mostrar,,, três fotos...	20’’56’’	Mas eu respeito eles, isso aí não é o caso, se eu der uma pandorga eles até vão aceitar, ...
20’58’’	Claro, claro.		...mas não dou. Não dou porque eu acho que um irmão meu pode chegar pra mim, “hoje eu quero comprar uma pandorga”, entendesse?
21’04’’	Entendi.		Até um preço legal, pode chegar pra mim e encomendar. Então não é pra mim dar.
21’09’’	Quando é que surgiu essa ideia de você [incompreensível...	21’11’’	Agora já *dei*, a Maria tem pandorguinha minha. A Maria tem coisa minha. E tinha quadro aqui na casa dela que ela se mudou, jogou no banheiro e jogou tudo no lixo, meus quadros, todos.
21’18’’	Ah...	21’19’’	Sim, meus quadros, os *primeiros* quadros meus, que tá na minha irmã, ela se mudou, “*ah, não*”, os quadros ficaram todos para trás. São pessoas que... quanta gente jogando obra de arte fora, se tu acha um Martinho de Haro no lixo, se tu acha, que tem alguém ganhando um milhão com obra que tá indo pro lixo? Então o que que não jogam fora?
21’36’’	Pois é.	21’28’’	Eu mesmo já achei cada obra assim, vidraçaria, “nossa, esse quadro aqui, o cara é artista da *Bahia*”! “Nossa, aquele quadro ali”, coisa-e-tal. então se tu dá um quadro desse aí prum ignorante, o cara pensa que aquilo ali é *nada*. Pra dar um quadro pra minha irmã, ela chega, [alguém] diz que gosta, “ah, leva pra ti! Meu irmão faz mais depois....” Não sabe dar valor, então tem que pagar o quê, dois mil, três mil, e dizer “nossa, vou passar pra Aninha. Tem que pagar! Senão eu vou morrer, ficar no museu mas eles não tem. [Incompreensível] pandorga, *não*, só se gostar. A Cátia [cf.] merece, já dei, pego uma pandorga e dou pra Cátia, a Cátia já me comprou, minha sobrinha, dá aula na Universidade, coisa-e-tal.
		22’12’’	Meu irmão queria decorar a casa, no começo... eu joguei na cara dela agora “te lembra uma vez que tu era menina, vocês torceram pro teu pai não pagar? Tinha 30 casa, cada casa ia ter uma pandorga minha. Meu irmão chegou pra mim, meu irmão é querido! Mais velho. Pô, ele viu eu com aquela fama, *tinha* dinheiro, fez uma pousada, sobrou dinheiro, “não, vou botar uma pandorga do Valdir em cada casa”. Eu ia cobrar

			quinhentos pila na época. Com moldura de bambu, fazer cada... a cunhada foi lá, ficaram com inveja que eu ia ganhar dinheiro, trinta pandorgas, aí pegaram e cortaram. Aí joguei na cara da minha sobrinha, agora. Isso faz *tempo*, mas é verdade tem que ser dita, “teu pai fez isso e vocês tavam incluídas”. Porque podias muito bem dizer que a minha pandorga era linda e hoje tinha trinta pandorgas na tua casa, restauradas, *lindas*, que eu teria me dedicado.
		22’51’’	[Patrocínios:] Que a Fiat botou dinheiro, eu fiz coisas *grandiosas, lindas,* tinha dinheiro. Então se o Valério Gomes agora bancar “o artista da empresa Valdir Agostinho”, quanta pandorga linda eu vou fazer? E por que que eu não tenho um projeto, “o Valério, me adota, Valério”, que que é adotar? Todo mês eu dou uma obra de arte pra ti. Ou então não sei qual é o pagamento, só sei que tens que me pagar! Tem um salário dessa empresa pra mim todo mês já tem que fazer uma obra. Se a obra fica na empresa, você vai presentear pra alguém, você vai... você me dá um salário *todo mês*, você tem um salário pra me dar. Então você bancou o artista. Quando tiver a Portobello ali embaixo você vai me chamar pra fazer uma fachada fazer um negócio, fazer uma coisa, “não, os artistas que vêm é lá Portugal”... diz na cara da gente! *Diz na cara de gente*. Então é doído.
		23’32’’	[Condições de trabalho na Barra da Lagoa:] *Emprego na Barra!* Tirar lixo, camareira, sabe? Só subemprego. Subemprego. Quem vai gerenciar é de Portugal, vem um cara da França, quem vai pintar é só gente de fora. [silêncio]
23’45’’	Bah... [silêncio]	23’52’’	Mexesse comigo, imagina, hors concours e coisa...
23’56’’	Ah, mas... faz parte, né? A gente...	23’59’’	É, faz parte, é.
		24’01’’	Então foi uma época muito louca, a pandorga foi tudo e eu quero voltar a *fazer*! Porque se eu tô contando pra ti que a pandorga me dá isso, quando eu tô numa mesa fazendo uma pandorga imagina a glória que eu não tô?
		24’11’’	[Arte: espiritualidade versus comércio:] Minha elevação espiritual que não vai tá?

24’14’’	Claro.		Que eu fazendo arte que eu gosto. Então essa arte que eu tenho que fazer, como é que vai fazer uma arte comercial agora, entendesse? Então, entrar num plano que você vai vender, projetar uma exposição, não fui convidado pra Porto Alegre? Não tenho chance até no Mário Quintana? Que o Janga já queria me botar. O Janga[20] morreu.
24’29’’	Ah, a Casa de Cultura?		O Janga “eu tenho certeza que eu te ponho na Casa de Cultura Mário Quintana” [reforça a fala batendo com a mão na mesa].
24’31	O Janga...		Isso aí é *fácil*! Quero saber quem é que me paga pra ir até lá, quem é que paga hotel, que paga convite, quem é que paga o coquetel? Entendesse?
24’40’’	Entendi.		Que a hora que disser assim, ó, que “o Mário Quintana vai abrir pra Valdir”, quero saber *quem* vai pagar o coquetel, *quem* vai pagar o hotel, o meu transporte e a minha alimentação! Não quero Mário Quintana, eu quero essas coisas.
24’53’’	Olha essa pandorga aqui. Tu lembra dela né?	24’57’’	[Pandorga O Roqueiro] Sim, é o Roqueiro, é o nome dela.
25’00’’	Essa ganhou algum prêmio, alguma coisa?		Sim, sim, primeiro lugar também! Chegava na premiação já foi hors concours, né?
25’06’’	Tu lembra quando é que foi essa pandorga aí...		Não, não.
		25’09’’	Só se pegar no jornal que ela tinha foto no jornal [Acredito que seja uma matéria de 1983]. E a roupa eu confeccionava pra ir né?
25’13’’	Sim.		Já tinha que pegar essa camisa, tratar, fazer colar com cola... E a calça, pintada, um boné, tinha que fazer tudo isso. Aqui tem uma menina de palhaça, eu namorava, a Cátia!

[20] Artista plástico, da geração do Studio A/2, proprietário da Casa Açoriana em Santo Antônio de Lisboa. Falecido em 2018.

25’25’’	Só falta...	25’26’’	É a Cátia, que eu namorava ela.
25’27’’	Ah...	25’28’’	Lá de Forquilhinhas.
25’29’’	A foto eu peguei do teu buque...		...queria casar comigo, olha a Cátia. Olha a Cátia, guentando a pandorga, me ajudava, se vestiu de palhaça, ó.
25’34’’	Ó...		Fazendo a parte comigo. Olha só essa mulher. Querida pra caramba, casou com um músico, e perdeu nove mil, três anos passados, que um cara foi construir pra ela, ela deu nove mil adiantado na mão do construtor.
25’44’’	Ah, que horror.		Tadinha! Como é que ela conseguiu, como é que eu vou dar nove mil na mão de uma pessoa?
25’50’’	Não, não dá. E eu vi que essa pandorga estava enfeitando nosso show lá no...		[Transporte das pandorgas] já já saiu, nossa, eu tenho dobrado ali, ah, eu gosto, eu tenho que cuidar *melhor,* não pode estar na caixa, não pode tá aqui, onde é que vai ficar.
26’04’’	Casa de Noca!		...não podem dormir na caixa.... minhas pandorgas andaram em tudo, tão dobrada, não é mais pra ficar dobrada, ela agora tem que ter cano, tem que enrolar... quem sabe até que tá aqui, achei o cano, ó. [Referindo-se a um cano de plástico.] Ó o cano que eu achei com o Ari, outro dia o Ari parou o carro e pegou pra mim. Olha esse cano, que tá aqui, botar as minhas pandorgas enroladas...
26’19’’	Nossa! Esse aí...		... ó, ó, tem que ser um cano assim, ó, pra eu enrolar minhas pandorgas, mais grosso, olha o cano! Olha o cano.
26’25’’	Esse aí é baita! Que que tem, uns... quase três metros...		... e o som?

26’31’’	Ah, é.		[Reciclagem com arte e música] Se tu visse o que que é, quando eu pedi pro Maia guardar uns canos, que botaram lá na rua dele, o Maia não guardou pra mim.
26’38’’	Ah!		...se tu visse o que que é bater com a sandália aqui... [silêncio] Tu pega esse cano aqui, acho que pinta ele todo de vermelho, lindo, ou todo colorido... tudo com tinta jogada. E vai ali na rua, e bota... dois cavaletes e deixa as crianças bater num... tu não sabes o que que é. Assim ó, de criança. E pega os [canos] pequenos também. Que tem o pequeno, aqui. Py, da minha alma... quando eu falei pro Maia que nós temos que fazer instrumentos alternativos, nós temos que fazer instrumentos de lixo, ó, claro que temos.
27’05’’	Ah, isso aí é uma ideia que...		Claro que temos!
	... volta e meia tá na...		[silêncio]
		27’11’’	Então é... [faz um ritmo em um dos canos].
27’15’’	Ahã.		Agora bate naquele grande pra tu ver. E tem várias grossuras, bom-bom-bom, várias crianças batendo! A professora vai ter que mandar parar. Ninguém vai querer mais. Tem um som... [faz novamente um ritmo em um dos canos].
27’26’’	Muito bom o som.		Agora, isso aqui não é nada perto dos tubos que tavam lá do Maia. Eles enterraram umas coisas pretas na rua, um cano era preto, aí, um mais grande...
27’26’’	Era plástico?		Não, não! Tu acha? Fibra ótica.
27’40’’	Ah, eu sei.		Caro. “Ô Maia, pega?” [representando o Maia:] “não, não, eu pego pra ti”. Tu não sabe o que era aquilo. Os cara de azul[21] perdia. Que aquele azul tá no PVC, os caras de azul que fazem sucesso.
27’54’’	Aham, é, o Uakti...		Não.

[21] Referindo-se ao *Blue Man Group*.

	Ah, não, é o Blue, Blue...	27’58’’	Não sei o que que é, são tudo azul.
27’59’’	Blue Man Group?		... tudo azul, é tudo com cano, tudo coisa, tem várias voltas...
28’03’’	Dessa pandorga aqui, tu lembra?	28’06’’	[faz um ritmo com a voz] ... que show que eles não dão? É três, quatro caras, cinco, seis, batendo sim, que é uma banda inteira...
28’10’’	Não é o da TIM:		...aquilo ali é coisa louca, rapaz. Da TIM, é? Eu vi só uma vez só o vídeo deles, aquela... aquilo não para no mundo, aquilo não para. Não para, aquilo é um Soleuil, aquilo é um Cirque de Soleuil.
28’21’	Bom, né?		Aquilo quando chega, vem com água, vem com tudo, aquilo trás, quantos caminhões que não é pra carregar o apetrecho daqueles caras? Vai vir no Brasil, aquilo é uma fortuna! Aquilo não para de tocar. Tem um cara brasileiro ali dentro já. Os pintas de azul já botaram um brasileiro. Ou até mais.
28’37’’	Tinha que fazer um projeto né?		[Reciclagem e a história do lixo] Então isso que tá aqui na reciclagem, a história do lixo, isso aqui já sai, bum bum, *baldes*, coisas, os canos que ele tem aqui, tem cada coisa aqui sonora! A *chaleira* que eu achei agora ó, boing [imitando o som da chaleira] aí tu bate, o Elói pegou, fez outro show, a chaleira que eu achei ali com a *tampa*! [silêncio] Se for estudar a música, Py, se for pegar, sair fora da... do alternativo ali é o que mais bomba, que dá um negócio, dentro de um show... dá um negócio, nós podemos experimentar, tu vai adorar!
29’08’’	Tudo bem, eu gosto!		Tu que tem *ouvido*, tu pegas um negócio, pronto. Eu que tenho que montar no bambu pra tu experimentar. Então aí tu pega, vem aqui, é um negócio de bambu *grande* aqui assim ó! Então ele vem aqui, ele faz *assim*, que tu já bate aqui, pá-pá-pá, os canos, vai um até lá adiante... [incompreensível]...
29’21’’	Ah, tá, isso seria a estrutura		... e tem o grandão, é uma estrutura! Tu monta, as crianças, quando vier aqui na rua, é como tivesse uma coisa lá fora. Então isso vai ser muito louco.

29’31’’	Isso tem que tá no Memorial...		Aí tem um *catuto*[22], aí tem a chaleira, o que que faz som? Isso aí nem precisa ser Hermeto Paschoal, pra saber o som daquela chaleira ali. Boing [imitando o som da chaleira] tu bate aqui, depende da *tua* energia que tu botar ali. Pô, eu tirei cada som na chaleira ali...
29’45’’	Chaleira de... ferro?		Tá ali em cima, que eu deixei até ela exposta. Chaleira dessa de aço que o doutor me deu e não-sei-o-quê. Dessas de cento e poucos reais, setenta, oitenta, que o Maia tem. E ela, então, cara, tira a tampa, com a tampa, eu e o Elói bateu outro dia, fez tambor... e quando ela faz aqui ó, ping [imita o som da chaleira] até pra abrir [a música Martim Balaieriro] “É só chegar na freguesia”, *ping* [imitando o som do sino que tem na música] pode até fazer, ela serve pra isso. Porque eu gosto do sininho também, *pin*, que tem ali que o Mauro criou. Que ninguém nunca se importou com isso. “Ah, eu faço aqui”, o Nicolas[23] dizia, não, mas aquilo ali é outro...
30’18’’	Tinha que impor, né?		O ferrinho muda, tem que impor!
30’20’’	Tem coisas que tem que impor, não, o som...		Detalhe, por exemplo, o cara ali quando eu falei do show, “o meu show se não tiver Adriana e o Diquinho [cf.] “Ah, seu Frahkolino é quem...” [imitando vozes de terno de reis] aquela luz que eu...é *ópera* mesmo. Eu quero como se fosse ópera. Por isso que a guria detectou que era uma ópera. Mas *não é* ópera. Mas naquele momento vai virar ópera. Vai virar.
30’39’’	Uma... citação.		Porque baixou todos os instrumentos, não tem mais. Aí é só ela, [imita as vozes de novo rapidamente] que o Maia já vez a voz, a nossa voz já tá boa. Sem *mais* a Adriana e o Diquinho, deu pra bola! Entendesse? E acho até deixar *só eles*! [imita as vozes rapidamente] Depois é que entra nós, juntos [imita as vozes rapidamente], repetindo. Aí vai ficar a banda com a voz dele e ele de novo.

[22] O mesmo que cabaça ou porongo (cf. etimologia).
[23] Nicolas Malhome, nascido na França e que viveu no Brasil desde a década de 1980. Foi percussionista e baterista da Bernúncia Elétrica até seu falecimento em 07/072018.

31’02’’	Quer dizer que o show já tá quase...		...e aí depois vem o violino! [imita o som do violino], uma luz já em cima do violino. [Cantarola imitando a melodia do violino.]
		31’16’’	Tum, tum, a bateria começa. [canta palavras soltas do refrão] Aí olha só que louco, a passagem dessa música! Isso aí é um *arranjo*, rapaz!
31’23’’	Tô vendo...		...eu sempre sonhei *quando eu fiz essa música* [batendo palmas marcando a fala] eu sonhei com viola, a *rebeca* Uma coisa bem... um negão lá do Rio Tavares, foi encomendado, até mesmo um carro, vem buscar ele, o Murilo vai pagar... *cachê!* O cara saiu dali, cachezinho, tá ali, um cenzinho no bolso... Pô, carregadinho, comeu um negócio... O mínimo cem pila, cento e cinquenta. Cada um, tem que... E aí, coisa-e-tal. Só que isso tem que fazer um estudo *antes*, como é que o cara vai abranger todo mundo, como é que vai levar, que o show, desse Valdir, coisa-e-tal, o Stonkas, e se vai dar confusão, por que que o Valdir tá com o Stonkas, é a mesma banda? Isso tem que ser muito elaborado com muito tempo.
31’54’’	Sim!		É um sonho, se não der pro ano que vem, não faz mal Então é uma coisa que tem que ser assim, uma boa roupa, de PET, aqui, eu tenho que fazer pra chegar no CIC me sentir bem, o cara... do planeta! Não é essas roupas velhas que eu tenho. Agora o figurino da banda é outro, coisa-e-tal, então o Valdir Agostinho aqui, a backing vocal vai, *pelo amor de Deus*! Aquela backing vocal eu quero rápido! Só que ela não vai mais, “ah, eu fico aqui, eu vou boto isso”, *não*! Essa roupa tua não, quero tu assim, pode amarrar o cabelo. Vai receber, ela vai ganhar, porque vai receber ordens, “ó,ela fica *lá* atrás”. Só vem *só na hora de cantar*, assim ó: [trecho da letra de Reggae da Tainha], ela já entra ali na loucura. As pessoas [sussurrando] “nossa, que backing vocal”... [retoma voz normal] ela some de novo fica só Valdir Agostinho de novo, não tem ela ali. Agora, [cantando] “ô menina que mexe-mexe” deixa ela comigo *ali*, que ela vai dançar comigo, e tal, agora, some! Tchau, querida, sai do palco. Não te pertence mais.
32’43’’	Tem que ter um mapa, né?		Não, tá ela ali, eu tô cantando, ela tá ali pra nada, de jeito... some logo! Ah não, mas ela é linda e gostosa, não, o show é do Valdir. Então tem que cuidar todos os

			detalhes! Esse show eu gostaria de ajudar a dirigir, Py. Que se eu não cresci e não sei o que que eu quero, então não dá certo, se eu não sei o que que eu quero... alguém vem dizer “vais cantar só Rio que corre, pega ali... então é... eu tenho que saber o que que eu quero. Pra depois tu vir dizer “não Valdir, ali, por que que não tá bem?” Por exemplo, o Rock Boi, se não entrar eu *não me apresento no CIC* (pausadamente). O Márlio [autor do Rock Boi] tem que receber uma ficha, tem que receber um contato, agradecer... o que que ele pode fazer por nós, que o Valdir vai cantar... o Rock Boi que já era pra tá na rua, na internet... Valdir Agostinho cantando aquilo, entendesse? “A TV engana direitinho”, quer ver, daqui a pouco não pode mais, Bolsonaro, é aquilo, se vier a ditadura não vamos poder. Nós já era pra tá na rua *logo*! O Brasil quebrou o pau e tudo aí e nós, “não, não é agora”... falei com o Luís Paschoale “não, isso era há vinte anos atrás”. Não quero saber dos anos [incompreensível] ditadura, eu quero saber o que que eu *tenho*! Porque onde eu cantei, lá na beira do rio, o cara disse “ah! as minhas crianças dançando!” Téin den den den déin [imita com a voz um trecho de uma música] não tem pra ninguém, *não tem pra ninguém* [pausadamente e numa intensidade mais baixa], é pra sacudir. Não tem na Globo, não tem noo “É de casa”, leva pro “É de casa” e manda isso aí: “ó, Valdir Agostinho, quero mostrar pandorga, manda agora pro “É de casa”. Se o cara não manda me chamar... “É de casa”, então nós estamos lá cantando a música do Rock Boi e não sei o que, e vamos falar da cultura e vamos falar não sei o que, e manda currículo do Valdir Agostinho, quero fazer pandorga e quero fazer mais não sei o que lá. Eu não quero é me incomodar! Então não vai ter cachê, vamos pro Rio, nós vamos dizer, “ah, pois é, eu não quero ir!”, nós já temos até medo.
34’15’’	Ah, se for de graça tudo vale.		Sim.
	De graça, né, de graça...	34’20’’	Agora, se eles pagarem passagem e der não sei o que, hoje eu não faria fogo não! Eu diria “meu Deus, como eu tenho a ver com esse “É de casa”, se eu faço a minha flor de lixo, mostro pro cara, se ele não vai mandar me chamar...

34’28’’	E, essa...		...minha flor de lixo, meus peixes, mostra pro “É de casa”, pra essa gente, isso vão a loucura! Então um cara de Florianópolis, eu quero comer *lama* se não me botar. Porque eu não tenho um diretor! E eu também não tô a fim de ir, eu quero limpar o meu terreno, quero capinar, não tô a fim, de ir lá. Mas a minha flor de plástico, a minha pandorga! Nem sei dizer, que eu chego lá, que que eu vou dizer, “nossa cara, [incompreensível]”, mostro a prancha, conto a minha história, “não não não, só com a prancha, só, quero tu com aquilo...”
34’52’’	Mas tem que ter um agente né?		Tem que ter um agente! Essa menina que chegou lá em baixo é um sonho! Não sei se é real, mas essa guria pode chegar pra me ajudar. Que ela chegou, não sabe se vai ficar seis meses, se vai morar com o cara lá numa fazenda da Bahia, onde é uma comunidade, que vive tudo bem, ela não tá querendo, coisa e tal. E eles são *maravilhosos*, e querem fazer tudo por mim, quando eu falei que queria a galeria eles já querem encaminhar até pra galeria. Por quê? Por que que eu não tinha minha galeria ali? Porque estamos em crise? *Tamos*, mas pera aí, vai ter a moldura, tira a preguiça fora, porque cruzar os braços? Esperar que venda um quadro, eu não quero vender quadro. O quadro é uma pessoa que veio fazer uma moldura, “puxa cara, quanto é que é aquilo ali? Ah, tá baratinho”, o cara levou um quadro, pagou mil por um quadro, ou quinhentos, ou cem? Porque veio fazer uma moldura, porque a moldura é necessário. Não é tão supérfluo, porque ele quer botar, quer uma decoração. Ou veio... sei lá, fazer uma outra coisa e... às vezes quer me ajudar, comprou um cedezinho [de CD], comprou uma coisa no bazar... comprou uma pipinha pro filho dele. Eu digo, eu não pago aluguel! Então se der quinhentos contos por mês eu ganhei dinheiro, se der...
35’44’’	Essa aqui tu lembra? “Flor de Renda”, diz aqui.		Ah, essa é linda, linda. Talvez eu não tenha mais. Tu vê, eu soltei aqui em baixo no Caranha [silêncio]. Orra...
36’04’’	E essa aqui...		Ah, essa é a capa do catálogo. O nome é Ecologia no ar. Isso aí é uma paixão. Isso é uma paixão, é uma coisa mais mágica, olha o mundo ali dentro, o planeta, Brasil, ó, ó o planeta. O mundo, ali dentro, olha. Ecologia. O Sol, em volta da Terra, e muito mais coisas em volta da Terra, as plantas e termina com ecologia. A Terra toda encapada

			com ecologia. Folha feita por folha, e tirado e colocado ali? Tudo esculpido, o papel? [incompreensível] que a pessoa vai ver, nunca vai imaginar. O que que o artista passou e que obra inédita que é. Tá na sala do presidente da Listel. Isso eu tenho que botar no meu museu, já fazer isso aqui e mandar pegar num xerox e mandar fazer grande, já.
36’44’’	Que fim levou, a Listel acabou, né? Acabou, não tem mais lista telefônica...	36’48’’	Não sei.
36’50’’	E agora?		Não tem mais Listel em Brasília, então?
36’53’’	Não sei!		O que que fizeram com o meu quadro? Será que o dono levou pra casa, o diretor?
36’57’’	Era de se saber, porque...		Uma pandorga premiada, que eu não tenho, fui obrigado a entregar. Ganhei um prêmio...
37’02’’	Acho que lista telefônica impressa não existe mais. Até algo de se pesquisar.	37’08’’	Fiz outra parecida, né?
37’10’’	A é?		[tosse] Fiz uma pro Fernando, parecida, toda esculpida
37’15’’	Fernando, que Fernando?		Dono da boate Dizzy [tosse]
37’18’’	Ah!		Na avenida [Beira-mar], quando tinha [tosse]
37’20’’	Se engasgou com a água...	37’25’’	E ele dizia, quando tava mal, olhava pra pandorga, ficava bem. Eu não quis acreditar Primeira vez que eu vi um cliente dizer “Valdir, quando eu tô mal, eu olho pra tua pandorga e fico bem na hora!” [voz rouca da tosse] Comprou duas pandorgas minhas... Já tinha ido pra Belém do Pará. Aí trouxe o... aquela madeira de lá, do coqueiro, miriti? Joguei os miriti com uns peixe grande que eu fiz pra ele, lindo o peixe. E fiz uma pandorga assim. Que é uma mandala. E ele, então, eu fiquei

			contente, tive que ir *várias* vezes na Dizzy pra receber, porque essa gente *rica* é assim, né? Se faz em *vezes*, “ó, hoje não tá”, “ó, o fulano hoje bateu com o carro”... Será que artista passa por alguma? Então é... mundo cão, né?
38’10’’	Mundo cão...		Mas tem que cuidar! Cuidar da.... porque tu passa por isso, esse cara aí eu vendi, pô, eu sei onde é que é a boate dele, o Luís [Paschoale] é o arquiteto dele, tudo, ele tem amigos, então eu sei tudo, *pagou*. Mas, *porra*! O cara às vezes pena assim, ninguém gosta de receber, o cara não tá, essa gente rica às vezes é... então você hoje em dia tem que ser por boleto, banco, alguma coisa que faça uma fiadora, que o *artista* não pra correr atrás! Fazendo ponte, pra ver se o cara vai te pagar.
38’37’’	Ah, tem que pagar... em dinheiro, à vista, e pronto né, onde é que já se viu? [silêncio; som de cigarras ao fundo] Tá bom.		[silêncio] Mas tá bom, então, se eu for ver assim, as pandorgas, já vendi, já foram para países, coisa e tal, às vezes eu penso assim, “pô, eu não vendi nada, eu não fiz nada, eu tô parado, atualmente. Tenho convite, me convidaram pra expor, se eu quiser, no shopping Beira-Mar, convidaram pra mim pegar o espaço da Assembleia [Legislativa do Estado de Santa Catarina], eu tenho vários espaços. Só que quando me oferecem o espaço, tem que oferecer outras coisas. Tem *custo*. Pra sair da minha casa, pra parar um mês, dois meses de trabalho. Aí tem coquetel, eu vou querer agradar os meus amigos. Se não tem coquetel, não tem problema, tem um bom *convite*. Ter um bom convite, um papel com qualidade, uma coisa bonita, foto boa, se preocuparam comigo. Tem... segurança no meu trabalho, eu tenho que olhar várias coisas, eu não preencho pauta. Tive *muitos* convites na vida, mas às vezes é pra preencher pauta. Preencher pauta não é interessante.
		39’32’’	Então eu... então tem que ver até que ponto! Aonde é que eu vou me mexer agora, fazer uma *grande* exposição, se é uma... uma coletânea, se é uma... como é que se chama? Do artista? Uma...Como é que chama quando reúne tudo junto? Coletânea?
39’48’’	Ué, uma...		Coletânea?
	Eu acho que é...		Ah, tá. E... então tem... eu acho que eu tenho que me apresentar, sim. Fazer... coisas, uma exposição... [silêncio] arrumar patrocínio, então é um *trabalho* assim que requer,

			como tu falasse, produção... Então é, com o tempo eu fui criando muita coisa aqui no morro, outras casas, outras coisas, requer um cuidado bem grande né?
40’13’’	Tu vê, que tu é sozinho, né?		E sou sozinho. Então, você não pode fazer assim, ah, você tem um sonho de fazer uma roupa, você tem um sonho de fazer outra letra, pra você assim nem todo dia você tem que... que pegar os dias da semana e tirar um dia pra aquilo, eu tô querendo organizar dessa maneira, né? Então dois dias de semana é só pandorga, tal dia é só música... tal dia para cuidar das casas. Aí lá vem um lado espiritual, tem que ir para a cidade...
40’42’’	Saúde...		Saúde. Vou cuidar da minha horta, vou plantar o que eu vou comer, porque... tô comprando tudo coisa adubada, coisa, o orgânico, que não é tão orgânico. Então eu não sei mais, assim, então se eu puder aqui nesse morro, acho que...
41’00’’	[fim da gravação]		

			agora, aqui do lado dessa sala tem um gruta, “ai, a água correndo”, “a Nossa Senhora”, “ai, tem que jogar uma moeda ali”, deixa jogar aquela moedinha! Que a pessoa tá com fé, tá achando assim, “eu vou dar uma moeda para essa santa, pra acender uma vela”.
0’49’	Claro!		Quem é que não gosta de ver uma gruta com uma água correndo nesse momento, agora uma paz, assim, ver uma... uma imagem. Que o Mórmon é contra... Deixa estar ali, é uma decoração que eu botei. Se alguém quiser abrir o coração o problema é daquela pessoa. Então, é o *camelo*[2] que tá ali, cuidado, como diz o Elói, já tá exposto num caminho a pessoa passa, “ah, que ecologia, nunca vi nada com lixo igual”, será que vai ter neguinho fotografando?
1’14’’	Ah, vai!		Vai entrar gente nesse terreno, colégio vai vir, vai vir tudo. Fotografa, depois manda pra Santa Catarina inteira, o colégio tem que ficar agendando, “escuta, quando é que podemos ir aí?” Uma sala grande pra refeitório, do tamanho dessa daqui, a criança, pra 40 crianças, faz o refeitório. Isso aí é *simples*, só que para isso tem que haver uma Associação.
1’32’’	Tem que!		Aquele casal lá de baixo, eles têm que me ajudar, eles são queridos, o cara quer me ajudar, da yoga. Então tem que ter alguém que escreve, e o Mauro, e o Bi, e o pessoal, os meus amigos têm que estar, porque é uma Associação. Essa Associação ela tem que ter algum fundo lucrativo. Se ela tem que vender um bazar, porque peraí, o Elói faz o tambor, eu faço não-sei-o-quê, tem coisa pra vender que é pra gerar dinheiro, porque o pessoal vai estar aqui vai precisar do dinheiro. O Elói não vai vir aqui com carro com gasolina, pra fazer negócio, no futuro tem que ganhar muito *bem*, cada um.
2’00’’	Eu tô te falando...		Eu quero que os meus sócios ganhem *muito bem*, aí já tem o hostel, e o hostel, também faz parte da Associação? Faz, ué? O que é que tem? A casinha tá ali, o Ari cuidou, o Elói veio, é meu? Não! É da Associação, deixa ali. Tem a minha casinha, tinha duas que eu já tinha, mas “pô, foi feita a Associação”, o terreno é *para* a

[2] Escultura feita de reciclagem que fez parte do Presépio de 2014.

			Associação. O Mauro deu uma luz linda, que o Mauro outro dia falou que eu tinha medo de fazer a Associação, que era assim ó:
		2’19’’	[Ideia do Mauro Costa para a Associação] Ou eu vou deixar o terreno no nome do Bi, do Elói, não sei de quem, a confusão tava feita. O Mauro falou que não, “tu escolhe uma pessoa, da família ou quem eu quiser, o Ari, o Bi... *e passa o terreno para aquela pessoa*. E a Associação, ela tá aderida à aquilo ali, o dono do terreno tá comprometido com a Associação. A minha irmã não vai poder vender, “tá no nome da Benta, da minha irmã? Tá”. Não tem problema nenhum, a Associação tem até o documento. Que tá no nome dela, mas ela não vai poder fazer nada. Que tá *escrito*, que eu deixei escrito, que é *para* a Associação e aquilo vai ter que *rolar*, sem *nunca* poder vender. Vai ser da Associação... então o terreno vai ficar. E o meu museuzinho tá ali, que ficar vai cuidar. Só a hora que fracassou todo mundo aquilo ali vai apodrecer, alguém vai se sensibilizar e vai tocar a mão. Que vai ter algum documento escrito lá na Prefeitura, não-se-aonde, “Ó, Associação”, porque alguém vai ter que avisar. Porque a minha irmã, a família da minha irmã vai vir retomar. Que é da Associação, eles podem vir que nunca vai poder vender.
		3’12’’	Eu não sei se é isso. O que eu tenho que ter é experiência, porque o Mauro falou *mais um detalhe* que eu já gostei. Eu queria dizer assim, “pô, como é que eu vou deixar escrito pro Mauro, pro Ari, os caras vão lá, eu morro, eles vão lá e vendem, acaba a Associação, enterra tudo, não! É *tão amarrado* que o cara da Associação, “pô, o Valdir morreu”, “pô, nós não podemos vender nada”. Vão continuar como tão, o museu agora reforça, o Valdir vai ganhar mais destaque, ou coisa-e-tal, aquela salinha, e vão continuar a fazer as artes que tinha. Os filhos dos filhos dos caras.
		3’39’’	[silêncio] Isso *seu eu quiser* , senão eu acho que devo deixar morrer tudo, porque qual é a pretensão que eu tenho de criar, e que aí eu morri, tem um museu, tem uma sala, eu preservei o que era meu, se eu já joguei *tanta* fantasia fora, já joguei *tantas* coisas fora, por não ter um galpão, por faltar... falta de comunicação.
		3’53’’	[Política] Porque o Edson Andrino já tinha me dado lá de Brasília, já tava com um

			galpão grande ali embaixo, já tava com um museu grande. Esse que queria pagar o meu livro em São Paulo, que pegou o... o cara da televisão[3] e brigou com ele, “pô cara, cadê o projeto do Valdir?” “Ô Valdir, ele me cobrou”, “Claro, ô seu... tanso[4]”, da RBS[5] ali, que queria escrever meu livro... Então, quer dizer, não era hora das coisas, eu tô atropelando, não era a hora, que bom que todo mundo tá de olho, que viu essa coisa, mas...
		4’20’’	[Retorna a ideia do Museu] Mas quando eu olho o meu material, com as pecinhas que eu tenho, se eu montar um museu, as crianças...
4’24’’	Vai ficar legal.		As flores de plástico, uma sala só de reciclagem, *ah*, nossa, eu tô cuidando daquilo, tá mantendo as coisas. *Tem que deixar uma moeda!* Eu tô mantendo, eu tô vivendo só daquilo, tô aposentado e... tô cuidando daquilo. Uma *fonte* lá na frente, “jogue sua moeda e faça seu pedido”, garanto pra ti. A pessoa vai jogar uma moeda naquela fonte, você todo dia limpa aquela fonte, chegou turista, fizeram um pedido, tá lá só escrito. [incompreensível] uma moeda e contribua com o mané. Faça o seu pedido e você vai aumentar...
4’48’’	Mas no Museu do Dali eu não comprei um monte de coisas, lá?		... aumente sua fé!
		4’51’’	Falar só em besteirol, quantas coisas tem pra vender, camisa...
	Ah, comprei... comprei botton, comprei... cartaz, comprei cartão, lembrancinha, chaveiro...	5’00’’	Deixar tu escrever agora...

[3] Quem seria esse “cara” da televisão? Moacir Pereira? Uma vez ele comentou que esse último tinha interesse em fazer um livro sobre VA.
[4] Gíria típica de Florianópolis que significa “bobo”, “tolo”.
[5] Rede Brasil Sul de Comunicação, era responsável pela transmissão da Rede Globo em Santa Catarina, assim como o Diário Catarinense, entre outros veículos. A emissora foi vendida, hoje chama-se NSC. A RBS continua no Rio Grande do Sul, de onde se originou a empresa.

5’04’’	[Pergunto sobre a entrevista.] Então, podemos começar?		Ah, tu quer fazer, ah, é mesmo?
	Ah, eu vou fazer uma coisa assim...		Ah, tá, não sabia, podemos sim[6].
5’10’’	Eu quero falar só... perguntar umas coisas mais sobre *pandorga* mesmo, já que nós estamos nesse tema. E... [silêncio]		Hum!
		5’19’’	Tá gravando é? Não?
	Eu já gravei, liguei, liguei o gravador já. Se tu quiser eu apago.		Ah? Não.
5’24’’	É que eu achei importante, isso que tavas falando da Associação		Mas eu falei tão rápido... É mesmo? Ó-lhó...
5’29’’	Por isso que eu já liguei...		[Valdir começa a serrar uma quilha de uma prancha de surfe .Ruído.]
		5’35’’	Tirar essa quilha...
	Tira, tira...		[Ruído.]
		5’45’’	Meu Deus do céu...

[6] Havíamos combinado por telefone essa entrevista, mas acho que ele havia esquecido do combinado.

		5’48’’	[Ruído.]
5’52’’	Esse negócio aí esquenta, né?	5’55’’	Não sabia, esquenta? [Com a fala um pouco ofegante.] Esquenta mesmo!
		5’58’’	[Ruído.]
6’12’’	Tem que cuidar pra não sair umas escamas desse negócio [referindo-me à fibra de vidro].		Isso é meio perigoso.
		6’20’’	Ficou melhor já [acaba de retirar a quilha]. Aqui tá cortante
6’22’’	Isso é perigosíssimo.	6’23’’	Ah é, isso aqui será que é só com o fogo, é?
6’25’’	Não sei, é fibra, né?	6’26’’	[Recomeça o ruído.]
		6’28’’	[Fala enquanto trabalha:] Ah, lixa, lixa! [Continua o ruído.]
		6’35’’	Agora eu vou lixar, olha como ficou bonitinha, do *Gerri*[7], ó!
6’38’’	Era do Gerri?		E aqui ainda tá escrito Luiz, não-sei-o-que-lá, e aqui eu não sei ler.
	[Ficamos alguns instantes tentando decifrar o que estava escrito.]		
6’53’’	[Começa de fato a entrevista.] Tu... Vou fazer a seguinte pergunta:		[Ruído.]

[7] Gerri Adriano da Costa, percussionista da banda Dazaranha e que acompanhou Valdir nas primeiras apresentações musicais.

6’59’’	[Festival de Pandorga:] [silêncio] Tu lembra do primeiro festival de pandorga?		[silêncio]
		7’02’	Ai... [silêncio]
7’05’’	Primeiro festival de pandorga, tu lembra como é que foi...	7’08’’	Primeiro festival de pandorga foi na Beira-Mar... foi na Beira-Mar, né, feito pela galeria do Beto Stodieck
7’16’’	Ah, foi?		É, sim, o primeiro foi. Aí o primeiro foram convidados assim, artistas bem... nobres, [Pedro Paulo] Vecchietti, Vera Sabino, vários artistas plásticos participando, cada pandorga criativa que eu nunca tinha visto na vida. Por exemplo, donos de lojas de barracas faziam barracas pra soltar, lindo, uma barraca assim, como se fosse normal. De um tamanho médio né, mas assim, soltando aquela barraca. A Vera Sabino fez uma pandorga que era uma arte linda, linda, linda.
			[Premiações] O Vecchietti, aí quem ganhou o prêmio foi o Vecchietti, parece, em primeiro lugar... Eu já ganhei naquele ano... naquele ano, deixa eu ver o meu prêmio... [silêncio] eu não me lembro se eu já saí ganhando o primeiro lugar.
7’57’’	Ali no papel[8] dizia...		Eu te juro que eu não me lembro, eu acho que já saí ganhando o primeiro lugar!
8’02’’	Diz aqui ó, 73-74, 83-84, prêmio “A mais bela pandorga”		A mais bela, sim, sim, sim, não não, tinha a Vera Sabino, não, não, eu já arrebentei, já arrebentei.
8’13’’	Foi em 73?		É, eu me lembro que foi uma paixão tão grande, Py, fazer aquela pandorga, na galeria do Beto, na Beira-Mar. Aquela pandorga que eu tava fazendo era uma coisa que, não dá pra explicar. Com o futuro assim já na mão, assim, papel laminado, celofane,

[8] Ao ‘papel’ estou me referindo ao verbete sobre ele no Indicador Catarinense das Artes Plásticas, de Nancy Threzinha Bortolin.

			pintando o papel, que eu pintava *tudo* que eu via, pintava bambu, pintava tudo, que eu tava numa galeria, cheia de coisa colorida, a Vera Sabino, quando eu vi a Vera Sabino eu me apaixonei pela arte.
		8’37’’	[Vera Sabino] Pra mim a Vera e o Rodrigo de Haro... mas eu fixei, assim, quando eu vi a primeira exposição fantástica foi a da Vera. Que era tudo paraíso, Adão e Eva, aquelas *flores*... o que a Vera pintava, que ela levava 15, 20 dias cada quadro. Se não era um mês. Aí depois a Vera ficou... se tornou uma artista que vende muito e vendeu... começou a pintar quadros mais comerciais, né? Modo de dizer, assim, mais práticos, vasos de flores... folclore, pegou uma linha mais... Mas o começo da Vera, aquela paixão.
		9’09’’	[Choque cultural] Então ali pra mim foi um, eu peguei um choque cultural muito grande quando cheguei em Floripa. Assim, de obras de arte com perfeição que... o que eu vi lá fora no mundo, Dali, aquele... MIMA? Lá de Nova Yorque. MOMA?
9’25’’	MoMA.		É MoMA[9], que eu vi um quadro do Dali de perto... não perdia nada, nada, nada, os nossos artistas. Algo internacional. São internacionais.
		9’38’’	[Paixão pela pandorga] Então a *pandorga*, o festival, quando eu vi aquela arte na pandorga eu me apaixonei. Foi meu primeiro brinquedo. Ali eu já entrei ganhando primeiro lugar e virei hors concours[10], e nunca mais parei de ganhar o primeiro lugar. E tirei artista pra fora, teve artista que já sabia que o primeiro lugar nunca mais ia ganhar então. Aí os artistas caíram fora, aí Vera Sabino nunca mais veio, não que foi por causa de mim.
		9’56’’	[Participação dos artistas plásticos no festival da pandorga] É porque... Sei lá, ela veio o primeiro ano pra ajudar o Beto, pra dar astral no festival, pra dar aquela *partida*... e que era uma grande coisa que estava acontecendo em Floripa... então ficaram uns dois ou três anos, o Vecchietti continuou ainda por uns quatro, cinco anos, ainda

[9] *The Museum of Modern Art*.
[10] Expressão: definir.

			desfilando com pandorga, pedia ajuda pra mim. “Ó, quem vai botar a estrutura é tu, não *importa* quanto tu vais cobrar”. E eu botei o estandarte do Vecchietti no ar... o Vecchietti era apaixonado por mim, não podia ver eu dançar, ele... talvez ele bebia, então ele queria me imitar. Dona Marli passava trabalho. Então o Vecchietti era doido, doido, gostava muito do office-boy da galeria Studio A/2, via eu assim... eu era office-boy da galeria.
		10’37’’	[Retoma o tema da paixão pela pandorga] E aí comecei a fazer esse festival e foi *tudo* na minha vida, a pandorga é... uma *magia* na minha vida. Pra mim foi *coisa do além*, não é um rótulo que eu tenho... assim, simples, é uma coisa muito... consagrada de *paralisar* a pessoa. Pessoas! Eu vi até gente do Mocotó chegando a ficar *parado na minha pandorga*, e perguntar se veio da Índia... eu até não gostava, que eu achava assim, “como é que o cara... pô, eu pensei que eu era um artista que eu fazia uma coisa...” então eu já tinha uma coisa *indiana*, já *tinha* uma coisa... assim, eu já vim com uma *visão colorida*, a *mandala*, já era uma coisa indiana, sim. Eu já cheguei a fazer pandorgas assim, é *muita* viagem.
11’21’’	Tu... poderia dizer, assim, quais são as pandorgas que são as mais... representativas pra ti?	11’30’’	É porque essas pandorgas, a primeira, que eu ganhei o prêmio, isso aí o meu patrão fazia eu dar de presente para alguma pessoa, as pessoas levavam essas pandorgas, né?
		11’37’’	[Autobiografia, horizontes de expectativa e misticismo] Mas quando eu cheguei, que eu fiz o meu autorretrato[11], que eu fiz um artista cantando num microfone, eu não tinha a banda ainda. Mas eu tava prevendo o futuro, onde é que eu queria chegar, que eu queria cantar, que eu podia cantar... cantar não foi uma coisa assim, que eu fui pela *moda*, ou porque o meu *tio* cantava, o meu *pai* cantava. Ou porque então eu não tinha voz pra cantar ou tem que ter vozerão, eu sempre... eu sempre me via cantando um dia. Quando eu tinha nove anos [1965] que eu vi o Roberto Carlos cantar no rádio, uma coisa, um *espírito* assim pra mim ó: “um dia tu vai cantar no

[11] Ver a reportagem onde aparece essa pandorga, provavelmente de 1983.

			rádio”. [Silêncio.] Embora... não andei nas rádios do Brasil, não andei não-se-o-quê, mas a minha música andou no rádio. Só o Macarrão[12] que divulgou... *tudo* na... região sul. No Rio Grande do Sul a minha rádio tocou, que gerou até... como é que se chama, gerou... como é que chama, direitos autorais? Que eu não pude receber, porque faltam os registros corretos e... então eu tinha um bom dinheiro pra receber. Então tocou na rádio sim, a minha letra, a minha música. Então às vezes eu não me acho assim um compositor porque fiz poucas letras, ou isso-e-aquilo. Mas assim, *é* um compositor. Vem já da família, nato, sem pretensão, de ser só um escritor, ser só um pintor.
		12’49’’	[Multiartista] Então o dia que eu mais gostei que alguém falou de mim foi quando assim, “o Valdir é um showman”. Aí eu fui saber o que que eu era. Que se eu unir *todas* as coisas eu sou um showman.
12’57’’	Ah, o multiartista, né?		... que eu faço pandorga bem feita, eu gosto de dançar, gosto de cantar, eu tenho que mostrar o meu lado multiartista. Por isso que esse convite que teve agora pro CIC[13], é lá que tem que se mostrar o multi Valdir Agostinho. E não uma banda querer cantar para me fazer botar à frente de cantor. Não vamos perder o fio da meada e vamos falar de pandorga.
13’14’’	Não, fica tranquilo. Porque, assim, quer dizer... eu... tinha essa curiosidade. Porque a gente não encontra no teu acervo, eu tenho umas notícias que		

[12] Da banda Nós na aldeia, que gravou a música Martim Balaieiro. Mais um motivo para dar destaque a essa canção pois, além do sotaque como marca de identidade, foi gravada por uma banda que tem uma certa projeção local e ainda está na ativa. Link para o vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=Xxe5JDn3M2s.

[13] Centro Integrado de Cultura, que abriga o Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), o Auditório Ademir Rosa, o Museu da Imagem e do Som, além de órgãos administrativos como a Fundação Catarinense de Cultura.

	falam de participação em festival, e tal...		
13’32’’	O que conta, nesse verbete aí do... MASC, né, coloca que você também tirou primeiro lugar em Salvador, Bahia, né?	13’45’’	Sim, sim, eu chegar lá na Bahia e ganhar festival nacional, né? Se for falar da minha pandorga e desses prêmios...
13’51’’	Essas pandorgas, que fim levaram? Elas foram doadas, foram vendidas?		... vai longe! E a pandorga, o que eu fiquei, o que eu gostei...
		13’56’’	Não, minhas pandorgas elas estão *guardadas*. *Poucas* foram vendidas. Algumas já não estão mais comigo. Algumas grandes, algumas médias.
		14’04’’	[Quadros com mini-pandorgas] E aí, através dessas pandorgas eu criei muito quadro pequenininho. E saí viajando. Então eu fiz *muita* quantidade de quadro pequeno que são painéis com a pandorga dentro do painel representando o céu. E essas eu já não tenho. Guardei uma ou outra, guardei as mais *lindas* pra mim, mas no fim foi acabando que eu vendi esse trabalho. Que *tem* que voltar a fazer. Que o meu trabalho de pandorga é *único*, é único, é único *no mundo*. O painel de pandorga com o céu pintado atrás, e botado a pandorga ali colada.
		14’35’’	[O incentivo de um artista profissional] E o *Hassis*[14] quando falou que eu ia ganhar um prêmio, “não, que tu vai ser um cara premiado na capa do catálogo [telefônico] com uma pandorga”. E ali dizia, quando mandaram o convite para minha casa, pros artistas, que tinha que ser um artista que era muito interagido na cidade. Que tinha que ter *painéis*, que tinha que ter representatividade, aí eu peguei não quis ir no primeiro coquetel, na Telesc[15], eu disse, “eu não vou, porque isso não é pra mim”. Aí

[14] Artista plástico. Cf. Bortonli, “Indicador catarinense das artes plásticas”.
[15] Empresa de Telecomunicações do estado de Santa Catarina. Antiga empresa estatal que foi privatizada no final da década de 1990.

			no segundo também eu queria negar, o *Hassis* me incentivou! Ele disse que eu *era* o cara!
		15’02’’	[Pandorga Ecologia no Ar] Aí eu fui ganhei o *primeiro* lugar da capa do catálogo, com uma pandorga chamada “Ecologia no ar”. Ali foi uma paixão, mais uma obra mágica, eu paralisei, eu não queria saber de dinheiro... eu fechei a minha loja pra madame... Madame vinha buscar o quadro, batia na porta, eu tava dentro da loja[16] mas *não* abria. Sabe aquele cara que *mergulhou* dentro de uma obra? Que quando eu acabei um espírito assim pra mim, ó, “pra quê que tu vai levar a tua obra se tu já ganhou?” Aí eu não entendi. Porque, como é que eu vou ganhar se eu não levar a obra pra concorrer?
		15’33’’	[A arte como missão e como extensão do sujeito como horizonte de expectativa] Então aquilo ali foi de uma magia... a minha arte ela é real, Py. A minha arte ela não é inventada, eu era *tudo* o que eu fiz, eu vim na Terra e era pra fazer o que eu fiz. Por isso que antes eu falei pra ti do Museu, eu acho que eu sou *digno* de um museu. De ter uma casa onde deixo as minhas pandorgas, alguém cuidar, eu acho que é necessário pro futuro. Não é assim “ah mas a minha família”, acabou, ou meus amigos não ligaram. Mas no futuro vai fazer uma diferença bem grande, vai dizer, “poxa, existiu uma figura *esculpindo* papel”.
		16’03’’	[Dona Rosalina: relações com a cultura popular] Que foi a primeira paixão, que eu vi uma senhorinha, quando aqui, a gente, pobre, nessa comunidade, uma senhora *esculpia* o papel. Ela fazia os galos, as galinhas, o cachorrinho... aí eu fui descobrir *muitos* anos depois que a minha paixão de cortar papel, e furar papel, e pintar papel veio dali. Então a dona *Rosalina* tem uma culpa bem grande quando eu fui falar isso na entrevista. Então é... eu acho muito, assim, falando agora pra ti me emociona porque a pandorga mexeu muito comigo.
		16’31	[Oficinas de pandorga] Sem contar... *quantas* vezes eu sentei no chão com grande turma de crianças.

[16] A loja de molduraria, “Garapuvu Molduras”.

16’36’’	Pois é, isso também é outra coisa...		...então, isso daí é outra parte. Das crianças virem todas falarem comigo, de eu me sentir uma criança até hoje, isso me renovou...
16’44’’	Quando você começou a dar essas oficinas?		... quando uma pessoa me chama de senhor, eu nem entendo porquê!
		16’48’’	Eu tenho esse lado moleque da pandorga e isso vai ficar comigo eterno. Então a pandorga vai ser jovem o resto da vida! Então é uma coisa juvenil soltar pandorga
16’58’’	Quando é que tu começou a dar essas aulas, tu lembra mais ou menos?	17’00’’	[Trajetória multiartista] Ah... isso aí, depois que eu ganhei esses prêmios, virei hors concours, isso aí eu não tinha nada disso. Isso aí foi com o tempo, depois, comecei a ir pro *carnaval*, comecei a ganhar *prêmio*, comecei a dar outro *show*. Depois veio a *música*, então comecei então a entrar pra *música*. Dei um show de moldura também, de madame, na cidade, que eu fazia moldura pra quadro.
		17’19’’	[A pandorga enquanto alter-ego] Mas voltando pra pandorga, o rótulo maior meu foi pandorga. Por quê? Porque as pessoas ficavam *enlouquecidas*, com a minha pandorga. Porque o primeiro desfile foi com pandorga também, então a pandorga ela vai pro palco, eu sou uma pandorga... tinha gente que dizia assim, a minha *vida* é uma pandorga, que eu dizia assim na entrevista. Tanta gente que *ri* na Barra hoje, diz “ô Valdir, como eu gostava de ver tu dar entrevista, que tu dizia na televisão que ‘a minha vida é uma pandorga’”. [Risos.]
17’43’’	Ah, mas é. Tu vê aqui, só nos anos 70, olha só, 72, a coletiva na galeria de arte no Palácio do Governo, Barriga Verde. 72 isso, quantos anos tu tinhas? 16?	17’57’’	Ah, olha aí. Ah, eu comecei já pequeno ali na galeria do Beto, é.
18’00’’	Aí depois 73-74, 83-84, prêmio da pandorga.		

18’06’’	Essas pandorgas tu deve ter guardado		Tenho.
	Tu fez alguma catalogação		Não, não, não...
18’10’’	Tu precisava fazer, né?		Eu precisava.
18’12’’	Até pra montar esse museu.		Claro! Até porque se roubam uma pandorga tá lá catalogado, “ó, faltou uma”.
	O nome da obra, o ano...		[Pandorgas perdidas e a desvalorização do artista, incluindo parte da família] Por exemplo o CIC, não botou [fora] três pandorgas minhas? Que eu não processei, o CIC jogou três pandorgas, roubaram e venderam pra colecionador. Que eu tive uma informação que um cara... tem gente dentro da... da Eletrosul, aí tem aquela outra empresa grande lá, perto do... do Angeloni[17] lá, como é que é o nome? Eletrosul... é ligada à? Aquela empresa internacional, a outra?
18’38’’	A Tractebel?		A Tractebel! Então a Tractebel tem um grande diretor lá dentro que foi falar com um amigo meu, que foi na casa de um fulano e viu pandorgas minhas lindas! Alguém *vendeu* a minha pandorga, do CIC pra essa pessoa. Então alguém ganhou dinheiro com a minha pandorga.
		18’55’’	E a Dete Piazza[18] saiu comigo no CIC, “ó, tu vê, não tá, olha lá naquele canto, ó”. Fiquei *doido* com essa Dete Piazza. Porque uma pessoa que se sensibiliza pela outra [incompreensível] não fala besteira e não fala assim, “ai, isso aí é assim mesmo” [fala arremedando a pessoa citada], a pessoa não deve se mostrar que é fria! E a Dete Piazza, o papel que ela fez comigo eu devia ter processado. Processado o CIC. Todo mundo falou que eu ia ganhar, a Flávia ainda disse pra mim que eu ainda posso ganhar, que é até 5 anos, agora caduca, eu vou reclamar pro CIC? Vou reclamar, que na época tal, era outro governo, era na *época*, chegar na delegacia, “eu quero um

[17] Rede de supermercados da região.
[18] Educadora, segundo matéria de Cacau Menezes em 2008 (cf. documento no Acervo do pesquisador).

			B.O.”. Três pandorgas minhas do CIC, me roubaram. “Roubaram? Não, não, sumiu”. “Não, roubaram!” Quero a minha pandorga, tava no CIC, eu botei ela em três dias. E o maestro Nilo, aquele desgraçado...
19’35’’	Ah, o Nilo[19].		Modo de dizer, que Deus abençoe ele, com aquele cabelo, parece o capeta!
	[Risos]		Sim, sim, sim, me *pediu* pra botar as três pandorgas. Quando sumiu as pandorgas ele... ele olhava pra minha cara e ria da minha cara, como se fosse... já deu carona pra mim tudo, é um carrasco! O dia que o Ledoux malhou ele, [Valdir, representando um diálogo:] “pois é, tu acha, to tocando com um cara que é assim... [Valdir, representando Ledoux:] “Meu Deus do céu, esse cara!” Aí um dia tem um cara lá na Fundação [Catarinense de Cultura] falou assim pra mim, ó, “esse cara não vale nada, ele ganhou um projeto de um milhão embolsou o dinheiro todinho”. Embolsou tudinho, comprou casa pra ele, fez tudo, tudo. Os caras são queimados, lá na Fundação nem gostam mais dele. [Valdir, representando Nilo:] “Porque quero fazer um negócio contigo, uma música um dia contigo”, coisa e tal. Como é que não deu jeito na minha pandorga? [Valdir representando Nilo:] “Pô Valdir, as tuas pandorgas, né Valdir, vamos dar um jeito”, cadê a sensibilidade? O que vale uma pandorga minha? O que é que adianta?
20’18’’	É. Eu queria que tu desse uma espiadinha...	20’21’’	O que que vale uma pandorga Py? Eu que não cuide, não faça um muesu. Sabe o que que eles vão fazer? Botar é *fogo*!
20’26’’	Ah! Claro...	26’28’’	*Claro*! Que que um irmão meu vai querer com uma pandorga, óióióió! [interjeição típica da Ilha]. Onde é que tem lucro aqui pra nós, cadê o dinheiro? São uns ignorantes. Que que eles querem com uma arte minha? Eles vão pegar aquela pandorga, “nossa, ah vou querer ela pra mim”. Ah, bota fora em dois meses, que são uns idiotas. Modo de dizer, são irmão meu, são coisa-e-tal, valorizar uma pandorga minha? Tem mais é que comprar paisagem, como compraram, uma figura que pinta paisagem, chega o apartamento...

[19] Maestro.

20’53’’	Quero te mostrar,,, três fotos...	20’’56’’	Mas eu respeito eles, isso aí não é o caso, se eu der uma pandorga eles até vão aceitar, ...
20’58’’	Claro, claro.		...mas não dou. Não dou porque eu acho que um irmão meu pode chegar pra mim, “hoje eu quero comprar uma pandorga”, entendesse?
21’04’’	Entendi.		Até um preço legal, pode chegar pra mim e encomendar. Então não é pra mim dar.
21’09’’	Quando é que surgiu essa ideia de você [incompreensível...	21’11’’	Agora já *dei*, a Maria tem pandorguinha minha. A Maria tem coisa minha. E tinha quadro aqui na casa dela que ela se mudou, jogou no banheiro e jogou tudo no lixo, meus quadros, todos.
21’18’’	Ah...	21’19’’	Sim, meus quadros, os *primeiros* quadros meus, que tá na minha irmã, ela se mudou, “*ah, não*”, os quadros ficaram todos para trás. São pessoas que... quanta gente jogando obra de arte fora, se tu acha um Martinho de Haro no lixo, se tu acha, que tem alguém ganhando um milhão com obra que tá indo pro lixo? Então o que que não jogam fora?
21’36’’	Pois é.	21’28’’	Eu mesmo já achei cada obra assim, vidraçaria, “nossa, esse quadro aqui, o cara é artista da *Bahia*”! “Nossa, aquele quadro ali”, coisa-e-tal. então se tu dá um quadro desse aí prum ignorante, o cara pensa que aquilo ali é *nada*. Pra dar um quadro pra minha irmã, ela chega, [alguém] diz que gosta, “ah, leva pra ti! Meu irmão faz mais depois....” Não sabe dar valor, então tem que pagar o quê, dois mil, três mil, e dizer “nossa, vou passar pra Aninha. Tem que pagar! Senão eu vou morrer, ficar no museu mas eles não tem. [Incompreensível] pandorga, *não*, só se gostar. A Cátia [cf.] merece, já dei, pego uma pandorga e dou pra Cátia, a Cátia já me comprou, minha sobrinha, dá aula na Universidade, coisa-e-tal.
		22’12’’	Meu irmão queria decorar a casa, no começo... eu joguei na cara dela agora “te lembra uma vez que tu era menina, vocês torceram pro teu pai não pagar? Tinha 30 casa, cada casa ia ter uma pandorga minha. Meu irmão chegou pra mim, meu irmão é querido! Mais velho. Pô, ele viu eu com aquela fama, *tinha* dinheiro, fez uma pousada, sobrou dinheiro, “não, vou botar uma pandorga do Valdir em cada casa”. Eu ia cobrar

			quinhentos pila na época. Com moldura de bambu, fazer cada... a cunhada foi lá, ficaram com inveja que eu ia ganhar dinheiro, trinta pandorgas, aí pegaram e cortaram. Aí joguei na cara da minha sobrinha, agora. Isso faz *tempo*, mas é verdade tem que ser dita, “teu pai fez isso e vocês tavam incluídas”. Porque podias muito bem dizer que a minha pandorga era linda e hoje tinha trinta pandorgas na tua casa, restauradas, *lindas*, que eu teria me dedicado.
		22’51’’	[Patrocínios:] Que a Fiat botou dinheiro, eu fiz coisas *grandiosas, lindas,* tinha dinheiro. Então se o Valério Gomes agora bancar “o artista da empresa Valdir Agostinho”, quanta pandorga linda eu vou fazer? E por que que eu não tenho um projeto, “o Valério, me adota, Valério”, que que é adotar? Todo mês eu dou uma obra de arte pra ti. Ou então não sei qual é o pagamento, só sei que tens que me pagar! Tem um salário dessa empresa pra mim todo mês já tem que fazer uma obra. Se a obra fica na empresa, você vai presentear pra alguém, você vai... você me dá um salário *todo mês*, você tem um salário pra me dar. Então você bancou o artista. Quando tiver a Portobello ali embaixo você vai me chamar pra fazer uma fachada fazer um negócio, fazer uma coisa, “não, os artistas que vêm é lá Portugal”... diz na cara da gente! *Diz na cara de gente*. Então é doído.
		23’32’’	[Condições de trabalho na Barra da Lagoa:] *Emprego na Barra!* Tirar lixo, camareira, sabe? Só subemprego. Subemprego. Quem vai gerenciar é de Portugal, vem um cara da França, quem vai pintar é só gente de fora. [silêncio]
23’45’’	Bah... [silêncio]	23’52’’	Mexesse comigo, imagina, hors concours e coisa...
23’56’’	Ah, mas... faz parte, né? A gente...	23’59’’	É, faz parte, é.
		24’01’’	Então foi uma época muito louca, a pandorga foi tudo e eu quero voltar a *fazer*! Porque se eu tô contando pra ti que a pandorga me dá isso, quando eu tô numa mesa fazendo uma pandorga imagina a glória que eu não tô?
		24’11’’	[Arte: espiritualidade versus comércio:] Minha elevação espiritual que não vai tá?

24’14’’	Claro.		Que eu fazendo arte que eu gosto. Então essa arte que eu tenho que fazer, como é que vai fazer uma arte comercial agora, entendesse? Então, entrar num plano que você vai vender, projetar uma exposição, não fui convidado pra Porto Alegre? Não tenho chance até no Mário Quintana? Que o Janga já queria me botar. O Janga[20] morreu.
24’29’’	Ah, a Casa de Cultura?		O Janga “eu tenho certeza que eu te ponho na Casa de Cultura Mário Quintana” [reforça a fala batendo com a mão na mesa].
24’31	O Janga...		Isso aí é *fácil*! Quero saber quem é que me paga pra ir até lá, quem é que paga hotel, que paga convite, quem é que paga o coquetel? Entendesse?
24’40’’	Entendi.		Que a hora que disser assim, ó, que “o Mário Quintana vai abrir pra Valdir”, quero saber *quem* vai pagar o coquetel, *quem* vai pagar o hotel, o meu transporte e a minha alimentação! Não quero Mário Quintana, eu quero essas coisas.
24’53’’	Olha essa pandorga aqui. Tu lembra dela né?	24’57’’	[Pandorga O Roqueiro] Sim, é o Roqueiro, é o nome dela.
25’00’’	Essa ganhou algum prêmio, alguma coisa?		Sim, sim, primeiro lugar também! Chegava na premiação já foi hors concours, né?
25’06’’	Tu lembra quando é que foi essa pandorga aí...		Não, não.
		25’09’’	Só se pegar no jornal que ela tinha foto no jornal [Acredito que seja uma matéria de 1983]. E a roupa eu confeccionava pra ir né?
25’13’’	Sim.		Já tinha que pegar essa camisa, tratar, fazer colar com cola... E a calça, pintada, um boné, tinha que fazer tudo isso. Aqui tem uma menina de palhaça, eu namorava, a Cátia!

[20] Artista plástico, da geração do Studio A/2, proprietário da Casa Açoriana em Santo Antônio de Lisboa. Falecido em 2018.

25’25’’	Só falta...	25’26’’	É a Cátia, que eu namorava ela.
25’27’’	Ah...	25’28’’	Lá de Forquilhinhas.
25’29’’	A foto eu peguei do teu buque...		...queria casar comigo, olha a Cátia. Olha a Cátia, guentando a pandorga, me ajudava, se vestiu de palhaça, ó.
25’34’’	Ó...		Fazendo a parte comigo. Olha só essa mulher. Querida pra caramba, casou com um músico, e perdeu nove mil, três anos passados, que um cara foi construir pra ela, ela deu nove mil adiantado na mão do construtor.
25’44’’	Ah, que horror.		Tadinha! Como é que ela conseguiu, como é que eu vou dar nove mil na mão de uma pessoa?
25’50’’	Não, não dá. E eu vi que essa pandorga estava enfeitando nosso show lá no...		[Transporte das pandorgas] já já saiu, nossa, eu tenho dobrado ali, ah, eu gosto, eu tenho que cuidar *melhor,* não pode estar na caixa, não pode tá aqui, onde é que vai ficar.
26’04’’	Casa de Noca!		...não podem dormir na caixa.... minhas pandorgas andaram em tudo, tão dobrada, não é mais pra ficar dobrada, ela agora tem que ter cano, tem que enrolar... quem sabe até que tá aqui, achei o cano, ó. [Referindo-se a um cano de plástico.] Ó o cano que eu achei com o Ari, outro dia o Ari parou o carro e pegou pra mim. Olha esse cano, que tá aqui, botar as minhas pandorgas enroladas...
26’19’’	Nossa! Esse aí...		... ó, ó, tem que ser um cano assim, ó, pra eu enrolar minhas pandorgas, mais grosso, olha o cano! Olha o cano.
26’25’’	Esse aí é baita! Que que tem, uns... quase três metros...		... e o som?

26’31’’	Ah, é.		[Reciclagem com arte e música] Se tu visse o que que é, quando eu pedi pro Maia guardar uns canos, que botaram lá na rua dele, o Maia não guardou pra mim.
26’38’’	Ah!		...se tu visse o que que é bater com a sandália aqui... [silêncio] Tu pega esse cano aqui, acho que pinta ele todo de vermelho, lindo, ou todo colorido... tudo com tinta jogada. E vai ali na rua, e bota... dois cavaletes e deixa as crianças bater num... tu não sabes o que que é. Assim ó, de criança. E pega os [canos] pequenos também. Que tem o pequeno, aqui. Py, da minha alma... quando eu falei pro Maia que nós temos que fazer instrumentos alternativos, nós temos que fazer instrumentos de lixo, ó, claro que temos.
27’05’’	Ah, isso aí é uma ideia que...		Claro que temos!
	... volta e meia tá na...		[silêncio]
		27’11’’	Então é... [faz um ritmo em um dos canos].
27’15’’	Ahã.		Agora bate naquele grande pra tu ver. E tem várias grossuras, bom-bom-bom, várias crianças batendo! A professora vai ter que mandar parar. Ninguém vai querer mais. Tem um som... [faz novamente um ritmo em um dos canos].
27’26’’	Muito bom o som.		Agora, isso aqui não é nada perto dos tubos que tavam lá do Maia. Eles enterraram umas coisas pretas na rua, um cano era preto, aí, um mais grande...
27’26’’	Era plástico?		Não, não! Tu acha? Fibra ótica.
27’40’’	Ah, eu sei.		Caro. “Ô Maia, pega?” [representando o Maia:] “não, não, eu pego pra ti”. Tu não sabe o que era aquilo. Os cara de azul[21] perdia. Que aquele azul tá no PVC, os caras de azul que fazem sucesso.
27’54’’	Aham, é, o Uakti...		Não.

[21] Referindo-se ao *Blue Man Group*.

	Ah, não, é o Blue, Blue...	27’58’’	Não sei o que que é, são tudo azul.
27’59’’	Blue Man Group?		... tudo azul, é tudo com cano, tudo coisa, tem várias voltas...
28’03’’	Dessa pandorga aqui, tu lembra?	28’06’’	[faz um ritmo com a voz] ... que show que eles não dão? É três, quatro caras, cinco, seis, batendo sim, que é uma banda inteira...
28’10’’	Não é o da TIM:		...aquilo ali é coisa louca, rapaz. Da TIM, é? Eu vi só uma vez só o vídeo deles, aquela... aquilo não para no mundo, aquilo não para. Não para, aquilo é um Soleuil, aquilo é um Cirque de Soleuil.
28’21’	Bom, né?		Aquilo quando chega, vem com água, vem com tudo, aquilo trás, quantos caminhões que não é pra carregar o apetrecho daqueles caras? Vai vir no Brasil, aquilo é uma fortuna! Aquilo não para de tocar. Tem um cara brasileiro ali dentro já. Os pintas de azul já botaram um brasileiro. Ou até mais.
28’37’’	Tinha que fazer um projeto né?		[Reciclagem e a história do lixo] Então isso que tá aqui na reciclagem, a história do lixo, isso aqui já sai, bum bum, *baldes*, coisas, os canos que ele tem aqui, tem cada coisa aqui sonora! A *chaleira* que eu achei agora ó, boing [imitando o som da chaleira] aí tu bate, o Elói pegou, fez outro show, a chaleira que eu achei ali com a *tampa*! [silêncio] Se for estudar a música, Py, se for pegar, sair fora da... do alternativo ali é o que mais bomba, que dá um negócio, dentro de um show... dá um negócio, nós podemos experimentar, tu vai adorar!
29’08’’	Tudo bem, eu gosto!		Tu que tem *ouvido*, tu pegas um negócio, pronto. Eu que tenho que montar no bambu pra tu experimentar. Então aí tu pega, vem aqui, é um negócio de bambu *grande* aqui assim ó! Então ele vem aqui, ele faz *assim*, que tu já bate aqui, pá-pá-pá, os canos, vai um até lá adiante... [incompreensível]...
29’21’’	Ah, tá, isso seria a estrutura		... e tem o grandão, é uma estrutura! Tu monta, as crianças, quando vier aqui na rua, é como tivesse uma coisa lá fora. Então isso vai ser muito louco.

29’31’’	Isso tem que tá no Memorial...		Aí tem um *catuto*[22], aí tem a chaleira, o que que faz som? Isso aí nem precisa ser Hermeto Paschoal, pra saber o som daquela chaleira ali. Boing [imitando o som da chaleira] tu bate aqui, depende da *tua* energia que tu botar ali. Pô, eu tirei cada som na chaleira ali...
29’45’’	Chaleira de... ferro?		Tá ali em cima, que eu deixei até ela exposta. Chaleira dessa de aço que o doutor me deu e não-sei-o-quê. Dessas de cento e poucos reais, setenta, oitenta, que o Maia tem. E ela, então, cara, tira a tampa, com a tampa, eu e o Elói bateu outro dia, fez tambor... e quando ela faz aqui ó, ping [imita o som da chaleira] até pra abrir [a música Martim Balaieriro] “É só chegar na freguesia”, *ping* [imitando o som do sino que tem na música] pode até fazer, ela serve pra isso. Porque eu gosto do sininho também, *pin*, que tem ali que o Mauro criou. Que ninguém nunca se importou com isso. “Ah, eu faço aqui”, o Nicolas[23] dizia, não, mas aquilo ali é outro...
30’18’’	Tinha que impor, né?		O ferrinho muda, tem que impor!
30’20’’	Tem coisas que tem que impor, não, o som...		Detalhe, por exemplo, o cara ali quando eu falei do show, “o meu show se não tiver Adriana e o Diquinho [cf.] “Ah, seu Frahkolino é quem...” [imitando vozes de terno de reis] aquela luz que eu...é *ópera* mesmo. Eu quero como se fosse ópera. Por isso que a guria detectou que era uma ópera. Mas *não é* ópera. Mas naquele momento vai virar ópera. Vai virar.
30’39’’	Uma... citação.		Porque baixou todos os instrumentos, não tem mais. Aí é só ela, [imita as vozes de novo rapidamente] que o Maia já vez a voz, a nossa voz já tá boa. Sem *mais* a Adriana e o Diquinho, deu pra bola! Entendesse? E acho até deixar *só eles*! [imita as vozes rapidamente] Depois é que entra nós, juntos [imita as vozes rapidamente], repetindo. Aí vai ficar a banda com a voz dele e ele de novo.

[22] O mesmo que cabaça ou porongo (cf. etimologia).
[23] Nicolas Malhome, nascido na França e que viveu no Brasil desde a década de 1980. Foi percussionista e baterista da Bernúncia Elétrica até seu falecimento em 07/072018.

31’02’’	Quer dizer que o show já tá quase...		...e aí depois vem o violino! [imita o som do violino], uma luz já em cima do violino. [Cantarola imitando a melodia do violino.]
		31’16’’	Tum, tum, a bateria começa. [canta palavras soltas do refrão] Aí olha só que louco, a passagem dessa música! Isso aí é um *arranjo*, rapaz!
31’23’’	Tô vendo...		...eu sempre sonhei *quando eu fiz essa música* [batendo palmas marcando a fala] eu sonhei com viola, a *rebeca* Uma coisa bem... um negão lá do Rio Tavares, foi encomendado, até mesmo um carro, vem buscar ele, o Murilo vai pagar... *cachê!* O cara saiu dali, cachezinho, tá ali, um cenzinho no bolso... Pô, carregadinho, comeu um negócio... O mínimo cem pila, cento e cinquenta. Cada um, tem que... E aí, coisa-e-tal. Só que isso tem que fazer um estudo *antes*, como é que o cara vai abranger todo mundo, como é que vai levar, que o show, desse Valdir, coisa-e-tal, o Stonkas, e se vai dar confusão, por que que o Valdir tá com o Stonkas, é a mesma banda? Isso tem que ser muito elaborado com muito tempo.
31’54’’	Sim!		É um sonho, se não der pro ano que vem, não faz mal Então é uma coisa que tem que ser assim, uma boa roupa, de PET, aqui, eu tenho que fazer pra chegar no CIC me sentir bem, o cara... do planeta! Não é essas roupas velhas que eu tenho. Agora o figurino da banda é outro, coisa-e-tal, então o Valdir Agostinho aqui, a backing vocal vai, *pelo amor de Deus*! Aquela backing vocal eu quero rápido! Só que ela não vai mais, “ah, eu fico aqui, eu vou boto isso”, *não*! Essa roupa tua não, quero tu assim, pode amarrar o cabelo. Vai receber, ela vai ganhar, porque vai receber ordens, “ó,ela fica *lá* atrás”. Só vem *só na hora de cantar*, assim ó: [trecho da letra de Reggae da Tainha], ela já entra ali na loucura. As pessoas [sussurrando] “nossa, que backing vocal”... [retoma voz normal] ela some de novo fica só Valdir Agostinho de novo, não tem ela ali. Agora, [cantando] “ô menina que mexe-mexe” deixa ela comigo *ali*, que ela vai dançar comigo, e tal, agora, some! Tchau, querida, sai do palco. Não te pertence mais.
32’43’’	Tem que ter um mapa, né?		Não, tá ela ali, eu tô cantando, ela tá ali pra nada, de jeito... some logo! Ah não, mas ela é linda e gostosa, não, o show é do Valdir. Então tem que cuidar todos os

			detalhes! Esse show eu gostaria de ajudar a dirigir, Py. Que se eu não cresci e não sei o que que eu quero, então não dá certo, se eu não sei o que que eu quero... alguém vem dizer “vais cantar só Rio que corre, pega ali... então é... eu tenho que saber o que que eu quero. Pra depois tu vir dizer “não Valdir, ali, por que que não tá bem?” Por exemplo, o Rock Boi, se não entrar eu *não me apresento no CIC* (pausadamente). O Márlio [autor do Rock Boi] tem que receber uma ficha, tem que receber um contato, agradecer... o que que ele pode fazer por nós, que o Valdir vai cantar... o Rock Boi que já era pra tá na rua, na internet... Valdir Agostinho cantando aquilo, entendesse? “A TV engana direitinho”, quer ver, daqui a pouco não pode mais, Bolsonaro, é aquilo, se vier a ditadura não vamos poder. Nós já era pra tá na rua *logo*! O Brasil quebrou o pau e tudo aí e nós, “não, não é agora”... falei com o Luís Paschoale “não, isso era há vinte anos atrás”. Não quero saber dos anos [incompreensível] ditadura, eu quero saber o que que eu *tenho*! Porque onde eu cantei, lá na beira do rio, o cara disse “ah! as minhas crianças dançando!” Téin den den den déin [imita com a voz um trecho de uma música] não tem pra ninguém, *não tem pra ninguém* [pausadamente e numa intensidade mais baixa], é pra sacudir. Não tem na Globo, não tem noo “É de casa”, leva pro “É de casa” e manda isso aí: “ó, Valdir Agostinho, quero mostrar pandorga, manda agora pro “É de casa”. Se o cara não manda me chamar... “É de casa”, então nós estamos lá cantando a música do Rock Boi e não sei o que, e vamos falar da cultura e vamos falar não sei o que, e manda currículo do Valdir Agostinho, quero fazer pandorga e quero fazer mais não sei o que lá. Eu não quero é me incomodar! Então não vai ter cachê, vamos pro Rio, nós vamos dizer, “ah, pois é, eu não quero ir!”, nós já temos até medo.
34’15’’	Ah, se for de graça tudo vale.		Sim.
	De graça, né, de graça...	34’20’’	Agora, se eles pagarem passagem e der não sei o que, hoje eu não faria fogo não! Eu diria “meu Deus, como eu tenho a ver com esse “É de casa”, se eu faço a minha flor de lixo, mostro pro cara, se ele não vai mandar me chamar...

34’28’’	E, essa...		...minha flor de lixo, meus peixes, mostra pro “É de casa”, pra essa gente, isso vão a loucura! Então um cara de Florianópolis, eu quero comer *lama* se não me botar. Porque eu não tenho um diretor! E eu também não tô a fim de ir, eu quero limpar o meu terreno, quero capinar, não tô a fim, de ir lá. Mas a minha flor de plástico, a minha pandorga! Nem sei dizer, que eu chego lá, que que eu vou dizer, “nossa cara, [incompreensível]”, mostro a prancha, conto a minha história, “não não não, só com a prancha, só, quero tu com aquilo...”
34’52’’	Mas tem que ter um agente né?		Tem que ter um agente! Essa menina que chegou lá em baixo é um sonho! Não sei se é real, mas essa guria pode chegar pra me ajudar. Que ela chegou, não sabe se vai ficar seis meses, se vai morar com o cara lá numa fazenda da Bahia, onde é uma comunidade, que vive tudo bem, ela não tá querendo, coisa e tal. E eles são *maravilhosos*, e querem fazer tudo por mim, quando eu falei que queria a galeria eles já querem encaminhar até pra galeria. Por quê? Por que que eu não tinha minha galeria ali? Porque estamos em crise? *Tamos*, mas pera aí, vai ter a moldura, tira a preguiça fora, porque cruzar os braços? Esperar que venda um quadro, eu não quero vender quadro. O quadro é uma pessoa que veio fazer uma moldura, “puxa cara, quanto é que é aquilo ali? Ah, tá baratinho”, o cara levou um quadro, pagou mil por um quadro, ou quinhentos, ou cem? Porque veio fazer uma moldura, porque a moldura é necessário. Não é tão supérfluo, porque ele quer botar, quer uma decoração. Ou veio... sei lá, fazer uma outra coisa e... às vezes quer me ajudar, comprou um cedezinho [de CD], comprou uma coisa no bazar... comprou uma pipinha pro filho dele. Eu digo, eu não pago aluguel! Então se der quinhentos contos por mês eu ganhei dinheiro, se der...
35’44’’	Essa aqui tu lembra? “Flor de Renda”, diz aqui.		Ah, essa é linda, linda. Talvez eu não tenha mais. Tu vê, eu soltei aqui em baixo no Caranha [silêncio]. Orra...
36’04’’	E essa aqui...		Ah, essa é a capa do catálogo. O nome é Ecologia no ar. Isso aí é uma paixão. Isso é uma paixão, é uma coisa mais mágica, olha o mundo ali dentro, o planeta, Brasil, ó, ó o planeta. O mundo, ali dentro, olha. Ecologia. O Sol, em volta da Terra, e muito mais coisas em volta da Terra, as plantas e termina com ecologia. A Terra toda encapada

			com ecologia. Folha feita por folha, e tirado e colocado ali? Tudo esculpido, o papel? [incompreensível] que a pessoa vai ver, nunca vai imaginar. O que que o artista passou e que obra inédita que é. Tá na sala do presidente da Listel. Isso eu tenho que botar no meu museu, já fazer isso aqui e mandar pegar num xerox e mandar fazer grande, já.
36’44’’	Que fim levou, a Listel acabou, né? Acabou, não tem mais lista telefônica...	36’48’’	Não sei.
36’50’’	E agora?		Não tem mais Listel em Brasília, então?
36’53’’	Não sei!		O que que fizeram com o meu quadro? Será que o dono levou pra casa, o diretor?
36’57’’	Era de se saber, porque...		Uma pandorga premiada, que eu não tenho, fui obrigado a entregar. Ganhei um prêmio...
37’02’’	Acho que lista telefônica impressa não existe mais. Até algo de se pesquisar.	37’08’’	Fiz outra parecida, né?
37’10’’	A é?		[tosse] Fiz uma pro Fernando, parecida, toda esculpida
37’15’’	Fernando, que Fernando?		Dono da boate Dizzy [tosse]
37’18’’	Ah!		Na avenida [Beira-mar], quando tinha [tosse]
37’20’’	Se engasgou com a água...	37’25’’	E ele dizia, quando tava mal, olhava pra pandorga, ficava bem. Eu não quis acreditar Primeira vez que eu vi um cliente dizer “Valdir, quando eu tô mal, eu olho pra tua pandorga e fico bem na hora!” [voz rouca da tosse] Comprou duas pandorgas minhas... Já tinha ido pra Belém do Pará. Aí trouxe o... aquela madeira de lá, do coqueiro, miriti? Joguei os miriti com uns peixe grande que eu fiz pra ele, lindo o peixe. E fiz uma pandorga assim. Que é uma mandala. E ele, então, eu fiquei

			contente, tive que ir *várias* vezes na Dizzy pra receber, porque essa gente *rica* é assim, né? Se faz em *vezes*, “ó, hoje não tá”, “ó, o fulano hoje bateu com o carro”... Será que artista passa por alguma? Então é... mundo cão, né?
38’10’’	Mundo cão...		Mas tem que cuidar! Cuidar da.... porque tu passa por isso, esse cara aí eu vendi, pô, eu sei onde é que é a boate dele, o Luís [Paschoale] é o arquiteto dele, tudo, ele tem amigos, então eu sei tudo, *pagou*. Mas, *porra*! O cara às vezes pena assim, ninguém gosta de receber, o cara não tá, essa gente rica às vezes é... então você hoje em dia tem que ser por boleto, banco, alguma coisa que faça uma fiadora, que o *artista* não pra correr atrás! Fazendo ponte, pra ver se o cara vai te pagar.
38’37’’	Ah, tem que pagar... em dinheiro, à vista, e pronto né, onde é que já se viu? [silêncio; som de cigarras ao fundo] Tá bom.		[silêncio] Mas tá bom, então, se eu for ver assim, as pandorgas, já vendi, já foram para países, coisa e tal, às vezes eu penso assim, “pô, eu não vendi nada, eu não fiz nada, eu tô parado, atualmente. Tenho convite, me convidaram pra expor, se eu quiser, no shopping Beira-Mar, convidaram pra mim pegar o espaço da Assembleia [Legislativa do Estado de Santa Catarina], eu tenho vários espaços. Só que quando me oferecem o espaço, tem que oferecer outras coisas. Tem *custo*. Pra sair da minha casa, pra parar um mês, dois meses de trabalho. Aí tem coquetel, eu vou querer agradar os meus amigos. Se não tem coquetel, não tem problema, tem um bom *convite*. Ter um bom convite, um papel com qualidade, uma coisa bonita, foto boa, se preocuparam comigo. Tem... segurança no meu trabalho, eu tenho que olhar várias coisas, eu não preencho pauta. Tive *muitos* convites na vida, mas às vezes é pra preencher pauta. Preencher pauta não é interessante.
		39’32’’	Então eu... então tem que ver até que ponto! Aonde é que eu vou me mexer agora, fazer uma *grande* exposição, se é uma... uma coletânea, se é uma... como é que se chama? Do artista? Uma...Como é que chama quando reúne tudo junto? Coletânea?
39’48’’	Ué, uma...		Coletânea?
	Eu acho que é...		Ah, tá. E... então tem... eu acho que eu tenho que me apresentar, sim. Fazer... coisas, uma exposição... [silêncio] arrumar patrocínio, então é um *trabalho* assim que requer,

			como tu falasse, produção... Então é, com o tempo eu fui criando muita coisa aqui no morro, outras casas, outras coisas, requer um cuidado bem grande né?
40’13’’	Tu vê, que tu é sozinho, né?		E sou sozinho. Então, você não pode fazer assim, ah, você tem um sonho de fazer uma roupa, você tem um sonho de fazer outra letra, pra você assim nem todo dia você tem que... que pegar os dias da semana e tirar um dia pra aquilo, eu tô querendo organizar dessa maneira, né? Então dois dias de semana é só pandorga, tal dia é só música... tal dia para cuidar das casas. Aí lá vem um lado espiritual, tem que ir para a cidade...
40’42’’	Saúde...		Saúde. Vou cuidar da minha horta, vou plantar o que eu vou comer, porque... tô comprando tudo coisa adubada, coisa, o orgânico, que não é tão orgânico. Então eu não sei mais, assim, então se eu puder aqui nesse morro, acho que...
41’00’’	[fim da gravação]		

Perguntas para entrevista: Valdir Agostinho, História de vida, segunda parte

Data: 28/01/2019

Transitoriedade pelo espaço

1. Nós conversamos sobre os teus pais, avós e sobre a tua infância, até o momento que decidiste se mudar para o centro. Podemos continuar desse ponto? Por exemplo: como foi esse período com o tios? Você ia para a escola?
   - Que escolas frequentou?
   - Que lugares chegou a morar?
   - Estudava somente, ou trabalhava também?
   - Já desenhava e/ou tocava? Quando começou a desenhar e a tocar? Pandorga parece que foi com cerca de 8 anos de idade.
2. Quanto tempo mais ou menos tu viveste fora da Barra da Lagoa?
   - Quais bairros tu já moraste?
   - Já chegou a viver algum tempo fora de Floripa?

Aproximações com agente(s) de cultura: Beto (cosmopolita) e Franklin (local)

3. Tu poderias nos contar como foi o encontro com o Beto Stodieck? Como foi começar a trabalhar como o office-boy da galeria Studio A-2? Conte como foi essa época.
   - Qual os trabalhos que realizava no Studio?
   - Quem frequentava a galeria?
   - Quais os artistas que expunham, que tipo de ações eram promovidas pelo Studio?
4. Como foi que tu conheceste Franklin Cascaes? Poderias contar como foi esse encontro?
   - Encontro foi promovido pelo Studio A-2
   - Trabalhou no presépio por 7 anos
5. Tu contaste uma vez que teve um negócio, uma molduraria, e que chegou a trabalhar com Max Moura.
   - Como foi que você aprendeu a arte da molduraria?

- Chegou a ter um negócio próprio?

Entrada no universo da música

6. E a música, quando foi que tu começaste a se apresentar?
   - Era com voz e violão?
   - E a banda, ou as bandas? Qual foi a tua primeira banda?
   - Lembra de um show realizado no TAC, quando celebraste o teu aniversário?
   - Quais personalidades tu destacaria desse universo musical que foram parceiros, que ajudaram ou influenciaram tua produção musical?

Ecologia/Reciclagem

7. Quando começaste a pensar em ecologia, a ponto de incorporar esse tema nas tuas obras?
   - Catação de cacos para os mosaicos
   - Catação de objetos pelas praias, em rescaldos de incêndios...
   - Construção de objetos tridimensionais com reciclagem – o Presépio como exemplo mais recente (agora trabalhando em uma obra tendo como base uma prancha de surfe descartada, segundo ele, de um dos irmãos da Costa, Gerry ou Moriel)
8. Quando começou a trabalhar com a confecção de figurinos e fantasias? Já havia a ideia de trabalhar com materiais reciclados?
   - Figurinos para a performance dos festivais de pandorga
   - Figurinos para as apresentações musicais
   - Intervenção na bienal – paletó de jornal
   - Fantasias de carnaval

Conclusão:

9. Olhando para o passado, em perspectiva, como tu avalias o jovem Valdir Agostinho? Teria algo que tu farias diferente?

ENTREVISTA 4: VALDIR JOSÉ AGOSTINHO
TEMA: HISTÓRIA DE VIDA
Data: 28/01/2019
Equipe: Luciano Py de Oliveira (pesquisador; doutorado em história - PPGH/UDESC)
Drª Márcia Ramos de Oliveira (orientadora - PPGH/UDESC)
Locação: casa do artista em sua propriedade na Barra da Lagoa.

Notas de campo:

- O registro da entrevista foi feito com dois gravadores, um Zoom H2N com captação em mono e um Sony PX470 com captação em estéreo '*foccused*' (ambos de propriedade do pesquisador). Para todos foi acionado o filtro de graves (*low-cut*).

	Luciano Py de Oliveira		Valdir Agostinho
00'01''	[Identificação] Eu estou aqui na casa do Valdir Agostinho, para dar continuidade à entrevista da história de vida dele, e, nós conversamos, da última vez, Valdir, sobre os teus pais, os avós, sobre a infância. Até o momento que tu decidiste se mudar pro Centro. Então eu pergunto se a gente pode continuar desse ponto? Né, como foi esse período que morou com os tios, o que tu fazia, ia pra escola, trabalhava, enfim.	00'30''	A partida que eu dei da Barra pro Centro?

00’33’’	É.	00’34’’	Ah, na partida que eu [fui] lá pro Centro eu queria, em vez de ser o menino que ia pescar no Rio Grande do Sul eu achei que na cidade eu teria mais futuro. Por que que todo mundo só vai pescar no Rio Grande do Sul, pra se casar, ter uma casa e formar família? Continua sendo pescador, quem sabe se eu na cidade, agora que modernizou [grifo meu], que turista já tá entrando na Barra, um que outro... a Lagoa da Conceição é um lugar turístico... [silêncio] quem sabe se eu vou pro Centro de Florianópolis, me coloco, arrumo um emprego, *tenho dinheiro* que eu ganhei muito aqui na Barra com siri, que o primeiro menino a ganhar dinheiro aqui com turismo já foi eu, na Lagoa da Conceição. Então, que eu tinha contado na outra entrevista que eu vendia siri, quer dizer que agora, indo para o Centro, eu tava com intenções de muita felicidade! Achava que eu ia poder ajudar a minha família, as minhas irmãs, porque eu ia *estudar*, e aí chegando na cidade eu tive que mentir para os meus pais que eu tinha, que eu tava empregado, mentira! Tava vivendo com o dinheiro que eu tinha guardado do siri. E a minha tia que me apoiava, não pagava pra dormir, não pagava pra comer, então eu tava tudo a ver, ia na cidade, conhecia só a praça [XV de Novembro?] e a Rádio Guarujá e a Rádio Não-sei-o-que-lá.
		01’40’’	[Importância das rádios na vida social e cotidiana] A Rádio Santa Catarina e a Rádio Guarujá. Então eu vivia naqueles prédios, vendo, porque ali tinha bolsa de emprego, tinha um cartaz colocado no lado.
		01’48’’	[Emprego de frentista] Aí eu nunca achava emprego, e nunca achava, nunca achava, e andava pela cidade perambulando. Aí fiquei *três meses* sem emprego. Aí um dia aparece de *frentista* dum posto de gasolina, eu fui *correndo*... Então o meu primeiro emprego foi ser frentista dum posto de gasolina, e eu fiquei tão feliz, tão feliz, cheguei lá tinha uma turma legal, porque o cara nasceu na [Rua] Major Costa [no Centro da cidade], o gerente nasceu na Major Costa, me apoiaram, gostaram de mim... Eu lavava carro, tinha que lavar só no lado do pneu, eu lavava *embaixo* do pneu. Quando empurrava o carro eu dizia “não, não pode empurrar o carro, não pode andar, porque o pneu, eu lavei o pneu. E eu lavava por baixo, passava produto *caro* embaixo do pneu, depois eu aprendi que

			não era. Aí um dia eu descobri que eles limpavam [com] jornal, limpavam o vidro do carro, e não *usavam* jornal. Um dia eu resolvi assim “eu vou passar o jornal”. E o jornal deu um brilho grande, e eu continuei com o jornal, fazia o jornal ficar fosco e descobri que era só o preto e branco, não tinha colorido na época... [silêncio] Então foi tão lindo, era tão acolhido, era tão... e aí o dono descobriu... que eu era uma pessoa muito elétrica, muito ligado...
		02’54’’	[Emprego na lanchonete] E tinha uma lanchonete, que era uma lanchonete famosa chamada Canecão de Prata na [Rua] Tenente Silveira. Lanchonete mais *famosa*, mais *formosa*, e mais assim, concorrida da cidade. Que era o Canecão de Prata até porque tinha o canecão de prata pra tomar chope. Então era um lugar assim que era sofá pra sentar, era pra *burguesia*! E os grandes, assim, só gente rica então, e os maluco, essa gente assim da cidade. Um ponto *vip*, assim. Aí ele botava eu, quando o posto não tinha muito movimento ele levava eu para a lanchonete. Então eu comecei a fazer... lanche. [Mudança de vida econômica e física] E eu comecei a caprichar *tanto*, fiquei *tão gordo* que as pessoas da Barra passavam por mim não me conheciam mais no Fast Food. Que na época não se sabia o que era Fast Food. E eu subia pro segundo andar, o gerente, *mais uma vez* o gerente era apaixonado por mim, *gostava* de mim. Dizia “tu vai comer à vontade, o dono não tem nada a ver. Toda vez que tu quiser um lanche tu vai subir, tens a minha ordem, de comer à vontade”. Então dez horas do dia eu tinha um lanche, oito horas do dia eu tinha um lanche... *duas horas* da tarde eu tinha, meio-dia, uma hora, eu tinha outro lanche. Então tu imagina, comecei a ficar gordo! Aí eu fique bem mais gordo do que eu era, fiquei bonito, gordo, as pessoas da Barra, as minhas primas passavam por mim eu não podia cumprimentar. Que elas não sabiam quem era mais eu.
		04’12’’	[Conhece Beto Stodieck] E aí então essa lanchonete, o posto, daqui a pouco passa o Beto Stodieck um dia pra lavar o carro, o jornalista Beto Stodieck, olha a importância agora! E quando me conheceu disse “pô, tu não queres um emprego pra ficar na minha galeria, e cuidar de mim, cuidar da minha galeria, passar coisa... não é *galeria*. “Eu escrevo *jornal* numa casa, e preciso que limpe o jardim,

			preciso que faça um cafezinho, preciso que faça aquilo” Aí pegou disse um monte de coisa pra mim, chegou lá aí nós dois, o cara da Major Costa queria [o emprego com Stodieck], chegou lá e viu a entrevista, disse “não, não, pode dar pra ele que ele precisa mais do que eu”. O da Major não quis sair do posto. E eu falei “e é aqui o meu lugar, uma casa inteira na [Rua] Padre Roma só pra mim”.
04’49’’	Era a casa do Beto?	04’50’’	Era a casa do Beto, não, era a casa que o Beto alugou para escrever jornal, a casa da dona Marlene Leal.
04’56’’	Era tipo um, escritório?	04’59’’	Não! Uma casa alemã com vitral atrás, uma casa *de luxo*! E essa casa começou então a aparecer Rodrigo de Haro e Vera Sabino, as primeira expressões artísticas da cidade, Martinho de Haro [pai de Rodrigo]... e o Beto começou então ali a *primeira galeria da cidade*.
05’15’’	Entendi.	05’16’’	Porque antes disso só tinha a Garagem 2. Que era chamado, era uma garagem mesmo, umas mulheres *ricas*, resolveram fazer um bazar. Tinha arte? Tinha! Mas era mais bazar, não era assim *quadros*, *alguém* mostrando as *artes plásticas*. E antes dessa galeria do Beto, Martinho de Haro e o Sílvio Pléticos, e Hassis, tinha que vender quadro debaixo do braço. Então eu *entrei* no turismo chegando em Floripa, eu *entrei* nas Artes Plásticas entrando em Floripa, eu *vivi* com a *nata* cultural.
		05’51’’	[O início do turismo na Ilha] É... por exemplo, a chegada do turismo aqui na Lagoa, eu peguei essa *nata*, primeiro turista que começou porque a praia famosa era a praia das *Rendeiras*, única praia famosa *dentro da Ilha*. Ninguém ia pra mais lugar nenhum, nenhum turista que chegasse de São Paulo... porque turista que vinha aqui era de São Paulo, carioca muito pouco, que o Rio [de Janeiro] era longe. Então, o cara vinha, tinha que conhecer aonde? [Apologia à Lagoa da Conceição] *Lagoa da Conceição, o maior panorama dentro da Ilha* [acentua as sílabas batendo na mesa]. Não é Jurerê que o cara tem que conhecer. O lugar mais lindo da Ilha não é Jurerê. Nunca será. E a Lagoa da Conceição vai ser *imortal*. Que foi o primeiro panorama e vai ser o último panorama. Vai ser o mais

			lindo que nós temos dentro da Ilha. Que louco que eu descobri agora, né, falando contigo?
06’35’’	É, é...	06’36’’	Porque a gente jura que é Jurerê! Pô, tem casas mansões, tem aquela praia, só tem mansão, que todo mundo de São Paulo veio pra cá, tem o rico, tem o metido a rico,
06’45’’	Vamos dizer, não tem cara de Floripa, Jurerê, né?		Então se formou Jurerê. Desculpa!
		06’47’’	Aí tem casa de cinco milhões, então Jurerê é internacional, *desculpa*. O *visual* igual ao da Lagoa, pode fazer mansões, o que quiser lá. Quando tu chega no Morro da Lagoa, qualquer casal que vem de fora, chegou num Pão de Açúcar. Então o nosso Morro da Lagoa é o nosso Pão de Açúcar, onde está o Cristo Redentor, é o Morro da Lagoa e deu! Não tem pra ninguém dentro da Ilha. *Não tem outra cena!* Ribeirão que me desculpe, Santo Antônio que me desculpe... é ou não é? Falei sério ou não falei? Falei!
		07’16’’	Tanto é que tá pintado pelos... por esses grandes mestres que visitaram a Ilha! Ei! Tem gravura de tudo quanto é lugar, mas a da Lagoa o cara chegou e se, ah! [como se fosse um “espanto”]. Tu vê, o [Almir] Tirelli [Dias][1] ele... fala essa cena. Falava. O cara se *impressionou* e *pirou* quando chegou no Morro da Lagoa, que olhou, aquela lagoa lá embaixo, duas lagoas gêmeas, desculpa...
07’34’’	Quem que era mesmo o artista?	07’36’’	Ah, um artista aí. Eu não posso dizer quem... olha lá o pôr-do-sol lá atrás do bambu, dá uma olhada, que nós tamo vendo... Tá vendo como tu me inspirasse a descobrir coisa agora?

[1] Nascido em São Luís (MA), em 1926. “Artesão, tapeceiro, pintor e desenhista autodidata”. (BORTOLIN, 2010, p. 243). O antigo Aeroporto Hercílio Luz possuía três tapeçarias desse artista, e que até o presente momento encontram-se desaparecidas, desde que a Infraero entregou a administração do aeroporto para a Floripa Airport, subsidiária do grupo Zurich Airport (HORA DE DEVOLVER..., *Bom dia Floripa*, 2019. Disponível em: <http://www.bomdiafloripa.com.br/Edi%20056.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2019).

	Ah, mas...		Porque senão o Cacau [Menezes] fica no Jurerê, no Jurerê e o pai[2] dele ali no Morro da Lagoa, que tem a estátua, é o lugar mais divino.
	É verdade.		Quer queira, quer não queira, pode virar carro, pode ser favela lá embaixo, mas a Lagoa, e tu olha a Joaquina e olha a praia [incompreensível] não tem mais lugar nenhum dentro da Ilha. Morro da Cruz que me desculpe, tudo! Poxa, Morro da Cruz, nossa, a cidade inteira, Floripa, a Ponte... pô, é uma cena que eu não posso também... é consagrada. O Morro da Cruz, que tu vê a Ponte, mas ainda a *Lagoa da Conceição*, como sendo orgânica, natural, a planta baixa, que não tem prédio ainda, nós temos que ter na Lagoa. [acentua as sílabas batendo na mesa]
8’18’’	Tu já desenhava nessa época?		Mas a história não era essa, eu tô falando muito, tomando muito espaço do microfone...
8’22’’	Não, não... tu já desenhavas nessa época? Que tu trabalhavas no posto? Tu já desenhava, já cantava, já tocava?	8’26’’	A minha pira... a minha paixão por desenho foi quando eu tava na beira do rio com o papai, eu tinha sete, oito anos de idade. E o papai com a canoa puxada, *linda* na beira do rio, com um tronco de árvore *caído* na beira do rio, todo mundo pulava naquele *tronco* de árvore velho, de 60, 80 anos, 100, e pra pular para dar seus mergulhos. E eu acompanhei os jovens tudo pulando ali, os mais velhos que eu, que eu era jovem. E quando chegou um senhor com um, uma... um cavaleto, primeiro cavalete que eu vi na vida. E ele bota o papel e desenha essa *árvore*... e desenha a canoa do meu pai e essa árvore, eu fui perto aquele homem, eu não... eu fiquei *paralisado*! Eu não sabia que existia essa cena. Que alguém podia chegar e... *fotografar* com pincel. Ou com um lápis. E o Aldo Beck fotografou. Esse homem eu não perguntei o nome, ele foi embora, e aí mais tarde, quando eu cresci que eu tinha 14, 18 anos, *20 e poucos anos*, 25, e eu tava dentro duma molduraria e esse homem chega para emoldurar quadro eu sabia qual era o que eu tinha visto na beira do rio. Foi esse homem. Esse homem me deu uma obra de arte pra mim, me deu duas, me deu três...

[2] Rodovia SC-406, que dá acesso ao leste de Ilha, tem o nome de Rodovia Jornalista Manoel de Menezes, pai de Cacau, mencionando por Valdir Agostinho..

9’31’’	Tu não lembra o nome desse cara?	9’32’’	Aldo Beck!
9’33’’	Ah, o Aldo Beck.	9’34’’	O *Aldo Beck* [acentua o nome batendo na mesa] que eu tô no testemunho no livro dele! Quando fizeram um livro agora dele, “ó, a gente que a testemunha, a gente achou dez pessoas e tu estás *incluído*, porque o Aldo Beck ele conviveu contigo, ele emoldurou quadro contigo, ele falou contigo”, então eu dei um testemunho *muito* grande do Aldo Beck. Que o Aldo Beck ele desenhou um quadro pra mim que era a casa do meu sonho, uma casa assombrada aqui na beira do rio, feita com resto de material da igreja da Lagoa, vou falar bem rápido.
9’57’’	Uhum.	9’58’’	E essa casa, ele chegou e eu disse pra ele que eu tinha um sonho, que essa casa ia ser minha, que era *herança* minha, foi deixada para mim a casa branca, *assombrada.* E essa casa ele pegou e desenhou no papel sem ver a casa, desenhou *igualzinho*. Aí um dia eu faço uma fogueira para queimar tudo que eu tinha e esse quadro do Aldo Beck estava dentro de um catálogo telefônico. E quando eu olho pegou fogo no catálogo telefônico, queimou tudo e saiu um fogo *verde*.
10’21’’	Uau!	10’22’’	Aí eu falei “esse fogo verde, eu vou tirar. Eu vou pegar um bambu e vou tirar já que é uma coisa *química*, que não tá *queimando*, dentro do fogaréu, eu vou tirar. *Quando eu tirei* que chegou até a mim era o desenho do Aldo Beck, o fogo verde era *proteção divina*!
10’36’’	Credo!	10’37’’	Porque se eu mostrar o quadro pra ti tu vai dizer “não estava dentro duma fogueira”. E não saiu fogo verde disso aí.
10’41’’	Hum.	10’42’’	Sim, como eu tirei dentro da fogueira com o bambu, e que não tem nada, não tem vestígios de queimado. *Porque era Aldo Beck!* Porque o Aldo Beck ele me deu com *todo amor do mundo* e desenhou aquela casa, que é uma paixão, essa casa tem um grande tesouro escondido. Falei demais, que a entrevista também não interessa essas coisas.

10’56’’	Não, interessa, tudo interessa.	10’59’’	Porque... eu estou falando já a *magia*, já a coisa, por exemplo, *tesouros*, é... a casa *assombrada*... se nós for longe, isso vai muito *longe*, então eu era um menino que eu já acreditava nessas coisas e já *via* coisas, já tinha *visão*, já havia coisas assim, como é que eu digo, *absurdas*, uma diferente da outra. Não era assim uma feiticeira que veio, me assustou, não! Eu vi muitas coisas sagradas, mas em forma de, de... assim, não sei se eram espíritos mas eu vi algumas coisas que eu não vou poder contar agora na entrevista porque o negócio é *como* eu cheguei na cidade. Então eu não conhecia *nada* na cidade. E hoje, quando eu fui ver com o tempo, que eu fui pra galeria do Beto, eu já tinha onde morar, já tinha *amigos* na cidade, já tinha gente de casas de doutores que gostava de mim, então *eu já comecei a fazer uma amizade*! Então quando dizem pra mim que eu tenho medo de ir para outro país, diz assim ó, o ser humano, ele é, como é que se chama? Ele é, interage com o outro, rápido, né, como é que é, ele é...
11’51’’	Ele é social, né?	11’52’’	Ele é social, ele é sociável.
11’54’’	Sociável.	11’55’’	Ele é sociável bem rápido. Tu chega no outro país, tem nego já querendo saber qual é a *tua*, já quer a tua *atenção*, então é, o ser humano não deve ter medo de ir pra lugar nenhum! Que ele vai se juntar com a... a energia dele. De qualquer jeito *alguém* vai te apoiar, porque nós somos o quê? *Associáveis*.
12’11’’	Sim.	12’12’’	O ser humano, olha que lindo! Então, quando eu cheguei na cidade, que tinha medo, que eu não conhecia ninguém, e dizer que hoje, quantas pessoas vieram, “pô, qual é o apoio que tu quer”, [batendo na mesa, acentuando as palavras grifadas:]“fica aqui em *casa*”, “paga *barato*”, arrumei onde *moradia*, dei uma volta na cidade, morei na *Beira-Mar*, com *galeria*, convivi com pessoas da burguesia, da sociedade, coisas e tal, modo de dizer, né?
12’34’’	Uhum. Um *universo diferente de pessoas*, né?	12’35’’	E aquele menino, *meu Deus*, aquilo para mim foi, assim, eu aqui na Barra, no meio do mato, meus irmãos indo pescar, só peixe, mato, e eu no meio de uma *cidade*? Falando de *artes*? [Arte popular na Barra:] Que a Barra da Lagoa não sabia o que era isso, meu avô *fazia*, mas arte era comum, desenhar um peixe,

			pintar uma lancha... fazer um desenho, mas nós não tinha arte. Aí quando eu descobri a dona Rosalina, mais uma vez, que eu já devo ter contado pra ti, que veio da pandorga, e essa mulher, recortar os cachorros e galinhas e botava na parede? *Ali foi a minha paixão!* Então eu era uma pessoa ligada, assim, como disse o Janga[3], ""o Valdir, a arte dele vem do *Carnaval*, vem do *Pão-por-Deus*", porque eu sou admirador da cultura, do que é bonito, da boa música... do folclore, da boa música que eu digo é assim ó, nossa música da comunidade pra mim tá de bom tamanho. Mesmo pescador bateu errado, ou fez aquilo, nós já temos musicalidade na família, que nós já fazia o baile. Não era aquela música *erudita*, com as notas precisa, mas não tinha... a gente fazia nossa própria música! Meu avô com a gaita dele, meu pai com seu violão, Mané Agostinho, quem tocasse melhor que o outro, baixasse a orelha! Então a gente respeitava, e toda festa nossa tinha música, mas a gente não pagava uma orquestra, mas tinha que chamar o nosso tio, chamar o outro que batia um tambor...
13'50''	Quanto é que tu pegou a mão no violão e saiu tocando alguma coisa? Era criança?	13'53''	Eu me apaixonei, eu sempre me apaixonei pelo violão, via alguém tocar, não acreditava em mim. Assim, que eu podia ter... quando... eu tinha 15 anos, tava na cidade. Que eu vi o Tuca dando aula de violão, tocando violão, aquele negro Tuta, o Deto [?] que chegava na galeria do Beto. E aí eu peguei, eu já tava, eu tinha, ganhei, ganhei um violão dum artista, comprei. Um artista vendeu o violão pra mim, chamado Geraldo. Aí eu comprei o meu *primeiro* violão.
		14'18''	Aí o Tuca me ensinou. Ele disse, "ó, o que eu ensino *num mês* eu vou ensinar pra ti hoje. Só que na aula eu sou obrigado a demorar um mês, senão não ganho dinheiro. Então pra ti eu vou ensinar agora, hoje. Isso aqui ó, pronto, agora vai dormir, vai fazer isso aqui, só amanhã tu fala comigo, só daqui a quatro dias". Aí eu peguei, tocava, "ai, quero chamar o professor", errava. "Não, então não posso chamar ainda", eu tinha que tá... fazer as posição certinha e tocar bem que nem Rock and Roll, bá, bá. Faço [incompreensível] de trás pra frente, então aquelas três posição eu peguei, "ô Tuca, eu peguei três, quero mais". "Então tá, vou te dar

[3] Artista plástico.

			mais duas”.
		14’50’’	“Olha não dou pra ninguém, isso aí era mais três meses de aula”. Tuca, né, sempre me... valorizando né, supervalorizando ele mesmo. O Tuca. Ai.
14’59’’	Quando é que surgiu a primeira composição, assim, quando é que tu fez?	15’02’’	Aí daí um dia fiz, eu fiz uma composição que eu tinha muito amigo e eu fiz: “Como é bom ser amigo, como é bom... ah pá, eu canto”... Aí fiz uma música do *amigo*, que o [Luiz Paulo] Peixoto pedia pra *repetir*, o Beto, “ai, toca pra nós”... só que eu já *esqueci* essa letra! Aí eu já... gostava de inventar.
		15’19’’	[Influência da música internacional:] E nessa época era uma época muito difícil, que era 99% música só internacional. Era *proibido*, era cafona ouvir música brasileira.
15’27’’	O que que se ouvia?	15’28’’	...e se alguém criava... tudo música internacional.
15’30’’	Rock?	15’31’’	*Ah*, tudo que tu podia imaginar! É, Supertramp, o Rock, Led Zeppelin, Deep Purple, depende da casa que que tá! O outro lá tá no Sertanejo, porque tinha o Sertanejo brigando com o Rock and Roll. Não era um estilo. *Bem* Sertanejo, cafona, aquele da madrugada, “e agora, senhoras e senhores”, aquela música que *chorava,* eu... *detestava* aquilo!
15’49’’	Música Romântica...	15’50’’	Eu *odiava*, quando ouvia uma Música Sertaneja eu *ria*, eu mudava de rádio, eu não conseguia *nem* pela hora do Brasil! Hoje eu escuto uma Música Sertaneja, [batendo na mesa acentuando as palavras grifadas:] hoje eu *toco* no violão, hoje eu *gosto* da Música Sertaneja, Sertanejo ele evoluiu, *Sertanejo*-Rock and Roll, é o *Sertanejo* Universitário, *Sertanejo*-Reggae, *Sertanejo*, tá tudo uma mistura *pode tudo*! Virar de cabeça pra baixo, tirar um suco, fazer... os cara reviraram com a música! Então, é...
16’13’’	Mas tu é chamado de roqueiro, né?	16’15’’	... e aí eu comecei ser, pra mim eu era *roqueiro,* eu comecei tocando... com violão pulando fogueira! Fui correndo comprar minha guitarra, e comecei a tocar guitarra, fazia a pessoa abrir mato, pra entrar pra ver tocar com meu amigo

			batendo tambor, fazendo escândalo... *berrando* que nem um louco, eu não cantava, eu *berrava*! Pois é, eu sabia, não tive aula de nada, *autodidata.* [silêncio]
16’34’’	E nesse momento...	16’35’’	Então eu não sabia, ninguém me disse nada, ninguém parou, ninguém me deu conselho, eu fui um cara grotesco, assim grosseiro. Até hoje as pessoas dizem pra mim, eu fui ter aula com o Wagner Figura[4], “*não*, tu não pode ter aula”!
			[A ideia de autenticidade e originalidade como um “desconectado” (Canclini):] Pessoas têm medo de aula pra mim porque eu já sou, porque me viram na TV, que eu já tô pronto, “ai, tu não pode nem ter internet que ai, tu vai te estragar”, as pessoas não querem que eu mude um passo pro lado. Aí eu fiquei essa pessoa assim, vamos dizer! [risos]
		16’57’’	Isso é mentira, né, porque eu podia mudar toda hora, mas eu digo assim, as pessoas querem que seja feliz como eu sou! [Questiona a leitura que a sociedade faz do artista profissional:] Então não é assim. Que o artista não envelhece... eu fui no médico, “não, pra que que tu quer, ó rapaz”!
17’07’’	Ah!	17’08’’	“Olha só, tu é artista, meu! Olha a saúde que tu tem”! “Peraí, doutor, os artistas são os primeiros que morrem”! Então parece que o artista, “ai, que eu sou anjo”, “ai, que eu não tenho sexo”... “ah, porque o Valdir”, não, eu não sou *santo*, assim. A gente vê os artistas brigando por isso, né? Pô, não, eu sou *normal*! Faz aquilo... mas chega um momento assim que eu acho tão lindo, Floripa te amar, ou as pessoas vir dizer “como você tá bem”, “você passa tudo otimismo”, “a tua arte é linda”... aquilo, mas às vezes a gente sempre acha que vai chegar um dia ali você não tá mais naquilo.
17’35’’	Uhum.	17’36’’	Você já tem *superar* que era aquilo, e você pensa que tá bonito com a pandorga é a arte mais linda do mundo, e você já tá na hora de fazer uma coisa simples, diferente, você às vezes tá na mesma tecla, então é... tão difícil...

[4] Referindo-se ao Wagner Segura, músico e professor da cidade de Florianópolis.

		17’48’’	[incentivar a arte e o/a artista] Mas eu me lembro que o violão era assim, eu respeitava muito quem tocava. E respeito até hoje. Não sou aquela pessoa chata, que o cara que não fizer uma arte super bonita, que ele não está *dentro* daquilo, que ele não é um artista, não, eu sou *incentivador*. Então eu acho que uma pessoa que tem que dar um *traço reto* no papel ela merece respeito. Porque ela... então eu acho assim, que temos que respeitar... a habilidade de cada um tem que ser respeitada. *Reconhecer* os grandes e as grandes habilidades, claro! Como Franklin Cascaes, como Rodrigo de Haro, Vera Sabino, as grandes expressões. Mas pera aí, e os incentivadores novos? As crianças, que pintam, como a Reti faz isso, aquela holandesa. Então nós temos que valorizar. Decerto tem mais perguntas, né, eu tô falando muito...
18’34’’	Não, tu fala e eu vou puxando. É... tá, mas tu tocava assim, esse teu violão ali, na casa do Beto, e tal, quando é que surgiu a ideia de... tocar com uma banda ou se apresentar mesmo? Num evento?	18’49’’	*Eu pra mim foi assim*, eu tocava violão lá no Beto, o Peixoto, não sei o que, em casa, no corredor, não sei o que, escondido na cozinha, o violão, assim só pra, aquela coisa. Aí um dia veio uma mulher aqui da Barra que tem bar e convida eu para tocar no bar dela. Eu falei, “pô, eu só sei a minha letra”! Aí, “não eu, eu vou fazer todo mundo te respeitar e vou chegar lá”. Quando o primeiro pediu pra ficar Roberto Carlos a mulher já caiu em cima do cara. “Só vai tocar só a música dele, o que ele quer e acabou”. E eu ali já pegou, aí o cara queria que eu tocasse Roberto Carlos, no *primeiro* dia que eu fui tocar no bar, “por que que eu já não sabia tocar um Roberto Carlos”? O cara tava me cobrando, era só *cover* nessa época. Então já foi cobrado na mesma hora. Daqui a pouco entrou a *segunda* pessoa no bar, “por *que* que tu não tocas aquela que tá ali?” Então as pessoas *não*, elas, os pais não deixam o filho *criar*, porque artista é aquele que tá lá na *mídia*. Então se o filho dele não tá, pra que que ele tá querendo ser, nascer, brotar alguma coisa. Então tem que *arregar* o meu filho eu tenho que arregar as ideias, eu tenho que *acreditar* em todo mundo. Se eu não der uma chance a pessoa não vai se desenvolver. Então me lembro que nesse bar... foi uma alegria *tão grande*, depois eu comecei para outros bares, comecei para outros bares, comecei a...
19’56’’	Violão e voz?	19’57’’	Sim, violão e voz. Depois eu peguei coragem, e aquilo *lá*, e já chegava em casa

			já iam me levar de moto e me traziam, me davam uma *janta*, daqui a pouco eu comecei a ganhar um *almoço*, daqui a pouco eu disse que não ia mais então já dava, o cara já dava uma beirada[5] para mim, daqui a pouco eu disse, “ai ai ai”, daqui a pouco eu peguei... aí teve uma banda de Ingleses[6] que vai fazer uma festa aqui na Barra, bandinha, com violão e dois tambor!
		20’19’’	[A banda dos Ingleses] Aí, invés de eu ia ficar no som mecânico, me abracei os guri, só dançava se fosse tocado por eles, só dei atenção pra eles, se *apaixonaram* por mim. “Não queres trocar com nós, *por favor* nós precisamos de ti nos Ingleses”, eu falei, “ô cara, é longe eu moro na Barra da Lagoa”, me uni ao pessoal dos Ingleses.
		20’34’’	Mas eu levei tão sério, tão sério, tão sério, que pra mim foi um convite, assim, como é que eu digo pra ti, nós ali se unir no Maia! Pois era trovoada, tinha que pegar ônibus, eu tinha que dormir nos Ingleses numa caixa no chão, não... fazia a minha cama ali que o guri tinha naquela casa, os Ingleses era, duas casinhas nos Ingleses. Areia na beira da praia, o barulho do mar, eu dormindo ali, eu saia, “ahhhh”, aquele [incompreensível] só tinha um supermercado no lugar. E os cara *tudo amigo meu*, começaram a dar letra, nós começamos a se apresentar, no *Instituto*, começamos a cantar já em *Floripa*, a Fundação Franklin Cascaes, o Valdir Agostinho já tava chegando lá porque já era... já tinha desfilado carnaval, já tava na galeria do Beto, comecei a levar os meninos dos Ingleses pra rua!
		21’15’’	[A dificuldade de manter a banda] Um se tornou bombeiro, o outro se tornou dono de supermercado, depois eles caíram fora, casaram. Porque arte não se cria em Floripa. Os guri precisam casar, precisam ter uma vida normal! Só o Valdir Agostinho que pode seguir normal, sendo artista e fazendo o que ele quer, é um valente! Que Floripa não se cria esse tipo de artista.
		21’32’’	[Os artistas e suas relações com o Estado] E, quando chega mais velho, com a

[5] O que vem a ser “beirada”? Uma participação no cachê?
[6] Praia situada na região Nordeste da Ilha de Santa Catarina.

			minha idade, se se criou, ele tem que *rapidinho* bater na porta do governo, pegar um emprego. Aonde tu fica a cabeça aniquilada, não ajuda mais artista nenhum, não acredita, fica desacreditado da arte. Porque tu tá lá dentro do CIC, trabalhando, tu tá fazendo...tu trocou pela tua arte. É um *perigo* muito grave. O único que não sofreu no CIC foi o [Eduardo] Paredes[7]! Que não sofreu, eu não sei dizer o nome dessa síndrome, que você sofre uma síndrome grave, todos que trabalham no CIC.
22’01’’	Que horror!	22’02’’	De Marcelo Muniz a não sei quem, fica com o “tum tum”, com o bate estaca na cabeça, fica um negócio assim, governo, ordem, eu aqui, lá fora é outra história. O artista de fora é outro, mesmo que não note que o Ivan [?] olhe pra ti, ele vai lhe olhar com outro olho para ti. Ele é uma *autoridade*, ele tá ali, ele é uma coisa e você tá lá, coisa e tal, claro, você é formado, você tem outra coisa, coisa e tal. Mas eu digo, os artistas no geral, que chegam ali, ele pode olhar com outros olhos. Porque ele é uma autoridade, ele tá ali, então muito pouca coisa ele vai se interessar em fazer porque ele tem que salvaguardar o salário dele. Que a arte dele *pouco* funciona também, ele tem uma puta de uma arma. E ele tentou e fez de todas as formas, até de se *impor*, de dizer nós estamos aqui e tá acabado. Por menina para dançar e nesse palco nosso aqui não entra ninguém. Já fizeram de tudo, radical, de toda a coisa aqui... fora de até de humildade. Cristaldo[8] e tudo, tô aqui, [incompreensível] prum monte de coisa, mas são bons, são feras.
		23’51’’	Enfim, com o Marcelo Muniz pra mim, que o Nani Lobo criticava, “não, porque eu não acho que é um bom arranjador”, Marcelo é um *puta* de um arranjador, o Boi-de-Mamão que ele fez lá em Santo Antônio... mas aí ele, a mulher, morreu a filha, não tive estrutura *espiritual*. Que quando eu achava com ele, “amigo, esse negócio teu aí tem cura. Tá faltando aqui dentro, ó, uma luz, tu encher isso aqui, entregar a tua filha”, “nossa, a minha filha... subiu no segundo andar”, tá na hora de, ah, de ter [incompreensível] aqui é apego, coisa e tal, alguém, e a filha, não

[7] Cineasta.
[8] Um dos músicos integrantes do Grupo Engenho.

			sei o quê, apego, sim, apego a tua filha, tás cuidando, mas não é tua, é de Deus! Peraí, “ah não, mas ela partiu” [incompreensível] coisa e tal, tem um apego, até um... até um pedaço, mas o outro, assim, tem, claro...
23’29’’	Ele sofreu muito...	23’30’’	... ela é criança, tua filha. Eu digo, depois, assim, mas ele sofreu muito pela perda daquela filha. Porque dizem que é acostumado os filhos enterrarem os pais, não os pais enterrarem os filhos.
23’39’’	É...	23’40’’	Então a gente, eu não posso...
23’41’’	Também não tá entre a gente mais.	23’42’’	É, eu não posso julgar isso aí.
23’44’’	Já se foi, o Marcelo.	23’45’’	Mas assim, que eu pudesse, se eu pudesse ter dado uma ajuda, eu dava. Assim... mas, tudo bem.
23’50’’	Tu tocou num nome muito forte agora...	23’52’’	Então é, toquei num nome forte aqui na ilha, que é o Marcelo Muniz, falei até do CIC, que não podia ser assim, porque eu acho que a parte do governo, eu também gosto, eu sempre trabalhei com eles. Volta e meia eu tava no CIC, volta e meia eu tava na parte governamental, e sempre tiveram carinho por mim. Entendesse, até proposta para trabalhar na Fundação *fizeram* pra mim!
24’10’’	Sim.	24’11’’	Sou um cara que se eu quisesse tá no CIC eu estaria. Lá, sei lá quando, que eu tivesse pego um emprego, ali tava [incompreensível: parece ser Harry Laus[9]], os amigo meu, quem me deu prêmio. Pô, impossível que alguém não botava eu numa sala daquela, hoje eu não tava recebendo pelo governo? E o salário, aposentado ou isso e aquilo. Só que a minha *arte*, eu cheguei a fechar minha empresa. Quando eu lutei pela minha arte, por essas belas pandorgas que eu tenho, que eu sabia que eu ia ser premiado, eu fechei minha *empresa* na cidade. Mandei as Madame *tudo*, uma clientela *maravilhosa* e eu *abandonei* pela minha

[9] Harry Laus, nascido em Tijucas (1922) e falecido em Florianópolis (1992), foi um crítico de arte e escritor, cf. Wikipédia (https://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Laus). Irmão de Ruth Laus, escritora crítica de arte (Tijucas, 1920-2007), cf. Indicador catarinense das artes plásticas.

			arte. Que eu deixei ganhar um dinheiro *garantido* para *honrar* com o meu talento. Isso eu não sei ser visto, se *eu* vejo isso, sabe? Se eu revejo, se eu digo assim, como eu falei a semana passada assim, ó, “pô cara, pera aí, a minha arte, fiz essas casas, hoje nem arte eu posso fazer”. Porque que falta um incentivo, chegar um Portobelo aqui, “ó eu vim aqui, eu tô com 200.000 reais”. Para *tudo*! Eu fui lá, limpo meu caminho, “não te pagando aqui 50 conto, uma merreca, vai lá, lá no meu caminho”. Pô, “ó Carlo”, que nem quando o Prêmio Fiat, Carlinho[10] cozinhou pra mim. Eu chamei um cara pra cozinhar pra mim sete meses! Não queria saber de lavar prato nem louça, eu ia fazer pandorgas maravilhosas grandes e lindas! Eu enchi o *CIC*!
25’14’’	Prêmio Fiat?	25’15’’	Eu ganhei o prêmio *Fiat*! Três salários em três vezes! No... Plano Collor! Todo mundo sem dinheiro, o Sérgio tem, falou, “qual é o cara mais rico do Brasil no momento? Valdir Agostinho”. Porque eu ganhando três parcelas da Fiat, bem altas, um prêmio bem grande, e ainda... a seleção é três pessoas pela região sul. Um do, um... artista do Paraná, um de Santa Catarina, iam três cada região. Escolhe três pessoas por região. Então tira três cidades ou quatro, vamos supor, numa região de São Paulo tem quatro, cinco cidades, sai três artistas só. Se tem dez cidades, o problema é se têm dez cidades, sai três artistas, cada região. Então a região sul, região norte, centro-oeste tem quatro, cinco regiões no Brasil.
		25’57’’	É por *região*. Então três pessoas, pô, que prêmio louco. A Fiat queria que eu fosse pra São Paulo, “olha só onde é que tu vai expor! Olha na [revista] *Veja*! É *ali* que eu vou te botar, naquela galeria”, e eu com medo. Não tem produção, não tem produtor, Laércio [Luiz][11] me ajudando, correndo atrás de mim. [Incompreensível] não é assim, cara, se eu tenho produção, me manda pra São Paulo eu já tava em Paris. Tava em Paris! Então quer dizer, tudo é uma coisa, você tem que correr para as vitrines. Então Floripa você vai *ficando*, você diz, “pô, a minha raiz é aqui, vou cuidar da minha casinha, você vai perdendo o seu

[10] Seria o mesmo do restaurante homônimo no Canto da Lagoa?
[11] Artista plástico.

			incentivo, a sua arte. Então você tem que *rapidinho* rever o que que você vai fazer, qual é o escândalo, eu vou chamar atenção, se eu vou agora bordar prancha, se eu vou fazer uma grande exposição, tem que saber se eu vou pra China, faço a minha pandorga, tem vários projetos aí! Como é que eu sento o presépio de novo, como é que eu vou dar aula pras crianças, como é que eu abro o meu museu para receber ônibus e ônibus e ônibus, não faço mais nada também... Pra ir colégio agora, dar palestra se alguém me chamar na universidade, quanto eu cobro... que o cara que eu, porque tem uns que chamam eu, "*não*, a gente quer que tu vem aqui mas não tem cachê". Não, peraí, se quer eu é sério! Porque eu tenho uma coisa pra falar eu posso cobrar. Então é...
27'00''	E essa molduraria aí tu não quis manter, então? Como é que tu abriu ela? Conta essa história pra nós.	27'04''	A molduraria é porque eu tava na cidade, trabalhava com o Beto Stodieck, que se tratava de *galeria*. Galeria exije *moldura.* Então eu convivi com isso o tempo inteiro, um quadro bem moldurado, qual era a melhor moldura! Meu avô era *marceneiro*. Então para aquilo foi um gancho que, quando Max Moura, fechou galeria, foi a *falência*, e o Max Moura[12] tinha uma molduraria, "ó, vamos passar o Valdir pro Max Moura"! O Max Moura tinha uma molduraria *mais luxuosa de Florianópolis*, a mais artesanal eu chego lá, têm dois moldureiros...
27'32''	Ele trabalhava pro Beto também e a galeria do Beto fechou?		*Ele dispensou*, a galeria do Beto não tinha molduraria. Ele fazia as molduras do Beto, ou dos artistas, ganhava muito bem porque tem que emoldurar *vinte* quadros numa exposição, ele ganhava uma, um [incompreensível] então ele não fazia, o Max Moura só dirigia, como diretor da molduraria. Com mapoteca *gigante*, para guardar os quadros, as telas, depósito, uma molduraria na [Rua] Padre Roma que só dava *madame*! Tinha que tá de *salto alto*, não era pobre, não entrava na molduraria.
28'01''	E tu foi trabalhar com ele.	28'02''	Eu fui trabalhar com ele, tinha dois funcionários, ficou só eu! Depois eu substituí todos, e era um baita trabalhador, os quadros empacotados, o Max *chorou* quando eu saí. Aí fui sair pra abrir a minha. Mas o Max chorou tanto...

[12] Artista plástico e um dos frequentadores da galeria Studio A-2.

28’13’’	E nisso tu morava no centro, ainda?		... o Max chorou *tanto*, o Max chorou na *íntegra*. De perdeu o Valdir Agostinho, ele *dobrou* o meu salário, “eu *dobro*, eu pago o que tu quer, mas não quero...” “Max, não me leva a mal. Farei de *tudo* que tu precisar, mas eu vou..., eu vou me associar o teu irmão”, fui me associar ao irmão do Max. E o irmão do Max ficou louco, e me pegou e queria acabar com o irmão, a mesma coisa, depois já fui saber que eles tinham até rixa. Aí depois eu deixei esse Alan e abri a minha própria molduraria. O Alan não conseguiu continuar sem eu. Porque a escola do Alan era, era eu que hora o grande moldureiro e o Alan continuou mas, virou um comercial, queria ganhar dinheiro e moldura não era isso. A moldura é tratar bem uma Madame, e botar tudo teu amor em cima, e o dinheiro é consequência disso. Aí depois tu podes cobrar *bem* cobrado.
		28’58’’	Agora se tu já chega com intenções do dinheiro, sem ser um bom moldureiro, não adianta que não funciona. Eu não, eu cheguei em um bom valor porque eu comecei de baixo. Comecei a fazer moldurinha pra *pescador*, pessoal da Barra ia comprar, a primeira moldura minha. As mulheres da [Rua] Conselheiro Mafra compravam a minha moldura, depois ninguém, não podia entrar mais. Depois ficou só *Beira-Mar*. Só gente mesmo quem tinha *empresa* [bate na mesa], chegava com um quadro da Europa e eu podia pedir o que eu quisesse. Eu tava...
29’23’’	O que que fez tu voltar pra barra? Tu tava lá no Centro, fazendo moldura...	29’26’’	Aí quando é outro um dia eles queriam a casa, queriam a casa, aí eu já tava meio assim, em 95 eu falei pra mim, eu falei, “poxa, por que que eu não vou fazer arte? Todo mundo pedindo moldura, o meu tempo não dá pra mais nada. Poxa vida. Como é que o meu tempo”, aí comecei a reclamar. E tinham umas pessoas que não gostavam mais de mim, eu ouvia dizer, “ô cara, fecha essa coisa aí, e vai, pra, pra Barra, tens casa, tens terreno”. Eu já tinha uma casa aqui, tinha um terreno. Aí eu falei assim, “puta”, quando... um dia eu ganhei um desaforo, eu falei, “não, agora chegou. Agora eu não reclamo mais. Agora eu tenho que decidir *se eu quero ou não* [acentuando as palavras com batidas na mesa]. Quando eles quiseram, que precisava vender a casa, que iam fazer prédio, e a dona da casa perguntou se era difícil ou era fácil, eu falei “eu sou o cara mais

			fácil do mundo, eu saio *agora*". E ali pra mim foi um *gol*, porque eu tava amarrado, no dinheiro, a sociedade, a burguesia em cima de mim, agora a mulher *pediu* a casa, pô, tava como eu queria. Aí eu me mandei pra Barra da Lagoa, virou um cara de *férias*, né?
30'20''	E como é que era o nome da, da tua...	30'21''	Cheguei na Barra da Lagoa com uma mão atrás outra na frente, modo de dizer, com muito dinheiro no banco, com uma boa poupança...
30'25''	Que essa tua, a... tua loja devia ser famosa, né?	30'25''	... com uma boa poupança, tinha dinheiro, a minha loja era famosa, pessoas da cidade vinham aqui atrás de mim, abrir mato, na época que era estrada, que ainda era... que a Barra da Lagoa não tinha essa fama toda. Pessoal veio atrás de mim correndo "e agora, o que que eu faço da minha vida? Quem vai fazer a minha moldura?" "Ô rapaz, tá cheio em Floripa", "*não*! Ai, dá um jeito"! Olha que tinha gente que vinha chorar aqui. Não foi só o Max que chorou quando eu saí da molduraria dele, inventei a minha, Max apoiou... fui honesto com o Max...
30'52''	Tinha nome, a tua loja?	30'52''	A minha loja tinha, *Garapuvu* Molduras.
30'56''	Garapuvu Molduras...	30'56''	Garapuvu. Então foi um *sucesso*. Tinha quadro na parede, miniquadro, já tinha arte famosa, que os artistas vinham, doavam o quadro pra mim, Hassis, Martinho de Haro, parece mentira, eu conseguia quadros famosos. E o moldureiro, uma vez eu ouvi falar até na França, todo moldureiro tem uma história muito grande com o artista.
31'15''	Claro. É uma arte, né.	31'16''	Que os artistas vão emoldurar e diz, "*nossa*, como ficou lindo o meu quadro, que tratamento", o quadro do cara acende, é, *100 vezes* mais do que é. O *valor* que tá na moldura. Aí quando era com carinho, que tu fica alisando com pano, que a madame vê, fechado com papel, com etiqueta. Aí é um show, né?
31'34''	Show.	31'35''	Aí é um show.
		31'37''	Então eu fazia moldura, eu acho que eu não devia perder. Que hoje em dia, assim ó, se eu quero dinheiro, lá embaixo eu monto uma molduraria dessa, eu

			ganho *muito* dinheiro. Porque é uma arte que eu sei fazer, e *todo mundo* precisa de moldura.
31’49	Mas naquele momento, tu não quis mais,		E aí já abre uma galeria...
31’52’’	tu encheu o saco...		Não, no momento eu não quis mais.
		31’53’’	Não quis mais, eu toco *violão*, vou tirar o meu sono de tarde, vou fazer arte, uma exposição, cuidar das minhas casinhas... Mas só que eu quero voltar vou fazer *arte*. Não quero essa área de conforto. [O efeito da entrevista no entrevistado]: Porque *aquilo* lá atrás, agora, na tua entrevista, que tá vindo inspiração, porque a cada uma entrevista é uma obra de arte! Entrevista não é uma coisa assim que eu tô falando, te respondendo, você inspira, você volta no tempo...
32’12’’	Sim, sim...	32’13’’	Você se conecta, você se conecta com, você tá falando uma coisa que é real, você vai buscar *dentro* de você. As colocação. [“horizontes de expectativa”] Então *mais* uma vez tu me fez pensar que eu tô num período assim de novo! E agora, pra onde é que eu vou? Que agora eu me ajuntei com três, quatro, cinco casas, tá. Alisa as casas, agora. Cuida do furacão, do não sei o quê, do tsunami, [incompreensível] o vento, bateu o vento sul, derrubou duas telhas e vai. Aí *varre* o caminho, não sei o quê. Porque tem palha. *Deixa* as palhas agora um pouco, então eu tenho que... é, *organizar* a minha vida! Qual é o dia que eu vou fazer pandorga? Qual é o dia que eu vou cantar? Qual é o *dia* que eu vou, *olha*, tá difícil, agora.
32’50’’	É.	32’52’’	[Preocupação com deixar um legado] Porque o que que eu quero fazer, o que eu quero deixar? Os meus projetos, vão se... eu tenho poucos anos de vida, modo de dizer. Para *muita* ideia e muito projeto. Então o *que* que eu vou simplificar? O *que* que eu tenho que começar a jogar fora, já, limpar a área? O que eu tenho *já* que determinar? Então eu já tenho que ir, eu já tô... *repensando*, nós temos *toda hora* nós temos que repensar. Que caiu outra *casca* agora. Então eu tô saindo de casca de novo.

		33’15’’	Porque vem as idades. Então você tá mudando de casca de novo. Então o cara muda de território? Eu vou para outro lugar, eu mudo de casa? Eu... faço uma viagem? Eu... o que que eu tenho que fazer para melhorar, como ser, como tudo, como é que eu cuido da minha alma? Porque tem um todo, não adianta só eu vir agora pra matéria, “aqui ó, me organizei, tô pronto para morrer”, não! Porque é um todo, você tem o [incompreensível] da alma ao [incompreensível]. Então, primeiro lugar eu tinha que botar tudo essas coisas em prática. Então *é* uma preparação. Então o *que* que eu faço agora, tão me chamando em Porto Alegre, eu vou pra Porto Alegre? Tão me chamando pra China, eu vou pra China? O *que* que eu decido?
		33’52’’	Quem é que me ajuda aqui pra frente, é uma equipe, é uma associação? É eu, sozinho, decidindo as coisas? *Quem* vai me incentivar? Quem vai me incentivar?
34’00’’	O artista sozinho é muito difícil, né?	34’02’’	Entende, em *que* que vai me incentivar? Eu tô me importando com o presépio, eu consigo pensar em *todas* as coisas, simultaneamente? Nós estamos numa fase boa de financeiro, tem uma empresa que abraçou o Valdir Agostinho? Que o Valdir Agostinho tem uma ideia grande, o Valdir Agostinho é uma pessoa que é pra receber *diploma* na universidade, por, pelo *saber*. Entende, pode ser que eu não consiga, mas a Lu[13] falou “ai, descobri que tu sabe muita coisa”, então [tem] um diploma na universidade que é de saber.
34’26’’	Notório saber, é...		Então você chega lá, senta na cadeira, o cara começa a perguntar pra você, se prova as coisas, tem que provar. “Puta, mas tu deu esses nós aqui”, “e tu amarrou essa moldura de bambu”, uma coisa. “Puta, como é que canta essa música, não, faz essa pandorga”, e vai, vai, vai, vai. Tem um *item* de coisas. “Puta, mas o cara sabe muitcha coisa, a cura para tal coisa! Pô, o cara saber, se forma, o cara tem que dar um canudo pra mim. Eu posso me formar, a Lu falou. Eu não sei se, pra mim até interessante, essa, nossa, imagina se eu tenho um diploma desses, do saber!

[13] É provável que esteja se referindo a uma amiga, a atriz e preparadora corporal Luciana Cesconetto.

34’53’’	É.	34’54’’	De tantas coisas que eu sei...
34’55’’	Notório saber, é.	34’56’’	Então quer dizer, eu tô quase ali! Eu faço uma poesia, eu faço comida, eu posso apresentar, eu posso fazer uma... tem um monte de coisa.
35’03’’	Em artes visuais, certamente.	35’04’’	Agora, eu acho que... não é o caso. O caso é que eu fui para a cidade porque eu apostava na arte, eu não apostava como mais um que tinha que pescar, tirar peixe, casar, fazer aquilo, entende? Então eu fui por outro caminho. E não me *arrependo*. Como é que essa arte me deu isso? Aí quando eu fiz a primeira viagem a Porto Alegre, foi o lugar mais longe da minha vida, eu falei assim ó, “um *dia*, será que não pega um navio não vou prum país desses que dizem que lá fora, que tem não sei o quê. Que lá fora tem os Estados Unidos... não, isso não vai acontecer comigo. Olha eu! Menino franzino! Que tô aqui em Porto Alegre... se não vou, não vou pra, mas *parece* que eu tô vendo assim, num navio, eu indo prum lugar”... pô, de avião, não pensar! Embarcar num avião, mas vamos supor, de navio, eu indo prum lugar, não me diz, chegar lá, olha que longe. Agora, um amigo meu de Porto Alegre, “ó, tô indo pra Europa, tô arrumando as minhas coisas”... caramba! Então a gente cria um *grilo*, né? Hoje, pra ir pra China, eu posso ir sozinho! Daqui a pouco eu tenho coragem, não que eu...
35’59’’	E tu morou a vida inteira Florianópolis, ou chegasse, a chegar a morar, nunca pensou em morar fora, São Paulo, Rio?	36’03’’	*Não*. Não, não. Mas eu me apaixonava quando eu ia em São Paulo, ficava na casa do meu irmão, lá, que casou com uma japonesa, ficava um mês inteiro!
36’09’’	Viajava mas voltava.	36’10’’	Eu me *apaixonava* pelos prédios, eu apaixonava, mas tinha *medo*. “Ó, tens que ir na Fiat, tens que ir ali”, eu tinha medo de São, de paulista, porque lá, nessa época, já tinha, já era perigoso, tinha que se cuidar, todo mundo agiotice, a coisa e tá, e o menino franzino aqui da Ilha, qualquer um passar um mel e enganava. Então, eu *morria de medo* [acentuando as palavras batendo na mesa] de São Paulo. Então... por isso que eu não fiquei em São Paulo. E uma raiz *forte* em

			Floripa!
36’31’’	É, né?	36’32’’	Aquele cara que adora o biju, que adora o engenho, que adora a dona Maria, adora a tia Adriana, adora a coisa, tá lá e sonha a *noite inteira* com isso aqui! Que o meu *umbigo* tá preso aqui!
36’40’’	Podia ter ficado nos Estados Unidos, né?	36’41’’	Meu *Deus*! A, a...
36’43’’	Aquela vez...	36’44’’	... cineasta dá, de Londres já tinha me achado, já tinha botado eu que tinha os caminho para mim! Começava com faxina, pesada, 60 reais por hora, a mulher falou pra mim, “se tu ficar, tu não vai embora, não. Valdir, eu conheci várias pessoas, minha casa tem dois andares, eu sou brasileira, e eu conheci, até *pedreiro* eu recebi. O cara não tem capacidade para mais nada. Se não arrumar [trabalho de] pedreiro tem que mandar embora. E eu arrumei tudo para os cara. Agora *tu*, que eu vi tu fazer massagem, e a história que a menina tá falando ali, a tua pandorga, e tu não sei o que... tu não vai embora! Tu vai ficar na minha casa”! A mulher! A dona da casa!
		37’14’’	Fiz massagem nela...
37’15’’	Lá em Nova Iorque?	37’16’’	Como é que eu... vê se eu me interessei? Quando eu tive o pesadelo, que caiu uma bomba, eu dizia, “meu Deus, o que é que eu faço”... A Olívia, “ó, esse aqui tá apaixonado por Nova Iorque”! Aí eu pegava, ficava... “acabou a minha vida”. Depois do pesadelo, do sonho, ó com, “meu filho. Aqui não é como tu pensas, meu filho”. Quando aquela voz falou pra mim, ah!
37’33’’	Ah, sim, a gente... [referindo-se a uma entrevista realizada anteriormente]	37’34’’	“Pica a mula, vai pra tua raiz”.

37’35’’	... conversou muito sobre isso.	37’36’’	Vai pra tua raiz! [silêncio] Eu não queria tá lá, Py. Eu não queria tá lá.
37’41’’	Ah, verdade.	37’42’’	Não queria tá lá.
37’43’’	Naquele momento foi muito difícil.	37’44’’	Eu quero tá pobre aqui, agora, “mas o Valdir, ó, perdeu, tava no mundo inteiro agora”, deixa eu aqui. Deixa eu, que eu morro amanhã, não faz mal, pode enterrar, pode queimar toda a minha arte, ninguém fez nada, não tem... tô cagando pra isso. E... que legal tá desprendido, né?
37’55’’	É.	37’56’’	Que eu podia até que [incompreensível] ir agora, [inspira] é a vida, o que que que eu sou agora? Papai jogava na minha cara, “tu vai ver, tu vai ficar velho. Tu vai ver aquilo ali”, o papai já tinha inveja de mim. Ele já tinha, dizia assim, jogava as coisas pra, aquilo tudo eu já sabia! Era ele, *ele* que não teve preparação! Que dizia “pra que que eu sirvo mais para viver? Olha só”. Quando eu tiver velho eu quero me valorizar. Deixo o outro ali, tá beijando, tá transando, as coisas... não tem nada a ver, nós não temos que ter egoísmo por ninguém. Nós temos que se *amar*, valorizar no *teu* lugar. Mas o papai era um comedor. Não sei do que, que as moça, não sei o que, vaidade, a ideia dele é tem que morrer mais quando, já que era pra morrer, com 50 anos. Que dali pra trás não presta pra mais nada. Pois é, não *pode* chegar nesse nível.
		38’36’’	[a personalidade de força das mulheres na família e na comunidade] Ainda tem uma mulher que vai dizer, “ê, vai tocar lá pra sala, ô porcaria”! Não sei o quê, que a mulher depois começa a mandar no homem. Quando tu ficar de idade a tua mulher vem que vem já assim, “*ê*! Vai arrumar aquilo ali”! Ou seja, a coisa *inverte*! Se tu mandar muito nela agora.
38’48’’	Claro!	38’49’’	Mas se tu levar os dois igual, continua tudo igual!
38’50’’	É.	38’51’’	Mas se tu *superar* ela, aquilo ali, a vingança vem mais tarde. Ela vai se inverter e vai cobrar tudo de ti. Ela vai... desculpa. [risos]

38’56’’	Era uma criação diferente né? Era uma criação diferente.	39’00’’	Então a mãe, a mãe mandando no papai, no final, cuidando do papai, era o homem da casa era a mãe! Pô, eu cuidando do papai, [dizia] que o papai era um homem ruim comigo, papai era a coisa mais querida! E a mãe, “*ô seu boca mole*, cuida do teu pai aí”! “Ô mãe, a mãe tá me chamando de boca mole, mãe”. A mãe tudo assim pra mim[14].
39’14’’	É a pressão talvez, né, de ter que assumir tudo...	39’16’’	É na pressão, é. Sim, sim, sim, sim, tá nervosa! E vê o cara ajudar o pai mas quer que seja rápido!
39’22’’	Tem a entrevista da Claudinha Bar... Zininho com o teu pai.	39’24’’	Ai, o Elói tá lá sozinho, meu Deus![15]
39’26’’	Quer se dar uma pausa?	39’27’’	*Não*! Como tu quiser, que *legal*, né? Como tu me *inspirasse*. Tu me inspirasse que essas, eu tive várias fases.
39’34’’	Pô, é verdade.	39’35’’	Repensar na minha vida. “Não, tem que parar com a molduraria, assim, não é o dinheiro”! Fui pra arte, *prêmio Fiat*, *não sei o que* na arte, *prêmio de música*... quando eu fechei a minha loja, quantas portas abriram pra mim? Quanto *espírito* da luz aí, aqui falando comigo, e “vai, vai viajar. Vais pra França”. *Hoje* eu tenho que ser um cara que tenho que agradecer a Deus. Porque assim ó, pô Valdir, mas olha só, eu, pô, o Janga quer arte na galeria, não tenho. A mulher quer lá na cidade, eu não tenho. *Culpa* é minha. Aí fui lá na Rosa [?], fui pra São Paulo, queria minha pandorga, não *fiz*, a culpa é minha. Várias pessoas encomendaram pandorga, então se eu não ganho dinheiro porque é de burro! Porque o caminho tá *aberto* para mim. Então tava aberto. Todas pandorgas que eu fiz eu vendi, todas as miniaturas, todas as coisas, então eu tenho que ser *grato* a Deus. E *só ter ganhado o prêmio*, e ter ido pra França e pra Itália, porque eu faço pandorga e faço música, é BBC de Londres me filmar,

[14] Este trecho me lembrou as personagens representadas pelo grupo *Dezarranjo Ilhéu*, no caso, a mãe, bem “braba”, e o menino, manhoso e reclamando da rudeza da mãe.
[15] Nesse dia, Valdir Agostinho estava trabalhando numa obra encomendada para um evento numa festa, sendo auxiliado por um de seus “discípulos”, o Elói.

40’20’’	Argentina...		eu tenho que me sentir consagrado, cara.
40’21’’	Estados Unidos...		Desculpa. Eu tenho que não falar pra ninguém, porque as pessoas não gostam e não se vangloriar. Mas dentro do meu íntimo vou dizer, “Deus, obrigado por que aconteceu comigo”. Se quisesse interromper, não me dar-me nada daqui pra frente, *mas eu tenho que morrer feliz* [acentuando cada palavra batendo na mesa]. Porque *pera aí*, eu fui pra França, fiz não sei que, ganhei o prêmio Fiat... pera aí, não, “mas olha só, o cara olha lá, acabou de ganhar um prêmio”, agora aí eu sou um olho grande, e vou ficar *amarrado*! Porque eu tô de olho nos outros, não, tem que agradecer o que *aconteceu* comigo.
		40’46’’	Eu me lembro cada coisa que aconteceu comigo, [incompreensível] assim, “Senhor, eu queria te agradecer, se não acontecer *mais nada* eu já estou satisfeito”. “Nossa, como é que eu tô ganhando essa bolada”! Depois aquilo ali passa, tu diz, “pô, olha só, eu aqui”, nós somos ingratos!
40’57’’	É verdade.	40’58’’	[Risos] Então nós temos que ser gratos e não esquecer aqueles detalhes, aquele ali, o quanto fez por mim? Às vezes eu tô ali, quero encrencar com ele, que às vezes tem aquela divergência de ideia, o cara teima em cima de uma coisa, é só tu escutar, e deixar que aquilo ali passe.
41’10’’	Passa.	41’11’’	E às vezes até o cara tá certo, é tu que quer dar uma de chefe, ou coisa, então tem que tomar cuidado às vezes. Deixa aí, e o cara também tem liberdade comigo. De falar qualquer coisa, que tal... tem a liberdade. O outro não tem, ele tem. O outro vai sair dali, Valdir, “pô, o cara não me pagou hoje”, isso aí vai jogar na minha cara, “pô, ê, passa”... Tudo na brincadeira, que eu nós *temos* intimidade. Tem que entender cada coisa, né, Py?
41’28’’	Ah, claro. Claro!	41’29’’	Mas só que funciona! Então, o que que eu tenho que fazer? Não ser turrão, não ser radical. Porque se tem um turrão aqui, “oh”, eu posso arruinar, posso. Então nós temos, o manezinho tem que cuidar com o lado turrão, um lado é, falar mais pausado, respirar um pouco, às vezes a gente, a nossa cultura ela é um pouco *acelerada*. E, meia dona do espaço, às vezes, pra ouvir outra pessoa, e,

			desculpem, gente, eu sei que eu tenho isso, é... é, a coisa do açoriano, né?
		41’58’’	Mas então, a gente tem que, uma vez eu cheguei a falar para ti, que a gente já, teve até que, reconhecer até como pessoas *ignorantes*, né? O que é que eu vou fazer? Mas é, a gente já *passou* por isso, né? É criado ali *assim*, aquele *formal*, e aquela, aquele método ali que vem do avô, do pai, e continua. Com *tanta* sabedoria junto, mas ainda tem. Então, o mundo inteiro hoje a gente já tá vendo, que tá indo até... como é que eu digo, essa forma de pensamento, o preconceito ainda, coisas que tavam já adiantada tão indo pra trás... mas tem coisa assim que tão retomando às vezes, então a gente tem que cuidar com as fases, né. Mas o mundo ele apela pra trabalhar para que, a liberdade de expressão, é, o pensamento, não voltar pro... pra ditadura, não voltar para as coisas que já passou, que não *funcionou*!
42’41’’	É.	42’42’’	Tem que eliminar. Mas então, um cara na televisão, *toda hora* tem coisas maravilhosas, que a gente... coisa, outro dia chegou um cara agora muito inteligente e falou, que o preconceituoso ele é uma pessoa insegura e *covarde*. Inseguro porque, se o cara é diferente dele, ele entra em choque, porque ele tá sozinho, ele é *inseguro*! Tens que *ser* igual a ele! Não *pode* ser diferente, senão o cara vai ficar inseguro. E vai ter *toda* a insegurança, se tu tiver um desequilíbrio, ou for diferente. Ele não vai te assumir. Olha que louco! Então ele é um covarde! Olha só que louco, ele é inseguro e covarde. O cara falou, explicou. Então todo o preconceituoso tem que saber disso, agora. Que louco, né?
43’22’’	É.	42’23’’	O preconceito, que covardia que é.

43’25’’	Você tá dizendo que tá revisitando assim a, o passado, que é um pouco do objetivo da entrevista, né, eu ainda lembro de alguns pontos que eu vou dizer pra ti aqui, tu pode... ficar à vontade pra, se quiser dar uma pausa, enfim...	43’40’’	Não, pode falar, qual é o outro?
43’41’’	Mas assim ó, quando é que a ecologia começou a fazer parte das tuas obras, quando é que tu começou a, a fazer coisa de lixo, a roupa de lixo, a roupa do pa... do, da Bienal, paletó de jornal... Se tem a ver com os cacos, também...		Eu primeiro comecei com jornal. Eu, primeiro que veio na minha cabeça que pra mim não era lixo. Era assim ó, porque que as pessoas são tudo igual? Os cara vem tudo de terno, as mulheres se vestem com as maiores roupas, uma diferente da outra, o homem vai lá, põe um terno, uma coisa básica... “O dia que eu usar um terno vai ser de papel”. Aí eu peguei e fiz o meu terno de jornal!
44’12’’	Tinha a ver com o papel da pandorga...	44’13’’	Eu fiquei *impressionado* , como é que eu fui pegar o jornal, fiz um terno, e aquele terno então eu usei numa festa, num evento do Beto Stodieck, daqui a pouco aquele jornal já sai na televisão, o Pe... o Cacau já fotografou na hora! Já veio produção em cima, o meu jornal já fez sucesso, comecei a cantar, lá na Festa do Pião [queria dizer “Pinhão”] foi vestido de jornal, em Lages... Então teve um monte de coisas assim, na Marília Gabriela, já botei roupa de papel, [incompreensível] e começou a vir um papel. Aquela que tu viu, com a pandorga, fiz uma roupa de papel pra receber o prêmio Fiat. E comecei a fazer roupa, fazer roupa fazer roupa.
		44’44’’	A minha avó era costureira.

44’46’’	Sim. Ah, então...		Então eu peguei do meu avô, da minha avó, do meu bisavô, do meu tataravô, do que benzia, do que curava, do coisa, eu peguei várias coisas...
44’52’’	O avô marceneiro, a vó costureira...	44’53’’	Sim! Outro que benzia, outro que tocava, Mané Agostinho violão!
44’57’’	E como é que tu resolveu fazer roupa de pacote de salgadinho?		Então é... agora quando chegou o salgadinho, que lançaram o salgadinho, que caiu na estrada, aí ali foi o meu boom. Aí ali foi...
45’07’’	Os coletes que a banda usa, aquilo tem alguns anos?	45’10’’	Aí começamos a fazer a roupa, começamos a pintar o rosto, começamos a... aí teve aquele brilho, começou a...
45’16’’	Teve a banda Fênix, né?		... acompanhei, o Ney Matogrosso se pintava, o Deep Purple não sei o que lá, o outro na Europa[16] se pintava...
45’21’’	O Kiss...	45’22’’	Aí já tinha não sei, ah, o Kiss foi depois.
45’24’’	O Kiss foi depois....	45’25’’	O Kiss foi depois, quem se pintava era só no Brasil era o *Ney*.
45’28’’	O Ney, claro.	45’29’’	E mais *alguém*, e coisa e tal, comecei a pintar a *banda*, teve um dia que não pintavam a banda, eles acharam *ruim*, que não faziam o *show nenhum* deles, eu falei, “*caramba*”! “Pensei que eles tavam se pintando porque era eu que queria”! Aí a banda *viciou*, já. Então a banda Fênix se *pintava*, começaram a tocar *guitarra*. Aí comecei a ver a musicalidade, então nós fazíamos aquele show de *música* e *muito, muito, muito* tempo, muita barulheira, muito barulho excessivo, pouco estudo na música, pra nós chegar hoje no acústico, ver que a música era uma coisa *simples*, que era uma coisa que deixava mais o artista cantar, expressar, sentimento dele, isso poderia ter sido há *muito tempo* atrás. Então o Valdir Agostinho,

[16] Quem poderia ser o outro da Europa que se pintava? Ao assistir um documentário sobre a banda Genesis, de Rock Progressivo, foi inevitável a analogia entre a descrição de Valdir Agostinho e as performances de Peter Gabriel, vocalista da banda inglesa, que se “pintava” (maquiagem) e usava figurinos específicos para os espetáculos.

		46’01’’	Então o Valdir Agostinho com aquela coisa *agressiva*, muita guitarra, muita coisa, mas *funcionava*! Fazia um *barulho* assim bacana, uma coisa, um... um... muito *preenchido*, como o show do teatro, o Joel Brito[17] tocando, com poucos ensaios, ou um ensaio dirigido pelo Guinha, mas... então muito, é... tem que colocar bem, né? Assim, as coisas, às vezes, assim, um pouquinho hoje olhando pra *trás*, assim, cara, quem é que não vê isso nos seus trabalhos, né? Não se olha pra trás, ali podia tá um pouquinho, qualquer artista! Tu vê, uma repórter, a Fátima Bernardes, já dizem “ah, não, mas lá eu queria”, todo mundo quer arrumar os detalhes lá da frente, não *pode* olhar mais. Segundo a professora de arte, a Terezinha, de voz, que deu aula pro Gazu, pra Elizah, grandes artistas nacionais, a Terezinha Goulart, ela dizia que a gente cada show tem que agradecer a Deus, foi bom, e depois olhar o que que tem de detalhe pra arrumar. Nunca sair ingrato reclamando, já. Não é bom pra pessoa.
46’50’’	E com esse tema da *ecologia*, esse negócio de sair na praia, catando lixo da praia, pra fazer uma obra...	46’54’’	Quando eu vi na praia as tampas e ver aquela cacalhada toda e não sei o que, aí eu falei “isso é *meu*”. Aí *corda* não sei que, pedaço de corda, “isso é *meu*”, comecei a catar, catar corda, catava...
47’04’’	Tu já juntava uns cacos também...	47’05’’	E aí daqui a pouco aquilo foi evoluindo, aquilo cada vez era mais, cada vez era mais, aí não *deu* mais para... aí não deu mais pra achar, então tinha *muita* coisa do lixo, aí um dia eu descobri que tinha no *lixão*! Que eu tava achando na praia era *velho*, que tava no mar, que veio da África, que tá quatro anos 10, *20* anos na beira do mar, pra lá e pra cá, aquela coisa *velha*! Que já tá no mar, assim que o peixe já... aquela ali a *irmã dela* pra tartaruga já comeu, o peixe já abocanhou, entendesse, então o mar é, aí eu pra mim eu comecei, *eu* que sou reciclador, que tenho que estar na frente!
		47’36’’	Aí cada vez tu vai ouvindo, que Bali pega a caçamba joga dentro do mar, a vida

[17] Músico (saxofonista).

			inteira. Dr. Pedrão, que cuidou de mim, veio lá de Bali agora, há cinco ano atrás! E que lá em Bali então a caçamba vem. Aí conheci um cara da França, casou com uma brasileira: “não, eu trabalhei no navio por 30 anos, não sei o que é lá, que o navio pega e tritura lá no fundo do mar, lá” e pra mim, aí me desconformou. Me desconformou.
		47’59’’	Então o homem, ele não tem mais tempo, não vai dar que o colapso é garantido. Isso aí, desculpa. O colapso pode ser, não pode ser na minha época, pode ser, mais um colapso *já está* acontecendo. Todos os mares a aquecer, e tudo que o homem criou, só isso aí não é um balanço que eu vou fazer, ecológico! Mas que o homem assim, ó, “vai dar tempo, sim nós vamos limpar”... um monte de coisa que já se esgotou! Então se estragarem a água, o homem tá com um monte de coisa aí que não tem consciência, tudo é *faraônico*, tudo é muito dinheiro. Muito charme, quer uma torneira de ouro! E aí... esqueceu da água, que que adianta ter a torneira de ouro em casa? Então, cadê os inteligentes, estudiosos, as coisa rápida, simplificar a vida, igualdade social, não! É... cria as universidades, criam que o homem tem que ser um empresário sim, cada um. Até a religião hoje em dia, você, “por *que* que não é rico e não é empresário, *como* não é”? Mas depois... depende. A Bíblia diz que nós temos que ser *ricos*, desde que nós vamos ajudar outra pessoa! Apoiar, passou disso, não é, não é um bom rico.
48’57’’	Claro.	48’58’’	Porque se o meu projeto não apoia outras pessoas, não é sustentabilidade, e eu não tô gerando... não é, não digamos que é só emprego, não é, porque eu já tô, tem que *ver* o que que é que a Bíblia tá dizendo. Mas se esse dinheiro não foi distribuído, não foi uma coisa assim, “ah, porque eu só dou o salário, que o salário o governo criou, então eu dou o sa...” e eu tô fazendo o meu bem? Eu não sei se é... se é o suficiente. Tem que, tem que ver como é que o brasileiro, como é que o mundo tá. Aí cada vez sabe mais uma coisa, “olha, o avião, se puder economizar, não pegar a passagem aérea, que você tá contribuindo com uma camada de ozônio, porque o avião gasta não sei quantas mil toneladas quando passa um avião”. Ele pega e bum! Agora é só avião, agora pra ir comprar pão na venda eu pego um avião, vou ali no aeroporto, pô! Então nós, o homem também

			tá, ele não está se *tocando*! Então o *estudo* onde é que vai?
		49’42’’	Bom, então a reciclagem, hoje pra mim eu... aprendi muitas coisas com a reciclagem.
49’47’’	Tu já tava morando aqui na época?	49’48’’	Mas eu *adorava*! Quando o Nei fez um boneco me homenageando, os caras que vieram reciclando depois, “nossa, como é que o Valdir faz aquilo”, eu devo ter inspirado muita gente! Aí comecei a fazer fantasia, as roupas, comecei a ganhar prêmio, o Amin, a Ângela, começou a se assustar. Nossa, começaram a dar show pra mim.
50’03’’	Mas essa coisa de tu começar a catar o lixo da praia, isso foi desde sempre ou foi um pouco depois?	50’08’’	Não, eu catava... desde sempre não, porque na época não tinha plástico. O plástico foi, eu era criança não tinha plástico, só tinha papel na venda, não tinha plástico. A bala Dalva que fazia uma pandorga, alguma coisa,
50’18’’	Tinha os cacos, né?	50’19’’	*muito pouco* plástico.
50’20’’	Os cacos de louça, né, que tu junta.	50’21’’	Os cacos de louça eu não juntava nessa época. Comecei a ver agora, foi uma criação foi, um boom da minha reciclagem.
	Foi recente.		Os meus olhos ficaram clean, e eu comecei a ver o caco. O caco foi o *show* da minha história que eu ainda amo. Floripa não se acordou ainda, não sabe o mistério, que que é os cacos do mundo inteiro, com o nome do mundo inteiro, tenho certeza que vai ser uma coisa grandiosa na minha vida, é uma... que tá pra ser *descoberto*.
50’44’’	Achei que tinha sido logo desde o início...	50’45’’	Então é, o caco pra mim é uma coisa que o *artista* é que tem que ver. Se eu não for o primeiro a ver não adianta. Aí depois vai vir um geólogo, vai vir não sei quem e diz “cara, isso aí é a minha área, isso aí é valioso”, só que eu já tô *prevendo* se eu tenho... eu não ajuntei panela por 30 anos, não foi o anjo do presépio? Então é... o que que é, *porque* eu tava juntando panela? “Ah, porque se você juntar uma coisa e não utilizar por um ano, você joga fora que não vai

			fazer", mas *porque* que tinha vozes falando pra mim, "isso vai ser um *grande mobile*". Então, quando virou anjo do presépio eu sabia o que que eu fiz. Não foi Mauro que criou nem nada porque o *anjo ia ter de qualquer jeito*. Ele *a chance*, a possibilidade, modo de dizer, *e eu* também tive a chance porque ele foi *grande* na minha vida.
51'22''	A parceria, né?	51'23''	Peraí, é parceria! É parceria, então ele *veio*. Pô me economiza, "ó, pega essa panela aqui, tu não bota um rostinho nessa panela?" "O corpo tu deixa [incompreensível] comprar", "não não não". Vai ter que seguir a minha ideia. Que aqui panela, é com panela, coisa e tal, agora eu vou meter a mão no anjo e vou acabar o anjo! Porque o anjo ele ficou, e tal, pendurou, mas não era aquilo. Aquele anjo aí é tudo com panela, e vem a asa toda, e vem coisa, até voltava a trabalhar! Que ele vai saber pregar, mas é o seguinte, ele vai seguir as minhas *ideias*. Só se ele chegar na *frente* e tiver uma ideia boa ali, eu aprovar, o que eu não aprovar eu não vou admitir. *Porque o anjo foi criação minha*, o presépio, o tamanho, veio lá de Franklin, a minha escola, ele [o Mauro] chegou de Porto Alegre não fazia boneco nenhum grande, faz escultura, foi tudo ali. *Bambu* ele nem conhecia, tem até medo de amarrar. Já chegou, ele teve uma *aula*, fez o anjo, embarcou naquilo... ele botou que nem eu no Reggae! Aí chegou uma hora, olhou, puta, a Luciana chegou pra ele ali, ele *precisava* passar por isso. Que Deus não faz nada que a pessoa não precisa. Porque quando botaram o meu nome, que eu falei pro Elói, vez em quando eu falo pro Elói, já *falei* pra ele também. Que ele é um grande amigo meu, meu Deus, que o nome, o cartaz veio, aquele ali mas os guri trabalharam, trabalharam, "não não, tá tudo OK... Então ele tomava a frente de coisas aonde ele podia aparecer.
52'27''	O Mauro?	52'28''	E eu, fazendo corpo mole já tava ali, já fez o quadro, já fez a... aí daqui a pouco vem um cartaz sem o meu nome. "Criação: Valdir Agostinho". Aí ele falou que era assim mesmo. "Não, pode voltar o cartaz, eu não quero criação é minha, esse presépio *quem criou foi eu*". Então não tem criação de *mais* ninguém ninguém. Pode até criar, tu, a... minha mãe vir aqui criar uma peça, coisa mais linda, mas o nome da criação é Valdir A... e deu. Não tem. Agora *parceria* eu tenho execução.

			Aí vem.
52’51’’	Sim, até as próprias crianças que pintaram as garrafas, né?	52’53’’	Então aquilo ali eu chamei a atenção e fui bem, todo mundo calou a boca. Isso é um título importante que tu não podes tirar, se tu não falar essa língua não adianta.
53’00’’	As garrafas de pet, pintadas, não foram pintadas por crianças, em oficina?	53’03’’	Sim.
53’05’’	Pois então, já é uma arte coletiva.	53’06’’	Arte coletiva.
53’08’’	Tem só mais uma coisa...	53’09’’	Tá.
53’10’’	Porque eu quero saber como é que você entrou no mundo da comunicação, eu lembro que tu tinha, bom, tinhas um programa de entrevista, na TV Floripa, como é que você foi chegar lá, né?		
53’23’’	E você tinha também uma coluna, né?	53’24’’	Ai, fechei a porta...
		53’26’’	Tinha uma coluna no jornal, é.
53’28’’	Que era o quê, Mané Gaivota, né?	53’29’’	É, Mané Gaivota, o Diário Catarinense queria pegar o meu nome, né? Provavelmente, Valdir Agostinho, conhecido na cidade, já faz aquilo, por que não vou escrever...

53’37’’	Contava causos, e alguém escrevia pra ti?		Coisa mais assim, manezinha mesmo, mostrando as casas da Ilha, as anedotas, os causos, a linguagem da Ilha, os artistas. Então tinha uma brincadeira de vez em quando, o Ronaldo [Bittencourt] era um parceiro meu que escrevia junto, foi um *grande* parceiro. Porque o Ronaldo ele já fazia televisão, era produtor, *resgatei* a amizade dele com a RBS [Rede Brasil Sul, afiliada da Rede Globo, de televisão], que hoje é essa N...
54’00’’	NSC.		NSC. E o Ronaldo, eram muitos *anos* de produção, ele mandar lá. Então eu fiz, até *amizades* eu consegui colocar, fazer, então o Ronaldo foi um parceiro muito bom, já tenha sido produtor meu. E que guentava quase a coisa a coluna *sozinho*. Então o Ronaldo já pegava a matéria, já vem coisa pronta, as pessoas já mandam, “ó, aqui não sei o quê, o fulano falou isso, tá acontecendo isso, ó uma exposição”. Mas tinha que dar atenção, depois eles só pagando pouco, desvalorizaram. Chegou ele a dar uma palestra, o jornal, “olha só, a coluna de vocês não vale nada”, “olha aqui o que tá valendo é o jogo”, aí deu um coquetel, botou uma mulher lá... desfilando, não sei o que coisa e tal, e o cara deu uma palestra, “ó, galera, olha aí”. É, aí botou um gráfico na parede, não sei o que. “Ah, é, então tá”. “Ai, Valdir, não faz isso, não sai”, “não, não quero mais”. Eu achei que a gente fez bem. Porque ficar a vida inteira, agora eu tenho todas as colunas guardadas, o que que eu vou fazer? Vou ver se eu fico só com um cestinho. Me manda aquela porcaria, como é que eu vou guardar *tudo*, que *museu* que eu tenho.
54’55’’	Pois é.	54’56’’	Pra ficar com uma arrouba... de coisa, então eu tenho que *diminuir* as minhas coisas.
54’58’’	Tem que.	54’59’’	Tá na hora de *doar*. Tá na hora de eu ter coragem, o Elói me ajudar, e o Mauro ali ó, “isso aqui ó, tu não deves ficar, esse copo aqui ó”. “Porquê? Opa, tirei uma peça já da casa”.
55’08’’	Claro	55’09’’	Então cada dia tem que tirar, *não entrar*! Eu tenho que tirar, os CDs que eu não quero mais, as coisas já se enferru... os quadros já... então dar uma *limpeza*, vai

			precisar de novo de...
55’18’’	E a TV Floripa, tu gostou de participar?	55’19’’	A TV Floripa foi uma coisa *demais*, na minha vida.
55’23’’	Foi um tempo né, o que, um ano?	55’24’’	Eu pra mim *ser* apresentador de televisão foi um *sonho* que eu *realizei*. Eu fiz uma *faculdade*, foi *seis anos* de televisão [confunde anos com meses]. Eu fiz uma faculdade.
55’31’’	Seis anos?	55’32’’	*Muito mais* que uma faculdade. Faculdade com pós-graduação. Porque eu fiquei *seis meses*, não tenho medo *nenhum* de fazer televisão, de dizer “oi galera, boa noite! Estamos aqui de volta, eu, Valdir Agostinho, hoje nós vamos rir, vamos cantar, vamos apresentar artista”, então eu não tenho problema *nenhum* fazer abertura na televisão.
55’45’’	Durou seis meses o programa?	55’46’’	Me promover novamente, ser um Chacrinha, ser não sei quem. Mas um programa que tenha, um cara, que tenha um financeiro, tenha um produtor artístico. Agora eu entrar sozinho aqui em Floripa, e ficar ali, aí não dá. Aí então tem uma coisa que tu tem que ter o lado financeiro. [Ruído de cigarras ao fundo]. Você tem que ter uma postura pra trabalhar com isso, né?
56’07’’	Valdir, olhando pro passado...	55’09’’	Por isso que eu quero fazer uma associação. Olhando pra que, pro Cascaes?

56’12’’	Olhando, é, o Franklin Cascaes, o Franklin Cascaes é um que também... é uma pessoa importante na tua vida e eu esqueci de perguntar aqui. Como que foi esse contato com o Franklin. E a partir daí, tu trabalhou parece que alguns anos com ele, né?	56’29’’	Sim. Eu trabalhei muitos anos com o Franklin, né. Foi uma delícia trabalhar, conhecer o professor, foi... um homem humilde, com uma cara açoriana. Com uma *paixão* pela cultura e pela terra, né? Era um homem que amava as coisas, as palhas secas, o mar, a areia... os cenários da Ilha, as *pessoas* em primeiro lugar, né? Então ele chegava e todo mundo queria receber bem ele. Já *via* que era um professor, que era um homem que o caderninho tava na mão. Então era um homem muito...
		57’00	Eu acho que foi um ganho *muito grande* conviver com o Franklin, não tem pra ninguém! Foi uma coisa... que eu agradeço muito, a cultura tem que saber disso, foi anos, que eu fiz presépio com ele. Através da galeria do Beto, viu que eu era... um *menino* habilidoso, Valdir Agostinho. “Não, mas vai lá com o Franklin”, chegou lá eu *surpreendo* ele! A vaca não tem mocho, passa a ter, a vaca não tem teta, passa a ter. A vaca não tem barriga, passa a ter. Eu pego assim, “pô, eu tô superando o que, o Franklin”? Ué, o Allan fazia aquelas coisas toda chupada, quadrada, o camelo quadrado. Aí chega eu botando barriga no camelo. Daqui a pouco chega o Peninha, botou o *sexo* no camelo. Então é, o que que é isso? Então eu fui um cara *atencioso*, trabalhava *sem dinheiro*. Às vezes a prefeitura não pagava, *não ia* pra entrevista, pro jornal, era só o Franklin. Que era valorizado, que nem um cara “ali ó, vou fotografar amanhã, botar o teu lá”. Mas tem o Elói que executou, não pode esquecer de botar o nome do Elói. Então o artista que ele o *que*, ele vai gostar. Vai sentir ali, “execução”, né? Então podemos botar, a criação, junto com o Valdir, botar como eu quero. Então é, ajudo outra pessoa ele vai se sentir valorizado.
		58’11’’	Então é, tem que ter esses pequenos cuidados, às vezes falta produção pro cara valorizar. Então eu tomo *muito* cuidado assim, hoje em dia, com a idade que eu tenho, onde é que eu, “pô, tô me... tô sendo *egoísta*, onde é que eu tô doando demais, onde é que eu tô sendo respeitado, onde é que tem... então tem *limite*

			pras coisas. Né? Aquela coisa assim, eu tenho também que... que ouvir *você*, “ó, Valdir, até ali é assim”, porque eu não sei tudo! A gente é ser *humano*, às vezes gente se acha que é demais naquilo ali e tá. Então é, tem que tomar esse cuidado.
58’43’’	Se tu olhasse pra trás, assim, como é que tu avaliaria aquele Valdir Agostinho... que começou a vida no Centro. Como que tu olha para o passado, assim, tu faria alguma coisa diferente?	58’55’’	Eu fico, eu acho muito engraçado quando olho as minhas fotos, *meu Deus do céu*, a primeira fantasia, como é que eu era assim, eu morro de rir! Assim como eu fui alegre, como eu fui feliz, como eu... fui *ingênuo*, como eu não, não entrei área de preconceito, como eu aceitava tudo, como eu achava tudo mas com ingenuidade! Não tinha maldade. Eu era uma coisa assim, “eu vou fazer um negócio aqui pra atacar alguém, eu vou fazer aquilo porque eu quero ganhar uma gata, porque eu quero ganhar o cara ali, porque o cara”, eu nunca fiz com intenções. *Sempre* foi na simplicidade, na humildade, eu quero tá como eu quero tá, na hora que eu quero tá, *sem* avançar muito, sem tá, coisa e tal, sem tá, pô, porque tem um monte de gente que às vezes tá ali, ou *botou aquilo tudo ali*, mas “ah, onde é que eu vou poder me mostrar”? Eu nunca tive esse tipo de coisa. O meu foi tudo muito natural, tudo muito simples, tudo assim, porque eu acho que, a *religiosidade* que o papai botava nós assim, a simplicidade que era nossa família, então *sempre* respeitar os outros, então isso aí foi, *seguir* essa regra. Então eu respeitava se a pessoa não tinha nada, se a pessoa era um artista bom, se a pessoa, então é... muitas vezes a gente se *perde*, tá falando uma palavra que não é pra falar, é... uma coisa manezinha, uma coisa engraçada, então às vezes a gente se... isso foi coisa da cultura! Hoje eu rio do meu irmão, às vezes quando fala uma coisa ali, uma palavra, uma coisa, é uma, uma *conjunção* que não combinou, ou tá... *reclamando* de uma coisa que não tem nada a ver, então você às vezes tem que dar um pulo, tem que... então é, hoje em dia tem um *entendimento* assim, que eu vejo assim que a gente tem que tá aberto ao entendimento, a compreender o outro, que às vezes uma pessoa vem... vem, ela *não tá legal* às vezes, aí você vai, o que, trabalha, seje *mais legal* do que ela, né? Pra superar ela, senão se você tiver ali também, infernizar, disser “ah, eu também não sei o que lá”, a pessoa pode sair pior do que entrou.

1:00’39’’	Uhum.	1:00’40’’	Então nós temos que apaziguar sempre, a *escritura* ela ensina muita coisa assim, né? Porque nós temos que fazer o *bem*, nós temos que *conciliar*... as coisas que ser *auxiliador*, nós temos que ser... *mediador*, nós temos que fazer as coisas, as *pazes*, *promover* a paz.
		1:00’56’’	Então pra que promover discórdia... a coisa. hoje em dia tá morrendo de *gente*! Que o cara vai lá, faz mais não sei o que, o cara teimou com ou outro, coisa e tal, parece *simples*, era só fica calado! Porque se eu tô calado eu não concordei com nada, não tô dizendo que eu concordei contigo. Então *quantas vezes* a gente se perde por uma palavra, por uma *arrogância*. Então tá morrendo de gente agora por isso, a coisa perigosa, no trânsito e tudo! Porque as pessoas elas tão, como é que assim que eu digo, a... vida, os espiritualistas, [incompreensível] gente já falou na rádio. Assim, tá ficando *difícil* de viver. Porque tá acontecendo um monte de coisa, a maioria não tá morrendo gente, o outro não sei o que, o terremoto tá vindo ali, agora... tem gente que já tá pensando em suicidar! Se ela não tiver uma luz bacana, [incompreensível] viver pra quê? “Pô, passo um trabalho do caralho, ainda tá calor, e tá”, então a gente tem que se *apegar*, ser feliz, ser alegre, viver, respirar, valorizar cada coisa.
		1:01’43’’	Porque se vida, quando ficar muito *fácil* você tem, que nem a tapioca que nós comemos agora, que não tinha nada, e resolve fazer uma tapioca com aquela doçura, com aquele ovo né, que *nenhuma* padaria você não ia comer! Então são coisas que... é... então a gente tá muito... esse stress, essa vida corrida com *muitas* coisas hoje em dia, né, porque eu preciso de *muita* coisa para viver é mentira! Eu preciso de *pouca* coisa, eu que acho que eu tenho que [ir no] supermercado rápido, tá *faltando* tudo, não sei, porque que tá faltando tudo? Porque eu tenho que, *peraí*, eu posso ter uma coisa só! Não tem, peraí, não tem um sal, tem um *açúcar*! Faz alguma coisa doce pra comer, deixa o sal pra amanhã, o cara... mas o cara não *consegue* assim, “*não*, tá faltando *leite*, eu falei”, não tá faltando *nada*! Se vire com o que você tem, né? Então quanto *gasto extra*, quanta coisa que passou por uma vitrine, porque você foi importunado, então um amigo lá tava bebendo, então nós mudamos o nosso caminho *fácil*!

			Então nós temos que... vibrar no bem, na luz, *amar* a vida.
		1:02’41’’	Então se Valdir Agostinho ama a arte, e olha a Lagoa e diz, “que Lagoa linda, que bambuzeiro, como é que Deus me abençoou com esse terreno que não é *meu*”. “Ah, é meu, eu paguei, não sei o que”, é meu coisa nenhuma, aí eu morro, coisa e tal. Então a gente tem que saber que não tem nada a cada dia... [silêncio] então eu acho que a coisa tá na simplicidade mesmo. Mas eu não sou *fera* em resolver tudo, aí fico devendo pra minha família, uma pessoa que precisava da minha visita eu não fui, qual foi a caridade que eu fiz durante o dia, porque diz a escritura que nós temos que fazer alguma coisa pelo *próximo*. Então o que eu *fiz* pelo próximo hoje? Então é... olha, é complicado, é um complexo de coisa que não é, não cabe... a um artista. Mas a minha arte ela me inspirou muita coisa assim, né?
		1:03’23’’	Ela me ensinou a ser valente, viver com arte não é *fácil*! Floripa, essa resistência que eu tô... *tendo* e ainda pretendo abrir um dia uma *galeria*. Pô, cada vez mais, “a brir galeria, agora, que não tá pra compra, que as pessoas, pô, agora que tá”, o que que tu vai *fazer*? Se é um *sonho* teu, pode ver um cara lá de Londres comprar um quadro meu na minha galeria aqui na Barra! Isso, como é que eu vou duvidar disso? A *luz* é que vai mandar eu acreditar.
		1:03’52’’	Então eu tô louco pra ter outra *mudança*, já, o que que eu vou fazer, quem vai cuidar das minhas casa é eu, quem vai varrer é eu, quem vai fazer aquilo, quem, como é que eu vou fazer, vai ter uma associação? Que *mudança* que eu tenho que fazer agora, porque eu preciso um *check-up* da minha vida. Eu preciso agora me *aposentar*, ter mais sossego, mais *definição*, não vem ninguém comprar qualquer coisa como antes, que eu faça e paga depois, coisa... é tudo com *muito mais precisão*. Então *eu* que tô podendo agora, não é uma pessoa que vem me encomendar, como se fosse uma coisa assim. Eu tenho que... me sentir com poder de coisa, de vender um negócio, de fazer um show. Tenho que *assumir* aquilo que eu faço. [silêncio]

		1:04’30’’	Porque se eu deixar a burguesia vir, montar em cima, “não, eu pago depois”, eu falei eu não tô mais para perder. Então criar *normas*, é futurista agora, que tá tudo mundo enganando todo mundo, eu acho que ter um cuidado muito grande com um show, com coisa, eu cheguei até parar assim, não me oferecia pra show, porque *pega* ali, *pede* aqui, então tem que ter uma *direção*. Então eu não queria, e eu acho, eu tava vendo outro dia uma palestra espiritual que tem *autoridade*, tem *autoritarismo*, e nós temos que ter autoridade, temos direito, Jesus ele dá autoridade para nós, *cada um* ter autoridade. Mas *infelizmente* tem pessoas que ela não, ela não *quer* ter autoridade. Ela não quer mandar nada, ela não quer... pedir as coisas, ela não quer... apontar nada e ela *tem* autoridade mas ela não tá... se *utilizando* daquilo. Então eu gostaria de ter mais autoridade, assim com meus amigos, “ó, faz aquilo ali pra mim” ou pede aqui ó, “socorro, ali, eu preciso daquilo ali”, às vezes você não quer utilizar as *pessoas*, e você não quero *pedir*, então você... espera que um amigo venha te dar um cutucão, um empurrão, que nem o Mauro me incentiva, então às vezesi você precisa disso.
1:05’32’’	Ah, o Mauro é um grande incentivador, né?	1:05’33’’	O Mauro, o Elói ali, incentivador! Ari. Chega aqui, “não, vamo mudar aqui”, “*não*”! “Não tira essa geladeira do canto”, aquilo começa a me fazer mal, que eu quero a mesmice. Eu tô *preso* a alguma coisa. Aí quando o Ari *muda* aquilo, eu digo “*nossa* cara”, como nós somos presos né?
1:05’50’’	É.	1:05’51’’	Pô, o Ari fez cada coisa comigo aqui, que eu “não, não, agora, vamo pegar”, “ô Ari, não”! “Isso tudo aqui não, tu vê, tem que tirar lá em cima, tem que ter aqui, é melhor tu não tocar nisso agora, não toca”. Esse Ari chega, “não, não, *agora*, sim, bem agora”, eu digo, “meu Deus”... aí eu fico até com medo dele mas eu digo assim, “eu acho que esse cara tá certo”. Como eu sou... o cara ta querendo *me ajudar*. Puta, ele pega aquele galpão ali, “ah”! Máquina pra frente, e vem, *cara*, da me[do], fez *tudo* aí. Tudo, aquela garagem ali, ele veio “não, não, pode começar aqui, faz a cozinha, deixa eu fazer”. Quando ele colou aquele lixo ali eu olhei assim, “ah”, foi ele que botou todo esse lixo, cara, achei uma *grande obra de arte*! Se tu olhar o que é esse paredão aqui, com esses bambus tudo atravessado, tudo errado, tudo jogado, ele fez isso em dois minutos, eu digo, “o que que esse

			cara... eu *não tô* aceitando isso. Não, eu devo tá *pirado* da *cabeça*, o Ari chegar aqui no meu morro, e fazer essa *porcaria* aqui", daqui a pouco eu olhei, "cara, que *coisa ma-lu-ca* esse homem". *Tem* que dar liberdade a essas figuras.
1:06'45''	Talvez seja o começo da associação, essas pessoas,	1:06'47''	Eu fiquei impressionado.
1:06'48''	chegando aí, né?	1:06'49''	Cara, e mandar em mim! E dá ordem e coisa e mexer comigo! Às vezes o Elói sacode comigo, ele vem meio assim... sabe, querendo chegar por cima, coisa, já pegou toda a minha... e às vezes é *legal*! Deixa mandar porque o cara não vai tirar nada meu, não vai fazer coisa, deixa ele... entendesse? [diminui o tom e a intensidade] O que tem que cuidar às vezes, isso até com banda, com tudo, é chegar assim e já falar no dinheiro na frente, o Mauro sempre diz pra não falar em dinheiro. "Mas ô Py, tem um negócio aí, tem um projeto, não queres trabalhar com nós", não fala nada, nada que tem, nada, na hora "quero", ai não, aí tu é o primeiro que fala assim, tu nunca lligasse para dinheiro, "ô Py", "não, não. Tô dentro". Tal e tal, pode ser 100 contos, isso aí tu já não tem esse problema. Mas eu digo assim, tem que tomar cuidado, ou não tenho?
1:07'29''	Claro que tem.		Assim, de chegar e falar, um número *alto*, uma coisa. Porque daqui a pouco até o pessoal se desanima se dizer que "ó, agora"... então tem, o cara que cuida disso tem que ter, né?
1:07'38''	Tem que.	1:07'39''	Porque senão a pessoa às vezes eu tenho facilidade contigo, "aí ô, cara, não dá pra..." então, é tudo *comedido*. Ainda bem que a gente se acerta, fala assim, pô, vai, então é...
1:07'49''	É. Quem tá aí é porque....		Não, são maravilhosos, os meninos são maravilhosos.
1:07'52''	... porque tá a fim, né	1:07'53''	O Ari, pô, o Ari na Beira-Mar, paguei pra ele, dei... pô, ficou tão feliz, cara, pô, isso aqui, 600 pila pra montar uma figura comigo na Beira-Mar, montou as coisas, veio aqui. Pô, casado, pai de família... então é...meu Deus do céu.

1:08’07’’	Tá bom, né?	1:08’08’’	*Meu Deus!* Esse aqui ó, vai ganhar 500 pila, amarrou ali, eu sei que eu tô trabalhando pouco. Mas tu vê, amanhã cara, só mai[s] doi[s] dia[s] à noite! Ele tava dizendo, “pô, foi fácil”. Já tá achando que foi fácil de ganhar. É uma ajuda ou não é pra quem não tem, nós né? Então é...
1:08’26’’	Obrigado Valdir, vou desligar aqui o equipamento.	1:08’28’’	*Ai*, tava falando, ó! Ó, falamo um monte, hein? Faço ma[isum café]?
1’08’32’’	[Fim da gravação].		

Roteiro para entrevista temática
Entrevistado: Sandro Adriano da Costa
Data: 04/04/2018

Cabeçalho da entrevista

Entrevista com Sandro Costa, entrevistado por Luciano Py de Oliveira.
Florianópolis, 04 de abril de 2018
Projeto de pesquisa: Fragmentos de memória e identidade em Valdir Agostinho (1970-2010) - tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC

Dois momentos (com tópicos para guiar a entrevista):

1. **Sobre si: suas origens, família e profissão**
    a. Nome: Sandro Adriano da Costa; apelido e/ou nome artístico: Gazu
    b. Os pais
        i. Seu Juca, barbeiro;
        ii. Dona Neli: dona de casa e costureira
    c. Relação com os irmãos (Gerri, Moriel e Tedê)
    d. Relação com a música no ambiente familiar:
        i. Avô: Gustavo da gaita
        ii. Pai: seresteiro, tocava violão
        iii. Mãe: cantora, participa (cf.) do grupo Gente da Terra;
        iv. irmãos que seguiram a carreira musical
        v. A capoeira
        vi. Parentes que seguiram a carreira musical (ex. Tijuqueira, cujo nome da banda homenageia o tio Juca)
    e. Como a música passou a ser uma profissão
        i. Primeiras bandas
        ii. Faculdade de música
        iii. Dazaranha
        iv. Carreira solo
2. **Sobre a relação com Valdir Agostinho**

a. Como o conheceu
b. A obra de VA: pandorgas, carnaval e música
c. O contato com VA e sua reverberação na própria produção musical de Sandro Costa

i. Participação em eventos, shows (por exemplo, show de Valdir Agostinho e a Bernúcia Elétrica no Teatro da UFSC, em 2011)
ii. Participação em arranjos e ou composições (por exemplo, a participação de VA na música Ô mané e na produção da trilha sonora para o clipe de Sereia Manezinha - Reggae da Tainha)

Equipamento:

Dois gravadores digitais, ajustados para gravação em formato Wave 44.100 mHz (qualidade de CD), sendo:

- Um Zoom H2n, com ajuste para gravação em 4 canais, utilizando o mid-size ajustado para mono, para captar o entrevistado; o xy ajustado em estéreo para captação do entrevistador. A gravação em 4 canais permite salvar em dois arquivos separados: o arquivo mono (entrevistado) e o estéreo (entrevistador); nível de volume pré-definido para entrevista; filtro LCF (low cut)
- Um Sony ICD-PX470, com ajuste de gravação Focused (mais fechado); nível de volume pré-definido para entrevista; filtro NCF (noise cut)

ENTREVISTA TEMÁTICA COM SANDRO COSTA (“GAZU”) SOBRE VALDIR AGOSTINHO
Data: 04/04/2018
Equipe: Luciano Py de Oliveira (pesquisador; doutorado em história - PPGH/UDESC); Drª Márcia Ramos de Oliveira (orientadora).
Locação: Estúdio de um colega do entrevistado no bairro Rio Vermelho, Florianópolis.
Equipamento: Zoom H2N, captação Mid-Size monoaural, qualidade 44.100 MHz; Sony ICD-PX470, captação em estéreo ‘*foccused*’.
Para todos foi acionado o filtro de graves (*low-cut*).
Nome do arquivo: SR001MS.wav

	LUCIANO PY DE OLIVEIRA		SANDRO COSTA – “GAZU”
2’’	Essa é uma entrevista com Sandro Costa, entrevistado Luciano Py de Oliveira, em Florianópolis, 04 de abril de 2018, pelo projeto de pesquisa Fragmentos de memória e identidade em Valdir Agostinho (1970-2010). Tese de doutorado do programa de pós-graduação em história da Udesc.		
27’’	[Primeira parte: Identificação; Faculdade de música.] Sandro, você poderia falar pra gente sobre a sua história de vida? Qual o seu nome, onde nasceu, que isso seus	42’’	Legal... é um prazer tá falando aqui... eu vou começar pela metade, aonde eu fiz uma das coisas mais importantes na minha vida que foi fazer faculdade de música e conhecer meu amigo que aqui tá me entrevistando, Luciano Py, e aproveito para desejar sucesso na tese dele não só por ser meu amigo mas pelo motivo da tese também, né, que... estudar e botar pra sociedade a história de Valdir Agostinho é muito importante para todos nós.

	familiares, a música... enfim, conte sobre a sua trajetória pessoal.		
	[Banda Dazaranha]	1’15’’	E na faculdade de música onde eu estudei com Luciano Py e outros amigos como Jorge Gómez que a gente virou grandes amigos, depois que a gente se conheceu na faculdade, é... Eu fiz muitos shows com a minha banda Dazaranha, aonde a galera já conhecia desde a época da faculdade, né, e lá eu fiquei por 23 anos... né, fazendo um trabalho com a importância reconhecida pelos catarinenses, carinhosamente, também pelos paranaenses e pelo sul do Brasil, [Carreira solo] e faz dois anos que eu vem desenvolvendo um trabalho de carreira solo com outros músicos, amigos, né, e que está sendo muito importante para mim também, num primeiro momento dessa nova fase gravei com a banda Iriê, né, aonde lançamos um clipe que teve uma... uma importância bacana naquele momento ali ganhamos o Prêmio da Música Catarinense, isso pra mim foi importante nessa nova etapa e agora eu estou... tentando desenvolver outros projetos, claro, gravar minhas músicas e tenho minha banda que acompanha e é isso aí a minha vida minha profissão tá na estrada.
	[Relação música e família.]	2’33’’	Comecei, né, quando criança, na música aqui em Floripa, no bairro João Paulo. A família toda sempre envolvida com música, aquele churrasquinho final de semana, a gente batendo na garrafa e ali a gente tinha o primeiro contato assim, com a música, digamos assim *tocada ao vivo*, né? Meu vô materno era *gaiteiro*, podemos considerar que... que tinha um lado profissional da música, ele *ganhava* pra tocar aos finais de semana, ele... era carpinteiro, pedreiro, tinha as coisas dele lá, e meu pai sempre violeiro, seresteiro, na época, né, boêmio... Com essa herança da... da música... boêmia do Brasil, e também com um pouco de influência, meu pai no caso, da música latina também, com Trio Los Panchos e aí por diante. E aí depois, tocar um violão foi uma consequência, porque os primos, todo mundo tocava, quando tu via, menos esperava o violão tava no teu colo, ali

		3’35’’	E o violão tem um lado prático também... e assim eu comecei. Minha mãe não gostou muito da ideia pelo fato de o... o violão, a música tá muito ligado ao alcoolismo né? [Silêncio] Então desde cedo a gente teve que aprender a separar a festa da música, do profissionalismo. E assim, depois adolescente, no início da vida adulta tive algumas bandas, coisa e tal, como Passaporte Brasil, junto já com o Adauto que é o baixista [da banda] Dazaranha e na sequência ali em 92... fundamos o Dazaranha... que foi uma etapa importante.
4’19’’	A mãe não participava da música, também, de alguma forma?		Sim. A dona Neli Adriano, ela hoje, ela pratica mais do que antes, porque agora, decerto, encontrou um tempinho ali, e ela tem o grupo de amigos aonde eles cantam toda semana, se apresentam, coisa e tal... ela *adora* cantar adora *música*, vai sempre em meus shows... Mas o pai dela era gaiteiro, então ela tenha sempre essa ligação. Tocava um pouquinho de violão, assim, alguns acordes, e sempre gostou de cantar, e sempre se mostrou muito feliz quando a gente... tocava, assim, aquilo pra ela era uma felicidade, apesar dela já ter dado os conselhos, talvez na hora certa, já né? Pra gente poder fazer a coisa profissional, né, e a música como profissão exige muitos detalhes ali, pra... não pode ter nada apresentação, né, o cara tem que tá bem, bem consigo, bem ensaiado, tem que saber da teoria musical, compor uma boa música, interpretar bem, saber se comunicar bem com o público, né, tá bem aparentemente, assim por diante né, vários detalhes que faz a arte é... ficar mais bacana.
5’45’’	Claro. Como era o nome do vô, mesmo? Se eu bem me lembro...		Gustavo Adriano. Gaiteiro.
	Gustavo da Gaita.	5’52’’	Isso. conhecido como Gustavo da Gaita, que fez bastante bailes aqui pro norte da Ilha, que a gente pode pensar que a Ilha só se chegava a cavalo, ou carro-de-boi. Então pra você ir do norte ao sul *era muito difícil*. Então meu vô fazia muitos shows no *norte* da Ilha.

6’10’’	Mais localizado ao norte.		Isso. Santo Antônio, Canasvieiras, Ingleses, Lagoa da Conceição...
	Fico me perguntando, assim, será que ele não conhecia o seu Zé Agostinho, por exemplo, que também era um músico, da Barra,		
	que também fazia os seus bailes...	6’23’’	Pode ser.
	É uma hipótese.		É uma hipótese, pode se dizer que sim, porque na Lagoa e na Barra ele fazia também, muitos bailes, inclusive ele... foi casado três vezes, e a... sua última esposa era da Costa da Lagoa. Né, pelo contato que ele tinha muito ali com aquela região.
6’44’’	*[Localidade]* Aí tu falou que tu é natural do bairro João Paulo, mas ele tinha um outro nome, antes, né? Como era o nome antes?	6’52’’	Sim, era Saco Grande, né?
	E você sabe por que que mudou de nome, o bairro?	6’58’’	O nome Saco Grande vem da formação geográfica ali, né, o mar, ele faz um saco... e aí tem o Saco Grande 2, ele forma um novo saco, onde tem... um formato de um saco, onde tem o mangue do Itacorubi, deságua, e o mangue do Saco Grande 2, né? Então... depois, dentro do Saco Grande 1 tinha uma região que se chamava João Paulo. Era aonde tinha um pessoa que chamava João Paulo, tinha comércio, tinha as terras ali, inclusive era meu tio avô, né? Meu avô, Mané, Manuel Paulo, Mané Paulo e o irmão dele João Paulo que morava naquela

			determinada região do Saco Grande 1. Então quando você passava pelo Saco Grande 1, determinado momento você tava passando pelo João Paulo, que era um... lugarejo, ali, uma vila. E depois a comunidade achou importante homenagear aquela pessoa ali, transformou Saco Grande 1 em bairro João Paulo, onde é a rua João Paulo. E o Saco Grande 2 passou a se chamar Saco Grande. [risos]
		8’14’’	E tem um ditado que diz o seguinte, que “eu nasci no Saco, me criei no Saco, e hei de criar cabelos brancos no Saco. [risos]
8’22’’	Boa, essa.		Entendeu?
	Bem interessante, mesmo. Mas assim... o seu pai, chamava-se?	8’31’’	Joaquim. Juca.
	Era conhecido como Juca, né?		Isso.
8’36’’	E... ele não era músico profissional, né?		Não, não. Nunca ganhou dinheiro com a música.
	[Profissões da família] Qual era a profissão dele?	8’42’’	Ele era barbeiro. Ele tinha uma barbearia no Centro de Florianópolis, que era Barbearia Gentleman, na Galeria Comasa, na Felipe Schmidt. Era um negócio bem bacana, sim, pra época, era um grande salão, assim, depois foi dando uma sucateada, coisa e tal até onde ele se aposentou e... e foi pra casa.
9’05’’	Se aposentou...		É, mas hoje ainda vive lá, faz... as coisas dele.

	Lembrei do salão porque, claro, a gente se conhece, eu volta e meia ia no salão... você trabalhou lá também?		Sim, meu pai... nesse salão eu trabalhei *10 anos* com ele ajudando a administrar e também cortava cabelo e... usava como um 'QG', pra produção, a gente tocava no Centro ali, ali ensaiava, fazia reunião com os músicos, ganhava minha grana e... tava lá no Centro, né? Tinha um ponto de... de encontro da galera.
9'41''	É, volta e meia eu me lembro de encontrar você e o Adauto,		[risos] Sim.
	e as especulações sobre o nome da futura banda, que veio a ser Dazaranha, né?		Sim.
9'50''	E... mais algum irmão chegou a trabalhar lá no salão?		O Gerri, sim, o Gerry que hoje atual percussionista, né, do Dazaranha.
9'59''	Aliás, isso é uma coisa que eu gostaria de saber: quantos irmãos tu tem?		Nós somos em quatro: eu, o Gerri e o Moriel, tocamos no Daza muito tempo, e o Gense, o Tedê, que foi baterista da banda Primavera nos Dentes. Hoje não... não tá mais no Primavera nos Dentes.
10'19''	Tens mais algum parente aí que tem banda né, ou que teve...		Sim, tem a galera do João Paulo, que eles montaram a banda Tijuquera, em homenagem ao meu pai, seu Juca.
10'29''	Seu Juca, Tijuquera... conta essa história pra nós.		É porque... a galera lá, da Ilha, numa forma geral, é muito de dar apelido, né? Então, o meu pai, que era Joaquim, ganhou apelido de Juca, que o Juca é um apelido pra todos os Joaquins no Brasil inteiro, né? E aí a galera da Ilha, não contente, aí chamava ele de Juqueira. Era um apelido do apelido. [risos]

	Apelido do apelido...	10’55’’	Isso. Daí a banda botou o nome de Tijuquera por ser tio deles, né
	Era tio deles....		Tio... Juqueira. Tijuquera. Naquela forma corrida do mané, assim, né...
11’06’’	Aquela forma contraída, já, né?		Isso.
11’10’’	Bom, e teus irmãos têm uma relação com música também, como tu falou, o Gerri era da banda Dazaranha e ele fazia qual instrumento?	11’18’’	Percussão. também vocalista e compositor páll certo e o outro irmão era baterista baterista origens especial segue na música profissional em 1 cd toca na igreja mas vezes sim mas não é a profissão dele hoje quase 1 hobby sim e nós outros treinos sim os 2 continuam das aranhas desligadas aranha mas eu tenho a música como profissão sempre 1 outra dúvida que eu tenho aqui da terra
11’20’’	O Moriel...		Compositor e guitarrista.
	Também tocava guitarra, e você, o vocalista... principal	11’25’’	Vocalista e compositor.
11’28’’	Certo. E o outro irmão, era baterista.		Baterista, o Gense, o Tedê.
11’32’’	E esse pessoal, sempre na música profissional ainda?		O Tedê toca na Igreja, às vezes, assim, mas não é a profissão dele hoje. Quase um hobby. E nós outros três, sim, os dois continuam no Dazaranha, eu me desliguei Dazaranha mas eu tenho a música como profissão... sempre.
11’51’’	Isso aí, não resta dúvida, né. É... uma outra dúvida que eu tenho aqui, a dona Neli, ela...	12’03’’	Não, o Gente da Terra, tá aí mais um nome que nasceu no bairro João Paulo. Ela... são parentes né? E a galera do Gente da Terra fez um trabalho importante gravar alguns CDs, eles... falam da história do manezinho, né, do jeito do

	não fez parte do Gente da Terra?		pescador, de Florianópolis, né, com uma poesia bacana, sem abandonar também o ritmo, meio do Boi de Mamão, ali... e o lance da cantoria em uníssono, muitas vezes, todo mundo cantando, dá essa pegada... do povo, assim, então... eu achei que eles fizeram um trabalho importante, gravaram até alguns CDs, a galera acho que consegue conferir isso na internet, aí.
12’56’’	[Segunda parte: Primeiro contato com VA] Eu vou passar para uma segunda parte agora, que seria sobre a relação com o Valdir Agostinho. Então gostaria que você nos contasse como foi conhecer o Valdir Agostinho?	13’17’’	O Valdir, a primeira vez que eu vi foi uma história muito legal, eu tava... na Barra da Lagoa na Festa da Tainha. Isso devia ser... em 1985, 86... porque eu nasci, eu sou de 70, eu devia ter uns 15, 16 anos. Então é *fácil* de fazer as contas, né. E aí, tinha um palco, lá na praia, coisa e tal, e num determinado momento subiu um figura, que era o Valdir Agostinho, com violão, meio cabeludo, uma performance... louca, cantando um “manezês” bem carregado e muito feliz, e elétrico e... *quebrando tudo assim*. E quem tava tocando percussão com ele era o Gerri, meu irmão. Se não me engano era... ele o Gerri, só. Acho que até tinha outro percussionista, eram dois na percussão e o Valdir, se eu não tô enganado. E ele agitou *pra caramba*, assim, eu achei bem curioso... por ser... dava pra ver que era um “nativão” de Floripa, até mesmo da Barra, mas que fez com... bastante *energia*, cara. Sabia o que queria, sim. E teve o apoio da galera, porque a galera dali se identificou com ele, né? Com som que ele fez, é [era] tudo amigo dele ali, né? Os pescadores, o pessoal na Barra. Então, aí depois eu falei com o Gerri, e ele disse “é o Valdir Agostinho”, mas ali naquele dia não... a gente não se falou, eu só assisti o show dele. Depois, eu nem sei como é que eu conheci o Valdir, sinceramente, quando eu conversei com ele pela primeira vez eu não lembro. Porque a gente hoje tem uma... a gente é muito amigo, muito irmão, eu gosto *muito* do Valdir.... então construiu... em anos, e décadas. Então eu não sei precisar quando eu falei com ele pela primeira vez. Mas assim foi, já fiquei fã dele na primeira vez que o vi se apresentando, lá.
15’24’’	*[Parcerias com VA]*	15’33’’	Sim. É... no disco... que eu gravei com Dazaranha, que eu acho que é o Paralisa, aonde tem a música O Mané. A gente convidou algumas pessoas para cantar um trecho, lá, “free”, como se fosse um Rap, ou um rimador, antigamente tinha aquela

	O Valdir Agostinho chegou a participar de algum evento, de algum show, junto com o trabalho teu?		trova né, do jeito que achasse melhor pra dar o seu recado. E aí foi o Guilherme Ribeiro, o Rô Conceição, o Macarrão do Nós na Aldeia... e o Valdir Agostinho. Ele fez uma história bem legal, ele *fecha* essa parte, dos convidados, ele fecha, fica bem bacana o encerramento, da fala dele ali, da cantoria dele. Ali foi um momento legal.
	[Valdir performático]	16’26’’	Ele já participou do show da gente também, que a gente fez onde hoje é a Fields, lá no Centro de Floripa, né. E ele... no momento que ele entrou, o nosso tava bem legal, bem quente, mas quando ele entrou foi o ponto alto, o auge, todo mundo... ficou *louco* assim com a entrada dele, todo mundo ficou *gritando*, ficou ensurdecedor, assim, a vibração do público. E ele correspondeu muito bem, as pessoas ficaram muito felizes dele tá no palco com o Dazaranha.
	[A arte de VA na capa do CD de uma banda; existe o clipe da banda citada na internet]	17’00’’	Eu tive também oportunidade de estar junto com ele, com o trabalho do Nós na Aldeia, onde eu produzi, e tem música dele, a participação dele, né. E aí ele montou a capa do CD do Nós na Aldeia, que tem a música “O reggae da casa amarela”. Em cima de uma mesa ele botou areia, cacos de telha e mais alguns negócios, foi compondo ali e a gente chamou uma fotógrafa. E aí ela tirou uma foto do alto daquilo, de conchas, de cacos... de telhas, coisas muito antigas que ele guarda lá, no acervo dele. Ficou a foto da capa ali.
17’49’’	Teve alguma outra participação, se bem me lembro, no Reggae da Tainha?	17’56’’	Sim.
	A parte musical?	17’58’’	É. O Reggae da Tainha.

18’00’	Tu ajudou a produzir aí...		Isso. O que foi uma história onde ele fez um clipe muito bacana na Costa da Lagoa, né? teve uma... grande produção né, o empenho de muita gente pra, pessoas, para fazer esse...
18’12’’	Zeca Pires [cineasta que dirigiu o clipe]		Isso. Então o primeiro momento foi, a gente produziu essa música dele no estúdio do Luiz Maia, que na época acho que era no Córrego Grande... ou na Trindade, né?
18’27’’	Na Trindade.		Isso.
	O “Jardim Elétriko”. Ainda tá lá...	18’30’’	É. E aí eu fui lá, na verdade eu ajudei a produzir. O Maia deu as “barbadas” todas ali, mas é isso aí, cada um bota um tijolinho, né. A música ficou bem bacana, do Valdir, e com o clipe superbacana feito no lugar que tem tudo a ver que é a Costa da Lagoa.
18’50’’	*[Diálogo com a obra de VA]* Certo. Que mais que eu gostaria de ver contigo... você acha que a obra do Valdir Agostinho, esse impacto que você disse que teve, quando ouviu pela primeira vez, e agora, vocês são mais próximos... de alguma forma esse jeito dele fazer a música, dele fazer a arte, isso influencia de alguma forma o teu trabalho	18’18’’	Ah, eu acho que tu, a partir do momento que tu ouviu, olhou, já está influenciando. Mesmo que tudo diga que aquilo tu não quer, ele tá... te dando um trilho, né?

19’31’’	Quer dizer, “influenciar” não é uma palavra muito boa, até acho melhor pensar em “inspirações”, né?		Sim, mas entendo influenciar, eu quero dizer o seguinte, como eu tenho contato com Valdir, com a música dele, até com a arte plástica dele, isso... influencia a gente mesmo, né? De uma forma geral, assim. E... acho muito legal a forma como ele *fala* das coisas, né? Um lance de um nativo da Barra da Lagoa, né... na musicalidade dele, o conhecimento que ele tem, botando um rock ali, junto, falando de um tema que muitas vezes é atual, do surfe, mas que tem um relacionamento muitas vezes com um pescador, ou com a ecologia, ele busca abraçar esse universo, né, que muitas vezes tá em choque, é uma realidade da nossa cidade, mas que é um exemplo serve pro *mundo todo* né?
	[Relação com ecologia e meio ambiente]		Então, ele... ele consegue fazer isso legal, falar dessa... desses conflitos que existem na... na região dele, na cidade, no bairro dele, né. mas uma forma muito divertida, ele é um cara que acredita muito na história dele, né? Eu acho que se o Valdir não fosse um cara que acreditasse *tanto* nele, talvez as pessoas chamassem ele de ridículo, né, porque ele guarda lixo, ele trabalha com reciclável, né, ele faz uma música “mané rock” e... tem um jeito todo dele. Então quando ele é um cara que ele acredita e ele sabe o que... realmente, o profundo valor que aquilo tem, que muitas vezes a gente não tem essa sensibilidade de *ver isso,* ele te *abre* o olho pra aquilo e tu começa a respeitar não só ele, como a arte e as coisas estão ligadas a essa arte, quando trabalha com reciclável automaticamente tudo já... tu depara com aquele, te desperta o lado de tu ajudar a *reciclar* as coisas na tua própria casa.
21’48’’	Entendi. Uma consciência...		É ativo!
	da natureza, do meio ambiente, consciência ecológica, né?		

21’56’’	No caso, o Valdir Agostinho, ele... ficou famoso pelas suas pandorgas e tal...	22’03’’	Sim.
	[Pandorgas] Soltava pandorga também, quando tu era guri?	22’06’’	Sim, sim, ele fez alguns...festivais de...
22’11	Ele participou de festivais...		...de pandorga, tinha na Baía Sul, ele participava, ele ganhava, sempre. Né, o negócio da pandorga do Davi, é um negó... do, do... Valdir, é um coisa *internacional*! [silêncio] Né, os detalhes que ele tem. Eu tenho amigos que moram em Jaraguá do Sul um grande empresário comprou pandorga dele *gigantesca* e botou no centro da sala, uma sala *mega*... né? [Silêncio] Não tô aqui pra falar do tamanho da sala, tô aqui pra falar da *importância* do trabalho dele, do *tamanho* da pandora, dos *detalhes*. Uma pandorga, sei lá, de 4 por 5 [metros]!
22’51’’	Bem grande		Ele colando coisas do tamanho... de um confetezinho.
22’56’’	[O ‘congelamento’ do passado ao transfigurar a pandorga, de brinquedo ou pescaria que voa, em objeto de arte, ‘sacralizado’ pois deveria estar preservado, ‘museologizado’.] Nossa!	22’59	Então, é um empenho muito... e fica muito lindo. Muito bonitas as pandorgas. Por fim as pandorgas do Valdir é... não são usadas nem pra... pra *voar*. Embora ele diga que *todas as pandorgas dele*, elas são feitas *para voar*. Apesar de elas... as pessoas botarem para *decoração*, elas... no final elas são testadas, elas têm que voar também. Que daí, é uma curiosidade, mas, por fim não precisa botar aquilo pra voar. Tem que botar mesmo num museu, uma luz bacana pra gente admirar.
23’34’’	Agora um coisa que me ocorreu, que tu falou que ele	23’48’’	Sim, aí é a...

	fazia um Rock muito próprio, né, dele, assim, com o jeitão dele e... ele me parece muito intuitivo né, ele é um cara que não conhece nada de teoria musical.		
23’50’’	Tu me valou da importância da teoria musical,	23’53’’	Sim.
	pra tua vida, como músico profissional, você já tinha um contato com a música.	23’57’’	Sim.
	Mas aquela passagem pela universidade foi importante, né?	24’02’’	Sim.
	Pra você chegar no profissionalismo, que você tem hoje. Mais o Valdir é um cara totalmente intuitivo.	24’11’’	Sim.
	Eu fico pensando como que ele consegue montar os arranjos, ele precisa dessas pessoas, né.	24’18’’	Sim.

	[O apelido e nome artístico "Gazu".] O Gazu... aliás tu não me falou, né, eu te chamei de Sandro Costa no início da entrevista, que é o teu perfil público no Facebook, mas teu nome... de batismo é?	24'30''	Gazu. Ah, não. [risos]
	Não, esse é o apelido.	24'34''	Sandro Adriano da Costa.
24'36''	E o apelido é...		Gazu [risos].
24'38''	Ah, tá. E você continua sendo o Gazu	24'41''	Sim. Quando alguém me chama de Sandro é problema.
24'45''	É um apelido que vira um nome artístico também.		Isso.
24'48''	Certo. E qual é a história desse apelido aí?	24'51''	Esse apelido foi uns meus primos que me deram, quando era criança. É relativo ao Gazu do "Fred Flintstones". Lá tinha um Gazu marciano, fazia mágica e ajudava o Fred, sei lá. Daí nasceu eu.
25'07''	Ficou o Gazu. [O nome do personagem do desenho animado original é: *The Great Gazoo*] Quando eu te conheci era "*Kazu*", né, com "K"	25'11''	Aham.

	Mas aí acho que não pegou, né?	25’13	Acho que não pegou, é. [risos]
	A gente chamava ele de Kazu, na faculdade, mas os amigos, “ô Gazu”. Gazu ou Kazu? “Não, é Gazu, mais eu quis botar com “K”, pra ficar diferente...	25’25’’	Não pegou, isso, é isso aí. [risos]
25’31’’	*[Encerramento]* Meu amigo, Gazu, Sandro Adriano da Costa,		Sim.
	Se você tiver alguma outra coisa pra falar, assim, à vontade, pra gente encerrar...	25’40’’	Legal, é isso aí, mais uma vez te desejo sucesso e parabéns, pela iniciativa aí de... levantar a história do nosso querido Valdir. Obrigado pela oportunidade.
25’53’’	Muito obrigado pela entrevista também.		Legal.

Roteiro para entrevista temática
Entrevistado: Alexandre Linhares
Data: 13/04/2018

Cabeçalho da entrevista

Entrevista com Alexandre Linhares, entrevistado por Luciano Py de Oliveira.
Florianópolis, 13 de abril de 2018
Projeto de pesquisa: Fragmentos de memória e identidade em Valdir Agostinho (1970-2010) - tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC

Observações: Na conversa inicial, mostrar os vídeos de shows com ele e VA (como o da Festa da Tainha de 2003 e os vídeos da formação de 2010-2012)

[agradecimento]
Gostaria de agradecer a tua disponibilidade para colaborar com a pesquisa, cedendo essa entrevista pra gente.

Dois momentos (com tópicos para guiar a entrevista) :

1. **Sobre si: suas origens, família e profissão**
   Pergunta:

- ***Alexandre, você poderia falar sobre a sua história de vida? Qual o seu nome, onde nasceu, quem são seus familiares, a música... Enfim, conte sobre a sua trajetória pessoal.***

    Apelido e/ou nome artístico: Iron
    Os pais

    Os irmãos
    Relação com a música
        No ambiente familiar?

Formação? (Começou pelo rock? Como chegou à faculdade?)
Profissão

2. **Sobre a relação com Valdir Agostinho**

Pergunta:

- ***Agora, eu gostaria que você nos contasse como foi que conheceu Valdir Agostinho.***
    a. Como o conheceu
    b. A obra de VA: pandorgas, carnaval e música
    c. O contato com VA e reverberação na sua produção musical
        i. Participação em eventos e shows
            1. Primeiro show?
            2. Show da Festa da Tainha em 2003
            3. A formação de 2010
        ii. Participação em arranjos e ou composições (por exemplo, os arranjos para Floripa, Paraíso do Surfe, Galo Brigador, Seo Agostinho, Seo Frankolino e a composição Bonita e danada)

Notas:

Alexandre revelou que seu bisavô paterno foi violinista de uma orquestra da cidade, e que seu bisavô materno foi uma pessoa importante para a comunidade da Barra da Lagoa, uma vez que foi 'responsável' pela chegada da energia elétrica no bairro. Disse que esse bisavô havia sido campeão de vela. Xande Iron tem a mesma idade que Gazu: ambos são de 1970.

Equipamento:

Dois gravadores digitais, ajustados para gravação em formato Wave 44.100 mHz (qualidade de CD), sendo:

- Um Zoom H2n, com ajuste para gravação em 4 canais, utilizando o mid-size ajustado para mono, para captar o entrevistado; o xy ajustado em

estéreo para captação do entrevistador. A gravação em 4 canais permite salvar em dois arquivos separados: o arquivo mono (entrevistado) e o estéreo (entrevistador); nível de volume pré-definido para entrevista; filtro LCF (low cut)

- Um Sony ICD-PX470, com ajuste de gravação Focused (mais fechado); nível de volume pré-definido para entrevista; filtro NCF (noise cut)

ENTREVISTA TEMÁTICA COM ALEXANDRE LINHARES (“IRON”), SOBRE VALDIR AGOSTINHO
Data: 13/04/2018
Equipe: Luciano Py de Oliveira (pesquisador; doutorado em história - PPGH/UDESC); Drª Márcia Ramos de Oliveira (orientadora).
Locação: Deque do Restaurante Timoneiro, na Barra da Lagoa, Florianópolis.
Equipamento: Zoom H2n
Nome do arquivo: SR001MS.wav

Notas:

(1) Antes da entrevista, no local combinado previamente, o entrevistado assistiu a um vídeo do acervo de Valdir Agostinho, o qual registrou um show realizado na Fenaostra de 2003. O entrevistado fazia parte da banda como guitarrista.

(2) A gravação inicia antes de anunciar o cabeçalho da entrevista, porque julguei importante registrar a fala do entrevistado sobre o pai de Valdir, Zé Agostinho. Logo foi esclarecido que já estávamos gravando, justamente por causa da história que estava sendo contada. O entrevistado consentiu que o trecho permanecesse na transcrição.

	Luciano Py de Oliveira		Alexandre “Iron” Linhares
		00’00’’	[Atuação com Zé Agostinho] [...] em locais aí... não sei se foi lá no... em Coqueiros, que eu não lembro agora, era uma festa de aniversário, de criança e era num condomínio fechado, vários prédios e tal. E ali naquele pátio, tipo era na rua assim, como se fosse uma quadra esportiva, a festa rolou ali. E chega aquela criançada, as famílias todas, entendeu, e nós apresentamos o Boi-de-mamão, e o seu Zé Agostinho tava na... tava na *banda*!
00’32’’	Tava na banda...	00’33’’	Tava na banda, ele era... era puxador, ele com Cavaco e eu com uma guitarra acompanhando ele, aquela guitarra ali ó, aquela guitarra acústica ali.

00’39’’	Que legal.	00’40’’	Entendeu? E a percussão, tal, né, e... bicharada, pá, e no final, o pessoal da, da família lá vieram interagir com a gente, conversar e tal, tal. Aí, e o Nado[1] começou a filmar tudo, o velhinho falando com as crianças, né, dando uns conselhos assim pras crianças, tá entendendo?
00’58’’	Seu Zé...	00’59’’	É. Falando pras crianças, “ó, vocês têm que respeitar, vocês têm que respeitar, não sei o que, blá-blá-bla. Falando pras crianças e as crianças tudo escutando ele assim. Ei, e os pais e as mães assim, observando, assim, sabe? Aquilo ali foi uma coisa muito interessante!
01’10’’	Foi o que, num, numa escola?	01’11’’	Não! Foi num *condomínio* fechado!
01’13’’	Foi num condomínio!	01’14’’	Condomínio fechado, uma festa de aniversário!
01’16’’	Ah, numa festa de aniversário!	01’17’’	Foi muito interessante, que eles chamaram nós, para apresentar o Boi, na festa de aniversário, tá entendendo? Porque os pais eram da nossa geração, os pais tinham, sabe o... é um já né? Por exemplo, eu tô com 48 anos. Então os pais, vamos supor, daquelas crianças, hoje, devem ter seus 50 anos, entendeu?
01’36’’	Sim, claro.	01’37’’	Então aquilo foi uma coisa *muito* interessante. Muito, sabe, significativa, muito... é... representativa, assim, pra mim. Mas a minha experiência maior, muito maior, foi com o *Valdir*, né, cara, porque o Valdir era... parceiro de festa, tudo, né, cara.
01’57’’	Claro.	01’58’’	É um cara que recebia a gente, na real, eu aprendi... tá gravando já?

[1] Do Bloco Arreda-Boi, da Barra da Lagoa, formado em Educação Física, com pós-graduação (mestrado e doutorado).

02’01’’	Tô gravando, já.	02’02’’	Tá gravando.
	Não... [eu ia explicar que era um teste de volume de gravação]	02’04’’	Tá. Eu vou falar de mim então.
02’09’’	Quero agradecer aqui ao meu... meu amigo Alexandre Linhares por essa disponibilidade de colaborar com a pesquisa e ceder essa entrevista. A gente tá aqui no Restaurante Timoneiro, na Barra da Lagoa e... a conversa começou, eu já gravei um pouquinho, mais pra não perder essa história do Zé Agostinho né?	02’32’’	É.
02’34’’	Então, essa é uma entrevista com Alexandre Linhares, entrevistado por Luciano Py de Oliveira, em Florianópolis, 13 de abril 2018, pelo projeto de pesquisa “Fragmentos de memória e identidade em Valdir Agostinho (1970-2010)”. É uma tese de doutorado do		

	Programa de Pós-Graduação em História da Udesc. Então, a gente conversou um pouco antes, fez... uma conversa mais informal, e agora, como eu te falei, eu queria dividir [a entrevista] em duas partes:		
03’09’’	A primeira, você contar sobre a tua história de vida, né? Nome, onde é que tu nasceu, a família... como é que a música entrou na tua vida, essa coisa sobre a trajetória pessoal.	03’24’’	[História de vida] Então, eu nasci em 1970.
	Então tu é do mesmo ano do Gazu[2].	03’29’’	Nasci em 70, nasci em janeiro de 70, 19 de janeiro. Então... naquela efervescência cultural né? No mundo né?
03’38’’	Sim.	03’40’’	Ah... pelo menos no mundo ocidental né. Mas... aí, a minha história com a música, cara, já vem do meu bisavô, que era violinista da Orquestra de Santa Catarina. Meu bisavô era violinista da Orquestra de Santa Catarina, cara. Ele era lá de Joaçaba né? Mas ele já era, escrevia partitura, compositor, tudo.

[2] Ex-vocalista da banda Dazaranha e um dos entrevistados para esta pesquisa.

04’03’’	Isso aí, uma orquestra que, certamente se extinguiu depois.	04’06’’	Ai ai ai, cara, nem sei. Até ... até é uma coisa que eu tenho que... tenho que pesquisar isso aí ainda melhor.
04’14’’	Interessante.	04’15’’	Pesquisar isso aí. E também por parte de minha mãe...
04’17’’	A OSSCA é dos anos 90, né?	04’18’’	Ah, isso aí, imagina, isso aí é anos 50, né, eu acho. Deve ser. *Muito* antes de nascer.
04’26’’	Bisavô, né?	04’27’’	[Relação com a música] É. Mas eu quando era criança sempre tive musicalidade né, eu já cantava melodias, memorizava tudo muito fácil, entendeu? Cantava... mas a... mas eu comecei com a música mesmo depois do Rock, né cara, depois do Rock in Rio. O Rock in Rio, daí... ver aquela avalanche de bandas de rock *pesado*, cara...
04’49’’	O primeiro [Rock in Rio]...	04’50’’	É, aquilo ali me... foi um marco na minha vida! Eu era um guri *tímido*, altamente introspectivo, sabe, assim, com *medo* assim, cara. E aquilo ali, parece que me... [silêncio] me deu um empurrão sabe, assim ó, “*vai cara*, não tenha medo de *nada* Tá entendendo, não tem que ter medo de porra nenhuma, meu irmão. *Vai lá!* Entendeu, quebra, tá cheio de barreira aí, ó, que [incompreensível] não enxerga, cheio de traumas, cheio de... repressão, cheio de coisa contida aí, nesse preconceito, nesse... entendeu? Essa música aqui vai te... “vam”! [interjeição] Era como se botasse o dedo na *tomada*, assim, né? Eu ver aquelas guitarra elétrica, aquela bateria *pesada...* aquela... aqueles *grito* assim, cara, “vram”, botei aquilo ali... é como seu eu tivesse... levado um... acordado de um pesadelo assim, entendeu, pulasse da cama assim e acordasse de noite era... outra, outra dimensão assim.

05’43’’	Transformou.	05’44’’	Transformou cara. Deixei... cara, a minha timidez, eu continuo até hoje um pouco tímido, mas, de uma hora pra outra eu queria usar cabelo arrepiado, calça rasgada, entendeu, e também, já saia na rua pra beber, também, né? Pra fazer bagunça, e tal. Mas aquilo ali foi bom pra *mim*, entendeu, foi muito bom! Que eu perdi... comecei a ficar mais desenvolto, com as *meninas*, entendeu cara? Comecei a me divertir *muito mais*, ia pra shows, conhecia gente interessante... Nisso aí toda aquela bagagem do Rock, já tem a literatura por trás, né cara? Tem toda uma literatura por trás. Filosofia, história, ficção científica... Porra, toda aquela... e também a questão política também, né cara, as grandes revoluções...Então tudo isso aí influenciou, né, aquela geração nossa né? Por exemplo, quem começou a curtir esse som ali no final dos anos 70, né?
06’41’’	É. Eu sou de 74, um pouco mais novo	06’45’’	É, então, eu já comecei a curtir esse som mesmo, cara, em 80, por aí, entendeu? Em 80, eu lembro da primeira música que me chocou, cara, que eu levei um *choque*, fiquei assustado, foi “Eu nasci há dez mil anos atrás”, do Raul Seixas. Ouvi no rádio, aquilo me chocou, cara. Nunca, até então, eu não tinha ouvido ainda... uma música que falava de bruxas, falava de Hitler, falava da... misticismo.
07’12’’	Ah, é um grande apanhado da história da humanidade.	07’14’’	Né? Então aquilo ali me chocou, cara! Me fala sobre... porra... [silêncio] e era um um rock, um rock, né, cara. Então, quer dizer, ali foi...a primeira música que eu fiquei arrepiado, assim, com a música. Aí depois, entendeu, quando eu comecei a... até a hora que eu comecei a... tocar guitarra, né, cara? “Não sei de mais nada, eu quero uma guitarra”, tá ligado, “eu quero, eu quero, com essa porra e comecei a tocar e não *pensei* cara, isso que eu falo pra galera, que vem fazer aula comigo, eu não perguntei para ninguém se era difícil, se era fácil. Entendeu? Não perguntei pra ninguém, nem pensei nisso. Eu não pensei nessa possibilidade. Simplesmente eu tava apaixonado, fui lá e tinha lá uma guitarra Sonic, uma guitarra *horrível*, que nem um pau, um pedaço de pau lá...

07’57’’	É o que a gente conseguia, né?	07’58’’	Na época, entendeu, uma guitarra muito ruim... e...
08’01’’	Instrumento nacional...	08’02’’	É! Entendeu, até tinha coisas boas até, mas era difícil de achar, né?
08’06’’	Caro...	08’07’’	Caro! Então, e aquilo ali eu tocava aquela guitarra assim, sem amplificador, sem *nada*! Só ela mesmo... entendeu, ali eu fui tocando, fui indo, fui indo, fui indo, cara... aí depois comecei a... trabalhar, [incompreensível] ter meu salário e tal, aí comecei a comprar as coisas né? Aí veio a abertura política mesmo... uma das coisas boas que o Collor fez né cara, uma das poucas coisas que prestou... foi aquela abertura do mercado... daí dei um upgrade né cara, né? *Tudo* na questão da tecnologia né cara, foi uma coisa boa prum lado, pro outro lado teve também os, os, os construtores daqui, os artesões daqui, os luthiers, até fábricantes de automóveis, tecnologia, perderam, perderam o espaço deles, não foi investido neles. Mas queira ou não queira a gente, o que já era top nós tivemos acesso, né.
09’01	Ah, pra eu comprar um teclado pra mim era uma dificuldade.	09’03’’	Pô, imagina!
09’04’’	Eu comprei nessa época aí, tu vê, teclados que eu uso até hoje	09’07’’	Pois é! Entendeu? Aí comecei a estudar até, até o ponto que eu...que eu já tava com meus 18, 19, 20 anos, ali, né cara, aí porra, agora só resta então uma *faculdade* né cara? Porque curso técnico... eu estudei na Escola Técnica, lá na... ETFESC...
09’25’’	Onde é o IFSC, agora...	09’26’’	É, então, hoje é o IFSC... lá o curso era muito bom mas eu não... não me identifiquei!

09’30’’	Qual era o curso?	09’31’’	Era um curso de edificações, né? Né, que na época era eletrotécnica, edificações e tal. O meu era edificações...
09’40	Devia ter feito eletrotécnica, já construa umas guitarras	09’41’’	[Risos] Pois é, né, cara!
09’44’’	Foi pra edificações...	09’45’’	[Ingresso na Licenciatura em Música] Mas é, mas, enfim, até que eu passei no vestibular da Udesc, cara. Entrei no Centro de Artes. Aí, lá no Centro de Artes eu já tava... já tinha passado minha fase de ser metaleiro, radical, roqueiro radical, eu já tava... até porque foi na década de 90, né, cara. Aí houve aquela decadência do Rock, né?
10’03’’	Sim.	10’04’’	E houve uma... houve uma... uma abertura assim mais, acho, pra mídia, pra brasilidade, né?
10’14’’	A coisa da fusão, do híbrido, Chico Science, Mangue Beat...	10’15’’	Né? É... Pô, eu lembro que o... [pausa] o Gilberto Gil lançou o acústico né? Foi o primeiro acho, o Acústico MTV acho que foi dele né?
10’26’’	Unplugged do MTV, é...	10’27’’	Aquilo ali foi um diferencial, cara, apareceu... né. Até esse cara que morreu recentemente, esse produtor gaúcho... aquele tava banda [difícil compreensão], que morreu...
10’36’’	Miranda.	10’37’’	Miranda! Esse cara foi um cara muito importante na década de 90. Pra... né pra o aparecimento dessas bandas, né, cara, aquela geração de 90 né? Foi um cara *importante*.

10’46’’	O que que era, Raimundos, né?	10’47’’	Tudo, era Raimundos, né cara, ô... pô, vários! [pausa] O D2 lá, como é que, o...Planet Hemp, né... aquelas bandas... as Comunidade Nin Jitsu também, lá Porto Alegre, a Pitty, né, *monte de gente aí cara*! Monte de gente, até... até inclusive o Mangue Beat, né cara! O Mangue Beat também... Então, mas aí, essa época aí eu entrei na faculdade, conheci... nós nos conhecemos lá...
11’17’’	Eu conheci você lá, é.	11’18’’	Então, e lá, e lá a minha cabeça foi... eu já tava... eu já tava preparado pra abertura, né... e lá eu conheci a galera da Bossa Nova [rindo], conheci a galera dos... né, que gostava de Beatles, galera da Música Erudita, do Jazz... entendeu, que pra mim foi um *choque também*, porque eu não gostava... daquilo, mas eu tava precisando... eu sabia que tinha que gostar! Olha que coisa louca, né cara?
11’43’’	Eu entendo...	11’42’’	Não tava acostumado a... não tava ambientado com aquilo. E aí, eu me deparei, lá, eu, no Canto Coral, lá, tendo que cantar música do Grupo Engenho! Que eu já gostava... [silêncio] né? Grupo Engenho, tu vê só.
11’57’’	Das antigas...	11’58’’	Né? E teve, e cantava repertório de cantochão, papapá, e aí aquilo ali tudo o tempo foi passando, foi amadurecendo e pô, “onde é que eu tô, cara, coisa maravilhosa isso aqui, cara”, entendeu? Aí... também comecei a conhecer a galera do *teatro*, artistas *completamente diferentes* dos músicos, né? Completamente diferentes, cara! [risos]
12’19’’	Sim, sim...	12’20’’	Numa essência completamente diferente. Como que é a arte, cara.
12’23’’	E as artes visuais...	12’24’’	Né, e a galera das artes visuais também, né? E a galera das artes visuais, era artes plásticas, na época, era né, também, totalmente diferente e... interessante que eu me dava melhor com a galera das *artes visuais*, do que a galera da *música*!

			Entendeu? Porque a galera da música é todo mundo muito introspectivo, muito chato!
12’46’’	[Risos]	14’47’’	Né? Cada um com sua *chatice*! Eu com a minha, os músculos de MPB com a deles, os eruditos com a deles...
12’53’’	A técnica, né?	12’54’’	Sabe, a técnica aquela coisa introspectiva, aquela perfeição, perfeccioinismo, aquela coisa toda cara!
12’59’’	Tensão!	13’00’’	Né, aí! *Tensão*! Tensão, era *tenso*, as aulas eram *tensas*! [silêncio] né?
13’06’’	É.		...as aulas eram tensas e... quando a gente se... é.. gente se... é... interagia com pessoas das *artes cênicas* [rindo] e com as artes plásticas aí virava uma festa! Porque era impossível, né... aí a galera das artes plásticas, e as artes visuais, iam ver a gente tocar, “que lindo, maravilhoso”, e a gente achava *horrível*. E eles estavam achando aquilo tudo maravilhoso, lindo, maravilhoso, eles estavam feliz! Só que eles viam que a gente não tava feliz. Que coisa *esquisita*, cara. [silêncio] Né? E eles *também*! Ia ver uma peça de teatro ficava galera toda lá, crítica pra caralho, e eu já em pé, levantando, batendo palma [som de palmas]... totalmente leigo, né? Eu dizia para eles, eu sou *leigo* em teatro, cara, não entendo nada! Pra mim isso aqui foi ótimo, entendeu? Eu tava a fim, precisando ver isso aqui.
13’57’’	Foi um espaço para tu ter contato com isso tudo né? Com o teatro, com as artes visuais, com outros estilos...	14’01’’	É!

14’02’’	Quer dizer, assim, tu é nativo daqui de Florianópolis?	14’09’’	Sim.
	Daqui da Barra da Lagoa	14’10’’	[Origens] Não, eu nasci no Centro, nasci na Carmela Dutra, é. Aí, até os oito anos, eu viajei pelo Brasil todo, cara, meu pai trabalhava na Eletrosul. Meu pai era... era topógrafo. Então, na época dos militares, no final da da ditadura militar, anos 70 lá, ele... porra, morei no Rio Grande do sul, morei no Paraná, morei no Rio de Janeiro, cara, morei em Minas Gerais, morei no Espírito Santo... entendeu? [silêncio] E aí quando ele faleceu, eu vim em definitivo pra cá, em 78. Aí morei no Centro... no Centrão, lá, aí no Centro eu via... participei também, né, da efervescência da cena Rock, tá ligado? Os anos 80... né? Participei...
14’57’’	Como é que você veio parar aqui na barra da Lagoa?	14’58’’	Na Barra porque, meu bisavô... já foi o primeiro cara que trouxe energia pra cá. Rafael Linhares, ele era o cara que trouxe um gerador...
15’10’’	Esse que era o violinista, também, ou era outro?	15’11’’	Não não não, bisavô por parte de mãe aí. Esse é por parte de mãe. O violinista era por parte de pai.
15’17’’	Como é que era o nome mesmo? Rafael?	15’18’’	O daqui? É Rafael Linhares.
15’21’’	Rafael Linhares... Esse era daqui da comunidade.		Rafael Linhares, entendeu, campeão...
		15’24’’	Campeão Sul-Americano de vela. Lá no Rio de Janeiro. Então ele era do mar. Então a parte da minha família, por parte de mãe, a galera é do mar, entendeu? Eu puxei mais a família do meu pai. Entendeu. Não é do mar.

15’39’’	Então o bisavô violinista era...	15’41’’	Era da família do pai.
15’43’’	Paterno.	15’44’’	Paterno, isso. [O tempo dos avós na Barra da Lagoa] E o bisavô velejador, era parte da mãe. Então ele, ele já tinha essa terra aqui, esse terreno aqui na tua frente aqui, ó, aqui essa península aqui nessa frente aqui, ó, ali é tipo uma peninsulazinha, e esse era tudo dele. Entendeu? Então minha mãe, e as irmãs dela, a família, vinham quando eram criança, vinham tudo pra cá. Entendeu, aqui não tinha estrada, *nada*! Ah, eles vinham numa estrada de terra até o Retiro, até a Lagoa lá ó, onde era Freguesia né? Onde é o Casarão[3] ali e tal, certo?
16’19’’	E ali vinha de barco	16’20’’	Dalí vinha de barco até aqui!
16’22	Senão tinha que vir a pé!	16’23’’	Ou então vinha de cavalo pela trilha ou a pé!
16’25’’	A cavalo...	16’26’’	A cavalo vinha até aqui né. Era o jeito. Isso a minha mãe criança. Quer dizer, imagina, isso aí... fazem... mais de 60 anos atrás. Só eu tenho 48. Pô... quer dizer, né, entendeu? Mais de 60 anos atrás isso. Aí, minha mãe, depois que meu pai faleceu, anos depois, ela herdou um terreno aqui, entendeu? Mas ela conheceu o cara que é hoje meu padastro. Que é nativo, nascido de parteira aqui na Fortaleza[4].
17’01’’	Entendi...	17’02’’	[Infância na Barra da Lagoa} E ela casou pela segunda vez, com ele teve uma filha... E aí nós ficamos assim, um tempo a gente morava no Centro, depois a gente voltava pra cá, porque nós construímos uma casa aqui em 82... entendeu? [silêncio] Mas isso aqui, esse lugar aqui, cara, tu olha assim hoje em dia é lindo,

[3] O Casarão ao qual ele se refere é uma antiga estação dos Correios que atualmente funciona como um centro cultural mantido pela Prefeitura.
[4] Uma localidade da Barra da Lagoa.

			né? È *lindo*. Mas é um lugar já urbano. Aquela época, a... 30 anos atrás, isso aqui era uma fábula. Uma fábula igual a uma... história lá do, sabe...
17’40’’	Dos Irmãos Grimm.	17’41’’	...a Cinderela, tá ligado, uma *fábula*, isso aqui era uma *fábula*, cara. A gente não tinha noção disso na época. Mas... quem tem memória, lembra e fala, “realmente, isso aqui era uma fábula”, isso aqui era um lugar... uma coisa que não... emocionante, entendeu, assim, uma *fábula*, cara!’
17’56’’	Mais natureza, né?	17’57’’	Só faltava... aquilo lá... isso aqui era uma fábula, cara, só faltava... tu ver os duendes andando pela rua, só. Só isso, entendeu. Esse rio aqui era, camarão, tainha, aqui, eram... *mais de 50 pescadores*! Tarrafeando em noite de verão, camarão... inverno, tainha. Entendeu, eram *toneladas* era... sabe?
18’22’’	Uma fartura que hoje não tem mais...	18’24’’	*Não*! Hoje não tem 10% do que tinha. Não tem 10%. Mas então tudo isso aí cara, isso aí, essa vida influencia no trabalho do artista, entendeu? Assim como eu que sou compositor também e... né, influencia...
		18’43’’	[Menciona Valdir Agostinho] E o Valdir, que é um cara mais velho que *eu*, que viveu coisas aí que até... que é... *difícil* de acreditar! Né, como ele declara que viu... *entidades* né, viu, viu *elementais*, né, viu... bru... ele diz que bruxa é verdade, a história das bruxas, é verdade... Ele fala que *viu*, né? Se a pessoa viu... ela *viu* né cara! [riso] Só quem vai acreditar é quem viu! Quem não viu não acredita.
19’13’’	Claro que era muito diferente do que é hoje	16’15’’	Totalmente diferente, tá entendendo. Hoje, hoje o capitalismo tá aqui.

19’20’’	Sim.	19’21’’	O capitalismo tá aqui e tá no inconsciente coletivo de todo mundo... o capitalismo é a... [incompreensível], o pessoal nem sabe disso! Nem sabe o que é capitalismo! [risos] Mas o capitalismo rege... o status quo, a vida de todo mundo! Naquela época não .
19’41’’	Ventania, ó!	19’42’’	Ventania...
19’43’’	Falasse nas bruxas...		É...
	[risos]	19’45’’	Vento sul, né? Vento sul.
19’47’’	É, tá bem seco, né, esses dias... E, então, podes, já que tu tocou no assunto, né, porque tu falou da faculdade, falou do rock, pode dizer assim quantas bandas mais ou menos que teve?	20’07’’	[Bandas que participou] Pô, cara, eu não tive muitas não, cara.
20’09’’	Mas assim bandas assim que... marcaram.	20’10’’	Ah...
20’11’’	Quando eu te conheci tinha a Motherfucher.	20’14’’	Motherfucker, é. É isso, com a galera do Centro, lá, na década de 90. Depois disso aí, cara, mais significativo... aí eu trabalhava com a galera do Arreda Boi, né? Que é outro formato de banda, né, foi outra história. Que é banda de Boi-de-Mamão, né cara? Né, uma coisa diferente, que a gente trabalhou *arranjos* né, muito influenciada pela cena da década de 90, lá, do Nordeste né, de batucada,

			entendeu, tipo... como Olodum, como a Timbalada, como Mangue Beat, né? As escolas de samba também. E também, né, o folguedo do Boi-de-Mamão daqui né cara. Então misturou tudo aquilo ali entendeu?
21’00’’	Sim.	21’01’’	E na década de 90 eu também trabalhei com isso aí. Depois do Motherfucker, tu vê só, cara, algo totalmente...diferente, totalmente diferente. Absolutamente nada a ver com aquilo. Mas eu já tinha *nisso aí*, eu já tinha visto o Valdir. Antes de eu tocar, o Valdir já tocava.
21’21’’	Como é que tu conheceu o Valdir?	21’23’’	Cara, eu conheci, eu não lembro quando, exatamente *quando* e *como*.
21’26’’	Mais ou menos...	21’27’’	Eu morava aqui, entendeu, cara, então eu era, eu com 15 anos de idade, sabe, com, é lá com 17 anos de idade, começando a tocar guitarra, meu quarto cheio de pôster, o Valdir [silêncio] vai ali falar com o meu pai, com a minha mãe, *não sei*, olha lá no quarto e olha assim, “porra, que legal cara, um adolescente, daqui da Barra, tocando guitarra, cheio de posters de bandas, de caras loucos, cabelos coloridos, e papapá, né? Então ele se identificou com aquilo, porque não existia *nenhum* [silêncio] uma criatura da Barra da Lagoa
21’58’’	Tu fez uma ponte, né, porque tu ia pro Centro, tu viajou muito, mas também tu vinha pra cá, então tu fez uma ponte do urbano com o interior, que aqui ainda era meio interiorano.	22’04’’	Claro!

		22’06’’	Sim, claro... e o Valdir era a grande referência, porque o *Valdir* também fez *isso aí*!
22’10’’	Exatamente.		[Diferentes temporalidades entre Iron e Valdir: antes e depois da televisão] Antes de mim. Nesse Studio A/2 que tu falou aí, né, com o Beto Stodieck, lá, aqueles artistas todos, a Vera Sabino aqueles artistas plásticos, músicos, papapá...
22’20’’	[O Valdir] Foi estudar no Centro...	22’21’’	Lá onde ele conheceu a Rita Lee, inclusive, né? Então, a mesma coisa, entendeu? Ele foi trabalhar lá com molduras, e tal, conheceu essa galera toda, isso influenciou, não só nas artes visuais como também na música, e, na psicodelia, e tudo, né, no modo de ver o mundo, ele já tava com a mente aberta, só precisava de uma referência! E lá no Centro ele teve essa referência, entendeu? Eu tive a referência na televisão [acentua as palavras com palmas]... porque ele aqui não teve televisão. Não tinha televisão aqui. Ele não teve. Eu já tive televisão, entendeu? Eu lembro, até esses tempos aí, tavam comemorando, falando no Facebook aí, a brincadeira assim, alguém botou lá, “ah, vamo fazer uma brincadeira aí pra ver a idade de cada um”, “quem é que... é... alguém aí relata alguma coisa que viu na TV, assim, quando era novo”. Aí eu falei: “a primeira coisa que eu lembro, uma coisa significativa, foi o lançamento do Star Wars. Em 77, 78, eu não lembro. Que eu vi na TV, preto e branco ainda... tá ligado, o lançamento assim, *Star Wars*! Né, a primeira vez que eu vi, que a galera vê aquelas naves voando, assim, foi uma tecnologia de efeitos especiais, *tuf* ! ... tá entendendo? Então... eu já tive *isso aí*, isso é um marco! Eu vi a televisão, aquilo ali. Quer dizer, o Valdir já não teve isso aí. Não viu isso aí. E assim como eles, pessoas mais novas do que ele, também não tiveram! Televisão. Entendeu? Rádio e olhe lá! [silêncio] E isso tudo aí, cara, também que ajudou nesse, nessa coisa, como é que fala... específica, essa cultura específica, né cara? Essa coisa... essa cultura bem específica, *singular*.

24’11’’	Singular...	24’12’’	Né? Singular dele, o trabalho *dele*! Porque é justamente isso aí, entendeu? Ele já, ele cresceu, se tornou adolescente sem ver televisão. Mas ele já tava com a imaginação, já tava observando coisas que, talvez se ele tivesse televisão ele não observaria. Ele ia deixar de soltar uma pipa lá na beira da Lagoa, num dia de vento sul, lá, pá, ia ver alguma coisa lá, não sei! [silêncio] Ia ter outra experiência, que a televisão, como dizem os indígenas, diziam, rouba a alma, né, tu fica estático, só recebendo. Tu não constrói nada. Ele não, ele tava construindo alguma coisa, porque ele não tinha nada, não tinha outra alternativa.
24’52’’	Não tinha outra alternativa...	24’53’’	Então isso aí, ele exercitou, aprendeu, com a vida dele, a fazer as coisas. E não recebê-las prontas e simplesmente reproduzir. Eu já tive isso, entendeu? Eu já tive disso, eu já tive isso aí, eu já fui que nem ele, assim. Eu já era do Centro, já era... já recebia as coisas prontas, entendeu, mas mesmo assim ainda vivi numa Florianópolis... provinciana, entendeu? [silêncio] Provinciana.
25’18’’	Ai quer dizer que você meio que conhecia ele já, naturalmente.	25’23’’	[Conhecia ele daqui *do bairro*, entendeu? Até que... mas eu lembro de uma quermesse que teve ali ó, na venda da Dona Luizinha, que ali era a venda dela, e do lado a igreja. E até hoje não tem isso aí. Tem a missa, e as festas, da Santa Catarina, festa de... né? Festa do Santo tal...
25’46’’	Festas católicas...	25’48’’	Festa de São Pedro, né cara, as festas, e tal.
25’51’’	Festas dos santos.	25’53’’	E aí sempre rola um baile, né cara? E eu lembro de uma festa tal, isso foi em oitenta e... sete, oitenta e oito, não lembro cara. Tinha uma barraquinha lá, e tá lá o Valdir com o seu... moicano todo colorido na cabeça, uma guitarra, acho que era, não se se era ... [da marca] Finck, não sei que marca que era, [modelo] Flying-V azul, tá entendendo, rabo de peixe, né, Fyling-V é... rabo de peixe, tá entendendo, *tocando as músicas dele cara*! [silêncio] Ele e o Carlinhos, [risos] um brother nosso

			aqui também, o Carlinhos tocando num balde, cara, com um balde, tocando com um balde, acompanhando ele com um balde, o Valdir tocando com a guitarra amplificada, tudo, microfone,
26’36’’	Que loucura!	26’38’’	Tá entendendo, eu olhei aquilo cara, eu digo: [com uma voz sussurrada, como se estivesse admirado] “meu Deus, será que eu vou sair correndo? Eu tô com vergonha! Esses caras são corajoso, cara! O cara é muito corajoso, olha só cara, a atitude do cara”, entendeu? E a naturalidade assim... mas ninguém tava *entendendo nada,* que a galera, entendeu, né, apesar de que anos 80, era aquela né, foi aquela *abertura política* né, cara?
27’00’’	Podia tudo, né?	27’02	Anos 80 foi abertura política né, isso é uma coisa que não pode ser... não pode, na tua [silêncio] né, sem querer me intrometer...
27’10’’	Não, claro!	27’11’’	Mas eu acho que é uma coisa que tem que ser... levado em consideração, cara, é a abertura política da década de 80. Nós saímos de um regime militar, *o mundo inteiro*, né cara, as ditaduras da latino-américa, e... assim como a cortina de ferro, né? No Oriente né?
27’28’’	Ah, esse é um tema... marcante, né?	27’30’’	Então, nós todos culturalmente somos... influenciados por essas aberturas. Abertura política. Então antes tudo era proibido e, de repente, aquele colorido... do pós-punk, sabe, né, e o Valdir foi... embarcou *nessa barca aí*, embarcou nessa daí, irmão! [bate uma palma] Cores, milhões de cores, tá ligado, guitarra, Rock, sabe... mas ele tocava um Rock de pescador, tá entendendo? Uma coisa... falando da... Barra, da Lagoa da Conceição, da, da.... [risos] com uma guitarra, tocando... a letra falava de *procissão*.

28’08’’	Pois é.	28’09’’	Sabe, cara, ficou, então, era um negócio totalmente... é, *tropicalista* né cara, na década de 80, assim né, a Tropicália chegando aqui na, na Ilha, na Barra, né?
28’20’’	Chegando com um pouquinho de atraso	28’21’’	O Luiz Henrique Rosa levou aquilo pro Centro né, mas e o Valdir, aqui na Barra, entendeu. Só que o Valdir não acreditava, ele disse, que não tinha essa autoestima assim.
28’30’’	Era... era intuitivo, né?	28’32’’	Né, não tinha essa autoestima, dizer “ah, eu quero ser músico”, aquilo pra ele era uma brincadeira, uma diversão.
28’36’’	O Luiz Henrique trouxe a Bossa Nova e o Valdir, o Tropicalismo.	28’29’’	Pois é, cara, entendeu?
28’40’’	Alguma coisa assim.	28’41’’	Foi, é, entendeu! Então, aquilo foi *referência*! Aquilo ali é referência, não adianta, eu olhei aquilo ali, eu vi aquilo ali, entendeu, e depois eu vi outros shows dele, vi altos show dele na Festa da Tainha, cara. Show lindo, lindo, lindo, cara. Saca?
28’57’’	Sim.	28’58’’	E eu digo, “porra um dia eu vou, eu vou estudar guitarra, se o Valdir quiser eu vou tocar com ele”. E não deu outra! Não deu outra. Valdir já tinha gravado com Guinha Ramirez...
29’11’’	Ah, foi depois do CD do Guinha	29’13’’	É, já foi depois, né. Aí eu já tinha, eu já tava na universidade, já tinha...
29’17’’	Tava na universidade.	29’18’’	Aí, eu tinha me formado, acho, já. Já devia ter me formado, né cara.

29’21’’	Aquele show da Fenaostra, que a gente viu o vídeo, de 2003, ali não foi a primeira vez que tu tocou com ele.	29’27	Não, não.
29’28’’	Já vinha tocando outras vezes.	29’29’’	Não. O primeiro show que eu toquei com ele cara, [silêncio] *o primeiro show que eu fiz com ele cara*... até aquela... pianista lá, que canta música popular...
29’41’’	Denise de Castro’?	29’42’’	Denise de Castro... tava... tá ligado, eu fiz um teste com eles no estúdio... acho que foi no estúdio do [Luiz] Maia ainda. Eu fiz um teste lá, aí o Valdir... ficou meio desconfiado assim... eu também, eu era... inexperiente.
29’54’’	Tu conhecia ele, ou ele não se lembrou?	29’56’’	Não, não, *claro*, ele me convidou *daqui*. Ele veio me convidar aqui na Barra da Lagoa: “ó, cara, sei que tu tás... te formasse, tu já é músico, tu é professor, não seio o que, tu toca bem, eu quero te convidar pra tocar comigo, queres tocar comigo?” “Vamos”! Mas eu não tinha essa cancha, né, de tocar... em palco, assim, grande, eu só tinha tocado em... [silêncio] né, em underground, assim. No underground...
30’18’’	Garagem.	30’19’’	E com o Arreda-Boi, na rua. Não com músicos profissionais, no palco, entendeu. Aí...mas comecei, encarei, fui lá, comecei, pá e pá e pá, e fui *indo*, aí comecei a frequentar mais a casa dele, né cara? E comecei a mostrar pra ele que eu era...
30’34’’	Do lado né?	30’35’’	Né? Ali do lado, né? E comecei também a mostrar pra ele que eu também era *compositor*. E aí, pá, nós começamos a ficar mais amigos, tal...

30’45’’	Tu chegou a compor música em parceria com ele, não?	30’47’’	Não.
	Não necessariamente.	30’48’’	Parceria com ele, não.
30’51’’	Mas arranjo de música...	30’52’’	Mas sim, arranjo com ele, direto. Aí, depois, trabalhando com ele, com música, eu ia na casa dele... três vezes por semana cara, incomodava ele pra caralho, né? Eu perturbava ele. Eu digo, “eu vim aqui pra te perturbar, cara”. [silêncio] Entendeu?
31’07’’	Pra fazer a coisa acontecer.	31’08’’	Depois também toquei com o sobrinho dele, o Jobson. Também que é músico, da veia, da família dele também, entendeu? Músico popular também.
31’14’’	O Jobson apareceu no vídeo, você falou, né?	31’17’’	Aparece naquele show ali, é, então. Também é outro compositor de mão cheia, que tem altos som, mais pop que o Valdir, né. Bem mais pop, assim. Mais jovem e tal. Mas um guri também muito bom, mas, é... essa coisa aqui, da Barra da Lagoa, cara, não sai daqui né, velho. [O isolamento que ainda persiste nos dias de hoje na Barra da Lagoa] Quem mora aqui não sai daqui pra ir pro Centro. Eu já não sou assim, entendeu, eu tô morando aqui, mas pra ir pro Centro, final de semana eu vou pro Centro, por exemplo. *Ninguém* aqui na Barra sai daqui pra ir pro Centro, curtir a noite. Ninguém. Não existe isso. Pode ter o show que for, a balada que for, ninguém faz isso aí.
31’54’’	Olha só...	31’55’’	Ninguém sai daqui cara. Isola, a natureza ela... é um acalanto, entendeu, a natureza ela te... bota na, no colo e tu fica aqui cara. Pessoal sai pra trabalhar porque...

32’08’’	As pessoas procuram vir pra cá pra não ter que sair então, é como se fosse um refúgio.	32’11’’	É, o pessoal sai pra trabalhar, é obrigado. É *obrigado*. Mas se *não*... [silêncio] E o também é outro. É outro também que... naquele refúgio dele ele não sai e eu... não critico ele, né cara. [silêncio]
		32’23’’	É porque hoje em dia também mudou tudo né cara, hoje em dia pro artista sair assim, fazer uma excursão, né?
32’34’’	É.	32’35’’	O Valdir pegar uma banda e fazer uma excursão. Hoje em dia tá mais difícil ainda até porque os meios de comunicação já, *tudo mudou* né cara?
32'43’’	Por isso que a gente tá naquele formato acústico agora, que foi uma ideia do Maia, pra gente cortar custos, porque daí não precisa um...	32’52’’	Bateria...
32’53’’	Bateria, amplificadorzão de baixo... eu levo uma escaletinha, se for um lugar, se for pra tocar *aqui*, nesse deque aqui do restaurante eu não preciso nem tomada. Entende? Então é uma volta à simplicidade, mas também por causa dessa coisa que é difícil de fazer a coisa acontecer.		

33’12’’	Aí, teve uma época que eu toquei com o Valdir que você já não tocava, que foi em 2006, ali que era o Ulysses [Dutra], o Maia, o [Guilherme] Ledoux. Aí eu saí. Como é que você voltou ali com o Valdir? Quando eu voltei a tocar com vocês foi em 2010. Tu lembra disso aí? Era tu, o Sílvio [César] e o Jorge [Gómez].	33’32’’	Então, antes disso aí nós já estávamos tocando eu e o meu primo Rafael... o Jobinho... Tocava também o... um gurizão aqui da Barra que era baixista também que eu esqueci o nome dele agora, [silêncio] Maciel. [silêncio] Nós estávamos ensaiando com o Valdir direto, cara. [silêncio] Porque... essa galera era do sobrinho dele, do Jobson. Aí, a coisa deu problema... nós migramos... pra casa do Valdir! Valdir puxou a galera e “vamos fazer um som, *vamos fazer um som*, e começamos! Entendeu?
		34’13’’	[Oportunidades com a FFC] Aí, depois começou a... [silêncio] a... [silêncio] a surgir as oportunidades, novamente, através da Fundação Franklin Cascaes, de pegar palcos maiores, e tal... entendeu? Aí já começou a haver uma migração né, de músicos.
34’26’’	O Valdir ele troca de banda direto, às vezes eu acho que ele tem mais de uma banda.	34’31’’	Sim, sempre foi assim né cara, ele não... é, também pela dificuldade dos músicos, de sobreviver...
34’38’’	Eu sempre disse pra ele, que quando tiver alguma proposta que não tiver um cachê muito bom, se ele quiser ir sozinho com o violão...	34’45’’	Ahã.

34’46’’	Eventualmente isso acontece, né? Mas... [silêncio] claro que ele gosta do... [silêncio] de ter a banda ali, né? Claro que gosta.	34’55’’	[Valdir enquanto *performer*] Claro. Lógico. Até porque ele é um frontman, né cara? Ele é um *frontman*, né bicho, é! Um desperdício, botar um violão no Valdir, e botar ele a tocar violão, ficar parado com o violão na mão, ali. Em dado momento tudo bem, toca uma, duas músicas lá. Mas ele é um cara que, no Brasil, sinceramente cara, no Brasil, são poucas pessoas que tem a... desenvoltura, a presença de palco, sabe, a psicodelia a loucura dele, né? Até, fora... hoje em dia tá careta o negócio, hoje em dia, na realidade. Aquela.... aquela... aquela característica dos ano 80, que era a irreverência, hoje careteou totalmente! Hoje em dia tu vê, os artistas no palco, com a roupa, como se fosse um... um advogado, pô. Né, um... supervisor lá do supermercado! [risos]
35’44’’	Que fim levou...	35’46’’	Bonezinho... Tá entendendo?
35’48’’	...[a banda] Premeditando o Breque?	35’49’’	Saca velho?
	Que fim levou a Blitz?	35’51’’	Aí tu vê, pô, imagina Nina Hagen, lembra da Nina Hagen, cara?
35’55’’	Nina Hagen! Claro.	35’56’’	Meu Deus, cara.
35’57’’	Era chocante, né?		Entendeu? Quer dizer, aquilo ali foi dos anos 80, Boy George, as bandas daqui, até do Brasil, tudo, pô. O Supla, o Sergei, entendeu, aquela irreverência toda, os Titãs... [silêncio]
36’11’’	Tu chegou a ver a banda...		Hoje é careta.
	...Fênix?	36’13’’	[Banda Fênix] Sim. Claro, eu conheci o trabalho do Valdir com a banda Fênix!

36’18’’	Que eles já usavam um figurino muito louco.	36’20’’	*Já*, galho de árvore, sabe, bruxólico e tal... as pipas do Valdir já tinha, entendeu, as máscaras, já tinha tudo aquilo lá!
36’30’’	Festival de pipa, tu chegou a ir, a assistir algum?	36’32’’	[Festivais de Pandorga] Eu fui aos festivais de pipa, quando era criança, me lembro. Me lembro, no Aterro da Baía Sul.
36’39’’	Aterro da Baía Sul. Valdir sempre tava lá.	36’42’’	Ah, sim.
36’43’’	Quase sempre.	36’44’’	Eu não lembro de ter interagido com ele. Eu não conhecia ele.
36’48’’	Na época tu não conhecia ele.	36’49’’	Não conhecia ele. Mas com certeza ele tava lá, porque ele era um dos principais, né cara? Mas eu lembro que lá eu vi os... barrelotes, né? [silêncio] Aquelas caixas... pipa, pandorga, todas as... modalidades que tinha, né cara? Porra, era muito legal, aquilo era um domingo de tarde, sábado à tarde, não lembro direito.
37’08’’	É. Tem um vídeo no Youtube, bem curtinho.	37’10’’	É?
37’12’’	Acho que de 82, ou 86, por aí.		Ah, então, é!
37’16’’	E é o único que eu vi.	37’18’’	Aham. Sim.
37’19’’	É o único que eu vi.	37’20’’	Ah, eu lembro cara.
37’22’’	[Carência de lugares de memória] A gente tem uma...	37’36’’	Uhum.

	como é que eu vou te dizer... [silêncio] Essa é uma coisa que eu tenho uma impressão, acho que um pouco da minha pesquisa, que a gente tem carência de... de lugares de memória. De marcações, assim.		
37’37’’	Eu vou te dar um exemplo, eu tava indo na Rodoviária e eu vi uma escultura fantástica ali. [silêncio] Uma escultura antiga, até eu bati foto, é dos anos 80, é a escultura da Rita Maria. Né? E tem uma... uma oração, da Rita Maria. E não tem mais nada! [silêncio] Tinha que ter o nome do *artista* que fez aquilo! Tinha que ter um *histórico* da Rita Maria. Eu tive que procurar aquilo. Era uma benzedeira, que morava ali, naquela região onde tem o Terminal, né? Eu acho que falta isso. Falta essa cara, né, cadê a cara de Floripa?	38’18’’	Sim, sim, não, é... Promiscuidade, né? A cidade promíscua, né? Como tudo no mundo aí hoje em dia né cara? Tudo não, né, não dá pra dizer tudo, tem culturas que eles são... [silêncio] agarrados à tradição deles, eles têm amor né? Aqui não, não tem muito isso, não vejo muito isso não. As pessoas que vêm de fora até falam, ou comentam, assim ó: “não, mas vocês têm uma cultura forte aqui, o sotaque aí, tal, vocês têm” ..., mas isso é uma questão de *tempo* só pra sumir, pra desaparecer. [silêncio] Porque... tu vê só, aqui na Barra da Lagoa, por exemplo... tu não vê casario, casario antigo, colonial. Tu não vê.

38’58’’	São raros, né? É um ali na Costa da Lagoa, outro aqui não sei aonde e deu.	39’03’’	É. Não é como em... Santo Antônio de Lisboa, como o Ribeirão da Ilha. Não é!
39’10’’	Eu moro no Ratones né, e a gente compra hortaliças de um casal que também, herdou terras, eram dali, o senhor era funcionário público, se aposentou, resolveu voltar a morar ali. E ele conta né, que *todo mundo* tinha engenho no Ratones. [silêncio]. Todo mundo que tinha uma propriedade, um roçado, tinha engenho, então se fazia muito escambo. Né? Hoje não tem mais *nenhum* engenho de farinha no Ratones. Eu acho que engenho de farinha, os que existem são apenas... [silêncio] sei lá, turísticos, né?	39’43’’	Sim.
39’44’’	Tem aquele dos Andrade, lá, que eu conheço. Aqui acabou os engenhos de farinha?	39’48	Aqui tem um, no final da rua aqui tem um. Mas também não é, não... não funciona.
39’53’’	Tá parado.	39’54’’	Não funciona. Mas tá lá, é lindo.

39’57’’	É, então, aí que tá, a gente não tem como fugir... tô emitindo opiniões aqui já, me metendo na entrevista, mas como a gente também se conhece, tem que... vai rolar um clima de informalidade, não tem como né? O que me parece, assim, a gente não tem como fugir de determinadas transformações sociais.	40’16’’	Não.
40’17’’	A gente não vai mais fazer farinha, a gente vai comprar farinha no mercado. Mas é legal ter um engenho de farinha preservado pra a gente ter a memória né?	40’25’’	Sim, claro. É a arquitetura, né? Aqui... o engenho tá lá, é muito lindo.
40’31’’	Eu acho assim, ó, eu vou dizer assim, pra encerrar aqui, você teve participação, porque a gente tocou junto, em algumas músicas que até hoje o arranjo ainda persiste, muito... porque eu acho que são arranjos que você “meteu a mão”, aí você me ajuda aqui. Por exemplo, o	40’51’’	[Composições e arranjos na banda do Valdir] Tenho.

	arranjo de Floripa, tu tem uma participação legal ali?		
40’52’’	Né, que tem uma “pegada” Rock...	40’53’’	Tem. Sim.
40’54’’	[A canção] Paraíso do Surfe, [mais conhecida por] Joaquina,	40’57’’	Também, é.
40’58’’	[A canção] O Galo Brigador.		O Galo Brigador também, é. O Galo Brigador é uma música do...
41’01’’	É tradicional.	41’02’’	O Galo Brigador é uma música que o Valdir nunca tinha tocado. Em show. Eu não lembro. [silêncio] Eu mesmo que meti muita pilha nele, entendeu?
41’10’’	Quando a gente tocava, nós tocávamos o Galo Brigador. Então você botou pilha pra ele...	41’14’’	Eu meti muita pilha pra gente tocar aquela música lá... e com *guitarra mesmo*, tá entendendo, e ia ser uma coisa... né... pra ver no que que ia dar mesmo e, na minha opinião, ficou muito *massa*, cara! Muito bom.
41’28’’	É uma música genial, né?	41’29’’	Muito bom, aquela música ali é...
41’31’’	De uma simplicidade, e uma originalidade...	41’32’’	Aquela música ali é... tu vê, vai rotular aquilo como, cara? É daqui né, cara, é coisa daqui, é coisa do Brasil antigo mesmo.

41’39’’	É, a influência da tradição oral, né?	41’41’’	É, é coisa do Brasil antigo, aquele tipo de... aquela melodia ali, né, aquela... coisa de... parece... aqueles desafios, né cara, mesmo.
41’52’’	Lembra do arranjo de guitarra que você fez?	41’54’’	Ah, não tô lembrado, cara.
41’55’’	Eu... me chamou muito a atenção, porque você... tocava bem no agudo... aí eu disse “que legal esse... esse teu jeito de tocar guitarra”. Ai... “cavaquinho”, você falou. Como se fosse um Boi-de-mamão	42’09’’	Claro, é, exatamente, claro! Exatamente.
42’13’’	Então é um jeito de tocar guitarra que também remete ao Boi, e ao instrumento antigo...	42’15’’	É, claro. Isso claro, influenciou, entendeu? Influenciou, cara. Hoje em dia eu toco numa banda de metal. Hiper, ultra pesada, agressiva. E... [silêncio] ali também tem isso aí, cara. Também tem isso aí.
42’31’’	[A canção] Seu Agostinho...	42’32’’	Tem isso aí, tem essa... tem toda essa experiência aí, entendeu?
42’38’’	E tem a música Bonita e Danada, que essa gente até andou resgatando, relembrando ela esses dias... né? Eu já aproveito aqui pra	42’50’’	Claro!

	pedir autorização pra a gente tocar essa música.		
42’52’’	Porque essa composição é tua.	42’53’’	Sim, aham. Bonita e Danada é composição minha. É, fala...
42’56’’	Podia contar um pouquinho dessa música?	42’57’’	Fala de um cara que... no carnaval resolveu sair vestido de Maricota [personagem do Boi-de-mamão]. Entendeu? Essa música eu compus ela no carnaval e... tava empolgadão, queria tocar à noite, na rua, pá... e... É tipo aquela composição que tu não... não é eu que compus. É um download, de um processo que veio. Do universo, eu só tava com a antena ligada. Entendeu? [emite um som de sopro] A energia veio e eu só botei no papel. [silêncio] É o tipo de coisa que não é vomitada, entendeu. Não parei pra pensar. “Ah, eu vou...”
43’35’’	Às vezes isso acontece, né, no processo de criação.	43’37’’	Sim, sim. E são as melhores.
43’38’’	Eu já passei por isso também.	43’39’’	São as melhores. Não é uma coisa que eu fiz, eu fui só um canal. Saca, porque é vomitado, um negócio que vai assim, é rápido, ‘vram’, tudo!
43’49’’	Vem de uma vez só, né?	43’50’’	Tudo, pô, o cara tem um riff de Rock ali, “dan-dan-dan-dan dan dan dan-dan-dan-dan dan dan” [cantarola o riff da música Bonita e danada, imitando o som da guitarra], um contratempo, pesado, “gan-gan-gan-gan gan gan”, e daqui a pouco vira um Frevo, sei lá, um... uma marchinha de carnaval [batuca na mesa o ritmo da música], “darara-ra-ra da-ra da-ra da-ra” [cantarola a melodia da estrofe da canção], que que é isso aí? Isso aí é influência de Pepeu Gomes, né cara, dos Novos Baianos, influência do... Armandinho, trio elétrico, Dodô e Osmar,

			Robertinho de Recife, tá ligado? Do Grupo Engenho. Do... né... [silêncio] Do Valdir, tá entendendo?
44’26’’	Legal.	44’27’’	Tem influência de tudo isso aí.
44’29’’	Deixa eu bater uma fotinho aqui... no último eu não... na entrevista com o Gazu eu esqueci de tirar foto. [silêncio] Fazer uma junto com...	44’40’’	Beleza.
44’41’’	...o meu camarada aqui. [silêncio] Vê se ficou bom.	44’47’’	Massa. Ficou bom assim.
44’50’’	Quero agradecer, então...	44’52’’	Valeu pô, eu é que agradeço.
44’55’’	Se preciso a gente conversa de novo, né?	44’57’’	Claro! [silêncio] E agora tu vai pegar isso aí e vai botar no papel, ou vai apresentar no áudio?
45’05’’	Isso aí eu vou ouvir, vou analisar, e vou transcrever as partes que são mais, que vão ser mais relevantes. O trabalho de transcrição é muito duro, então, eu fiz uma transcrição na íntegra da entrevista que eu fiz com o	46’18’’	Sim, sim, sim.

	Valdir que deu uma hora, de duração, eu levei... como não tenho prática né, aí umas duas semanas pra transcrever tudo. Mas eu usei uma técnica mais... [silêncio] da Musicologia, eu transcrevi tudo, o jeito de falar, as pausas, porque... isso podia, né, mostrar alguma coisa. Mas, o trabalho com História oral, ele tem um volume de informação tão grande que os programas, né, tipo Fundação Getúlio Vargas, os grandes projetos, eles têm verba para transcritores, né, pessoas que são acostumadas a fazer isso. Transcrição de entrevista. E... mas o principal é ouvir a entrevista, né? E assim, uma coisa vai puxando outra, né?		
46’19’’	Uma coisa vai puxando outra... e talvez eu volte aqui pra conversar contigo.	46’23’’	Sim.

46’27’’	Uma ou outra coisa que surgir, alguma dúvida, né.	46’28’’	É, porque também eu não... é capaz que daqui a pouco me lembrar de alguma coisa... que eu não tenha colocado aqui, né, é capaz de eu me lembrar de alguma coisa relevante, assim, significativa, engraçada...
46’21’’	É, o nosso momento aqui é esse, né, mas nada impede que tenham outros momentos, né. E, claro, todo o tipo de lembrança que tu tiveres, assim, que tu achar legal, tu pode entrar em contato comigo	46’52’’	Tens que concluir o teu trabalho quando?
46’55’’	Tenho que concluir o meu trabalho em 2019.	46’58’’	Ahã, 2019.
46’59’’	Meados de 2019.	47’00’’	São quatro anos?
47’01’’	Quatro anos. Eu já tô com dois e vai fazer dois e...	47’05’’	Já tem quantas páginas escritas?
47’08’’	Ah, eu tenho... eu fiz a qualificação agora em outubro, né? Então... deu umas 70 páginas... mas muita coisa vai mudar, né? Às vezes a gente investe num tema... vê que é outro, né. Vamos dizer pro	47’30’’	Sim. [Fim da gravação]

	pessoal botar o som [música ambiente] de volta, né?		

Roteiro para entrevista temática
Entrevistado: Ernani Gomes Lobo
Data: 07/05/2018

Cabeçalho da entrevista

Entrevista com Nani Lobo, entrevistado por Luciano Py de Oliveira.
Florianópolis, 07 de maio de 2018
Projeto de pesquisa: Fragmentos de memória e identidade em Valdir Agostinho (1970-2010) - tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC.

Observações: Não consegui pegar o roteiro aqui descrito, mas ele começou a entrevista já falando de seu primeiro contato com Valdir. Não peguei um bloco de notas também, mas deixei rolar... Julguei que não seria necessário pois senti que a entrevista seria bem fluida
Está muito envolvido com ecologia, alimentação saudável...

Dois momentos (com tópicos para guiar a entrevista):

Sobre si: suas origens, família e profissão
Sobre a relação com Valdir Agostinho

1. **Sobre si: suas origens, família e profissão**
   Pergunta:

- ***Nani, você poderia falar pra gente sobre a sua história de vida? Qual o seu nome, onde nasceu, quem são seus familiares, a música... Enfim, conte sobre a sua trajetória pessoal.***
  a. Nome de batismo
  b. Apelido e/ou nome artístico: Nani
  c. Os pais
  d. Irmãos?
  e. Relação com a música

i. No ambiente familiar?
ii. Formação?

f. Profissão
g. Vinda para Floripa: lembro de ouvir falar em seu nome pela primeira vez por meio dos irmãos Oni e Guingo Freire e do Marcelo Mendes (Macarrão)

2. **Sobre a relação com Valdir Agostinho**

Pergunta:

- ***Agora, eu gostaria que você nos contasse como foi que conheceu Valdir Agostinho.***

a. Como o conheceu
b. A obra de VA: pandorgas, carnaval e música
c. O contato com VA e reverberação na sua produção musical
   i. Participação em eventos e shows
      1. Gravação do CD A hora do Mané
      2. Shows?
   ii. Participação em arranjos e ou composições

Equipamento:

Dois gravadores digitais, ajustados para gravação em formato Wave 44.100 mHz (qualidade de CD), sendo:

- Um Zoom H2n, com ajuste para gravação em 4 canais, utilizando o mid-size ajustado para mono, para captar o entrevistado; o xy ajustado em estéreo para captação do entrevistador. A gravação em 4 canais permite salvar em dois arquivos separados: o arquivo mono (entrevistado) e o estéreo (entrevistador); nível de volume pré-definido para entrevista; filtro LCF (low cut)
- Um Sony ICD-PX470, com ajuste de gravação Focused (mais fechado); nível de volume pré-definido para entrevista; filtro NCF (noise cut)

ENTREVISTA TEMÁTICA COM NANI LOBO SOBRE VALDIR AGOSTINHO
Data: 07/05/2018
Equipe: Luciano Py de Oliveira (pesquisador; doutorado em história - PPGH/UDESC); Drª Márcia Ramos de Oliveira (orientadora).
Locação: Casa do entrevistado no bairro Rio Vermelho, Florianópolis/SC.
Equipamento: Zoom H2N, captação Mid-Size monoaural, qualidade 44.100 MHz; Sony ICD-PX470, captação em estéreo '*foccused*'.
Para todos foi acionado o filtro de graves (*low-cut*).
Nome do arquivo: 180507_1602.wav

	Luciano Py de Oliveira		Nani Lobo
		0-36''	História sobre Carlini e como pensava ser o nome: Valdir "Lagostim".
0'43''	*[Identificação]* [Após apresentar a pesquisa por meio da leitura do cabeçalho:] Poderia contar um pouco de sua vida, de sua história?	1'25''	Ernani Gomes Lobo, família de portugueses, espanhóis, bugres e índios. Criado na fronteira com a Argentina até os 10 anos. Sociedade de origem alemã. Família muito cultural, "bem mecenas de vários artistas". Desde os cinco anos, ele e os seis irmãos, todos participavam culturalmente de alguma coisa na cidade de Três Passos, RS. Apresentaram o Samba pela primeira vez na cidade, que possui origens na colonização alemã e que "nunca tinha visto o samba".
2'08''	Que cidade que era?		Três Passos [RS] Pai: pretor de justiça (equivalente ao juiz de paz), advogado, dedicado ao esporte e à cultura; mãe: diretora de escola, todos na família eram "muito dinâmicos". Avó materna: artista plástica, "fundou várias escolas de Belas Artes no Rio Grande do Sul". "E eu fui que saí por essa veia. Dentro da sociedade seria 'ovelha negra', né, mas...".
2'45''	Por que ovelha negra?		"Ah, porque é aquele que não seguiu o padrão, né?" Foi para Santa Maria, cidade universitária, mas não retornou para a cidade natal. Todos seguiram "aquele

			padrão”, enquanto ele foi “estudar teatro, música, participar de escolas de samba”. Veio para Florianópolis para tocar com um grande amigo, tinha sofrido um acidente na saída do bar do Érico [não ficou claro quem é o grande amigo]. Conheceu o baterista da banda Fênix, o Elton. Segundo Nani, a banda era de Pelotas e que “tinham acompanhado o Valdir em alguns shows”.
	[Menciona a primeira vez que viu Valdir Agostinho]	3’52’’	“Cara, quando fui ver o Valdir a primeira vez já foi... putz, achei um grande artista, um dos grandes encontros da minha vida artisticamente foi o Valdir, né? Reconheço nele e honro muito ter conhecido ele”.
		4’08’’	Apesar de não gostar de comparações, Nani afirma que Valdir seria o “Conceitualmente, ele seria o Chico Science de Floripa, né?”. Pioneiro na arte e na música, muito verdadeiro.
	[Produção do CD A hora do Mané (1)]	4’36’’	Colaboração de Marcelo Muniz, e da oportunidade de trabalhar por cinco anos com Valdir Agostinho, com a gravação do disco “A hora do Mané”, “que a gente foi agraciado no projeto graças ao Marcelo Muniz”. Este último teria incentivado muito Nani a trabalhar e produzir o Valdir, teria dito a Nani: “produz, cara, produz que o Valdir Agostinho vale a pena”! Érico (do bar) e Daniel Lucena “deram uma força na parte de estúdio, na época era cassete, né, gravava com... Tascam”.
4’58’’	Eu tenho um Tascam, um Porta 03 daqueles... [risos] Funciona, bem simplesinho...		Olha que legal.. Porta 03... é...
		5’06	Com esse apoio recebido, Nani consegui ser contemplado pelo o edital que equivale ao Elisabete Anderle [cf.]. [Sobre esse edital de cultura, existe documento jornalístico no acervo do Valdir a respeito.] Atribui a Marcelo Muniz um importante papel na criação desse edital

	[A questão do “não reconhecimento”]	5’17’’	“Eu... vivenciei e te digo, graças ao Marcelo Muniz... tem isso hoje no estado. Foi uma das poucas pessoas que lutou por isso”. As bases desse edital teriam sido escritas por Muniz, mas não houve reconhecimento. “É interessante essa tua pesquisa, até nessa questão do não reconhecimento, né. Isso eu enxergo bastante aqui em Florianópolis, uma dificuldade, né? De... olhar pra dentro, mesmo. O Valdir é o exemplo disso”
	[Franklin Cascaes]	5’43’’	Para Nani, Valdir deveria estar muito “exaltado na cidade”. Acerca disso, reflete sobre Franklin Cascaes, que também não obteve o reconhecimento de sua obra em vida: “Ele dizia que era... ‘o artista de uma boca só’, né...
5’55’’	Isso...		“... o único cara a denunciar as coisas, a mostrar os caminhos... Mas é uma luta, também, a nossa resistência é essa”.
	[O ineditismo da reciclagem a 20 anos atrás]	6’07’’	Hoje, “essa juventude de fora que está aí, esses artistas, esse movimento... que está mais efervescente, que tem, né, alternativa, eu tenho visto bastante”, não conhecem o Valdir, mas, se conhecessem, “rapidinho ele vira um... um ícone, que ele é, que ele merece”. Nani conta que teve vários projetos com Valdir Agostinho que não foram compreendidos na época, e acredita que se fossem apresentados hoje, teriam o mesmo resultado, a mesma incompreensão. Estamos falando de 20, 23 anos atrás, surge um “cara que falava de... reciclagem”, fazia obras de fato, utilizando os materiais reciclados, “era inédito, quase ninguém falava sobre isso! Há 30 anos atrás.”
	[As letras] Sim...	6’46’’	Menciona também o teor das letras, tomando como exemplo a canção “O rio que corre”, pois a força da representação de Valdir não fica somente na reciclagem. Nani ressalta essa característica tomando como exemplo a música O rio que corre: “eu acho fenomenal aquilo lá”, e segue declamando alguns versos da canção: “Na

			guaciara[1], a fonte da criação / Num piscar de olho tava tudo aterrado / Meu coração sufocado premoniza[2] a extinção". "Aquilo ali é... profético".
7'	[Explico porque mudei o nome do projeto, retirando o título-fantasia, no caso, o título da canção. "A gente percebeu que esse título não remetia para o Valdir e remetia para ecologia. O Valdir não é só ecologia..."]		"Não"
7'35	É uma das múltiplas...		"Múltiplas faces, né". Teve a oportunidade de trabalhar muito com ele, decorar clubes, "aprendi muito ali, cara". Clubes de carnavais e eventos "gigantes".
	[Valdir como "mentor"]	7'51''	"Ele é um grande dum... mestre, né, um *mentor*, te digo que seria um dos mentores da minha vida. Tu pode saber que... o Valdir, ele nem tem noção disso. Mas a gente que acaba bebendo nessa fonte jamais esquece".
8'06''	Um reconhecimento...		"É uma honra. É *honrar* o outro, né."

[1] Palavra não encontrada em dicionários. Palavras semelhantes: *guaiar* (soltar ais ou lamentos); *guaiara* ou *guaiará* (cinturão envernizado, com pregaria, que serve para levar dinheiro, armas, tabaco, etc.) [fonte: Dicionário Priberam online). Palavras semelhantes (Wikipédia): *Guaraci* ou *Quaraci* (do tupi kwara'sy, "sol") na mitologia tupi-guarani é a representação ou deidade do Sol, às vezes compreendido como aquele que dá a vida e criador de todos os seres vivos, tal qual o sol é importante nos processos biológicos. Também conhecido como Coaraci. *Guaraciaba* é um termo de origem tupi que significa "lugar do sol", através da junção dos termos kûarasy (sol) e aba (lugar).[6] Em sentido diverso, o escritor José de Alencar diz que "guaraciaba" era o nome que os índios davam ao beija-flor, significando, literalmente, "cabelos do sol"[7], através da junção de kûarasy (sol) e aba (cabelo, pelo, pena)

[2] O verbo correto seria "premunir", e a conjugação seria "premunia". Contudo, é dessa forma que está grafado no encarte do CD, um neologismo sem ter a intenção de sê-lo, a forma como Valdir entende o verbo: premonição = premonizar.

8’12’’	Você citou a letra e eu sempre fiquei intrigado com o verso “Lá na guaciara”. Sabes que eu fiz uma pesquisa e não achei uma explicação para esse termo? Tu conheces alguma coisa a respeito?	8’22’’	“Eu conheço. Lá pra fora[3], a gente que é do mato, guaciara é onde tem esses banhados, essa água”. Seria um local com água e muita vida, como os mangues, que possuem muita vida sendo gerada.
8’37’’	É uma variação... Eu encontrei [a palavra] “guacira”...	8’41’’	“Guaciara se usa bastante assim, pra fora, né.”
8’48’’	Existem termos muito... parecidos daqui da Ilha com o interior do Rio Grande do Sul, com uma pequena variação. Parece tão diferente, mas na verdade, a base é... a mesma.	9’	“Eu tô agora muito envolvido com o Contestado, fiquei dois anos estudando o Contestado. A gente fez a Aquarela do Contestado. Vai ser lançado agora. Mas depois eu falo sobre isso.”
9’10’’	Livro?		“Não, é um musical”.
9’15’’	A primeira vez que eu ouvi falar no Nani Lobo foi através de três amigos, também quando eu entrei na faculdade, lá por 1992, que eram o Oni Freire, o Guingo Freire e o Marcelo Mendes.	9’30’’	“O Oni é meu amigo de infância, e o Guingo também”.

[3] “Lá pra fora” é uma expressão que significa “no interior”, “no campo”.

9’33’’	E vocês já tinham vindo pra cá ou eles vieram depois, tu já estás aqui em Floripa há quanto tempo?	9’37’’	“Eu tô aqui há 27, 28 anos, 29 quase”. Ele e Oni vieram mais ou menos na mesma época, e o Guingo veio depois.
9’48’’	Pessoal do teatro, né?		“O Oni é um grande artista também”. Já falava em reciclagem há aproximadamente 30 anos atrás, fazendo, na adolescência, fantasias de carnaval que obtiveram premiações. Os materiais variavam desde tampinhas de refrigerante (que na época eram mais abundantes, ao contrário de hoje, com a popularização das latas de alumínio; as tampinhas de garrafa, enquanto material reciclável, cederam espaço para as latas de refrigerante).
10’10’’	*[A chegada em Florianópolis]* E aí tu veio viver de música aqui?		Conta que já estava trabalhando com música no Rio Grande do Sul, na época com um artista bastante conhecido no meio da música nativista, chamado Elton Saldanha. Estava vivendo uma boa fase, trabalhando no verão, e veio para Florianópolis para “encontrar um amigo músico”. “Mas quando eu desci aquele morro, lá, da Lagoa da Conceição [silêncio], ele... deu uma certeza de que aqui era o meu lugar sagrado, mesmo. Foi aqui que eu me desenvolvi”. Apesar da idade, sendo jovem, veio para cá com uma boa “bagagem”, de experiência na produção cultural, já havia trabalhado com teatro, “sempre fui agitador cultural, desde criança, isso aí... faz parte da família”. Ao chegar aqui, já havia “feito algumas coisas”, fez viagens para encontros “de Kuarup, de juventude, já tinha ido para os festivais grandes, já tava naquele circuito, né?” Chegando em Floripa, seu primeiro trabalho foi com Elizah e Guinha Ramirez. “Não tinham muitos *roadies,* aqui não tinha direção de palco, eu... [silêncio] acabei entrando num mercado que tinha pouca gente, né?” Menciona 20 anos de trabalho com a Orth Produções, da produtora de mesmo nome, da qual ainda são parceiros e trabalham juntos eventualmente.

	[A saída do show business]	11’48’’	“Saí do *show business* porque não faz parte ... a cultura, o que acontece, quando a gente entrou era por causa da arte, aí inventara cultura, agora inventaram entretenimento. Então tá se afastando um pouquinho da essência né? O entretenimento, ele usa a arte mas ele não é arte em primeiro lugar. Então ... tô nessa busca de retornar mesmo, bem legal... Valdir mesmo é pura arte”. Aponta para a dificuldade de se viver como artista: “vale a pena, é mais difícil, nós estamos num momento de resistência”, mas.. foi uma escolha, né cara?” Trabalhou 20 anos “sem parar” no show business, uma grande experiência, “vale a pena, mas... não é para os fracos”.
12’35’’	Sim... imagino.		“esse mundo aí tá bem complicado... mundo de ego ...”
12’43’’	E você fez produção em outras cidades, outros estados, ou ficou mais aqui na cidade é?	12’50’’	“Não, não. Europa, toda América Latina, o Brasil inteiro. Muita experiência . Até 2008, muita viagem para fora do Brasil , 2008 a 2012 começou a crise na Europa , começou a vir muito artista pro Brasil. Até então, fazia bastante turnê para fora. Vários artistas daqui, a primeira vez que foram foi eu que levei, tipo Bebê Kramer [acordeon]...”.
13’21	Você falou do Guinha Raminez...		“O *Guinha*, então...” Nani conta que, quando chegou em Florianópolis, o trabalho da dupla estava em ascensão, “Elizah e Guinha”. Fizeram dois discos e, na mesma época, conhece Valdir Agostinho.
	[Produção do álbum “A hora do Mané” (2)]	13’40’’	“Foi um disco excelente, tenho um orgulho, bah! *Adoro* esse disco até hoje... Tem duas coisas relacionadas a Florianópolis, e Santa Catarina, agora a terceira , que eu estou entrando... que me envolveu muito, na minha vida, foi o Valdir Agostinho, foi o disco, o DVD do Dazaranha, e agora a questão do contestado, né, a guerra do contestado é bem forte, assim...”

14’04’’	Quer dizer que são três produções marcantes na tua trajetória...		“marcantes na minha trajetória, e bem... que deixaram um legado todas elas, não foram coisas que tu faz para...
14’13’’	Fora do entretenimento, né?		“Fora do entretenimento”.
	Pra pegar a tua linha de raciocínio...		“isso, porque daí entretenimento tu eu posso te falar 400 coisas que eu fiz, mas não tem tanta relevância quanto esses três, eu acho...”
14’24’’	*[Brasil, um bom negócio para artistas internacionais]* Poderíamos dizer que o entretenimento tem a ver com o consumo, né? Um descartável...	14’31’’	“Eu até fui esses tempos chamado pra falar com um grupo de estudantes de música, e... eles falando sobre carreira, desenvolvimento de carreira, porque eu tive oportunidade de trabalhar com vários artistas assim”, ou seja, uma experiência a nível nacional que trouxe resultados, “e aí a gente vai lá passar um pouco de experiência. Daí, começa a discutir muito essa questão do entretenimento, que eu falo *muito* sobre isso. Porque [silêncio] o entretenimento, por exemplo o Brasil, como toda essa crise que falam é o lugar com maior arrecadação de ingresso. Aqui é 80 dólares um ingresso para show internacional, lá fora é 40. Então o Brasil é o lugar que mais dá dinheiro pra artistas gastarem fora. Tem essa relação, os cara vem aqui, levam 6 milhões daqui, para gastar nos seus países, não fica mercado, aqui”.
		15’25’’	Nani passa a seguinte informação: em 2017, o Brasil recebeu uma média de 300 shows internacionais, e não houve esse número de shows em nenhum outro país. No caso da Argentina, por exemplo, que recebe um bom número de shows internacionais, segundo ele, no mesmo ano recebeu uma média de 200 shows. “tem artistas que vem fazer shows só em São Paulo e Rio e vão embora”.
		16’02’’	Continuando a história sobre as conversas com os estudantes de música: “eles reclamam muito do Funk [Carioca], que as meninas sentam, levantam... daí eu digo: ‘Gente, vocês são muito jovens, mas os seus pais assistiam a Xuxa, por

			exemplo. Então às oito da manhã tinha uma menina sentada numa boca da garrafa, ali [uma alusão à banda baiana É o tchan, que fizeram sucesso com uma dança com uma garrafa]. Como é que os *filhos* não vão estar sentando agora no chão, com a bunda no chão?”
16’27’’	Cíclico, né?		“Até a própria música americana”: Sex Pistols, Sex Machine, exemplifica.
16’37’’	Hoje mesmo eu estava ouvindo uma música no carro com a minha filha que era “Desculpa doutor”. É a história do rapaz, da favela, que tá se envolvendo com uma menina bacana e já tá se imaginando se desculpando para o pai, que... nunca ia permitir essa relação. E logo me veio na cabeça uma música do Jorge Benjor, na época Jorge Ben, *bem* das antigas, acho que do disco “Sacudim bem samba”, de 60 e poucos, que é “Menina do vestido coral”. Que também não pode se relacionar com ela... “Seu Delegado, que triste fim pra mim, ver o Sol nascer quadrado”, dá pra fazer até um trabalho em cima disso, dois tempos e a mesma temática, né? Eu não sei se o rapaz Jorge Bem ou não mas, que	17’16’’	“Mesma história”.

	eu me lembrei da batidinha no início, foi muito... marcante...até dá pra investigar isso.		
		17’41’’	“Bom, voltando pro Valdir que é mais importante”.
	[A música híbrida de Valdir Agostinho] Claro.		Nani retoma a fala afirmando que VA permitiu seu desenvolvimento como artista, “essa riqueza toda que ele traz, né... de Portugal, dos Açores... Árabe também, dentro da arte dele”. Considera o artista “um divisor de águas”, permitindo o surgimento de bandas de música pop que abordam temática local, citando a banda Dazaranha como exemplo. Anteriormente o estado produzia uma música “mais pop”, como as bandas Expresso Rural ou Tubarão, ou mais regionais, como o Grupo Engenho, “que também tem a ver com o trabalho do Valdir, mas o Valdir acaba misturando um pouco... tudo, né, porque o Valdir também é roqueiro”. Em meio a um mundo pop típico dos anos 80 (cf. trabalho do Rodrigo Mota e dissertação da Sheila T.), VA apresenta uma “pegada autêntica”. “Eu já vi depoimentos [do] Dazaranha, o próprio Moriel, né... ele [VA] é um divisor de águas”.
18’51’’	E... como é que tu chegou nesse... esquema da produção do CD? Tu tocavas com o Guinha?		Não, não, eu tocava com o Valdir. Chamei o Guinha pra dirigir.
19’03	Tu tocava com o Valdir?		“Nós tínhamos a banda Red River, que tem até hoje”. Essa banda acompanhava VA em alguns shows. Nós fomos... tocar com ele na Festa da Tainha.

19’15’’	Isso... quando, mais ou menos?		“[anos] 90, né cara, eu acho
19’20’’	Isso que tu tocou no nome do baterista da banda Fênix, primeiro...		“É... que era o Elton, que também ficou na Red River. Mas teve outros bateristas... uma época era só eu e o Valdir brasileiro, e tinha o sueco do sax, tinha um argentino na guitarra e um argentino na batera, que era o... [Loli?] na batera e o... Gabriel Molina, que até hoje mora aqui, guitarrista. Tocamos bastante com o Valdir”. Outras pessoas foram sendo agregadas ao trabalho musical, como a backing vocal Natasha, “que chegou dos Estados Unidos”. Alguns integrantes foram mudando, “sempre eu ali, firme”. Cita a participação de Luís Paschoale na produção.
	[Patrocinadores do CD na época]	20’13’’	Tiveram apoio de algumas empresas, “que eu não quero dizer o nome, agora... Foi tão engraçado, que eu cheguei lá pra falar, mostrar o projeto do Valdir, e os caras reclamaram do meu sotaque, né?” [silêncio]
20’25’’	Pode falar!		“Mas foi engraçado, Py, porque... depois eu vou te contar quem é. O cara falou, ‘ah, com esse teu sotaque é difícil, né?’ ‘Mas eu sou lá do oeste, de Chapecó’, nossa, ganhei, virou o melhor amigo, até hoje esse cara pensa que eu sou de Chapecó! [...] Essa xenofobia que a gente sofre, esse bullying, tu consegue resolver porque o problema não é teu, é do outro, o outro é quem tem esse problema”. Esse tipo de atitude, segundo ele, causou uma ruptura nas relações já cristalizadas entre catarinenses e gaúchos: “quebrei as pernas do cara, né”.
21’09’’	É o inesperado, né...		“E isso acontece direto... hoje nem tanto... às vezes, quando tá muita coisa, eu sinto a energia, né...”

21’22’’	Deixa eu só tentar fazer uma linha do tempo: a Fênix veio antes...		“Antes.”
	... da Red River?		“Isso.”
21’29’’	E show da banda Fênix, tu chegou a assistir?		Assistiu a banda mas não com a participação do Valdir. Era uma banda que tocava com frequência, incluía covers de bandas como Pink Floyd, “uma banda de Rock, né. Influenciou bastante também o Valdir naquela época.”
21’42’’	Então a banda Fênix já existia antes do Valdir se apresentar com eles?		“Sim. Chegaram já um trio pronto, de Pelotas.”
21’51’’	Ele foi... agregado?		“Agregado.” Passa a relatar que tocou com “uma galera da Barra”, como um tecladista chamado Levi, “um manezinho, tocador de baile, de... fundo de... mato, sabe? Era muito legal”.
	[Produção do álbum “A hora do Mané” (3)]	23’22’’	Quanto ao trabalho com o Valdir, naturalmente a “riqueza” dele passou a emergir naturalmente durante a produção do CD, juntamente com Guinha Ramirez que “fez um trabalho belíssimo de violões”. A gravação foi realizada em Porto Alegre, “porque não tinha estúdio na época assim, desse nível”.
21’37’’	Do tempo da gravação com fita de rolo ainda...		“*Fita de rolo*, o Valdir até tem o rolo. Acho que ele guardou até hoje o rolo”. A verba do projeto permitiu a compra da fita master, “separamos uma grana para comprar o rolo”. Músicos gabaritados de sopro foram contratados para participar das gravações, como Pedrinho Figueiredo [qual o instrumento?], “um grande músico, maestro, né... Júlio Rizzi [?], do trombone... Aí, nós estávamos no estúdio,

			no estúdio A, no B tava ensaiando Nenhum de Nós. Aí nós precisávamos de um acordeon, pô, foi... o acordeonista do Nenhum de Nós, o João Vicente, um grande músico também". De Floripa, o baterista Richard Montano, que morava no bairro Saco Grande, atual João Paulo, e "se criou com a gurizada lá" [se referindo aos músicos das bandas Dazaranha e Tijuquera, por exemplo], segundo Nani um dos primeiros músicos a estudar bateria formalmente, indo a Porto Alegre para ter aulas com Kiko Freitas. "Não tinha escola de *música* aqui"
		23'51''	Ensino de música em Florianópolis: Destaca a importância dos Festivais de Música de Itajaí, eventos que impulsionaram o surgimento de escolas de músicas em Florianópolis. "Tinha poucas [escolas de música], né? Não sei onde é que tu estudou quando era criança..."
24'06''	Quando eu vim morar aqui em 87 eu estudava na Escola de Música da Udesc, bastante voltada para a música.. *clássica*.	24'14''	"Erudita. Era aquela freira, né, que era a... coordenadora, não tinha?"
24'18''	Professora Nancy, talvez. Então, e tinha algumas pessoas ali que conseguiram criar o curso, que acho que é de 70 e alguma coisa, professor Carlos Besen, né, a irmã dele, a professora Nilva. Tinha um professor de Porto Alegre, da Ufrgs, que vinha dar aulas aqui, que era o Nikolas Fidantser, um		

	iugoslavo, já falecido, né. Então ele dava aula de segunda a quarta em Porto Alegre, e de quinta e sexta em Floripa. Eu lembro disso porque eu morava lá, e fazia aula de violino com ele no Instituto Belas Artes. Aí, quando eu disse que ia pra Florianópolis, “ah, tu vai continuar estudando comigo, rapaz, que eu dou aula lá na Udesc”. E assim, a gente pagava... uma mensalidade irrisória, barata, e tinha toda uma estrutura de conservatório, mas, com o passar dos anos, a falta de financiamento, que é a explicação que eu mais escuto dos colegas lá da universidade, implicou em fechar a escola. Mas aí, a gente tinha escolas tradicionais, como a Hélio Amaral, tudo de música clássica.		
		25’25’’	“E o Comercial, lá, das bandas... as bandas tinha bastante” [referindo-se à Sociedade Musical Filarmônica Comercial. Outras bandas de sopros da cidade:

			Sociedade Musical Amor à Arte (ambas no Centro); Sociedade Musical e Recreativa Lapa, mais conhecida como Banda da Lapa (no Ribeirão da Ilha)].
25’27’’	Exato. Aí, começou de fato, acho que dos 90 em diante, a aparecer mais escolas de música. Acho que a escola de música que trabalha...	25’37’’	“Compasso Aberto, foi uma das primeiras.”
	Essa acho que é a pioneira no ensino de música popular, com qualidade.	25’43’’	“É”.
26’46’’	E... essa parte burocrática do projeto, papelada, isso foi tu que resolveu?	25’52’’	“Foi, tudo eu com a ajuda do... Luiz...”
25’58’’	Luís Pascoale?		“E que aconteceu?” Conta que eles, Nani e Luís, da produção, contaram com a ajuda de uma produtora que na época estava em ascensão, Eveline Orth. “Tinha trazido o show do João Bosco, tinha feito uns shows que a cidade não via há muito tempo. Que era só o seu Luiz Alves, que fazia teatro, né, o... Colica [?], *grande* maestro, também outro mentor da minha vida foi o seu... Luiz Alves.” Contaram com a ajuda dela para realizar a prestação de contas do projeto cultural, algo que não tinham experiência. “E aí acabei conhecendo ela, acabei trabalhando 20 anos juntos.”
		26’40’’	“A Hora do Mané tá aí, não sei quantas vezes ele já editou, nesses anos todos, que ele está sempre fazendo, né...”

26’44’’	O meu disco, a minha cópia... que eu acho que nem é mais minha, porque eu ganho e dou pra alguém. Para mim orientadora, pra algum colega, enfim. É uma... re... reimpressão, vamos dizer assim, de 2005.	27’	[Silêncio] “É, mas acho que ele fez mais, agora, ele falou pra mim que ira fazer...”
27’05’’	É... é possível, ele quer fazer um trabalho novo, né, mas é difícil. *[Formações das bandas no momento atual]* Você vê que... essa... situação, da cultura, por assim dizer, fez com que a banda mudasse *muito*, de integrantes e de formação, e hoje a gente tá... vamos dizer, a banda... oficial, né?		
27’29’’	Porque eu sei que o Valdir é independente, ele toca sozinho, ele toca com o violão, ele toca... com uma turma num barracão, na beira da praia... Então, é isso, mas, ali, no trabalho que eu participo tá eu, o Luiz Maia, o Nicolas		

	[Malhomme, percussionista falecido em julho de 2018] e o... Zé Ernani, irmão do Chico [guitarrista da banda Dazaranha]. Mas, assim, a gente tem uma dinâmica muito... como é que eu vou te dizer, me passou devagar na cabeça, mas na verdade, com uma... uma certa maturidade.		
28’06’’	Porque ninguém vai tocar em barzinho...		“Claro!”
	... e falta também a... pessoa...		“Agenciamento, agenciamento.”
28’15’’	Nós conversamos uma vez sobre isso.		“O mercado de Santa Catarina não tem agenciadores. Agenciadores aqui vendem entretenimento hoje, “
28’24’’	Exato		“que é o que dá dinheiro. Então... há uma premissa, dentro desse meio cultural [silêncio] que... ainda o estado [de Santa Catarina] não tem público formado, né? Que quando tu vai formar um público ele acaba sendo engolido pela sistema, de novo, pelo momento.”
28’42	*[Festa da Tainha, aterro da Barra]*		“Então aqui a gente vai muito nas moda, agora nós estamos numa, numa... num levante sobre as festas populares. Eu ia falar da festa da tainha, né?” Conta que, na época que tocavam nessa festa “dava 5.000 pessoas”, com uma estrutura “muito legal”. “O Valdir tão corajoso que aquela época, que tava a Portobello...

			aterrando o mangue, a guaciara... e ele fizeram aquele muro da vergonha na Barra, o Valdir teve a capacidade de fazer um show escrito assim: ‘A Barra não é Miami’, era o nome do show. Ele entrou uma faixa gigante, botou na saia do palco assim, que era patrocinado pelo BESC [Banco do Estado de Santa Catarina, atualmente incorporado pelo Banco do Brasil] aquela época”. Ou seja, juntamente com o patrocinador estava o nome do show, bastante provocativo, e a atitude não foi isolada, todos os integrantes da banda apoiaram a ação. “Nossa, aquilo lá era uma *missão* né, cara, eu sentia como uma missão mesmo. Sinto ainda isso até hoje. É... acho que... aquele grupo da época não se manteve no nível que tava, porque o Valdir tinha um nível dos melhores músicos da cidade, tava tocando o Guinha Ramirez, os caras que estavam em ascensão. Era um show muito interessante”.
		29’55’’	Além das Festas da Tainha, fizeram outros eventos “legais”, como a Festa do Cachorro Louco, promovida no Pântano do Sul pelo Arantes, proprietário de restaurante homônimo. “[silêncio] e um dos ápices assim, que foi a gente tocou também foi [silêncio] Valdir lançando o disco, é, Brasil Solar, foi o primeiro evento de energia... reciclada, energia livre, solar, na universidade com Jota Quest...
30’26’’	Famoso esse encontro do Valdir com o Jota Quest.		“*Sim*. Que o Flausino [vocalista do Jota Quest] pegou e tocou com... o casaco de jornal do Valdir, ele entrou com o casaco jornal do Valdir, olhou pro camarim não acreditou, né?”
30’45’’	Quer dizer que depois que vocês gravaram o disco rolou uma uma espécie de ‘tournezinha’?		“*Sim*, rolou, ainda a gente ficou um ano assim lançando o disco. E... [silêncio] [sussurrando] tem uma parte também que eu vou falar, fazer o quê. [Volta ao normal:] E aí o Valdir [incompreensível] dois produtores, apareceram de São Paulo e meio [que] ludibriaram o Valdir. Chegaram a levar *250 discos*, dele, pro Rio de Janeiro e nunca mais... deram retorno. Valdir chegou a usar o nome dele como produtor no disco, né... os caras nem participaram da produção...”

31’20’’	Bah.		“Foi um *falha*.”
	Acontece, né?	31’24’’	“É. É *ilusão* do artista. O artista tem às vezes uma... uma... o ego faz a gente, né...”
31’32’’	Cresceu o... o ego, né?		“É, as pessoas ludibriaram mesmo, uma pessoa inocente também.”
	Também tem isso, né?		“*Tem.*”
	Cresceram o olho ali, viram...		“Viram, mas também não souberam trabalhar, porque o projeto, do Valdir, cara, que eu acredito até hoje, nunca falei pra ninguém isso, era um projeto para nós circularmos todas as universidades *federais*, para falar sobre a reciclagem do lixo
31’55	Perfeito.		“Era sobre isso. Era circuito *dentro* da universidade federal.”
	Lei Rouanet, alguma coisa assim?		Não só a Lei Rouanet, mas também com o contato “direto com as empresas”. “Eu sempre fui um cara que... nunca gostei de depender do poder público. Eu acho que a empresa privada tem o dever de dar essa contrapartida”.
	[Projetos culturais]	32’18’’	Lembra da campanha da Paraty, uma marca de bolachas da região, chamada “Moleque bom de bola”, um campeonato de futebol para crianças.
		32’43’’	“Eu tô...” [silêncio]
32’46’’	Não... o que tu quiseres falar, tu podes falar, o que tu não quiser que seja divulgado não será divulgado...		“É, que tem coisas assim...”

		32’55’’	“Eu ia falar da Lei Rouanet, falar do ministério, tem uns meios agora bem fáceis. Bem fáceis. Sempre teve, só que eu não sabia. Agora tá escancarado. Pagou, aprovou. Por isso que existem essas empresas que cobram 3.000,00 pra aprovar teu projeto... para acompanhar, sabe, as empresas? Porque tem já... tudo faz parte.”
33’20’’	Há um tempo atrás aí, quando a gente tava com... ainda tinha a Ana Lúcia Carpes no vocal né, não sei se tu conhece...	33’26’’	“Claro, irmã da...”
	Da Eliane Carpes. E nós tínhamos um dinheiro em caixa e a gente contratou um rapaz, que agora não me lembro o nome, pra fazer um projeto pro SESC, né? Na época ele cobrou um valor assim, até... razoável, 400 pila e tal... não foi aprovado.		
33’43’’	Então é aquela coisa... me parece que esse rapaz chegou até a... veio a falecer, alguma doença, um tal de Cristiano?	33’52’’	“Sim, o Cristiano Salgado.”
	Tu deves saber quem é.		“Claro, o Cris, maravilhoso.”

	Era uma questão de refazer o projeto e...	34’	“Cadê o projeto?”
	Eu tenho ele.		“Dá pra fazer pela Lei Rouanet. E o Valdir tu sabe que tem, né, cara, a gente consegue.”
34’08’’	[Inicia-se um diálogo sobre a aprovação do projeto do presépio na Lei Municipal de Incentivo à Cultura e as diferenças entre a produção de música e de artes visuais]		
36’38’’	E aí depois tu falou do DVD do Dazaranha, tu também ajudou a mexer ali.		Trabalhou na produção “do início ao fim. Foi direção geral.” Esse trabalho conduziu a outro, a produção do DVD do O Rappa, contando com o produtor da banda, Ricardo Vidal, para a produção do áudio. “Dazaranha foi interessante, porque vendeu mais do que as bandas do Rio de Janeiro. Vendeu mais do que a Monobloco”, ambas as bandas na mesma gravadora, a Universal. “Agora eles estão com outro DVD, com a Camerata [Florianópolis], tô bem curioso pra ver”.
37’33’’	E a gente vê, que alguns trabalhos florescem por conta desses projetos, né?		“Sim. Hoje tá mais comum, né, fazer DVD, gravar show, antigamente era uma coisa...”
37’46’’	É, a tecnologia ajuda, né...		“Tu tinha que movimentar muita coisa.”
	Mas tu pensa, assim, gravar um CD hoje de um artista que	37’58’’	“Não. Hoje é conteúdo pra internet. É audiovisual, né?”

	tá começando... não é o caminho.		
	O entretenimento de massa aí, é o que a gente vê, o sertanejo, o funk...	38’09’’	“Mas uma coisa é interessante, que o Valdir agora é um momento bom, porque... quer ver, antigamente tinha o coletivo. Nós sempre gostamos das bandas, né? Hoje não tem um exemplo de coletivo, tudo é o individual. É o *personagem*, é... a celebridade, é o artista. Pode ver que nem aparece a banda.”
38’29’’	É o Instagram...		“É o Instagram... tanto que tá caindo a venda de instrumentos, né?”
	Sim, isso é clássico.		“Porque não tem mais o guitarrista pra ver, não tem... tu não... as pessoas vão se baseando, todo mundo que ser artista”.
38’40’’	Tu com um iPad e um Garage Band [aplicativo] tu faz tudo.		“Tudo.”
	Pra esse tipo de música, que às vezes tem uma linha rítmica, um vocal e alguma coisa melódica.		“Exatamente.”
38’56’’	Bom, eu quero agradecer o Nani Lobo, né, músico, produtor, por essa entrevista aqui no seu hostel, no Rio Vermelho, super agradável o ambiente. E deixo o gravador ligado para o que você quiser falar, agora.	39’18’’	“Então... Valdir Agostinho é um... curandeiro, também, né, um grande benzedeiro, traz a egrégora da família, do seu Mané Agostinho, quem conheceu sabe. Então ele tem uma egrégora espiritual muito forte, mora naquele morro lá, eu acho que seria um dos últimos xamãs vivos dessa cidade, que traz essa... sabedoria lá dos Açores, reconheço muito isso nele, a sua arte é uma... ele é um artista naif, então tem aquela... essa... ainda mais essa importância, eu acho, que não é um cara de academia, é um cara que pela primeira vez que viu uma pandorga viu um cara pescando com uma pandorga sem cor, e da cabeça dele, ‘nossa, eu queria colorir

			esse negócio’. Tu vê, então é... muita *conexão* também, né, um cara quando é conecto com... conectado com o Universo. E o Valdir tem essa sabedoria, e tem essa... vivência que eu acho que... [silêncio] tem que ser mais divulgado, a cidade, a gente não pode cobrar de ninguém, mas... a cidade não reconhecer os seus... artistas, os seus... verdadeiros filhos, né? Isso é com essa globalização também, Floripa, eu acho que... essa juventude que tá aí merece conhecer o trabalho do Valdir, acho que tem que botar mais ele na rua, né, Py? Participar das coisas, sei lá, um pocket show, se a banda não pode... Mas ele teria que aparecer melhor do que só ele de voz e violão. Pra vir com tudo mesmo. Olha, o Valdir tem muito campo ainda pra ser trabalhado. Não só a parte das artes visuais, a música, ele como um todo, como um *personagem* também. Aquele personagem pandorgueiro dele é muito interessante, é uma coisa muito forte, né?
41’23’’	E que surgiu das... dos festivais de pandorga.		
	Ele me contou que não ia simplesmente soltar a pandorga.		“Ele dá *show*.”
41’32’’	Vestia-se com o figurino semelhante à pandorga e... *interagia*, né? Isso aí é uma das coisas mais interessantes.	41’41’’	“Então tá, te agradeço aí a... lembrança e a oportunidade, Py.”
	Eu que agradeço também, obrigado.		

Roteiro para entrevista temática
Entrevistado: Mauro Costa
Data: 09/05/2018

Cabeçalho da entrevista

Entrevista com Mauro Costa, entrevistado por Luciano Py de Oliveira.
Florianópolis, 09 de maio de 2018.
Projeto de pesquisa: Fragmentos de memória e identidade em Valdir Agostinho (1970-2010) - tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC.

A entrevista foi realizada na casa do Valdir, a pedido do próprio Mauro. Desse modo, Valdir participou da entrevista, intervindo e comentando de vez em quando.

Mauro sugeriu que eu conhecesse o seu ateliê no Rio Vermelho e ficou à disposição para outra entrevistas.

Dois momentos (com tópicos para guiar a entrevista) :

1. **Sobre si: suas origens, família e profissão**
2. **Sobre a relação com Valdir Agostinho**
    a. Como o conheceu?
    b. O início da parceria com as Artes Visuais

Nesse dia, apesar de estar com os dois gravadores, por algum equívoco, não acionei o Zoom. Por sorte, foi registrado tudo no Sony...

ENTREVISTA TEMÁTICA COM MAURO COSTA E VALDIR AGOSTINHO
Data: 09/05/2018
Equipe: Luciano Py de Oliveira (pesquisador; doutorado em história - PPGH/UDESC); Drª Márcia Ramos de Oliveira (orientadora).
Locação: Atelier de Valdir Agostinho, bairro Barra da Lagoa, Florianópolis.
Equipamento: Sony ICD-PX470, captação em estéreo '*foccused'*. Foi acionado o filtro de graves (*low-cut*).
Nome do arquivo: 180509_1651.wav

00'00''	Luciano Py de Oliveira	00'00''	Mauro Costa/Valdir Agostinho
	Então, eu tô aqui com o Mauro Costa, artista, aqui na varanda recém construída do Valdir Agostinho para realizar uma entrevista para a pesquisa de doutorado "Fragmentos de Memória e Identidade na obra de Valdir Agostinho" do programa de pós-graduação em História da UDESC.		
	O título é provisório ainda. O título original era: "O rio que corre é o mesmo rio que morre", porque eu achei esse título muito forte, mas analisando mais friamente, uma pessoa		

	que não conhece a música do Valdir poderia achar que era uma tese sobre história ambiental.		
	E a nossa proposta é fazer a trajetória artística do Valdir e o meio ambiente é uma das coisas da vida dele. Muito importante, claro. Mas não é uma tese sobre meio ambiente, é sobre arte,		Mauro: Sobre a arte.
	[...] sobre Floripa. Então o Mauro Costa sugeriu fazer esta entrevista aqui, na casa do Valdir. O Valdir está presente aqui com a gente, o Valdir Agostinho [...]		Valdir: Olá, gente!
	[...] E eu queria começar contigo, Mauro. Que você contasse um pouco de ti, contasse de onde é que tu veio, como é que era tua família, como tu veio para Florianópolis?	04’28’’	Mauro: Certo. Eu sou do Rio Grande do Sul, nasci em Porto Alegre, no ano de 1951. Minha trajetória como artista foi depois dos 22/23 anos que eu iniciei viajando. Meu pai era militar então a gente morou em muitos estados. Morei lá no Amazonas, em Santarém no Pará, estivemos em vários estados do país. Meu pai certa vez foi transferido para Florianópolis e ele não, ele rejeitou a história, não quis vir, porque ele não conhecia Florianópolis e ele achou que era um lugar que não era bom assim. Daí depois que eu vim morar aqui ele veio me visitar e ficou arrependido de não ter vindo antes, né?! Foi uma falha dele. [05’32’’] Eu vim em 1985 pra Floripa. Eu já era artista na época, estava iniciando uma nova etapa na minha vida assim, vim pra cá e daí eu conheci uma menina

			que era amiga do Valdir. Ela se chamava Miriam, ela que nos apresentou. O Valdir tinha uma molduraria chamada Garapuvu, lá no centro. Daí um dia a gente foi lá visitá-lo. E daí a gente convidou ele pra comer um, fazer um almoço um dia lá na casa [...]
			[Valdir]: Uma tainha.
			[Mauro]: [...] é uma tainha. E daí começou a história. Daí eu comecei a frequentar um pouco, fui algumas vezes lá na molduraria. Depois o Valdir… Eu vim morar aqui, ali no Ponto de Vista. A minha esposa é uma das proprietárias ali do Ponto de Vista. Então fiquei mais perto do Valdir. E eu vinha em seguida no ateliê dele e a gente foi programando alguns trabalhos, algumas coisas e acabou a gente ficando realmente mais amigo do que propriamente o lance do trabalho em si, né?! A gente criou uma amizade bacana assim de… Eu sempre admirei o Valdir, acho que ele é um dos artistas mais popular da ilha. Ele tem esse carisma, né?! Ele é bem… Acho que pouca gente não conhece o Valdir. Acho que é muito mais pessoas que conhece do que não conhece. O Valdir é um artista genuíno sim. Sempre achei ele com a característica de criação, né?! E eu também gostava disso e a gente fez várias intervenções juntos no mundo da arte.
	Sim, sim. Mas o teu começo na vida de artista foi como desenhista, como escultor?		Eu era desenhista. Bem assim de pouca idade já, com uns 10 anos eu gostava de desenhos. Sempre gostei de desenhos. Aí uma época eu fui visitar uma madrinha minha que morava lá em Pernambuco e daí eu vi alguns artistas de lá, esses artistas de rua assim, esculpir. Daí eu, bah, tenho que aprender isso aí. Voltei para Porto Alegre [...]
			[Valdir]: Olhe que inspiração.
			[Mauro]: [...] voltei pra Porto Alegre, comprei algumas ferramentas e iniciei daí uma atividade na garagem da casa do meu pai e daí não parei mais.
	Teu pai era gaúcho também?		Sim, meu pai é de Alegrete.

	E tu? Tu falou?		Eu sou de Porto Alegre.
	Porto Alegre mesmo?		Isso
	Mas essa coisa de viajar pra muitos lugares do Brasil, de uma certa forma ajudou?		Ah, influenciou bastante a arte porque eu vivi um tempo lá entre a arte marajoara dos índios lá, dos primitivos mesmo. Inclusive meu pai foi várias vezes nas aldeias lá na Serra do Cachimbo, aquele negócio, e a gente ia com ele daí. Ele ia entregar, que ele era do Correio Aéreo Nacional (CAN), que é um departamento dentro da aeronáutica.
	Certo.		E aí a gente ia junto.
			[Valdir]: O teu pai tocava um instrumento, né, Mauro?
			[Mauro]: Meu pai tocava era…
			[Valdir]: O que que era mesmo?
			[Mauro]: Tocava sax.
			[Valdir]: Sax. Que loucura, né?! Eu conheci/cheguei a ver o pai do Mauro ainda aqui no Rio Vermelho.
			[Mauro]: Mas bem jovem, bem jovem.
	Ele é vivo ainda?		Não, ele já é falecido. E desenhava bem. Meu pai desenhava muito bem também.
	Certo.		[Valdir]: Tá brincando?
			[Mauro]: Mas ele se especializou em Radiotelegrafia e também em Eletrônica, assim ele conhecia muito do mundo eletrônico, daquele, dos primórdios lá, a válvula ainda, daquelas histórias ali, ele conhecia, ele tinha conhecimento. Ele tirou cursos na Aeronáutica. Então ele era um, ele era sargento, mas ele era um, ele era muito requisitado porque ele desempenhava várias funções. Então

			abria uma estação lá em Goiás, lá no cantinho lá, daí chamavam ele, porque ele cuidava de vários assuntos daí. E a gente ia junto. A família ia atrás sempre das aventuras.
	E essa relação com as artes nunca foi um problema, então?		Não foi. Inclusive foi um... acho que eu sempre tive incentivo de parte das professoras do primário [...]
	Em casa também?		[...] em casa também. Como meu pai desenhava bem, eu ficava olhando ele, às vezes, desenhar algumas coisas. Então eu fiquei, eu gostava, né?! Daí foi incentivando e teve uma época no colégio assim que eu... o professor passava algumas tarefas e tinha que entregar o trabalho assim, por exemplo, fim do mês tem um trabalho de... aí eu pegava e desenhava as capas, fazia uns negócios assim, aí os outros colegas ficavam: “Pô, desenha pra mim”. Aí eu trocava, né?! Oh, vamos ver, paga aí a merenda aí uma semana e eu faço uma capinha para ti [...]
	Que legal!		[Mauro]: [...] aí eu já usava esse instrumento de arte como um recurso para viver, né?! E viajei bastante também só com arte assim. Fui... teve nos anos 70, no tempo dos hippies, nossa, saía assim com uns [...]
		11’50’’	[Valdir]: O Mauro produziu muito nessa época.
			[Mauro]: [...] É, bastante é. Uma sacolinha assim de ferramenta [...]
			[Valdir]: O pessoal aqui da RBS, a Rosa dizia que ia no ateliê dele lá, encomendava sapatos essas coisas, o Mauro fazia.
			[Mauro]:[...] ah, fazia de tudo.
		12’03’’	[Valdir]: Era um eclético também. Acho que a nossa identificação é assim, de ser eclético, aproveitar todos os materiais. Quem entrar no ateliê do Mauro vai se espantar, não perde pra museu nenhum do mundo e nenhuma galeria. Você

			sai preenchido e se viu aquilo naquele mês pode se dar por satisfeito. Tem muita quantidade de arte [...]
	O Valdir falou uma vez [...]		[Mauro]: Tu já foi lá no meu ateliê, né?
	Nunca fui.		[Valdir]: Uma diferente da outra, não é um escultor que só pega a madeira e vai esculpindo a madeira. É muito eclético, combina muito comigo, no caso de evolução, de enfrentar os materiais que vê, uma diversidade.
			[Mauro]: É, eu vou pegando tudo que é tipo de material.
	Você trabalha com desenho, trabalha com pintura, com escultura, com reciclagem.		[Mauro]: Isso, faço uma gama enorme de reações.
			[Valdir]: É muito louco, é raiz de bambu com acrílico, com uma coisa colorida, com luzes, é uma..., só ele faz aquilo ali.
	Legal.		[Valdir]: Eu conheci vários escultores, já trabalhei em grandes redes de artes, mas a escultura do Mauro é impressionante pela diversidade de materiais que têm que tá hoje em dia nos teus trabalhos, não pode se limitar a um tipo de matéria, porque tá aí a fartura de... E o Mauro se aproveita disso. Agora vendo nessa entrevista que eu tô vendo a nossa identificação, de ser eclético, assim de não ter problema com material.
			[Mauro]: Claro, uhum, a gente não tem problema com material, a gente vai... Inclusive assim, o Valdir me ensinou várias coisas e eu também ensinei pra ele várias.
	É uma troca.		[Valdir]: Ah, com certeza, a pessoa troca.
			[Mauro]: [...] Foi bacana isso, porque a criatividade a gente tem, né?! O Valdir tem o estilo dele e eu tenho o meu. Isso daí é inalterado, mas a técnica de como

			construir coisas, o Valdir me passou muitas coisas e eu passei várias coisas também que eu conhecia para ele [...]
			[Valdir]: Isso, pode ser facilitado.
			[Mauro]: Eu trabalhei já com metal, eu tenho várias técnicas de metal.
			[Valdir]: Mas o metal é fantástico, esculpir latão é tudo. Madeira, latão, bambu, acrílico, peças que trazem, mola, várias formas de material, não tem escultor mais eclético que eu já vi na minha vida. Na escultura foi o escultor mais eclético. As pessoas se limitam na pedra ou na madeira, modo de dizer, porque é lindo. Miguel Angelo só usava o mármore e a [...]
			[Mauro]: É, eu acho que é identificação, né?! O cara se identifica com a matéria-prima e daí ele tira dali a linguagem, né?! O importante de tudo é a linguagem, né?! Não adianta fazer, andar em círculos, né?! Tem que achar a linguagem, porque é ali que tu vai te comunicar. Com a tua linguagem é que tu comunica as pessoas. Então, a tua obra por mais ecléticos que sejam os materiais e tudo o mais, o contexto do saber ali, o que está embutido dentro da história é a tua linguagem, né?! É isso que tu preserva e manda pra frente. E a minha vida foi toda, nunca trabalhei em outro serviço a não ser isso.
	Interessante.		[Mauro]: Só fiz arte mesmo.
	Você tocou no assunto da molduraria Garapuvu [...]		[Mauro]: Isso.
	[...] que também é um assunto que interessa pra pesquisa. Foi uma época da vida que o Valdir morava no Centro, nessa época da molduraria?		[Valdir]: É, essa época sim. Tive uma boa parte da minha vida na cidade. Eu cheguei aqui [no Centro] com 12 anos [...]

			[Mauro]: Juventude toda. A juventude toda do Valdir foi na cidade.
		15’40’’	[Valdir]: [...] Eu fui com 13 anos pra cidade trabalhei com o papai “suar na terra” (não entendi a palavra, 15min 41s), depois eu fui pra cidade de novo morar na minha tia, na Prainha, que eu ficava dizendo que eu tava em Nova York quando olhava aquela ponte Hercílio Luz. Mas não sabia, nem tinha foto de Nova York. Eu só inventava por achar que eu tava avançado, que eu saí do meio do mato da Barra pra morar na cidade e ver a ponte Hercílio Luz. Eu não sei como é que eu tirava aquela palavra que era Nova York. Foi a primeira cidade que eu fiz de tudo para conhecer na vida. E vale a pena, né? Então, quer dizer, mas Floripa já era Nova York, porque olhar aquela ponte Hercílio Luz já…
	Claro.		[Valdir]: Então foram muitos anos na cidade. E aí voltei pra cá.
			[Mauro]: É, eu peguei a volta do Valdir aqui.
			[Valdir]: Fiquei uns 30 anos na cidade.
	Ah, certo.		[Mauro]: Eu te peguei a volta, porque eu morava num chalezinho aqui.
			[Valdir]: Foi em 95 eu voltei pra Barra da Lagoa e deixei a molduraria de lado com um monte de cliente, sucesso total.
	Você fechou, vendeu, o que que você fez?		[Valdir]: A molduraria que eu tinha era um sucesso. Era cliente vip, só Beira-mar e coisa. Então eu era um moldureiro que cobrava um preço bom, porque eu tenho 20 anos de moldura. Aí a casa foi vendida pra fazer prédio. Eu não criei problema nenhum, achei que eu ia tirar umas férias, ia aproveitar a minha arte, porque tá um monte de cliente, de, aí eu achei que era [...]
	Nessas épocas já soltava pandorga (acho que é isso, 16min53s) [...]		[Valdir]: Daí eu voltei pra arte sem compromisso.

16’54’’	Pro (não entendi a palavra, 16min55s) tu já soltava desde antes?		[Valdir]: Não, nessa época tinha tudo, festival junto com muitas exposições na cidade. Meus patrões eram donos de galeria [...]
	Stúdio A/2, ainda [...]		[Valdir]: [...] primeira e única galeria de Floripa. Foi a nata da cultura da cidade de Floripa.
	O Mauro entrou nesse contexto?		[Valdir]: Nessa época, eu ainda não conhecia o Mauro. O Mauro foi depois que acabou a galeria que eu montei a molduraria, aí eu conheci o Mauro.
	[Dirigindo-se ao Mauro]: Tu só foi conhecer a molduraria, tu não chegou a trabalhar com o Valdir na molduraria?		[Mauro]: Não, nem com arte nessa época com o Valdir. Vim trabalhar depois aqui, quando eu morei ali no Ponto de Vista, uma época, daí eu vinha em seguida aqui. A gente...
	Sim, pertinho, né?		[Valdir]: Daí começamos a trabalhar juntos.
	É bom de descer, o ruim é voltar, né?		[Mauro]: Eu sempre tive motinho, né?
	Ah é, tu falou que tu sempre andava de moto, né?		[Mauro]: Sempre. Dos 15 anos de idade até hoje, eu sempre andei de moto.
	Então tá. É, você lembra assim qual foi a primeira, porque vocês trabalham em parceria pelo que eu entendi, né?! Teve alguma, tem obras em parceria vocês dois?		[Mauro]: Tem várias.

			[Valdir]: Temos até pandorgas. Uma época o Mauro veio pra cá: “vamos fazer pandorgas juntos? Vamos. Daí começamos a fazer juntos. O Mauro desenhava, cortava. Eu também estava pregando... Ficou umas pandorgas super chique.
			[Mauro]: É, diferente das do Valdir e não a minha.
			[Valdir]: Então nós podemos fazer várias coisas porque mão de artista quanto mais mãos, mais... Então eu achei um trabalho muito bonito. As oficinas que o Mauro vai, as gregas (não sei se entendi bem a palavra, 18 min 21s) que ele corta. O Mauro tem um corte muito preciso, muito… Então, é, eu percebi que tinha (não entendi a última palavra, 18 min 25s).
		18’26’’	[Mauro]: Fantasia de carnaval fiz algumas com o Valdir também.
			[Valdir]: É, muitas coisas que participamos juntos.
	Porque [19]95 você teve prêmio de fantasia, né?		[Valdir]: Ah, teve vários.Teve vários anos que eu ganhei, que eu fui aos concursos por vários anos e ganhava prêmio direto. Foram muitos anos consecutivos que eu virei (não sei se entendi bem a palavra, 18 min 44s) concurso.
	Eu li matérias que você tem. Tem “O Bagre” e “A Maricota”.		[Valdir]: De 75 pra cá, tu diz [...]
	95, 95.		[Valdir]: [...] Ah tá, tem minha primeira fantasia que eu não sei onde é que foi.
			[Mauro]: O Valdir foi capa do DC com aquela fantasia lá que a gente fez, a do “Maluco Beleza”.
	Do Raul Seixas?		O disco voador e o Valdir lá em cima.
			[Valdir]: Várias capas.

	Aquela do disco voador não foi no desfile de Carnaval, na escola de samba?		[Mauro]: Foi, é.
	Essa é mais recente, né?		Capa do DC.
	Eu lembro, eu lembro, eu vi o desfile, o troço gira e tudo.		Isso, é.
	Aquele disco voador foi tu que fez?		Eu e o Valdir.
			[Valdir]: Ah sim, o disco voador eu e o Mauro, desenhamos mesmo.
19’19’’	Que a roupa tem uma… Que que é, uma roupa amarela? Que que é tano (não sei se entendi bem a palavra, 19 min 22s) aquilo?		[Mauro]: É ouro. Ouro. Toda de espuma forrada com aquele papel do café, ouro.
			[Valdir]: Foi o maior lance meu, né?! Porque eu tinha um sonho de sair. Eu só saio na Neguinho Quirido se for num carro de Carnaval. Num carro de Carnaval com qualidade. Aí eu fiquei anos sem sair no Carnaval. E aí aparece no vídeo 12 metros de altura, o carro mais alto da passarela. ‘
	Era, né?! Eu lembro.		Então foi muito bonito na Unidos da Coloninha e o disco voador funcionou. No outro dia saí na capa do jornal: “A madrugada que varou o Carnaval de Floripa”. Tinha mulheres nuas atrás de mim no meu carro tomando banho.
	Olhe, que loucura.		Eu nunca vi uma evolução tão grande no Brasil, porque eu ainda não tinha visto ninguém sair nu no Carnaval. No Rio de Janeiro, seminu, algumas coisas

			apareciam, mas lá dentro de uma cúpula, lá no alto. Mas aqui na nossa escola que é pequena, a Neguinho Quirido que é uma coisa bem mais próxima das pessoas que o Rio de Janeiro que é aquela coisa imensa. Essas mulheres nuas tomando banho atrás, parece mentira. Não botaram nem na frente, botaram escondido atrás. Era meio surpresa vir atrás, se fosse na frente ia ser um escândalo praticamente. E elas atrás tomando banho e a fantasia foi tão louca que deu um gol o disco voador. Foi fantástico.
	Pelo que eu tô entendendo assim, o trabalho de vocês chega uma hora que meio que se mistura, né?		[Mauro]: É dá uma fundida e sai. O Valdir vai fazer as coisas dele, eu vou fazer as minhas. Daqui a pouco o Valdir: “oh, tem um projeto aí que acho que pode ser que a gente faça junto”. Daí a gente combina, daí eu vejo que tá na minha história também. Daí “pum”, tamo junto. E aqui, quando tinha o Ponto de Vista, eu que fazia a programação da exposição e shows [...]
			[Valdir]: De shows.
			[Mauro]: [...] Aí eu levava o Valdir sempre, a banda dele tocava.
			[Valdir]: Sim, tocamos direto. Eu tinha um sonho de tocar no Ponto de Vista. Achei que eu ia ser um músico legal. Se o Ponto de Vista me chamar é porque eu já tenho qualidade musical. Um dia me chamou e me botou eu ali e ainda considerou prata da casa [...]
	Que era um lugar que tinha muita qualidade os artistas, né?		Não é, Mauro? O Vilmar chamava eu [...]
			[Mauro]: É, foi..
			[Valdir]: [...] o Vilmar dizia que eu era prata da casa já, né?! O Mauro servia, fazia a iluminação…
			[Mauro]: Os próprios artistas foram lapidando a história ali. Ali foi muito louco, a gente não tinha nenhuma grana, nem nada.

	Era porta, né? [Referindo-se ao cachê, proveniente dos ingressos].		A gente não tinha grana. Nós tava zerado, construímos, as primeiras bebidas que teve na prateleira era tudo garrafas de uísque que a gente comprou no ferro velho, bem novinhas. Botamos chá dentro e botamos lá e compramos uma só pra dar um “H”, pra fazer de conta que tava… e daí os artistas iam lá e aí um foi e deixou um equipamento. “Oh, fique aí pro pessoal usar”. O outro veio e: “Oh, microfone”. Foram deixando os negócios. Quando a gente viu tava montado numa história que qualquer um podia ir ali e tocar com qualidade. Porque os equipamentos eram bons.
	É, eu me lembro que tocava o [...]		[Valdir]: Era o lugar mais incrível da ilha.
	Metal Brasil		Não tinha, Floripa não tinha muito, ali vinha tudo.
			[Mauro]: Ah, a Back Street Band praticamente se criou ali, porque o Crina [Eduardo Ribeiro, baterista], o batera que é do Corrente agora várias vezes tocou ali.
			[Valdir]: E funcionava, né, Py? Porque era toda semana.
	Eu lembro. Eu vi ele junto com o Chico Saraiva, mais um rapaz.		[Mauro]: É isso. É, ele e o Chico Saraiva. Eles tocaram aí várias vezes, cara. Eu gostava dele.
22’58’’	Você sabe que o Eduardo Crina. Você sabe o sobrenome dele que eu nunca lembro? Todo mundo chama ele de Crina Quirino (acho que não entendi bem a palavra, 22min 58s).		Ferreira [enganou-se, é Ribeiro].

	Ele nem cabelo comprido tem mais, né?! Ele tinha na época que era...		Não, ele tinha o cabelo duro e grosso assim. E a minha cunhada estudou com ele, a Nina.’
	Sim, a Nina.		É.
	A Nina estudou com o Ulysses, que estudou com a gente, e eu era dois anos de cima. Eles eram do primeiro eu era do terceiro.		Certo. E a Nina eu acho que também tomou aula de violino.
	Sim, sim. Eu vi muito os guris tocando na casa do Chico. Bagunça assim, né?! Rock’n roll, pah. Só que o Eduardo tocava Led Zeppelin como quem assobia o negócio assim. Muito fácil, a gente ficava babando.		Ele trouxe várias vezes uns trios lá de São Paulo. Ele estava em Tatuí estudando.
	Unicamp.		Na Unicamp, é. Ele veio com vários trios de lá. Veio ele e mais um coroa no piano uma vez e mais um…
23’50’’	Mas chegou um momento que o Ponto de Vista começou a selecionar mais, porque, não sei se eu tô falando besteira. Mas, às vezes, uma banda que enchia muito, um Dazaranha, um		Não, e não era a proposta também da casa. A gente queria uma música assim mais de qualidade, um pessoal mais pra ouvir, não pra ficar… Porque quando a gente trazia a gurizada ali, eles ficavam. Pô, eles perturbavam muito a gente. Eles quebravam muita coisa, levavam os copos, ficavam pedindo bebida numa mesa e iam pra outra.

	Phunky Buddha ou sei lá quem, Stonkas, ia muita gente assistir e não consumia. Isso o Vilmar me falou. O Vilmar me falou: “Não, daí a gente não quer”. O pessoal vem, o dinheirinho é pra pagar o couvert e a consumação.		
	E tu com uma cozinha internacional lá, né?		Isso.
	Daí tem que direcionar o público.		É. Aí a gente queria assim mais um… podia ser Samba, podia ser Rock, mas um negócio mais comportado.
	Soft, comportado.		[Valdir]: Comportado.
			[Mauro]: Não aquela coisa muito pauleira [...]
			[Valdir]: Não essa bandas que ficam agarrando milhões de pessoas juntas...
			[Mauro]: [...] e eu fazia assim. Teve uma época que eu fazia assim, Py. Eu pegava, o cara me ligava: “Oh, tem uma banda aí que quer tocar aí e pah, eu tenho o som, vou te mandar. Não. não. Eu vou num ensaio de vocês. Daí eu ia no ensaio. Aí o que que acontecia no ensaio, eu chegava lá e dizia assim: “Tá, eu quero ouvir primeiro as músicas de vocês, autoral. Daí os neguinhos: “Autoral?” É, porque daí é que eu vou ver se vocês são bom ou não, porque senão vocês decoram essas músicas que é sucesso, decoram e tocam igualzinho, que nem um robô. Aí isso eu não queria lá no bar. Porque isso aí espanta a freguesia. Aí chega lá, liga na tomada e [deideidei - onomatopeia usada que eu inventei pra representar, kkkk] toca igual. Puta, não tem emoção nenhuma.

	Banda cover chama, né?		É. Não tem emoção nenhuma, né, cara? Queria que o cara, nem que tocasse mais ou menos [...]
			[Valdir]: Depois disso o Ponto de Vista já começou a reciclar. O Mauro já começou a reciclar.
			[Mauro]: [...] Se tocasse mais ou menos, mas que, pô, que fosse um negócio vindo do coração assim, que aí tu vê que as pessoas se emocionam, gostam, pedem bis e pagam couvert sem reclamar. Mas aquele couvert assim, mais chapado, aquele decorado assim, eu comecei a descartar.
	Claro.		Eu dizia pra eles: “Oh, tem só daqui a 3 meses, tem um dia lá na segunda-feira.
	Dá um banho de água fria.	26’46’’	É. Pro cara não querer mais. Mas, foi legal assim, porque tocou muita gente boa. Tocou, imagina, tocou o batera da, aquele o Bill Bro, Bill Bro. não, o negrão lá [...]
			[Valdir]: Ali foi muita gente famosa.
	Billy Cobham?		[Mauro]: Billy Cobham tocou ali, rapaz.
			[Valdir]: Ali foi muita gente famosa. Stanley Jordan.
			[Mauro]: Toco lá, esse, o Stanley Jordan tocou ali.
	Ah, Stanley Jordan.		[Valdir]: Sério, veio aqui fazer um show no Tamar já foi pro Ponto de Vista. Era tudo o Ponto de Vista que salvava.
			[Mauro]: É, tocou ali. Tenho o disco assinado por ele, fotografia com ele lá.
	Ah, quem toca ali no Tamar já dá uma canja ali no Ponto de Vista.		[Mauro]: É.

	Provavelmente João Donato.		[Valdir]: Era uma casa, não tinha quem não passasse ali.
			[Mauro]: É, João Donato.
	Oh, eu tive o prazer de tocar lá, né? Com a Júlia Muniz.		[Mauro]: Oh, o coisa também, o coisa tocou… Ah, a Júlia tocou, a Júlia se criou ali também.
			[Valdir]: A Júlia Muniz?
			[Mauro]: É, as primeiras apresentações dela foram ali. Ela nervosa lá nos fundos, suando…
			[Valdir]: Ah, táis brincando? Não, tu pegou isso, Mauro?
			[Mauro]: Claro.
			[Valdir]: E a “Folhas Mortas” no dia do show de “Folhas Mortas”? Eu fui ver um show dela “Folhas Mortas”.
			[Mauro]: Ela cantava uma música em francês.
	Canta algo em francês “Les Feuilles Mortes”.		[Valdir]: Ela botava as folhas no chão. Tu tá brincando que ela ficava assim nervosa, Mauro?
			[Mauro]: Ficava, daí cantava e era super aplaudida.
	É, eu toquei justamente esse repertório francês dela.		[Valdir]: E como é que a gente não notava que ela fazia isso?

	Tocava “Les Feuilles Mortes”, “Ne me quitte pas”.		O Mauro, ela passava por esse frio na barriga assim?
			[Mauro]: Claro. Vários artistas. Raul Wanger lá do Rio Grande do Sul também.
	Você queria falar do violinista, desculpe, eu te interrompi ali. Tu ia falar dum cara do violão.		Ah é, o violão clássico. Uma vez eu trouxe o Inácio Rabaioli, é um cara que toca violão clássico. Pô, os cara ali me chacotaram a noite inteira ali, um dia antes assim. “Pô, tu vai trazer música clássica?! Os caras vão dormir aí, não vai ter… Cara, foi a noite mais emocionante que teve no bar. O cara chegou, o cara era bom pra caramba [...]
	O violão clássico, né?		[Mauro]: [...] É. Botou o pezinho lá e primeiro deu uma explanação assim e todo mundo, shiii, deixou o clima. Eu fui lá nas luzes e já dei aquela chamada também na história e o cara… Puts, cara, todo mundo aplaudiu de pé, cara. Sim, foi o negócio…
	Nesse ponto tu é bem multi assim também, porque tu também mexe com luz, né?		Ah, eu trabalhava na banda lá no “Impacto”, né? Vários anos rodando no interior do Rio Grande do Sul.
	Antes de vir morar aqui.		É.
	Tu contou um pouco antes de eu ligar o gravador que você era roadie dessa banda, né?		Fui roadie dessa banda durante dois anos e meio.
	Olha só.		Ah, eu conheci o Rio Grande do Sul, praticamente.
	Tu toca algum instrumento?		Não toco.

	É a única coisa?		É, não toco, mas sempre tive violão em casa, tenho uma cítara indiana, sempre tive percussão, mas nunca me dediquei à música assim.
	Construir instrumentos, nunca…?		Construí vários instrumentos. Inclusive eu construí uma guitarra que em vez de ter o pedal na mão assim, o pedal de alavanca eu fiz no pé.
	Que doideira!		Há um tempo atrás lá, o cara que tem essa guitarra, era o guitarrista do “Impacto”, os caras queriam comprar esse sistema.
	Tens que patentear, hein?		É, mas eu peguei e fiz pro cara, o cara deve tá com a guitarra lá… E foi um negócio bem fácil assim. Depois que a gente bolou, viu que… Eu fiz também aquelas, eu sei fazer aqueles, sabe aquele
30’30’’	Sei, talk box.		Talk box, eu sei fazer aquilo ali.
	Que legal!		É com drive, né?!
	Você fala numa mangueirinha e mistura com o som da guitarra?		É isso. Não, tu não fala. Tu só faz com a boca, tu realimenta o drive dentro do saco com bastante coisa assim pra não bater, né?! E do drive tu vai pegando mangueira e vai diminuindo, vai fazendo um cone assim pro som sair do drive e entrar no cone e ir pra mangueirinha.
	Entendi.		Daí ele passa lá pelo amplificador, manda pro drive, a tua guitarra e o microfone onde tu vai cantar, né?!
	Aí conforme tu mexe a boca…		Aí tu deixa do lado ali assim, aí tu bota dentro da boca, daí tu toca e {som}, tu faz o que tu quer
	Só mexe com a boca.		É, e dá pra dar umas faladas assim meio eletrônica assim, {som}. Tu vai estudando ali e tu consegue desenvolver uma linguagem, né?
	Puxa, que bacana!		Um negócio bem bacana. Fiz aquelas máquinas de fumaça, né?! Sabe aquelas com gelo seco?
	Sim.		Também. Puts, fazia para todas as bandas lá de Porto Alegre.

	E quando tu chegou em Floripa pra trabalhar com Artes Visuais tu já tinha uma experiência e tanto, né?!		Tinha, bah. O bar ali eu usei toda a minha experiência. Por isso que os músicos vieram tudo, né?! Porque eu peguei e dizia assim pra eles: “Oh, vão tocar uma hora só, mas toque o melhor que vocês, o melhor de vocês, não fiquem escolhendo musiquinha pro cara, o bêbado ali pediu. Não, esquece ele.
	Faz um show!		Vai ali e faz o teu melhor. Porque daí eu vou te trazer várias vezes. Agora se tu for ali e ficar encerando, deu pra ti. Vou trazer só se sobrar vaga. E daí nessa aí eu selecionei muita coisa. Daí eles viram que isso deu certo. Daí eu disse: “Pô, convide uns amigos de vocês pra vir aqui, porque eu vou convidar os meus e tem mais o público do bar, mais os teus convidados, já dá uma plateiazinha, já não vai ficar um negócio assim, tocando pras paredes, já vai ter um..” Pô, bola de neve isso aí, né?!
	Sempre tinha quadros expostos lá, né?		Sempre é. Todo mês eu trocava a exposição. Fazia contato com uns artistas e via o que que ele tinha e…
	E como que tá o Ponto de Vista agora, qual que é a pegada?		Ah, agora não é mais, né?! Agora fechou, né?! Agora é um coworking ali.O prédio foi readaptado prum[...]
	Pra pessoal alugar pra trabalhar.		[...] pra alugar pra trabalhar.
	Nem aquele mirantezinho café vocês abrem no verão mais?		Ah não, aquilo ali é tudo alugado, né?!
	Tudo alugado?!		A gente só administra.
	Certo. Porque também esse mercado de bar com entretenimento deu uma queda em Florianópolis?		Faliu. Faliu total, né?! Porque, uma, eles aplicaram a lei do zero álcool, né?! O cara não pode mais beber, daí muitas das pessoas que levaram multa nunca mais vieram pra bares assim, desistiram da noite, né?!

	Não houve um esquema, tipo, de motorista da rodada?		Não, isso aí é muito difícil, não dá certo. É muito esquema pra um cara que resolve ir no bar. “Ah, eu vou lá no bar agora”. Ter que fazer todo esse esquema pra alugar alguma coisa, pra ir, alguém esperar. Isso é meio difícil. Mas antes as pessoas iam lá, tomavam 5, 6 champanhas numa noite, e tinham dinheiro, né?! Agora não tem dinheiro no mercado. Tudo o que tu inventar agora assim como negócio, não deslancha. Vai assim, vai, tu vai trocando 6 por meia dúzia, mas não deslancha. Por que? Porque não tem dinheiro no mercado. Tu investe, mas tu não retorna. Vai ficar aquela marolinha ali, vai assim…
	E era uma casa importante pros músicos. Eu vi muita música boa lá, era o lugar que eu ia até pra aprender, porque quando você vê uma super banda tocando. Porque quando eu vim morar aqui, já existia essa coisa de: “Ai, Floripa é parada, não tem nada”. E ali tinha aquele, tinha o Bar do Érico que eu não cheguei a conhecer, porque ele já havia vendido, quando eu tinha idade pra sair…		Mas o Érico era um pouco diferente a proposta dele. Ele pegava assim uma banda e eles ficavam tocando a noite inteira.
35’18’’	Jam session		Aí vinham as malucadas tudo, ficavam tocando revezando…
	Era um bar mais simples também?		Bem simples.
	Rústico, né?!		É, a gente fez a mesma coisa que ele, mas só que a gente apostou num público de um pouco mais de [...]

	Poder aquisitivo.		[...] financeiro melhor pra gente poder sobreviver, né?! Senão, com a malucada é só muita gente e pouco, pouco…
	E isso deu uma mudada na cidade, né?! Quando eu era universitário, tinha 3, 4 bares com som ao vivo, com rock, com banda. Hoje nos mesmos lugares você vê restaurantes, lanchonetes, som mecânico, onde o pessoal vai só pra beber e comer.		É. E eu odeio assim aquela música de churrascaria. Sabe aqueles músicos que se propõem a achar que ficar ali..., pra mim isso aí não é arte nenhum pouquinho e, até pelo contrário, enche o saco.
	Então a gente teve uma intervenção aí, como se sugere de, além da econômica, coisa de legislação, acho que teve legislação também para barulho. Se bem que o Ponto de Vista não tinha esse problema, né?!		É, a gente tinha aquele aparelho de [...]
	Decibelímetro.		[...] é, pra dar uma orientada nos músicos. “Oh, nós vamos ficar controlando, [...]
	Se ficar muito alto.		[...] se passar aqui a gente dá um sinal lá, vocês já sabem que é isso, tem que… Porque ali do lado tinha uma menina ali que ela sempre ligava pra polícia. Mas a gente, quando a polícia chegava tava um somzinho padrão, nós mostrava o equipamento. “Oh, quer medir, vai lá, o horário lá e a nossa licença ali”. Então a polícia nem vinha mais. Ela começou a ligar e dava[...]

		37’00’’	[Valdir]: Só dava ela. Não adiantava nada. Era moderado. Escutava música linda de qualidade (não entendi muito bem essa parte, 37 min 08s).
			[Mauro]: E assim oh, lugar pequeno, eu dizia pra eles… era um lugar pequeno, onde a acústica era boa, não precisava surrar a bateria, né?!
	Claro.		Chegava o surrador de bateria lá o… como é que é o nome daquele [...]
		37’27’’	[Valdir]: Richard Montano (acho que é isso, 37 min 27s). Um querido, mas toca muito bem.
			[Mauro]: [...] o Richard Montano. Tocava alto, tocava alto pra caramba.
	Tocava. Tocou no teu CD, né?!	37’38’’	[Valdir]: Não. Ah, tocou sim. Foi, porque ele é especialista para gravar pra estúdio. Tinha baterista que eu esquecia álcool no estúdio (não sei se é isso mesmo, 37 min 40s).
			[Mauro]: Ele era bom, mas só que ele [...]
	Ele tinha uma pegada muito técnica.		Ele pegava [...]
			[Valdir]: Não, um cara que estudou com Quiroga… Quem é o Quiroga? Lá do Rio Grande do Sul, Porto Alegre? Que ele ia lá pra Porto Alegre.
			[Mauro]: Um músico.
	Vou te falar que eu não [...]		[Valdir]: Um tal de Quiroga, um cara muito importante, professor de bateria.
	[...] já ouvi falar, mas, não conheço.	37’55’’	[Mauro]: Tocava com o Alegre Corrêa (acho que é isso, 37 min 57s).
	Sim.		[Valdir]: Quem que tocou?

			[Mauro]: O Quiroga.
			[Valdir]: Ah é?
			[Mauro]: É.
			[Valdir]: Olha aí.
			[Mauro]: O Quiroga, o Alegre, o Joel Brito. Eles eram uma banda boa, banda de neutro.
			[Valdir]: Um baterista então de ponta.
	Não conheci essa banda.		[Mauro]: É, banda de neutro. Boa banda
			[Valdir]: Olha. Mas o Quiroga é de Porto Alegre? É daqui?
			[Mauro]: É. O Alegre também é.
			[Valdir]: Ah tá.
		38’20’’	[Mauro]: Eles têm músico de tudo que é lugar. Aqui tinha aquele batera lá, o Bettega (acho que é isso, 38 min 25s), que é muito bom.
	Sim, Endrigo Bettega.		É, o Endrigo. O outro, Salter, Glauco Salter. Pô, que cara que tocava baixo com técnica [...]
	A turma de Curitiba, né?!		[...] É, isso. Eles vinham sempre aqui, eles adoravam o bar ali. Vinha [...]
			[Valdir]: E aquele Maia, um moreno que tocava baixo, que é aquilo?!
	André.		[Mauro]: Ah, o Arthur Maia. Arthur Maia.
			[Valdir]: Quem é que conhece? O que que é aquilo?
	André Maia.		É André Maia? É, André Maia.

			[Mauro]: Não, tinha o Arthur Maia do… O Arthur Maia veio várias vezes ali...
	O Arthur Maia, sim.		[Valdir]: Tá, mas o André Maia era outro também.
	Ele tá falando do André…		Tu conhece o André Maia, cara, que baixo era aquele, cara?
	De vista. Eles estavam tocando [...]		Acho que ele é artista no baixo.
	Olha que interessante, olha que interessante. Tinha o Café dos Araçás, fechou.		Ah, tu conheceu o Café dos Araçás.
	Tinha o Ponto de Vista, agora você me diz que fechou. Pra mim é até um choque, que eu não sabia.		Como é que é essas coisas importantes...?
			[Mauro]: Não, e já faz 5 anos que fechou.
	É? Olha aí. Também faz um tempo que eu não tô na noite como músico, né?! Outra coisa, ali onde tinha um bar chamado Barão de Munchausen (acho que é isso, 39 min 24s), que tocava banda, agora é uma pizzaria. Pizzaria e Bar do Maneca [...]		[Valdir]: Caramba, caramba.

	[...] aonde era o Berro d'água que eu tocava com as minhas bandas, é um restaurante.		O que que foi o Berro d'água, né?! Que nasceu um monte de gente, nasceu o Dazaranha ali.
	Então parece que a cidade mudou de cara [...]		É mudou, mudou.
	Eu gostaria até de dar um palpite aqui, já que essa entrevista é bastante [...]		[Mauro]: Ampla.
	[...] informal, né?! Nós estamos aqui num ambiente, aqui olhando pra Lagoa aqui...		É, claro.
			[Valdir]: A Lagoa, um pouco de sol.
	[...] mas eu acho que a transformação daquela região ali do Córrego Grande, Itacorubi, Pantanal em universitária, a ampliação das vagas nas universidades, e até o fato de você aumentar a rotatividade. Porque com o Enem, o que acontece? Os alunos do Brasil inteiro vêm pra cá.		[Mauro]: Ah, certo.
	Porque é um sistema único de classificação. Tu		Eu fiz várias vezes pra Medicina.

	faz o Enem, entra no sistema único lá, integrado e… muito diferente do tempo quando eu fiz vestibular. Hoje ainda existe vestibular, mas tu faz o Enem e tu tem essa outra oportunidade de dizer: “Não,[...]		
	É?		[Mauro]: Três vezes eu fiz pra Medicina. Aì não passei e fui viajar.
			[Valdir]: Essa foi boa. Pra Medicina?
			[Mauro]: É.
			[Valdir]: Não ia ser bom médico.
			[Mauro]: Eu queria plástica, cirurgia plástica, cirurgião plástico.
	Bah.		[Valdir]: Tu já é historiador, tu também deveria estudar pra médico, cada mão, cada corpo, lá no mínimo detalhe.
	É, é um artista, né?		[Valdir]: Pensou fazer um detalhe minúsculo, como é que não vai fazer uma operação, vai esquecer uma tesoura dentro do paciente. Que médico é esse? Ah se eu ia ser esse tipo de pessoa. O que que é isso? Então tu vê aí que tem médico que não era pra ser médico, estão trabalhando e atuando e trabalhando muito bem. Então se nós estudasse, Mauro, eu, esses artistas, aí que tem a manha, ia fazer altas cirurgias.
			[Mauro]: É, eu não estudei muito também, né?! Eu tinha vontade, mas…
			[Valdir]: Porque eu de sangue eu não tenho problema, eu posso ver sangue, porque eu acho sangue bonito.Então eu nunca tive problema de ver sangue.

			Meu irmão não pode ver sangue, o Alcílio (acho que é isso, 41 min 25s). Tem pessoas que não podem ver sangue. Eu não, sangue pra mim, eu vejo como um líquido bonito. Então eu não consigo assim… Eu logo já me...
	É o olhar do artista, né?!		[Valdir]: Sim, eu logo já vou pro lado da arte.
			[Mauro]: Mas tu sabe que o pior não é o sangue. O pior, eu fui assistir as aulas de [...]
			[Valdir]: Tá brincando de Medicina.
			[Mauro]: [...] de Medicina. Eles botam um cadáver lá de vários tempos assim pra fazer dissecação [...]
			[Valdir]: O cara fica o mês inteiro sonhando com aquilo, kkkkk.
			[Mauro]: [...] não, daí o cheiro é insuportável.
			[Valdir]: Ah, não tem cheiro.
			[Mauro]: Ô rapaz, é aqueles líquidos que eles botam pra [...]
	Formol.		[...] Formol e misturado com a coisa que já tá em [...]
			[Valdir]: E aquele cadáver faz anos que tá ali já?
			[Mauro]: Ah, eles fazem assim, por exemplo, vão fazer, tipo, dissecação do braço. Aí tira, vai lá, os alunos vão achar a veia assim. Aí começam a cortar e levantar o [...]
			[Valdir]: Tem que saber tudo isso no corpo humano, estuda?
			[Mauro]: Tem, claro, tudo. O nervinho…
			[Valdir]: O doutor estuda? O doutor tem que pegar um cadáver pra estudar?

	Na frente do Colégio de Aplicação ali onde eu trabalho, o Anatômico, há décadas que é ali [...]		[Mauro]: Eles fazem ali a dissecação.
	[...] e é lotado de carro de manhã cedo, porque tem muito mais aluno na universidade agora. E é aquele horário ali que… Tu vê, vou emitir essa opinião, não quero nem saber. Um monte de carro bacana, um monte de carro zero, um monte de carro chique. Tu vê aquela gurizada jovem saindo. Às vezes até estacionam o carro torto, com pressa. Tu não consegue estacionar outro carro do lado. E é ali, é ali onde eles fazem os estudos de anatomia.		[Valdir]: Ai, ai, ai. Onde é que é mesmo na universidade?
	Na frente do Colégio de Aplicação, no CCB, Centro de Ciências Biológicas.		[Valdir]: Ah, é ali é?! Ah tá. Meu Jesus!
			[Mauro]: Isso eu vi lá no Rio Grande do Sul, rapaz.
	Lá na Faculdade de Medicina.		[Valdir]: Ai, ai, ai. Então, aí é desagradável.

			[Mauro]: Eu tinha amigos que passaram, que estudaram comigo, no primeiro vestibular eles passaram e já tavam 3, 4 anos lá dentro. E de vez em quando eu ia assistir aula lá. Eles me convidavam. Pô, vai ter um negócio legal lá, vamos lá. Aí eu ia como ouvinte, né?! E nas Artes também eu fiz muito. Na Udesc ali eu assisti muitas aulas de Arte ali, como ouvinte. Lá no tempo daquele senhor lá que era escultor lá, o seu[...]
	Dimas?		[...] o Dimas e o filho dele, né?!
	O Dimas Filho.		[Valdir]: Dimas era no acrílico?
			[Mauro]: Não, eu assisti com o velho também.
	O Dimas Rosa?		Isso.
	Hoje leva o nome da biblioteca da UDESC.		É. E ele chegou lá e liberou geral pra mim assim. “Oh, tá vendo a oficina ali? Pode ir lá a hora que tu quiser, vem ali”.
	Olha que interessante!		E eu assisti. Ele viu que eu tinha um interesse assim, né?! Eu mostrei também as fotos de obras minhas.
	Captou teu talento e o teu interesse e não fechou a porta, né?!		Isso, abriu geral, é. Já o filho dele foi mais assim, restrito e tal, mas mesmo assim tava liberado ainda. Mas só que daí eu tinha parado de ir, porque eu fiz isso muito no início quando eu cheguei aqui. Daí eu precisava ter contato, né?! E ter assim lugar para trabalhar, tudo. Os dois primeiros anos aqui foram bem corrido pra mim. Eu tive que correr atrás, correr atrás de tudo.
	É difícil se estabelecer quem vem de fora, né?! Se não é um funcionário público, é difícil, né?! É difícil.		Daí eu conheci algumas pessoas que já começaram a me chamar pra fazer outras coisas e tal. E aí eu assistia muitas palestras que vinham os artistas espanhol, vinha outro, às vezes tinha tradução, coisa, e eu ia pra lá ver.
	Interessante. Não deixou de aprender, né?!		Uhum. A gente quando quer, o ser humano quando foca e bota a energia dele numa coisa, vai pra frente. O ruim é quando o cara tá muito assim [...]

			[Valdir]: Desacreditado.
			[Mauro]: [...] muita opção e tu fica gastando um pouquinho aqui, um pouquinho ali da tua energia. Aí tu não vai muito pra frente. Acho que tem que focar mesmo e… Bom, aquilo ali eu quero e…
			[Valdir]: Não tem como dar errado.
			[Mauro]: Aí vai pra frente, o negócio se desenvolve.
	Então tá. Queria, pra encerrar a nossa entrevista aqui, perguntar pra ti, Mauro. Dessas grandes parcerias que tu tem aí de trabalho com o Valdir, que tu escolhesse uma pra dizer: “Olha, essa foi marcante e…”		[Valdir]: Carnaval do Rio Vermelho, né, Mauro?
			[Mauro]: É, o Carnaval do Rio Vermelho. Primeiro carro alegórico do Rio Vermelho eu e o Valdir que fizemos.
	Que interessante!		[Valdir]: O Mauro querendo ajudar a comunidade do Rio Vermelho e aí a gente ganhou, modo de dizer, pouco, mas razoável, mas fizemos, agradamos a comunidade. Mas fizemos uma coisa bonita.
			[Mauro]: É, foi pouco, não foi razoável. Ganhamos pouco. Pro tanto que nós trabalhamos e fizemos um negócio assim que eles ficaram de cara assim, né?!
			[Valdir]: Muita reciclagem, muita novidade.
			[Mauro]: O Valdir entrou com a história dele e eu fiz um pouco dessa [...]
			[Valdir]: E até neon, né, Mauro?

			[Mauro]: É. Aí botamos os leads assim, as fitas de lead tudo. Pô, foi o maior sucesso.
	Mas tu concorda com ele? Porque ele já chegou e falou na tua frente, foi o Carnaval do Rio Vermelho.		Não, é, mas foi. Foi uma das obras que foi assim popularmente foram, a gente constatou que foi legal, que a gente fez e foi legal, mas a gente fez a pipa lá pro[...]
	A pipa da WEG, né?!		[...] da WEG, o Valdir... fizemos o presépio, ali na Lagoa.
	O presépio da Lagoa. Tem algumas imagens aqui. Aquele anjo, eu choro quando eu vejo ele. Lindo aquele trabalho.		Ficou legal.
	O Valdir contou pra mim que o trabalho manual foi teu.		É, na realidade o Valdir tinha esse sonho, mas ele… Sabe como é que é o Valdir, né?! Ele faz que vai, mas não vai. Faz que vai, mas não vai. Aí um dia eu enchi o saco, disse: “Oh, ou tu faz esse presépio ou tu não fala mais em presépio comigo”. Aí ele foi lá pra casa, começou a conversar e tal e eu comecei a desenhar. Ele falava: “Ah, tem que ter assim, com um plástico e nãnãnã. E eu fui desenhando. Tanto é que eu tenho os desenhos tudo lá do presépio.
	Interessante.		Tipo uma psicografia. Ele captou a história [...]
	De lá pra cá?		[...] e eu [...]
	Do Valdir pra ti?		[...] É. É fizemos já uns painéis. Tem um painel num colégio lá também que fizemos há muito tempo atrás lá pro pessoal do Casa Nova, um colégio em Canasvieiras. Também tem um painel muito bacana [...]
			[Valdir]: Painel com tema folclórico, foi muito incrível, muito incrível.

			[Mauro]: [...] Mesma coisa. Valdir: “Ah, tem que ter tal coisa”. Eu ia fazendo. Aí formulamos aquele desenhozinho assim, né?! Aí mais ou menos um esquema, depois eu dei mais uma história, pra ficar mais Valdirada a história assim, né?! Aí depois o Valdir… Eu projetei, projetei numa lona e o Valdir desenhou, deu mais uma Valdirada na história e assim a gente vai entrelaçando as coisas.
	Vai entrelaçando. Essa pipa da WEG, ela foi feita especialmente pra mulher lá, como é que foi?		Sim.
			[Valdir]: Essa foi feita especial pra ela, encomenda dela, o sonho dela era ter uma pandorga minha.
	Não era uma pandorga que [...]	49’00’’	Ela ficava falando: “Anjo (não sei se é isso, 49 min 03s), eu quero ter uma pandorga tua”. Daí eu disse: “Olha, tu vai ter que me pagar tal valor”. “Não, eu pago”. Daí ela pegou e não sei o quê… Aí depois eu fiz a pandorga pra ela.
			[Mauro]: O Valdir foi pra França...
	Não era uma pandorga que tu já tinha aí?		Não, não.
			[Valdir]: Não.
	Foi do zero.		[Valdir]: Especial. Foi a maior obra da minha vida.
			[Mauro]: Foi assim olha, o Valdir começou a história e foi pra França. Naquela época que ele foi lá naquele [...]
	2005.		[...] daí ele foi...
			[Valdir]: A Denise me deu sorte. Ela fez eu passar no portal que ela tinha no quintal dela. Faz 3 pedidos aí, um deles era pra viajar internacional. Engraçado, no pedido da pandorga deu essa viagem.

			[Mauro]: Aí depois quando ele voltou, daí reiniciamos a história e daí um dia encostou um caminhãozão ali, botamos dentro a pipa e levamos pra lá.
			[Valdir]: Fomos levar e ela fez aquela festa.
	Ah, então essa pandorga da WEG é mais antiga? Você fez pra ela e depois agora recentemente vocês foram lá restaurar?		[Mauro]: Ah, agora fomos lá restaurar.
			[Valdir]: É, agora depois de 11 anos.
	Eu tô pensando é nessa fase.		[Mauro]: Ah não, fomos restaurar. 11 anos.
			[Valdir]: Depois de 11 anos, nós fomos restaurar, só que quando eu fiz a pandorga, eu já conhecia o Mauro, mas a pandorga foi mais eu que fiz. Ah, mas já tinhas ajudado em algumas coisas, né?
			[Mauro]: Claro, eu ampliei pra ti todos os desenhos.
			[Valdir]: Ah, ampliasse pra mim, foi, foi, foi, também ajudou. E depois, agora na restauração, aí eu optei pra levar o Mauro. Aí pra fazer junto com o Mauro.
	Ah, claro. Então foi [...]		[Mauro]: Nós nos demos bem, né?! Pô, foi…
	[...] pandorga da época da ida da França, da volta da França, 2006?!		É. 11 anos atrás.
	Aham.		Ou menos um pouco assim, não sei.
	Por aí, né?!		[Valdir]: E é uma pessoa, Denise, é uma pessoa que é admiradora de arte.

	É fantástica. Eu vi a foto, a pandorga é do tamanho dessa porta, sei lá.		[Mauro]: O Valdir… Não, tamanho dessa peça aqui, olha.
	Quantos metros tem? 5 metros?		Tem 4 metros por 6, parece.
			[Valdir]: 5 metros.
			[Mauro]: 5 metros, 5 metros, acho. É enorme, cara.
			[Valdir]: É enorme.
			[Mauro]: Ela não cabe aqui.
			[Valdir]: Tem que ser o maior caminhão pra passar na porta de trás e ainda tive que desmontar.
	Pra um mural, né?		[Mauro]: Pô, ela tá em cima do… O pé direito lá da casa deles tem 13 metros de altura.
	E é particular a casa ou […]?		É, é particular.
	[...] Não é na WEG mesmo.		[Valdir]: Não, não, não, particular.
			[Mauro]: Não, não, é do Décio. Do Décio e da Denise.
			[Valdir]: É a casa que ela mais ama. Ela gosta de todas as casas que ela tem. Ela tem milhares de casas. Mas aquela casa ali pra ela…
			[Mauro]: E o Valdir tá marcando de não ir fazer um show lá, porque a mulher quer o show do Valdir lá um dia.

	Pois é, cansamos de falar isso.		[Valdir]: E a mulher faz festa no quintal. Tem várias casas de festa.
			[Mauro]: É só ligar pra ela e dizer: “Denise, olha, tô pensando [...]
	A hora que quiser uma festa com a minha banda.		[...] nós tamo pensando em ir um dia aí fazer um, participar, fazer um show pra vocês aí.
	Já falamos muito eu e o Maia nesse assunto.		Os cara é cachê na certa, rapaz. Os cara gosta do Valdir pra caramba.
	Tocar uma vez ou duas vezes por ano lá, já tá ótimo.		O Valdir chega lá já vai fazer massagem na mulher na hora.
			[Valdir]: Ela botou a filha pra me benzer. Eu benzi ela, eu curei ela da bexiga dela. Ela me pede pra mim benzer ela.
			[Mauro]: É.
	Acredito.		Então ela leva a maior fé...
			[Valdir]: Ela é terapêutica, como é que ela é, reiki, mestre em reiki na China, cura pessoas com cristais. Ela tem toda a informação mundial. Ela vai pra todos os países e me chamar pra mim benzer ela. Tu sabia que eu podia curar ela? Não eu, né, mas eu digo...
	Ela tem uma conexão cósmica.		[Mauro]: Ela tem uma conexão, ela tem no quintal um negócio de pedra assim, onde ela faz uma história de energização ali…
			[Valdir]: De incensos de tudo quanto é tipo do mundo inteiro isso. Essências de todos os tipos. Tu pode escolher a essência que tu quer queimar na brasa. Então ela é uma mulher fantástica, mística, dessa religião xamânica.
	Interessante.		[Mauro]: E faz uma cachacinha chamada “Cu pra Lua”. E X C E L E N T E!

			[Valdir]: Nome da firma dela. Ela botou “Cu pra Lua” porque ela indicou pra nós. Porque botar o “Cu pra Lua”. “Fulano nasceu de cu pra lua”. Então esse título aí faz jus a sua própria palavra. Então ela acredita…
			[Mauro]: Eles têm o culto do “Cu pra Lua”, eles têm o culto. Daí um dia [...]
			[Valdir]: Um culto é, você tem que cultuar. Quando a lua tiver cheia, você põe o cu pra lua e faz os teus pedidos. Não tem como não dar certo.
			[Mauro]: [...] a gente foi lá e tinha lua cheia, né?! E daí tinha umas grã-finas lá, um pessoal tudo fino.
			[Valdir]: Sim, umas madames finas.
			[Mauro]: Aí ela chegou (barulho de palmas). Gente, nós vamos fazer agora o culto do “Cu pra lua”. Aí quem quiser tem que ir ali na beirada da piscina, ficar em linha assim pra ninguém olhar o cu do outro. Aí fica assim, aí baixa a calça, daí ela faz um… ela também faz, né?
			[Valdir]: Uma oração.
			[Mauro]: Daí ela dá umas palavras assim de uma espécie de uma canalização de energia e tal e faz tu… E o Valdir fez, daí eu fiz também, todo mundo que tava lá na casa fez. Aí, duas horas depois, o Valdir ganhou uma passagem pra China, ida e volta.
			[Valdir]: Duas horas depois de botar o cu pra lua. Agora tu vê?!
	Mas como que tu ganhou essa passagem?		[Mauro]: Ganhou, o cara, o Valdir…
		53’42’’	[Valdir]: (não entendi o começo da fala, 53 min 42s) tava chegando de viagem, a gente já tava ali uns 2 ou 3 dias com a dona da casa. Aí ele pegou e perguntou o que eu ia fazer depois daquela pandorga. Aí eu não sei como é que eu fui falar. Primeiro eu reclamei que tinha que um sonho que já tava deixando de

			lado que era ir pra China soltar pandorga. Antes de eu falar o que eu queria. Eu não sei como é que eu fui tocar naquele ponto. Daí ele falou: “Não, eu tenho a passagem. Tu vai e não sei o quê…” Aí já abri vinho, já comemoramos, virou festa, Denise ficou maluca, todo mundo ficou pirado.
			[Mauro]: Eles têm fábrica lá na China.
	Sim.		Eles têm uma fábrica lá. Então, ele tem o caminho certo já.
			[Valdir]: Para todos os países, vários países ela vai.
	Da WEG também ele?		[Mauro]: É, da China. Eles têm na China [...]
		54’22’’	[Valdir]: Eles não fazem outra coisa (acho que é isso, 54 min 22s), são pessoas que fazem economia total para não pagar transporte.
			[Mauro]: [...] eles têm na Índia, no México… Aonde é que eles abriram uma?
			[Valdir]: Ah, vários países.
			[Mauro]: Na Índia, a última foi na Índia.
			[Valdir]: São vários países. Se não tiver nos EUA, não tem não?
	Mas essa pessoa da passagem é da WEG?		[Mauro]: É o Décio. Ele é diretor fundador da WEG.
	Ah tá.		Ele é da família lá.
			[Valdir]: Da família do fundador.
	Certo, certo.		Ele é filho do fundador.
			[Mauro]: Tem três, né?! Eram três.
	Eram três: W, E e G, né?!		Isso, é. Então, ele é de uma rede de uma [...]

	De uma dessas três famílias.		[Mauro]: Isso. A Clica Voigt (acho que é isso, 54 min 54s) aquela é de outra, de outra [...]
			[Valdir]: Família.
	Porque começou, começou aqui por perto, né?		[Mauro]: É, lá em Jaraguá.
	Ah, em Jaraguá mesmo.		A sede [...]
	No polo industrial?		É. E tem no interior de Santa Catarina tem também. Fábrica de tinta, trafo. Agora eles estão investindo em fazer esses trafos [...]
	Transformadores grandes, né?!	55’20’’	[...] transformador grande, tinta e agora eles estão investindo em eólica (acho que é isso, 55 min 25s), fazendo as turbinas eólicas.
	Turbinas para geração de energia.		Eu acho que vai ser lá na Índia que vão fazer, porque é barato.
	Claro.		O material está lá caindo de maduro também e mão de obra barata. E é isso que os cara progride, né?! E o cara, eles adoram o
			[Valdir]. O que o Valdir quiser... O Valdir já podia ter o livro. A gente falou lá e eles disseram, deram toda a… “Oh, faz, faz lá o projeto da lei tudo, traz aqui que a gente faz pela WEG daí”.
	Falar com o Caio César. Caio César é que propôs fazer o livro, né, Valdir?	56’11’’	[Valdir]: Foi (não entendi tudo, 56 min 11s).
	Não é?		[Mauro]: Pô, caindo de maduro, cara. E o Valdir tem todo esse material.
	Verdade.	56’20’’	Vocês deviam fazer um pooh (não sei se é um barulho ou alguma palavra que não conheço, 56 min 22s) assim já fazer uma história [...]

	Já conversamos bastante.	56’24’’	[Valdir]: (Não entendi muito bem a fala do Valdir, 56 min 24s) sentar atrás dela e falar a coisa.
			[Mauro]: Porque o Valdir, ele é o mais popular artista daqui da ilha. Não tem ninguém que supere em quantidade de trabalho, em popularidade, em difusão da cultura. Foi o primeiro que se antenou do lance do ambiente, o meio ambiente. Fez música pra isso.
			[Valdir]: E prêmios, né?! Porque eu ganhei prêmio na música, prêmio em arte plástica, concurso de carnaval, concurso da pandorga daqui.
		57’01’’	(não entendi quase nada do que o Valdir falou, a voz está longe, 57 min 01s). Tá louco, hein? ….falar contigo...
	Quero agradecer então a ambos pela receptividade, né?! Deixar registrado que foi uma escolha do Mauro conversar aqui nesse espaço [...]		[Mauro]: Porque é astral aqui no Valdir.
	[...] neste dia 09 de maio de 2018. Eu agradeço e deixo livre pra, se quiser comentar mais alguma coisa.		[Valdir]: Ah, eu também agradeço a tua presença, sempre é bom. Um sábio que nem você, um estudioso, muito obrigado por tá fazendo esse trabalho de universidade. Isso é uma história que fica gravada em Floripa, memória muito boa. Eu gosto de história, né?! Eu agradeço o Mauro também, que é um amigão, que veio aqui e só se dispôs pra falar alguma coisa sobre arte e cultura, né?!
	Então tá.		

TEXTOS DA INTERNET

Sexta-feira, 29 de fevereiro de 2008

Beto Stodieck

Foto: Divulgação

Não faço nada ao chegar no jornal antes da coluna a não ser ler as correspondências. A prioridade absoluta sempre foi a coluna. Depois de fazê-la, aí sim dedico-me a outras funções. Mas hoje estou quebrando essa tradição. Nunca é tarde, brother!

Marco Cezar, o melhor fotógrafo com que Cacau trabalhou em todos os tempos, me intima a escrever qualquer coisa sobre Beto Stodieck, para sua revista Mural. O prazo final é hoje. Agora!

Sem problemas, patrão, falar de Beto Stodieck é função tão prazerosa como escrever minha coluna, tomar um chope ou fazer um gol. Não vou comparar com o orgasmo porque nada se iguala a uma boa gozada, mas falar de Beto é gozar de muitas e delirantes épocas e histórias da minha vida, da vida da minha cidade e da vida de muitos amigos, falsos, espertos, loucos, caretas, ricos ou metidos, feios e bonitos, todos esses que um dia foram personagens de Beto Stodieck nas suas imperdíveis colunas diárias na imprensa catarinense: Jornal de Santa Catarina, jornal O Estado, Jornal do Beto e revista Quem.

Beto não era apenas um colunista. Era o guru da Ilha. Influenciava seu séquito a ser ousado nas roupas e no comportamento. Odiava caretas. Ninguém teve maior importância na quebra de preconceitos como esse cara, gordinho e careca, porém bonito e muito, mas muito inteligente e perspicaz. Sacava tudo, por todos os lados. E não abria mão de dizer com quem queria andar, com quem queria namorar, com quem queria sair ou viajar.

Elitista assumido, oriundo de família nobre, sempre cultivou o bom gosto, tanto à mesa como no guarda-roupa. Era chique e ao mesmo tempo jovem e relaxado, podendo chegar nas festas com calça jeans e camiseta Hering, ou com um Armani ou Gaultier. Gostava de grifes, de bons restaurantes, de gente bonita por perto e casa grande. Era mesmo classe A e não fazia nenhum esforço para ser popular. O ibope era certo com a coluna, o resto era lucro.

Beto namorou muito das meninas e meninos da sua coluna e os pais nem sabiam. Fumava maconha como todos nós, gostava de praia, shows, festas e de um bom vinho. E de Gil e Caetano também. E de Nova York e Laurita Mourão também.

Arrisco até a dizer que alguns amigos viraram gays por causa dele. E outros deixaram de odiar gays também por causa dele. Pais, inclusive, passaram a aceitar os filhos gays por causa dele, que virou referência. Mas, no entanto, apesar de claro na defesa de suas bandeiras, Beto sempre foi muito discreto no tocante a seu comportamento sexual em público. Era gentleman que nunca perdia a linha. E pela influência que exerceu, claro, teve muitos opositores, que embora agressivos, nunca venceram nenhum round contra ele. Beto só perdeu para a doença, Aids. Todas as outras batalhas, foi vencedor! Venceu a ignorância da cidade, venceu os preconceituosos, venceu os radicais, venceu o delegado Eloy, venceu a burrice e a mediocridade.

Foi perseguido pela direita e pela esquerda, pelos brutos e pela polícia e por muitos outros caretas que não aceitavam sua moderna liderança sobre a juventude numa

Perfil
A irreverência de Cacau Menezes agora está também em blog.

cacau.menezes@diario.com.br

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Não foram publicadas novas notícias nos últimos 30 dias

Notícias e esportes de SC é no DC
Tenha notícias no seu site

Buscar OK

RSS

Posts destaques
- Os prazeres, os dramas e as polêmicas
- Beto Stodieck
- Bar do Chico
- Viemos e vencemos
- Turma do Kioski
- Solidariedade
- Debate Diário
- Cacau entrevista Renato Gaúcho
- Jornal do Almoço
- CBF News

Arquivo do blog

SHOPPING
Sem registros
BUSCAR

cidade até então altamente provinciana. Sabia que eles existiam, e em grande escala, mas ignorava os inimigos solenemente. Simplesmente não os conhecia. Não os citava. Ignorava-os por completo. Dava-lhe o desprezo total.

Beto gostava era de mim, do Rômulo, da Denise, da Cláudia Pop, do Ito e da Maiú, do Pereira, do Uri, do Julinho Duarte, do Peixoto, da Dete Piazza, do Nelson Nunes, do Chanico do Valle Pereira, da doutora Tânia, do Mick Jagger, da Magali Heinze, da Witti, dos Lenzi, da Joaca, do Felipe e do Pedroca, dos amigos cariocas; dos seus irmãos, da sua mãe, do Fúlvio Vieira, da Rose Buendgens, do Nezinho e da Juci; do Max, do Tuca, do Studio A 2, do Waldir Agostinho, da Dulcinha, da Lúcia Prazeres, da cidade de Florianópolis, para ele sempre Floripa. Foi quem primeiro trocou na mídia o nome de Florianópolis para Floripa e de Esperidião Amin para Dão, com quem gostava de implicar. Com a cidade e com o político!

Fusquinha verde, careca com peito cabeludo, roupas chiques, óculos loucos, empresário e amigo de artistas famosos, ninguém foi mais poderoso em Florianópolis do que Beto Stodieck, a quem devo muito, muito, muito da minha esperteza, se é que ela existe na proporção que alguns gostam de comentar. Com ele viajei pela primeira vez para os Estados Unidos, com ele fumei muitos baseados dando volta de carro à noite pela cidade quase deserta, fazendo do Kioski nosso ponto de partida e chegada. Ali a tropa revezava.

Com o Beto aprendi a gostar do que é bom, com ele fui para a televisão e quando morreu, me deixou como seu sucessor. Que responsabilidade, hein brother! Não vou esquecê-lo nunca. Junto com meu pai e com meu filho, Beto Stodieck foi um dos homens da minha vida.

Agora sim, dito isso, posso começar a fazer a coluna que um dia Beto Stodieck também me ensinou. Afinal, Beto, mesmo à distância, continua sendo prioridade.

Mais fotos

Postado por Cacau Menezes - Floripa às 16h01 (Horário de Brasília)
Comentários (22) | Envie para um amigo | Link

Veja o blog completo Topo Voltar

Dúvidas Frequentes | Fale conosco | Anuncie - © 2009 RBS Internet e Inovação - Todos os direitos reservados.

ASSOCIE-SE
(HTTP://WWW.ACIF.ORG.BR/ASSOCIE-SE/)

GUIA DE ASSOCIADOS
(HTTP://WWW.ACIF.ORG.BR/GUIA-DO-ASSOCIADO/)

Receba nossas novidades

Nome completo

Endereço de email

Enviar

Impostômetro
FLORIANÓPOLIS - 2017

Bilhões	Milhões	Mil	Reais	Cent
	523	974	145	69

FESTA NACIONAL DA OSTRA E DA CULTURA AÇORIANA (FENAOSTRA)

9 de outubro de 2008 - Novidades (http://www.acif.org.br/noticias-acif/novidades/)

»Abertura dos portões: A partir das 17h nos dias úteis
»A partir das 11h no final de semana e feriado
»Ingressos: R$ 5,00 (nos dias úteis, final de semana e feriado) após 17h
»R$ 5,00 (para acesso ao pavilhão C – em dias de show nacional)
»Gratuidade: Crianças de até 10 anos e idosos acima de 65 anos não pagam

Informações: (48) 3251-6040 – www.pmf.sc.gov.br/fenaostra (http://www.pmf.sc.gov.br/fenaostra)

Festa tem a "cara da cidade"

Com uma natureza exuberante, composta de dunas, morros, mangues, encostas, lagoas e baías de águas calmas, Florianópolis é um dos principais destinos turísticos do Brasil, especialmente no verão. Vencer a sazonalidade sempre foi um desafio para a cidade, que apostou no segmento de negócios e eventos para movimentar a economia local o ano inteiro. Porém, mesmo recebendo um número maior de feiras e congressos a cada ano, a capital catarinense demorou a ter uma festa identificada com o

local o ano inteiro. Porém, mesmo recebendo um número maior de feiras e congressos a cada ano, a capital catarinense demorou a ter uma festa identificada com o município.

No início da década de 1990, a Prefeitura de Florianópolis investiu em várias promoções para divulgar a gastronomia local e valorizar a cultura de base açoriana, gerando também opções de trabalho para os moradores e entretenimento para os turistas. De 1993 a 1997, surgiram a Florifesta, a Expo-Ilha e, posteriormente, o Festival do Mar, além de outros eventos. Mas nenhum deles sobreviveu a mais que quatro edições.

Em 1991, a maricultura iniciava sua fase comercial, mas ainda era uma atividade desconhecida na cidade. "As pessoas não sabiam nada sobre a ostra de cultivo. Só comiam a espécie nativa e, mesmo assim com poucas variações de cardápio. O consumo era feito in natura, ou ao bafo, cozida no vapor", conta o engenheiro agrônomo da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (EPAGRI/SC), Alex Alves dos Santos.

O fracasso de festas anteriores, a percepção de que os moradores ignoravam o molusco cultivado e a necessidade de abrir mercado para o produto, garantindo o futuro da atividade, motivaram a criação de um evento para divulgar o consumo da ostra Ao mesmo tempo, a promoção colocaria Florianópolis no roteiro das Festas de Outubro, já que não havia uma festa do gênero na cidade, apesar de contar com um centro de convenções desde 1996. Surgiu a Fenaostra, em 1999, promovida pelo Escritório Municipal de Agropecuária Pesca e Abastecimento (EMAPA) – atual IGEOF – e EPAGRI/SC.

Como um dos idealizadores do projeto, Alex dos Santos, destaca que a festa foi fundamental para projetar a ostra de Florianópolis em nível nacional, tanto por conta das variadas receitas criadas pelos restaurantes participantes do evento, como pelo ineditismo dos concursos gastronômicos. "Eles ajudaram a criar uma cultura voltada para o consumo do molusco porque atingem os chefs de cozinha, que são os profissionais que levam o produto para os restaurantes e, portanto, para o consumidor", explica.

Os números comprovam a força do evento como ferramenta de marketing. De 1991 a 1998, a safra de ostra em Florianópolis nunca havia superado as 100 toneladas/ano. Após a primeira edição da Fenaostra, a produção saltou para 505 toneladas, crescimento alavancado pelo aumento no consumo. Os resultados animadores no setor levaram a festa a ser eleita nacionalmente como o "melhor evento promocional do ano", em 2003, conquistando o prêmio Caio, um dos mais conceituados do país.

Para o técnico da EPAGRI/SC, a Fenaostra não só contribuiu para abrir mercado para os produtores, como também para dar visibilidade ao molusco catarinense, que conquistou destaque na mídia e até em novelas de televisão como um alimento benéfico à saúde e ao meio ambiente, combinando com o perfil da cidade. "Tanto é verdade, que agora a ostra foi escolhida como referência para um selo de indicação geográfica para Santa Catarina, o único do estado no Brasil. Um dos pré-requisitos para isso é o reconhecimento de que o produto tem credibilidade e projeção nacional", justifica Santos.

LEIA TAMBÉM

Voltar para o blog (/noticias/)

Portal do cliente - Conheça o Guia médico Unimed

(http://www.acif.org.br/novidades/portal-do-cliente-conheca-o-guia-medico-unimed/)

A ACIF Regional Sul promove em Outubro, uma ação que trata sobre Mitos e Verdades sobre o câncer de mama.

(http://www.acif.org.br/novidades/a-acif-regional-sul-promove-em-outubro-uma-acao-que-une-o-empresariado-local-em-prol-da-prevencao-do-cancer-de-mama/)

Missa de 01 ano de falecimento do médico Ernesto Francisco Damerau

(http://www.acif.org.br/novidades/10894/)

Central de Atendimento

3084-9400

Cacau Menezes

Notáveis da Ilha

16 de dezembro de 2008

Educadora Dete Piazza, que marcou época com suas lindas pernas e privilegiada cabeça, aqui na foto ao lado do colunista Beto Stodieck numa festa de Réveillon em Sambaqui, nos anos 70, está convidando para o lançamento, quinta-feira, dia 18, a partir das 19h30min, no CIC (http://www.hagah.com.br/locais/jsp/default.jsp?action=detail&ingrid=22544&uf=2&local=18&regionId=2&what=cic&where=&locale=R9&category=&genre=&filter=&letter=) , do documentário *A Personalíssima Dete Piazza*.

Eu estava na mesma festa e pude ver o Beto pela última vez daquele jeito, em verdadeiro estado de graça.

Postado por Cacau Menezes – Floripa

Recomendadas para Você

DC (/)

Publicidade

(http://www5.smartadserver.com/click?

ASSINE JÁ(HTTP://WWW.ASSINEODC.COM.BR)

ENTRAR

Diário Catarinense

Valdir Agostinho faz show na noite desta quarta-feira na UFSC

25/05/2011 - 07h11min

(mailto:diariodoleitor@diariocatarinense.com.br?body=http%3A%2F%2Fdc.clicrbs.com.br%2Fsc%2Fnoticia%2F2011%2F05%2Fvaldir-agostinho-faz-show-na-noite-desta-quarta-feira-na-ufsc-3323200.html&subject=Corre%C3%A7%C3%A3o)

Por **JACQUELINE IENSEN(MAILTO:JACQUELINE.IENSEN@DIARIO.COM.BR)**

Artista costuma dizer que tem luz, talento, e sorte, porque, ao longo dos seus 54 anos, conviveu com pessoas especiais
Foto: Charles Guerra / Agencia RBS

— Oi! Valdir Agostinho está?

— Não é aqui! É mais para cima — diz o vizinho.

Segue-se por um caminho íngreme, que vai se tornando arriscado na medida em que se chega perto de uma fieira de bambuzais. Pela falta de sol, o limo que cobre as pedras da trilha até a casa se torna o pior inimigo para qualquer um. Um gato preguiçoso repousa numa rocha enorme, banhado pelo sol.

Confira a galeria com fotos do artista

Depois de 10 minutos de caminhada, chega-se ao ateliê de Valdir Agostinho, a última residência no alto morro, na Barra da Lagoa. Na porta, o artista mais popular de Florianópolis, estrela do show que hoje comemora os sete anos do Centro de Eventos e Cultura da UFSC, aguarda sorridente. No interior do ateliê, uma profusão de cores e materiais que dão forma ao espetáculo Pequeno Toldo, que ele vai apresentar no grande teatro do centro cultural, com uma plateia de 1,7 mil lugares.

— Na verdade, eu estava fazendo este toldo para colocar na minha casa. Mas, aí, comecei a pendurar umas coisinhas e ele vai para o palco da UFSC, onde eu estarei acompanhado pela Banda Bernúnça Elétrica e pelo Dazaranha. Mas não vou adiantar nada do show. É tudo novidade — diz.

Varnish cache server

Significado especial

Para Agostinho, o toldo tem um significado especial. É como se fosse aquela parte da vida onde guardamos os melhores ou os mais representativos registros. Aquela gavetinha que tantas vezes se tenta limpar, mas nunca é possível. Cada pecinha que está lá dentro tem um significado, que se renova a cada olhar. Não tem com se desfazer de nada.

Assim é a cenografia que compõe o Pequeno Toldo de Valdir Agostinho. Uma composição de pequenas histórias, que, recombinadas, dão origens a outras. Aos olhos do público, provavelmente suscitarão outras memórias.

O florianopolitano Valdir Agostinho ficou conhecido por seu talento em transformar o que iria para o lixo em arte. A definição pode ser um tanto simplista, mas a atividade dele, certamente, não é. Valdir trabalhava com a reinserção de materiais recicláveis muito antes da prática entrar na onda do politicamente correto.

Multiartista, o morador nativo da Barra da Lagoa é uma soma de vários pequenos talentos. Canta, toca, cria figurino, transforma sucata, papel, plástico, qualquer coisa que cair em suas mão. Para ele, nada está perdido. Tudo tem uma segunda chance.

Na janela da casa, um tubo azul que um dia foi recipiente de amaciante virou um peixe. As garrafas plásticas pet ressurgem em formato de flores multicores.Fitas de tecido e plástico decoram um chapéu, escovas de dente formam um alegre pingente. Tampas de embalagem de sorvete viraram lustre.

Pandorgas são referência do artista

Valdir Agostinho também é conhecido por suas pandorgas. Numa pequena caixa ele guarda as miniaturas. Nada de gastar R$ 20 com pincel. As peças são coloridas com o auxílio de um palito.

Ele costuma dizer que tem luz, talento, e sorte, porque, ao longo dos seus 54 anos, conviveu com pessoas especiais. Uma delas Beto Stodieck (1946-1990), com quem começou a trabalhar nos anos 1970, na badalada galeria de arte Studio A. Também conheceu bem Franklin Cascaes.

— Vi ele fazendo muitos daqueles desenhos famosos hoje. Eu entrava bem quietinho na sala onde ele trabalhava — conta.

De repente, Valdir abre uma gaveta e pega um pedaço de azulejo antigo. Bate na mão e diz:

— Vou fazer um presépio só com os restos de azulejos da Florianópolis antiga. Será uma homenagem a Cascaes.

Valdir Agostinho pensa a festa, prepara, solta foguete e ainda é o que mais se diverte. Mais do que transformar sua marca, simplifica. E aí talvez resida a rara beleza de todo seu trabalho.

Agende-se

O quê: show Valdir Agostinho e banda

Onde: auditório do Centro de Eventos da UFSC, Campus Trindade, Florianópolis

Quando: quarta-feira

Horário: 20h

Quanto: gratuito. Retirada de ingressos na secretaria do local do show, das 8h às 12h e e partir das 14h

DIÁRIO CATARINENSE

NOTÍCIA

Terminal Rita Maria, em Florianópolis, completa 30 anos

Conheça histórias e fatos curiosos sobre este cartão-postal

07/09/2011 - 03h40 - Atualizada em: 07/09/2011 - 13h21

COMPARTILHE

Por Redação NSC

Rodoviária precisa de uma boa reforma (Foto: *Caio Marcelo / Agencia RBS*)

"Óióió! Essa coisa vai afundar no aterro!" Este era um dos burburinhos que corriam entre os manezinhos no dia 7 de setembro de 1981, data da inauguração do Terminal Rita Maria. Hoje, "essa coisa" completa três décadas e continua de pé, impressionando, com seus traços e formas. E ainda guarda histórias e fatos curiosos que rondam este cartão-postal.

Novidade na época

O projeto arquitetônico do terminal foi desenhado pelo uruguaio Yamandu J. Carlevaro e, até hoje, é referência em todo o país. O telhado da construção é formado por 144 blocos de concreto de 24 toneladas cada um. Era possível até caminhar dentro deles. Por causa do peso, foi preciso importar um guindaste especial da Alemanha para erguer e encaixar as estruturas. A obra durou cerca de três anos.

>>> Confira fotos novas e históricas do terminal

brasileiro.

- Foi muita emoção - lembra.

A inauguração contou ainda com uma corrida de kart, apresentação da fanfarra do Instituto Estadual de Educação, corrida ciclística e um bolo gigante para a população.

Sabe quem foi Rita Maria?

Rita Maria era uma senhora de cor negra, filha de escravos, que morava em uma casa rente à praia, no Centro, nos tempos do antigo Miramar. Ela ficou famosa com suas benzeduras e rezas, que oferecia aos marujos recém-chegados à Ilha, além de pratos de comida.

Era uma figura risonha, que recebia a todos com alegria. Por isso, deu nome ao terminal. Não há fotos dela, mas está imortalizada na escultura de sucata feita pelo gaúcho Paulo Siqueira, o escultor dos gigantes, em frente ao terminal. Paulo tem 38 obras do gênero espalhadas pelo mundo. Entre elas, a estátua do Desbravador, em Chapecó, Oeste do Estado; e da Virgem de Guadalupe, no México.

Casa para retirantes

O analista técnico do Deter Dimas Beckhauser foi coordenador do terminal de 1991 a 1994. Entre as lembranças da antiga função, está a chegada de uma família de retirantes do Mato Grosso a Florianópolis. Sem ter para onde ir, o casal e os dez filhos moraram no terminal por mais de uma semana. Ganharam comida dos funcionários e o chuveiro foi liberado. Desiludido por não ter conseguido emprego, o pai de família resolveu arrumar as trouxas e voltar para sua terra. Dimas conseguiu passagem para a família, que ocupou quase um ônibus inteiro.

Reforma urgente

O terminal foi erguido com concreto, metal, vidro e madeira. Após 30 anos, a estrutura apresenta os sinais do tempo, principalmente no telhado, com vários pontos de corrosão. Em dias de chuva, entrar no terminal não é garantia de se proteger da água.

Segundo o gerente do terminal, Valdir Konell, nunca foi feita uma grande reforma. O que deve mudar agora. Até o final do ano, serão aplicados R$ 5 milhões em melhorias, como reforma do telhado, troca do piso, das cadeiras e da iluminação. Em 60 dias, deve começar o processo de licitação.

Outra mudança será a chegada de uma unidade do Pró-Cidadão, instalada no 2º piso, também até o final do ano. Quanto ao espaço da antiga Central da Moda, ainda não há prazo para licitação.

Temas:

geral

Deixe seu comentário:

0 Comments Sort by Oldest

Add a comment...

Facebook Comments Plugin

Últimas notícias

CARTA DO ARREDA BOI EM MEMÓRIA DE SEU ZÉ AGOSTINHO

Gostaria de começar este escrito agradecendo ao seu Zé Agostinho, que se chamava de Seu Zé Benta, pelo privilégio de ter convivido com ele ao longo de vinte anos. Agradecer também a sua família, pela confiança que depositou no Arreda-Boi para levá-lo por muitos cantos desta Ilha de Santa Catarina e também para fora dela.

Nossa primeira apresentação de boi-de-mamão foi no Conselho Comunitário da Barra da Lagoa, no dia 12 de setembro de 1992. Lá estavam 32 idosos do grupo Primavera da Barra da Lagoa, 22 crianças e seu Zé Benta "mandando" um boi-de-mamão da Barra da Lagoa que ressuscitava com o nome de Arreda-Boi.

Depois, fomos convivendo alegremente na arte de fazer boi-de-mamão. Viajamos juntos para a cidade de Campinas-São Paulo, para participar do ENCONTRO INTERNACIONAL de PERCUSSÃO, em 2000, e Seu Zé foi uma estrela que brilhava no meio de tantas estrelas, naquele encontro. Todos queriam conhecer o senhor de 80 anos que acompanhava um grupo de 30 crianças e 6 jovens.

O multi-artista Valdir Agostinho, seu filho, no dia de seu velório, me disse que o Arreda-Boi valorizou muito o trabalho de seu pai. Agradeço as palavras do Valdir e digo que o Seu Zé valorizou também, e muito, o trabalho do Arreda-Boi.

Homem de fala mansa e de posições firmes, no início de nosso trabalho dizia que o Arreda fazia apenas vinte por cento do que realmente era um boi-de-mamão. Respondia a ele que os outros oitenta por cento eram ele. O sorriso ficava estampado no seu rosto e gargalhadas ecoavam de ambas as partes.

Seu Zé tinha alguns pensamentos que ficaram gravados no nosso fazer. Falava que "ninguém planta laranja pra colher abacaxi. Quem planta amor, colhe amor". Ou ainda: "o cantador é igual a uma antena parabólica. Ele pega as coisas no ar e traz pro meio da roda."

Seu Zé, que por muito tempo trabalhou no mar, em terra se transformou num farol para todos nós do Arreda Boi. Apontava o caminho que julgava certo e aceitava as escolhas que cada um fazia. No entanto, sua luz estava sempre ali, acesa, à disposição. Com sua partida, herdamos um legado e temos a responsabilidade de, a cada brincadeira de boi-de-mamão do Arreda-Boi, lembrar a sua grande obra e prestar nossa homenagem.

Sua benção, Seu Zé Benta! Muito obrigado por tudo o que fez por nós.

NADO GONÇALVES,
COORDENADOR GERAL DO ARREDA-BOI.
FONTE: WWW.ARREDABOI.ORG.BR/DOCUMENTOS

Hora de Santa Catarina

Tristeza 13/04/2012 | 06h50

Seo Zé Agostinho vai deixar saudades

Florianópolis perdeu, terça-feira, aos 92 anos, um manezinho autêntico, daqueles cheios de histórias pra contar

Mané Gaivota é um dos 12 filhos de Zé
Foto: Daniel Conzi / Agencia RBS

Laís novo
lais.novo@horasc.com.br

A Capital perdeu, terça-feira, aos 92 anos, um manezinho autêntico, daqueles cheios de histórias pra contar. Pela primeira vez, Zé Agostinho deixou tristeza.

— Como é bom pescar na beira do mar, onde tem luar — cantarolava o pescador de histórias, embalado pelo arranjo das ondas e o assovio do vento. Essa e outras cantigas foram entoadas por quem se despediu, terça-feira, do folclórico Zé Agostinho, personagem singular da cultura da Ilha ao longo de seus 92 anos.

Era homem de muitas virtudes, mas nenhuma frescura, como os que se criavam na Barra da Lagoa em 1920. José Manoel Agostinho nasceu naquela terra emoldurada pelo mar, e de sua riqueza aprendeu a tirar o sustento. Cresceu num tempo em que o Inverno castigava, e agosto era época de guardar a pesca e se recolher em casa para fugir da friagem.

Apaixonado por sua terra, fazia arte com viola e canções de roda, contando histórias, anedotas e os "causos" da gente da Ilha, sempre habitados por figuras do imaginário popular, como reis, bruxas e lobisomens.

— Eram uns causos bem contados, de arregalar os olhos — recorda Valdir Agostinho, o Mané Gaivota da Hora, um dos 12 filhos de Zé.

Homem bem vestido

Valdir conta que o pai era um homem bem vestido e cheio de chame, que sabia combinar bem as cores e estava sempre de chapéu. Ele lembra que saiu de casa aos 14 anos, para ser artista, sob o olhar desgostoso do pai, que o queria ao seu lado no barco de pesca.

— Depois ele começou a me ver na televisão e ficou orgulhoso. Dizia assim: "Deus, só pra ver Valdir feliz, perguntou em que país nascer queria. Valdir escolheu uma terra animada, de luar e batucada para ser feliz" - cantarola Mané Gaivota.

Inpiração para filmes

Para o cineasta ilhéu Zeca Pires, a história de vida de Zé Agostinho é uma inspiração.

— Ele viveu intensamente, sempre com uma espontaneidade que deixava todos com vontade de ouvir suas histórias — acredita Zeca, que já espelhou personagens de seus filmes na figura do pescador da Barra.

— Tem uma frase que ele fala que resume o Seu Agostinho: "Para ser feliz, nessa vida, é preciso tão pouco...".

HORA DE SANTA CATARINA

PUBLICIDADE

Os personagens da Ilha - o pandorgueiro maluco

No aniversário de Floripa, o jornal ND buscou os filhos da terra seguindo a rosa dos ventos. Valdir Agostinho representa o Leste

ALINE TORRES
FLORIANÓPOLIS

24/03/2012 08h56

(https://twitter.com/intent/tweet?url=https%3A%2F%2Fndonline.com.br%2Fflorianopolis%2Fnoticias%2Fos-personagens-da-ilha-o-pandorgueiro-maluco%3Futm_source%3Dbt-share%26utm_medium%3Dshare-bt-site%26utm_campaign%3Dshare-bts&text=Os%20personagens%20da%20Ilha%20-%20o%20pandorgueiro%20maluco%20via @ND_Online)
(https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=https%3A%2F%2Fndonline.com.br%2Fflorianopolis%2Fnoticias%2Fos-personagens-da-ilha-o-pandorgueiro-maluco%3Futm_source%3Dbt-share%26utm_medium%3Dshare-bt-site%26utm_campaign%3Dshare-bts)
...

Fotos Marco Santiago/ND

O chapéu de disco voador com o galo intergaláctico é homenagem à Meyer Filho

Valdir Agostinho se faz de rogado. Nascido na Barra da Lagoa, teve educação rígida como a maioria dos manés. “Só poderíamos aceitar no terceiro convite”. Muitas propostas foram feitas. Por isso, esse filho da Ilha voou com suas pandorgas por vários cantos do mundo.

Mas depois de perambular, se deu conta: “Minha cultura é tão rica”. Num jogo de “multiplicidade artística”, passou a resgatar a cultura daqui. Pinta, compõe, cria do que recicla, e faz do brinquedo poesia:“Quando solto a pandorga, minha alma vai pelo fio.”

Conta que quando era menino, chamar de mané era ofensa, “dava pé de briga”, mas logo debocha: “O problema é que quando queremos parecer chique, falamos ‘colve’ e ‘brolcolis’. O maluco beleza – como desfilou no Carnaval - defende a originalidade dos ilhéus. “Temos que entender e brincar com nossa cultura - cadiquê toda genti caquí da Ilha tem parecença”.

Do alto da sua casa, a vista para a Lagoa da Conceição, sua grande inspiração, é panorâmica. De lá, viu jogarem a pandorga para pescar. Como gosta do contrário, pôs o objeto nos ares. No teto do atelier pendem bermúncias “elétricas” e peixes de frascos de alvejantes.

Todos os objetos encontrados na rua se transformam no seu atelier

Conheça os demais personagens:

A última parteira do Norte (/florianopolis/noticias/26233-os-personagens-da-ilha-a-ultima-parteira-do-norte.html)

O herdeiro dos mares (/florianopolis/noticias/26230-personagens-da-ilha-o-herdeiro-dos-mares.html)

O descobridor de boitatá (/florianopolis/noticias/26231-os-personagens-da-ilha-o-descobridor-de-boitata.html)

Um cafezinho para o presidente (/florianopolis/noticias/26229-personagens-da-ilha-um-cafezinho-para-o-presidente.html)

ND Online
Curtir Página 311 mil curtidas
75 amigos curtiram isso

Concessões do Rita Maria e rodovias à iniciativa privada ficarão para próximo governo

Terminal consome R$ 5 milhões por ano e mesmo depois de reformas apresenta problemas nas instalações elétrica e na ocupação do prédio

REDAÇÃO
FLORIANÓPOLIS

21/09/2017 09h31
21/09/2017 às 08H51

A concessão de rodovias e do Terminal Rodoviário Rita Maria à iniciativa privada pode ser uma das alternativas da próxima gestão do governo do Estado de Santa Catarina para enfrentar a falta de recursos para continuar investindo na malha viária e nas recorrentes manutenções. As discussões na Alesc (Assembleia Legislativa de Santa Catarina) têm sido encabeçadas pelo deputado Valdir Cobalchini (PMDB) no âmbito da Comissão de Transportes e Desenvolvimento Urbano.

No início do governo Colombo, quando ainda era secretário de infraestrutura, Cobalchini já levantava a bandeira da privatização do Rita Maria, tomando como exemplo o que ocorreu com a rodoviária de Itajaí, que ao passar para a iniciativa privada desonerou os cofres públicos. Por ano, o Estado investe cerca de R$ 5 milhões para manter o Rita Maria. Neste ano, o governo do Estado chegou a inaugurar as obras de restauração do prédio, que estava com goteiras, e recuperou o piso e o asfalto da pista.

A obra que custou R$ 12,9 milhões, no entanto, não resolveu o problema do telhado e o prédio ainda apresenta uma série de problemas, como a necessidade de uma nova reforma da rede elétrica e alternativas para se ocupar o espaço do mezanino, que hoje está vazio.

>>Terminal Rita Maria, em Florianópolis, continua mal iluminado e subutilizado (https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/apos-reforma-terminal-rita-maria-em-florianopolis-continua-mal-iluminado-e-subutilizado)

"Eu continuo defendendo a mesma proposta de privatização do Rita Maria. A proposta, na verdade, é a de diminuir o tamanho do Estado que precisa se preocupar, preferencialmente, com Saúde, Educação e Segurança", afirmou Cobalchini.

Segundo deputado, a iniciativa dependeria de uma ação do Executivo, no entanto, o assunto já vem sendo debatido como forma de preparar e provocar o próximo governo, que deve ser eleito em 2018. No caso das rodovias, o Estado já deu início a estudos para concessões de à iniciativa privada.

A reportagem procurou o governador para saber qual será o destino do Rita Maria, mas por meio de assessoria Colombo informou que tal iniciativa deve ser tratada no início de um governo, não revelando qual a política de estado que sua gestão deverá deixar para quem utiliza o terminal.

rita (/busca?t=rita) **maria (/busca?t=maria)** **estado (/busca?t=estado)** **privatização (/busca?t=privatiza%C3%A7%C3%A3o)**

NOTÍCIAS RELACIONADAS

(/florianopolis/noticias/apos-reforma-terminal-rita-maria-em-florianopolis-continua-mal-iluminado-e-subutilizado)

CIDADE

(/florianopolis/noticias/cidade)

Após reforma, Terminal Rita Maria, em Florianópolis, continua mal iluminado e subutilizado (/florianopolis/noticias/apos-reforma-terminal-rita-maria-em-florianopolis-continua-mal-iluminado-e-subutilizado)

PUBLICIDADE

0 Comentários

PUBLICIDADE

ND Online
Curtir Página 311 mil curtidas
75 amigos curtiram isso

PUBLICIDADE

Primavera dos Museus: conheça a programação em Santa Catarina

Quatro museus administrados pela FCC (Fundação Catarinense de Cultura) estão com agenda entre os dias 18 a 24 de setembro

REDAÇÃO ND
FLORIANÓPOLIS

18/09/2017 12h27
18/09/2017 às 12H27

A primavera está chegando e anualmente, nesta época, o Ibram (Instituto Brasileiro de Museus) convoca todos os museus brasileiros a participarem da programação da Primavera de Museus. Em 2017, o tema do evento é Museus e Suas Memórias. Os espaços administrados pela FCC (Fundação Catarinense de Cultura) também entram na agenda com atividades especiais de 18 a 24 de setembro.

Conheça a programação:

Museu Histórico de Santa Catarina

O Museu localizado no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis, terá entrada gratuita durante toda a semana, além de visitas mediadas à exposição de longa duração, com o acervo do museu e da arquitetura do palácio que já foi sede do Governo do Estado.

Além disso, terá três exposições de curta duração em suas salas: a mostra Álbuns Fotográficos, com parte do acervo de fotos do museu e imagens que retratam personagens importantes para a história política do estado, na sala 5; a mostra Hemeroteca Digital Catarinense, com jornais e periódicos de valor histórico, nas salas 1 e 2; e a mostra Científica e Cultural da escola COC Floripa, na Sala Martinho de Haro, Auditório e Jardins do Museu.

No dia 21 de setembro, o museu promove mais um encontro do projeto Construindo, com a visita mediada de internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico ao acervo. Os participantes terão, ainda, a oficina Novos Olhares para Diferentes Paisagens a partir da obra Vista de Desterro.

Para encerrar a programação, no dia 22 de setembro, das 14h às 16h30, o MHSC realiza seu 7º Seminário Interno de Museologia e Interdisciplinaridade, com relato da experiência de estágio das estagiárias Gabriela Neumann Cardozo (Biblioteconomia) e Elisa Schemes (Museologia), além da apresentação do Projeto Objeto de Arte Interativo, com Yuri Bastos, do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Professores do Ceart/Udesc.

Museu de Arte de Santa Catarina (Masc)

O Museu localizado no Centro Integrado de Cultura (CIC), em Florianópolis, promove a 26ª edição do projeto Gerações Masc - Museu em Movimento, com a conversa Topus Conexus Matrizes com a artista visual Doraci Girrulat, no dia 22 de setembro, às 17h. A artista falará sobre suas influências, estudos e experiências profissionais com o público. A entrada é gratuita.

Museu Nacional do Mar - Embarcações Brasileiras

Em São Francisco do Sul, o Museu Nacional do Mar terá, no dia 19 de setembro, às 10h, a palestra História do Prédio do Museu Nacional do Mar, com Janilson Arian Alves, sobre a construção que abriga o museu e a importância histórica da Cia Hoepcke no município. No dia 20 de setembro, às 14h, será realizada a palestra Canoas Indígenas, com Jonatas Rubens Tavares; e no dia 21 de setembro, às 11h, Michel Kalinoski falará sobre as canoas do Museu do Mar.

De 19 a 24 de setembro, estará aberta à visitação a exposição Canoas, Mata Atlântica e Sustentabilidade, a respeito da antiga tradição do feitio das canoas e a relação com a mata, além da importância da preservação das árvores nativas. A mostra estará no hall de entrada do museu. No dia 21, Dia da Árvore, haverá distribuição de mudas no mesmo local.

Casa de Campo do Governador Hercílio Luz

O museu localizado em Rancho Queimado, na Grande Florianópolis, promove um Sarau no dia 30 de setembro, às 18h, com os alunos do projeto de iniciação musical que ocorre na casa.

Max Moura

A Fundação Catarinense de Cultura (FCC) comunica com pesar o falecimento do artista plástico Max Moura. Sua morte ocorreu em 30 de julho, devido à falência múltipla dos órgãos.

O pintor, desenhista e gravador Max Moura nasceu em Florianópolis em 1949 e passou a transitar pelo cenário cultural catarinense no final da década de 60. Segundo o crítico de arte João Otávio Neves Filho, o Janga, seus primeiros trabalhos já revelavam um artista de personalidade inquieta e inovadora. “Max Moura trouxe consigo o frescor da invenção, o gestualismo desrepressor, as pinceladas soltas e os formatos inusitados”, comenta.

Publicitário formado, Max Moura dizia-se artista por vocação. Suas obras experimentaram diversas técnicas e materiais (monotipia, serigrafia, PVC e metais) e seu currículo inclui exposições em Brasília, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Aqui, a irreverência do artista mostrou-se evidente em uma mostra realizada no fim dos anos 80 no Museu de Arte de Santa Catarina (MASC). Um varal com suas próprias roupas, incluindo meias e cuecas, foi um dos trabalhos apresentados.

Além do bom humor, Max Moura era conhecido pelo desejo de aproximar a arte da população. Em toda sua vida, nunca teve ateliê. Considerava uma oficina o endereço na Rua Conselheiro Mafra, onde trabalhou por mais de 20 anos: “O povo quer arte como quer comida. O povo tem que parar de olhar artistas de baixo para cima. Artistas são operários. Operários especializados em fazer arte”.

Tecnologia: Alquimidia.org | Design By FCC | Licença: Creative Commons

Calendário Aqüícola (nº 77)

JULHO 2003

05 – Curso de Piscicultura Prática – Será realizado no Dep. de Pesca da UFRPE. Inf.: (81) 3301-6060, fax (81) 3302-6051 ou e-mail: fadurpe@fadurpe.com.br

AGOSTO 2003

06-08 - Curso Avançado em Maricultura - Vieiras, ostras e mexilhões. Será realizado no IEDBIG - Instituto de Ecodesenvolvimento da Bahia da Ilha Grande, Angra dos Reis - RJ Fone: (24) 3366 - 5343

12-15- AQUANOR 2003 – Será realizado em Thondheim na Noruega. Inf: ae2003@aquaculture.cc ou www.easonline.org

13-15- VII PECNORDESTE – Será realizado no Centro de Convenções do Ceará. Inf: (85) 494-3933/ 494-1026, e-mail: pecnordeste@faec.org.br 16 - Aquarismo e Reprodução de Peixes Ornamentais de Água Doce – Noções Básicas – Será realizado no Inst. de Pesca em São Paulo, SP. Inf: (11) 3871-7520/ 3871-7553 ou fax: (11) 3872-5035.

19-21 – Aqüipesca 2003 – Feira de Negócios de Aqüicultura e Pesca – Será realizada no Centro de Exposições Imigrantes em SP. Inf: (11) 3885-4265, fax (11) 3884-1127 ou e-mail: aquipesca@dipemar.com.br

28 - 2º Workshop Sobre Pesca e Aqüicultura – Será realizado no Inst. de Pesca em São Paulo. Inf: (11) 3871.7520 ou e-mail: cecomip@pesca.sp.gov.br

SETEMBRO

03-05 – AQUAMAR Internacional II - Será realizado no Centro de Convenciones El Cid Resort, em Mazatlan, Sinaloa - Mexico. Inf: www.aquamarinternacional.com

12-15 - ACUACUBA 2003 - I Simposio Internacional de Acuicultura - Será realizado no Palacio de las Convenciones, em Havana - Cuba. Inf: e-mail: rosevi@usp.br.

21-25 – XIII CONBEP – Congresso Brasileiro de Engenharia de Pesca – Será realizado em Porto Seguro - BA. Inf: www.conbep2003.ba.gov.br e-mail: conbep@bahia.ba.gov.br

22-25 – Asian Pacific Aquaculture 2003 – Será realizado no Miracle Grand Hotel em Bangkok, Tailândia. Inf: worldaqua@aol.com ou apc2003@was.org

25- 2º Workshop Sobre Pesca e Aqüicultura – Será realizado no Inst. de Pesca em São Paulo. Inf.: (11) 3871.7520 ou e-mail: cecomip@pesca.sp.gov.br

30- 2º Workshop Sobre Pesca e Aqüicultura – Será realizado no Instituto de Pesca em SP. Inf: (11) 3871.7520/ 3871-7553 ou e-mail: cecomip@pesca.sp.gov.br

OUTUBRO 2003

07-12 – V FENAOSTRA - Será realizada no Centro de Convenções de Florianópolis- SC. Inf: (48) 251-6040 ou e-mail: fenaostra@pmf.sc.gov.br

07-12 – AQUAFAIR – Feira Internacional de Aqüicultura e Pesca - Será realizada no Centro de Conv. de Florianópolis- SC. Inf: (15) 262-3133 ou e-mail: aquafair@gessulli.com.br

15-17- VII Congresso Equatoriano de Aqüicultura – Será realizado em Guayaquil, no Equador. Inf: www.cenaim.espol.edu.ec ou e-mail: lschwarz@espol.edu.ec

15-17- Acquacoltura International – Será realizado em Verona na Itália. Inf: sue.hill@informa.com ou www.heighwayeventes.com

15-18- Criando Peixe – Curso sobre Piscicultura – Será realizado no Instituto de Pesca em SP. Inf: (11) 3871-7509.

24-26- II Ciclo de Palestras Sobre Ranicultura do Instituto de Pesca - Será realizado no Inst.de Pesca, SP. Inf.: (11) 3871-7548 ou e-mail: claudia@aquicultura.br

NOVEMBRO

03-05- III Simpósio de Nutrição de Animais Monogástricos – Será realizado na Fazenda Lageado Unesp, em Botucatu. Inf: tel : (14) 6802-7187 ou e-mail: genam@fca.unesp.br

08- Aquarismo e Reprodução de Peixes Ornamentais de Água Doce – Será realizado no Inst. de Pesca em SP. Inf: (11) 3871-7520.

09-15- Expo Pesca 2003 – Será realizada em Lima, Peru. Inf: Thais@amauta.rcp.net.pe ou www.thaiscorp.com

22– Ranicultura na Prática – Será realizado em Pindamonhangaba, SP. Inf: (11) 3871-7520 ou fax: (11) 3872-5035.

27- 2º Workshop Sobre Pesca e Aqüicultura – Será realizado no Inst. de Pesca em SP. Inf: (11) 3871.7520 ou e-mail: cecomip@pesca.sp.gov.br

DEZEMBRO

03-05- Aquaculture Australia – Será realizado em Darling Harbour – Austrália. Inf: sue.hill@informa.com

FEVEREIRO 2004

05-08- FENACAM – Feira Nacional do Camarão – Será realizada em Natal, RN. Inf: fenacam@aol.com

MARÇO 2004

01-04 – World Aquaculture 2004 – Será realizado no Hawaii Convention Center, em Honolulu, Hawaii. Inf: worldaqua@aol.com ou www.was.org

Florianópolis (sc)

FLORIANÓPOLIS
PALHOÇA
SÃO JOSÉ
TREZE TÍLIAS

Região NORTE
Região CENTRO-OESTE
Região NORDESTE
Região SUDESTE
Região SUL

ÍNDICE

HOME

Capa do Livro

Produzido por:
Proposta Editorial

Fone:
(11) 3814 3536

e-mail:
info@proposta.com

VALDIR AGOSTINHO

Valdir Agostinho tem muito orgulho de um dos seus títulos – pandorgueiro. Para quem não sabe, pandorga é o nome que se dá às pipas ou papagaios em Santa Catarina.
Nascido no bairro de Barra da Lagoa, Florianópolis, em 1956, Valdir conta que fez seu primeiro brinquedo, uma pandorga, aos 4 anos.
"Antigamente, os pescadores usavam a pandorga para pescar; elas vibravam mais forte quando a linha corria, sinal que tinha peixe na rede ou na linha."
O que era brincadeira foi crescendo e Valdir, que nasceu em meio musical e festeiro, foi aperfeiçoando a sua arte. "Um dia, no caminho para vender siri, encontrei uma senhora que recortava papel colorido para decorar a parede da casa, a beirada das prateleiras. Me apaixonei pelos recortes e comecei também a recortar papel colorido e papel de bala, para enfeitar as minhas pandorgas."
Desde então, pode-se dizer que as pandorgas de Valdir ganharam as paredes, transformando-se em obras disputadas aqui e no exterior.

PANDORGA SANTA CATARINA
Papéis coloridos, cerca de 1,60 de altura

PANDORGAS
Papéis coloridos, armação de bambu.
1,40 cm e 40 cm de altura

PUBLICIDADE

Mundo psicodélico de Valdir Agostinho ultrapassa limites do provincianismo cultural da Ilha

Filho de pescador da Barra da Lagoa que virou multiartista reconhecido internacionalmente não abre mão da cultura simples da terra onde nasceu

EDSON ROSA
FLORIANÓPOLIS

29/05/2014 20h34

(https://twitter.com/intent/tweet?url=https%3A%2F%2Fndonline.com.br%2Fflorianopolis%2Fplural%2Fmundo-psicodelic ultrapassa-limites-do-provincianismo-cultural-da-ilha%3Futm_source%3Dbt-share%26utm_medium%3Dshare-bt-site%26ut bts&text=Mundo%20psicod%C3%A9lico%20de%20Valdir%20Agostinho%20ultrapassa%20limites%20do%20provincianismo% via @ND_Online)
(https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=https%3A%2F%2Fndonline.com.br%2Fflorianopolis%2Fplural%2Fmundo-psicodelico-de-valdir-agostinho-ultrapassa-limites-do-provincianismo-cultural-da-ilha%3Futm_source%3Dbt-share%26utm_medium%3Dshare-bt-site%26utm_campaign%3Dshare-bts)
...

Herança do pai pescador, a música só entrou para valer na vida de Valdir Agostinho aos 15 anos, quando comprou o primeiro violão. Na infância, franzino, costumava acocorar no cantinho da casa de estuque, aquecida pelo fogão a lenha, e ouvir atento às cantorias do terno de reis e do boi do mamão.

Marco Santiago/ND

Em casa, Valdir Agostinho cria músicas, faz arte, recicla e busca inspiração

Bem antes disso, o artista tinha se manifestado de outra forma. Apaixonado pelas cores, o menino gastava folhas e mais folhas dos cadernos de escola com desenhos rabiscados que retratavam o cotidiano da vila de pescadores. Pintava o lance de tainhas, a lida do pescador, o plantio de mandioca, as farinhadas, as festas do Divino.

"Desenhava tanto que, às vezes, era repreendido pelo pai. Afinal, caderno sempre foi objeto caro e na época deveria servir apenas para as tarefas da escola", diz. Depois, inspirado nos espinhéis dos pescadores, vieram as pandorgas, os festivais, a reciclagem, as máscaras as fantasias para o Carnaval.

Hoje, a banda Bernunça Elétrica emprega dez músicos e apresenta composições próprias que brotam da noite para o dia da mente globalizada de Agostinho. Ecológicas, irreverentes e alegres, as rimas reinventam com tom psicodélico o universo de peixes e seres do imaginário popular, ao ritmo de reggae e rock in rol.

Mais maduro e seguro de sua arte, Agostinho se apega cada vez mais as cores e enche de alegria o ateliê simples e colorido, escondido na encosta do morro da Fortaleza da Barra, em meio ao que restou da mata atlântica. Lá de cima, ele observa o vaivém da lagoa e busca inspiração de artista e cidadão.

Exigente, autocrítico, caseiro, tímido e antissocial e benzedor, Agostinho não se reconhece como personalidade artística, sabe que tem muito a aprender. Prefere o aconchego de casa e a convivência com a natureza e as pessoas simples. “É o que alimenta minha alma”, diz.

Longe dos modismos provincianos

Na infância, Valdir Agostinho imaginava que o mundo se resumia ao que conseguia enxergar a sua volta. Levado pela mãe, a primeira vez que visitou o centro da cidade foi um grande susto. “Chorei até voltar para casa”, lembra. Hoje, longe do provincianismo que minimiza quem é da cidade, Valdir Agostinho preocupa-se com a falta de identidade do artista local.

Artista que, segundo ele, está tão deslocado que aceita qualquer coisa para usufruir dos modismos importados. “Muitos foram absorvidos pelo consumismo, pelo superficialismo”, emenda.

Cria do Estúdio A2, “a melhor galeria de artes de todos os tempos”, Agostinho confessa que chorou pelo fechamento do espaço cultural, após15 anos de produção na Beira-Mar Norte. Idealizado por Beto Stodioeck, “o cara mais evoluído da cidade”, foi lá que conheceu também Luiz Paulo Peixoto, e conviveu com artistas do perfil de Eli Heil, Rodrigo e Martinho de Haro, Meyer Filho e Vera Sabino.

“Papai teve dez filhos, mas eu tive a sorte de nascer neste berço esplêndido da arte”, diz. Com o estúdio fechado, Agostinho virou moldureiro e foi trabalhar com Max Moura, na Moldura Tico Tico, na rua Padre Roma. Ficou até abrir a própria loja, batizada de Garapuvu em homenagem à árvore símbolo da cidade e dos canoeiros. A convivência lhe ensinou a deixar de lado os modismos da mídia e se afastar da cultura “ultrajada e manipulada”.

Ligado às origens familiares, o destino do adolescente pescador poderia ter sido outro - a pescaria em uma das parelhas da praia do Cassino, Rio Grande do Sul. "Felizmente, ao invés de ir para o Rio Grande, fui morar na Prainha", compara. E lá, diante da exuberância da ponte Hercílio Luz, sentia-se em Nova Iorque. "Foi o começo da conquista do mundo", sorri.

Nos planos, homenagem ao mestre Cascaes

Ao completar 40 anos dedicados à arte, Agostinho continua sonhador e não sossega enquanto não realizar um projeto pessoal: Montar presépio na Praça 15 de Novembro, com materiais recicláveis, para homenagear o mestre Franklin Cascaes.

Discípulo do maior folclorista ilhéu, com quem trabalhou durante sete anos ao lado de Gelci Peninha Coelho, o menestrel da Barra da Lagoa defende como poucos a valorização da memória cultural da cidade.

“A cidade precisa crescer, acompanhar a modernidade universal, mas não pode virar as costas ao legado, aos ensinamentos deixados por nossos ancestrais”, argumenta. Agostinho lembra que Cascaes levou 24 dias para caminhar de Ingleses a Barra da Lagoa, abrindo picadas a foice e facão.

Cercado pela mata quase virgem e recheado de cores, o ateliê de Agostinho é a síntese da reciclagem. Tampas de recipientes de plástico, vasilhames, restos de redes de pesca, vidro, cacos, galões, enfim, o que parece lixo ganha novas utilidades nas mãos do artista, cada vez mais consciente da sua força espiritual. "Às vezes, basta um toque com as mãos, uma palavra de conforto ou um simples olhar para curar alguma doença, do corpo ou da alma", ensina.

A política municipal de cultura, segundo Agostinho, também precisa passar por reciclagem. Ele critica, em particular, os baixos cachês oferecidos a artistas locais, por exemplo, e a supervalorização a quem é de fora. De tanto ver este tipo de preconceito, não dá mais canja. "Se quiserem ver minha arte, terão de pagar o preço justo para mim e para minha banda. Chega de tocar de graça", avisa.

Marco Santiago/ND

Artista sobre tampas de garrafas e outros plásticos que ganham nova vida em suas mãos

Futuro

Também sei valorizar o que é novo e as boas ideias trazidas por pessoas de fora, que vieram para acrescentar. A miscigenação cultural não traz só coisas negativas, representa avanço. O que m e assusta é esta submissão exagerada ao que é importado. Modernidade ir para frente, é planejar o futuro e sonhar, sem esquecer o que nos deixaram os que viveram antes de nós.

Política

Tenho bons amigos políticos, mas até os sérios são engolidos. A política me enerva e me decepciona, o que acontece na prefeitura se repete em Brasília. Já fui convidado por diversos donos de partidos, mas nunca quis me envolver. Ninguém faz nada pelo folclore e pela cultura, o povo não tem saúde, faltam escolas públicas. Ainda tem muita coisa para arrumar no Brasil.

Em Destaque

Estilo De Vida

Literatura em Movimento: Barca do Livros promove festival literário, de música, cinema e artes em Florianópolis

Carol Macário - jan 18, 2018

1. em destaque
Um carnaval acampado e alternativo: como...

2. estilo de vida
Voo solo: os 3 destinos mais seguros para...

3. estilo de vida

Músico e artista Valdir Agostinho ensinará a fazer pandorgas e ainda faz show no dia 17/2. Foto: Charles Guerra, BD, 2011

Florianópolis é muito mais que baladas no verão. Com uma cena de artes pulsante, a Capital recebe a partir desta sexta, dia 19, o Literatura em Movimento, evento promovido pela **Barca dos Livros**. O escritor, jornalista e crítico José Geraldo Couto é o primeiro convidado. Ele participa do encontro Literatura e Cinema, no Sol da Terra, na Lagoa da Conceição. O evento terá projeção de trechos de filmes inspirados em obras literárias. O evento segue até o dia 17 de fevereiro.

O festival engloba os diferentes desdobramentos e possibilidades da literatura. Por isso a programação inclui sessões de contação de histórias, poesia, oficinas e até um festival e oficina de pandorgas. O encerramento, no dia 17 de fevereiro, será com show de Valdir Agostinho e banda.

3. "Dá pra fazer um humor crítico sem ser xenófobo...

em destaque
4. Angelina Jolie conta como cria as filhas...

em destaque
5. Erika Januza: "O papel de uma juíza negra...

Eleita em 2014 como a melhor biblioteca comunitária pelo Ministério da Cultura e da Educação (entre públicas, comunitárias e privadas), a Barca dos Livros existe há 11 anos na Capital. É referência em todo o Brasil por formar leitores e promover a cultura em Florianópolis.

Programação

Dia 19
20h: Literatura e Cinema, com José Geraldo Couto. Na sala de Cinema do Sol da Terra (Av. Afonso Delambert Neto, 885, Lagoa da Conceição, Florianópolis)

Dias 17, 19, 24 e 26
17h às 19h: Oficina Roteiro e Produção de Vídeos, com Lele Casali. Oferecida para jovens a partir de 12 anos

Dia 20
20h: Literatura e Outras Artes, com Manu Maltez. Na Sala de Cinema do Sol da Terra

Dia 26
20h: Literatura e os Livros Ilustrados Digitais, com Douglas Menegazzi. Na Sala de Cinema do Sol da Terra

Dia 27
20h: *Tchaz!... Um Toque Mágico*, com o mágico José Martí. Na sala de cinema do Sol da Terra

Dia 2/2
16h: Oficina de Pandorga (15 vagas), com Valdir Agostinho. Na Biblioteca Barca dos Livros (segundo andar do espaço Sol da Terra). Inscrições de 23 a 30 de janeiro, na sede da Barca dos Livros

Dia 3/2
17h: Literatura e Quadrinho, com Alexandre Beck. Na sala de cinema do Sol da Terra

O mágico Jose Marti – Foto: Degugas Fotografia, Divulgação

Dia 17/2

20h: show de Valdir Agostinho e Banda, na sala de cinema do Sol da Terra

Leia também

“Perdemos muito tempo com coisas irrelevantes”: em livro, coach de Florianópolis ensina a fazer uma transformação na vida

5 dicas que você precisa saber antes de se exercitar na praia

Carol Macário

Deixe seu comentário

0 comentários

Classificar por Mais antigos

Adicionar um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

Festival Arte na Praça edição pós-Carnaval com Boi de mamão, Banda Cores de Aidê, shows, teatro e circo

Cinema Gratuito

Festival Arte na Praça edição pós-Carnaval com Boi de mamão, Banda Cores de Aidê, shows, teatro e circo

Quando: 17 Fevereiro 2018, Sábado, das 17h às 22h
Onde: Praça Bento Silvério - Lagoa da Conceição
Quanto: Gratuito
Evento no FB: www.facebook.com/events/2009109729343817

Neste sábado, 17 de fevereiro, a Lagoa da Conceição vai ganhar um colorido especial com edição pós-carnaval do projeto Festival Arte na Praça. O ponto de encontro entre artistas do teatro, da música, do circo e público é a Praça Bento Silvério na Lagoa da Conceição.

A programação, que conta com seis atrações, começa às 17h e acontece até às 22h. Boi de mamão, música, dança, teatro de animação, palhaços, malabares e mágica - todas essas manifestações culturais estão na programação do festival, evento pensado para todas as idades e famílias! Todas as atrações são gratuitas.

O objetivo, segundo o produtor Ulisses Souza, é fazer ocupação cultural de espaços públicos, levando arte para o maior número de pessoas possível. "Pensamos num conjunto de atrações que contempla todas as idades, da criança ao adulto", afirma.

No mesmo dia (17/02), Lagoa recebe mais dois eventos, também gratuitos e abertos ao público: feira de gastronomia e produtos veganos Ilha Veg acontecerá das 16h às 24h na Praça próximo ao TILAG e inauguração do espaço multicultural Kanto da Sereia Jazz Clube no Jardim das Esculturas do Maia, das 20h às 23h.

Idealizado pela cantora Janet Machnacz Ferreira e produzido pela Contexto - Gestão de Projetos, o Festival Arte na Praça abre às 17h com o grupo Cores de Aidê. A banda percussiva de samba reggae é formada por 10 mulheres que, por meio da arte, evidenciam as potencialidades e o protagonismo feminino. São elas: Nine Martins, Bê Sodrê, Carla Luz, Cauane Maia, Cris Fernandes, Dandara Manoela, Fernanda Jerônimo, Laila Dominique, Nattana Marques e Sarah Massí. O grupo tem também um bloco que conta com a participação de mais de 100 mulheres.

Às 17h45 é a vez de Valdir Agostinho - defensor da valorização da memória cultural ilhoa. No repertório do músico e compositor, canções próprias, marcadas pela irreverência e pela temática ecológica, numa levada psicodélica, de reggae e rock and roll. Ele se apresenta na Praça Bento Silvério, onde serão todas as outras atrações.

Na sequência, o público poderá prestigiar a apresentação do Palco Aberto Ocupa Circo, do grupo Circus Fever, com a participação de diversos grupos e artistas convidados. Num mesmo espetáculo a céu aberto, tem circo,

Exposições

Mostra reúne 40 obras de ex-alunos de Silvio Pléticos

Série de exposições comemoram os 156 anos de Cruz e Sousa no Museu Histórico de Santa Catarina

Exposição de fotografias do Projeto MAArE – Monitoramento Ambiental da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo

malabares, mágica, acrobacia, teatro cômico e palhaços.

Às 19h15, a cia Clã de Livres Arteiros apresenta o espetáculo de teatro de animação "O Misterioso Sumiço do Boi de Mamão". Inspirado no folclore do litoral catarinense, o enredo descreve a saga de uma detetive e seu atrapalhado ajudante em busca do paradeiro do Boi de Mamão. A perigosa Bernunça, a bela Maricota, a Rendeira, a Bruxa, o Pescador e até o público são investigados nesta divertida aventura que sugere o resgate de tradições e valoriza a cultura do contato humano tão esquecido nos dias de hoje.

Logo depois, às 20h15, terá a apresentação do Boi de Mamão com o Grupo Alivanta Meu Boi. Formado majoritariamente por crianças, o grupo busca resgatar a cultura e tradição açoriana. Entre os personagens retratados estão o boi, Mateus, Moreninha, os urubus, benzedeira, vaqueiro, cabras, urso branco e preto, macaco, gorila, bernunça e seu filhote, Maricota, Marieta e Valdemar.

Para fechar a programação acontece o show da dupla da velha guarda da cena musical ilhoa, já indicada ao prêmio Sharp e convidados da "Canja do Jô Soares", Janet e Joel Brito, voz e sax, acompanhada pelo guitarrista Júlio.

O evento tem apoio, por meio da Lei Rouanet, da Engie, da Celesc e da Casan e apoio institucional da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Juventude e da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.

A programação é toda gratuita. Convide seus amigos e familiares!

Confira a programação:
17:00 – Banda Cores de Aidê
17:45 – Show Valdir Agostinho
18:30 – Palco Aberto Ocupa Circo: Palhaços, Malabares e Mágico - Circus Fever
19:15 - Teatro de Animação - Clã de Livres Arteiros
20:15 - Boi de Mamão – Grupo Alivanta Meu Boi
21:00 – Show Janet e Joel Brito

Festival Arte na Praça edição pós-Carnaval com Boi de mamão, Banda Cores de Aidê, shows, teatro e circo

Inscrições abertas

até 20 Fevereiro 2018	VI Encontro de Física e Astronomia da UFSC
até 20 Fevereiro 2018	Inscrições para cursos gratuitos de teatro de animação, instrumentos e prática de orquestra do IFSC
até 20 Fevereiro 2018	Escolinha de Arte abre inscrições gratuitas de teatro, música e artes visuais no CIC

Carlos Damião (/florianopolis/coluna/carlos-damiao)

Assuntos da Grande Florianópolis e os temas cotidianos das cidades da Região Metropolitana – incluindo resgates diferenciados da memória histórica –, são acompanhados de perto pelo colunista Carlos Damião, que tem mais de 30 anos de vivência profissional.

Memória de Florianópolis: Há 40 anos, Eletrosul causava ebulição na cidade

Depois da UFSC, chegada da estatal de energia foi responsável pelo segundo maior impacto urbano, social, cultural e econômico na cidade

CARLOS DAMIÃO 05/03/2016 10h00

Hermínio Nunes/Divulgação/ND

O prédio da Eletrosul na atualidade: presença transformadora

Tractebel/Divulgação/ND

Inauguração da sede definitiva da empresa, em dezembro de 1978

Diversos fatores aceleraram o desenvolvimento de Florianópolis entre as décadas de 1960 e 1980. A implantação da UFSC (Universidade Federal de Santa partir de 1961, causou o primeiro – e certamente maior – impacto urbano na capital catarinense, porque desarranjou o aspecto de aldeia que a cidade ainda tinha. Para recordar: a reitoria e as primeiras faculdades estavam espalhadas pelo Centro, a transferência para o campus da Trindade se deu ao longo de mais de 10 anos.

****

A década de 1970 seria marcada pela implantação das grandes estatais, entre as quais a maior de todas, a Eletrosul Centrais Elétricas S.A. Fundada em 1968, com sede no Rio de Janeiro, a empresa de energia causou o segundo maior impacto em Florianópolis. Sua transferência para a Capital começou em 1975 e se consolidou ao longo de 1976, portanto, há exatos 40 anos. Foi uma mudança avassaladora, com a chegada de mais de dois mil empregados durante dois anos, a maior parte deles naturais do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. Em 1980, a empresa registrava 4.339 funcionários. Por isso se dizia naquele tempo que Florianópolis sofreu uma "invasão de cariocas e gaúchos", responsáveis por uma mudança radical no perfil econômico, social e cultural da Capital.

****

O Censo do IBGE pode comprovar a explosão habitacional vivida pela Capital em três décadas: de 98.520 habitantes em 1960, passamos para 143.414 em 1970 e 196.055 em 1980. O quanto isso foi consequência da UFSC e da Eletrosul? Difícil avaliar de forma empírica, mas um fator foi determinante: depois de instalados, os novos moradores, solteiros ou casados, estimulavam amigos e outros familiares para virem também. Tanto a universidade quanto a empresa estatal emprestaram a Florianópolis uns ares de "Eldorado" do Sul, houve mesmo uma espécie de "corrida do ouro" para cá.

****

Dá para dizer que Florianópolis era uma cidade antes da Eletrosul; virou outra, completamente diferente, depois que a estatal de energia chegou. De início os empregados se espalharam por diversos prédios funcionais na região central, em especial a Rua Felipe Schmidt. Por causa do poder aquisitivo dessa massa trabalhadora – talvez quatro ou cinco vezes superior ao da média florianopolitana – o modesto comércio local viveu tempos de euforia, com uma movimentação financeira nunca vista.

****

Da mesma forma, a construção civil ganhou seu alvará definitivo para verticalizar radicalmente o Centro, expandindo-se ainda para a área da Avenida Rubens de Arruda Ramos, a Beira-Mar Norte, que ainda não havia sido quadruplicada. Loteamentos na

Trindade, Santa Mônica, Carvoeira e Córrego Grande também receberam impulso.

A sede definitiva da Eletrosul foi inaugurada em dezembro de 1978. O magnífico prédio de 25,6 mil metros quadrados foi projetado pelo escritório de arquitetura Luiz Forte Netto, escolhido por concurso. É, até hoje, um dos exemplares mais belos do estilo brutalista (concreto aparente) em Santa Catarina.

****

Conversei com um dos funcionários pioneiros, Élzio do Espírito Santo Oliveira, mineiro, que ingressou na empresa em 1976 e veio para Florianópolis em 1977. "Adaptação tranquila, o que me levou a ficar até hoje", disse-me. "Casei com uma mineira, que ficou me esperando lá em Minas, e tenho dois filhos e um neto manezinhos. O início foi um choque cultural, não havia muitas alternativas de lazer". Ainda conforme Élzio, "a cidade mudou muito desde então e, nem sempre, em alguns aspectos para melhor, como o desrespeito ao meio ambiente e a mobilidade urbana deficiente".

Consulado

Ainda sobre as mudanças provocadas pela Eletrosul em Florianópolis, é razoável lembrar que a “saudade do Rio” motivou um grupo de empregados a fundar na década de 1980 o bloco de Carnaval Consulado do Samba. Com o passar dos anos, o bloco virou a atual escola Consulado, cuja sede fica nas proximidades da sede da empresa, no bairro Saco dos Limões.

Solidariedade

Os futuros delegados aprovados no último concurso do governo do Estado estão mobilizados em ações sociais. Os 201 profissionais estão arrecadando fraldas geriátricas e luvas de látex para o Cantinho dos Idosos, instituição que abriga 50 velhinhos em Ratones. Quem quiser ajudar pode levar os produtos na sede da Associação dos Delegados de Polícia de Santa Catarina, na João Pinto, 30, no Centro de Florianópolis. A entrega será feita em 13 de março.

Lotação

Os católicos da ilha estão mobilizados para reunir o maior número de crianças com até sete anos de idade na Capela Menino Deus, no dia 10 de março, às 7 horas. Na data, acontecerá um dos pontos altos da programação da Procissão do Senhor dos Passos: a lavação da imagem do Senhor Jesus dos Passos, que fez parte da infância de várias gerações desde 1766.

ndmais.com.br

Quando a Ilha de Santa Catarina avançou para o continente próximo

Carlos Damião

7-10 minutos

Atualizado Há 12 meses

Ponte Hercílio Luz vista do Estreito, em registro da década de 1950: fator de integração – Acervo Carlos Damião

Prédio da antiga Hospedaria dos Imigrantes (Portal Turístico): patrimônio do século 19 preservado – Carlos Damião

O subdistrito do Estreito foi incorporado a Florianópolis há exatos 75 anos, completados em 1 de janeiro deste ano. Originalmente Arraial de Santa Cruz do Estreito, depois Passagem do Estreito, Estreito e João Pessoa – este último nome adotado em 1930, em homenagem ao líder paraibano assassinado naquele ano –, quando a parte continental ainda pertencia a São José.

Sobre a incorporação à Capital, o falecido historiador Iaponan Soares registrou em seu livro “Estreito – Vida e Memória”:

“Em 1943, o governo do Estado constituiu uma comissão para promover a revisão territorial de Santa Catarina, considerando alguns fatores como:

– Inferioridade de Florianópolis com relação a outras capitais brasileiras pela sua má composição territorial;

– A localização do distrito colocado em frente à capital, onde a Ponte Hercílio Luz demanda ao Continente, tem seu crescimento evidenciado em função do grande contingente de funcionários, empregados e operários que trabalham na Capital e ali residem;

– A pouca assistência administrativa que a prefeitura de São José tem dedicado ao Estreito “.

Outro decreto do mesmo ano (1944), também assinado pelo interventor Nereu Ramos, estabeleceu os limites entre a Florianópolis redesenhada e São José: “Começa na barra do rio Maruim, na baía Sul de Santa Catarina, segue por esta até a foz do rio Araújo, sobe por este até a sua nascente mais oriental, daí continua pelo divisor entre as água que correm para as baías Norte e Sul de Santa Catarina, até alcançar no morro do major Garriga a nascente do ribeirão Büchele, desce por este até a foz do rio Serraria”.

Mesmo tendo um território de apenas 12,1 quilômetros quadrados, ou seja, cerca de 3% dos 436,5 quilômetros quadrados da capital catarinense, a região continental passou por imensas transformações urbanas e sociais ao longo dessas sete décadas e meia em que pertence à Capital. De aspecto acanhado até os anos 1980, é hoje uma das áreas que mais se desenvolvem na Grande Florianópolis. Na última década tornou-se referência indispensável para a construção civil, com dezenas de novos prédios compondo um novo perfil urbano, desde o Jardim Atlântico até as praias de Coqueiros.

Quartel do 63º Batalhão de Infantaria do Exército: antigo 14º Batalhão de Caçadores, construído em 1936 – Carlos Damião

Identidades locais

Nos tempos do desmembramento, o Continente era chamado genericamente de Estreito. Todas as suas unidades internas eram subordinadas ao nome geral. A expansão urbana, da década de 1950 para frente, terminou por criar identidades locais bem distintas. Quem morava no Balneário era do Balneário – e lá se tomava banho de mar, sim, até os anos 1970 –, do Canto era do Canto, de Capoeiras era de Capoeiras e dos Coqueiros era dos Coqueiros.

O que também se definiu naturalmente, ao longo dos anos, foi a vocação de cada bairro. Capoeiras, Jardim Atlântico, Coloninha e Canto seriam mais residenciais, da mesma forma que toda a ponta de baixo do Continente, a partir de Coqueiros. O Estreito era o bairro “do comércio”, por onde se espalhavam pequenas atividades, ligadas ao ramo automotivo ou a móveis usados, bazares, lanchonetes. Não havia uma expressão econômica destacada.

O salto de crescimento a partir dos anos 1970, principalmente após a inauguração da segunda ponte – a Colombo Salles (1975) – é que provocou alterações mais visíveis em todo o Continente. Coqueiros resistiu durante bom tempo à questão comercial, mas, com a franca ocupação regional surgiram de forma quase espontânea as lojas mais necessárias ao cotidiano das pessoas –

padarias, armazéns, farmácias. Poucos bairros escaparam desse fenômeno da urbanização, que de alguma forma integra o conceito de cidade: a mistura de residencial com comercial. Recentemente, a abertura da Avenida Poeta Zininho (Beira-mar Continental) foi responsável pela sacudida econômica mais expressiva do Estreito, fato que contribuiu para a explosão mais acentuada da construção civil.

Uma "devolução" territorial

A Ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926, foi fundamental para integrar a Capital a São José. Até então, as duas cidades eram ligadas pelo transporte marítimo – tanto de passageiros, quanto de mercadorias. Mas a área mais próxima à Ilha, o atual Estreito, era considerado socialmente como subúrbio, onde residia a população mais pobre da região e o comércio tinha baixa expressão.

A incorporação de parte do território josefense a Florianópolis na verdade foi uma "devolução": até 1833, Desterro ia da Ilha até o Planalto Serrano, em direção Oeste, e, além de São José, incluía São Miguel (hoje Biguaçu).

Santuário de Nossa Senhora de Fátima: imponência e referência afetiva do bairro – Carlos Damião

População expressiva

- Pelo Censo 2010, do IBGE, Florianópolis tinha 421 mil habitantes naquele ano. Desse total, aproximadamente 120 mil moravam nos bairros continentais, especialmente Estreito, Abraão, Coqueiros e Capoeiras. Numa projeção de 2018, do mesmo IBGE, a Capital teria 492.977 habitantes. Em proporção, o Continente teria cerca de 160 mil habitantes.
- Levantamento da ACIF (Associação Comercial e Industrial de Florianópolis), que tem uma sede regional no Continente, indicava há 10 anos que a região tinha mais de 600 estabelecimentos comerciais, industriais e de serviços.

Bairros do subdistrito

A seguir, os bairros que integram a região continental de Florianópolis, conforme a divisão oficial registrada pelo Ipuf, por meio da Lei 5.504, de 21 de julho de 1999. Todos compõem o subdistrito do Estreito:

Praia do Balneário foi muito frequentada pela população até início da década de 1970 – Carlos Damião

– Estreito

– Balneário

– Canto

– Jardim Atlântico

– Coloninha

– Monte Cristo

– Capoeiras

– Abraão

– Bom Abrigo

– Itaguaçu

– Coqueiros

Nota: não existe o bairro Novo Estreito, a expressão é apenas um recurso de marketing usado pelas construtoras. O que chamam de Novo Estreito é na verdade uma parte alta do Jardim Atlântico. O Bairro de Fátima, no entorno do Santuário de Fátima, tem apenas um sentido afetivo para os moradores.

Avenida Poeta Zininho (Beira-mar Continental) impulsionou desenvolvimento na última década – Carlos Damião

Tripeiro, com orgulho

Entre os nativos mais velhos persiste a convicção “sou tripeiro, com orgulho”. Tripeiro é o apelido que se dá aos moradores mais antigos do Estreito. Sua origem é bem conhecida e curiosa. Até a década de 1960, o bairro sediava o matadouro municipal, onde os bois eram abatidos e carneados. As partes nobres eram separadas para venda aos moradores da Ilha. Os chamados “miúdos” eram distribuídos gratuitamente para a população local. Muitos ficavam à porta do abatedouro, à espera do “fato” (tripas), matéria-prima de um prato típico e popular, a dobradinha. Estes, que aguardavam o subproduto bovino, eram chamados de tripeiros. O que acabou virando um apelido genérico para designar os habitantes do bairro.

EXEMPLAR GRÁTIS

BOM DIA

FLORIPA - SÃO JOSÉ - PALHOÇA - BIGUAÇU - SANTO AMARO DA IMPERATRIZ

SETEMBRO DE 2019 - ANO VI - Nº 56

MAIS UMA BARRIGADA

ALÇA DE CONTORNO FICA PARA 2022

Concessão está no terceiro dono. Tinha que ser entregue em 2012. Ninguém garante que fica pronta na nova data. *Página7*

Rogerio Schneider/Expresso Catarinense/Divulgação/BD

REENCONTRO COM O MAR

Centro Histórico de São José ganha um novo trapiche e urbanização da orla. A cidade se reencontra com suas origens. *Página12*

FRENTE A FRENTE

Fernando Damasio na TV

Programa estreia dia 26/9 na PrimerTV, às 10h. Apresentador Fernando Damasio (E) e Wilson Betim, presidente do grupo Primer, homenageado na Câmara de SJ. *Páginas 14 e 15*

JACK O MARUJO POR NEI DUCLÓS

Página 16

FLORIPA GANHA NOVO AEROPORTO. MAS TAPEÇARIAS DE TIRELLI CONTINUAM DESAPARECIDAS

Página 4

NOVO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO JOSÉ.

MAIS DO QUE UMA NOVA ÁREA DE LAZER: UM RESGATE DA NOSSA HISTÓRIA.

Em cada detalhe, você vai ver uma obra realizada com todo o carinho, para você, sua família e seus amigos curtirem o que a nossa cidade tem de melhor: cultura, diversão, esporte e alegria. Venha conhecer!

SÃO JOSÉ
PREFEITURA

FLORIPA AIRPORT

Voos e novo centro de lazer e compras

O novo Aeroporto Internacional de Florianópolis, que começa a operar dia 1º de outubro, depois de dois dias de festa de inauguração (28 e 29/9), vai virar uma nova atração da cidade. Afinal, o investimento de R$ 570 milhões feito pela Floripa Airport, subsidiária do grupo Zurich Airport e concessionária do aeroporto, tem um conceito aeroportuário inédito: o espaço como lugar de passagem mas também de destino. Para isso, além das áreas de embarque e desembarque, foi construído um amplo boulevard, primeira grande praça de eventos, lazer e compras em aeroportos no Brasil. Outra novidade é um inédito terraço panorâmico.

O grupo Zurich Airport ganhou a concessão do Aeroporto Internacional de Florianópolis em março de 2017 para operá-lo por 30 anos. Detém 100% da operação do aeroporto.

Fez a obra rigorosamente no prazo, o que não aconteceu com as pistas de acesso. O Governo do Estado vai entregar só metade do projeto:: uma pista de mão dupla. As outras duas a cidade vai ter que esperar. O acesso também não tem projeto de iluminação. Uma tristeza.

Fotos: Divulgação/BD

Investimento foi R$ 570 milhões e obra entregue no prazo

Hora de devolver à cidade as tapeçarias de Tirelli

A Floripa Airport, subsidiária do grupo Zurich Airport, que mostrou extrema competência na construção do novo aeroporto internacional da Capital, poderia ajudar a restituir ao patrimônio cultural de Florianópolis as três tapeçarias de Tirelli que sumiram do saguão do velho aeroporto na troca de gestores. O conjunto de painéis com três peças tinha 36 m², é valioso e considerado a maior tapeçaria já feita à mão.

Os painéis abordam flagrantes da vida catarinense e aspectos da história de Florianópolis, como o palácio Cruz e Sousa, os rituais religiosos, os pescadores, a ponte Hercílio Luz.

As três obras representam, também, uma época em que o mecenato era comportamento usual entre os grandes empresários catarinenses. Os três painéis de Almir Tirelli foram doados à cidade para ficarem expostos no hall do aeroporto, na área de embarque/desembarque. Uma das tapeçarias foi financiada pelo empresário Diomício Freitas, o outro pela Transbrasil e um terceiro pelo grupo Emedaux.

Em julho de 2009, a tapeçaria foi retirada e recolocada 10 meses depois. As peças ficaram sob os cuidados do mestre tapeceiro iraniano Soheil Manshadi, que usou todos os recursos – do olhar apurado ao microscópio – para decifrar as cores de Tirelli. Os painéis estavam no saguão há mais de 30 anos, úmidos, sujos e desbotados. A restauração foi demorada. A parte de trás da obra, por exemplo, teve que ser lavada a seco e com injeção de gás carbônico, nó por nó.

Mas desde que saiu a Infraero para a entrada da Floripa Airport, as tapeçarias foram retiradas e ninguém sabe onde esse patrimônio da cidade foi parar.

Tapeçarias de Tirelli, que desapareceram do saguão do velho aeroporto, são patrimônio da cidade

Número de carros cresce mais que a população

Máquina ganha na disputa de espaço com as pessoas em Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu. Em três anos, cidades ganharam 13.422 veículos a mais que novos habitantes

Fotos: Divulgação/BD

Frota de veículos, de quase 700 mil, vem crescendo todo ano e infraestrutura e malha viária não acompanham

Em três anos (agosto de 2016 a agosto de 2019), meses em que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulga estimativas da população dos municípios, uma tendência foi registrada nas quatro maiores cidades da região metropolitana da Capital: a quantidade de veículos aumentou mais que o número de habitantes em Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu,.

Nesse período de três anos a população das quatro cidades ganhou, segundo o IBGE, 47.086 novos habitantes. Mas a frota automotiva deu um salto: foram registrados 60.518 veículos, de acordo com as estatísticas do Detran-SC.

A constatação é chocante: vivemos em uma região sem mobilidade mas que prioriza a máquina: as quatro cidades ganharam 13.422 veículos a mais que o número de novos habitantes.

Números - No dia 28 de agosto de 2019, data em que o IBGE divulgou sua última estimativa de população, a soma dos habitantes de Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu era de quase 1 milhão de pessoas (987.836), para uma frota de quase 700 mil veículos (683.604). A relação percentual é de 1,44 habitante por veículo.

Mas a realidade estatística é bem pior. Em Florianópolis, por exemplo, a população estimada é de 500.973 habitantes para uma frota real de 359.384 veículos. Só que uma média de 183.333 pessoas andam de ônibus todos os dias. Isso significa que 317.640 habitantes utilizam os quase 360 mil veículos, já que os ônibus levam muitos mas representam apenas 0,14% (537 ônibus) de toda a frota automotiva da Capital.

Nas outras cidades da Região Metropolitana os dados são equivalentes. Com 246.586 moradores, São José tem uma frota de 163.790 veículos, o que dá uma relação de 1,50 habitante por veículo.

Em Palhoça a situação é a mesma: são 171.796 moradores e uma frota de 111.360 veículos. A relação é de 1,54 habitante por veículo. E Biguaçu, com 68.481 moradores tem 44.070 veículos, média de 1,55 habitante/veículo.

Florianópolis já tem 500 mil habitantes

Mais gente

As quatro principais cidades da Região Metropolitana tiveram índices expressivos de crescimento populacional de agosto de 2016 a agosto de 2019 A população de Florianópolis passou de 477.798 pessoas (agosto de 2016) para 500.973 (agosto de 2019), um aumento de 23.175 novos habitantes, ou 7.725 pessoas por ano, 643 por mês e 21 por dia, e média anual de crescimento de 1,61% ao ano.

São José, que pulou de 236.029 moradores (agosto 2016) para 246.586 (agosto 2019), teve um aumento de 10.557 pessoas em três anos, ou 3.519 por ano, 293 por mês e quase 10 por dia. E média de crescimento de 1,48% a.a.

Palhoça tinha 161.395 moradores (agosto de 2016) e a estimativa do IBGE é que, hoje, a população é de 171.796 habitantes (agosto de 2019), com aumento de 10.401 moradores em três anos, ou 3.467 por ano, 543 por mês e 9 por dia. A média de crescimento populacional foi de mais de 2% ao ano. E Biguaçu, que pulou de 65.528 habitantes (agosto de 2016) para 68.481 pessoas (agosto de 2019), um aumento de 2.953 novos moradores, ou 984 por ano, 82 por mês e quase três por dia, com média de crescimento de 1,5% ao ano.

Mais carros

A frota de veículos nas quatro maiores cidades da Região Metropolitana teve percentuais de crescimento bem maiores que os índices de aumento populacional.

Floripa, que ganhou 24.214 veículos em três anos (passou de 335.170 unidades para 359.384), teve um crescimento médio anual da frota de 2,40% ao ano. São José, que agregou 15.117 veículos de agosto de 2016 a agosto de 2019 (de 148.673 para 163.790 veículos), teve um crescimento anual da frota de 3,4%. Biguaçu, que ganhou 4.011 veículos em três anos (de 40.070 para 44.070 veículos), aumentou sua frota, em média, 3,3% ao ano. E Palhoça, que superou São José, ganhou mais 17.176 veículos em três anos (de 99.184 para 116.360 unidades), com expressiva média de 5,7 de crescimento ao ano.

Nesse mesmo período, a infraestrutura das quatro cidades ganhou apenas um elevado (Rio Tavares, em Floripa) e mais duas pistas para sair e chegar à Capital, na via expressa (BR 282).

BOM DIA FLORIPA

ORLA URBANIZADA

Reencontro com o mar

Depois de quase 70 anos, Centro Histórico de São José volta a ter um trapiche no mesmo lugar onde ficava o atracadouro que caiu em 1950.

Rogerio Schneider/Expresso Catarinense/Divulgação/BD

Rogerio Schneider/Expresso Catarinense/Divulgação/BD

O Centro Histórico de São José, distrito sede e onde o município recebeu os primeiros imigrantes açorianos, ganhou de volta o seu trapiche. A estrutura foi inaugurada pela prefeitura no dia 14/9, junto com a urbanização de toda a orla no entorno do prédio da Câmara de Vereadores. O investimento, de R$ 3,5 milhões, foi uma devolução de recursos feita pelo Legislativo ao município.

O novo trapiche é uma volta ao tempo em que São José era uma pequena comunidade e tinha profunda ligação com o mar. Ao longo da história, quando a atual Praça Arnoldo de Souza era apenas um descampado, no trapiche da orla embarcavam pessoas e mercadorias, numa ligação diária entre São José e a Ilha de Santa Catarina (Florianópolis). Nos longos anos de uso, o trapiche foi reconstruído diversas vezes, até que na década de 1950 a estrutura não resistiu mais. Depois de quase 70 anos, restaram apenas vestígios de alguns pilares.

O novo trapiche tem 80 metros de comprimento com 3,6 metros de largura, com uma estrutura fixa e outra flutuante. As pessoas poderão caminhar sob uma linha do tempo repleta de poemas, datas históricas e curiosidades desenhadas no piso pelo artista plástico Plínio Verani. Todo esse ambiente é um incentivo aos moradores para retomar a convivência com o mar.

Nas obras de urbanização, a orla também ganhou calçamento, quadra de futebol de grama sintética e quadra poliesportiva; bicicletário, parede de escalada para crianças, escadaria para contemplação do mar, academia, mobiliário, paisagismo no jardim nos fundos do prédio da Câmara, sistema de iluminação com lâmpadas LED, e nova praça com árvores e palmeiras já adultas. Leva o nome de Jaime Silveira Sandin, enfermeiro, escritor, compositor e artista plástico josefense.

As obras do trapiche e de urbanização da orla do Centro Histórico levaram apenas nove meses (começaram em dezembro de 2018), um mês a mais do prazo de oito meses fixado na ordem de serviço.

O trapiche foi inaugurado pela prefeita Adeliana Dal Pont com festa, que começou cedo e foi até o anoitecer. "Nosso compromisso é trabalhar para que a cidade continue se desenvolvendo e que as pessoas possam ter mais qualidade de vida nesta terra, onde fui reconhecida como filha há pouco tempo, mas que amo e que está dentro do meu coração. Ver a orla lotada e testemunhar a felicidade das pessoas aproveitando mais um espaço público de qualidade gratuito no nosso município, faz a gente ter certeza que todo o trabalho e esforço valem à pena", disse a prefeita.

O presidente da Câmara, Michel Schlemper, destacou que o Legislativo "é parceiro nas demandas prioritárias para o desenvolvimento de São José", e lembrou que foi durante a presidência do vereador Orvino Coelho de Ávila que a Câmara repassou recursos para a obra.

Centro Histórico

O Centro Histórico é o marco zero de São José. Foi ali que desembarcaram os 182 casais vindos do Arquipélago dos Açores em 1750. A Freguesia de São José da Terra Firme foi criada pela Coroa de Portugal seis anos depois, em 26 de outubro de 1756. É um dos primeiros núcleos de colonização portuguesa do estado.

No entorno da praça Hercílio Luz, a mais antiga do município, estão preservados casarões do século 19 e do início do século 20, além da Igreja Matriz, do Senhor dos Passos e do Senhor do Bonfim, e do Theatro Adolpho Mello, o mais antigo de Santa Catarina, que está sendo restaurado pela prefeitura.

Divulgação Secom/PMSJ

Divulgação Secom/PMSJ

COMITÊ DE ÉTICA
PLATAFORMA BRASIL
DOCUMENTAÇÃO

MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa:
"O rio que corre é o mesmo rio que morre": O pensamento ambiental na obra de um artista de Florianópolis - SC

2. Número de Participantes da Pesquisa: 5

3. Área Temática:

4. Área do Conhecimento:
Grande Área 7. Ciências Humanas, Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

5. Nome:
LUCIANO PY DE OLIVEIRA

6. CPF:	7. Endereço (Rua, n.º):		
502.920.720-15	BOAVENTURA ANTONIO PEREIRA VARGEM PEQUENA casa FLORIANOPOLIS SANTA CATARINA 88052495		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 48991121227	10. Outro Telefone:	11. Email: lucianopy@gmail.com

Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.

Data: 15 / 05 / 17

Assinatura

INSTITUIÇÃO PROPONENTE

12. Nome:	13. CNPJ:	14. Unidade/Órgão:
FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC	83.891.283/0001-36	

15. Telefone:	16. Outro Telefone:
(48) 3321-8170	

Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.

Responsável: Julice Dias CPF: 634.586.409-91

Cargo/Função: Diretora geral

Data: 15 / 05 / 2017

Assinatura

Profª. Dra. Julice Dias
Diretora Geral – FAED/UDESC
Matrícula: 856403-08-1

PATROCINADOR PRINCIPAL

Não se aplica.

Projeto de Pesquisa:	"O rio que corre é o mesmo rio que morre": O pensamento ambiental na obra de Valdir Agostinho, um artista da Barra da Lagoa (Florianópolis – SC)

Informações Preliminares

Responsável Principal

CPF/Documento: 502.920.720-15	Nome: LUCIANO PY DE OLIVEIRA
Telefone: 48991121227	E-mail: lucianopy@gmail.com

Instituição Proponente

CNPJ: 83.891.283/0001-36	Nome da Instituição: FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC

É um estudo internacional? Não

■ **Assistentes**

CPF/Documento	Nome
396.513.470-15	Márcia Ramos de Oliveira

■ **Equipe de Pesquisa**

CPF/Documento	Nome
396.513.470-15	Márcia Ramos de Oliveira

Área de Estudo

Grandes Áreas do Conhecimento (CNPq)

- Grande Área 7. Ciências Humanas
- Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes

Título Público da Pesquisa: "O rio que corre é o mesmo rio que morre": O pensamento ambiental na obra de um artista de Florianópolis - SC

Contato Público

CPF/Documento	Nome	Telefone	E-mail
502.920.720-15	LUCIANO PY DE OLIVEIRA	48991121227	lucianopy@gmail.com

Contato LUCIANO PY DE OLIVEIRA

Desenho:

A abordagem metodológica utilizada será aquela desenvolvida pela pesquisa em História Oral. Sendo esta pesquisa centrada em uma pessoa específica, ao abordar a temática da Biografia por meio da perspectiva histórica, a população será bastante reduzida, sendo o sujeito biografado a principal fonte de dados. Outros quatro sujeitos poderão ser entrevistados, que foram selecionados por terem uma relação de proximidade com o sujeito principal, especialmente no que diz respeito ao trabalho artístico do mesmo. Dessa forma, as amostras obtidas serão as entrevistas realizadas com os sujeitos.

Apoio Financeiro

CNPJ	Nome	E-mail	Telefone	Tipo
				Financiamento Próprio

Palavra Chave

Palavra-chave
História Oral
História Ambiental
História do Tempo Presente
Biografia

Detalhamento do Estudo

Resumo:

Este projeto tem como objetivo traçar o perfil biográfico do artista e pandorgueiro Valdir Agostinho, colocando sua trajetória de vida em perspectiva sob a História do Tempo Presente como referência. No perfil observado pretende-se destacar a inserção do biografado como artista plástico, carnavalesco e compositor, cujo trabalho tem como fio condutor um ‘pensamento ambiental’, pois trabalha com a reciclagem para a realização de pandorgas, fantasias de carnaval, adereços e produções visuais em três dimensões. Além da questão ambiental, outras abordagens acrescentam-se, a exemplo da problematização sobre as questões de memória do biografado relacionadas à sua infância na Barra da Lagoa, suas voltas pelo mundo enquanto artista, a exemplo de suas canções, que evidenciam diferentes estratos de tempo. Considerando o seu acervo pessoal de documentos; a temática de suas canções; a multiplicidade de linguagens artísticas por ele utilizadas; a ênfase na memória e no pensamento ambiental, pretende-se evidenciar narrativas sobre a cidade de Florianópolis, em especial a parte insular, onde o território do município é predominante. O recorte temporal situa-se entre a década de 1960 até os dias atuais. A História oral será fundamental para a realização da pesquisa.

Introdução:

Valdir Agostinho, artista nativo da Barra da Lagoa, localidade do município de Florianópolis (SC), é um protagonista da Arte que atua intensamente em diversas frentes, considerando a multiplicidade de linguagens que utiliza para se expressar, seja nas Artes Visuais ou na Música; além disso, é uma figura atuante no meio carnavalesco, criador de fantasias e adereços utilizando a reciclagem. Recolhe objetos descartados no meio ambiente, especialmente nas praias da Ilha de Santa Catarina (na qual fica situada a quase totalidade da área da capital catarinense), transformando-os em matéria prima para suas criações artísticas e fantasias carnavalescas.

Hipótese:

Qual foi o acontecimento que proporcionou sua transformação de um garoto da Barra da Lagoa, filho de pescador, em um artista reconhecido no meio das artes visuais? Em um cantor e compositor? Qual foi o processo de criação e construção de seu personagem, presente tanto nos desfiles de carnaval quanto nos seus shows, performático e colorido por suas fantasias e adereços reciclados? Por que Valdir não seguiu o caminho de seus irmãos, na lida da pesca artesanal, como seu pai, Zé Agostinho? Como se transformou em um indivíduo importante para sua comunidade, em função de seu pensamento central que é a reciclagem e a preservação do meio ambiente? Uma hipótese seria a sua saída de sua comunidade para trabalhar na cidade, quando conheceu Beto Stodieck, para ser “office boy do estúdio A-2” . Em seguida, conheceu Franklin Cascaes, que foi uma das maiores influências na vida de Valdir .Sobre suas canções, quais temáticas Valdir Agostinho aborda? É possível supor que os assuntos abordados são temáticas próprias do tempo presente. Portanto, quais narrativas sobre a História do período suas canções podem demonstrar? Ainda: quais canções se tornaram fonogramas, gravadas tanto por Valdir como por outros intérpretes? É possível supor os seguintes temas: cultura popular, religiosidade, carnaval, política, cotidiano, ecologia e reciclagem.Ao analisar a letra de algumas canções, levanta-se mais uma questão: seria Valdir Agostinho um artista popular de “resistência”, pois em suas composições protesta contra determinadas formas de ocupação do espaço e de interação com o meio ambiente? “Martin Balaieiro” seria uma canção de embate às políticas públicas de investimento do turismo em Florianópolis? Uma hipótese acerca dessa questão seria a relação de Valdir Agostinho com Franklin Cascaes, intelectual que atuou como folclorista, estudou a cultura popular dessa cidade e também apresentara preocupações com o processo de urbanização da cidade nos anos 1970 . Outra canção, “Menina que mexe mexe” , ao afirmar que o ‘turista’ seria mais interessante que o ‘mané’, reforça esta ideia de que as composições do Valdir são de resistência, diferente daquela encontrada nas canções populares compostas na época da ditadura militar, mas uma resistência contra a exploração predatória do turismo e dos espaços na Ilha de Santa Catarina.

Objetivo Primário:

O principal objetivo desta pesquisa será construir uma narrativa de temporalidades e seus espaços, ao traçar o perfil biográfico do artista e pandorgueiro Valdir Agostinho, colocando sua trajetória de vida em perspectiva, partindo da Barra da Lagoa, em Florianópolis, Santa Catarina . Consequentemente, pretende-se também evidenciar os diferentes estratos do tempo presentes nas narrativas de Valdir Agostinho.

Objetivo Secundário:

Considerando suas canções como documentos históricos, torna-se relevante utilizá-las para evidenciar essas narrativas sobre a história do seu tempo, que evocam o passado por meio das memórias e da experiência do tempo vivido. Destas, apontar as composições que se tornaram fonogramas, seja em material divulgado (como o CD e o DVD com o clipe “Reggae da Tainha”) ou registros fonográficos arquivados (de shows, ensaios e pré-produções para um possível novo CD), incluindo registros de composições suas gravadas por outros intérpretes. O primeiro encontro pesquisador/pesquisado aconteceu em abril de 2014. Uma outra visita foi

feita em julho do mesmo ano. Nestas ocasiões, por meio deste levantamento inicial, foi possível identificar um corpus documental bastante rico. Desta forma, outro objetivo desta pesquisa será analisar o acervo documental pessoal de Valdir Agostinho, desde fontes escritas e impressas, audiovisuais e obras de arte (bi e tridimensionais) dele e de outros artistas.

Metodologia Proposta:

Para guiar a abordagem metodológica deste trabalho, as ideias de Reinhardt Koselleck acerca dos estratos do tempo e da antropologia de experiências históricas do tempo serão relevantes, pois, ao se analisar as diferentes narrativas de Valdir Agostinho, será possível perceber diferentes temporalidades contidas nelas. A ideia de “estratos do tempo” tem sua origem nos modelos geológicos pois, ao se estudar as camadas da Terra, podemos observar diferentes tempos: a formação de montanhas por meio de processos que ocorrem no presente, como o vulcanismo e movimento das placas tectônicas e, abaixo destas, as diferentes camadas da crosta terrestre que estão relacionadas a processos que ocorreram no passado.Outro autor que poderá contribuir com esta pesquisa é Raymond Williams, em especial com a noção de “estruturas de sentimento” . No capítulo que trata das estructuras del sentir, aborda as dicotomias entre as esferas social e pessoal, sendo o social aquilo que é estático, objetivo e fixo, e o pessoal, aquilo que é subjetivo, variável e ativo. Em outra obra de Raymond Williams encontra-se um ensaio interessante para este trabalho, intitulado “Ideias sobre natureza”. Neste texto, Williams discorre sobre o termo “natureza”, o qual pode “tornar-nos a todos uma grande família”, mas que também trata do “mundo humano e seus relacionamentos” . Podemos definir a natureza como o conjunto de todos os seres vivos que habitam o planeta, mas a questão é como o ser humano se encontra nesse conjunto: como parte integrante ou destacada desse conjunto? Desde a Antiguidade Clássica, passando pela Idade Média e chegando ao Evolucionismo Darwinista, esse conjunto de seres vivos e seus ambientes foi considerado como uma entidade, divina ou personificada, seja como uma deusa ou como uma “ministra de Deus”.Sobre História oral, além de Verena Alberti, citada na fundamentação teoria deste projeto , apresento também como aportes teórico-metodológicos as ideias de Marieta de Moraes Ferreira e de Alessandro Portelli. A História oral pode ser entendida sobre três aspectos: enquanto uma técnica, uma disciplina ou metodologia de trabalho . O primeiro aspecto destaca o trabalho com gravações de campo e seus equipamentos e as entrevistas, cujas transcrições se constituem também em um conjunto de técnicas específicas. O segundo evidencia o caráter inovador da História oral, inaugurando técnicas e metodologias únicas com um conjunto conceitual que a colocaria num plano disciplinar próprio. Este aspecto, no entanto, apresenta controvérsias teóricas mesmo entre os seus defensores. O terceiro aspecto defende a História oral enquanto uma metodologia de trabalho, ordenando procedimentos, como os diversos tipos de entrevista e suas implicações, diferentes possibilidades de transcrição dos depoimentos e as diferentes maneiras de se relacionar com entrevistados, “funcionando como ponte entre teoria e prática” .Uma abordagem historiográfica se fará necessário para a pesquisa documental, ao se levantar e analisar fontes escritas, desde jornais, fonogramas, vídeos, letras, partituras e outros documentos impressos encontrados no acervo de Valdir Agostinho e em outros acervos públicos e privados . Também serão feitas entrevistas e registos nos mais diferentes meios (áudio, vídeo e fotografia) que produzirão documentos para serem posteriormente analisados. Por meio da História oral, a memória dos entrevistados ajuda o historiador a recuperar e recriar seu objeto de estudo. Desse modo, a memória torna-se um elemento importante para direcionar reflexões para a História. Ao considerar a História oral como metodologia, a presente pesquisa terá também um caráter interdisciplinar, ao fazer uso de “ferramentas teóricas de diferentes disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, a História, a Literatura e a Psicologia, por exemplo”, e eu incluiria, ainda, da Música e da Etnomusicologia.

Riscos:

Os riscos para os sujeitos pesquisados são mínimos. Poderá haver algum tipo de reação emocional dos entrevistados ao lembrarem de eventos passados. Para minimizar algum tipo de constrangimento o pesquisador terá o cuidado de redigir perguntas abertas, que façam os entrevistados desenvolverem suas narrativas de forma livre, evitando qualquer tipo de direcionamento das respostas obtidas. O pesquisador perceberá as reações dos entrevistados com relação as perguntas a eles dirigidas, dando tempo suficiente para que os mesmos possam refletir. Perguntas que eventualmente causem algum tipo de comoção ou constrangimento serão descartadas. Caso a entrevista cause incômodo ao entrevistado, poderá ser interrompida a qualquer momento. As entrevistas serão gravadas e serão transcritas e serão apresentadas ao entrevistado para autorização do seu uso, sendo que o entrevistado poderá retirar da transcrição os trechos que eventualmente considerar inconvenientes ou não publicáveis. As respostas serão devidamente arquivadas para que se preserve o sigilo e a confidencialidade das entrevistas.

Benefícios:

Os benefícios são indiretos aos envolvidos. Após a conclusão da pesquisa, a tese ficará à disposição do público, em meio físico e digital. Existe a perspectiva da edição da tese em formato de livro, possibilitando a divulgação da obra do artista bem como a continuidade de seu pensamento na disseminação de suas ideias por meio de um livro, aberto ao público em geral.

Metodologia de Análise de Dados:

A metodologia utilizada está centrada na pesquisa com História Oral. Após a aprovação do projeto no Comitê de Ética os entrevistados serão contactados para serem informados da pesquisa e da possibilidade de suas participações nas mesmas. Obtendo a autorização dos mesmos para serem entrevistados, será construído um roteiro de perguntas semiestruturadas, que permitirão aos entrevistados uma certa abertura e flexibilidade ao respondê-las. As entrevistas serão registradas em áudio por meio de gravadores digitais, tendo sempre no mínimo dois gravadores funcionando, para minimizar possíveis problemas técnicos, como perda de energia, troca de baterias, quedas acidentais entre outros. Após a transcrição das entrevistas para texto escrito, as mesmas retornarão aos entrevistados para serem por eles aprovadas e, tendo a aprovação, serão analisadas de acordo com a metodologia proposta no projeto, buscando revelar diferentes estratos de tempo bem como possibilidades de novos horizontes de expectativa.

Desfecho Primário:

Produzir uma narrativa histórica sobre o tempo presente, delimitada espacialmente pela região da Ilha de Santa Catarina, de acordo com o perfil biográfico do artista.

Desfecho Secundário:

Análise do acervo documental pessoal de Valdir Agostinho;

Apontar as composições que se tornaram fonogramas, incluindo registros de composições suas gravadas por outros intérpretes.

Tamanho da Amostra no Brasil: 5

Países de Recrutamento

País de Origem do Estudo	País	Nº de participantes da pesquisa
Sim	BRASIL	5

Outras Informações

Haverá uso de fontes secundárias de dados (prontuários, dados demográficos, etc)?

Não

Informe o número de indivíduos abordados pessoalmente, recrutados, ou que sofrerão algum tipo de intervenção neste centro de pesquisa:

5

Grupos em que serão divididos os participantes da pesquisa neste centro

ID Grupo	Nº de Indivíduos	Intervenções a serem realizadas
Entrevistados	5	10

O Estudo é Multicêntrico no Brasil?

Não

Propõe dispensa do TCLE?

Não

Haverá retenção de amostras para armazenamento em banco?

Não

Cronograma de Execução

Identificação da Etapa	Início (DD/MM/AAAA)	Término (DD/MM/AAAA)
Retorno das transcrições para os sujeitos	01/10/2017	30/04/2018
Ajustes das transcrições após retorno dos sujeitos	01/05/2018	31/05/2018
Entrevistas	01/08/2017	28/02/2018
Análise das entrevistas	15/09/2017	30/04/2018
Redação do texto final	01/06/2018	31/05/2019
Transcrições das entrevistas	01/09/2017	30/03/2018

Orçamento Financeiro

Identificação de Orçamento	Tipo	Valor em Reais (R$)
Financiamento próprio	Outros	R$ 0,00
Total em R$		R$ 0,00

Bibliografia:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. 4. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009. AGOSTINHO, Valdir. A hora do Mané. Florianópolis, 2005. 1 CD. ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: Fontes Históricas. PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas, 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 155-202. ALBERTI, Verena. Indivíduo e biografia na História oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2008. BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas, 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 203-233. BORTOLIN, Nancy Therezinha. Indicador Catarinense das Artes Plásticas. Florianópolis: Museu de Arte de Santa Catarina, 2010. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (orgs.). Usos e abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006, p. 183-191. BRESCIANO, Juan Andrés. La historiografía en el amanecer de la cultura digital: innovaciones metodológicas, discursivas e institucionales. Montevidéu: Cruz del Sur, 2010. BURKE, Peter. A fabricação do rei: a construçã da imagem pública de Luiz XIV. Tradução: Maria Luiza X de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. CHIMÈNES, Myriam. Musicologia e História. fronteira ou “terra de ninguém” entre duas disciplinas? Revista de História, n. 157, 2007, p. 15-29. CONCEIÇÃO, Maykon Luiz. A pesca e a festa da tainha na formação da açorianidade. Revista Santa Catarina em História, v. 5, n.1, 2011, p. 69-75. FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, n. 3, p.111-124, maio/jun., 2000, p. FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 169-186. GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. GOMBRICH, E. H. La historia del arte. México, D.F: Editorial Diana, 1999. KOSELLECK, Reinhadrt. Estratos do tempo: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto – Editora PUC, 2014. LORIGA, Sabina. O pequeno x: da biografia à História. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Fontes Históricas, 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 111-153. NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas, 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 235-289. OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. História e internet: conexões possíveis. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n.12, p. 23-53, mai./ago. 2014. PEREIRA, Nereu do Vale. Santa Catarina a Ilha – 500 anos: origem de sua denominação e outros feitos. 2. ed. Florianópolis: Papa Livro, 2013. ROSA, Edson. Documentário resgata tradicional pescaria de espinhel com pandorga na praia do Campeche, na Ilha. Notícias do

Dia Online, Florianópolis, 20 mai. 2014. Disponível em: /ndonline.com.br/florianopolis/noticias/167905-documentario-resgata-tradicional-pescaria-de-espinhel-com-pandorga-na-praia-do-campeche-na-ilha.html>. Acesso em: 21 jul. 2016. SANTOS, Boaventura de Souza et al. Para ampliar o cânone da ciência. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais, 2005, p. 21-121. SANTOS, Cláudia Regina; MEDEIROS, João de Deus. A interface das políticas públicas com o processo de ocupação humana na área de preservação permanente. In: TEIXEIRA, José P. Estudos interdisciplinares em ciências humanas. Florianópolis: Cidade Futura, 2003, p. 15-96. SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. Estudos históricos, n. 19, 1997, p. 3-21. SCHMIDT, Benito Bisso. Entrevista com Sabina Loriga: a história biográfica. Métis, história & cultura, v. 2, n. 3, p. 11-22, jan./jun. 2003. SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. TATIT, Luiz. O cancionista: composição de canções no Brasil. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2002. TONI, Flávia Camargo. A musicologia e a exploração dos arquivos pessoais. Revista de História, n. 157, 2007, p.107. VERSIANI, Daniela G. C. Beccaccia. Autoetnografias: conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005. WILLIAMS, Raymond. Marxismo y literatura. 2. ed. Tradução para o espanhol: Pablo di Masso. Barcelona: Ediciones Península, 2000. WILLIAMS, Raymond, Cultura e materialismo. Tradução de André Glasser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Upload de Documentos

Arquivo Anexos:

Tipo	Arquivo
Folha de Rosto	folhaDeRosto_LucianoPy.pdf
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido_MODELO_O_rio_que_corre.docx
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Luciano_Plataforma_Brasil.docx

Finalizar

Manter sigilo da integra do projeto de pesquisa: Sim

Prazo: Até a publicação dos resultados

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "O rio que corre é o mesmo rio que morre": O pensamento ambiental na obra de um artista de Florianópolis - SC

Pesquisador: LUCIANO PY DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68704417.0.0000.0118

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.124.940

Apresentação do Projeto:

Esta é a 2a versão do projeto. Título:"O RIO QUE CORRE É O MESMO RIO QUE MORRE": O PENSAMENTO AMBIENTAL NA OBRA DE VALDIR AGOSTINHO, UM ARTISTA DA BARRA DA LAGOA (FLORIANÓPOLIS – SC)

Pesquisador: Luciano Py de Oliveira Orientadora: Professora Drª. Márcia Ramos de Oliveira. Local/Formação: FAED/PPGHistória - Projeto de Pesquisa de Doutorado.

Este projeto tem como objetivo traçar o perfil biográfico do artista e pandorgueiro Valdir Agostinho, colocando sua trajetória de vida em perspectiva sob a História do Tempo Presente como referência. No perfil observado pretende-se destacar a inserção do biografado como artista plástico, carnavalesco e compositor, cujo trabalho tem como fio condutor um 'pensamento ambiental', pois trabalha com a reciclagem para a realização de pandorgas, fantasias de carnaval, adereços e produções visuais em três dimensões. Além da questão ambiental, outras abordagens acrescentam-se, a exemplo da problematização sobre as questões de memória do biografado relacionadas à sua infância na Barra da Lagoa, suas voltas pelo mundo enquanto artista, a exemplo de suas canções, que evidenciam diferentes estratos de tempo. Considerando o seu acervo pessoal de documentos; a temática de suas canções; a multiplicidade de linguagens artísticas por ele utilizadas; a ênfase na memória e

no pensamento ambiental, pretende-se evidenciar narrativas sobre a cidade de Florianópolis, em especial a parte insular, onde o território do município é predominante. O recorte temporal situa-se entre a década de 1960 até os dias atuais. A História oral será fundamental para a realização da pesquisa. Valdir Agostinho, artista nativo da Barra da Lagoa, localidade do município de Florianópolis (SC), é um protagonista da Arte que atua intensamente em diversas frentes, considerando a multiplicidade de linguagens que utiliza para se expressar, seja nas Artes Visuais ou na Música; além disso, é uma figura atuante no meio carnavalesco, criador de fantasias e adereços utilizando a reciclagem. Recolhe objetos descartados no meio ambiente,especialmente nas praias da Ilha de Santa Catarina (na qual fica situada a quase totalidade da área da capital catarinense), transformando-os em matéria prima para suas criações artísticas e fantasias carnavalescas.
A pesquisa inicia em 01/10/2017 e encerra em 30/03/2018 com financiamento próprio.

Objetivo da Pesquisa:
Objetivo Geral:
O principal objetivo desta pesquisa será construir uma narrativa de temporalidades e seus espaços, ao traçar o perfil biográfico do artista e pandorgueiro Valdir Agostinho, colocando sua trajetória de vida em perspectiva, partindo da Barra da Lagoa, em Florianópolis, Santa Catarina . Consequentemente, pretendese também evidenciar os diferentes estratos do tempo presentes nas narrativas de Valdir Agostinho.

Objetivo Secundário:
-Analisar o acervo documental pessoal de Valdir Agostinho, desde fontes escritas e impressas, audiovisuais e obras de arte (bi e tridimensionais) dele e de outros artistas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Informam no projeto básico e TCLE os riscos aos participantes:

"Os riscos para os sujeitos pesquisados são mínimos. Poderá haver algum tipo de reação emocional dos entrevistados ao lembrarem de eventos passados. Para minimizar algum tipo de constrangimento o pesquisador terá o cuidado de redigir perguntas abertas, que façam os

entrevistados desenvolverem suas narrativas de forma livre, evitando qualquer tipo de direcionamento das respostas obtidas. O pesquisador perceberá as reações dos entrevistados com relação as perguntas a eles dirigidas, dando tempo suficiente
para que os mesmos possam refletir. Perguntas que eventualmente causem algum tipo de comoção ou constrangimento serão descartadas. Caso a entrevista cause incômodo ao entrevistado, poderá ser interrompida a qualquer momento. As entrevistas serão gravadas e serão transcritas e serão apresentadas ao entrevistado para autorização do seu uso , sendo que o entrevistado poderá retirar da transcrição os trechos que eventualmente considerar inconvenientes ou não publicáveis. As respostas serão devidamente arquivadas para que se preserve o sigilo e a confidencialidade das entrevistas."

Sobre os Benefícios:
"Os benefícios são indiretos aos envolvidos. Após a conclusão da pesquisa, a tese ficará à disposição do público, em meio físico e digital. Existe a perspectiva da edição da tese em formato de livro, possibilitando a divulgação da obra do artista bem como a continuidade de seu pensamento na disseminação de suas ideias por meio de um livro, aberto ao público em geral.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Muito interessante esta forma de pesquisa o autor destaca: "A metodologia utilizada está centrada na pesquisa com História Oral. Após a aprovação do projeto no Comitê de Ética os entrevistados serão contactados para serem informados da pesquisa e da possibilidade de suas participações nas mesmas. Obtendo a autorização dos mesmos para serem entrevistados, será construído um roteiro de perguntas semiestruturadas, que permitirão aos entrevistados uma certa abertura e flexibilidade ao respondê-las. As entrevistas serão registradas em áudio por meio de gravadores digitais, tendo sempre no mínimo dois gravadores funcionando, para minimizar possíveis problemas técnicos, como perda de energia, troca de baterias, quedas acidentais entre outros. Após a transcrição das entrevistas para texto escrito, as mesmas retornarão aos entrevistados para serem por eles aprovadas e, tendo a aprovação, serão analisadas de acordo com a metodologia proposta no projeto, buscando revelar diferentes estratos de tempo bem como possibilidades de novos horizontes de expectativa."

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Apresentou os seguintes documentos:
- TCLE: no padrão CEPSH/UDEC, no entanto os dados da pesquisadora responsável estão em

branco;
- Projeto Básico.
- Folha de rosto.
- Projeto detalhado.
- Orçamento: com financiamento próprio.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Pendência solicitada no parecer anterior atendida:

- Foi Incluído no TCLE, os dados da pesquisadora responsável: NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO, NÚMERO DO TELEFONE e ENDEREÇO.

Sendo assim o projeto está apto para Aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:
O Colegiado APROVA o Projeto de Pesquisa e informa que, qualquer alteração necessária ao planejamento e desenvolvimento do Protocolo Aprovado ou cronograma final, seja comunicada ao CEPSH via Plataforma Brasil na forma de EMENDA, para análise sendo que para a execução deverá ser aguardada aprovação final do CEPSH. A ocorrência de situações adversas durante a execução da pesquisa deverá ser comunicada imediatamente ao CEPSH via Plataforma Brasil, na forma de NOTIFICAÇÃO. Em não havendo alterações ao Protocolo Aprovado e/ou situações adversas durante a execução, deverá ser encaminhado RELATÓRIO FINAL ao CEPSH via Plataforma Brasil até 60 dias da data final definida no cronograma, para análise e aprovação.
Lembramos ainda, que o participante da pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, bem como o pesquisador responsável, deverão rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_884724.pdf	14/06/2017 10:49:23		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido_MODELO_O_rio_que_corre.docx	14/06/2017 10:47:47	LUCIANO PY DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Luciano_Plataforma_Brasil.docx	20/05/2017 15:33:21	LUCIANO PY DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_LucianoPy.pdf	16/05/2017 09:21:33	LUCIANO PY DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

FLORIANOPOLIS, 19 de Junho de 2017

Assinado por:
Carla Ivane Ganz Vogel
(Coordenador)

Endereço: Av.Madre Benvenutta, 2007
Bairro: Itacorubi **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** cepsh.udesc@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de doutorado intitulada "O rio que corre é o mesmo rio que morre": O pensamento ambiental na obra de um artista de Florianópolis - SC, que fará entrevistas tendo como objetivo construir uma narrativa de temporalidades e seus espaços, ao traçar o perfil biográfico do artista, colocando sua trajetória de vida em perspectiva, partindo da Barra da Lagoa, em Florianópolis, Santa Catarina . Consequentemente, pretende-se também evidenciar os diferentes estratos do tempo presentes nas suas narrativas. Serão previamente marcados a data e horário para as perguntas, utilizando entrevistas e equipamento de gravação de áudio e, se necessário, de vídeo. Estas medidas serão realizadas na Universidade do Estado de Santa Catarina/Centro de Ciência Humanas e da Educação ou em outros locais a serem combinados previamente. Não é obrigatório responder a todas as perguntas.

O(a) Senhor(a) e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de dano, durante a pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos por envolver por envolver o acesso a lembranças de fatos acontecidos no passado, o que implica em envolvimento e desdobramentos emocionais relacionados às memórias evocadas.

Como se trata de uma pesquisa que envolve sujeitos públicos, como artistas, músicos e produtores culturais, sua identidade será revelada no desenvolvimento do texto da tese. Caso não seja de sua vontade, o Senhor tem toda a liberdade de não aceitar a participação nessa pesquisa. Caso a entrevista cause incômodo ao entrevistado, poderá ser interrompida a qualquer momento.

As entrevistas serão gravadas e transcritas, as quais serão apresentadas ao entrevistado para autorização de uso, sendo que o mesmo poderá retirar da transcrição os trechos que eventualmente considerar inconvenientes ou não publicáveis.

Como o projeto de pesquisa trata da trajetória do entrevistado, caso as entrevistas se efetivem será imprescindível que sua identidade seja revelada. Portanto, se a condição de não anonimato e ausência de sigilo não for aceita, a equipe de pesquisadores acatará a decisão e a entrevista não será realizada, sem qualquer tipo de constrangimento para as partes envolvidas.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão indiretos aos envolvidos. Após a conclusão da pesquisa, a tese ficará à disposição do público e existe a perspectiva da edição da mesma em formato de livro, possibilitando a divulgação da obra do artista bem como a continuidade de seu pensamento na disseminação de suas ideias por meio de um livro aberto ao público em geral.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão o próprio pesquisador doutorando em História e, eventualmente, assistentes e/ou técnicos de gravação ou filmagem.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não divulgação de informações não autorizadas pelo Senhor, porém sua identidade será revelada no texto da tese.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: LUCIANO PY DE OLIVEIRA

NÚMERO DO TELEFONE: (48) 99112-1227

ENDEREÇO: BOAVENTURA ANTÔNIO PEREIRA, 125, VARGEM PEQUENA, FLORIANÓPOLIS/SC – CEP: 88052-495

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

GABINETE DO REITOR

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPSH/UDESC
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901
Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521
Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Declaro ainda que permito a utilização dos dados referentes a mim e que serão obtidos por meio de entrevistas, ficando liberada a divulgação de minha identidade. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso _____

Assinatura _____ Local: _____ Data: ____/____/____ .

UDESC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

cepsh Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: LUCIANO PY DE OLIVEIRA

NÚMERO DO TELEFONE: (48) 99112-1227

ENDEREÇO: BOAVENTURA ANTÔNIO PEREIRA, 125, VARGEM PEQUENA, FLORIANÓPOLIS/SC – CEP: 88052-495

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPSH/UDESC
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901
Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521
Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Declaro ainda que permito a utilização dos dados referentes a mim e que serão obtidos por meio de entrevistas, ficando liberada a divulgação de minha identidade. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso VALDIR JOSÉ AGOSTINHO

Assinatura Valdir Agostinho Local: FLORIANÓPOLIS Data: 01/09/2017

UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

cepsh Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPSH/UDESC
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901
Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521
Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Declaro ainda que permito a utilização dos dados referentes a mim e que serão obtidos por meio de entrevistas, ficando liberada a divulgação de minha identidade. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso SANDRO ADRIANO DA COSTA

Assinatura _____ Local: _____ Data: ___/___/___.

UDESC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

cepsh Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPSH/UDESC
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901
Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521
Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Declaro ainda que permito a utilização dos dados referentes a mim e que serão obtidos por meio de entrevistas, ficando liberada a divulgação de minha identidade. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso ALEXANDRE LINHARES DA SILVA

Assinatura Alexandre Linhares da Silva Local: Florianópolis Data: 13 / 04 / 18

UDESC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

cepsh Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPSH/UDESC
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901
Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521
Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Declaro ainda que permito a utilização dos dados referentes a mim e que serão obtidos por meio de entrevistas, ficando liberada a divulgação de minha identidade. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso ERNANI GOMES LOBO

Assinatura _____ Local: FLORIANÓPOLIS Data: 07/05/2018

UDESC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

cepsh Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPSH/UDESC
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901
Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521
Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Declaro ainda que permito a utilização dos dados referentes a mim e que serão obtidos por meio de entrevistas, ficando liberada a divulgação de minha identidade. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso MAURO SOUZA DA COSTA

Assinatura _____ Local: Florianópolis Data: 09/05/18

FOTOGRAFIAS

RAINHA DAS ONDAS